UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis

ALEXANDRE PITO GIANNONI

ENTRE A PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL E SÓCIO-HISTÓRICA:

uma recomposição da história partindo da atividade criadora no Brasil

ASSIS
2026

ALEXANDRE PITO GIANNONI

ENTRE A PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL E SÓCIO-HISTÓRICA:

uma recomposição da história partindo da atividade criadora no Brasil

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Doutor em Psicologia.

(Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade).

Orientador: Dr. Davis Perez Bispo dos Santos.

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)
Código de Financiamento 001

ASSIS
2026

G434e

Giannoni, Alexandre Pito

Entre a psicologia histórico-cultural e sócio-histórica : uma recomposição da história partindo da atividade criadora no Brasil / Alexandre Pito Giannoni. -- Assis, 2026

357 f.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis

1. Psicologia Soviética. 2. Marxismo. 3. Psicologia Histórico-Cultural. 4. Psicologia Sócio-Histórica. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Dados fornecidos pelo autor(a).

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Assis

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE ALEXANDRE PITO GIANNONI, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ASSIS.

Aos 08 de junho de 2026, às 13h30min, no(a) sala virtual: meet.google.com/sra-tiwi-fwe, realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de ALEXANDRE PITO GIANNONI, intitulada "ENTRE A PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL E SÓCIO-HISTÓRICA: uma recomposição da história partindo da atividade criadora no Brasil". A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof. Dr. DAVIS PEREZ BISPO DOS SANTOS (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) UNESP / Câmpus de Assis - FCLAs, Profa. Dra. INARA BARBOSA LEÃO (Participação Virtual) do(a) Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Profa. Dra. SUELI TEREZINHA FERRERO MARTIN (Participação Virtual) do(a) UNESP / FM - Botucatu, Profa. Dra. CÉLIA REGINA DA SILVA (Participação Virtual) do(a) UNESP / FC - Bauru , Prof. Dr. RICARDO PEREIRA DE MELO (Participação Virtual) do(a) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Após a exposição pelo doutorando e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, o discente recebeu o conceito final: APROVADO . Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Prof. Dr. DAVIS PEREZ BISPO DOS SANTOS

Dedico esta tese à minha filha, Luísa,
que me fez finalmente compreender essa tal *perejivanie*.
A vida é acompanhada de fatos concretos e emoções intensas.
Luísa chegou no meio desse processo e me modificou por completo!

AGRADECIMENTO

Gostaria de iniciar os agradecimentos pela minha companheira, Luana, por sempre ter me apoiado nestas investigações, pelos momentos maravilhosos que passamos dentro e fora da vida acadêmica e, principalmente, por dividir comigo uma das coisas mais especiais que já nos aconteceu. É impossível não agradecer novamente a Luísa, minha filha. Parte deste trabalho foi escrita após seu nascimento, tornando-o muito melhor por toda a ressignificação que ela trouxe para nossas vidas.

À minha mãe, Janine, por todo o apoio e carinho desde o começo de minha graduação, em 2011.

Ao meu pai, Alexandre, pelas conversas e trocas de ideias nestes anos de doutorado.

À minha avó Ivanise e à minha tia Juliana, que acompanharam o princípio deste trabalho.

Aos amigos que ficaram em Jaboticabal, em especial, Douglas, Ricardo e Amanda, que acompanharam os dramas iniciais desta tese.

Aos amigos que fiz em Assis, em especial, Carlos e Luiza. Também à Natália, pelo tempo dedicado à correção desta tese.

Aos amigos de Campo Grande, em especial, Marçal e Raquel, que acompanharam os dramas finais deste trabalho.

Aos amigos do espaço do Zé: Zezinho e Rosana, Breno, Paulinho, José Antonio, Chico, Júlio, Servidone, entre outros que não caberiam neste agradecimento.

À Inara, pelos momentos de acolhimento e carinho que persistem desde meu mestrado e por ter aceitado participar da avaliação deste trabalho.

À comissão de memória e história da regional São Paulo da ABRAPSO: Sueli, Silvana e Fernando (em memória). Foram parte significativa na produção deste trabalho.

À professora Sueli Terezinha, por todas as trocas ao longo destes anos e por ter aceitado fazer parte da avaliação deste trabalho.

À professora Célia, com quem resgatei o contato, e por ter aceitado fazer parte da avaliação deste trabalho.

Ao professor Ricardo, por ter aceitado prontamente o convite para a avaliação deste trabalho.

professora Marina, por ter aceitado prontamente o convite para a avaliação deste trabalho.

De modo geral, agradeço a todas as pessoas que fizeram parte, direta ou indiretamente, da realização deste trabalho. Ao longo dos últimos quatro anos, ouvi dizer que o doutorado é um momento de muita solidão. Houve momentos de escrita solitária, processo normal para se objetivar a atividade criadora. Porém, ao mesmo tempo, nunca estive tão acompanhado como nestes últimos anos de trocas para a realização deste trabalho. A produção acadêmica deve extrapolar o discurso da solidão, buscando nas relações sociais a verdadeira condição para suas próprias objetivações. Sem elas, não existe trabalho humanizado e que faça sentido.

A CAPES pela bolsa.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

“O sentido da vida humana é ser uma fonte de luz e calor para outras pessoas. Ser a consciência do universo e a consciência moral da humanidade. Ser o centro da transformação das forças elementares em forças conscientes. Ser um transformador de vida, arrancar dela toda espécie de impureza e aperfeiçoá-la continuamente”.

S. L. Rubinstein

RESUMO

A psicologia soviética, que se desenvolveu no Brasil sob as denominações de histórico-cultural e sócio-histórica, iniciou sua produção teórica após o processo revolucionário que se instaurou na Rússia após a Revolução de Outubro de 1917. No contexto brasileiro, sua popularização se deu a partir da década de 1980, vinculada a trabalhos da psicologia social e educação. Essa tese tem como objetivo reconstituir a trajetória da psicologia soviética em sua articulação com o marxismo, evidenciando os principais marcos teóricos de seu desenvolvimento. Ao mesmo tempo, busco analisar a introdução dessa perspectiva teórica no Brasil, desde a década de 1920. No intuito de apresentar um debate histórico, destaco as contribuições de S. L. Rubinstein e L. S. Vigotski na produção teórica de uma psicologia de base marxista. A história da psicologia soviética é apresentada desde a década de 1920 até a dissolução da União Soviética, em 1991. Nesta apresentação, sublinho diferentes teóricos que tiveram participação ativa na edificação de uma ciência de base marxista. O principal enfoque no trabalho é dado a Rubinstein, teórico que desenvolveu uma epistemologia própria na estruturação de sua teoria psicológica. Tratando-se do ingresso da teoria no Brasil, apresento documentos entre os anos de 1920 e 1980, partindo de uma revisão bibliográfica e documental feita em periódicos e jornais disponíveis no meio digital. Assim, a tese constitui-se como um trabalho bibliográfico, destacando principalmente o marxismo como visão de mundo que sustentou essa perspectiva, tanto na União Soviética quanto no Brasil. Apresento os debates envolvendo a psicologia social e a educação como responsáveis pela popularização da teoria no país. Como consideração final desta tese, destaco a importância da realização de trabalhos coletivos no campo da história da psicologia, no intuito de resgatar parte dessa memória que encontra-se perdida em bibliotecas e universidades.

Palavras-Chave: Psicologia Soviética, Marxismo, Psicologia Histórico-Cultural, Psicologia Sócio-Histórica.

ABSTRACT

Soviet psychology, which developed in Brazil under the denominations of cultural-historical and socio-historical psychology, began its theoretical production after the revolutionary process established in Russia following the October Revolution of 1917. In the Brazilian context, its popularization occurred from the 1980s onward, linked to works in social psychology and education. This dissertation aims to reconstruct the trajectory of Soviet psychology in its articulation with Marxism, highlighting the main theoretical milestones of its development. At the same time, I seek to analyze the introduction of this theoretical perspective in Brazil since the 1920s. In order to present a historical debate, I emphasize the contributions of S. L. Rubinstein and L. S. Vygotsky to the theoretical production of a Marxist-based psychology. The history of Soviet psychology is presented from the 1920s until the dissolution of the Soviet Union in 1991. In this presentation, I highlight different theorists who actively participated in the construction of a Marxist-based science. The main focus of this dissertation is on Rubinstein, a theorist who developed his own epistemology in structuring his psychological theory. Regarding the introduction of the theory in Brazil, I present documents from 1920 to 1980, based on a bibliographic and documentary review conducted in journals and newspapers available in digital media. Thus, this dissertation constitutes a bibliographic work, emphasizing mainly Marxism as the worldview that supported this perspective, both in the Soviet Union and in Brazil. I present the debates involving social psychology and education as responsible for the popularization of the theory in the country. As a final consideration of this dissertation, I emphasize the importance of carrying out collective works in the field of the history of psychology in order to recover part of this memory, which is lost in libraries and universities.

Keywords: Soviet Psychology, Marxism, Cultural-Historical Psychology, Socio-Historical Psychology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **13**

1. MARXISMO E PSICOLOGIA: DEMARCANDO A TEORIA SOVIÉTICA 33

1.1 Marxismo e Psicologia na História da Psicologia Soviética: Uma síntese sobre o fim da década de 1920 56

1.2. A década de 1930: Entre o princípio da censura e dos Fundamentos de Psicologia 63

1.3. A década de 1940: Os fundamentos de psicologia geral e a organização dos cursos de formação psicológica na União Soviética. 83

1.4. A década de 1950: A contradição entre o reflexo e a reflexão 96

2. A PSICOLOGIA SOVIÉTICA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX: MARXISMO, PSICOLOGIA SOCIAL E COLETIVA 113

2.1 A década de 1960: A morte de Rubinstein e a continuidade da psicologia soviética 114

2.2 A década de 1970: Marxismo, psicologia social e atividade 136

2.3. A década de 1980 e 1990: O fim da psicologia soviética 164

3. INTRODUÇÃO DA TEORIA SOVIÉTICA DA PSICOLOGIA NO BRASIL: PEQUENOS ACHADOS PERDIDOS NA HISTÓRIA DA CIÊNCIA BRASILEIRA 183

3.1 A Psicologia Soviética no Brasil na Primeira Metade do Século XX: A década de 1920 184

3.2 A Presença de Vigotski na ciência Brasileira: Algumas referências soviéticas na década de 1930 186

3.3. Basov e Leontiev na ciência Brasileira da década de 1940: Pequenos achados históricos 199

3.4. A visita dos soviéticos no Brasil: 1950 e a pesquisa sobre a educação na América Latina 201

3.5 – A Década de 1960: As contradições presentes nas censuras e imposições da ditadura militar no Brasil. 220

3.6. Os Anos de 1970: Dos artigos de jornais para as produções científicas.....240

4. O INÍCIO, O FIM E O MEIO: A POPULARIZAÇÃO DA TEORIA SOVIÉTICA DA PSICOLOGIA NO BRASIL. 265

CONSIDERAÇÕES FINAIS 307

REFERÊNCIAS.....340

INTRODUÇÃO

Abordar a história da psicologia soviética, em sua relação com o Brasil, demonstra-se um trabalho penoso, mas necessário para se pensar o futuro dessa ciência no país. O início dessa teoria, marcado por controvérsias e traduções equivocadas, guarda uma série de enigmas que merecem trabalhos profundos e intensos. É necessária, dessa forma, uma investigação extenuante, especialmente pelo impacto direto que exerce no imaginário científico.

Assim, poderia iniciar esse trabalho explanando sobre certo dia em que três jovens se encontraram na extinta União Soviética enquanto participavam de um congresso. A identificação momentânea permitiu que se unissem rapidamente, criando uma nova teoria na psicologia. A *troika*, tal como se identificavam, produziu diversos trabalhos, desenvolvendo problemas estagnados nessa ciência. Uma anedota, transmitida de geração em geração, desde a década de 1980. A história de Vigotski, Leontiev e Luria é maior do que a lenda criada acerca de suas personalidades. Os três viveram em um mesmo contexto histórico, marcado por transformações radicais nas bases materiais, produzindo intensos impactos na produção científica daquele país.

No entanto, penso em adentrar um aspecto diferente nesta introdução: os limites desta tese. Acredito que seja necessário evidenciar algumas limitações encontradas ao longo dessa pesquisa, que possui como objetivo reconstituir a trajetória da psicologia soviética em sua articulação com o marxismo, evidenciando os principais marcos teóricos de seu desenvolvimento. Ao mesmo tempo, busco analisar a introdução dessa perspectiva teórica no Brasil desde a década de 1920.

Neste tocante, o primeiro obstáculo encontrado na produção desse trabalho foi referente às atuais condições materiais dessa sociedade. Nas atualizações das entrevistas feitas por Shuare (2016 [1990]), referente às mudanças na produção teórica, pós queda da União Soviética, evidenciou-se uma questão significativa sobre a diminuição de trabalhos teóricos que analisavam a produção epistemológica, por exemplo, nas comparações da teoria da atividade em Rubinstein e Leontiev. Menciono esse aspecto, pois atualmente vivemos em um momento de intensificação da exploração do trabalho alheio. O capitalismo em seu estágio atual acelerou substancialmente a vida material, tal como a forma que os seres humanos produzem e reproduzem sua vida socialmente. Os resultados são sempre mais importantes do

que o processo pelo qual ele foi produzido. A universidade não ignorou esse fato. Estando diante de uma sociedade capitalista, os centros de pesquisa, refletem o estado atual da produção e reprodução da vida social, um aspecto, diga-se de passagem, que impactou diretamente na forma de se pensar a ciência, acelerando todo o processo referente a atividade criadora científica. Sem embargo, um trabalho histórico requer tempo, condições materiais, estruturais e, sobretudo, dinheiro.

Menciono esses aspectos, pois muitas fontes que não constam neste trabalho, encontram-se em Universidades, centros de pesquisa, periódicos e bibliotecas pagas que necessitariam de uma consulta presencial. O meio digital favoreceu de modo significativo a maneira pela qual fazemos pesquisa nos dias de hoje. No entanto, ainda não substituiu, por completo, uma análise detalhada de arquivos originais. Portanto, havia muitas fontes que desejaria ter consultado, o que foi impossibilitado devido às condições materiais postas por essa sociedade. Trabalhos espalhados por diversas universidades brasileiras e estrangeiras, novamente, algo que requer tempo e dinheiro. Nesta sociedade, essa empreitada torna-se impossível. Desconsiderar as condições determinantes, materiais e objetivas da vida social significaria conduzir essa pesquisa ao abismo do idealismo, acreditando que tudo se resolve por conta própria e força de vontade, outra anedota desconstruída por Marx, em seu *O Capital.*

A recomposição da história da psicologia soviética no Brasil deverá ser um trabalho coletivo, fruto de um envolvimento social de pesquisadores espalhados por esse país. Não será um sujeito, um professor, ou um doutorando, que escreverá sobre as condições imperfeitas que permitiu a divulgação dessa teoria no Brasil. Esse acontecimento somente será possível no entendimento referente a necessidade do trabalho coletivo. Acredito que essa seja a maior conclusão que este trabalho poderá apresentar ao longo das páginas subsequentes.

A psicologia soviética possuiu em sua essência um gigantesco vínculo com a filosofia. Não apenas Marx, Engels e Lenin fizeram parte desse contexto mas, também, Rubinstein, um dos teóricos de destaque nessa pesquisa, possui um intenso debate com os trabalhos de Espinosa, Hegel, Kant etc. ao longo de sua produção científica. Os teóricos soviéticos compreendiam que sem o saber filosófico a produção psicológica correria o risco de se tornar uma ciência praticista, caindo em análises tendenciosas que auxiliariam no controle ideológico das pessoas. Entendo que essa afirmação pareça problemática, partindo de uma análise

pragmática, positivista e funcional. Afinal, por que deveríamos debater teoria se a prática funciona? Essa pergunta, espero ter respondido ao longo deste trabalho.

Neste tocante, creio que outro ponto que deve ser evidenciado nesta introdução refere-se à originalidade mantida nas citações apresentadas ao longo do texto. Evidentemente, a preservação das referências passa pela tradução, transformando um conceito em outro. No entanto, em temas, momentos e passagens significativas, tentei manter no máximo a originalidade. Ainda enquanto aluno de graduação, em uma disciplina cursada como aluno especial, na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, tive contato com uma obra do filósofo Rodolfo Mondolfo (1877-1976). Mondolfo (1966 [1927]), que em seu livro, de uma maneira interessante, apresentava trechos e citações de filósofos, comentando apenas o necessário sobre aqueles autores, facilitando a apropriação teórica de alguns conceitos e ideias. Simultaneamente, direcionava os olhares a trechos importantes que permitiam a apropriação inicial daquele pensamento.

Nesse mesmo período, mantinha um significativo interesse nas obras do psicólogo soviético Sergei Leonidovitch Rubinstein (1889-1960). O teórico, cuja história aparece ao longo das próximas páginas, possuía um vínculo intrínseco com o saber filosófico. Não obstante, defendeu seu doutorado na Alemanha, tendo como temática o problema do método. Ao longo de seus escritos, Rubinstein não limita as discussões filosóficas e teóricas apenas a suas próprias análises. Em seus escritos, convida o leitor a mergulhar e se aprofundar em debates, temáticas e conceitos, apresentando, por meio de citações, a compreensão do outro sobre o assunto debatido. Esforcei-me, ao longo desta tese, a reproduzir minimamente essa lógica, compreendendo que seria necessário apresentar, ao longo do texto, referências que não são debatidas na psicologia brasileira, ao menos, não em seu vínculo histórico, destacando os diferentes momentos em que foram objetivadas na ciência soviética. Não obstante, a existência de longas citações no corpo do texto possuí essa proposta. O leitor poderá entrar em contato com trechos originais, a partir de uma perspectiva histórica de sua própria produção.

Igualmente, partindo de uma proposta rubinsteiniana, apresento trechos de citações de teóricos que iniciaram a edificação dessa ciência na União Soviética, com o intuito de destacar passagens importantes, debates existentes na época e, sobretudo, desmistificar que o desenvolvimento dessa ciência foi fruto de uma genialidade de um, dois ou três sujeitos detentores do saber científico e psicológico.

Nas próximas páginas, apresentarei um debate histórico, fruto dessa condição revolucionária e material produzida na extinta União Soviética. Trago temas, conceitos e ideias que vinham sendo discutidos desde a Revolução de Outubro. Ao mesmo tempo, destaco os caminhos seguidos por essa ciência após o falecimento de Vigotski, tentando demarcar o surgimento de algumas noções em seus respectivos períodos históricos. Esse é um caminho necessário para organizarmos a produção científica, compreendendo como cada ideia reflete os diferentes momentos da União Soviética. Contudo, de modo geral, acredito ter contemplado, nas possibilidades existentes, a gigantesca e breve história da psicologia na União Soviética. Embora esta tese não contemple toda a história, tentei destacar os momentos mais importantes, tendo os debates marxistas como centro de sua produção.

Outra limitação encontrada ao longo desta pesquisa, que merece destaque, é sobre a modificação de um dos objetivos específicos do trabalho. Haveria um momento de entrevistas com pesquisadores e professores brasileiros. Teóricos que estiveram presentes nos debates iniciais dessa perspectiva, principalmente entre os anos de 1970 e 1980. No entanto, poucos retornaram o contato, inviabilizando um trabalho mais detalhado na coleta e apresentação desses relatos. Assim, teríamos poucos argumentos para sustentar a defesa do ingresso da psicologia soviética no Brasil.

Outro significativo problema encontrado para a realização da pesquisa refere-se a língua, ou seja, o russo. Acredito que demandei muita atenção e tempo para materiais que estavam disponíveis apenas em russo, limitando o tempo para a escrita de outros pontos de grande interesse, para recompor essa história no Brasil. Havia materiais que foram apropriados, pouco utilizados, ou ainda, não foram incluídos nessa análise. A transliteração do russo foi um ponto que demandou muito trabalho, visto que o alfabeto cirílico é diferente do nosso. Mesmo com as aulas de russo, a leitura não é fluida, e em diversos momentos tive de retomar alguns conceitos e passagens em artigos, livros e textos que não se encontram traduzidos para o português, inglês ou espanhol. Esse aspecto, fez com que não incluísse algumas discussões, pois creio que não conseguiria apresentar de maneira significativa os debates históricos, epistemológicos e práticos do que estava sendo debatido no trabalho.

O último entrave que desejaria apresentar é uma autocrítica para a realização do trabalho. Foi com muito pesar que tive contato com o livro produzido pela professora Flávia Asbahr só no final dessa tese. Embora tenha recebido esse material em 2023, por indicação da professora Sueli Terezinha, foi apenas nos dois últimos meses de realização desta pesquisa que dediquei uma maior atenção à obra. Acredito que se na ocasião tivesse destinado mais atenção ao trabalho, poderia ter ampliado as análises feitas ao longo dessa tese. Ao mesmo tempo, teria entrado em contato com a professora Flávia e com o pesquisador Gabriel Cantuária, no intuito de compartilhar referências e dados sobre o desenvolvimento dessa perspectiva no Brasil. Ambos realizaram um importante trabalho, entrevistando professores que tiveram um papel fundamental na divulgação e popularização da teoria no país. Igualmente, creio que teria dado maior importância para as referências da educação, algo que avalio como uma das grandes limitações desta tese, precisamente pela psicologia social se encontrar mais evidenciada nos debates do meu trabalho. Um ponto que merece ser revisto em pesquisas futuras, destacando a possibilidade de abordar, de maneira intrínseca, os diálogos feitos tanto pela social quanto pela educação. As duas áreas tiveram papeis centrais na popularização, divulgação e construção de novos conhecimentos.

Tratando-se das documentações históricas encontradas ao longo da pesquisa, almejo dar destaque às reportagens jornalísticas e referências perdidas no Brasil desde os anos de 1920. Com as limitações mencionadas acima, compreendendo as circunstâncias materiais e econômicas, trago recortes de jornais e matérias que apresentavam autores, referências bibliográficas e vendas de livros no país desde a primeira metade do século XX. Muitos recortes haviam sido feitos após a conclusão do meu mestrado, em 2018. Menciono esse fato, pois o capital tenta, a todo custo, extrair o lucro do possível e do impossível. Assim, diversos textos que se encontravam disponíveis de maneira gratuita na internet passaram a ser pagos nesse intervalo de tempo, tal como as edições de alguns jornais e periódicos brasileiros, dificultando o acesso ao seu conteúdo. Portanto, algumas referências apresentadas ao longo do corpo do texto somente poderão ser acessadas para consultas mediante pagamento e assinatura desses periódicos. Outro fato, que impediu a organização de uma seção de anexos nesta tese, refere-se à impossibilidade de se reproduzir imagens desses jornais, mesmo os publicados há quase cem anos. Ao longo das investigações, teria de entrar em contato com

centenas de periódicos, inviabilizando a proposta de um anexo. Aqui retornamos para a limitação do tempo, pois não teria um período hábil para a realização de mais essa empreitada.

Adentrando a justificativa para realização desta pesquisa, acredito que seja necessária uma breve apresentação histórica, com o intuito de facilitar a apropriação dos motivos que me conduziram para a temática. É impossível descolar da personalidade seus motivos sociais e individuais. Essa é a grande preocupação evidenciada na produção teórica de Rubinstein e seus continuadores. Assim, a subjetividade se entrelaça na objetividade da vida. Por meio da *perejivanie*, edificamos elementos que permitem explicações concretas dos motivos inerentes à atividade humana. A história é, para mim, um componente concreto e afetivo, precisamente por um vínculo familiar. Meu avô foi professor de história, encantava-me, enquanto criança, ver suas explicações e curiosidades envolvendo a vida social, as possibilidades e impossibilidades, presentes nas transformações dos diferentes períodos existentes na humanidade. Daí vem a dificuldade de separar a biografia da bibliografia. Somos frutos de nossas relações sociais e afetivas. Tanto Vigotski, quanto Rubinstein não se equivocaram em destacar a importância que o afeto possui na atividade e na existência humana. É impossível descolar o pesquisador de seu período histórico. Acreditar nisso conduziria a ciência a uma visão limitante, fragmentada e a-histórica de sua própria produção. Somos produtos e produtores da história social, e, por esse motivo, é necessário compreender a origem de determinados processos e fenômenos. Mas, por que a psicologia soviética? Existem elementos presentes na consciência que são difíceis de se explicar. Então, por que não a psicologia soviética? Uma perspectiva que, em menos de cem anos, conseguiu objetivar temas significativos para a humanidade. Uma vertente que se apropriou de discussões filosóficas, sempre destacando a presença do sujeito em seus trabalhos práticos e teóricos. Ao mesmo tempo, existem possibilidades de intervenções postas para se trabalhar temas ainda não explorados nessa teoria. Destaco, talvez demasiadamente, a importância de S. L. Rubinstein, teórico que me desperta interesse desde os tempos de graduação. Sua obra, há muito, tem me despertado para essa discussão histórica e epistemológica. Dessa forma, creio que seja necessário organizar o desenvolvimento dessa perspectiva, apresentando outros personagens dramáticos em sua história. A pesquisa, portanto, foi se transformando ao longo dos quatro anos de doutorado. Creio que se tivesse mais

tempo teria dado atenção a outros aspectos importantes dessa perspectiva e de sua história. A *perejivanie* é um desses temas, que cheguei à conclusão da importância concreta na vida dos seres humanos. E, após o nascimento de minha filha, no meio deste doutorado, comecei a compreender, de modo diferente, a necessidade de se entender esse aspecto concreto do psiquismo. Assim, gostaria de ter dado mais atenção ao problema da *perejivanie* como elemento, ao mesmo tempo produtor e analítico da consciência.

Sem embargo, ao justificar a necessidade dessa pesquisa, de um modo mais informal, creio que preciso apresentar com uma certa formalidade acadêmica. Neste sentido, a psicologia histórico-cultural, compreendida a partir de seu desenvolvimento pós-revolução de outubro de 1917, adentrou aos trabalhos da ciência psicológica brasileira em 1980. Professores vindos da psicologia social e da educação iniciaram um movimento de estudos coletivos sobre a teoria, cada qual evidenciando uma necessidade momentânea, em um período marcado pela redemocratização do país. Uma das principais referências na divulgação dos trabalhos soviéticos no Brasil foi a filósofa e psicóloga Silvia Tatiana Maurer Lane (1933-2006). Na década de 1980 encontram-se, nos trabalhos do grupo de Silvia, a presença de autores como Aleksei Nikolaevich Leontiev (1903-1979), Lev Semiónovich Vigotski (1896-1934) e Alexander Romanovich Luria (1902-1977).

Teóricos que posteriormente ficariam conhecidos no Brasil como os fundadores da psicologia histórico-cultural, diga-se de passagem, constituindo a famosa *troika*, hoje ainda presente no imaginário acadêmico. (Blanck, 2003). Entretanto, deve ser alertado, no princípio desta tese, que tanto Vigotski, quanto Luria e Leontiev, não foram os únicos responsáveis pelo desenvolvimento científico do que ficou conhecido como psicologia histórico-cultural, ou sócio-histórica[1]. Existiram centenas de pessoas comprometidas com um novo objetivo, posto por uma nova sociedade após um processo revolucionário (Shuare, 2016).

[1] Vale destacar que o debate acerca da nomenclatura da teoria é ainda realizado de modo muito simplista, visto que os soviéticos não almejavam criar uma abordagem, mas, sim, objetivar uma obra que fosse O Capital da psicologia. (Vigotski, 1999). Por exemplo, no artigo de Rubinstein (1983 [1934]), o autor sintetizou os princípios que norteiam a psicologia soviética, não citando, em nenhum momento, uma abordagem específica, mas fundamentos epistemológicos que estavam presentes nas mais variadas escolas que surgiram na década de 1930. Nesse sentido, tanto histórico-cultural, quanto sócio-histórica aparecem nos trabalhos de alguns representantes dessa ciência na União Soviética (Talankin, 1931; Smirnov, 1967).

Apresentando em ordem cronológica os representantes desse novo enfoque que se desenvolvia, objetivando-se a partir do marxismo, destacam-se personagens como Mihail Yakolvlevich Básov (1892-1931), Pavel Petrovich Blonski (1884-1941) e Konstantin Nikolaievcih Kornilov (1879-1957)[2], três teóricos que, após a Revolução de Outubro, iniciaram uma revisão minuciosa de toda a psicologia feita na Rússia. As principais críticas dirigidas por esses novos nomes da ciência psicológica, eram direcionadas, em sua maioria, para uma das únicas referências de divulgação do conhecimento psicológico na ciência russa: Georgi Ivanovich Chelpanov (1862-1936). (Shuare, 2016; Luria, 1992; Petrovski, 1985)

Básov, Blonski e Kornilov, nunca objetivaram uma teoria que sintetizasse os princípios do materialismo histórico-dialético na psicologia, mas fizeram parte desse processo. Neste sentido, não podemos negar a importância deles e de outros teóricos que contribuíram para o desenvolvimento da psicologia que atualmente é denominada no Brasil como histórico-cultural/sócio-histórica. A individualização de um processo é característico das sociedades de classes, principalmente em seu molde burguês. Portanto, ao compreender esse enfoque teórico, deve-se ter o entendimento de que se escreve sobre uma determinada teoria, que nasceu em outra sociedade, sob o principal objetivo de criar um novo ser humano. Assim, vale, para a psicologia, recordar a afirmação de Engels (1962) “[...] em sua incapacidade de conceber o mundo como um processo, como algo sujeito ao desenvolvimento histórico”. (p.104). Sem embargo, é pretendido compreender nesta tese o desenvolvimento dessa abordagem a partir de suas características históricas, ou seja, de sua capacidade processual de mudanças e transformações.

Nessa perspectiva, entende-se que outros teóricos também fizeram parte desse processo. Por exemplo, um destes autores que apresentou uma significativa contribuição para a objetivação de uma teoria psicológica condizente com os princípios do marxismo-leninismo foi Serguei Leonidovich Rubinstein (1889-1960)[3] (Giannoni, 2018). Um novo personagem que se caracterizara como parte do processo de pesquisa, precisamente pela contribuição teórica de análise presente em sua concepção de atividade criadora. Afirmo que Rubinstein possa oferecer um

[2] Vale mencionar que embora sejam teóricos de capital importância para o desenvolvimento da psicologia soviética, no Brasil, seus trabalhos ainda são desconhecidos, ou parcialmente conhecidos.

[3] A concepção de atividade debatida nesta tese fundamenta-se em Serguei Leonidovich Rubinstein; nesse sentido, o autor é introduzido, aqui, como parte da apresentação de novos personagens que trabalharam no desenvolvimento histórico desta abordagem.

importante subsídio para a compreensão das determinações históricas, que conduziram o desenvolvimento dessa abordagem até o presente momento. Para além disso, o autor atribuiu em seus trabalhos, uma significativa importância para a discussão teórica. Rubinstein (1965) escreveu que “uma das condições essenciais do desenvolvimento da psicologia é um trabalho de aprofundamento nos problemas da teoria”[4]. (p. 12). Destarte, ainda segundo Rubinstein, quando não se discute a teoria, existe a possibilidade de nascer um falso princípio, podendo vigorar na ciência como verdade.

S. L. Rubinstein, assim como Vigotski, Luria e Leontiev, desenvolveu uma teoria que teve o marxismo como visão de mundo. Foi contemporâneo a Vigotski e todos esses teóricos da primeira geração da psicologia soviética. Contudo, por diversos motivos, principalmente pela censura que experienciou em vida, e que continuou após seu falecimento, sua teoria foi depositada ao esquecimento (Shdan, 2004; Brushlinskii, 2006).

No fim, de 1970, seus principais seguidores – Andrei Vladimirovich Brushlinskii (1933-2002) e Ksenia Alexandrovna Abulkanova-Slavskaya (1932-) -, retomaram seu trabalho, ministrando pequenos cursos para estudantes na Universidade de Moscou. A disciplina visava introduzir a teoria de S. L. Rubinstein, novamente nas discussões psicológicas da União Soviética. Contudo, durante quase duas décadas, muitos alunos foram privados do conhecimento das obras de Rubinstein, explicando parte do esquecimento de suas ideias (Brushlinskii, 2006).

No entanto, vale escrever que desde 1922 Rubinstein já desenvolvia sua teoria da atividade, partindo, ainda, de um princípio kantiano (Rubinshtein[5], 1989). Deve-se lembrar que é apenas em 1923 que Kornilov faz o famoso discurso frente ao I Congresso de Psiconeurologia, defendendo que a psicologia deveria se orientar por meio do marxismo (Petrovski, 1985; Smirnov, 1968). Nesse sentido, vale afirmar que quando Rubinstein publicou seu trabalho, a psicologia soviética ainda não havia se institucionalizado enquanto ciência marxista.

Todavia, o princípio geral da atividade para Rubinstein já apareceu como germe neste primeiro trabalho denominado: *O princípio da auto atividade criativa.*

[4] Algumas citações deste trabalho encontravam-se em espanhol, francês, inglês e russo, sendo traduzidas livremente pelo autor.

[5] Devido às diferentes traduções, o nome de Serguei Leonidovich Rubinstein, e outros autores soviéticos, ora ou outra aparecerá escrito de forma diferente, mantendo a originalidade da citação e referência.

Rubinshtein (1989), iniciou a tese de que a personalidade se desenvolve na atividade, ao mesmo tempo que a orienta (Abuljanova-Slavskaia, 1987). Neste artigo, de 1922, o autor já afirmava que: “Ao criar seu trabalho de arte [...] cria a si mesmo, em sua própria individualidade estética no processo [...] o próprio criador é criado no ato da criatividade”. (Rubinshtein, 1989, p. 16). Essa tese reaparecerá em sua obra posteriormente, destacada como o princípio de que a consciência somente se desenvolve na atividade humana (Rubinstjn, 1987).

A atividade para Rubinstein é o processo que desenvolve a consciência e a personalidade. Entretanto, ambas orientam a própria atividade em uma relação dialética. Toda sua estrutura está organizada por motivos e finalidades, que podem convergir ou divergir entre si, e afirmava que quando os motivos convergem com as finalidades, temos uma atividade consciente (Rubinstein, 1977).

Rubinstein, foi apenas um exemplo apresentado de centenas de pessoas que desenvolveram suas ideias na psicologia a partir de uma visão baseada no marxismo. A psicologia soviética guarda em sua essência uma riqueza imensa de teóricos que trabalharam nesse novo projeto. Vale ressaltar as pesquisas de Vladimir Nikolaievich Miasíschev (1893-1973), Boris Gerasimovich Anániev (1907-1972), Dimitri Nikolaievich Uznadze (1886-1950), Bluma Vulfovna Zeigarnik (1900-1988), Lidia Il’inichna Bozhovich (1908-1981), Boris Fedorovich Lomov (1927-1989), Artur Vladimirovich Petovski (1924-2006), Issac Moisevich Rozet (1927-1992), Ksenia Alexandrovna Abulkhanova (1933-), entre muitos outros, que partindo da atividade criadora, encontraram meios de desenvolver uma teoria que fosse condizente com os pressupostos do materialismo histórico-dialético, mas, principalmente, que atendessem aos interesses da classe trabalhadora e de uma nova sociedade (Giannoni, 2018).

Neste sentido, entende-se que a atividade criadora é aquilo que permite a objetivação de novos produtos no mundo, seja material ou intelectual (Rubinstein, 1963). Na ciência, a atividade criadora é de capital importância na avaliação daquilo que foi objetivado no campo científico. Por conseguinte, a principal característica presente na atividade criadora implica-se no fato de que “o fim directo de uma actividade humana socialmente organizada é a realização de uma determinada função social”. (Rubinstein, 1977, P. 63). Sem embargo, a principal convergência entre os motivos e finalidades presentes em uma atividade é a compreensão consciente do sujeito realizando uma determinada função social. Deve-se ter em

vista que em uma sociedade de classes em seu molde burguês, e na divisão social do trabalho, os motivos e finalidades de uma atividade quase sempre se divergem.

Neste tocante, a consideração mais importante, ainda, a ser feita, é que a atividade não deve ser compreendida como relação meramente mecânica. Assim, ela diferencia os seres humanos dos animais, diga-se de passagem, pela transformação consciente da natureza (Marx, 2010). Contudo, quando se escreve sobre a atividade, deve-se ressaltar que essa categoria está presente na tradição marxista como condição prática e teórica.

O entendimento da atividade deve manter a unidade entre teoria e prática, ou, ainda, como escreveu Rubinstein (1968): “o carácter subjetivo do psíquico significa que o psíquico é uma actividade do sujeito”. Porém, toda atividade do sujeito objetiva novos produtos no mundo, instrumentos e ferramentas que começam a mudar a própria atividade, transformando-a de modo qualitativo e significativo. Não obstante, a única condição de transformação existente no meio social é o que na psicologia denomina-se como atividade criadora.

Rubinstein, ao escrever sobre a história da psicologia na União Soviética, buscava sempre destacar que não existe outro caminho que não o da atividade criadora para o desenvolvimento dessa ciência. Portanto, a principal contribuição da tese de Rubinstein é entender que a psicologia fundamenta-se na lógica de Marx. Todavia, Marx, Engels e Lenin, não eram psicólogos, não escreveram tratados, teses e fundamentações teóricas para a ciência psicológica. Contudo, em suas obras, encontra-se a conservação da principal contribuição para a psicologia, ou seja, um método (Rubinstjn, 1987 [1934]). Nessa perspectiva não se deve buscar em *O capital*, por exemplo, respostas psicológicas, mas o desenvolvimento de uma ideia na teoria psicológica que siga sua lógica.

Compreender a história dessa abordagem é fundamental para a objetivação de novos trabalhos que estejam alinhados com a proposta popular da classe trabalhadora, ou ainda, parafraseando a Ilienkov (1977), é fundamental, na psicologia enquanto ciência, reorganizar o velho para propor a criação do novo. É evidente que “a história está presente, de uma ou de outra forma, em cada indivíduo”. (Smirnov, 1978, p. 79). Aquilo que movimenta o desenvolvimento histórico é sempre o trabalho coletivo. Não existe criação sem um longo trabalho - na maioria das vezes, um esforço coletivo - por trás dela. Essa abordagem que

atualmente denomina-se como histórico-cultural/sócio-histórica se desenvolveu, portanto, nessa imensa atividade coletiva (Giannoni, 2018).

Porém, o desenvolvimento dessa teoria não se deu de modo imediato, simplista, intuitivo, ou ainda, linear. A psicologia histórico-cultural/sócio-histórica encontra-se marcada por movimentos de avanços e retrocessos históricos, presentes nas objetivações da atividade criadora (Giannoni, 2018). Na primeira metade da década de 1920 destaca-se o combate e a crítica feita para as teorias idealistas e mecanicistas da ciência psicológica. A partir da segunda metade dessa mesma década, até meados de 1930, encontra-se a apropriação do marxismo e a síntese de uma teoria condizente com os pressupostos do materialismo histórico-dialético, ou seja, é o princípio da fundamentação teórica dessa abordagem. (Srminov, 1967; Petrovski, 1985; Lomov, 1989).

Já a segunda metade da década de 1930 pode ser apresentada a partir dos retrocessos encontrados na ciência. Por exemplo, a resolução do Comitê Central do Partido, emitida em julho de 1936, que proibia teorias denominadas como pseudo-marxistas, caso da paidologia e pedologia (Rubinstein, 1967). Autores como Vigotski, Blonski, Básov, entre outros, foram proibidos na ciência soviética. Iniciou-se, então, um momento de críticas tendenciosas e anticientíficas, tais como as encontradas nos trabalhos de Talankin (2000) e Rudneva (2002).

A partir dos anos de 1940, novamente, encontramos no movimento dialético um avanço na psicologia soviética. Deve-se lembrar que a União Soviética encontrava-se em Guerra contra a Alemanha Nazista. Os trabalhos desenvolvidos por psicólogos como Luria, Leontiev, Rubinstein, Zeigarnik, Zaparozhets, Teplov etc. contribuíram de modo significativo para o desenvolvimento teórico e prático dessa ciência (Rubinstein, 1944; Ananiev, 1947). Encontramos em Luria (1992) trabalhos com soldados e civis lesionados durante a Guerra, buscando a reconstituição dos sistemas psicológicos.

Conquanto, novamente na segunda metade da década de 1940, encontra-se presente na história novos retrocessos. É o momento que se iniciam diversas perseguições políticas, julgamentos e acusações de cosmopolitismo e engrandecimento da psicologia burguesa por parte dos teóricos soviéticos (Payne, 1968; Shdan, 2004; Golder, 2004). Um exemplo emblemático, novamente, é o de Rubinstein que foi destituído de todos os seus cargos em abril de 1949, retornando às pesquisas apenas em 1953, após o falecimento de Joseph Stalin.

Kédrov e Spirkin (1967), filósofos soviéticos, ao analisarem o desenvolvimento da ciência na União Soviética, afirmaram que, neste momento, entre 1936 e 1953, o conhecimento científico havia se personificado na figura de Stalin. Novos retrocessos são identificados no começo da década de 1950. Entre os dias 28 de junho a 04 de julho de 1950, ocorreu uma conferência que foi denominada como Pavlov. Conduzida pelo fisiólogo Ivanov-Smolenski, tinha como objetivo reconstruir toda a ciência soviética a partir do que de mais desenvolvido acreditava-se existir, ou seja, a doutrina de Pavlov. Áreas como fisiologia, medicina, psicologia e educação deveriam retomar as bases científicas presentes no pavlovismo. (Payne, 1968; Vega, 1993).

Durante grande parte da década de 1950, psicólogos continuaram sendo destituídos de seus cargos, e a ciência psicológica tornou-se uma extensão da fisiologia pavloviana. Diversos teóricos tiveram que se adaptar a este momento de retrocesso científico. Nesse sentido, durante anos, a psicologia passou a ser dominada por um viés totalmente fisiológico, algo que já havia sido superado a partir da segunda metade da década de 1920 (Vigotski, 1999 [1926-1927]; Rubinstejn, 1987; Shuare, 2016 [1990]). Um exemplo que se pode apresentar sobre os impactos do pavlovismo na psicologia foi uma conferência realizada em 1958, sobre os problemas destinados à psicoterapia. (Miasishev,1962)

Entretanto, muitos teóricos que na década anterior haviam sido destituídos de seus cargos foram timidamente readmitidos em suas antigas funções após o falecimento de Joseph Stalin. Todavia, não podiam mais lecionar para as futuras gerações. Foi o caso de Rubinstein, que retornou as pesquisas na psicologia, mas ausente da cátedra de psicologia.

No entanto, foi um momento de diminuição da censura, do começo das autocríticas científicas, e, principalmente, do retorno das publicações de obras proibidas por quase duas décadas. Foi o que ocorreu com os trabalhos de Vigotski, que em 1956 teve um artigo publicado numa coletânea denominada *Investigações psicológicas escolhidas* (Shuare, 2016). A partir de então, a dialética é reintroduzida nos trabalhos soviéticos, e aos poucos o mecanicismo presente nas concepções fisiológicas é deixado de lado, mas é apenas na década de 1960 que a ciência psicológica abandona de fato a ideia de criar uma abordagem de base pavloviana, reconstruindo-se a partir das noções dialéticas de Vigotski e outros teóricos de capital importância (Giannoni, 2018).

Como fica evidente nesta pequena apresentação histórica, deve-se afirmar que a psicologia histórico-cultural/sócio-histórica não se desenvolveu de um dia para o outro, ao mesmo tempo em que não foi fruto de uma intuição momentânea, tampouco de uma concepção individualizante. Essa abordagem, que nasceu junto à Revolução de Outubro de 1917, guarda em sua história momentos de avanços e retrocessos, diga-se de passagem, desconhecidos no ocidente e, principalmente, na psicologia Brasileira (Giannoni, 2018). Ao mesmo tempo, após 1960, a ciência soviética psicológica continuou seu desenvolvimento epistemológico, prático e social até 1980, período que marcou o trágico fim de uma teoria que nasceu junto a uma Revolução Proletária.

Tratando-se dessa abordagem na psicologia brasileira, vale afirmar que a introdução dos trabalhos desses teóricos no Brasil é ainda pouco estudada, pesquisada e organizada. Muito do que se sabe deve-se a debates e transmissões orais. Ao pesquisar no BDTD a palavra história da psicologia, surgiram 7.949 trabalhos, refinando essa busca e adicionando histórico-cultural/sócio-histórica, o número de trabalhos foi reduzido para 69. Refinando novamente a pesquisa, e introduzindo a palavra psicologia soviética, não foi encontrado material algum. Mantendo-se nos 69 trabalhos, encontrou-se apenas 1 que tratava especificamente do desenvolvimento histórico dessa abordagem, a tese de Almeida (2009). No entanto, o autor, em sua pesquisa, realizou uma recomposição histórica no tratamento dado à memória dentro da psicologia soviética.

Em outro momento que compôs a parte introdutória desta tese, ao pesquisar artigos na base de dados da Scielo, repetiu-se o procedimento feito no site do BDTD. Sobre a história da psicologia, encontrou-se 574 trabalhos, refinando a pesquisa e introduzindo a palavra psicologia histórico-cultural, esse número caiu para 5. No entanto, nenhum material tratava diretamente de uma recomposição histórica dessa abordagem no ocidente, tampouco no Brasil.

Refazendo a pesquisa na mesma base de dados e alterando a palavra psicologia histórico-cultural para psicologia soviética, surgiram 3 novos trabalhos. Desses, apenas 2 aproximavam-se de uma recomposição histórica da psicologia soviética (TOASSA, 2016; GONZÁLEZ REY, 2012). Todavia, os dois trabalhos apresentam um destaque para a psicologia de Vigotski, e não para a teoria soviética como um todo.

Em meio a informações que se encontram organizadas em bibliografias referentes à história da psicologia, destaca-se que Silvia Lane teve um importante papel na divulgação das obras soviéticas. Na tese de doutorado de Wanderley Codo, defendida sob a orientação de Silvia, em 1981, encontra-se presente como referência o livro *O desenvolvimento do Psiquismo*, de Leontiev. (Sousa, 2008). No material de Leontiev, em específico no prefácio da segunda edição, publicado em Russo, em 1964, o autor, tendo apresentadas as modificações feitas em seu material, escreveu: “têm por causa o desejo do autor de melhor realçar a ideia central do livro, a saber a da natureza sócio-histórica do psiquismo humano”. (Leontiev, 198-, p. 17). Portanto, a apropriação da teoria pelo grupo de Silvia, inicialmente, ocorre por meio de Leontiev.

Vigotski, por sua vez, também apareceu pela primeira vez nas referências de um trabalho orientado por Silvia, em 1983. O livro *Pensamento e linguagem* é citado na dissertação de mestrado de Fernando Ponte de Sousa (Sousa, 2008). Outro fato curioso é que os trabalhos de Luria, que em 1979 foram traduzidos para o português sob o título de *Curso de Psicologia Geral*, e divididos em quatro volumes, aparecem nas referências do grupo de Silvia apenas a partir da década de 1990.

Mas, e antes de 1980? Será que os trabalhos dos psicólogos soviéticos não rondavam o Brasil? Em 1958, ao menos 20 anos antes do livro de Leontiev propagar-se no grupo de Silvia, o professor Boris Gerasimovich Anániev (1907-1972), psicólogo com diversos trabalhos no campo educacional, realizou, na extinta Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro, uma fala sobre a educação na União Soviética. Seu trabalho fazia parte de uma viagem para conhecer as escolas dos países da América Latina (Jornal Do Brasil, 1958). Outro fato notório é a tradução de um artigo de Luria, intitulado *Vygotski e o estudo das funções psíquicas superiores*. Durante as décadas de 1960 e 1970, matérias em jornais brasileiros circulavam com textos sobre os psicólogos soviéticos.

Neste sentido, deve-se, ainda, salientar que os teóricos soviéticos, ou histórico-culturais/sócio-históricos, já faziam parte, de modo tímido, de algumas discussões científicas no Brasil. Entretanto, é de fato a partir da década de 1980 que as pesquisas desenvolvem-se de modo significativo, partindo dessa abordagem teórica. Por exemplo, em Lane (2004), as principais categorias da psicologia soviética estão presentes no livro *Psicologia social: o homem em movimento*. Atividade, consciência e personalidade, presentes na referência de Leontiev (1978),

reaparecem como trabalho, consciência e identidade, demonstrando a importância da atividade criadora presente na produção científica. Portanto, a apropriação do grupo de Silvia não se deu de modo mecânico, intuitivo, tampouco casual, mas na apropriação e transformação da teoria, mantendo a unidade da práxis presente na dialética marxista.

Após a década de 1980, deu-se início no Brasil, em específico em 1985, a redemocratização do país. Consequentemente, obras de Vigotski e outros teóricos da psicologia soviética adentram o cenário da ciência brasileira. Como um grande fenômeno entre as publicações nacionais, surge, em 1984, a primeira tradução de um livro de artigos organizados por Michel Cole, e denominado como *A formação social da mente*. Em seguida, no ano de 1987, surge, pela primeira vez, a edição censurada de *Pensamento e linguagem*. Observa-se, portanto, duas versões da obra vigotskiana que adentram o cenário da psicologia brasileira por vias estadunidenses.

Sem embargo, é apenas na década de 1990 que outras obras são publicadas, principalmente, pela editora Martins Fontes. Surgem materiais como *Teoria e método em psicologia*, *O desenvolvimento psicológico na infância*, *Psicologia da arte*, entre outros trabalhos que foram traduzidos, e estão sendo até os dias de hoje.

Entretanto, muitas lacunas ainda existem nessas histórias, fundamentalmente pela falta de materiais escritos que foram desenvolvidos ao longo da introdução desses teóricos na psicologia brasileira surgindo, portanto, a necessidade de se organizar e recompor os marcos históricos que conduziram essa abordagem até o momento atual, precisamente por trabalhos, menções, artigos, reportagens etc. serem encontradas em jornais, periódicos ou livros científicos desde 1920, ou seja, uma década após a Revolução de Outubro. Portanto, o leitor deste trabalho encontrará, ao longo das próximas páginas, as interlocuções iniciais entre o marxismo e a psicologia na União Soviética: desenvolvimento, conservação epistemológica e pequenos achados perdidos na história da ciência brasileira.

Sobre a distribuição dos capítulos ao longo deste trabalho, a tese organiza-se na seguinte lógica: no primeiro capítulo apresento as concepções sobre a necessidade de se organizar uma ciência de base marxista. Assim, destaco as contribuições de Rubinstein (1983 [1934]) para a edificação dessa ciência. Compreendo que após a publicação de seu artigo, na década de 1930, a psicologia soviética modificou-se qualitativamente, confirmando o matrimônio com o marxismo,

a partir de uma perspectiva dialética. A partir desse momento, a unidade entre atividade, consciência e personalidade, ganhou destaque nos trabalhos futuros da ciência soviética.

Não obstante, também apresento a concepção de Vigotski (1990 [1926-1927]), destacada em sua análise sobre a crise na psicologia. Apesar de ser um material que foi publicado apenas em 1980, ele reflete as discussões realizadas naquele período histórico. Assim, de certa maneira, é importante considerar que suas análises determinaram parte das concepções futuras de seus seguidores. Suas investigações acerca da crise metodológica que rondavam a psicologia, convergem, em sua maioria, com os apontamentos feitos por Rubinstein (1983 [1934]). Neste sentido, considero que a base de toda a psicologia soviética, que se desenvolveu entre 1930 e 1990, parte de ambas as concepções. Rubinstein e Vigotski possuem entendimentos diferentes de vários aspectos que tangem o desenvolvimento psíquico; no entanto, também convergem em vários princípios, como nos devidos destaques dados ao marxismo. Ambos, biograficamente, possuem histórias semelhantes, favorecendo a apropriação da filosofia de Marx. Portanto, atribuem um sentido dialético em suas elaborações teóricas. Evidentemente, Rubinstein, por ter falecido somente em 1960, teve mais tempo para desenvolver temáticas que não foram aprofundadas por Vigotski, mas que, todavia, encontram-se como germe já em suas análises sobre a crise da psicologia.

Neste mesmo capítulo, apresento a história da psicologia soviética durante a primeira metade do século XX, destacando os marcos teóricos desde sua institucionalização enquanto uma ciência de base marxista. Aqui, realizo a exposição de livros, textos e artigos que encontramos apenas nos comentários das obras de Vigotski, Luria e Leontiev. Apresento, ainda, referências como as de Kornilov (1925; 1930), explorando sua tese reatológica e seus fundamentos psicológicos. Durante os anos de 1930, evidencio debates acerca do desenvolvimento da psicologia soviética, assim como de sua relação direta com o marxismo e o leninismo. Trago as discussões da primeira publicação de um livro de Rubinstein, que tinha como objetivo promover a formação de novos psicólogos na União Soviética (Rubinstein, 1935).

Posteriormente, caminho para apresentar a polêmica nota de proibição feita pelo Partido Comunista, referente às publicações pedológicas no país. Demonstro que Vigotski não foi o único teórico que sofreu restrições neste contexto. Trago

trechos, traduzidos diretamente do Russo, sobre esses materiais que foram publicados nos jornais da época, especificamente em 1936 (Tsentral'nyy Komitet Vsesoyuznoy Kommunisticheskoy Partii, 1936).

Adentrando aos anos de 1940, realizo uma exposição mais biográfica sobre Rubinstein, levantando a tese de que é impossível descolar a biografia de sua bibliografia (Stepanov, 2000). Apresento as premiações que o autor recebeu, realizando uma análise teórica sobre sua obra magna *Fundamentos de Psicologia Geral*, de 1940. Destaco a *perejivanie* como uma importante unidade de análise da consciência, apresentando a personalidade como origem e fim de todos esses processos. Na sequência, avalio as críticas envolvendo o trabalho de Rubinstein, as censuras impostas e o princípio dos conflitos com Leontiev.

Contudo, nessa mesma década, almejo destacar outros trabalhos realizados em meio aos conflitos que marcaram a Segunda Guerra Mundial. As pesquisas de Luria e a criação da Neuropsicologia ganham destaques neste ponto da tese. Igualmente, apresento os caminhos que permitiram a criação do primeiro curso de psicologia da Universidade de Moscou.

Sobre 1950, discorro sobre a Conferência Pavlov, congresso que reuniu diversos pesquisadores da fisiologia, medicina e, apenas, três psicólogos. Todavia, esse movimento conduziu a ciência psicológica a um abismo fisiologizante. Diversos teóricos tiveram de se readaptar, explorando, no conceito de reflexão psíquica, novas possibilidades para edificarem seus conhecimentos. Foi o período que se iniciou, também, o processo de desestalinização da psicologia soviética. Diversos autores proibidos na década de 1930 voltaram a ter seus trabalhos publicados e reeditados, como foi o caso de Vigotski. Ao mesmo tempo, 1950 marcou o período de maior publicação de S. L. Rubinstein. O autor editou diversas obras destinadas a temáticas como gnosiologia, epistemologia e desenvolvimento da atividade e consciência.

Caminhando para o segundo capítulo desta tese, apresento uma parte mais desconhecida da psicologia soviética: as produções científicas desse período. Afirmo que não são conhecidas, pois grande parte dos conhecimentos utilizados no Brasil foram produzidos na primeira metade do século XX. Aqui destaco as contribuições da filósofa-psicóloga Shorokhova, tal como seu debate acerca da importância de que a psicologia se distinguisse da fisiologia, principalmente desvinculando-se das produções pavlovianas (Shorokhova, 1961).

Nessa mesma década, discorro sobre o boicote que a teoria de Rubinstein sofreu na Universidade de Moscou, sendo Leontiev um dos principais personagens por trás desse movimento. A partir de relatos e entrevistas de seus orientandos, destaco os motivos pelos quais a teoria da Atividade de Rubinstein caiu no esquecimento. Ao mesmo tempo, trago algumas curiosidades que envolveram a produção nesse período, como o envolvimento da psicologia com as viagens espaciais dos cosmonautas soviéticos, debate que reapareceu em reportagens brasileiras, diga-se de passagem.

Na década de 1970, caminho para a apresentação de um livro conhecido pelos teóricos brasileiros: *Atividade. Consciência. Personalidade*, de Leontiev. Resgato o debate feito pelo autor sobre o processo histórico da apropriação do marxismo pelos psicólogos soviéticos. Concomitantemente, recupero os debates epistemológicos feitos por Yaroshevsky (1979 [1974]), destacando a importância de se discutir teoricamente a psicologia e seus caminhos metodológicos.

Adentrando no decênio de 1980, apresento os últimos debates marxistas feitos por psicólogos soviéticos. Dou destaque ao trabalho de Abul'khanova-Slavskaia (1982), seguidora e continuadora da obra de Rubinstein. Exponho, também, como a *perestroika e a glasnost* começam a aparecer nas discussões psicológicas. A primeira surge num movimento de abertura e autocrítica da ciência psicológica soviética; a segunda, no surgimento de materiais e visitas feitas por psicólogos estadunidenses ao país, como, por exemplo, Carl Rogers. Encerrando este capítulo apresento as discussões e debates polêmicos que visavam criticar a concepção de base marxista desenvolvida pela psicologia soviética, desde seu surgimento, em 1917.

No capítulo três, realizo uma transição para o Brasil, apresentando pequenos achados em jornais e periódicos brasileiros, desde 1920. Partindo dessa concepção, destaco o primeiro trabalho encontrado de Vigotski no país, em 1930. As apresentações teóricas aparecem em pequenos ensaios, textos científicos e reportagens jornalísticas nesse período que compreende 1920 a 1980, data que marca o ingresso formal da teoria no país. Aqui, expresso como vários debates iniciaram-se em discussões sobre a educação, trazendo a discussão de autores brasileiros com teóricos, tal como Blonski.

Um destaque necessário nesta introdução é sobre a visita dos soviéticos ao Brasil, em 1958. Apresento o artigo do psicólogo Anániev (1958), no intuito de

destacar os estudos sobre a educação nos países da América Latina. Ao mesmo tempo, trago algumas reportagens da época que reportaram a visita e uma palestra proferida pelo próprio Anániev na Faculdade de Filosofia, do Rio de Janeiro. Outro ponto que merece evidência nesta introdução é a visita de um médico brasileiro à escola de Zagorsk. Pedro Bloch transmitiu um interessante relato sobre seu encontro com Alexander Luria e Olga Skorokhodova. Outros debates envolvendo a defectologia também são apresentados ao longo desse capítulo.

Ainda sobre 1960, apresento a primeira tradução de um texto de Luria, para o português. Numa enigmática publicação sobre psicanálise, editada pela revista *Tempos Brasileiros*, encontra-se um artigo de Luria sobre Vigotski e o estudo das funções psicológicas superiores. O material é introdutório e permite conhecer parcialmente os estudos da psicologia soviética (Luria, 1969).

Por fim, caminhando para o último capítulo deste trabalho, evidencio os debates envolvendo a popularização da teoria no país. A importância da psicologia social e da educação é destacada na inserção de uma perspectiva de base marxista, diga-se de passagem, que conseguisse solucionar parte dos problemas sociais de um país que caminhava para sua redemocratização.

Sem embargo, creio que essa apresentação seja insuficiente para compreender os materiais analisados ao longo desta tese. A psicologia soviética teve uma história mais ampla do que este trabalho poderia explorar. Apesar dessas limitações, creio que os materiais contidos nesta análise formam um todo maior, destacando novos personagens, teorias e ideias ainda não exploradas na psicologia brasileira.

1. MARXISMO E PSICOLOGIA: DEMARCANDO A TEORIA SOVIÉTICA

Ao longo deste primeiro capítulo, pretendo demonstrar como se deu a constituição daquilo que hoje denominamos como psicologia histórico-cultural, ou, a depender da herança científica, psicologia sócio-histórica. Por ora, iremos nos abster desse debate, deixando-o para outro momento deste trabalho. Assim, adotarei como denominação deste capítulo psicologia soviética.

Selecionei, para estabelecer um debate, materiais que tenham sido escritos diretamente por teóricos de diversas gerações da psicologia soviética. Ao longo do texto, apresentarei como os materiais aparecem na história dessa abordagem, que teve sua origem junto a Revolução de Outubro de 1917 (Shuare, 2016). Ao mesmo tempo, pretendo demonstrar como a psicologia se desenvolveu a partir da visão de mundo de Marx, retornando aos clássicos do marxismo-leninismo[6] para indicar o caminho feito pelos teóricos soviéticos.

No princípio desta tese, apresento a defesa de que, na história da psicologia soviética, existiu uma gama imensa de teóricos que se valeram do marxismo-leninismo para desenvolver suas bases epistemológicas. Iniciamos, sem embargo, essas análises por aqueles que considero os mais complexos de todos os escritos do matrimônio entre marxismo e psicologia: *Os problemas da psicologia nos trabalhos de Karl Marx*, escrito e publicado por Serguei Leonidovich Rubinstein (1889-1960), no ano de 1934. Também, utilizo como material de análise outra referência desse psicólogo: *Princípios filosóficos da psicologia. Os primeiros manuscritos de Karl Marx e os problemas da psicologia*, escrito, em 1959, como capítulo do livro *O desenvolvimento da psicologia princípios e métodos*[7]. Evidentemente, não posso deixar de fora de tal debate o texto de Liev Semiónovich

[6] Destaco aqui a importância de Lenin na fundamentação da psicologia soviética, ou seja, o que é conhecido no Brasil como psicologia histórico-cultural, ou, psicologia sócio-histórica – e suas derivações – não se desenvolveram sem uma base filosófica, ou ainda, pautando-se apenas nas ideias erigidas por Marx e Engels. Artur Vladimirovitch Petrovski (1924-2006), escreveu em seu livro *Estudos em Psicologia* que "foi durante esses anos que os princípios essenciais da fundamentação marxista da psicologia estavam sendo formados nas obras filosóficas de Lenin. No entanto, apenas a psicologia soviética iria fazer amplo uso da riqueza de ideias científicas nas obras de Lenin". (Petrovski, 1985, p. 11). Sem embargo, apresentaremos ao longo dessa pesquisa a importância de Lenin na sustentação filosófica dessa abordagem, compreendendo que a filosofia para os teóricos soviéticos da psicologia, foi de extrema importância para o desenvolvimento dessa ciência.

[7] Vale escrever que esse se constitui como um material complementar do artigo original escrito, em 1934, por Rubinstein. Assim, após 25 anos, o autor apresentou novas contribuições para se pensar na edificação de uma teoria marxista da psicologia, abordagem que fosse geral, contemplando toda a ciência psicológica da extinta União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Vigotski (1896-1934): *O significado histórico da crise da psicologia. Uma investigação metodológica*, escrito em 1927, e publicado apenas no ano de 1982.

Apesar das possíveis divergências entre Vigotski e Rubinstein, devo considerar que ambos cumpriram um importante papel na síntese de marxismo e psicologia[8]. Embora o texto de Vigotski tenha sido perdido durante muito tempo, é importante que ele entre nas análises iniciais, pois é nele que o autor sistematiza uma nova compreensão para a psicologia que rompe com as noções freudianas, condutistas, comportamentalista, reflexológicas e reatológicas[9]. Assim, mesmo que esse manuscrito tenha visto a luz do dia apenas em 1982, as ideias de Vigotski eram debatidas e compartilhadas por seus pares.

Tratando-se de Rubinstein, parte da justificativa para a utilização dessas duas obras encontra-se na tese de que o autor contribuiu de modo significativo na organização da psicologia enquanto ciência na União Soviética. Até meados da década de 1930, a psicologia era uma área sem organização lógica nos trabalhos produzidos (Jdan, 1993). As obras de Rubinstein, segundo a autora, restabeleceram o caráter científico da psicologia na União Soviética, principalmente a partir de 1935, com a publicação dos *Fundamentos de Psicologia*.

Adentrando o artigo *Problemas da psicologia nos trabalhos de Karl Marx*, destaco-o como o material que mudou todo o rumo posterior da história da psicologia soviética, na década de 1930. É importante frisar que uma série de trabalhos que vieram depois desse decênio se referem diretamente ao texto de

---

[8] Stepanov (2001), escreveu que Rubinstein teve diversas trocas de ideais com Vigotski. Ele o recebia no jardim de seu apartamento. Ao mesmo tempo, Rubinstein, era convidado por Vigotski e Leontiev a ministrar palestras em Moscou. Todavia, é mais do que esperado a existência de divergências entre ambos. Mas, ao mesmo tempo, acredito que a maior convergência que ficará explicita ao longo desse trabalho seja o destaque dado a *perejivanie* como unidade de análise da consciência.

[9] Vale destacar que neste momento o diretor do Instituto de Psicologia de Moscou era Kornilov, criador e idealizador da reatologia como teoria marxista da psicologia. No texto da crise, Vigotski, rompeu com a noção reatológica de Kornilov, no entanto, sua teoria perduraria até o princípio do decênio de 1930. Sobre Kornilov, guardaremos um espaço neste trabalho para analisar sua teoria marxista na psicologia.

No entanto, é curioso o fato de Vigotski não ter publicado em vida seu material sobre a crise na psicologia. Acreditamos que isso tenha ocorrido devido a teoria reatológica. Como Kornilov era diretor do Instituto de Psicologia de Moscou, os interesses de pesquisa estavam direcionados ao que ele acreditava ser uma expressão da psicologia marxista, ou seja, sua abordagem baseada nas reações. Dois fatos que nos permitem pensar nesta hipótese é, primeiro, que em seu artigo: *A psicologia a luz do materialismo dialético*, Kornilov (1930), apresentou uma pesquisa de Vigotski sob o nome: *O problema das reações dominantes.* Outro fato que encontramos e nos permite fazer essa análise, é sobre Rubinstein e sua teoria da atividade. Segundo Stepanov (2001), Kornilov, não desejou trabalhar com Rubinstein no Instituto de Psicologia de Moscou, pois este estava iniciando suas pesquisas sobre a Teoria da Atividade, contrária a reatologia de Kornilov. Assim, Rubinstein foi acolhido em Leningrado pelo psicólogo Mikhail Iakovlevich Basov (1892-1931).

Rubinstein, incluindo o de um teórico estimado pela psicologia brasileira: *Atividade. Consciência. Personalidade*, de Aleksei Nikolaievitch Leontiev (1903-1979)[10] (Leontiev, 2021 [1974]). Assim, afirmo que os trabalhos de Rubinstein sobre marxismo e psicologia não são resultados da história, mas seu ponto de partida. O marxismo enquanto fundamentação filosófica e teórica, continha os germes para a produção da psicologia soviética, pois aparecia como a principal resposta para uma nova sociedade que tinha a evidente necessidade de uma outra produção e objetivação teórico-prático. (Marx, 2008 [1859]).

Sobre a fundamentação marxista-leninista da psicologia soviética, é importante destacar que se tratou de uma decisão coletiva, ou ainda, um resultado do desenvolvimento da própria história da ciência psicológica, que necessitava de uma abordagem que compreendesse os aspectos materiais do psíquico, além de romper com o caráter pequeno burguês dado a psicologia desde o fim do século XIX. Portanto, encontra-se em Smirnov (1968), que a concepção dessa teoria psicológica não foi resultado de uma imposição. Ao mesmo tempo, outro importante teórico vindo da segunda geração de psicólogos soviéticos, escreveu que:

> Devemos ressaltar que, no ocidente, muitas vezes são feitas tentativas de representar a reconstrução da psicologia na URSS como determinada não pelas necessidades de seu desenvolvimento, mas pelas restrições que a filosofia marxista impõe sobre ela. Mas isso simplesmente não condiz com os fatos. A necessidade de chegar a um entendimento com a dialética materialista decorre da lógica própria do desenvolvimento da psicologia como ciência. Os fenômenos que ela estuda estão entre os mais complexos encontrados, e não podem ser compreendidos sem um domínio sólido dos fundamentos do materialismo dialético e histórico. Não é por acaso, portanto, que os psicólogos mais progressistas dos países capitalistas estão cada vez mais recorrendo à filosofia marxista e chegando a algumas das mesmas conclusões que já foram formuladas na psicologia soviética. (Lomov, 1978, p. 72).

Lomov não se equivocou ao se referir aos colegas progressistas de outros países que se valeram do marxismo para uma fundamentação crítica da psicologia. Brevemente vale citar alguns exemplos, tais como: Politzer (1968 [1928]), Sève

[10] É importante destacar que segundo Smirnov (1968), o artigo de Rubinstein, publicado em 1934, foi o primeiro trabalho a sistematizar a unidade entre atividade e consciência. Portanto, posteriormente todos os trabalhos que se valeram dessas categorias, partiram de Rubinstein, não de Leontiev, ou ainda, de Vigotski, tal como se crê no Brasil. Semelhanças entre Rubinstein, Leontiev e Vigotski existem, até porque ambos partem da filosofia marxista-leninista na elaboração de seus problemas. Entretanto, a ideia central da unidade entre atividade, consciência e personalidade, foi exposta pela primeira vez por Rubinstein (1983 [1934]). Sobre a importância de Rubinstein no desenvolvimento da psicologia soviética, podemos até mesmo usar uma analogia presente em um dos discursos de Fidel Castro, ou seja, "condenai-me não importa. A história me absolverá (Castro, 1979 [1953] p.110). Em outro momento, destacaremos as perseguições política sofridas por Rubinstein, assim como, seu apagamento histórico da psicologia soviética.

(1979 [1968]), Wallon (1984 [1951]). Ao mesmo tempo, não devo deixar de destacar a importância do marxismo na constituição de uma psicologia social crítica no Brasil[11] e na América Latina. A escola da Pontifícia Universidade Católica (PUC), de São Paulo, sob liderança de Lane (2004 [1984]), desenvolveu diversos estudos acerca de uma psicologia condizente com os pressupostos marxistas, sendo uma expressão que se posicionava contra as teorias reacionárias e quantificadoras da ciência psicológica brasileira.

Após essa breve digressão, é importante frisar que não desdenho, em momento algum, dos trabalhos de outros psicólogos soviéticos, tal como Vigotski, Luria e Leontiev. Pelo contrário, a esses teóricos devemos muito apreço, precisamente pela objetivação de uma síntese entre marxismo e psicologia, e pelo fato de serem – na maioria das vezes – a porta de entrada de novos estudantes e pesquisadores nessa abordagem psicológica. Ao mesmo tempo, vale reforçar que quando pesquisadores se referem a Vigotski, trabalham suas ideias, não apenas como protocolo histórico, mas também como condição no desenvolvimento de novos trabalhos na ciência psicológica, fundamentando-se em seus conceitos e teorizações (Shuare, 2016 [1990]).

Tenho, também, o conhecimento de que, devido ao forte movimento de censura sofrido por Vigotski na década 1930, sua teoria, nos decênios de 1940 e 1950, foi desdenhada por grande parte dos teóricos da psicologia soviética (Talankin, 2000 [1931]; Rudneva, 2000 [1937]; Giannoni, 2018). Esse é um ponto que evidenciarei em outro momento deste trabalho. Contudo, a escolha por Rubinstein se deve por sua relevância na organização das bases filosóficas da psicologia soviética, ou seja, no destaque do que havia de comum em todas as teorias psicológicas da URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviética). Mesmo nas diferenciações sobre as compreensões acerca do psiquismo, desenvolvidas nas diversas escolas que foram criadas naquela vasta nação, Rubinstein recuperou a fundamentação que unia todas estas abordagens: o marxismo-leninismo.

O artigo *Problemas da Psicologia nos trabalhos de Karl Marx* foi publicado, originalmente, na revista *Sovetskaia Psikhotekhnika* (Psicotécnica Soviética), em

[11] No mesmo ano de publicação do artigo de Smirnov, foi editado no Brasil um livro sob o título: *Psicanálise*. Nessa coletânea de artigos encontra-se uma publicação de Luria sobre Vigotski, e os estudos das funções psicológicas superiores que será objeto de análise nos capítulos posteriores dessa tese. No entanto, além, do material de Luria, existe outro artigo: *Marxismo e Psicanálise*, publicado por Otávio de Freitas Júnior. Portanto, o marxismo já rondava os trabalhos da psicologia brasileira, antes da década de 1980.

1934. Nesta análise, utilizo a versão original em Russo *Problemi Psikhologii V Trudakh Karla Marksa* (1983 [1934]), e outra em inglês: *Problems of psychology in the works of Karl Marx* (1987 [1934]).

Rubinstejn[12] (1987) iniciou seu artigo afirmando que a psicologia não foi uma área desenvolvida por Karl Marx, bem como não existem tratados sobre a ciência psicológica nas diversas coletâneas de trabalhos marxistas. Entretanto, em todos os escritos de Marx, o autor identificou uma série de ideias centrais para a psicologia. Tais materiais, presentes na história do marxismo-leninismo, permearam diretamente as discussões centrais da psicologia soviética, incluindo a visão de mundo destes autores.

Apesar de Marx não portar o rótulo de psicólogo, Rubinstejn, afirmou que era possível utilizar suas ideias para confrontar o pensamento moderno e contemporâneo presente na ciência psicológica[13]. Todavia, o autor também alertou que, apesar da importância de tais ideias, o marxismo-leninismo deve ser utilizado "[...] como guia na construção da psicologia". (Rubinstejn, 1987 [1934]). Portanto, em 1934, a defesa feita por Rubinstejn era de que a psicologia soviética deveria ser fundamentada no marxismo-leninismo. Essas teses de Rubinstein permitiram as posteriores elaborações metodológicas[14] e científicas na psicologia soviética (Stepanov, 2001).

Analisando o desenvolvimento psicológico do fim do século XIX e princípio do século XX, Rubinstein teorizou sobre a crise na psicologia, assim como Vigotski[15].

---

[12] Devido as diferentes transliterações encontradas do alfabeto cirílico para o latino, o nome de diversos autores, aparecerão escritos de formas diferentes, mantendo assim, a originalidade da citação e da referência.

[13] Devo reforçar, que até os dias de hoje, o pensamento marxista se faz necessário no confronto diário da ideologia burguesa, que vigora na ciência psicológica. A psicologia, como uma ciência parida pelo capitalismo, atuou em diversos momentos da história como ideóloga da burguesia. Assim, até os dias de hoje o pensamento de Marx se faz atual no combate as noções conservadoras e reacionárias presentes na ciência psicológica.

[14] Existe todo um debate - que será contemplado posteriormente nesta tese – acerca da imposição do marxismo-leninismo como visão de mundo da psicologia soviética. Entretanto, evidencio a ideia de que Rubinstein e Vigotski desenvolveram suas respectivas teorias na ciência psicológica, enquanto teóricos marxistas. Stepanov (2001), teórico contrário ao marxismo, afirmou que Rubinstein acreditava no método de Marx como fundamento filosófico, não como instrumento revolucionário. Segundo suas próprias palavras: "nos anos de estudo no ginásio não evitou interesses marxistas e Serguei Rubinstein, certo tempo até mesmo frequentou reuniões clandestinas de um grupo marxista. No entanto, originário de uma família bem-sucedida, Rubinstein não sofria do delírio da expropriação dos expropriadores, o marxismo para ele interessava como um entre muitos sistemas filosóficos, pelo contrário, não como uma instrução para a implementação de um golpe de estado". (Stepanov, 2001, p. 1).

[15] Em seu livro *Princípios de psicologia geral*, Rubinstein (1977 [1945]) possui uma análise sobre a crise metodológica da psicologia. Também, em seus *Fundamentos de psicologia*, Rubinstein (1935),

Valendo-se das considerações feitas por Lenin, em seu livro *Materialismo e Empiriocriticismo*, destacou que a crise na ciência psicológica tinha certa semelhança com a da física, apresentada pelo revolucionário russo em sua obra, ou seja, uma crise metodológica. Tratando-se da psicologia, Rubinstejn (1987 [1934]), escreveu que a crise levou essa ciência à formação de diversas escolas que combatem uma à outra. Rubinstejn, defendia que a psicologia soviética deveria demonstrar como a teoria social de Marx poderia auxiliar na resolução dessa crise, desenvolvendo uma ciência condizente com os pressupostos marxista-leninista. Nas palavras do autor:

> "[...] expor de forma teórica e detalhada, os principais problemas da psicologia moderna, para assim, com base no estudo das declarações psicológicas de Marx, evidenciar com máxima precisão qual solução para esses problemas cruciais deve ser estabelecida como fundamento para a construção da psicologia marxista-leninista". (Rubinstein, 1983 [1934], p.1).

É evidente que, para Rubinstein, a psicologia enquanto ciência marxista-leninista não estaria pronta, finalizada e dogmatizada nas obras de Marx, Engels e Lenin. Ao mesmo tempo, essa afirmação de Rubinstein vai ao encontro de outra tese apresentada pelo autor, vinte e cinco anos mais tarde. Segundo ele:

> [...] Não é possível encontrar em nenhuma das obras dos fundadores do marxismo-leninismo a ciência psicológica como ciência especial. Nem Marx, nem Lenin, como é notório, escreveram tratados de psicologia. Não existe mais que um caminho para formar a psicologia soviética: o da investigação criadora. (Rubinstein, 1963 [1959], p. 253).

Rubinstein, vinte e cinco anos depois, ainda insistia que a psicologia soviética, baseando-se nos escritos de Marx, Engels e Lenin, deveria trabalhar com a denominada investigação criadora. Não seria citando os clássicos do marxismo, que os psicólogos poderiam objetivar uma teoria psicológica marxista[16]. É somente na compreensão da lógica do método de Marx que se fundamentaria uma nova psicologia, subvertendo a própria ideologia burguesa presente na origem dessa ciência.

---

realizou uma breve exposição sobre a crise ao apresentar a história da psicologia. Todavia, em ambos, limitou-se a discutir tais problemas em poucas páginas, diferente de Vigotski (1999 [1926-1927]) e Politzer (1968 [1927]). Diferença que não descaracteriza ou diminui os escritos de Rubinstein, pois, tanto em 1935, quanto, em 1940, debateu ao longo de seu material com as diversas escolas existentes na psicologia soviética e estrangeira, ressaltando as divergências epistemológicas e apresentando uma nova compreensão do psiquismo desde a filosofia marxista-leninista.

[16] Vale antecipar que essa é uma crítica a imposição pavloviana feita aos psicólogos soviéticos, em 1950. Esse será um debate que apresentarei posteriormente.

Dando continuidade em suas análises, Rubinstejn enfatizou que a reconstrução da psicologia, enquanto uma ciência marxista, deveria buscar contribuições na categoria da atividade humana. Em suas palavras:

> O ponto de partida desta reconstrução é a concepção marxista da atividade humana. Em seus "Manuscritos Econômico-Filosóficos" de 1844, Marx utiliza uma terminologia hegeliana para definir a atividade humana como a objetificação do sujeito, ao mesmo tempo, alienação do objeto. (Rubinstein, 1983 [1934], p. 4 – *Grifos no original*).

Os soviéticos viam nos trabalhos de Marx conceitos e categorias fundamentais para análises e explicações acerca do psiquismo. A apropriação da atividade não se deu, portanto, como um fato imediato nas investigações científicas desses psicólogos. Foi apenas a partir da década de 1930 que a atividade se tornou central nos trabalhos da psicologia soviética (Stepanov, 2001). Assim, o princípio de uma unidade entre atividade e consciência foi proposto, pela primeira vez na psicologia soviética, por Rubinstein, no ano de 1934 (Lomov, 1978).

Para Rubinstejn (1987 [1934]), a atividade não é uma reação externa a um determinado estímulo presente na natureza, ou ainda, uma simples ação do sujeito com determinado objeto. É, dialeticamente, ao mesmo tempo, a transformação do objeto e do sujeito (Marx, 2013 [1867]). Para além disso, o desenvolvimento e a objetivação da consciência está presente nos produtos da atividade, ou seja,

> Uma vez que a atividade humana é a objetificação, a objetividade do homem ou a transformação do sujeito em objeto, a revelação das forças essenciais do homem, incluindo seus sentimentos e consciência, na forma de objetos [...] (RUBINSTEIN, 1983 [1934], p. 4)

Posteriormente, essa ideia apareceria nas obras de Rubinstein como a análise dos produtos da atividade, evidenciando-se mais elaborada em suas investigações apresentadas no apêndice do livro *O pensamento e os caminhos de sua investigação*, publicado em 1958 (Rubinstein, 1959).

Entretanto, ainda em 1934, ressalto que Rubinstejn (1987) encontrava nas obras de Marx meios de demonstrar os vínculos entre psiquismo e mundo externo, subjetividade e objetividade. Ainda, sobre as contribuições de Marx, Rubinstejn destacou a seguinte passagem dos *Manuscritos econômico-filosóficos*:

> Uma *psicologia* para a qual este livro, portanto precisamente a parte mais presente e perceptível de modo sensível, a parte mais acessível da história, está fechado, não pode[ndo] se tornar uma ciência *real,* plena de conteúdo efetivo. (MARX, 2010 [1932], p. 111 – *Grifos no original*).

Rubinstejn, visualizou na "[...] história da *indústria* e a existência *objetiva* da indústria conforme veio a ser são o livro *aberto* das *forças essenciais humanas* [...]

(Marx, 2010 [1932], p. 111 – *Grifos no original*), uma possibilidade de compreender os produtos da atividade como elementos fundamentais nas análises e explicações do psiquismo, precisamente por conterem um vínculo entre o objetivo e o subjetivo. Sem embargo, a atividade, ao mesmo tempo que objetiva o psíquico, é responsável pelo seu desenvolvimento, ou seja, "[...] não através da imersão em profundezas inexprimíveis da imediatez, não na inatividade, mas sim, no trabalho, na própria atividade da pessoa transformando o mundo, é que se forma sua consciência." (Rubinstein, 1983 [1934], p. 5).

A atividade, por sua vez, é condição para a produção humana, portanto, Rubinstejn afirmou que a "[...] concepção central de Marx sobre a formação da psique humana no processo de atividade, mediada pelos produtos da atividade [...]" (Rubinstein, 1983 [1934], p. 6). Posteriormente, em 1959, Rubinstein (1963) elaboraria que os produtos da atividade condicionam e orientam ela própria. A mediação passa a ocorrer com o objeto sendo incorporado no decorrer da atividade. Goethe foi preciso ao atribuir a Fausto a afirmação de que "[...] no princípio era a ação!" (Goethe, 1980 [1808], p. 56), e Rubinstein não deixou de reproduzi-la em seus escritos (Stepanov, 2001).

A atividade, para Rubinstein, franquearia caminho para determinar o psiquismo e a consciência como objetos de estudo da psicologia, rompendo com o subjetivismo do idealismo, e com a exclusão desses elementos nas ciências do comportamento e das reações. Assim,

> [...] a psique e a consciência podem se tornar objetos de estudo da psicologia [...] a objetividade na psicologia não é alcançada pela exclusão da psique, mas por uma transformação fundamental nas concepções da consciência humana e da atividade humana (Rubinstein, 1983 [1934], p. 6).

Aqui compreendo a consciência partindo da interpretação leninista, ou seja, da reflexão dos processos concretos da existência do ser social (Rubinstejn, 1987 [1934]). Assim, Rubinstein prossegue afirmando que a consciência humana é desenvolvida na relação entre sujeitos, todavia, mediada pela reflexão e pela linguagem. Temos, aqui, duas teses presentes na filosofia marxista-leninista: 1) A atividade do ser social no desenvolvimento da reflexão psíquica; e 2) A consciência como relação concreta entre seres humanos.

Essas teses aparecem de modo sistemático, já em 1934, no artigo de Rubinstein. Porém, isso não significa afirmar que tal teorização não se encontrava presente nas discussões da psicologia soviética até então. Vale salientar que em

meados da década de 1920, Kornilov afirmava que o psiquismo era um reflexo do mundo objetivo (Shuare, 2016 [1990]). Por sua vez, Vigotski, em 1925, já havia destacado a importância da consciência como objeto de estudos da psicologia objetiva (Kornilov, 1925).

Reforço que a importância desse artigo de Rubinstein está, essencialmente, na organização do marxismo como fundamentação teórica da psicologia soviética. Afinal, o autor apresentou a potencialidade dos trabalhos de Marx para se pensar nas leis gerais da psicologia, por exemplo, o desenvolvimento do psiquismo como processo e produto do avanço histórico da humanidade. Para isso, destacou, ao longo de seu trabalho, diversas teses do marxismo, centrais para a psicologia soviética, afirmando que a consciência deveria ser objetivada na transformação da prática social (Rubinstejn, 1987 [1934]; Stepanov, 2001).

Adentrando as discussões relativas à consciência, Rubinstein apresentou a importância não apenas da compreensão do marxismo na psicologia soviética, como também do leninismo. Parafraseando Lenin, o autor escreveu:

> O ser determina a consciência. No entanto, as mudanças na consciência, determinadas pelas mudanças no ser, por sua vez, significam mudanças nas condições em que a atividade humana é determinada pelos fatores objetivos que a medeiam, em grande medida, através de sua consciência. (Rubinstein, 1983 [1934], p. 10).

Sendo a consciência uma reflexão do mundo objetivo, é válido compreender que, ao mesmo tempo em que ela se desenvolve na atividade, é nela, também, objetivada. Portanto, temos duas das principais categorias trabalhadas na psicologia soviética: atividade e consciência. Conquanto, Rubinstein destacou também a importância do estudo da personalidade, afirmando: “[...] é sintomático para o estado da psicologia na URSS que até mesmo nossa psicologia, que quer ser marxista, não tenha percebido o valor e o lugar do problema da personalidade [...]” (Rubinstein, 1983 [1934], p. 10).

Além da personalidade, é curioso o fato de Rubinstein ter mencionado que a psicologia soviética quer ser marxista. Nesse sentido, podemos realçar que a criação de uma psicologia que se valesse da visão de mundo de Marx, Engels e Lenin, não se desenvolveu de imediato, mas foi um trabalho coletivo de pessoas que estavam envolvidas em um novo projeto social e humanitário. É importante dar ênfase em passagens sobre a constituição da psicologia soviética enquanto ciência

marxista, rigorosamente, pela necessidade posta neste capítulo de retomar os fundamentos epistemológicos dessa teoria.

Retornando ao problema da personalidade, Rubinstein afirmou ser essa uma categoria central para a psicologia marxista-leninista, ou seja, "[...] a essência da personalidade é o conjunto das relações sociais". (Rubinstein, 1983 [1934], p. 12). Essa afirmação, presente em Marx (2013 [1867]), significa que a personalidade apenas se constitui na relação com outro ser humano. Escreveu Marx:

> [...] Eu sou eu -, o homem espelha-se primeiramente num outro homem. É somente mediante a relação com Paulo como seu igual que Pedro se relaciona consigo mesmo como ser humano. Com isso, porém, também Paulo vale para ele, em carne e osso, em sua corporeidade paulínia, como forma de manifestação do gênero humano. (p. 129).

Rubinstein encontrou em Marx um caminho para se compreender a personalidade e sua origem histórica, social e cultural. Todavia, apesar de apresentar a personalidade como importante categoria da psicologia, o autor não adentrou as leis que regem seu desenvolvimento[17]. Ao invés disso, apresentou outra ideia apropriada de Marx, a necessidade.

A necessidade, segundo Rubinstein (1987 [1934]), revolucionou a compreensão que a psicologia tinha sobre o ser humano. Para o autor, graças a Marx, foi possível contrapor a necessidade ao instinto, permitindo que se entendesse as ações, não mais como inatas ou baseadas no instinto, mas como necessidades socialmente condicionadas. Ao compreender as necessidades como históricas, sociais e culturais, permitiu à psicologia avançar no desenvolvimento de outra categoria: a motivação. Para Rubinstein, o acúmulo de necessidade ao longo da história humana forneceu as condições concretas para a existência de diversas motivações da atividade.

Apesar de Rubinstein ter apresentado uma série de temas de capital importância para a psicologia soviética, o autor se limitou a explicar de modo breve e sucinto, algumas categorias fundamentais para essa ciência, destacando como elas aparecem fundamentadas nas obras de Marx e Lenin. Entretanto, essas categorias são explicitadas de modo mais detalhado apenas em 1935, nos *Fundamentos de Psicologia*. Posteriormente, em 1940, surge *Os princípios de psicologia geral*, que

[17] Um ano depois, em 1935, nos *Fundamentos de Psicologia*, Rubinstein dedicou a última seção de seu livro para os problemas da personalidade.

ganha uma nova edição pelas mãos de Rubinstein, em 1945 (Rubinstein, 2002 [1945]).

Visto que, em 1934, Rubinstein apresentou as possibilidades categóricas de se desenvolver a psicologia soviética a partir da fundamentação marxista-leninista, em 1959, um ano antes de seu falecimento, o autor revisitou os pilares da psicologia, buscando os fundamentos que uniam as diferentes escolas psicológicas existentes na União Soviética. No início de seu trabalho, *Princípios filosóficos da psicologia. Os primeiros manuscritos de Karl Marx e os problemas da psicologia*, escreveu: “A psicologia soviética se baseia na filosofia marxista. Este fato determina sua orientação (Rubinstein, 1963 [1959], p. 253). A tarefa de desenvolver uma psicologia condizente com os pressupostos marxistas, em Rubinstein, passou pela compreensão metodológica da obra de Marx. Para ele, não seria citando os clássicos do marxismo-leninismo que se objetivaria uma psicologia marxista. Por sua vez, essa seria uma tarefa coletiva baseada na investigação criadora.

Novamente, em 1959, os *Manuscritos econômico-filosóficos,* de Marx, retornam como objeto de análise do artigo de Rubinstein. O autor até mesmo elegeu essa obra como “[...] um trabalho que contenha um sistema inteiro de ideias relacionadas diretamente com a psicologia”. (Rubinstein, 1963 [1959], p. 253). Em específico, os manuscritos de Paris, segundo Rubinstein, têm como problema central o ser humano. No entanto, não mais um sujeito abstrato, mas, sim, concreto em sua relação de transformação consciente com o meio.

Ao longo de seu texto, Rubinstein apresentou três teses que se fazem presentes nos *Manuscritos econômico-filosóficos*. Podemos destacá-las como os três pilares que sustentam a psicologia soviética: 1) O reconhecimento da atividade prática e teórica na vida dos seres humanos; 2) O mundo dos objetos criados pela atividade humana condiciona o desenvolvimento dos sentidos, da consciência e da ciência psicológica e; 3) A psicologia humana e o psiquismo de forma geral são produtos[18] da história humana.

Sobre a primeira tese apresentada, Rubinstein afirmou que a ideia de atividade enquanto meio na formação dos processos psicológicos foi apropriada pelos psicólogos soviéticos, já no princípio dos anos de 1930[19]. Tratando-se das

[18] Em uma relação dialética são ao mesmo tempo produto e história em movimento.

[19] É importante frisar que embora essa tese já aparecesse na obra de 1934, analisada anteriormente, ela se complexificou e encontrou um vínculo de desenvolvimento dialético entre filosofia e psicologia,

obras de Marx, a atividade já aparece descrita em 1844, precisamente, no objeto de análise de Rubinstein, ou seja, nos *Manuscritos econômico-filosóficos*:

> O animal é imediatamente um com a sua atividade vital. Não se distingue dela. É *ela*. O homem faz da sua atividade vital mesma um objeto da sua vontade e da sua consciência. Ele tem atividade vital consciente. (Marx, 2010 [1844], p. 84 – *Grifos no original*).

A transformação promovida pela atividade do sujeito é submetida a sua vontade e necessidade. Concomitantemente, para Rubinstejn (1987), a atividade é sempre motivada pelo acúmulo de necessidades desenvolvidas ao longo da história humana. Entretanto, um dos fatores mais importantes da afirmação de Marx é que a atividade humana é sempre – ou quase sempre[20] – uma atividade consciente.

Posteriormente, um ano mais tarde, em 1845, Marx escreveu suas célebres *Teses sobre Feuerbach*, tendo como primeiro postulado:

> O principal defeito de todo materialismo até aqui (o de Feuerbach incluído) consiste no fato de que a coisa (*Gegenstand*) – a realidade, a sensualidade – apenas é compreendida sob a forma do *objeto* (*Objekt*) *ou da contemplação* (Anschauung); mas não na condição de *atividade humana sensível*, de *práxis*, não subjetivamente. (MARX, 2007 [1845], p. 26 – *Grifos no original*).

Rubinstein enfatizou a necessidade de se compreender a atividade, do mesmo modo que é entendida por Marx: enquanto atividade prática e teórica, ou seja, enquanto *práxis.* É fato que posteriormente a definição de atividade se complexificou na psicologia soviética, tal como na própria obra de Marx. Em sua obra máxima, encontra-se:

> O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural [*Naturmacht*]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeças e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências que nela jazem latentes e submete o jogo de suas forças ao seu próprio domínio. (Marx, 2013 [1867], p. 255 – *Grifos no original*).

---

nos *Princípios de Psicologia geral,* de 1940. Em 1959, a profundidade dessa obra impõe a necessidade de apresentar os caminhos filosóficos feitos por Rubinstein, demonstrando os vínculos entre conhecimento filosófico e psicológico, presente nas obras de Marx, Engels e Lenin.

[20] Aqui vale uma pequena nota sobre os aspectos conscientes da atividade. Rubinstein, ao longo de seus *Princípios de psicologia geral*, apresentou aspectos inconscientes da atividade humana. Em resumo, pode-se apresentar o inconsciente na atividade quando o sujeito não compreende os motivos e as finalidades presentes nesta totalidade. Além disso, o inconsciente para Rubinstein reflete-se numa vivência sem o conhecimento, ou ainda, o contrário, o conhecimento teórico sem uma experiência prática, ou seja, na não contemplação da *práxis*. (Rubinstein, 1977 [1945]).

A categoria de atividade, apropriada pelos soviéticos, foi de extrema importância para o desenvolvimento dessa ciência. É por meio da atividade que o sujeito desenvolve sua consciência e personalidade, ao mesmo tempo em que, nela, ambas se objetivam. Foi, sem embargo, nas mãos dos teóricos soviéticos que a categoria de atividade se desenvolveu, sendo dividida em diferentes tipos, como, por exemplo, o trabalho, o jogo e o estudo. (Rubinstein, 1967 [1945]). No entanto, é válido lembrar que a atividade não é uma relação abstrata do sujeito com o meio. Pelo contrário, é uma relação concreta de transformação do meio e, ao mesmo tempo, de si próprio, ou seja, uma apropriação da natureza que foi humanizada pela produção (Marx, 2008 [1859]). Portanto, os produtos objetivados pela atividade começam a afetar o próprio processo de atividade, tendo destaque a segunda tese apresentada por Rubinstein: Os objetos criados pela atividade humana condicionam o desenvolvimento dos sentidos, da consciência e da ciência psicológica. Em uma relação dialética, a atividade desenvolve a consciência e a personalidade, que, por sua vez, começam a orientar e regular o desenrolar da própria atividade. Essa noção se encontra explicitada e organizada no marxismo, já em 1859, no livro *Contribuição à crítica da economia política*. Nele, Marx escreveu que:

> O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência. (Marx, 2008 [1859], p. 47).

A atividade humana, além de não ser uma atividade pura, constitui a dialética entre sujeito e objeto. Deve-se recordar que os meios de produção criam as condições reais e concretas para o desenvolvimento dos sujeitos nesta sociedade. Tratando-se de uma sociedade de classes em seu molde burguês, constata-se que

> [...] por intermédio do dinheiro consigo *tudo* o que o coração humano deseja, não possuo, eu, todas as capacidades humanas? Meu dinheiro não transforma, portanto, todas as minhas incapacidades (*Unvermögen*) no seu contrário? (Marx, 2010 [1844], p. 159).

Entretanto, os soviéticos escreveram em um momento histórico distinto, no qual as condições econômicas, materiais e sociais para o desenvolvimento e emancipação humana haviam sido criadas[21]. Assim, os modos de produção afetam

[21] Destaco aqui a importância da defectologia soviética desde os anos de 1920, contribuindo para o desenvolvimento de vários sujeitos, anteriormente, tidos como incapazes em sua educação, por diversas condições orgânicas ou genéticas. A educação soviética, junto com a psicologia, possibilitou a humanização de sujeitos como Olga Ivanovna Skorokhodova (1911-1982), Natalia Nikolaevna Krylatov Kornéiva (1949-), Aleksandr Vasilyevich Suvórov (1953-), Iuri Mikhailovich Lerner (1946-2016), entre muitos outros sujeitos que foram educados, chegando ao ensino superior, e recebendo

diretamente a atividade do sujeito no meio social, tal como sua consciência e desenvolvimento da personalidade, diretamente, por estar mediada e motivada pelo dinheiro. A relação com o dinheiro, sem embargo, começa a transformar a própria atividade do sujeito.

A atividade humana objetiva novos produtos no mundo, no meio social, estabelecendo com eles uma relação dialética. No momento que tais produtos são objetivados, encarnados e cristalizados na sociedade, passam a orientar a própria atividade. Conquanto, mais do que isso, afetam diretamente o desenvolvimento da consciência, da personalidade e dos processos psicológicos do sujeito. Marx, em 1844, salientou que:

> Por outro lado, subjetivamente apreendido: assim como a música desperta primeiramente o sentido musical do homem, assim como para o ouvido não musical a mais bela música não tem *nenhum* sentido, é nenhum objeto, porque o meu objeto só pode ser a confirmação de uma das minhas forças essenciais, portanto, só pode ser para mim da maneira como a minha força essencial é para si como capacidade subjetiva, porque o sentido de um objeto para mim (só tem sentido para um sentido que lhe corresponda) vai precisamente tão longe quanto vai o *meu* sentido, por causa disso é que os *sentidos* do homem social são sentidos *outros* que não os do não social; [é] apenas pela riqueza objetivamente desdobrada da essência humana que a riqueza da sensibilidade *humana* subjetiva, que um ouvido musical, um olho para a beleza da forma, em suma as fruições humanas todas se tornam *sentidos* capazes, sentidos que se confirmam como forças essenciais *humanas*, em parte recém- cultivados, em parte recém-engendrados. Pois não só os cinco sentidos, mas também os chamados sentidos espirituais, os sentidos práticos (vontade, amor etc.), numa palavra o sentido *humano,* a humanidade dos sentidos, vem a ser primeiramente pela existência do *seu* objeto, pela natureza *humanizada*. (Marx, 2010 [1844], p. 110 – *Grifos no original*).

A atividade, não se constituindo como pura, é afetada constantemente por produtos objetivados pelo próprio sujeito. O som e a imagem são sempre significados pelo meio social. Marx, em 1844, já afirmava que os processos psicológicos[22] são estritamente sociais, ou seja, não existe ouvido humano, olho humano, que não tenha sido humanizado, constituído pelos diversos significados sociais. Com mais este elemento da atividade, afirmo que a riqueza na obra dos soviéticos não reside apenas no fato de que, filosoficamente, eles buscaram subsídios na teoria social de Marx. Ou ainda, tal como menciona Shuare (2016

---

seus respectivos doutoramentos nas mais variadas áreas do saber humano. (Skorokhadova, 1972; Leóntiev et al, 1976). Portanto, o dinheiro não era o principal mediador desta sociedade.

[22] Apesar de Marx, em 1844, utilizar a denominação de sentidos, posteriormente, no século XX, esses mesmos objetos ganham a denominação de funções psicológicas com os teóricos soviéticos. Ao mesmo tempo, é importante realçar que nos referimos aos processos que se complexificam no decorrer do desenvolvimento, ou seja, que somente podem existir no conjunto das relações humanas. Não nos referimos as funções em seu sentido básico e fisiológico.

[1990]), de que nenhuma outra abordagem psicológica se valeu tanto da filosofia quanto a teoria soviética. Mas, a principal conquista desta abordagem, é que se valendo do marxismo-leninismo, encontrou nas transformações dos meios de produção, as devidas condições para uma modificação qualitativa da humanização dos sujeitos, permitindo o desenvolvimento daqueles que, no capitalismo do século XX, eram desenhados e lançados à própria sorte. Assim, os soviéticos foram os primeiros que negaram a determinação de que o dinheiro transformaria tudo em seu próprio contrário.

Porém, retomando as teses apresentadas por Rubinstein, finalizo afirmando que tudo está cravado na história, sejam os meios de produção, ou os sujeitos presentes nele. Todo o psiquismo, tal como a psicologia, é produto da história. Ou ainda, como expressa Smirnov (1978): a história está presente em todos os seres humanos. De um modo, ou de outro, os acontecimentos históricos impactam a vida e o desenvolvimento da consciência e personalidade dos indivíduos. Sobre a história:

> O primeiro pressuposto de toda a história humana é, naturalmente, a existência de indivíduos humanos vivos. [[Riscado no manuscrito: O primeiro ato *histórico* desses indivíduos, através do qual eles se diferenciam dos animais, não é o fato de eles pensarem, mas sim o de eles começarem a *produzir seus víveres*. (Marx; Engels, 2007 [1845-1846], 41-42 – Grifos no original).

É curioso o fato de que para os sujeitos agirem no mundo, modificando-o, transformando-o, é preciso, antes, que sejam criadas as devidas condições materiais. Assim, a produção dos víveres, ou seja, das condições históricas de existência e subsistência, garantem a possibilidade da atividade do sujeito no mundo, ou seja, não é uma relação quimérica. As ações dos indivíduos no mundo, de modo coletivo, permeiam as condições de existência e subsistência do ser social, humanizando sua própria natureza. A consciência é, portanto, consciência de seu tempo. Os processos psicológicos modificam-se nas mudanças estruturais, materiais e históricas das sociedades.

Ao situar o psiquismo dos seres humanos na história, a psicologia soviética abriu a possibilidade de se entender os aspectos inerentes ao psíquico como processos, não mais como produtos, tal como era tradição em outras correntes teóricas. Friedrich Engels em seu livro *Ludwing Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, escreveu:

> A segunda limitação específica dêsse materialismo estava em sua incapacidade de conceber o mundo como um processo, como algo sujeito a desenvolvimento histórico. Isto correspondia ao estágio das ciências naturais na época e à maneira metafísica, isto é, antidialética, de filosofar, relacionada a êle. (Engels, 1962 [1886], p. 104).

É possível reescrever a frase de Engels, tal como: A grande limitação da ciência psicológica do princípio do século XX estava em sua incapacidade de conceber o psiquismo como um processo, ou seja, como algo sujeito às transformações históricas. Shuare (2016), afirmou que um dos grandes feitos de Vigotski foi inserir o psiquismo na história. Todavia, foi um feito de toda a ciência soviética, tal como compreender o mundo psíquico como devir.

Porém, considero mais emblemática ainda a passagem de Marx em seu livro *Contribuição à crítica da economia política*. O autor escreveu:

> Um homem não pode voltar a ser criança sem retornar à infância. Mas não se satisfaz com a ingenuidade da criança e não deve aspirar a reproduzir, em um nível mais elevado, a sinceridade da criança? Não revive na natureza infantil o caráter próprio de cada época em sua verdade natural? Por que a infância social da humanidade, no mais belo de seu florescimento, não deveria exercer uma eterna atração, como uma fase desaparecida para sempre? Há meninos mal-educados e meninos envelhecidos. Muitas nações antigas pertencem a essa categoria. Os gregos eram meninos normais. O encanto que encontramos em sua arte não está em contradição com o caráter primitivo da sociedade em que essa arte se desenvolveu. É, ao contrário, sua produção; poder-se-ia dizer melhor que se acha indissoluvelmente ligada ao fato de que as condições sociais imperfeitas em que nasceu e nas quais forçosamente tinha que nascer não poderiam retornar nunca mais. (Marx, 2008 [1859], p. 271-272).

Ao entender que o encanto da arte grega não pode se contradizer com seus meios de produção, vale afirmar que as bases materiais criam as devidas condições para o estabelecimento da atividade, constituição da consciência e produção constante da personalidade. Assim, quando escrevo sobre o psiquismo, é necessário evidenciar que ele é afetado pelo processo histórico, condição que permite analisá-lo nos múltiplos processos de avanços e retrocessos, produzidos pelos fatos e circunstâncias concretas da história. Sem embargo, é importante acentuar que o psiquismo está sempre condicionado pelos modos de produção.

Chegando ao fim de seu texto, Rubinstein destacou a importância de se compreender a utilização dialética das obras de Marx na psicologia. O autor escreveu:

> Estas considerações e, em geral, a análise dos manuscritos de Paris, mostram mais uma vez, o quanto pode se extrair das obras de Marx – entre elas este trabalho de seus primeiros tempos – para a psicologia, e ao mesmo tempo, quantos poucos problemas pode resolver a ciência em geral

> e a psicologia em particular com a utilização cega e mecânica das citações (Rubinstein, 1963 [1959], p. 278).

Não foi citando Marx, Engels e Lenin que os soviéticos estruturaram um sistema psicológico marxista-leninista. Rubinstein, inclusive, criticou a utilização cega e mecânica das citações de autores marxistas na psicologia. O matrimônio entre marxismo e psicologia, na União Soviética, ocorreu em meio a apropriação da visão de mundo de Marx, trabalho que durou décadas, e perdura até os dias de hoje nas discussões psicológicas. Portanto, para Rubinstein, a psicologia deveria se tornar uma ciência marxista-leninista. Suas bases filosóficas estão em concordância com os trabalhos de Marx, Engels e Lenin. Assim, baseando-me na obras de Rubinstein apresentadas acima, afirmo que o uso dessa teoria sem suas bases epistêmicas conduz a uma utilização cega e mecânica de citações, permitindo apenas a reprodução imediata de conceitos utilizados pelos psicólogos soviéticos, limitando a atividade como reprodutiva, e não criadora. O conhecimento filosófico não possui somente caráter inicial nos trabalhos científicos da psicologia, ou seja, não é apenas aquilo que fundamenta o conhecimento. Está presente na condução das investigações científicas, no estabelecimento de um procedimento metodológico e, sobretudo, no modo que são analisados os resultados obtidos na produção teórica[23].

Partindo de Rubinstein, é necessário reafirmar que a psicologia soviética, histórico-cultural, ou sócio-histórica, se desenvolveu valendo-se da filosofia marxista-leninista. Rejeitar suas bases filosóficas significa transformar essa teoria em seu próprio contrário, em outra abordagem psicológica que satisfaz as necessidades de uma sociedade de classes em seu molde burguês. Contradizendo, todavia, sua origem filosófica, histórica e material, a utilização das ideias de psicólogos soviéticos sem sua identificação epistemológica é nada mais do que a própria incompreensão de sua essência teórica, ou seja, a não apropriação da psicologia soviética. Não obstante, para além de Rubinstein, pretendo demonstrar como o marxismo aparece na história da psicologia soviética ao longo do século XX, destacando sua origem revolucionária.

[23] É impossível uma apropriação do conhecimento teórico dos psicólogos soviéticos sem: 1) Entender que vivemos sob outras condições materiais, históricas e sociais; 2) Ao mesmo tempo, não se pode negar a necessidade de uma psicologia que paute uma discussão classista e atuações populares em prol da classe trabalhadora, e; 3) A visão de mundo não pode ser ignorada.

Porém, antes dessa discussão histórica, é válido apresentar as análises de Vigotski (1999 [1927]), em seu texto: *O significado histórico da crise da Psicologia, Uma Investigação metodológica.* Destaco, de princípio, que Vigotski, ao expor o problema da psicologia no começo do século XX, salientou a necessidade de demarcar uma saída da crise, defendendo a objetivação de uma psicologia geral. Em suas palavras afirmou que "[...] a psicologia está grávida de uma disciplina geral, mas ainda não deu à luz" (p. 212). Tal como Rubinstein (1983 [1934]; 1963 [1959]), Vigotski propunha a elaboração de fundamentações gerais para a ciência psicológica.

A necessidade de uma ciência que expressasse o geral estava posta desde o princípio do século XX. Analisando as principais vertentes, como a psicanálise, o behaviorismo e a psicologia introspectiva, Vigotski concluiu que todos esses sistemas psicológicos se valiam de conceitos e fatos diferentes em suas teorizações (Vigotski, 1999 [1927]). Mesclar diversas teorias não produz um resultado correto, na verdade, apenas contradiz todo o trabalho psicológico. A contradição surge na utilização cega e mecânica de diferentes compreensões de mundo, ou seja, de cosmovisões que são distintas no modo de se interpretar os resultados de pesquisa, ou a intervenção realizada na prática. Além disso, Vigotski (1999 [1927], p. 252-253) escreveu que:

> As tentativas ecléticas de conjugar elementos heterogêneos, de natureza distinta e de diferentes origens científicas, carecem desse caráter sistemático, dessa sensação de estilo, dessa conexão entre nexos que proporciona o submetimento das teses particulares a uma única idéia que ocupa um lugar central no sistema de que faz parte. Tais são, por exemplo, as sínteses do behaviorismo e da psicologia freudiana nas publicações norte-americanas; o freudismo sem Freud dos sistemas de A. Adler e C. Jung; o freudismo reflexológico de Békhterev e A. B Zalkind e, finalmente, as tentativas de unir a psicologia freudiana e o marxismo (A. R. Luria, 1925; B. D. Fridman, 1925) [...] É isso o que fazem os ecléticos: respondem à pergunta formulada pela filosofia marxista com o que lhes sugere a metapsicologia freudiana.

Apesar de ser um texto escrito há quase um século, Vigotski sintetizou vários problemas sobre unir mecanicamente diversas teorias psicológicas. O principal problema dessa soma teórica se relaciona com a compreensão de mundo presente nas diferentes teorias. Enquanto uma crê nas leis que regem o comportamento, outra está edificada no édipo e na teoria da sexualidade. Por fim, a psicologia que pretende ser marxista é sustentada pela luta classes e pelo desenvolvimento de uma

psicologia classista, ou seja, na criação de uma ciência que defenda os interesses da classe trabalhadora (Kornilov, 1930; Lénine, 1977 [1922]).

Todas as teorias citadas por Vigotski – e até as não anunciadas – possuem em sua essência visões de mundo, epistemologias, diferentes. Juntas, não produzem uma nova síntese, mas uma miscelânea de afirmações, dados e resultados que se contradizem em suas bases filosóficas. Esse não é o caminho de uma psicologia que pretende ser marxista, pois a teoria social de Marx não pensa o desenvolvimento científico a partir de somas mecânicas, e sim de sínteses dialéticas. Lenin (2001 [1913]) afirmava que o marxismo era harmonioso em sua composição teórica. A harmonia não era resultado de uma soma mecânica, ou uma concordância com todos os outros sistemas filosóficos, econômicos e ideológicos que havia em seu tempo. A harmonia vinha da continuidade que conseguiu dar às principais ideias presentes no século XIX, mantendo sempre sua compreensão materialista, histórica e dialética. Lenin denominou essa harmonia da teoria de Marx como as três fontes e as três partes constitutivas do marxismo, precisamente a filosofia clássica alemã, a economia política inglesa e o socialismo francês. A psicologia que pretende ser marxista, ou ainda, trabalhar com os princípios estabelecidos pelos soviéticos, necessita urgentemente retomar a lógica de Marx em seus trabalhos, algo feito tanto por Rubinstein, quanto por Vigotski na elaboração de seus fundamentos teóricos. O rompimento com o ecletismo teórico é necessário, pois:

> Se esse primeiro procedimento de importação de ideias alheias de uma escola para outra lembra a anexação de um território alheio [...] através de um procedimento elementar eliminam-se contradições grosseiras, bruscas, que saltam à vista, excluindo-as simplesmente do sistema, considerando-as exageradas [...] é possível aceitar um sistema sem seu centro? Porque a psicologia freudiana sem o postulado da natureza sexual do inconsciente é o mesmo que o cristianismo sem Cristo ou o budismo sem Alá (Vigotski, 1999 [1927], p. 256-257).

Parafraseando a citação, reitero que a psicologia histórico-cultural, ou sócio-histórica, que se derivou dos teóricos soviéticos, sem os fundamentos marxistas, corresponde exatamente a este fato que escreveu Vigotski. Não existe teoria psicológica sem seus fundamentos filosóficos. Portanto, crer que o ecletismo é a solução para a resolução de parte dos problemas atuais da psicologia histórico-cultural é negar as análises feitas há 100 anos por um de seus idealizadores.

É importante destacar que quando Vigotski escreveu esse material, a psicologia soviética ainda buscava uma síntese entre marxismo e ciência

psicológica. No entanto, desde o princípio do desenvolvimento de seus trabalhos, Vigotski compreendia que o ecletismo não seria uma saída, tampouco uma solução na objetivação de princípios gerais de uma psicologia que pretendesse ser marxista, pois

> [...] essas tentativas conduzem a fechar os olhos para fatos contraditórios, levam a não prestar atenção a amplíssimas áreas, a princípios capitais, introduzem monstruosas tergiversações nos dois sistemas que procuram unir. (Vigotski, 1999 [1927], p. 258).

Entretanto, as contradições epistemológicas e teóricas são ignoradas nos resultados práticos dos trabalhos ecléticos. Não importa a interpretação dos resultados, pois o que interessa são dados, números e quantidades. Neste sentido, para Vigotski, não é se baseando em diferentes nomes importantes na ciência que se resolverá os problemas centrais da psicologia. É necessário "[...] não mais considerar iguais os métodos de todas as ciências, mas crer que a estrutura de todas as ciências é a mesma". (Vigotski, 1999 [1927], p. 263).

A defesa de Vigotski contra o ecletismo, ao mesmo tempo, vai ao encontro da adoção de terminologias próprias para a ciência psicológica. O autor acreditava que a psicologia necessitava desenvolver sua própria linguagem científica, evitando a reprodução de conceitos contidos em outras ciências. Embora a psicologia soviética não tenha conseguido desenvolver sua própria linguagem, parte significativa de seus conceitos são emprestados da teoria social de Marx. O maior exemplo dessa afirmação encontra-se na categoria de atividade. O entendimento dos soviéticos sobre a atividade é o mesmo de Marx (2013 [1867]), ou seja, um processo entre o sujeito e a natureza, uma relação de transformação. Assim como a compreensão de consciência, reflexão psíquica, personalidade, entre outros, são interpretados a partir de uma perspectiva marxista-leninista. Compreender atividade, consciência, personalidade, reflexão psíquica etc., sobre outra ótica, significa, ao mesmo tempo, negar e contradizer o próprio trabalho teórico. A concepção de consciência para Marx é distinta das explicações de teóricos pós-modernos, ou ainda, irracionalistas, por exemplo. Como afirmou Vigotski (1999 [1927], p. 300): "Para quem não tem um ponto de vista próprio sobre as coisas e aceita tanto Spinoza quanto Husserl, tanto Marx quanto Platão, considerar a substituição de um termo como algo essencial é uma vã pretensão". No entanto, a substituição do marxismo, na psicologia histórico-cultural/sócio-histórica, por outra base epistemológica, é qualquer outra coisa, menos a psicologia criada por Vigotski, Rubinstein, Leontiev, Luria e outros

soviéticos de diferentes gerações. E isso é um fato, não apenas uma defesa, pois, como salientou Vigotski, uma “[...] revolução arranca sempre das coisas os nomes velhos, tanto em política quanto em ciência”. (p. 301). O mérito dos soviéticos é encontrado na revolução do modo de se compreender a psicologia. Para eles, não se faz lógico a união mecânica da psicanálise com o marxismo, do behaviorismo com o marxismo, do introspeccionismo com o marxismo, ou ainda, como é visto na contemporaneidade, a teoria de Vigotski com Foucault (Kontopodis; Mascia, 2010). Ou seja, como lembrou Lomov (1978), “os anos de 1920, no entanto, foram apenas o início da luta para dar a psicologia uma base sólida na teoria marxista-leninista” (p. 71). Sem embargo, para os soviéticos, a criação dessa nova psicologia passou pelo desenvolvimento de uma base epistêmica sólida e coerente com os objetivos daquela nova sociedade.

Esse fato não se constitui como uma implicância ou conservadorismo científico. É entender, assim como Engels (1962 [1886]), que o mundo é um processo, sujeito a seu desenvolvimento histórico. A ciência segue essa mesma lógica, ou seja, transforma-se, modifica-se, no entanto, não perde seu caráter ideológico em uma sociedade de classes. Portanto, a palavra, o conceito, a ideia etc., carrega em si determinações e tendências das diferentes visões de mundo existentes na filosofia. Neste sentido, unir duas visões de mundo distintas, não produz uma nova síntese. Essa é uma leitura mecânica da dialética. Por exemplo, Shuare (2016) afirmou que Kornilov uniu duas tendências que se contradiziam. Acreditou ter encontrado a resolução entre objetivo e subjetivo, chamando sua abordagem de reatologia. Somado a isso, inseriu algumas citações de Marx, julgando ter criado uma psicologia marxista. (Kornilov, 1930; Giannoni, 2018) e, de modo mecânico, desenvolveu um pensamento que supunha a psicologia objetiva como uma tese, a psicologia subjetiva como uma antítese e, por fim, a psicologia marxista como a síntese entre essas duas vertentes. Conquanto, sua síntese foi um matrimônio não bem-sucedido entre essas duas tendências, pois não identificou que, ao trabalhar ao mesmo tempo com a psicologia objetiva e subjetiva, operava com conceitos e categorias idealistas e positivistas, negando seu próprio trabalho. Por esse motivo, a reatologia de Kornilov foi abandonada já no princípio da década de 1930. Podemos afirmar que esse é um erro que se conserva, ainda hoje, na própria produção científica, mesclando diferentes epistemologias de modo acrítico e a-histórico. Porém, como lembra Japiassu (1934, p. 23): “ [...] da epistemologia

sabemos muito sobre aquilo que ela não é, e pouco sobre aquilo que é [...]". Existe, assim, uma necessidade imensa em nossa ciência sobre discussões epistêmicas.

Dando continuidade a suas análises, Vigotski assumiu um posicionamento muito próximo ao de Rubinstein. O autor defendeu que a psicologia marxista ainda estava em processo de desenvolvimento, e, nesse sentido, não seria buscando nos clássicos do marxismo-leninismo que se encontrariam respostas metodológicas para essa nova tendência que surgia no princípio do século XX. Destarte, Rubinstein (1963 [1959]) havia defendido que a psicologia marxista enquanto ciência deveria se valer da investigação criadora para sua objetivação. Ou seja, as obras de Marx, Engels, Lenin e outros marxistas, deveriam servir como um conjunto epistêmico para a constituição de uma psicologia marxista. Vigotski (1999 [1927]) ainda afirmou que a ciência psicológica marxista

> [...] está se formando diante de nossos olhos. A análise dela é difícil, porque não dispõe ainda de sua metodologia e procura encontrá-la já terminada buscando-a em expressões causais dos fundadores do marxismo. Mas querer encontrar em obras alheias uma fórmula terminada da psique passaria a significar exigir "a ciência antes da própria ciência". Podemos dizer sobre essas tentativas que a heterogeneidade do material, sua incoerência, a variação que sofre o significado da frase fora do contexto, o caráter polêmico da maioria das opiniões – exatas somente na negação dos pensamentos falsos, mas vazias e genéricas no sentido da definição positiva das tarefas – não permitem de modo algum esperar desses trabalhos outas coisa além de um monte de citações mais ou menos casuais e sua interpretação escolástica (Grifos no original).

Assim como Vigotski, Rubinstein (1963 [1959]), acreditava que não era na interpretação escolástica do marxismo que se objetivaria a psicologia marxista. Ambos tinham o conhecimento e domínio da lógica de Marx. Compreendiam que Marx, Engels e Lenin não tinham o objetivo de desenvolver uma concepção psicológica. Portanto, aquilo que eles oferecem para a psicologia é um método, ou ainda, como escreveu Lenin (2011 [1914]), a lógica de *O Capital*. Tanto Vigotski quanto Rubinstein sabiam que a psicologia tinha um imenso caminho para a objetivação de uma teoria marxista-leninista, por isso deveriam evitar a citação mecânica, desconexa, e descontextualizada dos clássicos, afastando, assim, contradições históricas.

A psicologia marxista não surgiria de publicações manualescas. Vigotski realizou essa afirmação no fim da década de 1920. No entanto, o caminho percorrido pela psicologia soviética, foi erigido sobre avanços e retrocessos (Giannoni, 2018). Se no começo do decênio posterior haveria um imenso

desenvolvimento dialético dessa ciência, nas décadas seguintes ocorreria o retorno das publicações manualescas, precisamente envolvendo o marxismo, a pedagogia e, sobretudo, a psicologia. Ou seja,

> [...] não só se aplica o marxismo onde não é preciso (em manuais, em vez de na psicologia geral), como não se extrai dele o que é preciso. O que é preciso não são opiniões exatas, mas um método: e não o materialismo dialético, mas o materialismo histórico. O *capital* deve nos ensinar muito, porque a verdadeira psicologia social começa *depois* de *O capital* e, no entanto, a psicologia é hoje uma psicologia anterior a *O capital* (Vigotski, 1999 [1927], p. 395).

Coincide-se – ou não - que Vigotski e Rubinstein (1983 [1934], 1963 [1959]) estão muito próximos em suas análises acerca do desenvolvimento de uma psicologia de base marxista. Ambos tinham a certeza de que não seria na citação indiscriminada dos clássicos que seria possível objetivar uma nova ciência. Rubinstein destacou a investigação criadora como a única capaz de se apropriar de um método, de encontrar, a partir da lógica de Marx, caminhos para se concretizar conceitos e categorias fundamentais como Atividade, Consciência, Personalidade, *Perejivanie* etc. Vigotski, por sua vez, valendo-se desse mesmo princípio, apresentou o método como fundamental na estruturação dessa nova psicologia. Não obstante, afirmou que a psicologia social teve seu início após o capital, porém, de modo dialético, era anterior a ele mesmo, precisamente pela falta de seus próprios conceitos, categorias e métodos.

Encaminhando-se para o fim de suas análises, Vigotski enfatizou o cuidado em denominar essa nova vertente como psicologia marxista. Para ele, assim como para Rubinstein (1963 [1959), a ciência psicológica marxista ainda não existiria naquele tempo. Sendo, portanto, uma tarefa histórica, mas, sobretudo,

> [...] a psicologia marxista não é uma escola entre outras, mas a única psicologia verdadeira como ciência; outra psicologia afora ela, não pode existir. E pelo contrário: *tudo* que já existiu e existe de verdadeiramente científico na psicologia faz parte da psicologia marxista: esse conceito é mais amplo que o de escola e inclusive o de corrente [...] (Vigotski, 1999 [1927], p. 415).

A psicologia chamada de soviética por Rubinstein (1963 [1959], 1983 [1934]) foi uma tentativa de rompimento da lógica de escolas, tendências, abordagens, vertentes etc., criada ao longo do século XX na ciência psicológica. Vigotski não viu seu texto ser publicado em vida, tampouco conseguiu acompanhar a história da psicologia em seu país, após a segunda metade da década de 1930. No entanto, suas análises são determinantes para afirmar que aquilo que conhecemos hoje

como psicologia histórico-cultural/sócio-histórica é, na verdade, uma proposta marxista desde suas mais remotas origens. As análises de Vigotski (1999 [1927]) e de Rubinstein (1983 [1934], 1963 [1959]) romperam, sem embargo, com a ideia de que citar Marx transformaria a ciência psicológica em marxista. Além disso, outro rompimento é relacionado a ideia de tendência e escola. Ambos realizam uma análise, propondo a objetivação de uma teoria geral, ou ainda, como afirmou Vigotski, buscando criar seu *O capital*.

Entretanto, é válido salientar que a história não é linear. Apesar de Vigotski ter escrito esse texto em 1927, muitos fatos ainda deveriam ocorrer para a objetivação e institucionalização de uma psicologia de base marxista na União Soviética. Rubinstein, por sua vez, cumpriu um papel fundamental na organização de uma psicologia que seguisse esses preceitos. Porém, antes dessa análise, é importante destacar as contribuições de Kornilov nos debates de uma ciência psicológica baseada na teoria de Marx.

1.1 Marxismo e Psicologia na História da Psicologia Soviética: Uma síntese sobre o fim da década de 1920

No começo da década de 1930 surge um livro de colaboração internacional, denominado: *Psicologias de 1930*. Editado pelo psicólogo estadunidense Carl Allanmore Murchison (1887-1961), o material continha uma série de ideias, teorias e teses das mais variadas vertentes existentes na psicologia do princípio do século XX, contemplando os principais avanços da década anterior. Na contemplação dos estudos russos encontramos três diferentes capítulos: 1) *Um breve esboço sobre a atividade nervosa superior*, de Ivan Petrovich Pavlov (1849 -1936); 2) *A escola reflexológica de Bekhterev*, de Alexander Lvovitch Schniermann (1899-1960); e 3) *A psicologia a luz do materialismo dialético*, de Konstantin Nikolaevich Kornilov (1879-1957).

Neste sentido, pretendo apresentar o material de Kornilov, no intuito de encontrar possíveis contribuições para a defesa do marxismo como fundamentação filosófica da psicologia soviética. Apesar de Kornilov não avançar de modo significativo no problema entre marxismo e psicologia, é necessário tratar esse problema “[...] como determinados fatos da história da ciência. Ou seja, como acontecimentos concretos, historicamente vivos [...]” (Vigotski, 1999 [1927], p. 210).

Kornilov (1930), assim como Rubinstein, posiciona-se afirmando que a construção de uma psicologia marxista deve ocorrer sob os ensinamentos de Marx, Engels e Lenin. No entanto, apresentou também outro importante elemento da história do marxismo na Rússia: Georgi Valentinovitch Plekhanov (1856-1918). Assim, no início de seu texto, Kornilov principiou o que denominou como premissas metodológicas da psicologia.

Organizando seu capítulo, Kornilov afirmou que, por se tratar de um artigo, não apresentaria as discussões econômicas e sociais presentes na obra de Marx, em contraposição, se deteria no que chamou de materialismo dialético, ou seja, as bases filosóficas do marxismo. De modo extremamente significativo para a psicologia, Kornilov (1930) destacou o caminho filosófico percorrido por Marx e Engels. Segundo o autor, ambos abandonaram a filosofia hegeliana, identificando-se com o materialismo de Feuerbach, informação presente em Lenin (2001 [1913]) e Engels (1962 [1886]). Entretanto, o que importa aqui, não é o caminho biográfico/bibliográfico traçado por Marx e Engels, mas interessa que Kornilov, em seu artigo, embasa a psicologia na concepção materialista, histórica e dialética de Marx e Engels. Além disso, o autor ainda afirmou que o grande mérito de ambos foi a conservação/transformação da dialética de Hegel, na concepção materialista da história.

Kornilov apresentou as principais diferenças entre a concepção dialética de Hegel e de Marx, dando ênfase à seguinte citação:

> Meu método dialético, em seus fundamentos, não é apenas diferente do método hegeliano, mas exatamente seu oposto. Para Hegel, o processo de pensamento, que ele, sob o nome de Ideia, chega mesmo a transformar num sujeito autônomo, é o demiurgo do processo efetivo, o qual constitui apenas a manifestação externa do primeiro. Para mim, ao contrário, o ideal não é mais do que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem. (Marx, 2013 [1867], p. 90).

Para o marxismo, a realidade não é uma objetivação ideal, tampouco uma criação do discurso. O real é concreto, e se torna reflexão psíquica do sujeito. Assim, Kornilov (1930) apresentou uma importante noção em seu artigo: a realidade existe independente da vontade do sujeito, sendo anterior a própria consciência[24].

Outro ponto destacado por Kornilov, que coincide com as famosas teses sobre Feuerbach, de Marx, é que o papel da filosofia não seria apenas o de

[24] Pode parece besteira, no entanto, nos dias de hoje ainda existem concepções que colocam em xeque a existência da realidade. Netto (2011), evidenciou no começo de seu trabalho esse fato.

compreender o mundo, mas de transformá-lo. Ideia presente na décima primeira tese de Marx (2007 [1845]), na qual o autor escreveu: “os filósofos apenas interpretaram o mundo diferentemente, importa é *transformá-lo*. (p. 29 – Grifos no original). Essa noção se conservou na história da psicologia soviética, pois, desde seu princípio, seu objetivo era bem destacado: a transformação do ser humano socialista.

É curioso o fato de que Kornilov iniciou um debate filosófico ao longo de seu texto, sob a justificativa de comprovar sua teoria psicológica posteriormente. Em suas palavras: “Agora passaremos para a exposição sistemática dos principais princípios metodológicos do materialismo dialético, que serão necessários posteriormente para comprovar nossa teoria psicológica”. (Kornilov, 1930, p. 244). Kornilov defendeu a todo instante que fundamentos metodológicos e filosóficos são indispensáveis para toda e qualquer ciência, incluindo a psicologia.

Apesar de sua compreensão de que a psicologia deveria se constituir como uma ciência marxista, parece que seu entendimento sobre a teoria social de Marx é limitada e baseada numa espécie de etapismo. Isso se tornou mais evidente ao longo do texto, quando o autor começou a se valer do conceito de ciência positiva. Kornilov afirmou que a descrença nas concepções filosóficas ocorre, precisamente, pelo ceticismo científico, encontrado nos sistemas filosóficos metafísicos. Nesse sentido, o marxismo se oporia a esse ceticismo, sendo importante ferramenta na organização dessa ciência positiva (KORNILOV, 1930). Deparamo-nos, aqui, com o, assim chamado, marxismo positivista. Fato comum em toda a União Soviética após a Revolução de Outubro de 1917, característica presente nas primeiras gerações de psicólogos marxistas. Luria (1992 [1979]) afirmava que poucos tinham contato, acesso, ou ainda, domínio sobre o marxismo. Por isso, salientava que o maior conhecedor da obra de Marx do Instituto de Psicologia de Moscou era Vigotski.

Ao longo de sua apresentação metodológica e filosófica do marxismo, Kornilov (1930) destacou as contribuições de Lenin em seu livro *Materialismo e Empiriocriticismo*. Segundo o autor, em Lenin (1967 [1909]) encontra-se a defesa de que a matéria é primária, portanto anterior e independente da consciência. Kornilov ainda ponderou que a consciência, ou o psíquico, “[...] não é mais que uma das propriedades da matéria altamente organizada” (p. 247). Tal afirmação reaparecerá em toda a história posterior da psicologia soviética.

Kornilov, portanto, foi o primeiro psicólogo a defender a ideia de que a consciência e o psíquico são propriedades da matéria altamente organizada (SHUARE, 2016 [1990]). Sendo o próximo passo, dado por ele, o de afirmar que a consciência é uma reflexão do objeto, do ser, ou seja, da realidade objetiva. Entretanto, para o autor, a consciência não reflete o meio externo de modo casual, mas nas condições concretas que estão dadas no meio social (Kornilov, 1930). Ideia já destacada em Marx e Engels (2007 [1845-1846), p. 53): "[...] minha relação com meu ambiente é minha consciência". Neste sentido, Kornilov se distanciou de uma explicação abstrata[25] sobre a consciência. É ela, na verdade, a relação concreta do sujeito com o mundo.

Apesar de desenvolver suas ideias partindo do que denominou de método dialético, Kornilov (1930) trouxe ideias de grande importância para a psicologia soviética, por exemplo, pensando os elementos psicológicos como contrários. A personalidade, também, foi apresentada pelo autor como uma unidade de elementos contrários, e, ao mesmo tempo, como uma unidade dinâmica, sujeita a mudanças dialéticas. No entanto, apesar de ter avançado na ideia e no conceito de personalidade, que durante o fim do século XIX e começo do XX possuía uma compreensão estática, o autor se limitou a pensá-la – também – como uma unidade dos comportamentos inatos e adquiridos. Neste sentido, quando se escreve sobre personalidade, deve-se evidenciar uma pessoa real, concreta e de carne e osso, ou seja, um organismo biológico, todavia, ao mesmo tempo, um sujeito humanizado, dominante de sua conduta, de modo consciente. Assim, ao se tornar personalidade, a pessoa converte seu comportamento de instintivo em consciente (Rubinstein, 1977 [1945]).

Outro avanço que destaco no texto de Kornilov (1930) é na concepção da dialética entre consciente e inconsciente. Para o autor, é uma comprovação do que denominou como segunda lei da dialética: a lei da penetração mútua dos opostos[26]. Nesta temática, tanto Vigotski (1999 [1926-27]) quanto Rubinstein (1968 [1957]) apresentariam a ideia de Kornilov, destacando a existência de uma transição entre a consciência e o inconsciente.

---

[25] Apesar desse distanciamento, Kornilov, não conseguiu romper com a lógica positivista e comportamentalista em sua teoria, não elegendo a consciência como objeto de investigação da psicologia

[26] Traduzi tal como escrito em Kornilov. Em outros materiais, por exemplo, Llanos (1988), aparece sob o nome de: a lei da unidade e luta de contrários.

Todavia, a ideia mais característica de uma mudança epistêmica presente na psicologia foi expressa na seguinte tese:

> Correspondendo plenamente à lei da interpenetração dos opostos, também estão aquelas formas de comportamento humano que são caracterizadas pela inibição e excitação, irradiação e concentração, tensão e relaxamento, e assim por diante. Dessa forma, todos os fatos mencionados acima, retirados da realidade psicológica, comprovam a veracidade da segunda lei dialética. (Kornilov, 1930, p. 258).

Apesar de apresentar termos fisiológicos em sua análise psicológica, Kornilov abriu a possibilidade para se pensar as contradições e dualidades presentes nas funções psicológicas superiores. Por exemplo, posteriormente isso reapareceu em Vigotski (1999b [1930]) como um processo extra e intrapsicológico. Por sua vez, Luria (1991 [1975]) apresentou o problema como atenção voluntária e involuntária. E, ao decorrer da história da psicologia soviética, as funções psicológicas superiores aparecem descritas em sua compreensão ativa e passiva, voluntária e involuntária etc. Em Kornilov, encontra-se uma expressão inicial do que se desenvolveria, ainda no decênio de 1930, com Vigotski, Luria, Leontiev, Rubinstein e entre muitos outros teóricos.

Outro ponto destacado por Kornilov (1930) diz respeito ao problema entre mente e corpo, ou seja, o dualismo psicofísico presente na psicologia. Para Kornilov, tanto as teorias denominadas como objetivistas quanto as subjetivistas não conseguiram avançar numa explicação psicológica, relacionando mente e corpo. Enquanto uma rejeita as questões inerentes ao psíquico, outra ignora o movimento e o comportamento. No entanto, para o autor, a psicologia "[...] deve ser uma unidade do subjetivo e do objetivo, uma teoria do comportamento de um indivíduo vivo, integral e concreto em condições sociais concretas". (p. 264). Assim como Rubinstein (1963 [1959]) e Vigotski (1999 [1926-27]), Kornilov acreditava que a psicologia deveria se desenvolver sob uma unidade do objetivo e do subjetivo, ao mesmo tempo, levando em consideração as condições concretas da pessoa real, fruto das determinações históricas, sociais e materiais (Marx, 2009 [1859]; 2011 [1852]). Apesar de desenvolver ideias próximas às de Vigotski e Rubinstein, Kornilov ainda acreditava que a psicologia era uma "[...] ciência do comportamento". (p. 265).

Outro aspecto teórico-metodológico, de capital importância, evidenciado por Kornilov, foi a relação entre psicologia e classes sociais. Avalio como a mais importante discussão do autor para os dias de hoje, precisamente pela intensificação da exploração do trabalho no capitalismo tardio. Para ele, a ciência psicológica que

se denominasse como marxista teria como dever o estudo das classes sociais. Segundo o autor: “[...] torna-se possível entender as tremendas diferenças no comportamento das pessoas, que são determinadas pela classe à qual pertencem” (Kornilov, 1930, p. 267). A psicologia soviética, em sua origem, é uma ciência da classe trabalhadora. Por exemplo, Smirnov (1968) relatou que no princípio do desenvolvimento da psicologia soviética, as classes sociais eram temas centrais nos trabalhos teóricos dessa ciência. Assim, o que se desenrolou, posteriormente, no Brasil, sob o nome de sócio-histórica e histórico-cultural, nasceu também das discussões de classe trazidas por Kornilov. Essa é uma determinação histórica.

Apesar de Kornilov ter avançado em vários aspectos de uma síntese entre marxismo e psicologia, foi no entendimento da consciência que restringiu o conhecimento psicológico a uma ciência adaptacionista. A consciência, para Rubinstein (1963 [1959]), regula a atividade do sujeito no mundo que vive, oferecendo condições para que o indivíduo o transforme a partir de suas necessidades e motivações. No entanto, para Kornilov (1930), a consciência possui meramente uma “[...] função adaptativa no comportamento do homem” (p. 267). Para defender seu argumento, o autor apresentou a seguinte passagem de Marx:

> Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e uma abelha envergonha muitos arquitetos com a estrutura de sua colmeia. Porém, o que desde o início distingue o pior arquiteto da melhor abelha é o fato de que o primeiro tem a colmeia em sua mente antes de construí-la com a cera. No final do processo de trabalho, chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalhador no início do processo, portanto, um resultado que já existia idealmente. Isso não significa que ele se limite a uma alteração da forma do elemento natural; ele realiza neste último, ao mesmo tempo, seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei, o tipo e o modo de sua atividade e ao qual ele tem de subordinar sua vontade (Marx, 2013 [1867], p. 256).

O arquiteto, diferente da abelha, não adapta seu comportamento por meio da consciência, mas o transforma a partir de sua atividade, regulada por meio da consciência. Apesar de envergonhado pelo inseto, o arquiteto tem a possibilidade de antecipar suas objetivações, transformando-as em novos produtos da atividade (Rubinstein, 1963 [1959]).

Aproximando-se cada vez mais de sua compreensão psicológica, Kornilov apresentou sua teoria a partir do que denominou como reações. Assim, “[...] do ponto de vista analítico, chamamos a psicologia de ‘reatologia’, ou seja, a ciência das reações do indivíduo”. (Kornilov, 1930, p. 268 – Grifos no original). Sem embargo, apesar de ter construído, no princípio de seu texto, argumentações sobre

a teoria social de Marx, apresentado as contribuições de Engels, Lenin, Plekhanov e Bukharin, Kornilov não avançou no desenvolvimento de uma teoria que sintetizasse as bases de Marx e a ciência psicológica. Não conseguiu romper com as teorias comportamentalistas, criando uma abordagem que unia mecanicamente o subjetivismo e o objetivismo (Luria, 1992 [1979]; Shuare, 2016 [1990]). Não obstante, insistiu na reação como a categoria que seria o elo entre subjetividade (consciência) e objetividade (comportamento). Em uma definição mais explicativa, Kornilov escreveu:

> Nós consideramos a concepção de reações como base para o estudo analítico da psicologia, e preferimos essa concepção à concepção puramente fisiológica, desprovida de todo conteúdo subjetivo, dos reflexos, com os quais apenas extremos reflexologistas e objetivistas operam, e à concepção psicológica estreita (separada de todo mecanismo objetivo) das emoções, na qual os subjetivistas trabalham. A concepção de reações nos parece mais aceitável, uma vez que ela inclui, junto aos elementos biológicos e quantitativos formais inerentes ao reflexo toda a riqueza do conteúdo qualitativo ideológico, estranho à concepção do reflexo (Kornilov, 1930, p. 268).

Kornilov ignorou o fato de que o princípio do desenvolvimento humano, isto é, as primeiras semanas de vida de um recém-nascido, é compreendido por meio de reflexos não-condicionados e condicionados (Mukhina, 1995 [1975]). Conjuntamente, desdenhou o papel das emoções, não levando em consideração que “[...] o afeto é o alfa e o ômega, o primeiro e último elo, o prólogo e o epilogo de todo o desenvolvimento psíquico” (Vygotski, 2012, p. 299). As emoções cumprem um papel significativo na apropriação do sujeito no mundo, pois “[...] o objecto reflectido nos fenómenos psíquicos afecta as necessidades e os interesses do indivíduo, pelo que lhe provoca uma determinada atitude emocional e volitiva [...] (Rubinstein, 1968 [1957], p. 10). Negar as bases fisiológicas, posteriormente negar os fundamentos psicológicos, não conduz a psicologia a uma teoria marxista. Portanto, na negação da negação de Kornilov, não encontramos uma nova afirmação. Kornilov desenvolveu uma espécie de tríade na psicologia, onde as reações seriam responsáveis por identificar aspectos objetivos e subjetivos simultaneamente.

Entretanto, a teoria de Kornilov não iria sobreviver à década de 1930. Já no princípio desse decênio, a reatologia foi considerada incapaz de erigir uma teoria marxista na psicologia. Kornilov, apesar de todas suas contribuições, pontualmente reunindo jovens pesquisadores que almejavam a criação de uma nova ciência, foi

deposto de seu cargo como diretor do Instituto de Psicologia de Moscou. Sobre a importância de Kornilov, Smirnov (1968, p. 23) escreveu:

> Isso, no entanto, não diminui a indiscutível importância histórica da luta de Kornilov pela construção da psicologia marxista na criação e desenvolvimento da psicologia soviética naquela época, assim como mais tarde.

Saliento, ainda, que Kornilov não apenas deve ser visto como um protocolo histórico na criação de uma ciência psicológica de base marxista, pois Smirnov (1968) recordou que foi ele o primeiro a introduzir a ideia na psicologia de que o cérebro deve ser entendido como responsável pela vida psíquica, sintetizando essa tese na determinação leninista em que o órgão é entendido como uma propriedade da matéria altamente organizada (Lenin, 1967 [1909]).

Em concordância com Smirnov, Payne (1969) destacou que os trabalhos de Kornilov foram de grande valia para o desenvolvimento futuro da psicologia soviética. O autor, que criticou em diversos momentos a compreensão dualista – ou ainda, idealista – de Kornilov, afirmou que o reatólogo foi o grande responsável pela crítica ao mecanicismo na ciência psicológica, durante a década de 1920. Conquanto, ao mesmo tempo, foi duramente criticado e acusado de mecanicismo em sua abordagem reatológica, insistindo numa espécie de aplicação da dialética no entendimento das reações humanas.

Assim se iniciava uma década marcada pelos avanços e retrocessos na história da psicologia soviética, sobretudo marcada pelo princípio da censura de diversos conceitos, ideias, teorias, teóricos, ou seja, da mecanização da dialética marxista. Destacar a presença do marxismo na psicologia dos anos de 1930 é o próximo objetivo neste capítulo.

1.2. A década de 1930: Entre o princípio da censura e dos Fundamentos de Psicologia

A década de 1930, na história da psicologia soviética, foi marcada por diversos fatos contraditórios. Ao mesmo tempo que existiram significativos avanços no desenvolvimento teórico-prático de uma ciência que condissesse com os fundamentos marxistas, houve o princípio de censuras, críticas tendenciosas e perseguições políticas a teóricos considerados como não marxistas.

No princípio desse decênio, Kornilov, antes aclamado por sua defesa sobre o matrimônio entre psicologia e marxismo, no I Congresso de Psiconeurologia de Toda a Rússia, foi deposto de seu cargo. Em seu lugar, e por pouco tempo, Aron Borisovitch Zalkind[27] (1888-1936) assumiu a liderança do instituto. Seu substituto, no ano de 1932, foi Viktor Nikolaievitch Kolbanovski[28] (1902-1970), figura conhecida na censura de teóricos da psicologia soviética (Giannoni, 2018; Payne, 1968).

A censura e os rótulos de antimarxistas aos teóricos da psicologia soviética se iniciaram já no princípio dos anos de 1930. Por exemplo, em um artigo de uma página, um autor, chamado Alexander Alexandrovich Talankin[29] (1898-1937), publicou uma crítica ao que denominou como grupo de Vigotski e Luria. No início de seu texto, Talankin (2000 [1931], p. 10) escreveu que "o grupo de Vigotski e Luria é indubitavelmente talentoso", no entanto, na próxima frase, afirmou que esses teóricos eram muito influenciados pelas tendências que estariam em alta na psicologia.

Talankin definiu o entendimento de Vigotski sobre a psicologia como histórico-cultural. Em suas palavras, afirmou que "a concepção de Vigotski e Luria é uma de natureza histórico-cultural" (Talankin, 2000 [1931], p. 10). Todavia, segundo o autor, essa concepção de Vigotski não poderia ser compreendida de modo satisfatório a partir de um entendimento da metodologia marxista. Talankin discordou da posição de Vigotski sobre a importância da ferramenta e do instrumento na interiorização dos comportamentos tipicamente humanos, ou ainda, na interiorização das funções psicológicas superiores.

Em sua crítica, Talankin comparou a teoria de Vigotski e Luria com a psicologia evolucionista de Spencer, concomitantemente, apresentou-os como autores que se valiam de ideias da psicologia ocidental e estrangeira. Segundo

---

[27] Stepanov (2004), escreveu que as causas da morte de Zalkind ainda são desconhecidas, assim como sua própria história biográfica. Segundo o autor, a versão romântica da história é que Zalkind teria sofrido um ataque cardíaco na rua. No entanto, Stepanov afirmou que neste mesmo dia, Zalkind teria saído de uma reunião que anunciava a proibição das teorias pedológicas na URSS. Todavia, o autor adverte que o conteúdo da discussão desse dia, tal como os fatos que o sucedeu, dificilmente será descoberto um dia.

[28] Stoyukhina (2022), escreveu que Vikor Kolbanovski foi uma figura contraditória na psicologia. Ao mesmo tempo que deu todo apoio para Vigotski desenvolver sua teoria, revisando até mesmo seu livro *Pensamento e Fala* – no brasil, *Pensamento e Linguagem* e *A Construção do Pensamento e da Linguagem* (Vigotski, 2008, 2009) -, Kolbanovski, apoiou a proibição da pedologia, atuando na censura de diversos teóricos. Posteriormente, atuaria na repressão e censura dos *Fundamentos de Psicologia Geral* de Rubinstein (Payne, 1968).

[29] Talankin, posteriormente teria sofrido também com a censura. No dia 4 de junho de 1937 foi preso, sendo executado no dia 31 de agosto do mesmo ano (Centro de Pesquisas Genealógicas, 2023)

Talankin, Vigotski e Luria acreditavam que as condições internas do sujeito se adaptam a partir das mudanças exteriores, ou seja, ambientais. No final de seu artigo, Talankin (2000 [1931], p. 11) escreveu que a "[...] concepção de psicologia cultural deveria ser contraposta", de fato, algo que aconteceria a partir de 1936 com a proibição da pedologia e de teóricos específicos.

Vale mencionar que Talankin criticou diretamente a obra *Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança*, publicada por Vigotski e Luria no ano de 1930. Assim, uma das principais críticas de Talankin (1931) a esse material é o diálogo estabelecido com colegas do estrangeiro. Era o princípio das críticas tendenciosas a-históricas, mas, acima de tudo, desconhecedoras da lógica de Marx. Novamente, é necessário retomar Lenin (2011 [1913]), justamente para lembrar que Marx não ignorou a economia burguesa, tampouco a filosofia idealista alemã, mas, a partir da crítica, se apropriou dos principais conhecimentos desenvolvidos em seu tempo, erigindo sua crítica da economia política. Não obstante, Marx (2010 [1843, p. 146]) afirmava em sua juventude que "a crítica arrancou as flores imaginárias dos grilhões, não para que o homem suporte grilhões desprovidos de fantasia ou consolo, mas para que se desvencilhe e a flor viva desabroche". A crítica deve acompanhar todo o trabalho investigativo, no entanto, para que ela ocorra, deve existir o diálogo com o conhecimento produzido, ou, ao menos, parte do saber objetivado.

No entanto, a década de 1930 seria demasiadamente extensa no debate acerca das críticas e proibições de determinadas correntes, autores e teorias vindas do estrangeiro, por si só, acusadas de representarem as ideias da burguesia.

Porém, no dia 11 de junho de 1934, a psicologia soviética perdeu um de seus mais eruditos teóricos: L. S. Vigotski. Em março de 1935, Luria publicou no jornal *Caráter e Personalidade*, de Londres, um artigo intitulado: *L. S. Vygotsky*, narrando uma breve história desse teórico na psicologia (Luria, 1935).

Nesse breve texto de duas páginas, Luria (1935) apresentou os trabalhos de Vigotski na ciência psicológica soviética, conquanto, deu destaque a sua atuação prática na psicologia, acreditando que essa ciência deveria se vincular a prática social. Segundo Luria, "Vygotsky, no entanto, não se limitou ao estudo de problemas teóricos, mas dedicou grande parte de seu trabalho à aplicação prática da psicologia". (p. 239). Essa ideia é muito próxima da apresentada por Netto (2011), quando expressa que no método de Marx a verdade é constatada na prática social.

Em 1934, também foi publicado um trabalho de Rubinstein, já analisado nesta tese: *Problemas da psicologia nos trabalhos de Karl Marx*[30]. Aceito para publicação na revista psicotécnica soviética no dia 31 de março de 1933, o artigo de Rubinstein foi fundamental na organização das bases teóricas da psicologia soviética (Rubinstein, 1983). Todavia, no ano seguinte, precisamente em 1935, surgiu outro material desse mesmo autor: *Fundamentos da psicologia* (Rubinstein, 1935).

Tal como seu artigo publicado em 1934, os *Fundamentos da psicologia* se tornaram um importante material organizativo na ciência psicológica, pois, até este momento, não haviam livros que organizassem conhecimentos gerais nos cursos de formação em psicologia[31]. É curioso o fato de que Vigotski (1999 [1926 - 1927]) tenha mencionado que a psicologia soviética necessitaria de um livro que concentrasse seus conceitos, categorias e conhecimentos, a partir de uma perspectiva fundamentada no marxismo, evitando assim a formação manualesca – e eclética - que era base dos conhecimentos psicológicos durante as décadas anteriores. O material de Rubinstein (1935) possuía justamente esse objetivo, de organizar os principais conceitos e categorias para se compreender a psicologia a partir de uma perspectiva marxista[32].

O livro de 494 páginas, foi dividido em 4 diferentes partes, sendo elas: 1) *Psicologia, sua história, disciplina e métodos*; 2) *Fundamentos psicológicos do desenvolvimento*; 3) *Análise funcional da consciência*; e 4) *Psicologia da personalidade*. Rubinstein (1935) iniciou seu trabalho contando a história da psicologia como área do conhecimento, e, ao mesmo tempo, apresentando os métodos dessa ciência, desenvolvidos ao longo de sua existência, destacando até mesmo um subtópico sobre a dialética marxista-leninista, como método orientador de pesquisa em psicologia. Por fim, encerrando suas análises na personalidade, categoria que, posteriormente, ao lado da atividade e da consciência, se tornaria

[30] Payne (1968), relatou, que apesar da importância desse artigo na história da psicologia soviética, precisamente por destacar a unidade entre atividade e consciência, ele não ganhou a notoriedade que deveria, logo de imediato.

[31] Aqui, é necessário fazer um pequeno adendo. Os cursos de formação em psicologia, não se referem a uma formação específica na ciência psicológica, pois, o primeiro curso de psicologia seria fundado na Universidade de Moscou, apenas na década seguinte, tendo contribuição direta S. L. Rubinstein (Stepanov, 2001). Não obstante, o livro de 1935, de Rubinstein, tem como subtítulo: Manual para instituições de Ensino Superior Pedagógico.

[32] Apesar da importância desse material na organização dos princípios básicos da psicologia soviética, o livro, na segunda metade da década de 1940, foi submetido a uma série de críticas, segundo Payne (1968), pela influência acrítica e antimarxista das ideias de teóricos estrangeiros e burgueses. O principal crítico desse livro foi Kolbanovski, personagem contraditório apresentado já neste capítulo.

central em suas análises e escritos. Evidentemente, essas duas categorias da psicologia soviética também apareceram em suas teorizações ao longo do livro.

Entretanto, me deterei brevemente num pequeno trecho deste material sobre a dialética marxista-leninista na ciência psicológica. Rubinstein afirmou que nenhuma ciência pode permanecer completamente independente dos conhecimentos filosóficos. Em seu escrito, apresentou a dialética de Hegel como contribuição no aprimoramento da metodologia científica, destacando posteriormente as avaliações de Marx e Lenin nestes estudos. Evidenciou as contribuições de Lenin (2011 [1913]), demonstrando a importância da psicologia se apropriar da realidade objetiva em seu próprio movimento, entendendo as mudanças e transformações dos objetos e fenômenos em "[...] seu próprio movimento, sua própria vida e assim por diante" (RUBINSTEIN, 1935, p. 69).

O conhecimento filosófico, em específico a doutrina de Marx, Engels e Lenin, está presente na história da psicologia soviética, e isso é um fato. Em alguns períodos, de modo dialético, tal como apresentado em Vigotski (1999 [1927]) e Rubinstein (1983 [1934], 1963 [1959], 1935), conquanto, em outros momentos, de modo dogmático, mecanicista e antidialético, tal como em Razmyslov (2000 [1934]), Kozyrev e Turko (2000 [1936]) e Rudneva (2000 [1937]).

No mesmo ano de falecimento de Vigotski, surgiu um artigo na revista Revolução Proletária, de Pitirim Ivanovitch Razmyslov[33] (1906-1968), denominado *Sobre a teoria da psicologia histórico-cultural de Vigotski e Luria*. Logo no princípio de seu texto, o autor escreveu:

> A "teoria histórico-cultural da psicologia" está apenas no processo de formação, mas mesmo assim conseguiu causar muitos danos à frente teórica da psicologia, habilmente ocultando seus aspectos pseudocientíficos alheios ao marxismo com citações das obras dos fundadores do marxismo (Razmyslov, 2000 [1934], p. 45 – Grifos no original).

Razmyslov apresentou uma crítica completamente tendenciosa a obra de Vigotski, demonstrando o conhecimento parcial de seus trabalhos. Ele afirmou que o autor escondia seus conceitos pseudocientíficos com citações das obras de Marx, Engels e Lenin, algo completamente contrário ao que realizava Vigotski. Em sua análise sobre a crise da psicologia, ficou evidente que o teórico apresentou uma

[33] Razmyslov foi formado pela Faculdade Pedagógica Ust-Sysolsky, era membro do Partido Comunista da União Soviética, ocupando diversos cargos ao longo de sua vida. Também, foi membro do exército vermelho, sendo preso e mantido em um campo de concentração por quase dois anos (Guia para a história do Partido Comunista e da União Soviética, 2023).

posição contrária a criar uma fraseologia da ciência psicológica, segundo seus escritos, o principal erro dos pesquisadores soviéticos, durante a década de 1920, era tentar encontrar no marxismo a ciência psicológica pronta, ou seja, "[...] querer encontrar em obras alheias uma fórmula terminada da psique passaria a significar exigir 'a ciência antes da própria ciência' [...]" (Vigotski, 1999 [1927], p. 358).

No entanto, Razmyslov não teve contato com essa obra de Vigotski, publicada décadas após o falecimento de ambos. Porém, a noção de que a constituição de uma psicologia de base marxista não se objetivaria das citações dos clássicos, esteve presente ao longo de todo o conjunto da obra vigotskiana, precisamente pela crítica aos seus colegas do ocidente, e considerações acerca da história e materialidade do psiquismo (Shuare, 2016 [1990]).

Todavia, após as advertências iniciais de seu artigo, Razmyslov dirigiu suas primeiras análises à compreensão de Luria sobre o marxismo. Novamente, de modo iníquo, o autor retomou as obras da juventude de Luria, as quais o teórico manifestava seu apreço pela psicanálise. Razmyslov escreveu que deixaria de fora os escritos iniciais desse, referindo-se aos materiais que produziu enquanto estava na Universidade de Kazan, indicando o artigo *Psicanálise à luz das principais tendências na psicologia contemporânea*, escrito em 1923. Entretanto, logo em seguida, indicou que suas análises seriam dirigidas a uma obra de 1925, publicada no livro de Kornilov: *Marxismo e Psicologia*. O capítulo que Razmyslov se refere é *Psicanálise como sistema da psicologia monista* (Luria, 1925)[34]. Todavia, é curiosa a suposição da maturação científica em apenas dois anos, destacada por Razmyslov (2000 [1935]).

Retornando as análises teóricas sobre os trabalhos de Vigotski e Luria, Razmyslov escreveu:

> Infelizmente, Vigotski e Luria, apesar de discutirem o desenvolvimento histórico da mente humana e do comportamento humano, não deram atenção às instruções de Lenin, e naturalmente, não apenas foram incapazes de reproduzir e resolver corretamente os processos de desenvolvimento mental, mas nem mesmo conseguiram abordá-los corretamente. O historicismo que encontramos na "teoria histórico-cultural" de Vigotski e Luria é um historicismo burguês que desconsidera os aspectos do desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção, os processos de trabalho e luta de classes (Razmyslov, 2000 [1935], p.47 – Grifos no original).

[34] O capítulo de Luria, também foi alvo de críticas por Vigotski em sua análise sobre a crise na psicologia.

Razmyslov, refere-se diretamente ao livro *Materialismo e Empiriocriticismo*, em que Lenin (1967 [1909]) teria desenvolvido sua teoria sobre a reflexão do mundo objetivo, ou ainda, que o cérebro é o órgão responsável pelo reflexo da realidade material, ou seja, o velho adágio marxista, já apresentado neste trabalho, de que o material é transposto, tornando-se ideal. Posteriormente, essa noção seria aprimorada pela psicologia soviética, pois, já em Kornilov, haveria a defesa de que o psíquico seria o reflexo do mundo material (Shuare, 2016 [1990]). Posteriormente, em Rubinstein (1983 [1934]), a reflexão leninista já conduzia suas teorizações acerca da atividade como motor do desenvolvimento da consciência e da personalidade do sujeito. Tratando-se de Vigotski, não há fundamentos na afirmação de que ele não teria se apropriado das instruções leninistas. Não se referir diretamente a Lenin, não significa que as ideias leninistas não estivessem presentes em sua obra, pois na própria noção de interiorização das funções psicológicas superiores encontram-se as contribuições de Lenin. A função é inicialmente externa ao sujeito, por exemplo, a criança que é alimentada por um adulto tem primeiramente o processo de atenção externa a ela própria. O adulto dirige a atenção da criança com palavras, brincadeiras e instrumentos, e, ao mesmo tempo, essa função é interiorizada nesta atividade mediada. A criança passa a ter domínio de sua função, refletindo o mundo externo[35]. Ou, caso ainda reste dúvidas da contribuição de Lenin na composição teórica de Vigotski, recorro a sua conferência sobre os sistemas psicológicos, em que o autor relata que estes seriam “[...] no fim das contas, produto de determinada estrutura cerebral” (Vigotski, 1999 [1930], p.130), ou a matéria altamente organizada, defendida por Lenin.

Novamente, vale salientar, Razmyslov (2000 [1934]) não teve contato com o texto sobre a crise da psicologia. Todavia, vale recordar que Iarochevski e Gurguenidze (1999) escreveram que

> A explicação por parte de Vigotski da crise da psicologia baseia-se na influência da análise leninista da situação de crise, que havia amadurecido no final do século passado nas ciências naturais, cujo desenvolvimento exigia novas soluções metodológicas, essencialmente dialético-materialistas (p. 504).

[35] Torna-se curioso o fato de Razmyslov comparar o processo de interiorização da teoria de Vigotski, com um dualismo sociológico durkheimiano. No entanto, diferente de Durkheim, Vigotski (1999 [1930]) pensa no desenvolvimento das funções psicológicas superiores sempre de modo ativo. O sujeito é ativo no processo de interiorização do comportamento externo.

Portanto, evidencio como errônea a afirmação de Razmyslov sobre Vigotski e a ausência de Lenin em suas obras. Não obstante, é necessário destacar que Vigotski recorreu ao *Materialismo e Empiriocriticismo*, de Lenin, sem a necessidade de legitimar a denominada fraseologia marxista-leninista, pelo contrário, adotou a lógica presente nesse livro, buscando as origens da crise na psicologia.

Outra crítica de Razmyslov (2000 [1934]) é relacionada a compreensão de Vigotski sobre a consciência. Porém, novamente o autor retomou um de seus primeiros trabalhos publicados, ou apresentados. Razmyslov criticou justamente uma das três[36] comunicações proferidas por Vigotski no II Congresso de Psiconeurologia de Toda a Rússia, que ocorreu em Leningrado no ano de 1924. O trabalho criticado foi *Os métodos de investigação reflexológicos e psicológicos*, publicado em 1926, em uma coletânea organizada por Kornilov: *Problemas da psicologia atual* (Kornilov, 1926). Nessa conferência, Vigotski diz que "[...] a consciência é apenas o reflexo dos reflexos". (Vigotski, 1926, p. 42). Novamente, uma análise tendenciosa feita por Razmyslov, pois, segundo Luria (1992 [1979]), a apresentação de Vigotski foi de extrema importância para a retomada dos estudos sobre a consciência, que estavam sendo suprimidos pela reatologia e por outras ciências do comportamento humano daquele tempo, que julgavam a consciência como uma expressão da psicologia introspeccionistas e idealista.

Outrossim, Razmyslov criticou o entendimento de Vigotski sobre a educação recorrendo a seus primeiros trabalhos, apresentando diversas passagens do livro *Psicologia Pedagógica*, escrito em 1924, e publicado em 1926. Nessas exposições, Razmyslov (2000 [1934]) reiterou um suposto apreço pela reflexologia que teria Vigotski. Contudo, um dos fatos mais absurdos levantados por Razmyslov é o fato de Vigotski não ter utilizado em seu livro *Pedologia do Adolescente* os ensinamentos de Marx e Engels no texto *A ideologia Alemã*. No entanto, torna-se um absurdo tal afirmação, pois Vigotski teria publicado esse material no ano de 1929. Por sua vez, a primeira edição de *A ideologia Alemã* foi divulgada pelo instituto Marx-Engels-Lenin, de Moscou, apenas em 1932 (Marx; Engels, 2007 [1845-46]; Vigotski, 1929). Seria impossível Vigotski ter acesso a este texto, pois ele ainda não havia sido publicado. Ao longo do restante de seus comentários, Razmyslov julgou Vigotski como um

[36] As outras duas comunicações apresentadas neste congresso por Vigotski foram: Como se deve ensinar agora a psicologia e Resultado de uma pesquisa sobre o estado de ânimo dos egressos da escola de Gomel no ano de 1923 (Shuare, 2016 [1990]).

desconhecedor da doutrina marxista-leninista, um engrandecedor da psicologia burguesa e um teórico que flertava com as concepções da moda psicológica em seu período histórico.

Antes de virar a página para a próxima análise, é válido mencionar que uma das principais críticas à concepção psicológica de Vigotski e Luria se baseava nos resultados das pesquisas transculturais feitas no Uzbequistão (Luria, 2013 [1976]). Para Razmyslov, os experimentos questionavam a ditadura do proletariado, pois apresentavam as dificuldades de generalizações e de desenvolvimento do pensamento conceitual da população local. Vigotski e Luria, na verdade, apenas tentavam provar a tese da necessidade da educação para o desenvolvimento psíquico do novo ser humano socialista. Entretanto, Razmyslov (2000 [1934]) escreveu:

> É claro que não houve nenhum experimento científico ou trabalho científico algum na expedição de Luria. Não importa o quanto Luria e seus camaradas de armas tenham jurado que estavam estudando o problema do pensamento dos trabalhadores coletivos nas regiões étnicas em seu desenvolvimento histórico, isso de forma alguma os ajuda a ocultar ou disfarçar sua teoria reacionária, tão hostil ao marxismo. Essa teoria pseudocientífica, reacionária, anti-marxista e anticlassista, na prática, leva à conclusão antissoviética de que os formuladores de políticas na União Soviética são pessoas e classes que pensam de maneira primitiva e são incapazes de qualquer tipo de pensamento abstrato, o que, é claro, não condiz com os fatos. (p. 53-54).

O objetivo de Vigotski e Luria não era demonstrar que o povo soviético seria incapaz de elaborar seu pensamento abstrato, ou ainda, que agiam de modo primitivo. Na realidade, era constatar a importância da educação no desenvolvimento do novo ser humano socialista. Tal sujeito não surgiria do nada, mas seria resultado do trabalho coletivo e da mediação do conhecimento historicamente acumulado. Até porque, como escreveu Marx (2007 [1845], p. 29): “o ponto de vista do velho materialismo é a sociedade civil, o ponto de vista do novo é a sociedade humana ou a humanidade social”. A sociedade humana necessita da apropriação dos conhecimentos historicamente acumulados, assim como do desenvolvimento consciente de suas potencialidades. A educação mediada deveria cumprir essa tarefa.

Finalizando nossas análises acerca de Razmyslov, vale apresentar o seguinte posicionamento acerca da teoria de Vigotski:

> Ele minimiza a importância de nosso Partido na época da ditadura do proletariado nos assuntos de educar uma nova geração. Ele não compreende as tarefas da educação de classe ou as leis do

> desenvolvimento da sociedade humana e, portanto, acredita que, em nosso tempo, as "questões fundamentais da educação" não podem ser resolvidas (Razmyslov, 2000 [1934], p. 55 – Grifos no original)

Pelo contrário, as questões fundamentais de educação deveriam ser resolvidas na própria educação, permitindo o acesso a todo conhecimento historicamente acumulado, tal como fez Marx no desenvolvimento de sua doutrina. No entanto, a concepção dialética de Razmyslov, nesse artigo, não é dialética, mas mecânica, idealista e, principalmente, inatista, quando se trata do desenvolvimento psicológico. A consciência, não se desenvolve descolada do desenvolvimento social (Marx; Engels, 2007 [1846-47]). A transformação dos meios de produção permitiu a criação de condições para o novo ser humano socialista. Contudo, a mediação educacional deveria se constituir como uma necessidade nesse processo, fato que Razmyslov parece não compreender em suas análises sobre a teoria vigotskiana.

Por fim, o artigo de Razmyslov apenas introduziu o que aconteceu posteriormente com a compreensão do marxismo-leninismo na União Soviética. As formações passariam a ser feitas por manuais introdutórios sobre o, assim chamado, materialismo histórico e materialismo dialético. A partir de 1938, com a publicação do livreto *Sobre o materialismo dialético e o materialismo histórico*, de Joseph Stalin (1879-1953), a fundamentação do marxismo-leninismo se tornou mecânica, simplista, manualesca, positivista e, em algumas ocasiões, até mesmo idealista (Giannoni, 2018; Paulo Netto, 2011; Stalin, 1945).

Continuando as análises acerca da presença do marxismo na ciência psicológica, apresento uma publicação no jornal Trabalhador de Magnitogorsk, do dia 8 de julho de 1936. Na primeira página do jornal, foi estampada uma notícia com o seguinte título: *Sobre as perversões pedológicas no sistema dos comissários do povo.* Quatro dias antes, em 4 de julho, foi aprovada uma Resolução do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, proibindo a prática pedológica em todo seu território (Tsentral'nyy Komitet Vsesoyuznoy Kommunisticheskoy Partii, 1936).

Um dos principais argumentos utilizados na nota para a proibição da pedologia foi a utilização de testes, exames e práticas, que, segundo o Partido, seriam expressões de uma pseudociência. Assim, a importação da pedologia para a ciência soviética, ainda segundo o partido, resultou nos “[...] princípios anticientíficos da pedologia burguesa é ainda mais prejudicial, especialmente quando se disfarça

sob a fraseologia ‘marxista’. (Tsentral'nyy Komitet Vsesoyuznoy Kommunisticheskoy Partii, 1936, p. 1 – Grifos no original)[37].

No fim dessa nota, o Partido emitiu oito resoluções, sendo a sexta aquela que mais chamou atenção. Nessa, o Partido recomenda “criticar publicamente todos os livros teóricos lançados até agora pelos pedólogos atuais” (Tsentral'nyy Komitet Vsesoyuznoy Kommunisticheskoy Partii, 1936, p. 1). A crítica aos pedologistas, que já havia se iniciado alguns anos atrás, apenas se intensificou após esta resolução. Vigotski, por exemplo, foi tratado como um dos principais inimigos do marxismo-leninismo no desenvolvimento de sua abordagem teórica, tal como demonstramos nesta seção (Talankin, 2000 [1931]; Razmyslov (2000 [1934]). Por outro lado, Smirnov (1968) expôs de modo crítico[38] a temática sobre a pedologia. Segundo o autor, os testes pedológicos – em muito – apenas quantificavam números em sua avaliação, sendo contrário a própria lógica dialética e a unidade da atividade e consciência que se desenvolvia, neste momento, nos trabalhos soviéticos.

No entanto, tratando-se de novas críticas à concepção marxista da psicologia de Vigotski, caminhamos agora para outro trabalho. Após a aprovação da resolução do Partido, em 1936, foi publicado um artigo na revista Ensino Superior sobre a escola pedológica do professor L. S. Vigotski, falecido já há dois anos. O artigo de Alexander Vasilievitch Kozyrev (1896-1957) e P. A. Turko[39] se iniciou com o recorte de um dos trechos da Resolução do Partido sobre as perversões pedológicas (Kozyev; Turko, 2000 [1936]).

O artigo que tinha o objetivo de analisar as premissas teórico-metodológicas de Vigotski, novamente, o apresentou como um autor anti-marxista, anti-sovíetico e

---

[37] Diferente de Kozyrev e Turko (2000 [1936]) e Rudneva (2000 [1937]), Smirnov (1968) expos a problemática da pedologia a partir de um viés crítico, evitando diálogos tendenciosos que fossem direcionados para um, ou outro representante da pedologia soviética. Assim, para o autor, a nota emitida pelo partido, em 1936, serviu como uma forma de banir os testes psicológicos que, neste momento, apenas quantificavam informações sobre a inteligência, classificando crianças, e determinando que muitas fossem depositadas em escolas para deficientes intelectuais. Todavia, Smirnov reconheceu que, ao mesmo tempo, que a crítica contra a pedologia contribuiu para evitar a segregação de crianças nas escolas soviéticas, atrapalhou de modo significativo o trabalho de diversos autores com investigações sérias e críticas, por exemplo, Blonski, Vigotski entre muitos outros teóricos.

[38] Chamamos atenção para o fato de Smirnov ter apresentado essa temática de modo crítico, pois questionando os métodos e técnicas pedológicas, escreveu: “também deve ser observado que vários trabalhos publicados como obras pedológicas realmente continham material psicológico valioso que contribuiu para o desenvolvimento da ciência psicológica”. (Smirnov, 1968, p. 26) Acredito que ele se refere a trabalhos como, por exemplo, de Vigotski e Blonski, que posteriormente retornariam as pesquisas de futuros teóricos da psicologia soviética.

[39] Não encontrei nenhum dado biográfico sobre o autor.

até mesmo como partidário das tendências idealistas da psicologia. Outro aspecto semelhante aos materiais de Talankin (2000 [1931]) e de Razmyslov (2000 [1934]) é a crítica ao diálogo com teóricos estrangeiros, precisamente por Vigotski se apropriar dos resultados de experimentos de colegas não marxistas. Assim, Kozyrev e Turko (2000 [1936], p. 62) afirmaram que "[...] embora ele tente criticar cientistas burgueses, essas investidas o colocam como adepto das afirmações idealistas de Kohler, Yerkes, Learned, Bühler e outros".

Kozyrev e Turko ainda criticaram a concepção de Zona de Desenvolvimento Proximal de Vigotski. Os autores destacaram que Vigotski, ao propor essa tese, apoia-se em ideias de teóricos naturalistas, por exemplo, da médica italiana Maria Montessori. Para os críticos de Vigotski, a noção de Zona de Desenvolvimento Proximal é semelhante a explicações etapistas, pelo fato de o sujeito ter de receber auxílio de outro mais experiente. Segundo os autores, isso limitaria o papel do professor, ao mesmo tempo que abriria caminho para o que denominaram como a morte da escola.

Perto do fim do artigo, dedicado em sua maioria a uma análise da obra *Pensamento e linguagem*, de Vigotski, os autores citam Razmyslov (2000 [1934]), afirmando que o leitor que desejasse encontrar críticas aos demais trabalhos de Vigotski, precisamente tidos como idealistas, poderiam consultar a análise feita por Razmyslov. Os autores ainda afirmaram que as obras mais tardias de Vigotski começaram a apresentar a importância do marxismo-leninismo para uma análise consistente da psicologia e do indivíduo. Ainda sim, por sua morte prematura, não pôde desenvolver um trabalho, de fato, consistente com essa visão de mundo. Porém, uma das afirmações menos coesas do artigo é sobre a popularidade de Vigotski após seu falecimento. Segundo os autores, "após a morte de Vigotski, algumas pessoas tentaram de forma acrítica torná-lo o estandarte da psicologia soviética e da chamada ciência da pedologia" (Kozyrev; Turko, 2000 [1936], p. 70). Vale lembrar que um dos principais teóricos a apresentar o trabalho de Vigotski para o ocidente foi Luria, seu companheiro de pesquisa. Entretanto, o único material escrito sobre Vigotski por ele, até então, foi o texto sobre seu falecimento, publicado em 1935, em um jornal londrino.

No fim do respectivo artigo, Kozyrev e Turko (1936 [2000]) afirmam que, além de Vigotski, os trabalhos de seus alunos e seguidores necessitariam de algumas avaliações, exatamente por pegarem "[...] o pior de seu 'professor', não fizeram nada

para superar seus erros e obstruíram o desenvolvimento da verdadeira ciência [...] às vezes, reforçavam as piores teorias do fascismo sobre a inferioridade intelectual [...]". (p. 74 – Grifos no original).

É este o período em que se iniciou um processo de mecanização da dialética na psicologia, e em outras ciências soviéticas. Kedrov e Spirkin (1967) denominam esse momento como o culto à personalidade de Stalin, e algo que podemos destacar ainda na escrita de Kozyrev e Turko (2000[1936]) é:

> O exemplo da pedologia nos convence repetidamente de como é extremamente importante dominar todo o conhecimento contemporâneo em um domínio científico em que todo trabalhador da ciência atua; quão necessário é testar todas as conclusões de nossa ciência e prática na terra dos soviéticos; e para fazê-lo, ter dominado a teoria de Marx e Lenin, Engels e Stalin, e usá-la como guia para ação (p. 70).

Stalin adentrou não apenas ao cenário da psicologia, ou ainda, da educação, mas de toda a ciência soviética. Qualquer área do conhecimento deveria se referir a ele como intelectual fundamental do marxismo-leninismo. Além disso, o culto[40] à personalidade de Stalin apareceria ainda em textos e trabalhos sobre o desenvolvimento do caráter ou da personalidade da pessoa soviética (Rubinstein, 1967). Esse fato impactou todo o desenvolvimento posterior da ciência psicológica e da educação.

Neste sentido, dando continuidade à análise histórica da presença do marxismo-leninismo na psicologia soviética, vale, ainda, destacar o artigo de Eva Izrailevna Rudneva (1898-1988) que, para utilizar de uma expressão de Iliénkov (1977), continuava chutando Vigotski, como cachorro morto. As críticas à sua teoria, suas ideias e seus escritos continuavam a rondar os periódicos de educação, sempre destacando a tendência antimarxista e antileninista do autor em seus trabalhos.

De modo incisivo, Rudneva (1937 [2000]) iniciou seu artigo apresentando a Resolução do Partido, sobre a pedologia, publicada em 1936. No primeiro parágrafo de seu texto, a autora escreveu que a nota "[...] chama para a exposição dos conceitos pseudocientíficos, antimarxista no domínio da educação e da formação, e

[40] Defendo que qualquer culto à personalidade, mata uma revolução. Diferente da postura de Stalin, existe o exemplo de Fidel Castro. Antes de seu falecimento, em 2016, transmitiu seu último desejo, afirmando: "que uma vez falecido, seu nome e sua figura nunca fossem utilizados para denominar instituições, praças, parques, avenidas, ruas ou outros espaços públicos, nem erguer em sua memória monumentos, bustos, estatuas e outras formas similares de tributo". (Reinaldo; Elizalde, 2016). Fidel tinha o conhecimento que não se deve transformar o movimento revolucionário em um espaço de deuses ou mitos. Quando subverte-se a lógica, de que determinados sujeitos são maiores que uma revolução, transforma-se esse movimento em seu próprio contrário.

abre caminho para a criação de uma verdadeira ciência marxista sobre crianças" (p. 75).

Desde as análises de Razmyslov (2000 [1934]), passando pelo artigo de Kozyrev e Turko (1936 [2000]), existe uma crítica afirmando que Vigotski foi o teórico que teria defendido a morte da escola, precisamente pela crítica ao modelo escolar tradicional de seu tempo. No entanto, em Rudneva tais avaliações aparecem de modo mais intenso. A autora condena desde os trabalhos da juventude de Vigotski, até seus escritos mais tardios. Ainda na primeira página de seu texto, Rudneva (1936 [2000]) expressou que "já em seus primeiros trabalhos, Vigotski afirmava que pais e professores não tem o direito de impor algo às suas crianças. Ele frequentemente cita as palavras de Tolstói: 'educar estraga; não corrige'. (p. 75 – Grifos no original).

Rudneva ainda afirmou que Vigotski insistia nas ideias de Tolstói. Contudo, ao analisarmos a passagem em que Vigotski se refere a Tolstói, encontramos em seu livro *Psicologia Pedagógica*, publicado em 1924 que:

> Tolstói concluiu então que o ideal da educação estética, assim como o ideal moral, não está na frente de nós, mas atrás, isto é, [o ideal] não é aproximar a alma infantil da alma do adulto, mas conservar suas qualidades naturais iniciais.
> [Tolstoi dizia]: "A educação arruína e não corrige as pessoas". Nesse sentido, a preocupação da educação se reduz quase exclusivamente a não destruir as riquezas espirituais da criança, e o preceito "sejam como as crianças" parece ser o ideal pedagógico superior também no âmbito da estética (Vigotski, 2003 [1924], p. 236-237 – Grifos no original).

Sobre a citação de Vigotski, vale explicar que se trata de uma de suas primeiras obras na psicologia[41]. O livro, publicado em 1924, apresentava ainda a ausência de um sistema psicológico, fazendo o uso de diversas ideias e teses que vigoravam no começo do século XX. Apesar disso, pode-se afirmar que de modo algum Vigotski está destacando que a educação sistematizada deveria caminhar para o fim. Pelo contrário, Vigotski expressou que a criança deve ser educada com respeito ao seu período de desenvolvimento, e não ser antecipada ao mundo do adulto. Posteriormente, com as pesquisas sobre desenvolvimento humano, Vigotski

[41] Em uma analogia, poder-se pensar na própria constituição do pensamento de Marx e nos avanços teóricos obtidos pelo autor. Por exemplo, em seus *Manuscritos econômicos-filosóficos*, Marx (2010 [1844]), acreditava que o trabalhador na produção, torna-se uma mercadoria mais barata do que aquelas que produz. Posteriormente, Marx, inverteria essa lógica, não seria o trabalhador a mercadoria, mas sim, sua força de trabalho. Essa digressão serve para afirmar que o pensamento de determinado autor, se modifica em sua própria atividade de pesquisa, complexificando-se e chegando a novas conclusões.

expressaria essa tese de outra maneira, precisamente, apresentando a importância da mediação do outro no desenvolvimento das características típicamente humanas (Vigotski, 1999 [1930]); Vygotsky; Luria, 1996 [1930]).

Todavia, Rudneva (2000 [1937]) estendeu sua análise para o livro *Pensamento e Linguagem*, de Vigotski, tal como fizeram seus colegas, críticos vigotskianos. Já em seu primeiro posicionamento sobre o material, a autora afirmou que Vigotski parte em suas investigações de posicionamentos idealistas e antileninista[42] sobre o desenvolvimento do pensamento.

Outra crítica de Rudneva que merece ser destacada é a de que Vigotski era, na verdade, um teórico eclético. Realizando uma revisão nas obras de Vigotski, a autora salientou que, "[...] nas questões básicas da psicologia cognitiva, Vigotski adotou as posições do idealismo subjetivo; no entanto, como um eclético ele o combinou com o materialismo vulgar, especialmente no período de 1925-1930." (Rudneva, 2000 [1937], p. 77). Já apresentei brevemente a história do Instituto de Psicologia de Moscou, páginas acima. Em outro trabalho, destaquei a história da institucionalização do marxismo na psicologia soviética (Giannoni, 2018). Ainda sim, é válido afirmar que Smirnov (1978) tinha razão quando escreveu que "a história está presente, de uma ou doutra forma, em cada indivíduo" (p. 79). Todos estão envoltos pela história, ou seja, todo o desenvolvimento social é produto da própria história humana. Esse fato, por sua vez, não se distancia dos trabalhos teóricos. Ao supor que a história está diretamente presente em cada sujeito, ressalta-se que esse mesmo indivíduo é fruto de um determinado momento histórico. Vigotski já buscava o rompimento com o materialismo mecanicista, precisamente das noções de Pavlov, Bekhterev e Kornilov. Pode-se recordar que o último foi diretor do Instituto de Psicologia de Moscou até o ano de 1930. Ao mesmo tempo, já demonstrei que Kornilov defendia sua teoria reatológica, afirmando ter solucionado o problema de uma teoria marxista da psicologia. Assim, grande parte dos trabalhos de Vigotski – e Luria que foi alvo de parte desses ataques sofridos - refletia o que era pesquisado no Instituto de Psicologia de Moscou.

Uma breve análise desse problema pode ser evidenciada em seu material sobre a crise na psicologia, que data deste mesmo período descrito por Rudneva (2000). Vigotski não publicou sua crítica sobre a crise na psicologia, acredito que

[42] Já demonstrei a inconsistência dessa tese.

motivado pelas pesquisas realizadas no Instituto de Psicologia de Moscou, afinal, criticava, além das abordagens idealistas e comportamentalistas, a teoria de Kornilov (Vigotski, 1999 [1927]). Ao mesmo tempo, algo que auxilia na sustentação desse argumento está presente em Stepanov (2001). O autor afirmou que Kornilov – e os psicólogos moscovitas, de um modo geral – não eram adeptos à teoria da atividade, restringindo suas pesquisas ao método reatológico de Kornilov. Stepanov realizou essa afirmação ao descrever o motivo pelo qual Rubinstein teria ido para Leningrado, e não para Moscou. Segundo Stepanov, posteriormente muitos psicólogos foram conduzidos por Rubinstein a Leningrado, incluindo Leontiev, que iniciava suas pesquisas sobre a teoria da atividade. Portanto, a afirmação de Rudneva é tendenciosa, totalmente anacrônica, a partir do próprio desenvolvimento histórico da teoria de Vigotski, e, simultaneamente, ausente de uma compreensão da história do próprio método que reivindica para si, ou seja, do marxismo-leninismo. Exigir de Vigotski o desenvolvimento de uma teoria finalizada, antes de 1930, é o mesmo que exigir de Marx *O Capital*, antes do próprio *O Capital.* A ciência, assim como o desenvolvimento científico do pesquisador, deve ser compreendida como processo, atividade criadora que, ao mesmo tempo, produz o próprio pesquisador (Rubinshtein, 1986 [1923]). Rubinstein (1959) apresentou o caminho para estudar o pensamento do cientista, destacando a importância de se analisar a obra em sua totalidade, não em fragmentações que constroem uma narrativa facciosa, tal como fez Rudneva. ou ainda, a partir de Vigotski, pode-se questionar se por acaso o marxismo se nega, em filosofia, “a reconhecer seus antecessores? *Somente as mentes anti-históricas e carentes de espírito criador* se dedicam a inventar novos nomes e ciências, mas essa atitude não combina com o marxismo”. (Vigotski, 1999 [1927], p. 407- Grifos no original). Sem embargo, essa seria uma de nossas principais críticas aos posicionamentos de Rudneva em seu artigo.

No final, grande parte das críticas direcionadas a Vigotski são pelos diálogos com teóricos estrangeiros no desenvolvimento de sua pesquisa, algo que aconteceria com Rubinstein, uma década depois. No entanto, a crítica de Rudneva passou a atacar outros teóricos vinculados a Vigotski. A autora escreveu que “ele e seus alunos (Luria, Sakharov, Shif, Zankov, Leontiev) ocupam um lugar proeminente

na disseminação acrítica do método burguês[43] em nosso país, em particular, o método de Piaget. (Rudneva, 2000 [1937], p. 88). Novamente, Rudneva se equivoca em afirmar que Vigotski tratava a teoria de Piaget de modo acrítico, pois até mesmo Piaget (1981 [1973]) reconheceu as diferenças entre sua teoria e a de Vigotski acerca do desenvolvimento infantil.

Concluindo seu artigo, Rudneva afirmou que os seguidores de Vigotski – Luria, Leontiev, entre outros – ainda deveriam ser neutralizados. Assim, ressalto que a compreensão do marxismo para a autora é limitada à reprodução daquilo que vinha se desenvolvendo no contexto econômico e político da URSS[44]. Posteriormente, o entendimento do marxismo, assim como a utilização da própria lógica dialética como instrumento para se pensar a ciência, se mecanizaria ainda mais.

A dialética, que ganhou sua expressão materialista com Marx, Engels e Lenin, por sua vez, passou a ser tratada de modo simplório por Stalin (1945). No princípio, o intuito de seu livreto *Sobre o materialismo dialético e o materialismo histórico*, publicado em setembro de 1938, é destacar a divisão que rondaria as pesquisas marxistas até os dias de hoje. Nos dois parágrafos iniciais, Stalin escreveu que:

> [...] chama-se materialismo dialético, porque o seu modo de abordar os fenômenos da natureza , seu método de estudar esses fenômenos e de concebê-los, é dialético, e sua interpretação dos fenômenos da natureza, seu modo de focalizá-los, sua teoria, é materialista.
> O materialismo histórico é a aplicação dos princípios do materialismo dialético ao estudo da vida social, aos fenômenos da vida da sociedade, ao estudo desta e de sua história. (s/p)

Já nos primeiros trechos, se faz presente aquilo que deu origem a denominação de materialismo histórico-dialético, e sua conservação no meio científico até os dias de hoje. Todavia, não interessa aqui discutir a denominação de um método na condução de uma pesquisa, a partir de uma perspectiva marxista.

---

[43] Essa opinião, no mínimo tendenciosa, permaneceria durante décadas na psicologia soviética. Por exemplo, Payne, ao criticar a pedologia pelos trabalhos de testagem e segregação a crianças cometidos nesse período, apresentou as ideias de Vigotski da seguinte maneira: "A teoria do desenvolvimento cultural foi objeto de uma discussão animada por volta de 1932, e Vigotski e seus associados foram criticados por não terem conseguido estabelecer suas ideias em uma base marxista sólida, por subestimarem a importância da consciência e por adotarem sem crítica sistemas burgueses. No entanto, o princípio do desenvolvimento histórico permaneceu um dos princípios fundamentais da psicologia soviética" (Payne, 1968, p. 47). Torna-se mais curioso ainda, o fato de Payne reconhecer, que embora Vigotski, tenha sido submetido a diversas críticas, os fundamentos gerais do desenvolvimento histórico se conservaram nos trabalhos futuros da psicologia soviética.

[44] Por não se tratar de um objetivo neste trabalho, não analisaremos o reflexo político e econômico na obra dos teóricos soviéticos. Assim limitar-nos-emos a apresentação da filosofia marxista-leninista na ciência psicológica.

Interessa demonstrar a mecanização e o reducionismo da doutrina de Marx, culminando numa dualidade entre materialismo histórico e dialético. Assim, ao pensar na própria psicologia, haveria um imenso problema no momento da escolha de um método. Afinal, somos constituídos apenas por aspectos sociais? Lenin (1967 [1909]) afirmou que o cérebro deve ser considerado uma matéria altamente organizada. Por sua vez, Mukhina (1995 [1975]), expressou que as propriedades naturais criam as condições iniciais para o desenvolvimento humano. Nessa mesma orientação, Rubinstein (1977 [1945]) escreveu:

> A consciência humana forma-se desenvolve-se dentro do processo da actividade organizada socialmente (trabalho, ensino); é pois, um produto *histórico*. A psicologia humana não deixa de ser uma ciência *natural*, porque estuda a *natureza* psíquica do homem. Mas é, simultânea e precisamente por isso (e não apesar disso), uma ciência *histórica*, visto que, a natureza humana é, precisamente, um produto da história (Grifos no original).

Neste sentido, trata-se aqui de uma natureza humanizada, transformada pelo trabalho e pelas relações humanas desenvolvidas no mesmo (ILIÉNKOV, 1977). Portanto, aplicar o método de Stalin sobre o materialismo histórico e o materialismo dialético, significa incorrer uma dualidade entre natureza e natureza humanizada. Natureza que, segundo Marx (2010 [1844]), é anterior aos próprios seres humanos. Assim, o psíquico é, ao mesmo tempo, um produto da natureza e do desenvolvimento sócio-histórico, promovido pelo trabalho. Rubinstein, em outra passagem expressou:

> A natureza determina primeiramente o homem, e este aparece como parte da natureza, como ser natural. Logo, à medida que a natureza se converte, em uma outra medida no objeto da atividade do homem, o ser humano começa a determinar a natureza, a transformá-la. Como objeto da atividade social do homem, a natureza elaborada por este se inclui no processo histórico-social do desenvolvimento da atividade produtiva dos indivíduos. Existe, assim mesmo, essa dependência inversa da natureza a respeito do homem vinculada a introdução do homem, de sua atividade, na natureza e da assimilação da natureza pelo homem. Não se pode esquecer, sem embargo, que este processo nunca chega ao seu fim. Daí que, inclusive depois de haver começado a atuar no novo aspecto do *objeto da cultura*, a natureza sempre permanecerá, também, em sua qualidade primária de *natureza propriamente dita*. O homem para o qual a natureza se converte por completo em objeto da atividade humana, econômica ou produtiva, e deixar de existir em sua intangibilidade como natureza, perderia uma parte essencial de sua vida humana. A cultura que expulsar-se totalmente da vida a natureza se destruiria a si mesma e se faria insuportável. (Rubinstein, 1963 [1959], p. 276-277 – Grifos no original).

Natureza e natureza humanizada são diferentes, todavia, formam uma unidade de dependência mútua. A natureza apenas pode se humanizar na atividade laboral, na ação do trabalho humano. Portanto, não há sentido em afirmar que a

psicologia deve se valer do método do materialismo histórico, ou ainda, do materialismo dialético, tal como encontra-se expresso em diversos livros da psicologia soviética, principalmente após a publicação do texto de Stalin. Essa compreensão se tornou cada vez mais evidente nas produções reducionistas dos manuais de marxismo-leninismo que surgiram posteriormente. Assim, é válido lembrar que Marx legou à ciência, de modo geral, uma lógica - a de *O Capital* (Lenin, 2011 [1914]).

Outro aspecto, no mínimo curioso, que favoreceu a mecanização da dialética na psicologia, foi o tratamento dado às outras correntes, ou ainda, epistemologias filosóficas. Stalin (1945[1935]), ao mencionar sobre a apropriação da filosofia de Feurbach por Marx e Engels, escreveu que estes transformaram as especulações materialistas em uma teoria científica, “[...] desprezando sua escória idealista e ético-religiosa”. (S/P). A moralização das ideias filosóficas e científicas nas obras dos teóricos soviéticos apenas dificultou o avanço científico, culminando, por exemplo, na década de 1950, no movimento de Pavlovização da psicologia, educação, fisiologia e medicina.

O desprezo pela história também apareceu na concepção de política posto nesse mesmo texto. Stalin escreveu que “[...] em política, para não se equivocar, é preciso olhar para diante e não para trás”. Rubinstein (1965 [1945]), acreditava que o desprezo pela teoria fazia reinar uma falsa opinião. Essa é uma determinação que deve ser estendida para a própria história, outro motivo pelo qual a mesma não deve ser entendida como linear, mas cíclica, apresentando seus movimentos de avanços e retrocessos constantemente. Ao mesmo tempo, vale recordar a máxima de Marx sobre os grandes fatos da história se repetirem duas vezes “[...] a primeira como tragédia, a segunda como farsa”. (Marx, 2011 [1852], p. 25). Ignorar o passado significa, ao mesmo tempo, ignorar a criação do novo (Iliénkov, 1977). Entretanto, a mecanização da dialética, assim como o reducionismo da lógica de Marx, se expressaria ainda na afirmação de que “nisso consiste o método dialético marxista, aplicado à vida social e à história da sociedade”. (Stalin, 1945 [1938], s/d). Marx não legou um método aplicável, mas uma lógica, uma visão de mundo que permite pensar a ciência em sua materialidade, historicidade e transformações dialéticas.

No entanto, apesar do princípio da formação manualesca iniciada em fins da década de 1930, Anatoli Aleksandrovicth Smirnov (1894-1980), em seu artigo intitulado *Sobre o quinquagésimo aniversário da psicologia soviética*, sintetiza o

decênio como um importante momento para o desenvolvimento teórico-prático dos princípios marxista-leninista na ciência psicológica. Para o autor:

> O quinquagésimo ano da psicologia soviética marca o quinquagésimo ano na luta para construir uma ciência psicológica materialista sobre a sólida base da filosofia marxista-leninista e nas tradições progressistas da psicologia russa pré-revolucionária (Smirnov, 1968, p. 19).

A citação acima constitui o princípio de seu artigo, escrito em 1967. Nele, o autor avaliou o desenvolvimento da psicologia soviética, até a segunda metade de 1960. Entretanto, é interessante sua síntese sobre 1930, apresentando a importância de teóricos que foram censurados, proibidos ou duramente criticados ao longo deste decênio. Por exemplo, Pavel Petrovitch Blonski[45] (1884-1941), Kornilov e até mesmo Vigotski. Para Smirnov, tais teóricos iniciaram uma reformulação nos fundamentos da psicologia soviética, ainda em 1920. Para o autor, Blonski e Kornilov tiveram capital importância na construção de uma ciência organizada sob a perspectiva do marxismo-leninismo. No entanto, apesar de Smirnov apresentar as contribuições desses autores para o avanço da psicologia soviética, ele não se exime da crítica, realçando que tanto Blonski quanto Kornilov – e até mesmo Vigotski[46] – foram demasiadamente influenciados pela psicologia estrangeira no começo de suas obras, em específico pelo behaviorismo, e, posteriormente, pela Gestalt, pelo personalismo e pelo freudismo. Portanto, é necessário reafirmar, sobre a psicologia soviética, que sua organização e seu desenvolvimento não se deram de modo harmonioso, e tal constatação deve ser encarada como uma determinação.

É evidente que os acontecimentos da década de 1930, por si só, dariam uma imensa pesquisa, precisamente por todos os avanços, retrocessos, ideias e teses desenvolvidas por diversos pesquisadores ao longo desse decênio. Entretanto, o objeto direto, ou seja, o marxismo-leninismo, presente na fundamentação da psicologia soviética, de longe foi esgotado neste único decênio. Assim, dou

---

[45] Analisei brevemente as contribuições de Blonski para a fundamentação de uma psicologia de base marxista na dissertação: *Uma história da psicologia soviética explicitada pelas abordagens da função imaginativa (1917-1960)* (Giannoni, 2018). Entretanto, para mais informações acerca da importância de Blonski no período inicial de desenvolvimento da psicologia soviética vale consultar Petrovski (1985 [1977]), Shuare (2016 [1990]), Lomov (1978) e Smirnov (1968). Em russo existe um livro sob título: *Obras Pedagógicas Selecionadas*, constando um capítulo autobiográfico de Blonski com o nome de: Como me tornei um educador. (Blonski, 1961).

[46] Smirnov (1967), citou diretamente o artigo de Vigotski: *A consciência como problema da psicologia do comportamento*, publicado pela primeira vez em 1925 na coletânea *Marxismo e psicologia*, de Kornilov.

continuidade às análises da presença desta visão de mundo na formação da ciência psicológica ao longo dos anos de 1940.

1.3. A década de 1940: Os fundamentos de psicologia geral e a organização dos cursos de formação psicológica na União Soviética.

Apresentar a década de 1940 constitui-se como uma tarefa particularmente difícil, precisamente pelo fato de que o desenvolvimento da psicologia soviética estava sendo mediado por uma guerra que devastou grande parte da humanidade ao longo de seis anos (Hobsbawn, 1995). No entanto, tratando-se da fundamentação e organização da ciência psicológica na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, novamente as pesquisas são direcionadas para a importância de um personagem, já conhecido neste trabalho, ou seja, S. L. Rubinstein. Sem embargo, creio que para apresentar o início deste decênio, é necessário partir de uma das principais obras desse período, *Fundamentos de psicologia geral*, precisamente por Rubinstein ter escrito, em seu prefácio:

> Preparou-se a segunda versão desta obra para a impressão nos dias da Grande Guerra da Pátria. Todas as forças e todos os pensamentos se concentravam naqueles dias de guerra, de cujo resultado dependia o destino da humanidade. Nesta guerra, nosso Exército Vermelho defendia os melhores ideais de toda a humanidade progressista conta a barbárie mais horrível que jamais havia conhecido o mundo. Maidanek, Buchenwald, Auschwitz e outro campos de extermínio, que agora são apresentados livremente diante o olhar da humanidade, permanecerão para sempre na memória, não somente como lugares de inumanas torturas daquelas pessoas martirizadas pelos carrascos fascistas, mas também como expressão de uma decadência humana como jamais tenha imaginado nem a mais distorcida fantasia (Rubinstein, 1967 [1945], p. 13).

Rubinstein, no entanto, apenas se enganou em seu otimismo de que os fatos apresentados estariam presentes para sempre na memória, pois atualmente é necessário lembrar, recordar e trazer à tona os acontecimentos nefastos que ocorreram neste período, e que, vez ou outra, são negados ou deturpados por narrativas de grupos reacionários de direita e extrema-direita[47]. Porém, como

[47] No Brasil, por exemplo, nos últimos dez anos houve o crescimento considerável da defesa de ideias e práticas fascistas. Não obstante, entre 2019 e 2022, estava à frente da presidência, um sujeito que defendia publicamente a tortura e o extermínio daqueles que discordavam de seus ideais. Sob a bandeira do patriotismo, ocorreu um retrocesso gigantesco em diversas áreas do conhecimento humano: educação, saúde, cultura, arte etc. Ao mesmo tempo, existiam até mesmo, flertes diretos com o período mencionado por Rubinstein. Vale lembrar do episódio envolvendo Roberto Alves, Secretário Especial da Cultura do governo Bolsonaro, que escolheu um cenário e discurso muito semelhante ao do ministro de propaganda nazista Joseph Goebbels. Portanto,

escreveu Marx, há quase dois séculos, alguns personagens da história são encenados duas vezes, e cabe a humanidade, neste momento, interpretar se como tragédia ou farsa (Marx, 2011 [1852]).

Todavia, retornando ao começo dessa década, no ano de 1940, Rubinstein havia objetivado uma das principais obras de toda a história da psicologia soviética. Material que, em abril de 1942, seria agraciado com o prêmio Stalin, principal reconhecimento científico daquele período. Neste sentido, é impossível escrever sobre o marxismo-leninismo na ciência psicológica sem destacar alguns traços biográficos de Rubinstein neste momento histórico. Destacar sua biografia, no entanto, não significa individualizar esse personagem na produção dos fundamentos teórico-práticos da psicologia soviética, pois, como escreveu o autor no prefácio de sua primeira edição:

> [...] quero dar ênfase em uma coisa: este livro leva meu nome e contém meus pensamentos, mas acima de tudo, é ao mesmo tempo, no estrito sentido da palavra, uma obra coletiva. Não foi escrita por dez ou vinte autores. A pena foi guiada por uma só mão, e está, por sua vez, tem sido conduzida por um pensamento *unitário*. Sem embargo, é um trabalho *coletivo*: diversas ideias fundamentais desta obra foram cristalizadas como propriedade geral do pensamento psicológico progressista, e todo o material de dados no qual se apoia este livro é inclusive um produto imediato de um trabalho coletivo, o trabalho de meus colaboradores mais íntimos e da coletividade de um grande número de psicólogos experientes e mais jovens da União Soviética (Rubinstein, 1967 [1940], p. 12).

O livro *Fundamentos de Psicologia Geral*, é escrito após diversas críticas relacionadas ao seu texto de 1935: *Fundamentos de Psicologia*. Nesse material, Rubinstein, foi acusado de um abstrato funcionalismo, crítica que apareceu destacada no prefácio desta primeira edição, de 1940. O autor reconheceu o caráter abstrato, dado a personalidade em sua primeira obra, no entanto, se propôs a corrigir sua interpretação demasiadamente abstrata do psiquismo, que, em minha avaliação, foi bem-sucedida, pois, já na apresentação inicial do livro, Rubinstein enfatizou a unidade entre atividade e consciência. Portanto, a tese de que a consciência se produz na atividade, ao mesmo tempo que transforma a própria atividade, está presente ao longo de toda a obra de quase 800 páginas (Rubinstein, 2002 [1945]).

Assim, ao longo de todo seu trabalho, Rubinstein apresentou os principais temas que foram conservados na psicologia soviética e que atualmente são

---

novamente estamos diante de tempos de barbárie, todavia, sob novas condições históricas e econômicas.

estudados e pesquisados no que é denominado como psicologia histórico-cultural/sócio-histórica, no Brasil. Todavia, antes de apresentar tais temas, vale evidenciar a organização da obra de Rubinstein (2002 [1845]). Pois, entendo que o autor tenha se valido da lógica de Marx, de um modo completamente distinto daquele posto por Stalin (1945), e dos manuais de marxismo-leninismo que ensinavam como aplicar o tal materialismo histórico-dialético nas ciências.

Sem embargo, vale aqui uma pequena digressão sobre a formação de Rubinstein. O autor, que nasceu em Odessa, conviveu em um círculo de diversos filósofos ao longo de sua infância e adolescência. Apesar de acreditar que a convivência com tais intelectuais "[...] produziam nele mais impressões negativas com seus desanimadores estados de espírito e improdutivas reflexões filosóficas" (Stepanov, 2001, s/p), Rubinstein seguiu seus estudos na Alemanha, recebendo orientações diretas de dois filósofos representantes do movimento neokantista: Hermann Cohen (1842-1918) e Paul Gerhard Natorp (1884-1924). Partindo de uma visão de mundo ainda idealista, Rubinstein defendeu, em 1914, sua tese de doutorado denominada: *Um estudo sobre o problema do método*. Embora distante de uma base marxista-leninista, esse trabalho determinou suas futuras investigações na psicologia, precisamente por reconhecer a importância dos conhecimentos filosóficos no saber científico. Neste sentido, ao escrever sobre a obra de Rubinstein, é necessário reconhecer que o desenvolvimento de sua teoria da atividade é, acima de tudo, a criação de um sistema filosófico-psicológico. Essa constatação fica evidente na seguinte passagem, escrita pelo próprio autor:

> O desenvolvimento dos problemas filosóficos básicos facilita o desenvolvimento da psicologia; ao mesmo tempo, a própria teoria filosófica se faz mais concreta e avança sobre a base do material da psicologia (Rubinstein, 1963 [1959], p. 293).

Portanto, é oportuno afirmar que Rubinstein, pelas condições materiais postas em seu desenvolvimento intelectual, possuía condições específicas de compreender o conhecimento filosófico, para além das considerações manualescas do denominado materialismo dialético e materialismo histórico. Esse fato está presente ao longo de toda sua produção científica, principalmente em seus *Princípios de Psicologia Geral.*

Rubinstein (2002 [1945]) organizou seu livro de modo muito curioso, similar ao arranjo feito por Marx em sua obra máxima, ou seja, em *O Capital*. Por exemplo, ao analisar a disposição dos capítulos de Rubinstein, destaco: Capítulo 1, *Objeto da*

psicologia. Neste momento, o autor apresentou a consciência objetivada na atividade como objeto de estudo da psicologia soviética, ao mesmo tempo que destacou já em seu segundo parágrafo a importância da *perejivanie* como unidade de análise mínima da consciência, precisamente pelas determinações produzidas por tais acontecimentos emocionais negativos ou positivos na vida concreta do sujeito da atividade. Encerrando sua obra, encontra-se presente: Capítulo 20, *Autoconsciência da personalidade e seu caminho de vida*. Além de uma síntese de toda a produção psíquica, o autor, apresentou o problema da pessoa em sua própria origem, pois como escreveu Petrovski (1985, p. 22) “a atividade psíquica é determinada pelo caminho da vida e muda de acordo com as mudanças no caminho da vida”. Portanto, a atividade psicológica é sempre atividade de uma determinada personalidade, esse fato não pode ser ignorado. A origem dos processos psicológicos, tais como sensação, percepção, atenção, memória, pensamento, linguagem, imaginação etc., contemplados ao longo de toda essa obra, originam-se na vida concreta de uma determinada personalidade. Ao mesmo tempo, a consciência pode ser estudada por meio das objetivações da atividade de um determinado sujeito, pois “a consciência do indivíduo concreto é a unidade entre o experimentado (*perejivanie*) e o conhecido” (Rubinstein, 1977 [1945], p. 17 – Grifo nosso).

De maneira análoga, destaco em Marx (2013 [1867]) a organização de seu trabalho da seguinte maneira: Capítulo 1, *A mercadoria*, onde Marx apresentou a mercadoria como unidade de análise mínima do capitalismo. É nesse capítulo que são evidenciadas as contradições entre valor de uso e valor de troca, ao mesmo tempo, é nele que está a determinação de que um produto sempre oculta o processo pelo qual ele foi produzido. Portanto, a *perejivanie* de Rubinstein, ocupa um lugar semelhante ao da mercadoria para Marx, ou seja, como unidade de análise mínima. No entanto, a mercadoria como unidade de análise mínima do capital e a *perejivanie* da consciência. Posteriormente, no fim de *O capital,* existem dois capítulos que sintetizam a origem deste sistema econômico: Capítulo 24, *A assim chamada acumulação primitiva*, e Capítulo 25, *A teoria moderna da colonização*. Assim, após as análises sobre a troca, dinheiro, trabalho, jornada de trabalho, indústria etc., Marx encerrou suas análises destacando a origem de todo o capital: a acumulação primitiva e a colonização. Não obstante, a personalidade, para Rubinstein, ocupa um

lugar semelhante: ao mesmo tempo, origem e a produção de toda a vida psíquica, pois:

> Como vimos, o ser humano não nasce como personalidade, mas *converte-se* nela. Esta formação da personalidade diverge essencialmente do desenvolvimento do organismo, o qual é produzido no processo de uma simples maturação orgânica. A natureza da personalidade distingue-se também finalmente em não se desenvolver com todo o organismo, como também em possuir sua *história*. (Rubinstein, 1977, p. 132).

Portanto, Rubinstein encerrou seu trabalho na história da origem da vida psíquica do sujeito da atividade. Por sua vez, Marx (2013 [1867]) encerrou suas análises na história da origem de toda a sociedade capitalista. Afirmo que a obra de Rubinstein avançou não apenas na sistematização da tese de que a atividade produz a consciência, mas, ao mesmo tempo, que a consciência orienta a atividade. Sobretudo, o livro de Rubinstein trouxe uma lógica na organização dos trabalhos da psicologia soviética. Algo que até esse período histórico ainda não havia sido feito[48].

Entretanto, não apenas de glórias viveu Rubinstein e a psicologia soviética na gigantesca década de 1940. Antes de ser agraciado com o Prêmio Stalin, em 1942, Rubinstein ficou preso no que é conhecido hoje como cerco de Leningrado. Neste momento, segundo Stepanov (2001), Rubinstein se recusou a ser retirado da Universidade de Leningrado, entendendo que deveria cumprir seu dever cívico na qualidade de líder do Instituto, organizando o trabalho coletivo. Ao mesmo tempo, em meio aos horrores da guerra, Rubinstein atuou escondendo obras artísticas e na prestação do auxílio para pessoas que residiam em Leningrado. (Giannoni; Meneses; Leão, 2017). Um relato vívido desse momento pode ser encontrado no artigo de Stepanov, em que o autor afirmou que:

> Preservou-se o conjunto de testemunhas da coragem de Rubinstein nestas desumanas condições. Seu estudante de pós-graduação, G. Losev, estava morrendo em um hospital, localizado longe do centro da cidade. Superando fisicamente a fraqueza, Rubinstein avançou a pé através de toda a cidade para entregar a Losev parte de sua limitada ração.
> O chefe da companhia em segurança do instituto, A. L. Tchaplina, contava como está pessoa civil, que unicamente nunca na vida havia segurado armas na mão, o pediu para conduzir seu treinamento, onde ele estava pronto a aprender a atirar com a pistola, apesar da intensa miopia. Ele queria caso os fascistas invadissem a cidade (as batalhas foram para os subúrbios) aceitar a imediata participação na defesa (Stepanov, 2001, s/p).

Todos os relatos biográficos de Rubinstein, transmitem uma característica humana e de camaradagem que possuía o filósofo-psicólogo (Payne, 1969;

[48] Nos decênios que se seguiriam, houveram uma série de livros na psicologia soviética sobre o nome de Psicologia Geral. Estes materiais seguem uma lógica próxima da de Rubinstein (2002 [1945]).

Bogoiavlenskaia, 2020;). S. L. Rubinstein teve um importante papel na organização dos institutos, cursos e da ciência psicológica como um todo na década de 1940. Após receber o prêmio Stalin, em 1942, Rubinstein foi convidado a trabalhar em Moscou, fundando a Cátedra de Psicologia da Universidade de Moscou. Neste mesmo decênio, ainda foi eleito membro correspondente estrangeiro da academia de ciência da URSS, algo inédito para um psicólogo até então.

Liderando a cátedra de psicologia, Rubinstein "[...] convidou para trabalhar na universidade muitos conhecidos psicólogos moscovitas (Leontiev, Luria e outros)" (Stepanov, 2001, s/p). Outro ponto que deve ser destacado é a aprovação da graduação em psicologia na Universidade Estatal de Moscou que, segundo Stepanov, ocorreu em 1948, graças aos esforços de S. L. Rubinstein.

Em dezembro de 1944, Rubinstein publicou um artigo em que avaliou o trabalho dos psicólogos soviéticos em meio a Segunda Guerra Mundial. Na apresentação da teoria soviética da psicologia, ele escreveu que:

> A tarefa que confrontava a psicologia soviética não era opor uma dessas antíteses à outra, nem uni-las de forma eclética, mas sim eliminar o falso dualismo. Isso revela a inseparabilidade da consciência e do comportamento, e elabora uma nova teoria da consciência como unidade da experiência subjetiva e do conhecimento, baseada na teoria da reflexão de Lenin (*otrajenie*). A psicologia soviética coloca em prática na psicologia a proposição de que a consciência é consciência do ser (como Marx diz), a unidade do subjetivo e do objetivo. Na esfera social, essa mesma proposição implica a unidade do pessoal e do socialmente significativo. (Rubinstein, 1944, p. 182 – grifos no original).

Como grande parte das obras dos soviéticos, encontra-se, nesse artigo de Rubinstein, a apresentação de uma breve história do caminho percorrido pelos soviéticos. No entanto, o que chamou mais a atenção é que desde 1923, até a década de 1940, se faz presente a defesa de que a psicologia soviética foi constituída após o fim do ecletismo teórico. Por exemplo, as tentativas de Luria em unir o marxismo e a psicanálise (Luria, 1925). ou ainda, a reatologia de Kornilov, afirmando que a psicologia marxista era a síntese da psicologia introspectiva e objetiva (Kornilov, 1925). Assim, Rubinstein afirmou que foi após o estabelecimento dos princípios marxista-leninista, que a psicologia soviética pôde desenvolver a tese geral de que a atividade produz a consciência, ao mesmo tempo em que a consciência produz a atividade (Rubinstein, 1983 [1934]). Esse fato auxilia a reiterar que unir de modo mecânico duas diferentes epistemologias, não produz uma nova teoria, sem embargo, apenas nega os próprios resultados obtidos durante a pesquisa, precisamente por se tratar de distintas teorias do conhecimento. Por

exemplo, o modo que a psicanálise explica a origem do conhecimento é diferente da maneira que o marxismo-leninismo concebe o mundo. Até mesmo Vigotski (1999 [1926-1927] realizou severas críticas a Luria por sua crença no matrimônio entre marxismo e psicanálise.

A psicologia soviética, na década de 1940, estreitou os laços entre teoria e prática, precisamente por uma necessidade imediata posta pelos conflitos da guerra. Foram diversos os trabalhos envolvendo a recuperação de soldados e civis lesionados em combate. Como exemplo, vale citar o livro de Luria: *O homem com um mundo estilhaçado*, publicado em 1972. Nesse material, o autor conta a história de um soldado ferido gravemente por um artefato. Luria (2008 [1972]) apresentou ao longo do livro diversas intervenções utilizadas para a construção de um trabalho que trouxesse sentido à vida do paciente, precisamente, um trabalho que leva em consideração o ser humano concreto. O mesmo descrito por Marx (2010a [1844]), por sua vez, que por Luria não foi somente tratado como um paciente, mas como Zasetsky, soldado com uma história e vida para além de sua enfermidade.

Luria (2008 [1972]) realizou um trabalho de escrita com Zasetsky, despertando-o novamente para a vida. Nessa atividade, Zasetsky começou a se lembrar de suas vivências, objetivando diversos textos utilizados posteriormente por Luria para a produção de seu livro. Aqui, devo destacar a importância das objetivações de Zesetsky, assim como, a confirmação das teses de Rubinstein (2002 [1945]). Para o autor, a atividade, embora seja estudada pela psicologia, não se limita como seu objeto direto. Para Rubinstein, são os produtos dessa mesma atividade os objetos diretos da investigação psicológica, ou seja, aquilo que estabelece o vínculo entre a pessoa e o mundo. Apesar da atividade de escrita de Zesetsky transformar sua relação com o mundo, são os produtos objetivados por essa atividade que permitem as análises psicológicas de Luria. A atividade, ao mesmo tempo, modifica a natureza interna de Zesetsky, porém, objetiva suas características psíquicas.

Todavia, a compreensão do sujeito concreto de Marx não esteve presente apenas nos estudos de Luria (2008 [1978]; 1992 [1979]). Rubinstein apresentou a importância do marxismo nos estudos referentes à moral e a personalidade durante este período. A necessidade do desenvolvimento da moral se tornava um dever cívico, visto a invasão nazifascista ocorrida em 1941. Para Rubinstein:

> A experiência diária da guerra, em pleno acordo com os resultados da previsão teórica, mostra que assim como o social e o individual não são antíteses externas, contradições irreconciliáveis na realidade, mas estão combinados no ser humano, na medida em que o ser humano é um indivíduo social, assim também o são o socialmente e o pessoalmente importante combinados na consciência do indivíduo; o que é importante para uma pessoa de maneira alguma se limita ao meramente pessoal. (Rubenstein, 1944, p. 196)

Individual e social não estão separados por infranqueáveis muralhas, pois, como escreveu Lenin (2001 [1913], no lugar em que os economistas clássicos viram uma relação de troca entre mercadorias, Marx, identificou uma relação entre seres humanos. Neste sentido, os soviéticos compreenderam que a educação moral deveria estar voltada para o combate das ideologias que operam sob o ódio e a segregação da classe trabalhadora. Destarte, outra grande contribuição da lógica marxista-leninista, neste momento da psicologia soviética, é o combate direto das teorias fascistas que vigoravam na ciência psicológica das décadas de 1930 e 1940.

Apesar das diversas contribuições dos teóricos soviéticos durante a década de 1940, a história de uma psicologia de base marxista-leninista não se apresenta de modo linear. Desde 1920, foi enfatizado neste trabalho o desenvolvimento dessa ciência, partindo de um entendimento de que ocorreram avanços e retrocessos. Assim, se o começo desse decênio foi marcado pela necessidade de um extremo avanço da ciência psicológica, motivado por uma guerra, a segunda metade dessa década seria definida pelo oposto, ou ainda, pela censura que se iniciava a partir de 1947.

Se em 1936, Vigotski, mesmo falecido há dois anos, foi alvo de diversos ataques sobre seus trabalhos. Em 1947, a censura retornaria, contudo, não mais direcionada aos trabalhos sobre a pedologia. Agora, a crítica era dirigida aos teóricos que não valorizassem os conhecimentos produzidos pelos próprios soviéticos. Iniciou-se um movimento de caça aos cosmopolitas. Na psicologia, Rubinstein se tornou o maior inimigo cosmopolita da ciência psicológica, tendo como principal motivo a escrita de seu livro *Raízes filosóficas da psicologia*. Segundo a censura, a quantidade de autores estrangeiros se sobrepunha aos soviéticos. (Vega, 1993; Stepanov, 2001).

No livro de Mario Golder[49], *Leontiev e a psicologia histórico-cultural. Um homem em seu tempo*, há um artigo da autora Antonina Nikolaevna Jdan (1934-),

[49] Mario Golder foi orientando de doutorado de Leontiev durante a década de 1970.

denominado *S. L. Rubinstein e a Universidade de Moscou.* Nele, a autora destacou as perseguições políticas que tomaram conta da ciência de modo geral, afetando qualitativamente a produção científica e a formação de jovens pesquisadores nas diversas áreas do saber humano da União Soviética. Tornaram-se constantes as reuniões nos departamentos, cujo objetivo era afastar e banir teorias e práticas tidas como reacionárias e cosmopolitas (Shdan, 2004 [1989]).

No mesmo livro supracitado, existe outro texto que não posso deixar de mencionar neste tópico. O artigo de M. N. Maslina, denominado *Crítica a Leontiev. Em prol de uma firma adesão ao bolchevismo em questões de psicologia*, foi outro material que surgiu a partir de interpretações dogmáticas, vindas da intensificação da censura stalinista. Assim, Maslina (2004 [1948]), tal como outros artigos já mencionados neste trabalho, realizou críticas tendenciosas, mecanicistas, sobretudo, não condizentes com a constituição da teoria de Marx.

Maslina (2004 [1948]) dirigiu sua crítica a um trabalho publicado por Leontiev, em 1947, tendo como título: *Ensaio sobre o estudo da psique*[50]. Maslina, tal como fizeram Rudneva (2000 [1936]), Talankin (2000 [1931]); Razmyslov (2000 [1934]) etc., iniciou seu artigo apresentando as contribuições das pesquisas de Leontiev. Conquanto, contribuições que se limitam, pois não conseguem, de modo satisfatório, ou seja, a partir de uma perspectiva marxista-leninista, explicar o desenvolvimento do psiquismo do novo ser humano soviético, socialista e concreto. Ao longo desse material, Maslina destacou alguns pontos falhos, segundo sua avaliação, da obra de Leontiev. Entretanto, é válido dar ênfase em uma passagem:

> Por exemplo, em seu trabalho recorre-se muito pouco às opiniões cientificamente corretas de Lenin e Stalin sobre a consciência; por outro lado, ele seque se beneficia das observações do camarada Stalin sobre, justamente, a matéria em estudo, em especial as contidas em sua obra *Anarquismo ou socialismo*? (Maslina, 2004 [1948], p. 140 – Grifos no original)

Leontiev recorre, em diversas obras, às explicações de Lenin, principalmente referindo-se ao cérebro como matéria altamente organizada, ao mesmo tempo que apresentou, posteriormente, a consciência como reflexão do mundo psíquico

[50] No livro de Mario Golder, o material de Leontiev aparece traduzido como: *Estudo sobre o desenvolvimento do psiquismo*, preferimos traduzir como *Ensaio sobre o estudo da psique*, para não causar uma confusão entre este material, e o livro que está traduzido para o português sob o título de: *O desenvolvimento do psiquismo.* Este, por sua vez, foi traduzido, no Brasil, pela editora centauro, segundo consta, a partir de uma tradução em francês, tendo o título de: *Le développement du psychism*. Por sua vez, a publicação desta obra por Leontiev, ocorreu no ano de 1959, com o nome de: *Problemas do desenvolvimento da psique*.

(Leontiev, 2004 [1974]). No entanto, novamente encontra-se aqui a descrição feita por Kedrov e Spirkin sobre o culto à personalidade de Stalin. Precisamente porque no texto referido, Stalin discutiu de modo simplista o método dialético, afirmando que Hegel foi seu fundador, ignorando parte significativa de mais de 2000 mil anos da filosofia. Por exemplo, em Ilienkov (1977), ou em Llanos (1988), está presente a tese de que a dialética ganhou sua expressão mais significativa na história da filosofia a partir de Hegel, todavia, não se iniciou com o filósofo prussiano. Llanos apresentou as contribuições da dialética desde a cosmologia grega de Tales de Mileto. Portanto, não seria o texto de Stalin que faria diferença nas discussões científicas de Leontiev. Outro ponto que vale ser destacado nos escritos de Maslina, é o seguinte:

> Ao longo de sua leitura, o livro está repleto de referencias aos “grandes”, “famosos”, “celebrados” homens da ciência burgueses. O professor chama a atenção dos leitores justamente para a obra destes autores e, consequentemente, passa ao largo da obra que tem sido realizada em nosso país. (Maslina, 2004 [1948], p. 141).

Encontra-se presente aqui um fenômeno que ocorreu, principalmente, após a Segunda Guerra Mundial. Era a tentativa de se criar um cenário patriótico na defesa da construção do socialismo. As referências artísticas, literárias e científicas que deveriam compor os trabalhos, discussões e exemplificações, eram apenas, ou, em sua grande maioria, as soviéticas (Voprosy Psikhologii, 1989). Muitos teóricos foram julgados, censurados e duramente criticados neste momento, por exemplo, nem mesmo Leontiev, escapou das críticas tendenciosas, mecanicistas e, sobretudo, contrárias ao que Lenin definiu como as três fontes e três partes constitutivas do marxismo (Lenin, 2001 [1913]).

No entanto, mais intensa que a de Leontiev, foi a perseguição e censura atribuída a S. L. Rubinstein. A avaliação de seu livro, que se iniciou em 1947, encontrou seu fim quase dois anos depois, em janeiro de 1949. Nesse ano, o filósofo-psicólogo não resistiu a uma reunião[51] que avaliava a ausência do marxismo-leninismo em suas obras, em específico no mesmo livro que fez com que o autor recebesse o prêmio Stalin, em 1942. A principal crítica dos censuradores acerca da obra de Rubinstein devia-se ao fato do autor estabelecer um diálogo com psicólogos, filósofos e outros teóricos de fora da União Soviética, neste sentido,

[51] No ano de 1989, marcando os 100 anos de nascimento de S.L. Rubinstein, foi publicado o conteúdo integral desta reunião, na revista questões de psicologia (Voprosy Psikhologii), sob o título de: Páginas da História: *Sobre como S. L. Rubinstein foi demitido (do Arquivo da Universidade Estadual de Moscou)* (Voprosy Psikhologii, 1989).

rompendo, segundo a lógica da censura, com os princípios marxista-leninista que se esperava na ciência soviética. Sem embargo, a utilização de autores estrangeiros, desde filósofos clássicos até psicólogos contemporâneos, foi um dos motivos para a censura de Rubinstein (Voprosy Psikhologii, 1989).

Além das críticas diretas ao seu livro, Shdan (2004 [1989]) afirmou que outro ponto fundamental para que ocorresse tal reunião é que Rubinstein expressava um visível descontentamento e dificuldade em dirigir a cátedra de psicologia, ao mesmo tempo em que admitiu a "insuficiência que se manifestavam com muita agudeza quando a linha geral colocava a inter-relação devota da psicologia com os postulados pavlovianos" (p. 147). Ademais, não era apenas o retorno da censura que se evidenciava na psicologia soviética, simultaneamente, ocorria um aparente retorno à doutrina de Pavlov e aos reflexos condicionados, abandonados entre os anos de 1920 e 1930, precisamente pelo desenvolvimento categórico-conceitual, que se expressou na máxima: A atividade produz a consciência.

Nessa reunião, apareceu outra problemática que continuaria presente até mesmo após o falecimento de Rubinstein. Shdan (2004 [1989] escreveu:

> Mas, em especial, ele se deteve em analisar a vergonhosa situação criada em sua própria cátedra de psicologia. Segundo sua opinião, ali se haviam contraposto duas posições científicas que lutavam entre si (a sua e a de Leontiev). As categorizações que eram colocadas na instituição oscilavam entre reacionárias *versus* progressista, dentro do marco comum da psicologia soviética. Este último ponto de vista, pela lógica da época, não foi avaliado pela comissão investigadora, que entendeu que as diferentes posições não estavam suficientemente fundamentadas. (p. 148 – grifos no original).

Grande parte da acusação expressava que a obra de Rubinstein era demasiadamente abstrata perante aos trabalhos de Leontiev. No entanto, em todo seu *Princípios de Psicologia Geral*, Rubinstein (1967 [1945]) apresentou diversas pesquisas e experimentos de teóricos soviéticos e estrangeiros, vinculando-as com uma explicação marxista-leninista do desenvolvimento psíquico.

Não obstante, é válido evidenciar alguns fatos sobre as críticas feitas à obra de Rubinstein. O primeiro se refere ao momento histórico, assim, a personificação da figura de Stalin se fazia presente a todo instante nas ciências de modo geral (Kedrov; Spirkin, 1967). O segundo é sobre a própria constituição da obra de Rubinstein. Desde a publicação de seu primeiro artigo, em 1922, seu desenvolvimento teórico segue uma lógica de abstrair da realidade objetiva e concreta, temas centrais do psiquismo, discutindo e apresentando conceitos e

categorias que são abstratos em sua fundamentação, por exemplo, a *perejivanie*, ou ainda, a consciência. Todavia, Rubinstein (1967) jamais deixou de apresentar a *perejivanie* como uma unidade concreta na produção da consciência, precisamente um dos motivos que a torna uma de suas unidades de análise. Ao mesmo tempo, nunca ignorou o fato de que a consciência é um conjunto de conhecimentos que se encontra fora dela, seja por meio do saber científico ou cotidiano (Rubinstein, 1963 [1959]). Talvez, a passagem mais abstrata em seu sentido teórico, todavia, que mais transmite a concretude da obra de Rubinstein, esteja no segundo parágrafo de seus *Princípios de Psicologia Geral*:

> Não há nenhuma dúvida de que nada do que nos é dado na nossa experiência *(perejivanii)* direta nos pode ser dado de outra forma [...] Nenhuma dissertação pode substituir, no ser humano, o que este sente, se ele próprio não experimentou o amor, o espírito combativo ou a ânsia de criar. As minhas próprias sensações ou emoções *(perejivaniia)* são-me proporcionadas de outra forma, de outra perspectiva e de maneira diferente da dos outros. As emoções *(perejianiia)* pensamentos e sentimentos do sujeito são os seus pensamentos, as suas emoções. São as suas emoções *(perejivaniia)* um pedaço da sua própria vida, da sua própria carne e do seu próprio sangue. (Rubinstein, 1977 [1945], p, 12 – Grifos nossos)

Uma lógica que não apenas expressou o sujeito concreto de Marx, mas, também, a teoria da reflexão de Lenin, pois a consciência é reflexão da matéria (Lenin, 1967 [1909). Portanto, em Rubinstein encontra-se, ao mesmo tempo, um vínculo entre o subjetivo e o meio social, pois a subjetividade, que se produz na atividade concreta do sujeito na esfera cultural, é uma atividade do sujeito (Rubinstein, 1968 [1958]).

Porém, outro ponto que é necessário, ainda, apresentar, está guardado na própria produção vigotskiana, em específico no texto sobre *O Significado Histórico da Crise da Psicologia. Uma Investigação Metodológica.* Em uma de suas passagens, Vigotski insistiu na necessidade da psicologia se desprender do que denominou como método direto. Em suas palavras:

> É nessa questão que está o *quid* de todos os problemas metodológicos próprios da psicologia. A necessidade de sair de uma vez por todas dos limites da experiência direta é um assunto de vida ou morte para ela. Separar, libertar os conceitos científicos da percepção específica só é possível com o método indireto. Cientificamente, a objeção de que o método indireto é inferior ao direto é profundamente errônea. Precisamente porque não ilustra a totalidade da sensação, mas somente um aspecto dela, é que é capaz de desempenhar a tarefa científica: isola, analisa, destaca, abstrai traços; também na observação direta destacamos a parte a observar. Para aquele que se tortura com o fato de não compartilhar com as formigas a percepção direta dos raios químicos, não sabemos que remédio oferecer, diz Engels; no entanto, conhecemos melhor do que as formigas a natureza desses raios. A tarefa da ciência não consiste em fazer com que as

> sensações sejam percebidas: se assim fosse, em vez de fazer ciência bastaria registrarmos nossas percepções. (Vigotski, 1999 [1926-1927), p. 283-284 – Grifos no original).

Rubinstein produziu sua teoria, partindo de uma lógica próxima da levantada por Vigotski. Essa condição foi justamente permitida por seu domínio filosófico, pois entendia que para desenvolver a psicologia marxista-leninista deveria valer-se de conceitos e categorias abstratos, ou indiretos, em suas discussões teóricas. A teoria reflete do mundo parte de uma objetividade, não sua totalidade. Entendendo a verdade como histórica, a ciência está sempre avançando – ou retrocedendo – em suas investigações.

Após essa breve digressão na obra de Rubinstein, destaco sua própria autocrítica acerca do ocorrido. Nessa mesma reunião, Rubinstein teve de proferir um discurso sobre as acusações que recebeu. Nele, o autor disse que:

> A principal crítica a meu livro, parece-me que se refere a seu apoliticismo, a seu objetivismo em relação à psicologia estrangeira. Neste mencionado livro não aparece uma militância crítica à psicologia estrangeira e este deveria ser, na verdade, meu dever como especialista em meu país. Ao dar a conhecer aos leitores as ideias dos colegas do exterior, eu mantive com eles uma atitude de polêmica e discussão, em lugar de denunciar a essência reacionária de todos esses ensinamentos. Desta maneira, eu atuei mantendo-me afastado dos princípios leninistas do partidarismo bolchevique. Agora, talvez possamos compreender que se tratava de uma autocrítica obrigada a todos estes flagelos, quando uma verdadeira polêmica era impossível e a única coisa possível era reconhecer os próprios erros. (RUBINSTEIN, 1949 apud SHDAN, 2002, p. 151).

Assim, encerrava-se a década de 1940, e em abril de 1949, Rubinstein foi liberado de todos os seus cargos, incluindo da docência que exercia na Universidade de Moscou. Seria apenas após o falecimento de Stalin, em 1953, e de modo gradual, que Rubinstein retornaria a alguns de seus cargos. Sobre esse momento, Andrei Vladimirovitch Brushlinski (1933-2002), seguidor e continuador da obra de Rubinstein, disse em uma entrevista que, quando adolescente, necessitava fazer um trabalho sobre psicologia. Uma amiga da família o presenteou com o livro *Fundamentos de Psicologia Geral*, de Rubinstein. Conquanto, ela o advertiu: “Leia isso, mas não cite ou refira-se a Rubinstein” (Brushlinski, 2002, p. 6).

Rubinstein não foi o único pesquisador na década de 1940, censurado e acusado de cosmopolitismo. Vários outros teóricos da psicologia, e de outras áreas do saber, tiveram suas obras criticadas por não contemplarem explicações marxistas e leninistas, ou ainda, por dialogarem com colegas do estrangeiro. Assim, o conceito de personificação de Stalin na ciência, somado com sua divisão mecânica do, assim

chamado, materialismo dialético e materialismo histórico, engessava e dogmatizava a ciência. A psicologia, por sua vez, caminhava cada vez mais para uma discussão que rompia com seus fundamentos marxista-leninista, adotando uma visão cartesiana, determinista, e afirmaria, ainda, eclética, contradizendo as discussões epistemológicas feitas por Rubinstein (1983 [1934]) e Vigotski (1999 [1926-1927]). Esses novos retrocessos presentes na fundamentação teórico-prática da psicologia soviética será a próxima análise neste trabalho.

1.4. A década de 1950: A contradição entre o reflexo e a reflexão

Abordar o decênio de 1950, na psicologia soviética é, ao mesmo tempo, simples e tortuoso. Torna-se fácil apresentar esse período, precisamente pelos significativos trabalhos teóricos surgidos e recuperados neste momento histórico. Entretanto, grande parte desses materiais foram escritos durante, ou após, uma intensa censura e retrocesso da psicologia soviética. Sem embargo, é válido iniciar as investigações desta década afirmando, novamente, que trata-se de uma época de retrocessos e avanços para a história da psicologia soviética.

O primeiro grande retrocesso que marcou o início dos anos de 1950 para a ciência psicológica, ocorreu numa determinação vinda de um congresso que se sucedeu entre os dias 28 de junho a 04 de julho de 1950, recebendo o nome Conferência Pavlov (Giannoni, 2018). O encontro, organizado por diversos pesquisadores, em especial pelo fisiólogo Anatoli Georgievich Ivanov-Smolesnki (1895-1982), produziu um material acerca das discussões feitas na conferência[52]. O livro, publicado em Russo no ano de 1950, recebeu o título de *Sessão Científica Dedicada Aos Problemas do Ensino Fisiológico do Acadêmico I. P. Pavlov,* sendo, também, traduzido para o inglês, em 1951.

O material, que possui uma série de debates acerca do uso da doutrina pavloviana nas mais variadas áreas das ciências humanas, sociais e naturais, chama atenção, precisamente, pela abertura do livro. Nas páginas iniciais encontra-se uma carta direcionada a Stalin, com o título: *Para o camarada I. V. Stalin*.

[52] Não apresentarei os debates desta conferência, assim como, os materiais produzidos posteriormente pela CIA (*Central Intelligence Agency*) sobre este encontro, pois já realizei isso em outro trabalho (Giannoni, 2018). Assim, apresento o tratamento dado ao marxismo-leninismo, a psicologia, após este evento.

(Nautchnaia Sessiia Posviashchennaia problemam fiziologitcheskogo utcheniia akademika I. V. Pavlova, 1950).

A carta é repleta de exemplificações daquilo que já apresentei páginas acima, e que ficou conhecido como a personificação de Stalin na ciência soviética (Kedrov; Spirkin, 1967). Apesar de se constituir como um rico material de análise acerca dessa temática, é apropriado apresentar apenas alguns exemplos, como na primeira página desta carta:

> Os participantes da sessão científica da Academia de Ciências da URSS e da Academia de Ciências Médicas da URSS, dedicada aos problemas do ensino fisiológico de I. P. Pavlov, enviam a você, líder da ciência, ilustre líder e mestre do heroico partido bolchevique, do povo soviético e de toda a humanidade progressista, portador da paz, democracia e socialismo, lutador pela felicidade dos trabalhadores em todo o mundo, suas calorosas saudações (Nautchnaia Sessiia Posviashchennaia problemam fiziologitcheskogo utcheniia akademika I. V. Pavlova, 1950. s/p).

Stalin, ao longo das décadas de 1940 e começo de 1950, era apresentado como um importante porta-voz da ciência soviética, ou ainda, um continuador direto do legado deixado por Marx, Engels e Lenin. Algo que se expressou em outro parágrafo desta mesma carta:

> Como líder da ciência, você produz obras que a história da ciência avançada desconhece igual. Seu trabalho "Sobre o marxismo na linguística" é um exemplo de verdadeira criatividade científica, um grande exemplo de como a ciência deve ser desenvolvida e promovida. Este trabalho revolucionou a linguística, abrindo uma nova era para toda a ciência soviética.
> Você, camarada Stalin, eleva e resolve criativamente as questões mais urgentes da teoria marxista-leninista, iluminando o caminho para o comunismo com o poderoso brilho de seu gênio. (Nautchnaia Sessiia Posviashchennaia problemam fiziologitcheskogo utcheniia akademika I. V. Pavlova, 1950. s/p).

Tal como demonstrado páginas acima, o desenvolvimento teórico-científico da dialética em Stalin (1945 [1935]) se mecanizou, tornando-se dogmática, e, em alguns momentos, até mesmo dualista. Esse fato se demonstra nessa carta endereçada ao camarada Stalin. Para além disso, o trabalho referido na carta é uma entrevista de Stalin a um grupo de jovens vinculados ao jornal *Pravda* (Stalin, 1950). Portanto, a obra não se constitui como uma investigação científica, tal como as pesquisas de psicólogos como Vigotski (2009 [1934]) e Rubinstein (1967 [1945]). O fragmento apresentado acima se expressa, por si só, e não vale ocupar-se tanto dessa discussão sobre a personificação stalinista na ciência, pois, além dessa questão, nessa mesma carta, encontra-se a relevância da teoria pavloviana para os autores da conferência. Segundo eles:

> Você, camarada Stalin, constantemente nos ensina a não nos contentarmos com o que já alcançamos. Seguindo o seu grande exemplo e suas orientações, reconhecemos plenamente que a doutrina de I. P. Pavlov não é uma doutrina estática, mas uma base científica para o desenvolvimento criativo da fisiologia, medicina e psicologia, nutrição racional, cultura física e promoção a saúde, visando fortalecer a saúde do povo soviético. (Nautchnaia Sessiia Posviashchennaia problemam fiziologitcheskogo utcheniia akademika I. V. Pavlova, 1950. s/p).

A doutrina de Pavlov poderia ser utilizada, segundo os organizadores da conferência, para a reconstrução das mais variadas áreas do saber humano, desde a própria fisiologia, até a medicina, nutrição, psicologia entre outras áreas que sofreram diretamente com a determinação de se reconstruírem, a partir do legado pavloviano.

Entretanto, tratando-se da ciência psicológica soviética, o retrocesso foi gigantesco, tal como toda a perseguição científica-política neste momento da história. Na dita conferência, segundo Payne (1968), os trabalhos realizados pelos teóricos da psicologia, desde 1917, foram considerados insuficientes, ou seja, até o presente momento não haviam desenvolvido uma teoria objetiva, condizente com a nova sociedade e o novo ser humano socialista. Assim, somente a teoria pavloviana poderia oferecer as bases científicas corretas para sua reconstrução.

Durante a conferência, apenas três psicólogos estiveram presentes na discussão. Segundo Payne (1968), eram: Boris Mikhailovitch Teplov (1896-1965)[53], Sergei Leonidovitch Rubinstein e Viktor Nikolaievitch Kolbanovski. Inclusive, sobre Teplov, Anatoli Georgievich Ivanov-Smolesnki registrou nos anais da conferência que “sobre as apresentações dos professores de psicologia. Sem dúvida, havia uma boa autocrítica nelas, mas na apresentação do professor Teplov, infelizmente; além da autocrítica não havia mais nada” (Ivanov-Smolesnki, 1950, p. 115).

Sob essa nova determinação, a psicologia soviética foi sendo reconstruída, e os teóricos foram se adaptando, por meio de suas atividades criadoras na psicologia, a esse novo momento histórico. Luís Garcia Vega em seu livro *História da Psicologia III. A psicologia russa: reflexologia e psicologia soviética*, escreveu:

> Este movimento de pavlonização da ciência soviética obrigou a modificar as carreiras e disciplinas para ajustá-las a doutrina de Pavlov. O homem se

[53] Teplov é um teórico marxista da psicologia, um tanto quanto desconhecido no ocidente e, em específico no Brasil. Rubinstein (1944), apresentou um trabalho de Teplov denominado como: *A mente do oficial*, feito durante a Segunda Guerra Mundial. Outro trabalho conhecido de Teplov, e que consta no site do Instituto de Psicologia da Academia de Ciências da Rússia, como um dos mais importantes de sua carreira é: *Psicologia das Habilidades Musicais*, publicado em 1947 (Teplov, 1947). Por sua vez, este mesmo material, encontra-se traduzido para o francês, pela editora *Presses Universitaires de France*, sob o título de *Psychologie des Aptitudes Musicales*. (Teplov, 1966).

> converteria em um produto passivo das influências do meio, o qual implicou uma lamentável perda dos valores humanos e a subordinação aos interesses sociais impostos pelo aparato do partido. Diante dessa situação repressiva os autênticos psicólogos soviéticos (Luria, Leontiev, Rubinstein, Galperin, etc) externamente adotaram a ideologia imposta e ocultaram suas autênticas investigações na sombra do conceito de reflexo, equivocadamente pavloviano, porque, na realidade para eles tinha outro significado muito diferente e de acordo com a teoria de Lenin, para quem a consciência era o reflexo ideal do mundo objetivo. De fato, todos estes psicólogos confessaram que tal situação impositiva foi uma grande humilhação e significou um grande retrocesso para a psicologia dialética. (VEGA, 1993, p. 114-115)

Concordo e discordo de Vega em alguns aspectos acerca da elaboração da psicologia soviética na década de 1950. O primeiro ponto de convergência a ser apresentado é relacionado ao fato de que, nesse momento, os cursos de psicologia tiveram de ser readequados, cumprindo a exigência de se apresentar a importância de Pavlov para essa ciência. Simultaneamente, diversos teóricos, tais como os que foram apresentados no trecho acima, tiveram de se adequar a este momento histórico. Todavia, nosso ponto de divergência é justamente sobre o conceito de reflexo, precisamente por não se tratar da mesma palavra e significado no russo[54]. Para além disso, a teoria da reflexão de Lenin ainda era permitida nos estudos teóricos da psicologia, entretanto, afirmo que esse tenha sido um dos grandes motivos para que as obras de Rubinstein, no fim de sua vida, contemplassem estudos acerca das temáticas filosóficas sobre gnosiologia, epistemologia e ontologia, no entanto, sempre destacando em outros tópicos a relação entre fisiologia, atividade nervosa superior e psicologia. Um exemplo, é seu livro *O Ser e a Consciência*, publicado em 1957.

Entretanto, é inegável o impacto que a conferência teve na produção posterior da ciência psicológica de base marxista durante todo o decênio de 1950. Em um livro organizado por Mark Samuilovitch Lebedinskii (1895-1980) e Konstantin Ivanovitch Platonov (1877-1961), a partir das comunicações e trabalhos científicos apresentados numa conferência sobre os problemas da psicoterapia na União

[54] Sobre a diferença conceitual entre essas duas palavras na língua russa, a palavra reflexo, pode ser transliterada como *refleks* (*рефлекс*), enquanto reflexão, como *otrajenie* (*отражение*). Todavia, suspeito que Vega (1993), se referia diretamente ao conceito de *refleksia* (*рефлексия*), que aparece nas obras dos soviéticos em discussões sobre a fisiologia pavloviana. Por exemplo, em Rubinstein (2003 [1957], p. 171), está presente que “a lógica interna da teoria da reflexão inevitavelmente leva a uma compreensão reflexiva da atividade mental”. Passagens antimecanicistas, que encontram-se ao longo de toda a obra de Rubinstein, durante a década, de 1950, por exemplo. No entanto, em todas as traduções comparadas (Rubinstein, 1960; Rubinstein, 1963; Rubinstein, 1968), os dois problemas aparecem descritos como teoria do reflexo, certamente, algo que causaria confusão e estranhamento no leitor, podendo julgá-lo, até mesmo, como um representante do materialismo mecanicista.

Soviética, existe um capítulo de Vladimir Nikolaevitch Miasíschev (1893-1973)[55] que merece destaque pelas contradições epistemológicas presentes nos anos de 1950.

No capítulo do professor Miasíschev, de nome *Problemas teóricos da psicoterapia,* existe uma breve apresentação sobre sua compreensão de personalidade. Segundo o autor, "o conceito de personalidade, como um sistema de relações, encerra todos os níveis das atitudes do homem, desde as paixões até as convicções". (Miasíschev, 1962 [1958], p. 16). O entendimento da personalidade como um sistema de relações sociais se desenrolou como um pilar central da teoria de Miasíschev. Para além disso, está em conformidade com a teoria social de Marx. Desde seus *Manuscritos Econômico Filosóficos*, de 1844, destaca-se a presença da importância das relações na constituição do gênero humano (Marx, 2010 [1844]). Tese que posteriormente se complexificou nos estudos da personalidade, nas obras dos soviéticos, e que ganhou destaque em pesquisas de Miasíschev sobre a personalidade como um conjunto das relações. Ainda sim, talvez o exemplo mais simbólico que é possível apresentar nessa apropriação esteja descrito nos próprios *Manuscritos,* de Marx:

> Cada uma das suas relações humanas com o mundo, ver, ouvir, cheirar, degustar, sentir, pensar, intuir, perceber, querer, ser ativo, amar, enfim todos os órgãos de sua individualidade, assim como os órgãos que são imediatamente em sua forma como órgãos comunitários, | |VII| são no seu comportamento objetivo ou no seu comportamento para com o objeto a apropriação do mesmo, a apropriação da efetividade humana; seu comportamento para com o objeto o acionamento da efetividade humana (por isso ela é precisamente tão multíplice (vielfach) quanto multíplices são as determinações essenciais e atividades humanas), eficiência humana e sofrimento humano, pois o sofrimento, humanamente apreendido, é uma autofruição do ser humano. (MARX, 2010, p. 108 – Grifos no original).

Em Marx, está presente a ideia inicial, e primordial, da compreensão de que a individualidade se produz a partir das relações humanas, ou seja, dos vínculos comunitários e sociais. Myasischev (1987 [1935], p. 38), seguindo essa lógica escreveu:

> Uma personalidade cognitivamente consciente, o indivíduo social, é, antes de tudo, um sistema complexo e dinâmico de relações determinado por toda a história do desenvolvimento social do ser humano. Os conceitos de personalidade e de relações, que não consigo abordar extensivamente aqui, devem ser princípios básicos em qualquer compreensão da psicologia do

[55] Miasíschev, possui uma obra científica desenvolvida na tese de que a personalidade é fruto das relações sociais, por exemplo, ideia que encontramos como germe na Ideologia Alemã, de Marx e Engels (Marx; Engels, 2007 [1845-1846]. Sobre seus trabalhos, possuímos no Brasil e, no ocidente de modo geral, pouco conhecimento sobre suas principais ideias e trabalhos. Porém, podemos encontrar pequenos textos que abordam minimamente seus dados biográficos e bibliográficos. (Shuare, 2016 [1990]; Vega, 1993; Institut psikhologii rossiiskoi akademii nauk, 2024; Giannoni, 2018).

> processo de atividade laboral, e a análise da capacidade de trabalho humano em condições normais e patológicas deve ser abordada a partir desse ponto de vista.

Portanto, a citação de Miasíschev (1962), apresentada páginas acima, sintetizando seu entendimento da personalidade como uma síntese das relações sociais, começou a ser desenvolvida já na década de 1930, estando presente nesse artigo de 1935. Além de se caracterizar como uma expressão da atividade criadora da ciência psicológica soviética, a citação de Miasíschev é útil para sustentar a afirmação de que, em Marx, encontravam-se os fundamentos e bases do desenvolvimento da psicologia soviética. Independente da escola que se desenvolveu na URSS, a tarefa da criação de uma nova psicologia que se expressasse numa teoria geral era coletiva.

Contudo, após essa breve digressão acerca da atividade criadora objetivada na obra de Miasíschev, é necessário retornar a discussões de como as determinações da conferência sobre Pavlov afetaram sua criação teórica. Nesse mesmo capítulo sobre os problemas dedicados à teoria psicoterapêutica, Miasíschev (1962) apresentou a todo instante as contribuições de Pavlov para as discussões sobre psicologia, estudo clínico e, até mesmo, para a psicoterapia. Todavia, o trecho mais confuso desse trabalho se apresentou no último parágrafo, quando o autor escreveu que:

> A psicoterapia soviética, apoiando-se na teoria do marxismo-leninismo, na fisiologia pavloviana e a psicologia materialista, conta com um fundamento autenticamente científico, se vincula intimamente com a higiene e a profilaxia, e, com as condições da sociedade socialista [...] (Miasíschev, 1962 [1958], p. 27).

Torna-se uma tarefa impossível ler a citação de Miasíschev e não recordar das análises feitas por Vigotski (1999 [1926-1927]) sobre a crise na psicologia, especialmente sobre sua afirmação questionando determinados autores que aceitam diferentes visões de mundo, e teorias do conhecimento em suas investigações teóricas. Portanto, é conveniente analisar a afirmação de Miasíschev, demonstrando algumas contradições presentes em sua escrita. A primeira delas se manifesta no fato de que a visão de mundo, presente no marxismo-leninismo, é diferente da teoria do conhecimento que embasa as análises pavlovianas. A segunda contradição, que se encontra nessa afirmação, se relaciona ao fato de que, embora Marx, Lenin e Pavlov sejam representantes de uma visão materialista, os dois primeiros compreendem a matéria sempre em constante movimento, ao mesmo tempo que é

transformada pela atividade humana. Por sua vez, Pavlov é representante do materialismo mecanicista, herdeiro direto do legado e doutrina cartesiana. Portanto, para aqueles que aceitam tanto Marx quanto Pavlov na orientação de suas investigações, terão um sério problema nas interpretações acerca do próprio sujeito cognoscitivo, chegando a diferentes resultados, inconciliáveis nessas visões de mundo. Por exemplo, em Pavlov (1980 [1930]), se faz presente que

> O homem é um sistema, uma máquina, e ele está submetido, como qualquer outro sistema na natureza, às mesmas leias naturais, irrefutáveis e comuns. Mas é um sistema incomparável pela sua faculdade de auto-regulação, o que podemos afirmar segundo o nível atual da ciência. Nós conhecemos grande número de máquinas de auto-regulação complexa entre as criações do homem. A partir desse ponto de vista, o estudo do homem-sistema é examente o mesmo de qualquer outro sistema: decomposição em partes constituintes, estudo da importância de cada uma destas partes, estudo das correlações com a natureza-ambiente, e em seguida, baseada em tudo isso, a explicação do seu funcionamento e regulamento na medida das possibilidades humanas. O nosso sistema, auto-regulador no máximo grau, é capaz de manter-se sozinho, restabelecer-se, consertar-se e, até mesmo, de se aperfeiçoar-se. A principal impressão, a mais forte e a mais constante, que se tem ao estudar a atividade nervosa superior pelo nosso método é a extrema plasticidade desta atividade, as suas imensas possibilidades: nela, nada permanece na imobilidade, nada é inflexível, tudo pode ser conseguido e aperfeiçoado, posto que sejam satisfeitas certas condições necessárias. (p. 124).

De imediato, já existe uma grande contradição entre a compreensão de ser humano para Pavlov e Marx. Enquanto o primeiro acredita que a humanidade está submetida a leis naturais, por se constituírem como um sistema da natureza, o segundo defende que os seres humanos, apesar de suas características filogenéticas, já não vivem mais sob as leis naturais. Precisamente, pelo fato de que transformando a natureza, eles a humanizam, desenvolvendo suas próprias potencialidades, ou seja, transformando-se a si mesmos, não se autorregulando, mas se regulando conscientemente. Portanto, é uma lei submetida a suas próprias necessidades e vontades. Enquanto humanidade, os indivíduos se afirmam como seres sociais. (Marx, 2013 [1867]); Lukács 2013 [1968]; Iliénkov, 1977).

Outra considerável divergência entre Pavlov e Marx se encontra no entendimento da investigação científica. Pavlov acreditava que o estudo da pessoa-sistema deve seguir uma lógica de decomposição em partes dos objetos estudos. Assim, propunha investigar o ser humano de modo fragmentado, não contemplando o caráter de totalidade, presente na obra de Marx. Sua lógica é cartesiana, não marxista. Por exemplo, segundo as palavras de Descartes (1999 [1637], p. 49), sua proposta de método consistia em “repartir cada uma das dificuldades que eu

analisasse em tantas parcelas quantas fossem possíveis e necessárias a fim de melhor solucioná-las". Em outra passagem:

> [...] quis procurar outras verdades, e tendo-me estabelecido o objeto dos geômetras que eu concebia como um corpo contínuo, ou um espaço infinitamente extenso em comprimento, largura e altura ou profundidade, divisível em diversas partes que podiam ter diferentes figuras e grandezas, e ser movidas ou transportadas de todas as maneiras [...]

Ao dividir o objeto de estudos, ou seja, ao fragmentar o estudo do psiquismo, desaparecia o caráter total de personalidade. Pois, é ela, uma síntese de todos os processos mentais, e relações vivenciadas pelo sujeito. Ao cindir a personalidade, haveria apenas fragmentos do sujeito, percepção, memória, pensamento, imaginação etc., perdendo a compreensão de que a subjetividade significa que o subjetivo é uma atividade do sujeito (Rubinstein, 1968 [1957]). No entanto, não a atividade fisiológica presente na citação de Pavlov (1980 [1930]), mas, sim, a atividade como categoria fundante do ser social, sem embargo, a que transforma a natureza, ao mesmo tempo que modifica o próprio sujeito: o trabalho em seu sentido ontológico (Lukács, 2013 [1968]).

Para não delongar esta discussão, é oportuno afirmar que no momento que se decompõe em partes as análises sobre o psiquismo, se contradiz uma tese central de Marx, apropriada por Vigotski, Rubinstein e outros soviéticos. Na afirmação de que a investigação científica deva ocorrer por um estudo separado das partes, nega-se que "a anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco" (Marx, 2008 [1859], p. 264). É somente quando se conhece a complexidade de um objeto, que se pode perceber suas particularidades. Estudar, por exemplo, um processo psíquico, não explica uma personalidade. Entretanto, estudar a personalidade e suas objetivações, produzidas pela atividade, explicam seus processos mentais. Não obstante, Rubinshtein (1989 [1922]) acreditava que "ao criar sua obra de arte, o artista cria a si mesmo e sua própria individualidade estética no processo. O próprio criador é criado no ato de criatividade" (p. 16). São nas objetivações produzidas pela personalidade que se encontram o pensamento, linguagem, imaginação etc., do sujeito, e não o contrário. Neste sentido, afirmo que o método de Pavlov é diferente da lógica de Marx.

Por fim, para concluir as análises nas diferenças entre Pavlov e Marx, é apropriado recorrer a Rubinstein (1973 [1945]). Na terceira parte de seus *Fundamentos de Psicologia Geral*, o autor escreveu que

> No ser humano, a cujo estudo nos vamos dedicar agora, entendemos por tal unidade qualquer acção considerada como o último elemento homogêneo da sua atividade. A nossa opinião, segundo a qual o procedimento deve considerar-se como acto, e no homem por conseguinte, como acto consciente e activo, reflecte a nossa interpretação da personalidade humana. O homem não é uma máquina reflexa. Também não é o homem-máquina (*l'homme machine*) de Lamettrie, nem tão-pouco um ser passivo e só contemplativo. Mais precisamente, é um ser *consciente* e *raciocinante*. Mas também não é o homem de Descartes, que só existe enquanto pensa, nem o homem sensitivo de Feuerbach, cuja existência se limita à contemplação sensitiva (como a existência do homem de Descartes se limita à contemplação intelectual (p. 12 – Grifos no original).

Rubinstein foi ainda mais preciso em sua análise, negando a concepção de pessoa, posta na doutrina materialista, do médico iluminista Julian Offray de La Mettrie (1709-1751). O filósofo francês publicou, em 1747, um livro intitulado: *O homem-máquina*. La Mettrie, segundo Rosental e Iudin (1975), é herdeiro da física cartesiana e sensualismo lockeano. Neste sentido, afirmo que a compreensão de sujeito para Pavlov é distinta do entendimento de Marx, Engels e Lenin. Ao pensar na definição do ser humano, é necessário afirmar e reafirmar que este é, na verdade, um sujeito de sua atividade. Um ser cognoscitivo, ativo no mundo que vive (Rubinstein, 1968 [1957]). O sujeito da atividade é aquele que se diferencia dos animais, não pelo fato de pensar, mas pela simples circunstância de encontrar condições para produzir seus víveres (Marx; Engels, 2007 [1845-1846]).

No entanto, durante toda a década de 1950, os teóricos soviéticos tiveram de se adequar à produção de uma psicologia que estivesse de acordo com a doutrina fisiológica de Pavlov, um dos maiores retrocessos na história da ciência psicológica. Todavia, é útil deixar mais do que evidente um fato, antes de encerrar esse assunto. Pavlov foi um brilhante fisiólogo, ganhador do Prêmio Nobel de Medicina, em 1904, e foi responsável por uma série de descobertas científicas no campo da fisiologia. Neste sentido, concordo com Shuare (2016 [1990]), quando escreveu que Pavlov não teve culpa do uso indevido de sua teoria, em um determinado contexto social, histórico e político. E, é conveniente afirmar, que o uso indevido de sua obra, simplesmente não apaga sua atividade criadora na ciência fisiológica dos séculos XIX e XX. Pavlov foi, e continua sendo, um importante personagem histórico na ciência moderna.

Todavia, continuando as análises históricas, é de conhecimento que, no dia 5 de março de 1953, vítima de um derrame cerebral, faleceu Joseph Stalin. Em seu lugar, assumiu a secretária do comitê central do partido comunista, Nikita

Sergeevitch Khrushchev (1894-1964). Na ciência, de modo geral, as mudanças começaram aos poucos. Em 1956, durante o XX Congresso do PCUS (Partido Comunista da União Soviética), Khrushchev apresentou um relatório que romperia com o culto da personalidade de Stalin, criado durante as décadas de 1930 e 1940 (Khruschev, 1957). Esse relatório expôs crimes, erros e falsificações históricas que foram cometidas por Stalin. Ao mesmo tempo, o autor destacou que Khrushchev apresentou os desvios do pensamento de Marx, Engels e Lenin no decorrer desses decênios (Netto, 1984).

A segunda metade do decênio de 1950 reservou para a psicologia soviética uma série de avanços teórico-práticos, mesmo sob intensa vigília das determinações para a utilização dos fundamentos pavlovianos na criação científica. Após o falecimento de Stalin, diversos teóricos foram readmitidos em seus cargos de origem. Rubinstein, por exemplo, publicou até seu falecimento, em 1960, três trabalhos de grande complexidade filosófica-psicológica: *O ser e a consciência*, em 1957, *Sobre o pensamento e os caminhos de sua investigação*, em 1958, e *Princípios e caminhos do desenvolvimento da psicologia*, em 1959[56] (Stepanov, 2001). Foi também em 1959 que Leontiev publicou a primeira edição de sua obra *Problemas do desenvolvimento da psique*, conhecida no Brasil como *O Desenvolvimento do psiquismo* (Leontiev, 1959).

Não obstante, foi em 1955 que foi criada uma revista acadêmica que existe até os dias de hoje: Questões de psicologia (*Voprosy psikhologii*). Segundo Shuare (2016 [1990]), a fundação desse periódico foi um grande acontecimento para a ciência psicológica, pois, durante mais de 20 anos, a psicologia não contava com um único jornal científico. Atualmente no site da revista, consta uma pequena aba sobre a história do periódico. A página, que pode ser acessada tanto em russo quanto em inglês, guarda algumas informações históricas importantes da segunda metade de 1950. Por exemplo, consta na história que “na equipe editorial da revista sempre trabalharam destacados psicólogos russos. Desde o primeiro grupo editorial, no qual desempenharam um papel determinante A. A. Smirnov, A. N. Leontiev, S. L. Rubinstein e B. M. Teplov [...]” (*Voprosy psikhologii*, 2024).

[56] Os três trabalhos de Rubinstein estão traduzidos para o espanhol. Ao mesmo tempo, existe uma tradução em português, realizada pela editora Portugália, em 1968, de seu livro *O ser e a consciência*. As duas outras obras, assim como *O ser e a consciência*, estão traduzidas pelos editoriais latino-americano: *Grijalbo* e *Pueblos Unidos.*

É, também, nesse mesmo decênio, no ano de 1956, que os trabalhos de Liev Semionovitch Vigotski são retirados da censura com a publicação do livro *Investigações psicológicas escolhidas* (Vigotski, 1956). Ao mesmo tempo, Leontiev e Luria, organizadores diretos da obra, justificam sua publicação, escrevendo que: "[...] a exigência de L. S. Vigotski de aproximar a psicologia científica da vida, da prática, ainda não perdeu sua relevância, e que esta tarefa continua diante de nós até hoje" (Leontiev; Luria, 1956, p. 36). Quase 80 anos se passaram desde que Leontiev e Luria afirmaram a significância do trabalho de Vigotski, algo que até os dias de hoje se faz presente na construção diária da ciência psicológica. As ideias de Vigotski se tornaram fundamentais na constituição de uma psicologia que vise atender aos interesses concretos e diretos da classe trabalhadora, rompendo com os conteúdos demasiadamente abstratos presentes na vida da pequena burguesia. A concretude da vida deve estar presente nos trabalhos teórico-práticos da ciência psicológica. Afinal, como lembrava Marx (2012 [1875], p. 20), "cada passo do movimento real é mais importante do que uma dúzia de programas".

Assim, a década de 1950, que se iniciou de um modo trágico para a ciência psicológica, começou a apresentar diversos avanços depois de sua segunda metade. Outros vários acontecimentos marcaram ainda esse período. Por exemplo, em 1957, fundou-se a sociedade de psicólogos. Por sua vez, durante o ano de 1959, na cidade de Moscou, ocorreu o Primeiro Congresso da Sociedade de Psicólogos (Shuare, 2016 [1990]). Acontecimentos que, por si só, dariam outra tese de doutorado. Todavia, pretendo limitar o assunto aos fundamentos teórico-filosóficos desse decênio. Para isso, é necessário apresentar dois materiais publicados nos anos de 1958 e 1959: 1) "*Materialismo e Empiriocriticismo" de V. I. Lenin e a teoria reflexiva*[57], capítulo do livro *Princípios e caminhos do desenvolvimento da psicologia*[58], de S. L. Rubinstein (Rubinstein,1959), e 2) *Sobre o processo de pensamento na criatividade científica do cientista*, apêndice do livro *Sobre o*

[57] Embora se constitua como um material valioso ao se tratar da fundamentação leninista na psicologia soviética, não se pode deixar de destacar que a obra possui uma série de contradições, precisamente por conta do período histórico envolvendo as determinações pavlovianas nas produções científicas da psicologia. Por exemplo, em um dos trechos deste trabalho Rubinstein (1963 [1909], p. 285) escreveu: "Esta fundamentação foi proporcionada, a desenvolver-se pela teoria reflexa e a teoria, criada por I. P. Pavlov, sobre a atividade nervosa superior. A criação desta teoria constitui um dos magnos acontecimentos registrados na história das ciências naturais desde a aparição do livro *Materialismo e empiriocriticismo* [...]" (Grifos no original)

[58] Para essa análise utilizo a versão em espanhol, publicada pelo editorial *Pueblos Unidos*, em 1963. Entretanto, as análises serão feitas em conjunto com a publicação original em russo, de 1959.

pensamento e os caminhos de sua investigação[59], do mesmo autor (Rubinstein, 1958).

É importante destacar que o texto de Rubinstein (1963 [1959]) segue uma lógica na própria discussão filosófica da psicologia, precisamente por se tratar de uma sequência, ou seja, o capítulo aparece logo após o texto *Princípios filosóficos da psicologia. Os primeiros manuscritos de K. Marx e os problemas da psicologia*, já analisado no princípio deste capítulo.

Acerca do capítulo *Materialismo e empiriocriticismo de V. I. Lenin e a teoria reflexiva*, vale afirmar que Rubinstein reapresentou alguns temas já trabalhados em seu artigo, de 1934, *Problemas da psicologia nos trabalhos de Karl Marx.* A principal temática levantada por Rubinstein (1963 [1959]) é acerca do psíquico, ou da consciência, ser uma reflexão do mundo objetivo. Todavia, o motivo de Rubinstein apresentar tal tese presente em Lenin (1967 [1909]), é fundamentar sua concepção psicológica naquilo que denominou como monismo materialista. Sendo o psiquismo uma reflexão do mundo objetivo, é superada, segundo Rubinstein, a lógica entre interno e externo, ou ainda, interiorização e exteriorização. O sujeito, que reflete a realidade, se apropria dos conteúdos disponíveis em seu meio social, assim, os elementos não estão dentro dele, ou são por ele interiorizados, mas, sim, apropriados em sua atividade cognoscitiva no mundo.

Outra tese apresentada por Rubinstein é a importância de se compreender a atividade psicológica como uma atividade cognoscitiva dos seres humanos, ou seja, uma atividade de conhecimento do mundo material. Daí, destaca-se a relevância da tese presente em Lenin (1967 [1909]), pois ao se considerar o psíquico como reflexão do mundo material, a atividade cognoscitiva se caracteriza como conhecimento desse meio social. Sem embargo, não se pode negar que conhecer o mundo é refletir, de modo ativo, seu momento histórico, social e político.

Fernandes (2012), recordou que com Lenin o marxismo havia se tornado operacional. É esta, outra grande contribuição presente na obra leninista que destacou Rubinstein (1963 [1959). Tal como escreveu, “o desenvolvimento dos problemas filosóficos básicos facilita o desenvolvimento da psicologia; ao mesmo tempo, a própria teoria filosófica se faz mais concreta [...]” (p. 293). Tornando as bases filosóficas mais concretas, ou seja, a ocupação da filosofia com temas

[59] Para essa análise utilizo a versão em espanhol, publicada pelo editorial *Pueblos Unidos*, em 1959. Entretanto, as análises serão feitas em conjunto com a publicação original em russo, de 1958.

centrais da vida social, contribuiu de modo significativo para o próprio desenvolvimento da ciência psicológica. Para além disso, se faz presente a concordância não apenas com as teses de Lenin (1967 [1909]), mas também de Marx (2007 [1845]), em específico de suas *Teses sobre Feuerbach*, precisamente de sua última ideia, expressando que a filosofia tem a necessidade direta de transformar o mundo. Ao pensarmos no trabalho da psicologia, essa é uma tese direta que transforma o próprio conteúdo psicológico. Portanto, negar a filosofia na psicologia significa transformar essa ciência em mero saber especulativo, em acúmulo de fatos. É justamente a teoria do conhecimento por detrás da ciência psicológica que permite intervir, propor e modificar a própria conduta científica, dessa maneira, superando as meras interpretações abstratas, buscando transformar o mundo.

Apesar da riqueza destacada por Rubinstein (1963 [1959]), acerca da obra de Lenin (1967 [1909]), sua discussão é suprimida pela necessidade constante de afirmar e reafirmar a importância da teoria pavloviana sobre a atividade nervosa superior. Entretanto, já destaquei que essa foi uma exigência desse momento histórico. Até mesmo, uma das passagens de Rubinstein expressou, de modo simbólico, o desenvolvimento do conhecimento científico. Rubinstein, para escrever sobre a atividade nervosa superior, de Pavlov, apresentou uma passagem do livro de Lenin, em que o revolucionário russo parafraseia Engels, afirmando que o materialismo muda seu entendimento a cada novo período histórico e descoberta científica, escreve:

> A cada descobrimento decisivo, inclusive no campo das ciências naturais, é obrigado a tomar nova forma. E, por aplicar-se o método materialista também à história, rasga-se diante dêle um nôvo rumo de desenvolvimento (Engels, 1962 [1886], p. 103).

Não há como afirmar que a passagem de Rubinstein se constitui como uma crítica ao novo modelo de produção científica acerca da doutrina pavloviana. No entanto, pode-se alegar que este fragmento citado acima ajuda a realizar uma interpretação não mecânica de seus trabalhos – e de outros soviéticos - durante esta década. Sem embargo, em meio a um movimento de censura imposta desde o fim de 1940, conseguir apresentar temas filosóficos de tamanha complexidade, mantendo o nexo exigido pelos censuradores, era uma tarefa difícil, do ponto de vista da atividade criadora. A criação científica nunca é um trabalho fácil, tal como escreveu Ignatiev (1960). Manter as concepções filosóficas de Marx, Engels e Lenin

vivas na psicologia soviética foi uma das tarefas mais difíceis, em 1950, rigorosamente pela consideração da teoria pavloviana como uma expressão fisiológica, psicológica, médica, pedagógica etc. do marxismo-leninismo.

No entanto, antes de encerrar as análises feitas sobre a década de 1950, é válido apresentar outra obra de Rubinstein. Justifico a necessidade da apresentação deste trabalho, pois é nele que é possível identificar como Rubinstein (1959 [1958]) fundamentou sua interpretação marxista da atividade numa análise prática. Por exemplo, neste apêndice publicado no livro *Sobre o pensamento e os caminhos de sua investigação*, o autor explica e demonstra sua ideia sobre a realização das análises dos produtos da atividade.

Considero, nesta tese, destacar a importância desse material de Rubinstein (1959), precisamente por retomar a lógica de Marx (2013 [1867]), que iniciou suas análises a partir de um produto da atividade humana, ou seja, a mercadoria. Rubinstein considerava que nas análises dos produtos da atividade é possível encontrar o desenvolvimento do pensamento do cientista. Não obstante, essa lógica serve para outras investigações, por exemplo, das criações artísticas e musicais, do desenvolvimento do escolar e, até mesmo, nos trabalhos clínicos (Giannoni, 2022).

No princípio de seu texto, Rubinstein (1958, p. 143) escreveu que torna-se "[...] necessário seguir por um caminho diferente – o caminho da análise da documentação, na qual o curso de seus pensamentos seria objetivamente registrado". O que nesse, e em outros trabalhos, é denominado como análise dos produtos da atividade (Giannoni, 2018; Giannoni, 2022). Não obstante, Rubinstein escolheu, em suas análises, o desenvolvimento da atividade e do pensamento científico do químico Dimitrii Ivanovitch Mendeleev (1834-1907), destacando suas investigações até a descoberta da tabela periódica.

Rubinstein (1959) afirmou que ao longo de 15 anos, até a descoberta da tabela periódica, por Mendeleev, é possível notar uma série de materiais que vão conduzindo o pesquisador até sua análise final. A importância da constatação de Rubinstein está no fato de que serve para afirmar que tanto na ciência, quanto na arte, não existe dom, ou características inatas que conduzem o sujeito para a criação, ou seja, para a objetivação de sua atividade. O produto final oculta o processo pelo qual foi produzido, isto é, o próprio trabalho por detrás dele. Assim como na mercadoria, encontra-se escondido o valor de troca, a quantidade de

trabalho e outras leis da produção e reprodução de uma sociedade de classes, em seu molde burguês.

Já no fim de seu apêndice, Rubinstein (1958, p. 146) escreveu:

> Assim, o estudo do curso do pensamento científico do cientista, que o leva à descoberta de uma nova lei de grande importância, mostra que o pensamento, neste caso também, segue seu caminho, já conhecido por nós, de forma regular.

Não interessa demonstrar as teses levantadas acerca do pensamento de Mendeleev, ou ainda, dos nexos desenvolvidos que o conduziu a propor a primeira tabela periódica. O que gostaria de demonstrar aqui é como Rubinstein (1959) compreende a atividade, suas objetivações e os vínculos com a consciência e a personalidade do sujeito. A atividade, por si só, torna-se uma categoria sociológica sem os vínculos entre consciência e personalidade. Por sua vez, as duas últimas, são objetos diretos da filosofia e da psicologia. No entanto, na ciência, devem ser investigadas tanto em seus vínculos objetivos quanto subjetivos, sem embargo, contemplando o caráter monista posto na teoria social de Marx. Neste sentido, não é apenas a atividade, a consciência e a personalidade, como categorias objetivas, que devem ser estudadas na psicologia. Os produtos objetivados pela própria atividade apresentam a possibilidade de se entender, estudar e intervir diretamente na consciência e personalidade do sujeito. Ao mesmo tempo, é no processo da atividade, de sua objetivação, que o sujeito se transforma, se aprimora e se desenvolve.

É de capital importância prestar atenção nos produtos objetivados pela atividade. Por exemplo, a necessidade de entender e analisar as objetivações como processos auxilia na edificação que leve em conta os elementos materiais históricos e sociais de uma época, tal como as condições de apropriação dadas ao sujeito. Encontra-se até mesmo esse processo destacado por Rubinstein (1959) nas obras de Marx. Em outro trabalho, já evidenciado nesta tese, Rubinstein (1963 [1959], p. 255) escreveu:

> Os manuscritos do ano de 1844 apresentam, realmente, um grande interesse. Se trata do primeiro passo, e muito importante, do jovem Marx pelo caminho que vai de Hegel ao marxismo. Através de todo o trabalho, se percebe a luta sem trégua com o velho, uma luta que não permite separar-se do inimigo, que exige contato combativo incessante com ele; ao mesmo tempo, nas mesmas páginas, se respira sem cessar o hálito do novo, o nascimento – que se efetua diante de nossos próprios olhos – de novos e grandes pensamentos dirigidos para o futuro

A objetivação de um novo materialismo que expressasse a história e a matéria em movimento, em transformação, não se desenvolveu de modo espontâneo, ou ainda, sem um árduo trabalho. Acreditar nessa espontaneidade seria crer em uma interpretação burguesa da história da ciência (Plekhânov, 1956 [1898]). Compreensão que destaca sempre uma grande, única e fantasiosa figura que mudou os rumos científicos. Brecht (1986) expressava: “Quem construiu a Tebas de sete portas?/ Nos livros estão nomes de reis./ Arrastaram eles os blocos de pedra?” (p. 167). É, justamente, por esse motivo que evidencio a concordância com Marx (2011 [1852]). O autor afirmava que quem produz a história são as próprias pessoas, não unicamente um ou outro sujeito. É de conhecimento que sem Engels, não existiria Marx. E que foi Engels que chamou a atenção de Marx para a própria economia política (Lenin, 2001 [1895]).

Até mesmo na própria obra de Marx, é possível identificar o processo de avanço científico em diversas temáticas que culminaram em seu *O Capital*, em 1867. Por exemplo, nos *Manuscritos econômico-filosóficos*, de 1844, encontra-se:

> O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a *valorização* do mundo das coisas (*Sachenwelt*) aumenta em proporção direta a *desvalorização* do mundo dos homens (*Menschenwelt*). O trabalhador não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma *mercadoria*, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral (Marx, 2010 [1844], p. 80 – Grifos no original).

Sobre os mesmos manuscritos de Marx, Rubinstein (1963 [1959]) destacou as principais contribuições para a psicologia, e o desenvolvimento de um novo materialismo, ou seja, o rompimento com o idealismo objetivo de Hegel. Entretanto, é possível ressaltar que Marx ainda entende o trabalhador como uma mercadoria, produzindo outros objetos mais valorativos que ele próprio. Em 1867, em sua obra máxima, Marx escreveu:

> Voltemos, agora, a nosso capitalista *in spe* [aspirante]. Quando o deixamos, ele havia acabado de comprar no mercado todos os fatores necessários ao processo de trabalho, tanto seus fatores objetivos, os meios de produção, quanto seu fator pessoal, ou a força de trabalho (Marx, 2013 [1867], p. 262 – Grifos no original).

Passados 23 anos, Marx apresentou que não é o trabalhador que se vende ao capitalista. O operário, na verdade, vende sua força de trabalho. O resultado ao qual chegou Marx já estava em produção, como processo, em 1859, no livro *Contribuição à crítica da economia política* (Marx, 2008 [1859]). Seguindo a lógica de

Rubinstein (1959 [1958]), é possível afirmar que as próprias noções teóricas de Marx não são fruto de uma genialidade imediata, ou ainda, individualidade momentânea. Afinal, foram 23 anos de investigações e árduo trabalho, até a objetivação de O *Capital*.

Sem embargo, é necessário dar ênfase que nas mudanças dos produtos da atividade do sujeito, é possível compreender suas transformações subjetivas, ou seja, sua consciência e personalidade (Rubinstein, 1959 [1958]; Rubinstein 1967 [1945]). Assim, afirmo nesta tese que os produtos da atividade permitem compreender como o sujeito entende, vivencia, e transforma o mundo que o circunda. Afinal, como expressava Mercedes Sosa: *todo cambia*. A atividade muda, assim como os produtos objetivados por ela, e transforma, ao mesmo tempo, o meio social e a personalidade do sujeito.

Outrossim, algo que continuava em transformação era a psicologia soviética. Na década de 1960, surgem novas mudanças e fatos determinantes para a retomada de uma ciência condizente com os pressupostos de Marx, Engels e Lenin. Sobretudo, que não precisasse operar com os conceitos e categorias pavlovianos. Este é o objeto de análise na próxima seção deste capítulo.

2. A PSICOLOGIA SOVIÉTICA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX: MARXISMO, PSICOLOGIA SOCIAL E COLETIVA

Expressar a história da psicologia soviética na segunda metade do século XX, talvez, constitui-se como uma das tarefas mais difíceis deste trabalho. Até então, destaquei que a construção epistemológica, ontológica e metodológica de uma ciência psicológica de base marxista foi desenvolvida na primeira metade do século XX, em específico nas décadas de 1930 e 1940.

Nesses dois decênios, trabalhos de autores, tais como Rubinstein, Vigotski, Luria, Leontiev, Blonski, Basov, entre outros, contribuíram de modo significativo para a organização de uma base fundamentalmente marxista para a psicologia. Rubinstein (1983), em 1934, publicou seu artigo sobre marxismo e psicologia, destacando a principal saída para a crise vivida por essa ciência no princípio do século passado. Rubinstein, em suas análises, destacava a teoria social de Marx, como ponto primordial para o desenvolvimento de um método concreto e dialético para a psicologia.

Vigotski e Luria (1996 [1930]) apresentaram, alguns anos antes de Rubinstein, um material que organizava o desenvolvimento humano, sua relação ontológica e a importância da compreensão dos processos psicológicos complexos, tais como a memória, a atenção, a linguagem e o pensamento.

Em 1930 que Kornilov (1930) apresentava sua reatologia, ainda, como uma vertente marxista da psicologia. No entanto, destacando a importância de se desenvolver uma teoria e prática condizente com a classe trabalhadora, ou seja, afirmando e reafirmando a necessidade do desenvolvimento de uma psicologia classista, rompendo de imediato com o entendimento pequeno burguês dessa ciência.

Apesar disso, trata-se de uma ciência que desenvolveu suas principais bases filosóficas ainda na primeira metade do século XX. Contudo, a primeira contradição que evidencio neste momento do trabalho, diz respeito aos materiais que chegam ao ocidente, em específico, o Brasil. Livros que surgiram como uma grande surpresa entre as décadas de 1970 e 1980. Dois desses materiais foram escritos por Leontiev: *O desenvolvimento do psiquismo* e *Atividade, Consciência e Personalidade*. Ambos publicados no ocidente na década de 1970, apresentando,

entretanto, pesquisas, teorizações e fundamentações metodológicas desenvolvidas desde 1930.

Outros materiais apresentados ao Brasil, já na década de 1980, foram rapidamente alçados ao status de prediletos da psicologia brasileira nesse primeiro momento, em especial nas áreas sociais e educacionais. Me refiro a *Pensamento e Linguagem* e *A formação social da mente*, ambos de Vigotski. O segundo livro, um recorte de vários artigos, não chegou a ser escrito naquela organização lógica por Vigotski. Já o primeiro, teve um grande recorte por parte dos editores estadunidenses. Todavia, o que gostaria de destacar, é que são outros dois materiais que apresentam ideias desenvolvidas entre 1920 e 1930.

Apesar da apropriação inicial da psicologia soviética no Brasil ter ocorrido via esses autores, devo afirmar que a ciência psicológica na União Soviética, durante a segunda metade do século XX, produziu diversos conhecimentos. Iniciando por discussões filosóficas, acompanhadas de trabalhos acerca da psicologia social, psicologia de grupos, defectologia, até culminar em uma ciência de base marxista no fim de 1980.

Portanto, neste capítulo, espero poder apresentar novos autores, tais como Shorokhova, Smirnov, Kedrov, Spirkin, Meshcheryakov, Petrovski, Lomov, Iarochevskii, entre outros. Teóricos que desenvolveram conceitos, ideias, instrumentos e técnicas para a psicologia soviética, mantendo sempre – ou quase sempre – as discussões envolvendo a base filosófica desta ciência, o marxismo. Não obstante, o início desta investigação apresenta a retomada da dialética na psicologia soviética e o fim das determinações pavlovianas.

2.1 A década de 1960: A morte de Rubinstein e a continuidade da psicologia soviética

A década de 1960 foi marcada por um grande acontecimento histórico envolvendo a União Soviética. No dia 12 de abril de 1961, a bordo da nave *Vostok* 1, Yuri Alekceevitch Gagarin (1934-1968) retornou à terra após o primeiro voo espacial tripulado, acontecimento que intensificaria a corrida espacial e, consequentemente, a guerra fria. Após a primeira viagem espacial tripulada no mundo, a psicologia soviética teria uma pequena participação nas pesquisas e estudos envolvendo os cosmonautas (Smirnov, 1968).

Também em 1961, a União Soviética recebeu o intercâmbio de alguns pesquisadores estadunidenses, dentre eles Burrhus Frederic Skinner (1904-1990). O pai do behaviorismo radical, ao conhecer a psicologia soviética, travou contato direto com nomes como Luria, Leontiev, Smirnov, Daniil Borisovitch Elkonin (1904-1984), Evgenii Nikolaevitch Sokolov (1920-2008), entre outros teóricos conhecidos e desconhecidos no Brasil e na psicologia ocidental (Skinner, 2006).

Três anos mais tarde, em 1964, Leontiev publicou a segunda edição de sua obra *Problemas do desenvolvimento da psique*. Nessa edição, Leontiev (2020 [1964]) expandiu sua pesquisa, incorporando novos materiais ao seu trabalho, por exemplo, o capítulo *A pessoa e a cultura*, traduzido para a edição em português como *o homem e a cultura*. Entretanto, destacarei um momento ainda nesta seção para analisar esse trabalho, apresentando as contribuições diretas de Marx e Engels para a escrita desse texto de Leontiev.

Conquanto, retornando para o começo desse decênio, em específico para o dia 11 de janeiro de 1960, surge a notícia do falecimento de um dos principais teóricos da psicologia soviética desde a década de 1930: S. L. Rubinstein. Acredito ter deixado mais do que evidente a importância de Rubinstein para o desenvolvimento de uma psicologia de base marxista e leninista, ao mesmo tempo, destacando sua a participação na fundação do curso de psicologia da Universidade Estatal de Moscou. Neste sentido, Rubinstein não foi apenas um filósofo-psicólogo que erigiu uma criativa teoria baseada nas obras de Marx, Engels, Lenin etc. O autor teve um papel central na transição de uma ciência psicológica mecanicista e idealista, para uma que levasse em consideração, simultaneamente, a materialidade, a historicidade e as transformações dialéticas presentes no psiquismo. Sem embargo, concordo com Stepanov (2001), quando afirmou que a biografia de Rubinstein, se confunde com a história da psicologia soviética.

Entretanto, antes de falecer, Rubinstein deixou uma obra inacabada que foi publicada pela primeira vez apenas em 1973: *A pessoa e o mundo*. Uma obra que, segundo Shuare (2016 [1990]), constituia-se de grande complexidade filosófica-teórica. Algo que, até o momento da escrita de seu livro, na década de 1990, ainda não havia sido amplamente analisado e investigado nos debates epistemológicos da psicologia soviética. É nessa obra que aparece uma das passagens mais otimistas

de S. L. Rubinstein acerca do sentido da vida, a partir de uma perspectiva humanista do marxismo[60]. No último parágrafo de seu livro, o autor escreveu:

> O significado da vida humana é ser uma fonte de luz e calor para outras pessoas. Ser a consciência do universo e a consciência da humanidade. Ser o centro de transformação das forças elementares em forças conscientes. Ser um transformador de vida, erradicar toda a sujeira dela e melhorar continuamente a vida (Rubinstein, 1973, [1959-1960] p. 385).

Essa é uma obra que não possui tradução direta para nenhuma outra língua fora do Russo. Aliás, no inglês existe um pequeno fragmento – menos de 20 páginas - desse livro de Rubinstein. O material foi publicado em forma de artigo na revista Estudos soviéticos em filosofia, no ano de 1970. Foi traduzido para o inglês sob o título de: *O individual e o mundo*. Entretanto, retomando a citação apresentada acima, é necessário afirmar que a ideia de humanismo presente em Rubinstein se aproxima muito do entendimento de Iliénkov (1971, s/p):

> A única solução, de acordo com Marx e Lenin, é a luta de todas as pessoas trabalhadoras (tanto do trabalho manual quanto intelectual) pelo estabelecimento daquelas condições na Terra garantindo o desaparecimento do próprio "problema amaldiçoado", da polarização trágica da cultura espiritual em dois campos hostis – o "espírito científico" desumanizado e o humanismo de Dom Quixote, desprovido de uma fundamentação científica. Especificamente nos referimos à luta para eliminar a esfera da propriedade privada e estabelecer o comunismo (Grifos no original).

Portanto, o que é aqui destacado como uma característica humanista presente na obra de Rubinstein, também aparece descrito nos filósofos marxistas da União Soviética, tal como Iliénkov. Porém, vale afirmar que Rubinstein (1973 [1959-1960]) identificava, como o sentido da vida humana, a eliminação das características negativas na existência dos seres humanos. Assim, ter consciência do mundo significa, ao mesmo tempo, ter autoconsciência, refletindo todas as potencialidades de uma humanidade progressista, que visa transformar o mundo, erradicando dele a

---

[60] Creio que é necessário abordar melhor a relação acerca do humanismo no marxismo, sobretudo, para não cair na lógica do humanismo burguês, presente na filosofia idealista e na psicologia dos anos, de 1970 e 1980. Por exemplo, sobre o humanismo na doutrina marxista, Rosental e Iudin (1975, p. 224), o define como: "[...] um humanismo qualitativamente novo o socialista. Sua base está formada pela filosofia marxista-leninista e pela teoria do comunismo científico, as quais demonstram que o desenvolvimento multilateral e harmônico de todos os seres humanos, a autêntica liberdade pessoal tem como premissa necessária a libertação dos trabalhadores de todo jugo social, para a edificação do comunismo. O humanismo socialista é a ideologia do proletariado, pois unicamente esta classe, com sua luta contra as classes exploradoras, pelo comunismo, cria todas as condições necessárias ao triunfo dos ideais humanistas. O socialismo, ao acabar com a propriedade privada, com a exploração do homem pelo homem, estabelece entre os indivíduos relações autenticamente humanas: o homem é amigo do homem, é seu camarada e irmão. A encarnação suprema do humanismo é o comunismo, a sociedade em que se eliminam os restos de toda desigualdade e se estabelece a expressão suprema da justiça [...]".

propriedade privada e uma sociedade baseada na divisão de classes e na exploração da pessoa pela pessoa. O sentido da vida, na perspectiva de Rubinstein, é apresentar esperanças concretas num mundo alienado e alienante. A transformação, sem embargo, não é unicamente de um indivíduo, mas, sim, do sujeito da atividade, pertencente a uma determinada classe social. A mudança, nessa perspectiva, é sempre coletiva, nunca individual.

Apesar da imensa contribuição dos trabalhos teórico-práticos de Rubinstein para a psicologia soviética, é nesta mesma década, de 1960, que suas ideias começam a ser lançadas ao esquecimento, de modo intencional. Em uma de suas últimas entrevistas, Brushlinskii (2002) detalhou de modo específico esse momento que consistiu em apagar os trabalhos de Rubinstein da história da psicologia soviética. Nesse sentido, no intuito de expandir esse debate, apresentarei os trechos diretos que fazem menção a esse acontecimento. Em uma das perguntas do entrevistador acerca das dificuldades em se trabalhar com a teoria da atividade de Rubinstein, após seu falecimento, encontramos:

> Entrevistador: *Sem dúvida, foi difícil trabalhar nesta escola, a escola de Rubinshtein, especialmente tendo em mente suas diferenças com a escola de A.N. Leontiev.*
> Brushlinskii: Este foi um problema muito grande, sobre o qual escrevi e falei muito. Infelizmente, após a morte de Rubinshtein, A.N. Leontiev, A.R. Luria e outros principais psicólogos da União Soviética começaram a suprimir sua teoria. Por exemplo, em 1966, quando o Congresso Internacional de Psicólogos foi realizado em Moscou, Luria e Leontiev publicaram extensos artigos em revistas líderes (*Voprosy filosofii, Voprosy psikhologii, Kommunist*), nos quais eles resumiram os resultados do desenvolvimento de toda a psicologia soviética. Todos os principais psicólogos, exceto Rubinshtein, foram mencionados nesses artigos (Brushlinskii, 2002, p. 7 – Grifos no original).

O congresso ao qual se refere Brushlinskii ocorreu entre os dias 04 e 11 de agosto de 1966. Inclusive, em um artigo de Luria (1966), denominado *Alguns resultados do XVIII Congresso Internacional de Psicologia*, é possível averiguar e confirmar a fala de Brushlinskii (2002). De fato, o nome de Rubinstein não consta em nenhuma passagem acerca da história da psicologia soviética. Algo já destacado neste trabalho é a impossibilidade de se apresentar o histórico dessa ciência sem passar por Rubinstein, a mesma constatação já apresentada por Stepanov (2001) e detalhada ao longo das décadas citadas nesta tese.

Em outro trecho da entrevista, Brushlinskii expôs, de fato, a proibição imposta por Leontiev, para que não discutissem a teoria de Rubinstein dentro da Universidade de Moscou. Segundo Brushlinskii:

> Mas o pior foi algo diferente. Durante um período de vinte anos (das décadas de 1960 a 1970), eu pedi várias vezes a Leontiev, que era o decano da faculdade de psicologia da Universidade Estadual de Moscou, para nos permitir (Abul'khanova-Slavskaia e eu) dar pelo menos um pequeno curso especial sobre a teoria de Rubinshtein para os alunos. Durante esses vinte anos, nunca recebemos tal permissão. Assim, por vinte anos, todos os jovens psicólogos da Universidade de Moscou estiveram praticamente isolados de Rubinshtein. E somente após a morte de Leontiev, quando A.A. Bodalev se tornou decano da faculdade, ele me permitiu ministrar esse curso especial. E assim, desde 1982, tenho dado esse curso todos os anos (durante um semestre). Mas... só me foi permitido dar para os alunos do quinto (último) ano, ou seja, quando os alunos já estão escrevendo trabalhos de curso e de diploma para outros professores (Brushlinskii, 2002, p. 8 – Grifos no original).

Dessa maneira, durante vinte anos a teoria de S. L. Rubinstein foi posta e condenada ao esquecimento. Esse é um fato que condenaria o desenvolvimento científico da psicologia soviética, pois o debate acerca da teoria da atividade passou a ser feito, unicamente, a partir da perspectiva de Leontiev. Todavia, a notoriedade que ganhou a teoria da atividade de Leontiev não foi motivada por um extenso debate e discordâncias com Rubinstein, que haviam se iniciado em 1940. A significância de sua teoria da atividade, portanto, surgiu nas proibições indiretas, ou seja, na não autorização dos cursos sobre as ideias do filósofo-psicólogo S. L. Rubinstein. Neste sentido, mesmo após o fim das censuras impostas no período stalinista, parece que a caça ao cosmopolita, Rubinstein, prosseguiu até perto dos anos de 1980.

No Brasil, mesmo com diversas publicações em espanhol dos principais livros de Rubinstein, sua teoria não foi amplamente – quiçá minimamente - estudada e pesquisada, produzindo falas e pensamentos que o apresentam como representante direto do materialismo mecanicista, o que se apresenta como um grande equívoco teórico. Em contrapartida, a teoria da atividade de Leontiev faz parte dos estudos da psicologia brasileira desde o fim da década de 1970, e ganhou, recentemente, uma tradução, para o português, de sua obra *Atividade. Consciência. Personalidade*, em 2021.

O que é apropriado chamar a atenção, neste momento, gira em torno das lendas e falácias que foram criadas com o fenômeno *troika*. De fato, não é possível negar as contribuições diretas de Vigotski, Luria e Leontiev para a constituição de uma ciência psicológica, de base marxista-leninista. Entretanto, da mesma maneira, não se pode individualizar suas produções teórico-práticas na psicologia soviética. Ao fazer isso, perde-se o contato com o movimento científico criado na União das

Repúblicas Socialistas Soviéticas, após a Revolução de outubro de 1917. Assim como se transforma Vigotski em um representante direto de um modo de se produzir ciência, vindo da pequena burguesia, ou seja, na criação de mitos, deuses e figuras únicas, desconsiderando todo um processo coletivo e sócio-histórico de um período. Por esse motivo, é importante recordar que, para Marx (2008 [1859]), não era a consciência a responsável pela criação do ser social, mas ao contrário. Da mesma forma, "[...] o modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual". (p.47). Vigotski, assim como a *troika*, é produto e processo das condições criadas pelos modos de produção, pela vida social real e concreta, da qual se objetivou uma Revolução Proletária em 1917. Isso vale também para Rubinstein e vários outros teóricos de capital importância na produção científica da URSS. Esse alerta se torna necessário para que não apareçam lendas como as descritas por Blanck (2003), no prefácio do livro *Psicologia Pedagógica*, de Vigotski. Em um de seus trechos, Blanck, escreveu:

> [...] a *segunda lenda*, que é uma espécie de "história oficial" e diz o seguinte: Em janeiro de 1924 apareceu no II Congresso Panrusso (Nacional) de Psiconeurologia, realizado em Petrogrado, um desconhecido jovem de 27 anos, proveniente de uma remota cidade provinciana. É importante destacar que a lenda sempre começa aqui em 1924, e nada nos diz da vida de Vigotski antes dessa data [...] de acordo com a lenda, no mencionado congresso perante um público formado por velhos sábios de barbas grisalhas, esse jovem fez um discurso muito eloqüente, sem ler nenhum texto. Seu argumento central era que as correntes psicológicas dominantes naquele momento tinham deixado de lado o estudo científico da consciência – um dos problemas mais discutidos e difíceis da época – e que esse estudo devia ser realizado. Foi tão persuasivo que o público ficou perplexo. Impressionado, o diretor do Instituto de Psicologia Experimental, anexo à Universidade de Moscou, K. Kornilov, convidou-o a colaborar com ele. E assim, do dia para a noite, esse jovem que provinha do mundo da literatura e do teatro iniciou uma fulminante carreira no âmbito da psicologia, a partir do momento em que se instalou em Moscou, em 1924 (p. 16-17 – Grifos no original).

O que ocorreu depois foi a continuação do mito: a repentina aproximação de Luria e Leontiev e as diversas reuniões buscando solucionar todos os problemas centrais acerca do psiquismo e da psicologia moderna. Por esse motivo, concordo com Blanck (2003) acerca da lenda criada por detrás da genialidade de Vigotski e da denominada *troika*. É válido retomar a poesia de Brecht (1986), *Perguntas de um trabalhador que lê*. Parafraseando-a: Vigotski e a *troika* criaram a psicologia soviética, mas quem mais a criou? Quais as teóricas e os teóricos que são lançados ao esquecimento por meio de histórias falaciosas como essas?

Sem embargo, é essa a defesa que faço, identicamente, sobre o movimento teórico feito por Rubinstein, e que se encontra destacado em sua pequena biografia e autobiografia (Stepanov, 2001; Abul'khanova, 2010). Não obstante, a objetivação de sua teoria da atividade e sistema filosófico-psicológico foi fruto das condições concretas criadas naquele determinado momento histórico e, simultaneamente, das relações sociais estabelecidas pelo autor ao longo de sua produção teórico-científica. Afinal, foi convidado por Básov para estudar, junto a ele, a teoria da atividade. Assim, ao analisar a obra de Rubinstein, o estudioso se faz presente em diversos momentos, em diferentes períodos de sua vida. Desde sua estadia na Alemanha, estudando Hegel e Kant, passando por Odessa no começo dos anos de 1920, investigando a autoatividade criativa. Finalmente, culminando em Leningrado e Moscou, quando erigiu seu sistema filosófico-psicológico e sua teoria da atividade, baseada nos princípios marxista-leninista (Rubinstein, 1935; Rubinstein, 1967 [1945]; Rubinstein, 1968 [1957]; Rubinstein, 1963 [1959]; Rubinstein, 1973 [1959-1960]). Talvez, faça sentido recordar Marx (2008[1859]) neste momento do trabalho, quando afirmou que:

> Um homem não pode voltar a ser criança sem retornar à infância. Mas não se satisfaz com a ingenuidade da criança e não deve aspirar a reproduzir, em um nível mais elevado, a sinceridade da criança? Não revive na natureza infantil o caráter próprio de cada época em sua verdade natural? Por que a infância social da humanidade, no mais belo de seu florescimento, não deveria exercer uma eterna atração, como uma fase desaparecida para sempre? Há meninos mal-educados e meninos envelhecidos. Muitas nações antigas pertencem a essa categoria. Os gregos eram meninos normais. O encanto que encontramos em sua arte não está em contradição com o caráter primitivo da sociedade em que essa arte se desenvolveu. É, ao contrário, sua produção; poder-se-ia dizer melhor que se acha indissoluvelmente ligada ao fato de que as condições sociais imperfeitas em que nasceu e nas quais forçosamente tinha que nascer não poderiam retornar nunca mais (p. 271-272).

O encanto encontrado nas produções psicológicas soviéticas está indissoluvelmente ligado a suas condições históricas, materiais e sociais. Isso é um fato e uma determinação. Condições sócio-históricas que não retornaram nunca mais, ao menos, não da maneira que se objetivaram após a Revolução de Outubro de 1917. As mesmas circunstâncias que não podem, mecanicamente, serem replicadas noutro contexto social, descartando as novas condições materiais e políticas. Portanto, como não vivemos numa Revolução Proletária, a teoria psicológica criada pelos soviéticos auxilia, na verdade, na construção de uma psicologia de classes sociais que, não obstante, atenda diretamente aos interesses

e necessidades da classe trabalhadora. Essa era a proposta levantada pelos soviéticos logo após a Revolução, entre os anos de 1920 e 1930. Kornilov (1930), como já demonstrado neste trabalho, chamava a atenção para uma psicologia classista. Essa é uma necessidade imediata e histórica da teoria histórico-cultural/sócio-histórica no Brasil, que, caso contrário, será lançada ao ocaso, tornando-se mais uma expressão ideológica da burguesia. Sobre essa necessidade, Rubinstein (1977 [1945]) afirmava:

> Uma psicologia, que seja mais que o campo de acção para o estudo ocioso de bibliómanos eruditos, que exija sobretudo que um ser humano lhe dedique toda a sua vida e suas forças, não se pode limitar ao estudo abstracto de algumas "funções" isoladas; através do estudo das funções, dos processos, etc., deve levar finalmente ao verdadeiro conhecimento da vida real e dos seres humanos vivos. (p. 119 – Grifos no original).

Se não quisermos condenar a psicologia soviética ao estudo ocioso de bibliômanos eruditos, ou ainda, a sua utilização exclusiva ao atendimento da pequena burguesia, é necessário, urgentemente, retomarmos os fundamentos filosóficos dessa teoria, destacando como sua visão de mundo pode auxiliar a reduzir[61] – minimamente – os danos na vida e saúde mental da classe trabalhadora, visto que o neoliberalismo continua condenando essa classe a fome, pobreza, miséria e outras tantas condições desprezíveis.

Contudo, após essa breve digressão acerca da condenação da teoria de Rubinstein ao esquecimento, e, ao mesmo tempo, da ocidentalização das ideias de Vigotski, *troika* e da psicologia soviética como um todo, devemos retomar nossa análise acerca de 1960. Para Shuare (2016 [1990]), desde o fim do decênio de 1950, existia a concentração de discussões psicológicas em áreas como Psicologia Social, Industrial e do trabalho, e problemas acerca do desenvolvimento da personalidade. Todavia, antes de explorarmos como essas temáticas se desenvolveram a partir de uma perspectiva marxista-leninista, vale desviar a atenção ao que Shuare chamou de degelo da psicologia.

---

[61] O que faz falta não é a redução de danos, dos impactos causados pelo neoliberalismo na vida proletária. Faz falta, uma mudança estrutural, ou seja, uma revolução. Entretanto, a psicologia sendo uma ciência vinda da burguesia, nada pode fazer para acelerar essa transformação. Acreditar que a psicologia pode transformar todo um contexto sócio-histórico, é cair numa lógica de fetichização, semelhante com a da própria educação (Lessa, 2012). Neste sentido, o atendimento, a prestação de serviço e as intervenções diretas com trabalhadores, militantes políticos e movimentos sociais, talvez, seja o que a psicologia tenha a oferecer neste momento, é claro, não se esquecendo de compor ao lado da classe trabalhadora, a luta contra o capital. Esse é um tema e assunto que ainda deve ser amplamente discutido entre os pares.

Segundo Shuare (2016 [1990]), no mês de maio do ano de 1962, foi convocada uma reunião "[...] pela Seção de Psicologia do Instituto de Filosofia da Academia de Ciências, da Academia de Ciências Médicas, da Academia de Ciências Pedagógicas e do Ministério de Educação Superior e Médio da URSS" (p. 146). O objetivo da reunião era discutir a temática sobre *Os problemas filosóficos da Fisiologia da atividade superior e a Psicologia*[62]. Ainda segundo Shuare, quem deu início a preparação da temática para tal reunião foi Rubinstein, e ela foi continuada após seu falecimento, em janeiro, de 1960, por sua seguidora Ekaterina Vasil'evna Shorokhova (1922-2004)[63]. Nessa reunião participaram cerca de mil pesquisadores.

Sobre o conteúdo discutido, realizou-se uma autocrítica sobre a reunião de 1950: A Conferência Pavlov. Consta, em Shuare (2016 [1990]), que os pesquisadores reunidos em 1962 chegaram à conclusão de que a teoria pavloviana é importante no destaque dado ao problema da fisiologia na psicologia, ou seja, os aspectos fisiológicos do organismo. Contudo, por conta do culto à personalidade de Stalin, a psicologia foi atingida por meio de decretos, que limitaram o desenvolvimento prático das ideias teóricas desenvolvidas entre as décadas de 1930 e 1940, ou seja, de suas principais conquistas teóricas e metodológicas. Diversas comunicações dessa conferência, por exemplo, dos fisiólogos Piotr Kuz'mitch Anokhin (1898-1974) e Nikolai Aleksandrovitch Bernshtein (1896-1966) e de psicólogos como Leontiev, demonstraram como as ideias fisiológicas e psicológicas avançaram após a criação da teoria dos Reflexos Condicionados de Pavlov. Isso foi importante para evidenciar os problemas a respeito do levantamento de verdades eternas presentes na teoria pavloviana, durante as discussões psicológicas da década de 1950. É retomada a noção de que a ciência deve

[62] Não encontrei o texto disponível para consulta online, apenas presencial.

[63] Parece que pode-se aqui iniciar uma distinção didática, apresentando tal pesquisadora como sendo de uma segunda geração da produção teórica da psicologia soviética. Neste sentido, destacando brevemente a vida e obra de Shorokhova, é válido escrever que ela sucedeu a Rubinstein na liderança do setor de Problemas Filosóficos da Psicologia. Ao mesmo tempo, foi autora de diversas obras que exploravam a relação entre filosofia e psicologia, ou ainda, sobre a presença das noções materialistas, históricas e dialéticas no psiquismo humano. Deu seguimento aos seus estudos a partir dos princípios da teoria erigida por S. L. Rubinstein. É apresentada como uma das pioneiras nos estudos sobre psicologia social. Recebeu um prêmio em 1986 por suas realizações científicas na ciência soviética (Institut psikhologii Rossiyskoi akademii nauk, 2024). Existe também a tradução em espanhol pelo editorial *Grijalbo*, do México, de uma de suas principais obras: *O problema da consciência na filosofia e ciência natural*, de 1961. Para espanhol, a obra foi traduzida com o seguinte título: *El problema de la conciencia*, de 1963.
Outros dados biográficos são encontrados em russo e em inglês nos seguintes domínios: http://www.ipras.ru/cntnt/eng/informatio/eng_whois/s2.html. http://www.ipras.ru/cntnt/rus/dop_dokume/minisajty_/shorohova_.html.

avançar, partindo do conteúdo criado por gerações passadas, e não apenas replicar o que já havia sido feito.

Embora tal reunião tenha contribuído para o delego da psicologia soviética, diversos participantes emitiram opiniões contrárias ao que foi decidido. Alguns acreditavam que apresentar os avanços da fisiologia, superando algumas noções de Pavlov, poderia ser entendido como um revisionismo científico, precisamente por todas as respostas fisiológicas terem sido respondidas por Pavlov. Shuare, em seu livro, apresentou três diferentes opiniões que surgiram durante os debates:

> i) tudo o que sustenta as novas tendências em Fisiologia já existe na teoria de Pávlov, e o repete, porém usando termos novos; ii) as novas ideias são um ataque a teoria refletora e uma heresia revisionista; iii) as novas concepções fisiológicas são um verdadeiro aporte à compreensão da atividade nervosa superior e representam o desenvolvimento criador da teoria refletora (Shuare, 2016 [1990], p. 150)

Tratando-se da psicologia, já foi apresentada, páginas acima, a necessidade do entendimento da atividade nervosa superior, precisamente, para dar ênfase no fato de que o cérebro é matéria altamente organizada (Lenin, 1967 [1909]). Porém, limitar as investigações psicológicas a esse tema significa reduzir a psicologia a própria fisiologia, empobrecendo categórica e conceitualmente essa ciência. Simultaneamente, deixa-se de contemplar a *práxis* na ciência psicológica, pois quando a teoria já não se encontra mais em concordância com a prática social, significa que os conceitos e categorias já não servem mais para aquele fim. Basta recordar a própria história da psicologia soviética, em que a teoria de Georgi Ivanovitch Tchelpanov (1862-1936), baseada num idealismo filosófico, já não conseguia mais explicar as diversas modificações e transformações sociais, postas por uma Revolução Proletária (Luria, 1992 [1972]; Smirnov, 1968; Rubinstein, 1967 [1945]; Rubinstein, 1963 [1959]; Giannoni, 2018).

Após a reunião, de 1962, a psicologia soviética voltou a produzir materiais epistemológicos, teóricos, experimentais e práticos, sem a necessidade de construir constantemente uma linguagem e lógica que dialogassem com a teoria pavloviana. No entanto, pelo motivo de Shorokhova ter sido uma das principais personagens na produção do material acerca da filosofia na fisiologia da atividade nervosa superior e, ao mesmo tempo, ter dado continuidade diretamente ao trabalho de S. L.

Rubinstein, nos dedicaremos a passar brevemente por sua obra publicada em 1961, *O problema da consciência na filosofia e ciência natural*[64].

Antes das análises é importante frisar a necessidade da apresentação de outros teóricos neste trabalho, para além de Vigotski, Luria e Rubinstein. Esse caminho auxilia a defender o argumento de que a teoria soviética da psicologia é extremamente vasta em sua produção teórico-prática, não se limitando a meia dúzia de autores que existem traduzidos para o português. Sem embargo, é interessante destacar que Shorojova (1963 [1961]), ao apresentar o problema da consciência, diferencia esse debate do que é feito pelas vertentes idealistas da ciência psicológica, atribuindo à psicologia de base marxista o título de psicologia dialética-materialista[65]. Para justificar essa diferenciação, a autora utiliza um livro de um autor que nos orbita desde o princípio desta tese, *Materialismo e Empiriocriticismo*, de Lenin. Assim, Shorojova, baseando-se nas ideias de Lenin e Rubinstein (1987 [1934]; 1967 [1945]; 1968 [1957]), acreditava que a consciência é a reflexão do mundo objetivo. Tese originada em Lenin (1967 [1909]), porém apoiada em Marx (2013 [1867]).

Todo caminho realizado até então, precisamente o que culminou na década de 1960, permite afirmar que as bases filosóficas que sustentam tanto a psicologia histórico-cultural quanto outras escolas nascidas na União Soviética, originaram-se da teoria de Marx. Portanto, o estudo da consciência, para Shorojova (163 [1961]), deve ser apresentado numa investigação direta com a matéria. Para a autora, a matéria sempre antecede a consciência, tanto a partir de uma perspectiva ontológica como gnosiológica. Nesta afirmação, Shorokhova definiu a consciência como

> [...] a forma mais elevada da reflexão psíquica da realidade. Surgindo no processo de desenvolvimento prolongado da matéria, ela é produto do desenvolvimento histórico do ser humano. Como função do cérebro humano, uma matéria altamente organizada, a consciência está diretamente ligada à forma de reflexão da fala. O que é comum à consciência e as

[64] Para essa análise utilizo a versão em espanhol publicada pelo editorial *Grijalbo*, do México, em 1963. No entanto, comparando com a versão russa, publicada em 1961, pela editora de literatura socioeconômica, em Moscou.

[65] Já apresentei todos os problemas acerca da simplificação da Teoria Social de Marx, culminando numa tentativa de tornar sua lógica pragmática. A partir de um esquema todos os problemas das ciências naturais, econômicas, humanas e sociais seriam resolvidos. Todavia, a denominação do materialismo histórico-dialético se faz presente desde uma perspectiva histórica, ou seja, se conservou na tradição marxista. Portanto, é importante chamar a atenção para a denominação da psicologia, destaca por Shorokhova, precisamente como uma possível saída para designar a ciência psicológica soviética, para além, da *troika.* Neste sentido, ao apelidar a ciência psicológica soviética de psicologia materialista dialética, consegue-se englobar uma gama maior de teóricos que se diferenciam da escola histórico-cultural de Vigotski e, sócio-histórica de Leontiev.

> outras formas de vida espiritual da pessoa é que elas são reflexão da realidade, representam uma imagem subjetiva do mundo objetivo, produto da matéria altamente organizado (Shorokhova, 1961, p. 4-5).

Na primeira aproximação de Shorokhova, falando de consciência, é possível compreender que esta depende de condições orgânicas para sua existência, ou seja, de um organismo e um cérebro humanos, ou ainda, a matéria altamente organizada. Entretanto, as condições orgânicas são apenas necessárias, sendo o aspecto determinante da consciência o desenvolvimento histórico dos seres humanos, em seu processo de ontogênese. Uma tese que aparece na filosofia marxista, já em *Ideologia Alemã*, de Marx e Engels (Marx; Engels, 2007 [1845-1846). Por exemplo, ao retornar a esse material, evidencia-se:

> Somente agora, depois de termos considerado quatro momentos, quatro aspectos das relações originárias históricas, nos damos conta de que o homem tem também "consciência". Mas, também está não é desde o princípio, uma consciência "pura". O "espírito" já carrega de antemão consigo a maldição de estar "acometido" pela matéria, que aqui se manifesta sob a forma de linguagem. A linguagem é tão velha quanto a consciência: a linguagem *é* a consciência prática, a consciência real, que existe também para os outros homens e que, portanto, começa a existir também para mim mesmo; e a linguagem nasce, assim como a consciência, da necessidade, da carência de intercâmbio com os demais homens e que, portanto, começa a existir também para mim mesmo; e a linguagem nasce, assim como a consciência, da necessidade, da carência de intercambio com os demais homens. [[Riscado no manuscrito: Minha relação com meu ambiente é minha consciência.]] Onde existe uma relação, ali ela existe para mim; o animal não se "*comporta*" em relação a nada e de maneira nenhuma. Para o animal sua relação com os outros não existe na condição de relação. A consciência é, portanto, já de antemão um produto social, e o seguirá sendo enquanto existirem seres humanos. (p. 53 – Grifos no original)

Apesar de ter sido publicada, parcialmente, apenas na década de 1930, a *Ideologia Alemã*, de Marx e Engels, escrita entre 1845 e 1846, apresenta uma série de ideias de capital importância, tanto para a filosofia quanto para a psicologia. Na citação acima, Marx e Engels sintetizam um rompimento com a noção idealista de consciência. Se o espírito já carrega de antemão a matéria, podemos afirmar que o sujeito já se encontra determinado[66] pelas condições materiais que engendram sua forma de consciência. Ao mesmo tempo, a linguagem é atribuída como consciência prática, ou seja, é nela que se cristaliza os produtos da própria consciência. Da mesma maneira, apresentar a origem da linguagem e da consciência a partir das necessidades, significa afirmar que sua produção é histórica, ou seja, não é inata,

[66] Utilizo o termo determinado desde uma perspectiva dialética: o sujeito é, ao mesmo tempo, determinado e determinante de sua história social.

mas surgiu em um determinado momento no desenvolvimento da história produzida pelos seres humanos, precisamente nas relações de trabalho.

As fundamentações materialistas e dialéticas da consciência se encontram postas na filosofia, tal como já afirmado ao longo deste trabalho. Não obstante, Shorokhova (1961) defendeu em seu livro que

> A filosofia marxista-leninista, mesmo em sua definição geral da consciência, expressando sua essência, seu propósito, caracterizando sua função específica, fornece a base para as ciências concretas que estudam diferentes aspectos desse fenômeno: psicologia, fisiologia da atividade nervosa superior, antropologia, entre outras (p. 5).

Portanto, é importante frisar que não se trata de uma base filosófica baseada num materialismo mecanicista, ou ainda, num idealismo objetivo ou subjetivo. A psicologia soviética, incluindo os autores que são conhecidos na ciência psicológica brasileira, fundamentou-se naquilo que foi denominado como marxismo-leninismo. Essa determinação se encontra presente na história e conservada nos produtos da atividade, cristalizados pelo trabalho teórico desses autores. Negar esse fato significa transformar essa teoria em seu próprio oposto. Ciência não é desejo, mas uma relação objetiva com a própria realidade (Kedrov; Spirkin, 1967).

Tratando-se da apresentação dos estudos acerca da consciência, Shorojova (1963) detalhou uma série de materiais dedicados a essa investigação. Afirmou que no fim do decênio de 1950 muitos investigadores se dedicaram a pesquisar temas como a origem material da consciência em uma relação direta com a fisiologia e a origem da consciência como um produto do desenvolvimento sócio-histórico. Shorokhova destacou diversos materiais, dentre eles, o livro *Problemas do desenvolvimento da psique*, de Leontiev, publicado em 1959. A autora afirmou que nesse material Leontiev se dedicou a buscar a origem da consciência em sua relação concreta com a produção material da vida. Todavia, ao tratar do problema da unidade entre atividade e consciência, Shorokhova retomou os trabalhos de S. L. Rubinstein, destacando o mérito dessa formulação científica que transformou a psicologia soviética ainda na década de 1930.

De modo geral, concluo que a obra de Shorokhova (1961) acerca do problema da consciência se baseia também em uma análise marxista e leninista. O modo que a autora discute o problema da consciência está posto em autores como Rubinstein, Leontiev, Spirkin etc. Não obstante, suas formulações filosóficas estão evidenciadas nos clássicos do marxismo-leninismo.

Antes de retomar as análises sobre os anos de 1960, é importante destacar que a obra de Shorokhova (1961) não se dedica apenas ao estudo da consciência, mas também do inconsciente. No último capítulo de seu livro, a autora dedicou todo um tópico para o problema. Assim, a parte denominada como *Sobre os fenômenos psíquicos conscientes e inconscientes*[67], apresenta diversos subtópicos sobre a temática do inconsciente na psicologia soviética, precisamente, tratando-o como uma qualidade do próprio reflexo psíquico.

Encerrando a apresentação da obra de Shorokhova (1961) e dando continuidade à análise sobre o marxismo nos trabalhos da psicologia soviética, faz-se necessário evidenciar agora a apresentação de uma obra conhecida pelos teóricos brasileiros, *Problemas do desenvolvimento da psique*, traduzida para o português como *O desenvolvimento do psiquismo*. Assim, existe a necessidade de dar ênfase ao capítulo *A Pessoa e a cultura*[68], pontualmente, pelo diálogo direto com Marx e Engels. Outro motivo que leva a seguir esse caminho diz respeito à didática de Leontiev, ao apresentar a problemática do desenvolvimento sócio-histórico do psiquismo. Esse é um material introdutório da denominada psicologia histórico-cultural ou sócio-histórica, compondo grande parte das discussões sobre fundamentos epistemológicos da teoria. É, ainda, importante destacar que Leontiev ganhou o prêmio Lenin, em 1963, por essa obra, publicada em 1959 (Voprosy psikhologii, 1963; Shuare, 2016 [1990]). Entretanto, o capítulo sobre *A Pessoa e a Cultura* compôs o livro apenas na segunda edição de 1964. Em seu prefácio, Leontiev escreveu:

> A segunda edição do livro “Problemas do desenvolvimento da psique” difere um pouco da primeira. Nela foram incluídos dois novos trabalhos: “O Biológico e o Social na Mente Humana” e “A Pessoa e a Cultura”. Os trabalhos que representam um interesse mais específico em psicologia e pedagogia foram omitidos nesta edição, e alguns trabalhos foram ligeiramente abreviados (Leontiev, 2020 [1964], p. 11 – Grifos no Original).

Dialogando diretamente com a segunda edição desse livro, pois, tratando-se de um destaque na psicologia soviética dos anos de 1960, é fundamental reconhecer e afirmar que Leontiev foi um dos principais personagens dessa década,

---

[67] Chamamos a atenção para o problema do inconsciente, pois esse também foi um assunto trabalhado ao longo da história da psicologia soviética. Novamente, destacamos o marxismo-leninismo como condutor dessas investigações, principalmente no que ficou conhecido como escola georgiana. O primeiro, e principal, crítico do idealismo das obras freudianas sobre o inconsciente, foi o psicólogo georgiano Dimitrii Nikolaevitch Uznadze (1886-1950). Posteriormente, o problema foi amplamente investigado por seus seguidores e continuadores de sua obra.

[68] Na edição em português a tradução aparece como *O homem e a cultura*.

e da posterior, na produção teórico-prática dessa ciência na União Soviética. Outro fato curioso, antes de iniciar as análises, repousa na questão da produção do capítulo *A Pessoa e a Cultura*, que permite afirmar que a didática presente nele se relaciona diretamente com a necessidade de dialogar com outros públicos que não estivessem ligados diretamente com a psicologia ou áreas afins. O texto de Leontiev, é um recorte de uma palestra feita para trabalhadores de um sindicato. No começo do capítulo, encontra-se:

> Palestra proferida no Seminário Internacional dos Trabalhadores Sindicais em Tashkent, em 1961, e publicada no mesmo ano como um folheto separado. O texto desta palestra serviu de base para um artigo publicado no anuário "Ciência e Humanidade" (1963). A palestra foi impressa com algumas abreviações nas edições posteriores do livro "Problemas do desenvolvimento da psique" (Leontiev, 2020 [1964], p. 398).

Esse fato explica a didática de Leontiev ao longo do texto, já que dialoga com um público que não possui proximidade com a psicologia enquanto ciência. Sem embargo, a notoriedade de Leontiev fez com que a revista *Questões em Psicologia* publicasse um artigo, em 1963, sob o título: *Em Homenagem ao Presidente do Congresso: A. N. Leont'yev – Laureado com o Prêmio Lenin*[69] (Voprosy psikhologii, 1963).

O artigo, que apresenta brevemente a trajetória acadêmica de Leontiev, chamou a atenção em apenas uma passagem:

> Mesmo naquela época, o autor aceitava a posição de I. P. Pavlov, e agora entendemos a conexão intelectual interna desta investigação com um artigo publicado 20 anos depois - "Sobre os mecanismos do reflexo sensorial", no qual a natureza reflexa da sensação foi diretamente confirmada e um segundo componente importante foi introduzido - a orientação do objeto [predmetnost'] da sensação (Voprosy psikhologii, 1963, p. 8 – Grifos no original).

É importante frisar que, apesar de Shuare (2016 [1990]) ter apresentado a década de 1960, demarcando-a como o degelo da psicologia soviética, movimento que ocorreu de modo lento e gradual. Até o momento da escrita desse artigo, em 1963, a teoria pavloviana ainda era vinculada à psicologia soviética. Não obstante, é possível notar o prestígio que ganhou Leontiev nesse cenário da ciência psicológica.

Tratando-se, agora, do material de Leontiev, em específico, do capítulo supracitado, o autor iniciou com uma discussão presente em toda psicologia de base marxista, ou seja, do ser humano como ser social. Essa tese se encontra presente em toda doutrina marxista. Desde Marx (2010 [1844]), passando por Engels (1979

[69] O texto citado foi publicado em inglês.

[1882]), culminando em Lukács (2013 [1968]), faz-se evidente a defesa do sujeito como um ser social. Simultaneamente, em todas as referências, destaca-se a tese da atividade humana, como aquela que permite a distinção entre humanidade e mundo animal. Sem embargo, a discussão de Leontiev (1999 [1964]) é importante para destacar que não existem características humanas, presentes na personalidade, que sejam inatas. A defesa dessa ideia era primordial em 1960, visto que vinte anos antes vigorava, ainda, as teorias de cunho racistas, eugenistas e conservadoras, potencializadas pela Segunda Guerra Mundial[70].

Leontiev (1999 [1972]), ao explicar o posicionamento da psicologia acerca dos estudos sobre a humanização, distinguindo as pessoas dos animais, destacou os estudos de Engels acerca do trabalho como condição desse processo. Tese, por exemplo, que podemos encontrar ao longo de sua obra *A Dialética da Natureza*, com ênfase no capítulo *Humanização do macaco pelo trabalho*[71]. Sobre a importância do papel do trabalho na transformação da natureza em natureza social, portanto, na humanização dos sujeitos, encontramos, em Engels:

> O domínio da Natureza, iniciado com o aperfeiçoamento da mão, com o trabalho, ampliava o raio de percepções do homem, a cada nôvo progresso. Nos objetos naturais, descobria êle constantemente outras qualidades até então desconhecidas. Por outro lado, o aperfeiçoamento do trabalho, contribuía para aproximar, cada vez mais, os membros da sociedade; para multiplicar os casos de ajuda mútua, de ação em comum, criando em cada um, a consciência da utilidade dessa colaboração (Engels, 1979 [1882]).

A citação de Engels não auxilia apenas na ênfase da importância do trabalho na humanização, no desenvolvimento físico e mental das pessoas, tese salientada por Leontiev (1999 [1964]), mas, também, ajuda a recuperar a noção dos produtos da atividade, apresentada por Rubinstein (1963[1959]), e já analisada anteriormente nesta tese de doutoramento. Quando Engels afirma que nos objetos naturais os

---

[70] Não é possível clamar vitória sobre as teorias de cunho fascistas existentes na primeira metade do século XX, precisamente por retornarem sob novas roupagens e serem aclamadas no senso comum. Por esse motivo, Rubinstein era incisivo quando defendia que “o desprezo pela teoria se paga sempre um preço muito alto. Por regra geral, o abandono da teoria, faz reinar uma teoria falsa. A teoria da psicologia merece uma atenção séria, profundas investigações históricas.” (Rubinstein, 1965, p 12). Sem embargo, não se deve de modo algum, deixar de debater a teoria, suas relações históricas e políticas. Basear a ciência num acúmulo de evidências, significa condená-la ao aparente retorno destas atrocidades, cometidas sob o título de ciência (Ilienkov, 1971).

[71] Apesar dos equívocos científicos cometidos por Engels sobre a transformação do macaco em humano. A ideia central do trabalho como aquilo que diferencia os seres humanos dos animais, é a tese fundamental, posteriormente apropriada pela psicologia soviética, de que o trabalho produz o ser humano, suas características físicas e psíquicas. Portanto, considero a atividade laboral como elemento fundamental na análise desta obra de Engels, citada por Leontiev.

sujeitos descobrem outras qualidades, é importante ressaltar que essas novas propriedades se cristalizam como produtos da atividade, isto é, do trabalho.

Outra importante defesa de Leontiev (1999 [1964]), presente em seu texto, diz respeito ao caráter sócio-histórico do conhecimento humano produzido. O conhecimento transmitido por seres humanos, não ocorre por meio de uma herança biológica, ou ainda, de um código genético. O conhecimento material e intelectual, produzido por seres humanos, é o que transmite para as próximas gerações aquilo que se conservou no desenvolvimento social. Assim, essa máxima apresenta como os instrumentos e ferramentas - materiais e intelectuais – são produzidos por seres humanos, para outros seres humanos. Essa tese se encontra presente, também, em Engels (1979 [1882]), e, não obstante, já aparecia como germe nos *Manuscritos econômico-filosóficos*, justamente, na discussão acerca das apropriações dos órgãos dos sentidos como órgãos sociais (Marx, 2010 [1844]).

Portanto, é necessário concordar com Marx (2010 [1844]), Engels (1979 [1882]) e Leontiev, quando o último, baseando-se nos dois primeiros, escreveu:

> [...] esse processo sempre deve acontecer, pois, caso contrário, a transmissão das conquistas do desenvolvimento sócio-histórico da humanidade para as gerações futuras seria impossível e, consequentemente, a continuidade do processo histórico seria impossível. (Leontiev, 2020 [1964], p. 242-243)

Caso o conhecimento produzido não seja transmitido às futuras gerações por meio da educação e do ensino sistematizado, o vínculo entre objeto e conhecimento se desfaz. Dessa maneira, caso os elementos culturais, objetivados pelo trabalho humano, não fossem transmitidos para outras gerações, seria provável que a humanidade, como é conhecida, não existiria, quiçá estaria cultuando o fogo em uma caverna para que este não se apagasse.

Outro ponto que necessita ser destacado na discussão de Leontiev, é o fato de que, se baseando na doutrina marxista, o autor defendeu que todos os seres humanos podem se desenvolver. As diferenças na desigualdade educacional dos sujeitos não é fruto de uma distinção biológica, tal como pregavam as teorias de cunho racistas e eugenistas da primeira metade do século XX. As dessemelhanças que ocorrem nesse processo são, na verdade, ocasionadas pelas desigualdades econômicas e divisão de classes (Leontiev, 1999 [1964]). A constatação de Leontiev estava presente em Marx e Engels, em seus trabalhos mais juvenis. Por exemplo, no célebre *Manifesto do Partido Comunista*, escrito em 1847, os autores

expressaram que a burguesia “[...] aglomerou as populações, centralizou os meios de produção e concentrou em poucas mãos a propriedade” (Marx; Engels, 2012 [1847], p. 49). A burguesia, centralizando os meios de produção, condenou o trabalhador a vender sua própria força de trabalho e objetivar riquezas que valem mais do que sua própria atividade laboral, capital que retorna a ele como fome, violência, pobreza e miséria (Marx, 2013 [1867]; Engels, 2010 [1845]). Por esse motivo, Marx e Engels eram bem enfáticos quando defendiam: “educação pública e gratuita para todas as crianças. Eliminação do trabalho infantil nas fábricas em sua forma atual. Associação da educação com a produção material etc.” (Marx; Engels, 2012 [1845], p. 68). A educação, como destacou Leontiev, transforma a consciência dos sujeitos. Ao mesmo tempo, cria condições para as apropriações de conhecimentos que se cristalizam em meios materiais e espirituais. Porém, a educação como condição da emancipação em uma sociedade de classes, em seu molde burguês, jamais será possível, pois como lembrava Leontiev:

> [...] as pessoas que compõem a massa da população, especialmente nas áreas rurais, são obrigadas a contentar-se com o mínimo de desenvolvimento cultural necessário para que possam exercer, dentro das funções de trabalho atribuídas a eles, a produção de valores materiais (Leontiev, 2020 [1999], p. 245).

Mais adiante, no mesmo material, encontra-se:

> Portanto, o processo de alienação econômica, causado pelo desenvolvimento da divisão social do trabalho e das relações de propriedade privada, leva não apenas à separação das massas da cultura espiritual, mas também ao fracionamento de seus elementos em progressistas, democráticos, que servem ao progresso da humanidade, e aqueles cuja penetração nas massas dificulta o progresso. Eles compõem o conteúdo da cultura em declínio das classes reacionárias da sociedade. A concentração e a estratificação da cultura ocorrem não apenas dentro de nações e países individuais. A desigualdade no desenvolvimento cultural das pessoas se destaca ainda mais quando consideramos o mundo inteiro, toda a humanidade (Leontiev, 2020 [1964], p. 245).

Torna-se impossível não considerar as afirmações de Leontiev a partir da perspectiva marxista-leninista, precisamente por apresentar as principais discussões presentes, não apenas nos materiais mais tardios de Marx e Engels, mas, também, em obras de sua juventude, em específico nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. Vale recordar que Rubinstein (1959 [1963]) afirmava que esse material guardava uma série de teses e ideias de suma importância para a psicologia. A concepção apresentada por Leontiev, por sua vez, se faz presente em todo o manuscrito, sobretudo no capítulo sobre o trabalho estranhado. No material supracitado, vale dar ênfase no seguinte fragmento:

> O trabalhador encerra a sua vida no objeto; mas agora ela não pertence mais a ele, mas sim ao objeto. Por conseguinte, quão maior esta atividade, tanto mais sem-objeto é o trabalhador. Ele não é o produto do seu trabalho. Portanto, quanto maior este produto, tanto menor ele mesmo é. A *exteriorização* (*Entäusserung*) do trabalhador em sue produto tem o significado não somente de que seu trabalho se torna um objeto, uma existência *externa* (*äusser ihm*), independente dele e estranha a ele, tornando-se uma potencia (*Macht*) autônoma diante dele, que a vida que ele concedeu ao objeto se lhe defronta hostil e estranha (Marx, 2010 [1844], p. 81 – Grifos no original).

Como já mencionado anteriormente, o objeto externo ao trabalhador, produto de sua atividade laboral, transforma-se em um ser estranho ao próprio operário. Objetivação, muitas vezes, que o próprio trabalhador desconhece, uma vez que não pode contemplar o objeto final de seu trabalho. Tais produtos da atividade humana se voltam contra o trabalhador, como na canção popular *Cidadão*, composta por Lúcio Barbosa, e cantada por intérpretes como Zé Ramalho e Zé Geraldo. Nela, a riqueza produzida pelo trabalhador se apresenta, a ele, como miséria, violência, discriminação e ausência dos próprios produtos criados por sua mão. A música apenas auxilia na exemplificação do estranhamento do trabalhador, defronte aos objetos criados por ele mesmo, tal como foi teorizado por Marx, e apresentado por Leontiev (1999 [1964]) em sua discussão acerca dos motivos da alienação econômica e falta de acesso aos objetos materiais e intelectuais por parte da classe trabalhadora.

No fim de seu capítulo, Leontiev expressou que:

> Portanto, o verdadeiro problema não reside na capacidade ou incapacidade das pessoas de dominar as conquistas da cultura humana, de torná-las suas próprias realizações e contribuir para elas. O verdadeiro problema reside em garantir que cada indivíduo e todos os povos tenham a oportunidade prática de embarcar em um caminho de desenvolvimento ilimitado. Esta é a grande meta que está diante da humanidade progressista neste momento (Leontiev, 2020 [1964], p. 249).

É necessário concordar com Leontiev: todos os seres humanos devem ter acesso às objetivações sócio-históricas produzidas pela humanidade. Entretanto, em uma sociedade de classes, em molde burguês, isso se torna impossível. Marx (2010 [1844]) afirmava:

> Eu, que por intermédio do dinheiro consigo *tudo* o que o coração humano deseja, não possuo, eu, todas as capacidades humanas? Meu dinheiro não transforma, portanto, todas as minhas incapacidades (*Unvermögen*) no seu contrário? (p. 159 – Grifos no original).

Na sociedade burguesa a apropriação se dá por meio do dinheiro, que transforma tudo em seu próprio contrário, ou seja, incapacidade em capacidade.

Goethe, em seu célebre *Fausto*, já apresentava a cobiça, o dinheiro e, até mesmo, a compra do amor, por meio das riquezas prometidas por Mefistófeles ao doutor Fausto (Goethe, 1980 [1808]). Goethe não teorizou sobre o capitalismo, apenas apresentou o início de uma outra era em seu trágico poema, o que foi destacado pelo próprio Marx, quando parafraseou o livro do literário:

> Mas, o pecado original age em toda parte. Com o desenvolvimento do modo de produção capitalista e o aumento da acumulação e da riqueza, o capitalista deixa de ser mera encarnação do capital. Ele sente uma "comoção humana" por seu próprio Adão e se civiliza ao ponto de ridicularizar a paixão pela ascese como preconceito de entesourador arcaico. Enquanto o capitalista clássico estigmatizava o consumo individual como pecado contra sua função e como uma "abstinência" da acumulação, o capitalista moderno está em condições de conceber a acumulação como "renuncia" ao seu impulso de fruição. "Vivem-lhe duas almas, ah!, no seio,/ Querem trilhar tudo em opostas sendas." (Marx, 2013 [1867], p. 668-669 – Grifos no original).

Em uma sociedade de classes, o pecado original continuará a vigorar, tornando impossível pensar em uma educação emancipadora que favoreça a apropriação qualitativa dos conhecimentos produzidos por seres humanos. No capitalismo, esse conhecimento, pertence à burguesia, ou ainda, à pequena burguesia, atua como ideólogo dessa sociedade, mantendo, assim, condições favoráveis para a manutenção, produção e reprodução dos modos de produção capitalista (Marx; Engels, 2007 [1845-1846], Leontiev, 1999 [1964]).

Sem embargo, ler Leontiev (1999 [1964]) sem a mediação dos fundamentos do marxismo é transformar esse conhecimento em outra coisa, para usar uma expressão de Vigotski (1999 [1927]), é semelhante a operar com o freudismo sem Freud. O conhecimento produzido pela psicologia soviética não era neutro, pelo contrário, evidenciava a todo instante a luta de classes, a potencialidade presente nos conhecimentos mais progressistas existentes durante parte do século XX e, sobretudo, que não aceitava uma sociedade de classes, em seu molde burguês, ou qualquer outra que não oferecesse condições para o desenvolvimento qualitativo das pessoas, ou seja, para a emancipação humana. O conhecimento produzido por Leontiev, no livro baseado na teoria de Vigotski, foi, é, e continuará sendo, marxista. Rubinstein (1963 [1959]), afirmava que a consciência produz algo semelhante ao que Stanislavski chamava de subtexto. Nesse sentido, era preciso desvendar o que estava para além da consciência prática dos sujeitos. Nos textos dos soviéticos é necessário fazer um caminho semelhante, buscar os subtextos que levam

diretamente aos originais de Marx, Engels, Lenin etc., ainda que esse conhecimento esteja explícito em várias passagens.

Tratando de emancipação humana, é impossível terminar a década de 1960 sem fazer breve menção aos trabalhos da defectologia, especialmente com a fundação da escola de Zagorsk[72], em 1963 (Meshcheryakov, 1979, Netto; Leal, 2013). A escola de Zagorsk recebeu, durante décadas, diversas crianças cegas-surdas que fizeram parte de um experimento educacional, permitindo o desenvolvimento dessas pessoas que, no capitalismo do século XX, eram deixadas à própria sorte. Por não constituir um objetivo nesta tese, não conseguirei apresentar os detalhes, teorias e trabalhos que surgiram na denominada defectologia. Entretanto, é importante destacar, novamente, a presença do humanismo marxista na concepção defectóloga dos soviéticos. Assim, talvez, o trabalho mais conhecido no Brasil, para além do clássico documentário *As borboletas de Zagorsk*, seja um capítulo publicado em português, de vários autores que descreviam a experiência de quatro alunos cego-surdos na Universidade de Moscou. O capítulo supracitado se chama *Experiência única dos psicólogos soviéticos. Quatro cegos-surdos-mudos na Universidade de Moscovo*, e foi publicado na coletânea *Ciências sociais na U.R.S.S*, da editora portuguesa Novo Curso, em 1976. Nesse material, encontramos o relato de vários professores renomados da Universidade de Moscou comentando a respeito da apropriação do conhecimento por tais alunos. Uma das passagens mais emblemáticas, diz respeito a Iliénkov. No trecho que será apresentado abaixo, o filósofo soviético relatou uma pergunta enviada por Natacha Kornéieva[73], quando ela ainda estava cursando seu nono ano escolar. No trecho, encontramos:

> O doutor em ciências filosóficas *E. Ilhénkov*: "Posso confirmar que é possível falar com eles sobre os assuntos filosóficos mais complexos e fazê-lo a um nível que está longe de ser acessível à maior parte dos que preparam a tese no Instituto de Filosofia... A argúcia que eles demonstram na compreensão dos problemas é extraordinária. Há 7 anos, Natacha Kornéieva, aluna do nono ano escolar, pôs-me esta questão numa carta: 'Mas o que é então o *Eu*, em geral? É surpreendente e incompreensível: o corpo é *meu*, o cérebro é *meu*, e onde estou eu própria? Em que relação se encontram o *Eu* e o *cérebro*?' Tentai dar uma resposta adequada à acuidade e a precisão desta questão..." (Leontiev et al, 1976, p. 12).

O desenvolvimento de todos os seres humanos, por maiores que sejam suas limitações orgânicas, é possível desde que se criem condições materiais para isso. A Revolução de Outubro de 1917 permitiu que isso ocorresse durante a existência

[72] Atualmente a cidade se chama Sergiev Posad.

[73] Natacha é uma das personagens principais no documentário feito pela BBC de Londres, em 1991.

da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Um material, novamente, que se vale não apenas da filosofia marxista-leninista, mas, também, de todo humanismo presente ao longo dos *Manuscritos econômico-filosóficos*, de Marx. Afinal, como já descrito anteriormente, a apropriação é encontrada como germe nessa obra de Marx (Marx, 2010 [1844]).

A defectologia foi outra expressão que retornaria às práticas dialéticas com o degelo fisiológico da psicologia e da educação, durante o decênio de 1960. Assim, antes de encerrar essa década, que, por si só, daria outra tese de doutorado[74], é importante apresentar algumas edições da revista *Questões em Psicologia*, que surgiu entre 1967 e 1968, celebrando os 50 anos da Revolução de Outubro de 1917.

Durante estes dois anos supracitados, diversos artigos sobre os mais variados temas foram publicados pelos teóricos soviéticos. As publicações, nos dias de hoje, estão disponíveis em inglês. Vale, portanto, citar alguns desses trabalhos publicados nessas edições especiais, por exemplo: *Sobre o quinquagésimo aniversário da psicologia soviética*[75], de Smirnov; *Sobre a história da psicologia soviética do trabalho*, de Iulia Vladimirovna Kotelova (103-1980); *Alguns problemas prospectivos da psicologia soviética*, de Leontiev*; O quinquagésimo aniversário da psicofisiologia soviética*, de Evgenii Ivanovitch Boiko (1909-1972); *Cinquenta anos do desenvolvimento da teoria da atividade nervosa superior e neurofisiologia na União Soviética*, de autoria coletiva; *Cinquenta anos da psicologia soviética da* educação, de Lidia Il'initchna Bojovitch (1908-1981) e Lia Solomonovna Slavina (1906-1988); Para *uma história da psicologia soviética: um conjunto de bibliografias*, de Josef Brožek (1913-2004) e Dan Isaac Slobin (1939-), dois psicólogos estadunidenses; entre muitos outros trabalhos que apresentavam os feitos realizados pela ciência soviética. No entanto, vale destacar ainda alguns artigos no mínimo curiosos que apareceram nestas mesmas edições, por exemplo: *Cinquenta anos da psicologia do esporte na URSS*, de Piotr Antonovitch Rudinik (1893-1983) e *Da psicologia da aviação à psicologia espacial*, de Fiodor Dimitrivitch Gorbov (1916-1977) e Fiodor Petrovitch Kosmolinskii (1917-2003).

Por fim, nessas mesmas edições especiais acerca da comemoração dos feitos da psicologia nos cinquenta anos da revolução, foi publicada uma edição

[74] Muitas subáreas da psicologia se desenvolveram ao longo dos anos de 1960. Por exemplo, podemos citar o avanço da psicologia social, do esporte, história da psicologia, defectologia e, o princípio de uma clínica aplicada aos problemas sociais.

[75] O trabalho de Smirnov já foi apresentado em outros momentos desta tese.

destinada apenas às conquistas teóricas da ciência psicológica da Georgia e da teoria do *set*[76], desenvolvida por Uznadze. Nessa edição encontram-se temas como: a história da psicologia na Georgia, os principais trabalhos publicados pelos georgianos, o conceito da teoria do set, entre outras discussões de capital importância para a teoria soviética da psicologia.

Aqui encerro a década de 1960, novamente destacando os avanços e retrocessos presentes ao longo desse decênio na ciência psicológica e áreas afins. Contudo, tendo a certeza de estar longe de esgotar a temática, precisamente pela riqueza e quantidade de publicações que encontrei ao longo dessa época. Período que, como destacado, foi marcado pelo falecimento de Rubinstein e o princípio de uma nova censura. Leontiev começou, ao longo desse momento, a ganhar cada vez mais destaque em seus trabalhos. Ao mesmo tempo, a psicologia soviética refez, mais uma vez, uma autocrítica epistemológica sobre suas bases, concluindo que não era possível reduzir essa ciência aos conceitos puramente fisiológicos presentes na teoria de Pavlov. Agora, torna-se neste trabalho imprescindível a apresentação da década de 1970, o marxismo presente na ciência psicológica e como ele se conservou durante mais um decênio, antes das discussões teóricas dos anos de 1980, que antecederiam o fim das bases filosóficas da psicologia soviética.

2.2 A década de 1970: Marxismo, psicologia social e atividade

Talvez pareça um tanto repetitivo a afirmação de que a década de 1970 foi marcada por avanços e retrocessos na ciência psicológica soviética. Ao mesmo tempo, é um decênio que deve ser apresentado como o último acerca das preocupações epistemológicas e teóricas da psicologia. Outro ponto a ser destacado é o falecimento de dois dos principais teóricos da primeira geração da psicologia soviética: Luria e Leontiev. Alexander Romanovithc Luria faleceu no dia 14 de agosto de 1977, aos 75 anos, em Moscou. E Aleksei Nikolaevitch Leontiev, em 21 de janeiro de 1979, também aos 75 anos, em Moscou. Os dois últimos remanescentes da *Troika* promoveram, desde o falecimento de Vigotski, em 1934, o desenvolvimento teórico de suas principais ideias, legando à ciência psicológica enfoques criativos, objetivados a partir de suas atividades criadoras.

[76] Ao depender da tradução, encontramos como teoria da atitude ou disposição. Numa tradução literal do russo, encontramos: teoria da colocação ou teoria da instalação.

Leontiev, em meu entendimento, dispensa apresentações em sua composição teórica. Ao lado de Rubinstein, foi um dos principais teóricos na elaboração de uma teoria da atividade na psicologia soviética. Luria, por sua vez, deve ser lembrado como o pai da neuropsicologia, e por trabalhos que tiveram seu desenvolvimento intensificado no decorrer da Segunda Guerra Mundial (Luria, 1992).

Conquanto, iniciamos as análises alguns anos antes, em específico, no começo desse decênio, entre os dias 30 de março e 9 de abril, onde ocorreu o 24º Congresso do Partido Comunista da União Soviética, em Moscou (24th Congress of the CPSU, 1971). Após a realização dessa conferência, o editorial Questões em Psicologia, publicou um artigo sobre os deveres da psicologia, intitulado: *O 24º Congresso do Partido Comunista da União Soviética e as Tarefas da Psicologia Soviética* (Voprosy psikhologii, 1971).

No princípio do artigo de sete páginas existem duas determinações que deveriam ser encaradas como tarefas de resolução psicológica: 1) o problema acerca da produtividade laboral; e 2) A formação/instrução da juventude do país. De modo mais específico e detalhado, no artigo, encontramos:

> A psicologia soviética também enfrenta importantes tarefas científicas e práticas imediatas. Isso é natural, já que o Congresso dedicou muita atenção aos mais variados aspectos da vida soviética. A psicologia pode e deve ajudar a resolver questões relacionadas a todas as seguintes tarefas: educação geral e profissional, orientação vocacional, o trabalho do Komsomol (Liga dos Jovens Comunistas), o cultivo de uma visão de mundo comunista e convicção moral, e a criação de novas tecnologias no trabalho e melhores condições para o lazer (Voprosy Psikhologii, 1971, p.324).

É curioso o fato de que nos manuais sobre psicologia, em maioria publicados para atender as necessidades de educadores, os capítulos do desenvolvimento da moral sempre se faziam presentes, algo que se intensificou entre os anos de 1970 e 1980. Por exemplo, é possível encontrar estudos sobre a moral em trabalho como Mukhina[77] (1995 [1975], Petrovski (1985 [1973]), Bozhovich (1976), Bozhovich e Blagonadiezhina (1978 [1972]), Petrovski (1985 [1976]), Petrovski (1986 [1979])[78], entre muitos outros materiais que exploraram a educação moral em seus textos e pesquisas.

Mais adiante, nesse mesmo material, a ênfase se dá nos trabalhos da psicologia social, precisamente para o fortalecimento da camaradagem entre os

[77] Valeria Sergeevna Mukhina (1935-)

[78] Todos os materiais citados encontram-se em português, espanhol ou inglês.

trabalhadores, visando um aumento da produtividade laboral. Da própria revista, destaco o seguinte fragmento:

> A psicologia social pode fazer contribuições úteis para aumentar a produtividade laboral. A presença de relações camaradas fundamentadas entre o pessoal coletivo de uma fábrica, o cultivo de um senso de trabalho em equipe na fábrica ou planta, orgulho em sua profissão, a busca pela perfeição profissional, métodos de liderança corretos, uma ampla variedade de interesses por parte dos trabalhadores, uso sábio do tempo livre - todos esses são elementos que constituem o "clima psicológico" da equipe da fábrica e determinam essencialmente o grau de seu sucesso (Voprosy Psikhologii, 1971, p. 325).

Vale destacar que a psicologia social que começou a se desenvolver de modo significativo ainda na década de 1960, na União Soviética, ganhou notoriedade nos trabalhos de Petrovski. Esse fato aparece destacado ao longo das entrevistas realizadas por Marta Shuare, dialogando com diversos teóricos vinculados à ciência psicológica, incluindo Petrovski (Shuare, 2016 [1990]). Em trabalhos como *Teoria psicológica do coletivo,* de 1979, *Estudos em Psicologia: O coletivo e o Individual*, de 1985, e *Personalidade, Atividade e Coletividade,* de 1982, todos de autoria de Petrovski, é possível encontrar as preocupações da psicologia social com temáticas acerca do trabalho, por exemplo.

Outro trecho do referido artigo, que merece ênfase, trata do papel da psicologia noutra sociedade, em específico em uma que contradizia a sociedade de classes até mesmo no papel da ciência. Nesse fragmento, encontra-se:

> [...] A psicologia como ciência deve contribuir ativamente e de forma prática para o cumprimento de muitas tarefas relacionadas com a educação comunista das massas populares. A psicologia infantil e educacional, a pesquisa de personalidade e a psicologia social e geral devem ir ainda mais longe na investigação das bases psicológicas para a educação comunista consciente, buscando fornecer suas conclusões e recomendações com uma base científica sólida e ampla relevância prática [...] (Voprosy Psikhologii, 1971, p.326).

Assim como no capitalismo, numa outra sociedade, a psicologia se encontra alinhada aos valores que surgem nas relações concretas de trabalho, ou ainda, nos modos de produção, como afirmou Marx (2008 [1859]). A psicologia desenvolvida pelos soviéticos, e nisso inclui-se Vigotski, Luria, Leontiev, Rubinstein etc., não era apenas marxista-leninista, mas, partindo dessa fundamentação, buscava auxiliar na construção de uma sociedade que um dia transitasse para a edificação do comunismo. A psicologia, enquanto ciência, não era necessária apenas em uma lógica adaptacionista, visando harmonizar o sujeito com seu sofrimento psíquico. Sua necessidade era evidente, simultaneamente, na elaboração

> de maneira ainda mais hábil e clara seus próprios princípios metodológicos fundamentais em suas pesquisas, relatórios e palestras, demonstrando seu vínculo indissolúvel com a filosofia marxista-leninista. Da mesma forma, eles devem dar mais precisão e clareza às conclusões que possuem significado ideológico e filosófico (Voprosy Psikhologii, 1971, p.327).

A demonstração do vínculo com a filosofia marxista-leninista se tornava necessária, não apenas na elaboração e constituição de uma ciência marxista da psique humana, mas, também, na prática social que intervinha em áreas como a educação, trabalho e social, por exemplo. A filosofia não deve estar apenas presente nos fundamentos de uma teoria psicológica. Deve orientar seu trabalho e a leitura dos resultados produzidos por ele, precisamente, direcionando o caminho a ser tomado por uma possível intervenção. Daí o sentido da *práxis* presente no marxismo. A teoria orienta a prática ao mesmo tempo que se desenvolve nela. Não obstante, Rubinstein afirmava que

> [...] a elaboração autenticamente criadora dos problemas da psicologia há de nos conduzir, ao mesmo tempo – a base dos materiais da psicologia – e um ulterior desenvolvimento criador da filosofia (Rubinstein, 1963/1959, p. 283).

Assim, insisto no fato de que o saber filosófico presente nas obras dos soviéticos, fundamentado em pensadores como Marx, Engels, Lenin, Hegel, Spinoza etc., não deve ser desdenhado, tampouco abandonado no trabalho cotidiano do fazer psicológico. Parafraseando Lenin (1978/1922), é necessário afirmar que a filosofia faz falta até mesmo dentro de um contexto clínico. É ela - a filosofia marxista - que irá permitir um olhar direcionado aos problemas concretos apresentados pelo sujeito da atividade. A filosofia é um conhecimento demasiadamente valioso para a psicologia enquanto ciência.

Ainda sobre o 24º Congresso do Partido Comunista da União Soviética e as Tarefas da Psicologia Soviética, Boris Fiodorovitch Lomov (1927-1989)[79] escreveu, em 1971, logo após o encontro do partido, um artigo intitulado como *Estado Atual e Desenvolvimento Futuro da Psicologia na URSS à Luz das Decisões do 24º Congresso do Partido Comunista da União Soviética.* O trabalho foi publicado, em 1972, na revista Questões em Psicologia (Lomov, 1972).

Em seu trabalho, Lomov apresentou a importância da psicologia enquanto uma ciência que deveria estar a serviço de uma sociedade que caminhasse rumo a

[79] Podemos considerar Lomov como um teórico vindo da segunda geração de psicólogos soviéticos. Nasceu dez anos após a Revolução de Outubro de 1917, e se graduou em psicologia, em Leningrado, apenas em 1951.

edificação do comunismo. Assim, a principal tarefa da teoria e da prática psicológica seria auxiliar na construção do meio social, fortalecendo, inicialmente, o socialismo na URSS. Em termos práticos,

> A ciência e a tecnologia são criadas por pessoas e para pessoas; consequentemente, seu desenvolvimento é inseparável de seus aspectos psicológicos. Os problemas da criatividade científica e tecnológica, a atividade dos coletivos científicos, a formação de hábitos psicológicos naqueles responsáveis pela implementação prática dos avanços científicos e tecnológicos - tudo isso exige esforços aumentados na psicologia geral, na psicologia social e em outros ramos da psicologia (Lomov, 1972, p. 331).

É válida a concordância com Lomov sobre o fato de que toda objetivação humana, seja na ciência ou na técnica, carrega em si elementos psicológicos, ou características psíquicas do sujeito. Essa ideia do autor está em harmonia com a noção de produtos da atividade humana, presente no trabalho de Rubinstein (1963 [1959]), já destacado neste trabalho. A atividade humana objetiva, para outros seres humanos, novos produtos no mundo material. Essas objetivações começam a afetar diretamente o meio social e o próprio desenvolvimento da atividade. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento de qualquer novo produto no mundo, seja científico, técnico ou artístico, será mediado pelos elementos da consciência, ou seja, pelos processos psicológicos superiores. Todavia, a imaginação cumpre um papel significativo em todo este processo (Ignatiev, 1960; Giannoni, 2018). Portanto, novamente vale a concordância com Lomov (1972), quando o autor atribuiu a psicologia, a responsabilidade de organizar e desenvolver a atividade criadora nos sujeitos e em instituições científicas e tecnológicas. O desenvolvimento dos sujeitos e sua inter-relação com as instituições, nessa lógica, encontrava-se alinhado com os princípios da criação do novo ser humano socialista, algo que aparece descrito por Lomov como tarefa da ciência e prática psicológica.

No entanto, grande parte do trabalho de Lomov (1972) é dedicado em apresentar uma subárea da psicologia, conhecida no Brasil como organizacional. Lomov reitera a importância da psicologia enquanto ciência, atuando na organização prática do trabalho de operários nos mais diversos setores do meio laboral. Para, além disso, Lomov apresentou a importância do recrutamento e seleção, precisamente para destacar as habilidades e características psicológicas do sujeito para o trabalho. Grande parte dos trabalhos comentados por Lomov, ao longo de seu artigo, tinham como objetivo organizar o trabalho no intuito de aumentar a produtividade. Nada de muito diferente dos manuais de psicologia organizacional

que existem no Brasil, por exemplo. No entanto, a principal diferença nesses trabalhos é que o excedente da produtividade, ou seja, o mais-valor destacado por Marx (2013 [1867]), retornava para o meio social, na edificação de uma sociedade socialista. Diferente do capitalismo, cujo excedente produzido pelo trabalhador não retorna a ele, ou ao meio social, mas sim, torna-se fruto exclusivo do capitalista.

Não obstante, a ciência feita na União Soviética não estava cindida das temáticas mundiais que apareciam na segunda metade do século XX. A psicologia soviética no decênio de 1970 começou a desenvolver temáticas e tendências que apareceram nos anais da história da psicologia global. Por exemplo, no Brasil havia as preocupações acerca da psicologia social, educação e fracasso escolar, desenvolvimento infantil e organizações e do trabalho. Contudo, Lomov (1972, p. 342) destacou que:

> É perfeitamente claro que os princípios, métodos e aparato conceitual desenvolvidos na psicologia social burguesa carregam o selo da ideologia burguesa. Os problemas da psicologia social refletem claramente o contraste nos enfoques à sociedade e ao ser humano entre a psicologia dos países capitalistas e a psicologia soviética. Portanto, a elaboração da psicologia social marxista requer uma análise crítica de tudo o que está sendo feito nos países capitalistas.

É sempre importante lembrar que uma ciência nunca se encontra cindida de uma ideologia. No caso do Brasil, Coimbra relembra que a psicologia estava de acordo com o cenário dantesco que foi estabelecido pelo regime ditatorial militar, a partir de 1964, principalmente escondendo-se sob a bandeira da neutralidade científica. Entretanto, em contrapartida, é possível encontrar referências contrárias aos movimentos adaptacionistas, calcados, desde a primeira metade do século XX, na "[...] 'carência', da 'falta', das crianças 'problemas', das crianças com 'dificuldades de aprendizagem, e/ou emocionais" (Coimbra, 1995, p.61 – Grifos no original). Assim, na contramão dessa ciência neutra é necessário apontar, por exemplo, os trabalhos de Silvia Lane e da escola da PUC de São Paulo, que desenvolveram, já na década de 1970, trabalhos que questionassem o papel da psicologia social e como se evitar cair numa lógica estadunidense da ciência laboratorial, descritiva e unicamente adaptativa. Não obstante, o caminho adotado por Lane (2004 [1984]) e por seu grupo, foi uma psicologia condizente com os princípios marxistas, ao menos durante os anos de 1980[80]. É importante frisar que as práticas que visavam criticar

[80] Nos eximiremos deste debate acerca das transformações ocorridas na psicologia social brasileira, em específico, na escola da PUC de São Paulo. Como sugestão deixamos a leitura da tese de

a ciência baseada numa ideologia burguesa, nos países capitalistas, partiam também da Lógica de Marx.

Outro ponto que nos chamou a atenção nesse material escrito por Lomov é o destaque dado à psicoterapia, precisamente por aparecer como uma necessidade, nos dias de hoje, na ciência psicológica brasileira (Giannoni, 2022). Apesar disso, diferente do modelo em que se encontra atualmente a psicoterapia, Lomov atribui essa área a medicina, denominando-a psicologia médica, algo encontrado também em uma coletânea de artigos sobre a psicoterapia, publicado nos anos de 1950 por Lebedinski e Platonov (1962). Todavia, retomando Lomov, é válido destacar uma passagem um tanto quanto curiosa de sua compreensão psicoterápica e clínica:

> Ainda mais importantes são os métodos de influência psicológica sobre a personalidade do paciente. Esses métodos, englobados sob o termo geral "psicoterapia", podem, em muitos casos, revelar-se os meios de tratamento mais eficazes. O estudo das características mentais do paciente também ajuda a evitar distúrbios iatrogênicos (Lomov, 1972, p. 343).

Compreensão mecânica, medicalizante e anti-dialética a partir de uma perspectiva marxista. A psicoterapia não deve se constituir como um método de influência do médico – detentor absoluto do conhecimento – e paciente – indivíduo passivo perante a este saber. A psicoterapia, baseada numa lógica marxista e rubinsteiniana, por exemplo, deve ser uma troca dialética entre dois – ou mais - sujeitos da atividade. Ambos encarados e encarnados como personalidade que se constituiu e se objetiva na própria atividade. Assim, a pessoa que busca uma psicoterapia deve ser compreendida como história em movimento. Seu psíquico é, ao mesmo tempo, produto e processo na determinada sociedade em que se constitui enquanto pessoa. O terapeuta, nesse processo, tem o papel de mediar a atividade do sujeito no mundo, constituir novos tipos de saberes, apresentar novas possibilidades, e, sobretudo, reduzir de modo qualitativo o sofrimento psíquico motivado pelo neoliberalismo (Giannoni, 2022). Essa lógica rompe com a noção de influência psicológica apresentada por Lomov, e descrita pela literatura psicológica e médica soviética (Lebedinski; Platonov, 1962).

Apesar das concordâncias e discordâncias acerca do desenvolvimento da psicologia clínica na União Soviética, o artigo de Lomov deixou explícito, mais uma vez, os nexos entre psicologia e marxismo, estabelecidos no princípio do decênio de 1970. Em um desses trechos, o autor escreveu:

---

doutoramento de Bruno Peixoto Carvalho: A escola de São Paulo de Psicologia Social: Uma análise de seu desenvolvimento desde o materialismo histórico-dialético.

> Em nosso país, a psicologia foi pela primeira vez conscientemente colocada sobre uma base marxista, o que possibilitou estabelecer, em um período relativamente curto, um fundamento científico e metodológico para investigar todo o espectro de problemas psicológicos (Lomov, 1972, p. 346).

Apesar da discordância com Lomov sobre o fato de a psicologia de base marxista ter investigado todo o espectro de problemas psicológicos, deve se evidenciar e concordar com o pioneirismo em elaborar métodos e técnicas para que isso fosse possível. Vale afirmar que apesar dos soviéticos terem desenvolvido diversas subáreas na psicologia, muitas outras foram destinadas ao esquecimento. A própria psicoterapia, na década de 1950, utilizava, ainda, técnicas como sugestão e hipnose em trabalhos clínicos (Lebedinski; Platonov, 1962). Contudo, é notório o desenvolvimento epistêmico feito pelos soviéticos, precisamente no matrimônio entre a Teoria Social de Marx e a psicologia enquanto ciência.

Sem embargo, se faz necessário apresentar para as análises epistêmicas que se conservam em um dos teóricos mais notórios deste decênio: A. N. Leontiev. É importante frisar que Leontiev, após o falecimento de S. L. Rubinstein, consolidou a hegemonia de sua teoria da atividade. Fato que, segundo Shuare (2016 [1990]), motivou polêmicas, desentendimentos e críticas por seguidores de ambos os autores até o fim de 1980. Nesse sentido, muitas críticas tendenciosas foram feitas por partidários das duas orientações. Contudo, minha intenção não é aproximar, ou ainda, minimizar as diferenças teóricas existentes entre Rubinstein e Leontiev. Tanto um quanto o outro tiveram contribuições significativas no desenvolvimento de uma teoria da atividade. Entretanto, já tornou-se evidente, nesta tese, que compartilho de um entendimento da teoria da atividade, a partir de uma perspectiva rubinsteiniana[81]. Esse fato ocorre, pois compreendo que a obra de Rubinstein adota uma lógica semelhante com o *Capital*, de Marx[82]. Outro ponto que aparece como determinante nesse entendimento refere-se ao fato de que Rubinstein não se limitou a uma explicação baseada apenas nas motivações e nas finalidades da atividade. Rubinstein (1977 [1945]) acreditava que a atividade, por si só, é um objeto da sociologia, assim, o verdadeiro estudo dessa categoria deveria se expressar como o psíquico desenvolvido e objetivado na atividade. Portanto, defendo que a visão

[81] Por não se constituir como um objetivo neste trabalho, me absterei do debate acerca das convergências e divergências da teoria da atividade de Rubinstein e Leontiev. Essa é uma temática que por si só daria outra tese de doutorado. Todavia, ao longo da tese apresentareo algumas semelhanças ou diferenças sobre ambos, no intuito de realizar uma explicação mais didática sobre um fato ou outro.

[82] Tese já sustentadas páginas acima.

rubinsteiniana sobre a atividade permite compreender como o sujeito produz, objetiva e se relaciona com os produtos objetivados em sua atividade, ou seja, nessa objetivação, a pessoa objetiva características de seu psíquico e de sua personalidade.

Conquanto, após essa breve digressão acerca da teoria da atividade em Rubinstein, utilizo como material de análise o texto *Atividade. Consciência. Personalidade*, escrito em 1974. Em específico, será evidenciado o capítulo 1: *Marxismo e ciência psicológica.* Para exame, utilizarei como material principal a tradução feita por Priscila Marques, em 2021, e publicada pela editora Mireveja. Ao mesmo tempo, utilizo o texto original em russo, publicado em 1975, pela editora Politizdat.

Leontiev (2021 [1974]), já no princípio de seu trabalho, afirmou sobre a potencialidade da obra de Marx para a filosofia, economia política etc. Entretanto, apresentou sua ausência nos estudos científicos da psicologia durante o fim do século XIX e princípio do XX, fato que foi evidenciado em minha dissertação de mestrado (Giannoni, 2018). Marx, apesar de ter elaborado um método a partir do qual foi possível explicar a produção e reprodução dessa sociedade (Marx, 2013 [1867]), foi ignorado por diversos teóricos que principiaram a psicologia. Esse acontecimento se deu pelo próprio desenvolvimento e caráter burguês nas teorias dos fundadores da ciência psicológica. A psicologia não se desenvolveu para auxiliar a classe trabalhadora na revolução. Pelo contrário, seu nascimento se encontra vinculado ao aparecimento do sofrimento psíquico da pequena burguesia e da aristocracia em decadência, ao mesmo tempo que está evidenciado na adaptação da classe trabalhadora ao mercado de trabalho que começava a se complexificar com a segunda revolução industrial. Nesse sentido, uma psicologia que se valesse dos trabalhos de Marx e fosse revolucionária nos aspectos de se pensar a ciência, só poderia nascer em uma sociedade revolucionária. Leontiev, sobre as ideias de Marx, escreveu: “O marxismo não era admitido nos centros psicológicos científicos oficiais, e o nome de Karl Marx, por mais de meio século após a publicação de suas principais obras, quase não era citado nos trabalhos psicológicos”. (Leontiev, 2021 [1974], p. 41). Essa afirmação de Leontiev pode ser complementada com o que escreveu Paulo Netto (2011, p. 10):

> Durante o século XX nas chamadas “sociedades democráticas”, ninguém teve seus direitos civis ou políticos limitados por ser durkheimiano ou weberiano – mas milhares de homens e mulheres, cientistas sociais ou não,

> foram perseguidos, presos, torturados, desterrados e até mesmo assassinados por serem marxistas.

Esse era um dos motivos pelos quais a Teoria Social de Marx não poderia ser utilizada como base de uma teoria psicológica, precisamente nestas sociedades chamadas de democráticas, ao longo de quase todo o século XX. Vale lembrar que diversas sociedades, principalmente de países da américa latina e continente africano, sofreram diversas restrições de liberdade pela instauração de governos ditatoriais ou guerras civis. Portanto, uma psicologia que pretendesse ser marxista, e, sobretudo, classista, deveria surgir em um contexto revolucionário.

Contudo, retomando o texto de Leontiev, gostaria de tornar evidente sua afirmação sobre os trabalhos de Vigotski[83] e Rubinstein[84]. O autor escreveu que na União Soviética foi apenas após os trabalhos desses dois autores que a psicologia começou a se desenvolver enquanto uma ciência marxista, de modo dialético[85]. Apesar de Leontiev ter descrito a significativa contribuição, tanto dos trabalhos de Vigotski quanto de Rubinstein, o autor não realizou uma análise detalhada sobre as principais categorias, ideias e os nexos com o marxismo nos trabalhos desses teóricos.

Em sua análise, Leontiev (2021 [1974]) se valeu constantemente da noção de ser humano concreto, presente já nas primeiras obras de Marx e Engels. Na primeira parte de seu capítulo, Leontiev apresentou uma tese fundamental presente no livro *Ideologia Alemã*, de Marx e Engels. De forma evidente, vale trazer à tona a expressão em que se evidencia a necessidade do entendimento concreto da filosofia:

> Bem ao contrário do que acontece com a filosofia alemã, que desce do céu para a terra, aqui se sobe da terra para o céu. Quere dizer, não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam, ou engendram mentalmente, tampouco do homem dito, pensado, imaginado ou engendrado mentalmente para daí chegar ao homem em carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e de seu processo de vida real para daí chegar ao desenvolvimento dos reflexos ideológicos e aos ecos desse processo de vida (Marx; Engels, 2007 [1845-1846], p. 48-49).

---

[83] Leontiev citou os trabalhos: *A consciência como problema da psicologia do comportamento*, de 1925, e *Pensamento e Linguagem*, de 1934. Vale ainda escrever que Leontiev se enganou da publicação do ano do artigo de Vigotski, que foi publicado em 1925, na coletânea: *Marxismo e Psicologia*, organizada por Kornilov.

[84] Por sua vez, Leontiev apresentou os trabalhos: *Problemas de psicologia nas obras de K. Marx*, de 1934, e *Princípios de psicologia geral*, de 1940.

[85] Tal como demonstramos no começo deste capítulo, após a Revolução de Outubro de 1917, até princípios dos anos de 1930, a psicologia denominada como marxista não havia conseguido objetivar princípios que rompessem com um ecletismo teórico e se desenvolvesse a partir das categorias presentes no marxismo e na lógica de Marx.

Não apenas a filosofia deveria ser compreendida em sua relação concreta. A psicologia, enquanto ciência, deveria romper com as tradições idealistas, abstratas, ou ainda, pautadas numa ideologia adaptacionista, vindas das sociedades burguesas. Por esse motivo, encontra-se nas teses de Marx, Engels e Lenin as bases para a elaboração de uma psicologia concreta. Algo que também aparece descrito em Leontiev (2021 [1974]).

O entendimento de um sujeito concreto que se humaniza nas relações que estabelece em seu meio social, permitiu a elaboração de uma teoria da consciência que rompesse com o idealismo. Não obstante, esse foi o tópico seguinte apresentado por Leontiev em sua obra. Sobre a consciência, Leontiev construiu uma crítica às teorias clássicas da psicologia, destacando a incapacidade de compreensão da consciência como "'*co-conhecimento'*, um produto do contato entre consciências". (Leontiev, 2021 [1974], p. 50 – Grifos no original). Ou seja, "a consciência (*Bewusstsein*) não pode ser jamais algo diferente do que o ser consciente (*bewusstess Sein*), e o ser dos homens é um processo de vida real." (Marx; Engels, 2007 [1845-1846], p. 48 – Grifos no original).

Leontiev (2021 [1974]) apresentou o entendimento do marxismo acerca da consciência destacando sua origem ontológica na produção e reprodução da vida social, ou seja, estabelecendo uma relação concreta entre sujeito e meio social. A proposta do marxismo sobre consciência repousa no vínculo estabelecido entre a atividade que transforma o mundo material, transformando, ao mesmo tempo, os seres humanos. Adágio já apresentado e representado diversas vezes ao longo desta tese. Sem embargo, Leontiev recorreu a todo instante às posições filosóficas de Marx e Engels no livro *A Ideologia Alemã*, material que figurava na psicologia soviética desde a década de 1930. Todavia, é importante frisar que o autor não realizou esse caminho de modo mecânico, tal como encontramos no princípio da psicologia soviética e marxista de Kornilov (Kornilov, 1930). Leontiev recorreu a esses materiais de modo dialético, encontrando nas obras de Marx e Engels, não a psicologia pronta, acabada, finalizada, mas sim, as ideias psicológicas presentes na filosofia de ambos. Inclusive, o próprio Leontiev expressou a importância de Marx na produção das ideias psicológicas, e não na produção da ciência psicológica em si. Em suas palavras:

> A teoria marxista sobre a natureza da consciência criou uma teoria geral do psiquismo. Ao mesmo tempo, ela encontrou sua encarnação na resolução

> teórica de problemas tão grandiosos como o problema da percepção e do pensamento do. Em cada um deles, Marx introduziu ideias que são fundamentais para a ciência psicológica. Tais ideias anteciparam em muitos anos a principal orientação de seu desenvolvimento, no campo do estudo psicológico da percepção e da atividade do pensamento humano (Leontiev, 2021 [1974], p. 56).

É sensato concordar com Leontiev sobre a antecipação de categorias que se tornariam primordiais na psicologia soviética, como atividade, consciência e, até mesmo, personalidade. Vale lembrar que Rubinstein (1983 [1934]) evidenciou a necessidade dos estudos acerca da personalidade como um conjunto das relações sociais, tarefa urgente para uma psicologia que pretendesse ser marxista.

Outro ponto destacado por Leontiev é sobre a compreensão do pensamento como ideia presente na obra de Marx e Engels. Novamente o psicólogo soviético recorreu à obra *A Ideologia Alemã.* Entretanto, a relação acerca da importância do entendimento do pensamento como produto das relações materiais, ou seja, sócio-históricas, está presente ao longo de toda produção marxista. Sendo explorado posteriormente em trabalhos filosóficos produzidos por Engels, por exemplo, em *Ludwing Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã*, *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico* e até mesmo na *Dialética da Natureza*. (Marx; Engels, 2007 [1845-1846], Engels, 1962 [1880-1886], Engels, 1979 [1883], Leontiev, 2021 [1974].

Leontiev, ainda, recorreu ao entendimento sobre a divisão do trabalho para explicar a posição idealista sobre a evolução do pensamento que ganhou força na psicologia tradicional do fim do século XIX e começo do século XX. Para o autor, a divisão entre trabalho mental e prático contribuiu para uma interpretação idealista da psicologia, precisamente por não conseguir encontrar a lógica entre a produção social da existência e o desenvolvimento do pensamento (Leontiev, 2021 [1974]). Novamente, essa é uma posição que se encontra como germe no princípio do livro de Marx e Engels. Partindo de uma anedota, ambos escreveram que:

> Um homem galhardo um dia imaginou que os seres humanos apenas se afogavam na água porque estariam possuídos pelo *pensamento da gravidade*. Caso arrancassem essa noção de suas cabeças, por exemplo esclarecendo a mesma como sendo uma noção supersticiosa, religiosa, eles seriam capazes de superar toda e qualquer ameaça representada pela água. Durante sua vida inteira ele combateu a ilusão da gravidade, de cujas conseqüências daninhas qualquer estatística lhe fornecia novos e numerosas provas. O homem galhardo correspondia ao tipo dos novos filósofos revolucionários alemães (Marx; Engels, 2007 [1845-1846], p. 35 – Grifos no original).

De forma irônica, Marx e Engels, abriram as portas para uma compreensão materialista e dialética do pensamento humano, levando em consideração o aspecto

histórico desse próprio desenvolvimento. A contraposição com a ideia de que o pensamento era inato, ou ainda, uma associação de múltiplos fatos e conceitos, foi desenvolvido pelas pesquisas dos soviéticos, já na década de 1930, tendo sido revisitada por Leontiev (2021 [1974]) na apresentação da importância da teoria marxista-leninista para a produção de uma psicologia que contemplasse a concretude da vida.

Posteriormente, Leontiev (2021 [1974]) continuou apresentando as principais categorias que se desenvolveram na psicologia soviética ao longo da primeira metade do século XX. Ao longo deste livro – *Atividade. Consciência. Personalidade* – Leontiev enfatizou o reflexo psíquico, a atividade, consciência e a personalidade, contemplando toda a base de explicações acerca do psiquismo humano. Não obstante, toda a discussão teórica do livro de Leontiev é mediada pela filosofia marxista.

No entanto, por não se constituir como um objetivo deste trabalho, não apresentarei sua definição de reflexo psíquico, atividade, consciência e personalidade, precisamente por ter atingido o objetivo proposto nesta discussão: apresentar como o marxismo se encontrou presente como fundamento filosófico, teórico e metodológico na concepção de psicologia sócio-histórica de Leontiev.

Porém, vale ainda um adendo acerca da apresentação e discussão dos fundamentos marxistas apresentados por Leontiev. A ideia principal sustentada pelo autor passa pela obra de Rubinstein e, também, de Vigotski. No entanto, não menciona de modo específico e detalhado a importância de ambos para a criação de uma psicologia científica de base marxista. Aliás, no início do capítulo, apresentou de forma breve e sucinta a relevância deles no desenvolvimento de um entendimento materialista sobre a consciência humana. Em suas palavras: “Somente após os trabalhos de Lev Vigotski e, mais tarde, de Serguei Rubinstein, o significado do marxismo para a psicologia passou a ser compreendido de forma mais plena”. (Leontiev, 2021 [1974], p. 42).

Se faz necessário aqui um lembrete: Vigotski, como já demonstrei nesta tese, foi um autor perseguido politicamente, censurado, tendo seus materiais restritos em todo território da União Soviética. Rubinstein, na década posterior ao falecimento de Vigotski, encontrou o mesmo caminho, sendo destituído de seus cargos e impedido de desenvolver suas pesquisas até o falecimento de Stalin (Giannoni, 2018). Contudo, a censura de Rubinstein retornou após seu falecimento, tal como descrito

por Brushlinskii (2002). Esse adendo se faz necessário para afirmar que tanto Vigotski quanto Rubinstein foram contemporâneos e pioneiros na organização de uma ciência que contemplasse a lógica de Marx. Embora Vigotski não tenha tido a chance de produzir um material apenas sobre a filosofia de Marx e a psicologia, tal como fez Rubinstein (1983 [1984]) em seu texto sobre *O significado histórico da crise da psicologia,* encontra-se a organização de um princípio que segue a lógica de Marx, sobretudo quando afirma que a ciência psicológica ainda necessita de seu *O capital*, fundamentalmente por adotar seus próprios conceitos e categorias (Vigotski, 1999 [1926-1927]). É necessário tornar evidente uma crítica a Leontiev. Posterior à citação apresentada acima, ele escreveu: “[...] Foram desenvolvidas a abordagem histórica do psiquismo humano, a teoria psicológica concreta sobre a consciência como forma superior do reflexo da realidade, a teoria da atividade e sua estrutura”. (Leontiev, 2021 [1974], p. 42). É fundamental destacar uma discordância a essa afirmação. Já demonstrei, ao longo deste capítulo, que tais conceitos foram se desenvolvendo desde a Revolução de Outubro de 1917, na importância de Kornilov na teorização da reflexão psíquica, ou ainda, de Basov no princípio de uma compreensão da estrutura da atividade (Shuare, 2016 [1990]; Stepanov, 2002). Assim, o desenvolvimento de um fundamento marxista para psicologia soviética não foi desenvolvido posteriormente a Rubinstein ou Vigotski, mas durante a produção teórica desses autores. Todavia, estendendo-se mais para Rubinstein, por conta do falecimento de Vigotski em 1934. A hegemonia da escola de Leontiev ganhou seus traços particulares, e a predominância de sua teoria da atividade é fato notório que se destaca durante a década de 1970, persistindo até o fim da União Soviética. Assim, gostaria de dar ênfase numa citação de Plekhanov sobre um entendimento materialista da história, rompendo com a lógica burguesa. O autor escreveu:

> E não apenas os “iniciadores”, os “grandes” homens, tem aberto diante de si um amplo campo de ação, mas todos os que tem olhos para ver, ouvidos para ouvir e coração para amar o seu próximo. O conceito de grande é relativo. No sentido moral, é grande todo aquele, como diz a expressão evangélica, “sacrifica sua vida pelo próximo. (PLEKHÂNOV, 1956 [1898], p. 162 – Grifos no original).

Portanto, Vigotski e Rubinstein não foram apenas os iniciadores, ou pioneiros, na elaboração de uma ciência psicológica fundamentada no marxismo. Na verdade, como já afirmado nesta tese, são idealizadores de um movimento que rompeu com a lógica tradicionalista, mecanicista, fraseologista e idealista da psicologia do princípio do século XX (Stepanov, 2002; Rubinstein, 1983 [1934]; Vigotski, 1999 [1926-1927]).

Porém, não o são sozinho. Tanto um quanto o outro compuseram parte de uma nova constituição social, pela primeira vez direcionada às possibilidades postas para além de uma sociedade de classes em seu molde capitalista. E, apesar de todos os problemas presentes nessa nova organização social, não ausente de contradições, conseguiram objetivar suas teorias, evidenciando a necessidade de se compreender o ser humano concreto, ou seja, em suas relações objetivas e, ao mesmo tempo, subjetivas. Esse não foi apenas um trabalho feito por Vigotski ou Rubinstein, mas uma tarefa coletiva.

Retomando as análises acerca do marxismo e da psicologia na década de 1970, evidencio agora o trabalho de Mikhail Grigorievitch Iarochevskii (1915-2001), renomado historiador da psicologia, inicialmente orientado por S. L. Rubinstein, em um trabalho sobre a teoria de Ivan Mijailovitch Setchenov (1829-1905) (Shuare, 2016 [1990]). Iarochevskii, segundo o Institut Psikhologii Rocciiskoi Academii Nauky (2024), desenvolveu diversos trabalhos sobre os problemas metodológicos da psicologia, destacando uma abordagem histórico-científica no entendimento dessa ciência ao longo do século XX.

O trabalho de Iarochevskii que será analisado é *A psicologia no Século XX: Problemas Teóricos dos Desenvolvimento da ciência psicológica*, de 1974 - mesmo ano do livro de Leontiev, apresentado acima. Em específico, a análise se concentrará no capítulo *Marxismo e Desenvolvimento do Pensamento Psicológico* (Iarochevskii, 1974). Para essa explanação utilizo, ao mesmo tempo, a versão em russo do texto publicado em 1974[86] e a traduzida pelo editorial *Grijalbo*, do México, publicada em 1979, sob o título: *Psicologia no século XX* (Yaroshevsky, 1979 [1974]).

Já no primeiro parágrafo do texto, é necessário o destaque à afirmação feita por Iarochevskii, precisamente pelo caráter filosófico dado ao pensamento psicológico. Em suas palavras:

> Nós repetidamente tivemos a oportunidade de verificar que o desenvolvimento do conhecimento psicológico está relacionado a muitos caminhos entrelaçados, embora muitas vezes imperceptíveis, com a evolução das ideias filosóficas. (Iarochevskii, 1974, p. 319)

[86] Vale um pequeno adendo na utilização deste material no original em russo. A versão encontrada no site de pesquisas *yandex.ru*, está incompleta, o material é interrompido na metade do capítulo acerca do papel do marxismo na psicologia. Portanto, do meio para o fim, as citações apresentadas em sua integralidade, serão da versão em espanhol.

Durante o século 20, a negação dos fundamentos filosóficos para a psicologia foi algo que atravessou diversas escolas dessa ciência, principalmente as de base materialista. Desde o behaviorismo, passando pela reflexologia, reatologia e a idealização de uma psicologia marxista, já na União Soviética, houve a tentativa da constituição de uma psicologia que rompesse com as tradições filosóficas. Shuare (2016 [1990]) escreveu que até mesmo Kornilov, antes de sua defesa de que a psicologia deveria se orientar por meio do marxismo, acreditava que até o fim do decênio de 1910 a filosofia havia apenas prestado um desserviço à psicologia. Portanto, a nova necessidade era de construção de uma ciência psicológica sem as amarras filosóficas. Todavia, como já posto nesta tese, Kornilov abandonou essa noção, especialmente por compreender como impossível o desenvolvimento de qualquer ciência que rompesse totalmente com suas bases filosóficas. Esse pensamento, que vigora até os dias de hoje em algumas vertentes psicológicas, possui uma imensa contradição, pois toda abordagem dessa ciência possui em sua essência uma determinada visão de mundo. Torna-se fato a defesa feita por Yaroshevsky (1979 [1974]), de que fora do contexto da filosofia, as abordagens e vertentes teóricas da psicologia não poderiam existir, tampouco se desenvolver.

Tratando-se da psicologia soviética, Yaroshevsky (1979 [1974]) escreveu que tanto os estudos acerca da atividade quanto da personalidade - duas categorias presentes nas obras de Marx, desde seus trabalhos mais juvenis - são mediados pelo conhecimento filosófico. Por exemplo, já nos *Manuscritos econômico - filosóficos*, de 1844, a categoria de atividade se faz presente. Ao mesmo tempo, em suas *Teses Sobre Feuerbach*, a atividade reaparece acompanhada de uma noção inicial do que, posteriormente, nos soviéticos, apareceria descrito como personalidade. A principal defesa de Marx, em suas teses, é que o sujeito é um conjunto de suas relações sociais, ideia que ganharia destaque em a *Ideologia Alemã,* escrita em parceria com Engels, entre 1846 e 1847 (Marx, 2010 [1844]; Marx, 2007 [1845]; Marx; Engels, 2007 [1846-1847]).

O capítulo de Yaroshevsky (1979) não apenas debateu a importância dos fundamentos marxistas para as categorias psicológicas, mas, sobretudo, apresentou como essa base foi primordial para conduzir a ciência psicológica a novas explicações acerca do psiquismo humano, precisamente ao tratar do rompimento com as teorias idealistas, que apresentavam uma concepção abstrata de ser humano, e das condutistas, que equiparavam o comportamento da pessoa com do

animal, em diversos momentos restringindo-se a análises demasiadamente filogenéticas. Por esse motivo, Iarochevskii (1974) escreveu que:

> A doutrina de Marx marcou uma nova etapa qualitativamente distinta ao abrir um plano específico e particularmente humano para a determinação dos processos psíquicos. Nela, em vez da pessoa, que mesmo sendo interpretado pelo materialismo anterior como um ser terreno e real, mas restrito apenas ao mundo da mecânica e da biologia e, portanto, inevitavelmente abstrato, surge a pessoa social — produto e sujeito da história (p.321).

Sem embargo, Iarochevskii apresentou um conteúdo discutido nesta tese desde as análises sobre a psicologia na década de 1920: o papel da história na produção do psiquismo humano. O rompimento com o mecanicismo presente nas vertentes condutistas e reflexológicas foi possível, segundo Iarochevskii, pelo papel central da filosofia marxista na constituição da psicologia soviética. Assim como Rubinstein (1983 [1934]; 1963 [1959]) e Leontiev (2021 [1974]), Iarochevskii destacou a importância dos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, de 1844, para a produção de uma nova visão de mundo e ideias centrais que refletiriam diretamente na ciência psicológica, a partir do decênio de 1930 (Yaroshevsky, 1979 [1974]).

Entendendo que o psiquismo é fruto de um processo sócio-histórico, Yaroshevsky (1979), afirmou que a consciência, a partir das análises marxistas, passou a ser entendida na filosofia e, posteriormente, na psicologia, como um produto da atividade mediata, e não imediata. O psíquico, nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos* de Marx, é posto como uma ideia psicológica, ou ainda, como forças essenciais de um determinado sujeito. Essência que se desenvolve e se objetiva na atividade da pessoa no mundo. Portanto,

> Não apenas o material da minha atividade – como a própria língua na qual o pensador é ativo – me é dado como produto social, a minha *própria* existência *é* atividade social; por isso, o que faço a partir de mim, faço a partir de mim para a sociedade, e com a consciência de mim como um ser social (Marx, 2010 [1844], p. 107).

A atividade, além de objetivar novos produtos no mundo, objetiva a existência do sujeito enquanto pessoa, do indivíduo enquanto ser social. Esse entendimento, que aparece no subtexto desta tese desde as análises acerca da década de 1920, reapareceu em Yaroshevsky (1979 [1974]). Assim, nos aproximamos de uma ideia central para o que ficou demarcado no Brasil como psicologia histórico-cultural, ou sócio-histórica: Afirmo, baseando-me nas análises presentes ao longo deste capítulo, ser impossível entender, intervir e avançar na produção dessa teoria sem o conhecimento prévio de sua própria epistemologia, ou ainda, de sua origem. Para

aqueles que negam o marxismo-leninismo como fundamento desse enfoque, é importante lembrar que podem até mesmo trabalhar com as ideias de Vigotski, Luria, Leontiev etc., no entanto, não compreenderão a essência de suas respectivas teorias. Produzindo assim, algo que se desvia de sua origem revolucionária, atendendo aos interesses ideológicos do capital e engendrando uma espécie de cognitivismo cultural, pois até mesmo a história é deixada de lado. Não é necessário ir muito além para encontrar exemplos que sustentam essa afirmação, a apresentação do livro *A Formação Social da Mente*, feita por Michael Cole[87] e outros, expressa essa ausência do aspecto histórico da obra de Vigotski e de outros soviéticos. O processo de produção teórica é analisado pelo ponto de vista da lógica formal, ou ainda, unicamente, dos resultados da atividade, não de sua historicidade ou característica epistemológica (John-Steiner et al, 2007).

Yaroshevsky (1979), ao longo de seu escrito, seguiu um caminho aberto por Rubinstein (1983 [1934]), já na década de 1930, na identificação de como as categorias da psicologia soviética se desenvolviam nas obras de Marx e outros autores que se identificavam com o pensamento marxista. De modo semelhante ao de Rubinstein, Iarochevskii apresentou as categorias de atividade, consciência, necessidade etc., e o tratamento dado a elas nas obras de Marx e Engels. Iarochevskii apresentou até mesmo a compreensão de personalidade, já mencionada nesta tese, como o conjunto das relações sociais estabelecidas ao sujeito. Para realizar essa afirmação, o autor retomou a *Crítica da filosofia do direito de Hegel*, escrita por Marx, em 1843. Nesse livro, encontramos a seguinte passagem:

> [...] tanto a individualidade particular como as funções e atividades estatais são funções humanas; ele esquece que a essência da "personalidade particular" não é a sua barba, o seu sangue, o seu físico abstrato, mas sim a sua qualidade social, e que as funções estatais etc. são apenas modos de existência e de atividade das qualidades sociais do homem. Compreende-se, portanto, que os indivíduos, na medida em que estão investidos de funções e poderes estatais, são considerados segundo suas qualidades sociais e não segundo suas qualidades privadas (Marx, 2010 [1843], p. 42.).

Em seu livro que marcou o princípio do rompimento com as ideias de Hegel, escrito em 1843, Marx já compreendia que a personalidade não era algo inato, ou, como denominou, qualidades privadas. Ao entender que a personalidade pode

[87] Antecipo Michael Cole pela necessidade de exemplificar os problemas acerca da ausência de uma compreensão epistêmica da psicologia histórico-cultural. Todavia, ele reaparecerá em outro momento deste trabalho como personagem na inserção desta teoria no mundo ocidental.

existir somente em seu vínculo social, Marx abriu a possibilidade de se afirmar na psicologia que a personalidade não é uma condição inata, tampouco determinada por condições biológicas. Conceber que a personalidade é um conjunto das relações sociais, significa afirmar que essas relações se modificam de acordo com as mudanças materiais e estruturais de cada sociedade, portanto, o sujeito enquanto pessoa se desenvolve não apenas no nascimento, infância, adolescência ou juventude. A personalidade se desenrola durante toda sua existência.

Na história da psicologia soviética, desde os primeiros anos de Revolução, Iarochevskii afirmava que os primeiros teóricos destacavam que "[...] a psicologia científica se orienta para o marxismo." (Blonski[88], 1919, S/P apud Yaroshevsky, 1979 [1974], p. 279). Essa era uma necessidade da época, precisamente para buscar o rompimento efetivo com o idealismo e o mecanicismo. Por um lado, havia as teorias demasiadamente abstratas e subjetivistas, considerando o psíquico a partir de um ponto de vista introspeccionista; por outro, existiam as abordagens que, até o princípio do decênio de 1920, ignoravam a vida psíquica, reduzindo a psicologia a meros conceitos fisiológicos e reflexológicos. O marxismo, segundo Iarochevskii, seria responsável por erigir uma teoria psicológica que dialeticamente resolvesse a problemática entre o objetivo e o subjetivo, a atividade prática e teorética. Algo que se expressou de modo criativo, em 1934, no artigo de Rubinstein (1983 [1934]). Se passaram 15 anos entre a afirmação de Blonski e a objetivação teórica de Rubinstein. Essa janela histórica serve para afirmar que a psicologia soviética não foi fruto de um imediatismo teórico[89], mas sim, de um longo trabalho que se iniciou na Revolução de Outubro de 1917. Sem embargo, o marxismo na psicologia soviética não foi imposição política, partidária etc. O princípio de seu desenvolvimento veio por meio de uma necessidade histórica e social. Ou ainda "[...] estimularia pelas necessidades do desenvolvimento social e cultural da jovem república - que orientava a psicologia científica para os princípios filosóficos do marxismo". (Yaroshevsky, 1979 [1974], p. 279). Foram as mudanças concretas que promoveram as devidas necessidades para a objetivação de uma ciência psicológica

[88] Iarochevskii se refere ao livro *Reforma da Ciência*, escrito por Blonski, em 1919. Ao buscar esse material na internet, não encontrei nenhuma versão *online* disponível. Foram encontrados apenas alguns exemplares em sites de bibliotecas universitárias russas, por exemplo, a de Moscou.

[89] Essa afirmação já foi feita em vários momentos e passagens desta tese. Entretanto, vale sublinhar que Iarochevskii, realizou o mesmo caminho que vimos em diversos outros teóricos, precisamente acerca dos teóricos iniciais da psicologia soviética, por exemplo, Blonski, Kornilov, Basov etc.

da base marxista, necessidade expressa em uma Revolução. Pela primeira vez na história do mundo moderno, havia a possibilidade da criação de uma sociedade justa, igualitária e que rompesse com a lógica das classes sociais, da acumulação de capital, da extração do mais-valor, mas, acima de tudo, da exploração da pessoa pela pessoa[90]. É por esse motivo que se deve concordar com a afirmação feita por (Yaroshevsky, 1979 [1974], p. 285):

> [..] A lógica do desenvolvimento da ciência jamais apresenta seus "ditados" em forma pura. Sua ação sobre as ideais científicas se exerce de maneira mediata, através de fatores ideológico-sociais

A ciência não escapa da lógica ideológica. Esta ideologia científica, por assim dizer, é produzida de acordo com as condições materiais de cada sociedade, sendo ditada, e estando de acordo com as ideias das classes dominantes (Marx; Engels, 2007 [1845-1846]. É por esse motivo que a psicologia soviética em sua origem, valendo-se dos fundamentos marxista-leninistas, causou enorme estranhamento no mundo ocidental, que era dominado pela ideologia burguesa, portanto, tendo uma ciência que atendia aos interesses da burguesia[91]. Rompendo com esta lógica, Yaroshevsky (1979 [1974], p. 285) afirmou que

> Na União Soviética se levava a frente um trabalho grandioso para transformar a psicologia das massas trabalhadoras, para educar a obreiros conscientes do socialismo, e não para formar robôs que pudessem ser dirigidos por estímulos exteriores. Servia de guia filosófico, nesse labor, a doutrina marxista-leninista, no qual o princípio de que a consciência se faz determinada pelo seu em separado do reconhecimento da atividade da consciência, do papel ativo das ideias.

---

[90] Me eximirei aqui de debater acerca dos rumos e caminhos tomados pela União Soviética a partir da década, de 1930. O objetivo neste capítulo resume-se ao matrimonio estabelecido entre o marxismo e a psicologia.

[91] Não é necessário fugir do rotineiro para exemplificar essa afirmação. B. F. Skinner, em seu livro, Contingências de Reforço, publicado, em 1969, escreveu: "Em 1917, os russos precisavam do princípio do reflexo condicionado para apoiar sua ideologia, e fizeram de Pavlov um herói nacional. Se os homens não eram produtivos nem felizes, a culpa era dos seus ambientes, e, com a ajuda dos princípios pavlovianos, o governo russo mudaria o mundo e, assim, mudaria os homens. No entanto, no início dos anos 1930, a situação tornou-se embaraçosa, como Bauer notou. O governo teve sua oportunidade, e os russos ainda não eram visivelmente produtivos ou felizes. Pavlov caiu em desgraça, e por vinte anos a pesquisa russa sobre reflexos condicionados foi confinada a processos fisiológicos não diretamente relacionados ao comportamento. Quando a Segunda Guerra Mundial restaurou a confiança da Rússia, Pavlov voltou como um herói intelectual, e o reflexo condicionado foi novamente dado uma chance para construir a boa vida (Skinner, 2013 [1969], p. 51). A ciência não é, nunca foi e não poderá jamais chegar ao status de neutra. Neutralidade científica não existe, pois todo e qualquer conjunto de conhecimentos existentes no mundo, é fruto de uma determinada sociedade, produzido em conjunto com uma ideologia política. A ideologia denominada por Lenin como ditadura do proletariado, apenas contradizia a lógica descrita por Skinner e a ideologia burguesa. Ao mesmo tempo, não se deve esquecer que Skinner (1960), apresentou um artigo em que expos publicamente o condicionamento de pássaros para teleguiar mísseis durante a Segunda Guerra. Portanto, a utilização ideológica e política de seus conhecimentos científicos.

O objetivo da jovem União Soviética, visto que a Revolução ainda não datava 10 anos, era romper com uma lógica adaptacionista prevista na ciência psicológica estadunidense. Vale lembrar que até o momento revolucionário a Rússia era um país majoritariamente analfabeto, tal como afirmou Luria (1992). Criar trabalhadores, estudantes e pessoas conscientes de sua história e de seu dever político e social era um dos principais objetivos postos para as ciências daquele período, precisamente as que trabalhavam diretamente com a educação e o desenvolvimento humano. Assim, a psicologia adentrou uma nova tarefa, tentando transformar um objeto até então estudado a partir de uma perspectiva idealista e subjetivista. Sem embargo,

> as tarefas sociais planejadas e a filosofia materialista e dialética determinaram as buscas científicas concretas dos psicólogos soviéticos, que defendiam o valor da consciência como fator da conduta humana. Estas buscas se concentraram no problema da consciência, o problema é que interessava tanto por razões sociais práticas (necessidades da educação e do ensino na nova escola) como por motivos filosóficos. (Yaroshevsky, 1979 [1974], 285).

Tendo a necessidade de se educar conscientemente a classe trabalhadora e a população da União Soviética, a psicologia tinha então alguma tarefa histórica, ou seja, transformar a consciência em objeto de estudos a partir de ponto de vista materialista, histórico e dialético. O marxismo, enquanto visão de mundo, respondia às questões postas pela nova base social vigente. Portanto, os teóricos soviéticos tomaram como ponto de partida os trabalhos de Marx, Engels, Lenin e outros marxistas para produzir os fundamentos de uma ciência que considerasse os aspectos concretos da vida.

A educação consciente da classe trabalhadora contradizia o que era pregado pelos ideólogos da burguesia e das ciências que se diziam neutras, no começo do século XX. Yaroshevsky (1979 [1974]), em um debate direto com os cientistas estadunidenses, escreveu:

> É necessário insistir neste ponto porque entre os psicólogos dos países capitalistas ainda segue sendo popular a versão de que se o partido e o governo soviético apoiaram a Pavlov foi com o propósito de alcançar que se elaborasse um plano estatal para dirigir as pessoas mediante a reflexos condicionados. Por desgraça alguns investigadores sérios, em particular Skinner, apoiaram essa versão [...] (p. 286)

Como já apresentado em outros momentos desta tese, o princípio da psicologia soviética, enquanto ciência marxista, começou a se desenvolver de modo lento e gradual. Muito assimilando aos movimentos revolucionários daquele período.

Em contrapartida, Pavlov era um opositor a este novo governo que surgia naquele período histórico. Não era partidário dos bolcheviques revolucionários, tampouco, dizia-se comunista. Mesmo assim, o governo soviético deu totais condições para que ele realizasse suas pesquisas, construindo até mesmo uma cidade laboratório, que após o seu falecimento foi rebatizada com o nome de Pavlovo (Lefèvre, 1980; Giannoni, 2016). Sem embargo, não se pode esquecer que Pavlov era a maior expressão científica da União Soviética. O fisiólogo russo havia recebido o Prêmio Nobel de medicina, em 1904, por pesquisas sobre o funcionamento de glândulas digestivas, feitas entre 1897. (Vega, 1993). Nesse sentido, as afirmações acerca da utilização de sua obra para o controle do povo soviético constituem-se como uma falácia científica. Novamente, deparamo-nos com a ideologia presente nos fundamentos das diferentes abordagens psicológicas, sendo determinantes no modo que interpretam e transformam o mundo.

No entanto, retomando as análises acerca da presença do marxismo na psicologia soviética, Yaroshevsky (1979 [1974]) apresentou um dado demasiadamente interessante para a história desta ciência. Segundo o autor, próximo da década de 1930, Básov havia proposto que a psicologia se orientasse por meio da atividade como categoria fundante do psiquismo. Esse fato é extremamente importante para situar a atividade na história da psicologia soviética. Vale lembrar que, já em 1922, Rubinstein havia elaborado um artigo que sustentava um posicionamento acerca do que denominou como autoatividade criativa (Rubinshtein, 1986 [1922]). Todavia, seu posicionamento partia de uma perspectiva Kantiana. Básov, por sua vez, foi o primeiro a apresentar uma sistematização sobre a categoria da atividade, pelo ponto de vista marxista. Posteriormente, foi ele – Básov – o responsável por convidar Rubinstein a trabalhar em Leningrado nas investigações sobre a atividade na psicologia. Em 1934, surgiu o artigo de Rubinstein (1983 [1934]), sistematizando a atividade como produtora da consciência e responsável pelas objetivações humanas.

Após apresentar a concepção de Básov, Yaroshevsky (1979 [1974]) reconheceu a importância de Vigotski no diálogo estabelecido com seu contemporâneo, precisamente no caráter ativo do ser humano no meio em que vive.

Posteriormente, Yaroshevsky escreveu que é impossível não atribuir a Vigotski[92] o mérito de transformar os estudos sobre a consciência em investigações que seguissem uma lógica histórica. Para além disso, o autor ainda escreveu que Vigotski foi um teórico fundamental para que os estudos sobre a consciência se mantivessem nas pesquisas da psicologia. Escreveu Yaroshevsky:

> Pela primeira vez, em Vigotski, frente a influência da teoria marxista-leninista acerca da prática como fornalha da atividade intelectual das pessoas, o problema da consciência e da atividade apareceu como problema central da psicologia (Yaroshevsky, 1979 [1974], p. 308).

A consciência foi destacada na psicologia, por Vigotski, já em 1925. Em seu artigo publicado na coletânea *Psicologia e Marxismo*, de Kornilov, Vigotski já insistia na necessidade de não se abandonar os estudos acerca da consciência (Kornilov, 1925, Vigotski, 1999 [1925]). Porém, ela não deveria mais ser vista por uma perspectiva subjetivista, mas deveria aparecer como um problema da ciência psicológica objetiva.

A saída objetiva, para Vigotski, segundo Yaroshevsky (1979 [1974]), foi recorrer à filosofia marxista. No entanto, o próximo passo dado pelo teórico soviético foi encontrar no conceito de signo uma possibilidade de se explicar o desenvolvimento da consciência. Escreveu Yaroshevsky:

> A posição de Vigotski se diferenciava favoravelmente do behaviorismo já pelo fato de que ao operar com signos não o identifica com a consciência, não se convertia em seu equivalente, mas que se interpretava como meio de seu desenvolvimento de sua formação de sua construção (p. 297).

Não obstante, Vigotski (2009 [1934]) chegou à conclusão de que a palavra é uma unidade de análise mínima da consciência, precisamente por ser uma produtora da própria consciência do sujeito no mundo. E, para aqueles que

---

[92] Acerca da apresentação de Yaroshevsky, encontra-se em um determinado parágrafo deste capítulo, um trecho curioso sobre a crítica a Vigotski: “Posteriormente se submeteu a crítica a ‘concepção histórico-cultural’ de Vigotski como concepção que sofre de vários defeitos graves por não levar muito em conta o papel formador da atividade prática do homem e o desenvolvimento de sua consciência. E por opor de maneira excessivamente categórica as formas sociais por sua natureza, da atividade consciente aos outros processos psíquicos considerando como ‘de formação natural’’ (Yaroshevsky, 1979 [1974], p. 303-304). Defendo aqui que um dos motivos pelo qual Vigotski talvez não figure a atividade prática como determinante no processo de produção e constituição da consciência, precisamente, por não ter tido contato com os *Manuscritos Econômico-Filosófico*, de Marx, publicado apenas em 1932. Portanto, se Vigotski teve contato com esse livro antes de seu falecimento em 1934, não teve tempo hábil de desenvolver uma ideia central acerca da atividade como atividade consciente dos seres humanos, tal como faria posteriormente Rubinstein (1983 [1934]). No entanto, concordo com Yaroshevsky sobre a potencialidade contida na teoria de Vigotski sobre a consciência, principalmente numa tentativa de transformar esses estudos na ciência psicológica, retirando o caráter subjetivo e introspeccionistas dado as investigações da consciência até o começo do século XX.

defendem que a concepção de pensamento e linguagem foge de uma tendência marxista, é só recordar a afirmação de Marx e Engels (2007 [1845-1846]) sobre o espírito não ser puro, portanto, mediado pela matéria, ou palavra. Ambos acreditavam que a linguagem objetiva a consciência, fundamentalmente por colocá-la em ação, em movimentação. No entanto, a concepção psicológica sobre o pensamento e a linguagem, apesar de aparecer como um germe em Marx e Engels, não se encontra finalizada, pronta, acabada e concretizada. Como escreveu Yaroshevsky (1979 [1974], p 299): "A teoria marxista era o fundamento filosófico. Mas sobre este fundamento haveria de construir um conhecimento científico concreto que colocasse seus métodos, conceitos e categorias". Assim como já destacado nesta tese com outros teóricos, por exemplo, Rubinstein (1983 [1934]), Yaroshevsky elucidou que uma compreensão marxista do psiquismo humano não se encontrava pronta em Marx, todavia, o filósofo foi o ponto de partida para a objetivação dessa concepção teórica.

Outro aspecto apresentado por Yaroshevsky (1979 [1974]) destacando a importância de Vigotski para a constituição de uma ciência psicológica de base marxista foi a concepção de interiorização da atividade externa, ou seja, objetiva. Tal como se apresentou – e se conservou – na psicologia brasileira, desde a década de 1980, com a chegada de materiais como *A Formação Social da Mente*, ou *Pensamento e Linguagem.* Apesar da simplicidade desses materiais, e da fragmentação e reducionismo teórico das ideias vigotskianas, já encontramos conservada uma lógica que permitia um entendimento da interiorização como resultado da atividade do sujeito no mundo, sempre mediada por instrumentos materiais, ou ainda, psicológicos, tal como a utilização dos signos, por exemplo. (Vigotski, 2007).

A concepção marxista de psicologia elaborada por Vigotski não refletia apenas a lógica de Marx em seus escritos. Também, Lenin se faz presente em suas análises. Em um dos trechos apresentados por Yaroshevsky, o autor escreveu:

> Vigotski tinha presente a conhecida observação que fez Lenin na *Lógica* de Hegel explicando o caráter axiomático das figuras da lógica pela consolidação dos atos milhares de milhões de vezes repetidos, da atividade prática, e desde estas posições ideológicas pode ver o fracasso radical dos trabalhos do jovem Piaget, quem apresentava o desenvolvimento cognoscitivo da criança fora da relação prática com a realidade. Vigotski, apoiando-se nos *Cadernos filosóficos* de Lenin, procurou demonstrar a necessidade de ter em conta, ao explicar o desenvolvimento da psique infantil, a "prática social dirigida para o domínio da realidade". Os trabalhos de Lenin serviam a Vigotski de ponto de apoio para valorizar as

> representações de Piaget no sentido de que o conhecimento, na verdade por parte da criança, se produz mediante a comunicação deste último com outras "consciências", e não com a realidade. Vigotski compara estas representações com as ideias de Bogdanov, criticadas por Lenin em *Materialismo e Empiriocriticismo*. Por conseguinte, a crítica que Vigotski fazia das conclusões científicas concretas de Piaget se inspirava em um critério filosófico completamente nova para a psicologia (Yaroshevsky, 1979 [1974], p. 306 – Grifos no original).

A crítica que Vigotski fazia era diferente e nova para a psicologia, precisamente por ser feita a partir de uma perspectiva marxista-leninista. Vigotski, segundo Yaroshevsky, não foi afetado, em sua obra, apenas por Marx, mas também por Lenin. Assim, não apenas na teoria de Vigotski, como em toda a psicologia soviética de base marxista, a relação da criança com o mundo é desde seu nascimento uma atitude cognoscitiva, ou seja, de conhecimento do mundo mediado por outros seres humanos. Essa noção é diferente, por exemplo, do entendimento de que a criança se apropria do mundo por estar nele próprio. Sem a organização de sua atividade, não ocorre uma atitude cognoscitiva, aliás, ao menos não na apropriação dos sentidos humanos (Marx, 2010 [1844]; Rubinstein, 1968 [1957]). Neste sentido, torna-se um grande problema a utilização acrítica das obras de Piaget e Vigotski como se fossem autores que concordassem entre si, em seus resultados, e até mesmo em sua epistemologia.

Contemporâneo a Vigotski, Yaroshevsky destacou as contribuições de Rubinstein para formular uma teoria que tivesse como unidade a atividade e a consciência. Segundo o autor,

> Na teoria marxista, a atividade pela primeira vez recebeu uma interpretação materialista na qualidade de forma especial de interação do homem social com o mundo dos objetos. Por sua vez, a consciência, de essência imanente, como aparecia em diversas concepções idealistas, recebeu uma explicação nova a princípio. Se considerava como conscientização do ser, é dizer, como um processo da vida real das pessoas. Disto se derivava a necessidade de unir a característica "ativa" da psique humana com a "reflexa" (Yaroshevsky, 1979 [1974], p. 309).

A tese de que a consciência é produzida na atividade, ao mesmo tempo em que é uma reflexão do mundo objetivo, apareceu pela primeira vez no texto de Rubinstein (1983 [1934]). No artigo de Rubinstein, analisado no começo desta tese, foram organizados alguns princípios que permaneceriam na psicologia soviética até a dissolução da União Soviética, precisamente fundamentos que permanecem na teoria, no entanto, ofuscados pelos impactos da organização do mundo do trabalho no neoliberalismo e na intensificação da jornada de trabalho. Isso é fato, pois após o

decênio de 1990, as preocupações teórica-epistemológicas da psicologia, diminuem de modo significativo[93] (Shuare, 2016 [1990]).

Entretanto, retomando as afirmações de Yaroshevsky (1979 [1974]) sobre S. L. Rubinstein, encontramos que:

> Rubinstein se manifestou, desde posições marxistas, contra as concepções dualistas sobre a psiquê e a consciência. Com ele se encontraram na órbita das análises as conexões objetais especificamente humanas, conexões de ordem superior, condicionadas pela atividade como o trabalho (p. 310).

Condicionada, não num sentido pavloviano, ou ainda, behaviorista, mas partindo do entendimento que a atividade cria as devidas condições para o desenvolvimento da consciência e do psiquismo, a partir de seu vínculo humano. A atividade – como, aqui, já demonstrado – é aquilo que transforma o meio social, a natureza etc., e, ao mesmo tempo, que desenvolve a consciência das pessoas. Para, além disso, Yaroshevsky afirma, ainda, que:

> A ideia de objetividade da consciência (é dizer: a ideia de que a contribuição se faz vinculada ao mundo dos objetos) se converte em ideia central dos trabalhos de Rubinstein. Interpretada sob a luz da teoria do reflexo[94], este autor a desenvolve em seu livro *O ser e a consciência*.
> O princípio da unidade da consciência e atividade, assim como a ideia da objetividade da imagem (no amplo sentido da palavra) influenciaram poderosamente na formação das bases filosóficas da psicologia soviética (Yaroshevsky, 1979 [1974], p. 311 – Grifos no original).

A ideia de objetividade, ou seja, de que a consciência se objetiva, se materializa, se cristaliza, na atividade, é de extrema importância para a psicologia soviética. Necessariamente, foi essa tese que colocou fim nas discussões acerca da subjetividade e da objetividade do psíquico, pois, embora o psiquismo se produza desde uma relação prática com a vida, ele, ao mesmo tempo, é objetivado para a realidade material. Por esse motivo, Rubinstein (2003 [1957]) em seu livro *O ser e a consciência*, insistiu que:

---

[93] Em uma das novas entrevistas feitas pela professora Marta Shuare, o entrevistado Andrei F. Kopiov expressou: "[...] os jovens psicólogos estão fazendo uma experiência que, mais tarde ou mais cedo, os levará a indagar as bases filosóficas e metodológicas de sua atividade profissional e a questionarem-se – no sentido de perguntar – o valor de suas concepções científicas" (KOPIOV, 2016, p. 275). A afirmação de Kopiov questiona a própria compreensão epistemológica que se tem hoje da ciência. Portanto, é importante afirmar e reafirmar: a concepção filosófica por detrás de uma ciência, não determina apenas suas bases teóricas. A visão de mundo, por assim escrever, determinará os fundamentos metodológicos e intervenções práticas. Sem embargo, vale recuperar a noção apresentada por Rubinstein (1963 [1959]): o desenvolvimento da psicologia levará ao mesmo tempo ao desenvolvimento da filosofia.

[94] Yaroshevsky refere-se na verdade da teoria da reflexão de Lenin, todavia, na tradução para o espanhol, conservou-se a palavra reflexo.

> A subjetividade do psíquico em seu primeiro e fundamental significado está relacionada ao pertencimento de todo o psíquico ao indivíduo, ao ser humano como sujeito. Não existem sensações, pensamentos ou sentimentos que pertençam a ninguém. Toda sensação, todo pensamento é sempre a sensação ou o pensamento de uma pessoa específica. A subjetividade do psíquico significa que é uma atividade do sujeito (p. 87).

Atividade subjetiva que se objetiva, encarnando-se em objetos materiais, ou ainda, produtos da atividade humana. Rubinstein, segundo Yaroshevsky (1979 [1974]), colocou fim às discussões behavioristas durante a primeira metade do século XX, precisamente, encontrando uma resolução para o problema do vínculo entre objetivo e subjetivo. Assim, a atividade cumpriria na teoria de Rubinstein, e, posteriormente, na história da psicologia soviética, o objetivo de se entender o psiquismo a partir da perspectiva marxista-leninista. A teoria da consciência como reflexão do mundo material foi outro importante pilar que se conservou na ciência psicológica. A imagem subjetiva, que segundo Rubinstein (1968 [1957]) não deve ser unicamente encarada unicamente como imagem, mas também conceito, ideia etc.[95]., abriu as possibilidades de se entender o desenvolvimento da atividade psíquica e subjetiva dos sujeitos.

No entanto, não apenas na atividade consciente se desenvolveu a psicologia soviética, uma vez que, após passar pelas análises de Rubinstein, Yaroshevsky (1979 [1974]) apresentou outro importante personagem na constituição de uma psicologia de base marxista: D. N. Uznadze. Para Yaroshevsky, o teórico georgiano conseguiu avançar no conhecimento de diversos conceitos na ciência psicológica, sobretudo, o de orientação de uma atividade. Neste entendimento, a escola de psicologia da Georgia chegou à conclusão que:

> A concepção do objeto e das tarefas da psicologia, tomada da filosofia marxista, se converte em guia para as investigações de Uznadze e sua escola. Apoiando-se nas teses de que a psicologia chega a ser uma ciência real somente quando em vez de tomar como primaria a consciência que nas concepções tradicionais substitui o indivíduo, toma o próprio indivíduo condicionado pelo processo da vida, Uznadze chega à conclusão que a

[95] Não se constitui como objetivo nesta tese analisar o sentido dado por Rubinstein a imagem subjetiva. Apenas me limitarei a afirmar que em sua obra *Existência e Consciência*, escrita em 1957, o desenvolvimento da imagem subjetiva, é apresentado como parte, parcela, processo da reflexão psíquica. Assim, compreender que o subjetivo se produz apenas por imagens, empobrece o próprio entendimento da reflexão psíquica apresentada por Rubinstein (2003 [1957]). A reflexão psíquica também ocorre por meio da ideia, do conceito, dos símbolos e simbolismos presentes no mundo material, refletidos pelo sujeito, durante sua atividade e existência no mundo. Caso contrário, a experiência de Zagorski, por exemplo, apresentada por Leontiev (1976), teria sido impossível. As crianças descritas naquela experiência, que tornaram-se adultos frequentando a Universidade de Moscou, não enxergavam ou ouviam, portanto, refletiam o mundo de modo diferente, na ausência de imagens e sons, entretanto, não dos conceitos, ideias ou simbolismos.

> tarefa da psicologia consiste em investigar “a realidade viva da atividade humana” (Yaroshevsky, 1979 [1974], p. 315).

Ou seja, a ideia central de todo o marxismo, principiada nos *Manuscritos econômico-filosóficos*, de 1844: a ideia do ser humano concreto. Todavia, Uznadze avançou em outro aspecto ao estudar e pesquisar a atividade. Para ele, não era tema central a investigação da atividade e da consciência, mas sim, da atividade e do inconsciente. Uznadze, segundo Yaroshevsky (1974 [1979]), rompeu com as explicações freudianas, tecendo críticas, ao mesmo tempo, a teóricos que harmonizavam o marxismo e a psicanálise, por exemplo. Tornou-se, sem embargo, o primeiro teórico a explicar a atividade psicológica inconsciente, a partir de uma perspectiva materialista e marxista.

E não foram apenas os teóricos citados por Yaroshevsky que refletiram a magnitude da teoria soviética da psicologia. O autor afirmou no fim de seu capítulo que

> As buscas teóricas e experimentais dos psicólogos soviéticos não representavam um desvio da linha magistral em que se movia a ciência no mundo. Se falavam determinadas pelas exigências gerais da mesma. A necessidade de elaborar novas soluções fez que na psicologia soviética surgissem as tendências que temos examinado. Suas posições respondiam a interpretação, tomada da filosofia marxista, que se dava a atividade e a pessoa, a psiquê e a consciência. Partindo desta base se elaboraram as questões psicológicas concretas (Yaroshevsky, 1979 [1974], p. 318).

Assim, encerrando as análises sobre o marxismo e a psicologia na década de 1970, é possível afirmar que desconhecemos grande parte dos materiais citados por Yaroshevsky (1979 [1974]). São poucos os conhecimentos que a psicologia brasileira adquiriu acerca das contribuições teóricas de Básov, por exemplo. Ou ainda, das investigações da atividade inconsciente levantada por Uznadze e a escola georgiana da psicologia. Sem embargo, é mais do que notória – e urgente -, a necessidade das investigações e pesquisas que tragam o conhecimento das ideias de autores citados por Yaroshevsky. Ao mesmo tempo, é plausível admitir que, embora a psicologia soviética se valesse de uma visão de mundo baseada no marxismo-leninismo, suas pesquisas não se afastaram das tendências globais, acompanhando o desenvolvimento de subáreas que floresciam nas sociedades capitalistas. A psicologia organizacional foi uma dessas orientações que ganharam força nas investigações psicológicas da década de 1970. Todavia, a partir de 1980, encontraríamos uma nova reconfiguração da psicologia soviética, um reflexo de

todas as mudanças políticas e estruturais da URSS. Esse é o próximo ponto de análise.

2.3. A década de 1980 e 1990: O fim da psicologia soviética

A psicologia soviética, que iniciou seu desenvolvimento teórico junto à Revolução de Outubro de 1917, adentrou ao decênio de 1980 sem a presença de quase todos os teóricos de sua primeira geração. Muitos autores que produziam o conhecimento nesse momento foram alunos e orientandos de Vigotski, Luria, Leontiev, Rubinstein, Miasíschev, Teplov, Ananiev etc. Eram poucos os teóricos dessa primeira geração que estavam vivos e produzindo o conhecimento científico naquele momento histórico. De modo breve, vale citar Bluma Vul'fovna Zeigarnik, que faleceria no final desta década, em 1988. Portanto, muitos autores presentes nesse contexto eram de uma segunda ou terceira geração de psicólogos e psicólogas. Inclusive, alguns questionavam o valor epistemológico do marxismo nos trabalhos soviéticos[96].

Em um contexto geral, as discussões sobre epistemologia, ou uma psicologia que atendesse aos preceitos de Marx, Engels e Lenin, começou a ruir, junto a toda uma estrutura social. Neste subtópico, para além, da apresentação da *perestroika*, movimento que iniciou o fim da União Soviética, serão apresentados os poucos materiais que conservaram os fundamentos filosóficos de duas gerações que passaram pela psicologia soviética.

Pretendo dialogar com alguns autores que durante a década de 1970 e 1980 tiveram trabalhos relevantes sobre o marxismo e a psicologia. Por exemplo, Petrovski, em 1985, mesmo ano do início da *perestroika*, publicou o livro *Ensaios de Psicologia: Coletivo e Personalidade*, traduzido para o inglês como *Studies in sychology: the collective and the individual*, também em 1985. Nesse material encontra-se um capítulo sobre a história da psicologia soviética, seu passado e o contexto geral de 1980.

Todavia, antes de iniciar a apresentação histórica sobre a década de 1980, e a relação entre psicologia e marxismo, vale trazer alguns apontamentos sobre uma das principais revistas da ciência psicológica nesse momento, ou seja, a psicologia

[96] Haverá um momento para analisar as entrevistas feitas por Marta Shuare e como a terceira geração de psicólogos soviéticos compreendia o marxismo e seu valor teórico-prático.

soviética. O primeiro volume, que deu início aos anos de 1980, foi marcado por uma série de artigos críticos à psicologia social estadunidense. Nessa edição, encontram-se artigos como *Perspectivas soviéticas na psicologia social americana*, *O uso da psicologia no sistema de controle social da sociedade capitalista* e *Alguns aspectos dos métodos utilizados na pesquisa em psicologia social nos EUA* (Campbell; Wertsch, 1980; Roshchin, 1980; Shikhirev, 1980).

Nessa mesma revista, entre os anos de 1984 e 1985, surgiu uma edição dedicada à concepção teórica de A. N. Leontiev. Após 1987, a revista passou a discutir de modo mais intenso os impactos da *perestroika* na psicologia, sua reconstrução e reformulação (Zinchenko, 1987). Nesse momento, referências como a do humanista (1902-1987), começam a adentrar ao cenário da psicologia soviética (Subbotskii, 1988). E, após a dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, em dezembro de 1991, a Revista Psicologia Soviética mudou seu nome para Revista de Psicologia Russa e do Leste Europeu. E, a partir de 1992, o conhecimento difundido na, e pela, revista passou a evitar trabalhos que discutissem diretamente uma psicologia que fosse marxista.

No entanto, antes de direcionarmos a atenção para a *perestroika* e a dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, vale apresentar alguns materiais que propunham, minimamente, discutir a presença do marxismo nos fundamentos teóricos da psicologia. Assim, adentro agora o trabalho de Ksenia Alexandrovna Abulkhanova (1932-), aluna, orientanda e seguidora de S. L. Rubinstein. Em 1980, Ksenia publicou um artigo intitulado *A categoria de atividade na psicologia soviética*. Nele, logo no primeiro parágrafo, demarcou a filosofia marxista como ponto de partida da fundamentação dessa noção. Em suas palavras a autora afirmou que

> A categoria marxista de atividade é o ponto de partida histórico e, logicamente, o fundamento filosófico sobre o qual se baseou o desenvolvimento da psicologia soviética. O princípio da unidade da consciência e da atividade, que S. L. Rubinshtein propôs na década de 1930, tornou-se um conceito chave para lidar com uma série de problemas; ele sintetizou todo um sistema de conhecimento psicológico e abriu perspectivas de desenvolvimento para pesquisas teóricas e experimentais. Mas agora, quase meio século depois, o que nos impulsiona a retornar à análise desse princípio básico, a categoria filosófica da atividade? (Abul'khanova-Slavskaya, 1982, p. 3).

Abul'khanova-Slavskaya apresentou a importância do trabalho de Rubinstein, em específico, de seu artigo, de 1934, sobre *A psicologia nos trabalhos de Karl Marx.* A autora apresentou esse trabalho, precisamente pela importância que teve

durante a década de 1930. Como já demonstrado no começo deste capítulo, foi o artigo de Rubinstein que colocou fim ao problema do vínculo entre atividade e consciência. Ao mesmo tempo, chamou a atenção para problemas centrais do desenvolvimento teórico da psicologia, por exemplo, a personalidade como categoria fundamental da análise do psiquismo.

A pergunta feita por Abul'khanova-Slavskaya (1982), no fim de seu parágrafo, é respondida linhas abaixo. A autora afirma a necessidade de retornar ao desenvolvimento filosófico da categoria da atividade, pois, embora ela estabeleça uma união teórica entre os autores da psicologia soviética, sua utilidade e aplicabilidade diferem metodologicamente de uma escola para outra. Isso ocorre, na avaliação da autora, pelas diferentes interpretações sobre o significado e aspectos de relevância, ou não, da atividade na filosofia marxista.

O aspecto para retomar as diferentes interpretações metodológicas sobre a teoria da atividade, segundo Abul'khanova-Slavskaya (1982), está na possibilidade de aprimorar e desenvolver uma conexão mais complexa entre teoria e prática, ou seja, o conhecido adágio marxista de que a diferença de todo materialismo anterior foi não considerar a atividade prática e teórica nas relações humanas (Marx, 2007 [1845]). Esse é, ao mesmo tempo, um aspecto de grande relevância nas escolas desenvolvidas na extinta União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, visto que Yaroshevsky (1979 [974]), na década anterior, demonstrou a diversidade teórica no que tange a categoria da atividade na psicologia. Como já debatido no último tópico, a atividade aparece em trabalhos e teorizações de diferentes autores da psicologia soviética desde meados da década de 1930. Desde Vigotski destacando a importância da consciência nos estudos da psicologia, passando por Básov realizando a primeira categorização da atividade, avançando no desenvolvimento da unidade entre atividade e consciência, de Rubinstein, tendo as contribuição do inconsciente, de Uznadze, do vínculo entre personalidade, de Leontiev e, até mesmo, da coletividade, tal como apareceu nas pesquisas de Petrovski (Vigotski, 1999 [1925], Shuare, 2016 [1990], Rubinstein, 1967 [1945], Bassin, 1981 , Leontiev, 2021 [1974], Petrovski, 1984).

Assim, as diferentes interpretações sobre a categoria de atividade no marxismo produziram metodologias diversas ao abordar a temática na ciência psicológica, cada qual destacando modos diferentes de se entender a atividade. Todas, entretanto, partem da filosofia marxista, desde o decênio de 1930, e rompem

com a visão naturalista e fisiológica de atividade empregada pelas ciências naturais e médicas. A atividade requer sempre a necessidade de um sujeito ativo no mundo, transformando-o, ao mesmo tempo em que se transforma. Transformação que não coloca em movimento apenas suas características físicas, mas, também, suas qualidades psíquicas (Marx, 2013 [1867], Rubinstein, 1967 [1945]). Sem embargo, para Abul'khanova-Slavskaya (1982):

> A concepção marxista do sujeito, que o define em diferentes sistemas de relações, permite delinear conceitos como o engajamento ativo da personalidade individual e a forma como esta se torna o sujeito da atividade em condições de necessidade. Isso abre a possibilidade de analisar a dialética do engajamento ativo e da atividade em condições de necessidade, e os problemas relacionados à forma como o engajamento ativo individual e as demandas da atividade e da autorregulação se relacionam com a regulação da atividade pela sociedade. A regulação social da atividade do indivíduo não exclui, mas ao contrário, pressupõe a regulação dessa atividade pelo sujeito de forma individual. No entanto, a maneira como a regulação social e individual são combinadas depende do objeto de estudo. Quando o indivíduo é considerado como sujeito da atividade, a combinação de demandas sociais (e estímulos) e interesses e motivos individuais é determinada principalmente pelas qualidades da personalidade. Quando um sujeito coletivo está envolvido, essa combinação é vista sob outra perspectiva (p. 12).

Abul'khanova possui o entendimento de que não apenas a atividade é uma categoria marxista, como a concepção de sujeito também o é. Aqui, é mencionado o sujeito ativo, que estabelece relações com outros seres humanos, sendo sua consciência parte desse convívio (Marx; Engels, 2007 [1845-1846]). Ou ainda, uma síntese entre o que se denomina na psicologia soviética como *perejivanie* e o saber. Por fim, o entendimento desse sujeito como parte de um meio social permite, ao mesmo tempo, estudar e destacar a personalidade, precisamente, pelo fato dela ser o conjunto de nossas relações sociais. Entretanto, todas as outras categorias ou conceitos mencionados neste parágrafo, no que diz respeito ao desenvolvimento do psiquismo, são derivadas da atividade. Sem a atividade humana socialmente necessária, não há desenvolvimento psíquico. Simultaneamente, sem o desenvolvimento psicológico, não existe continuidade das transformações da atividade objetal humana (Marx, 2013 [1867], Rubinstein, 1982 [1934], Abul'khanova-Slavskaya, 1982).

Ao longo do artigo de Abul'khanova-Slavskaya (1982), tornou-se evidente que a atividade não é apenas uma categoria que se desenvolve pelos motivos, visando atingir uma finalidade. A autora, por exemplo, apresentou outros elementos presentes nessa categoria: a atitude perante a atividade, as habilidades e

capacidades do sujeito, as condições referentes às circunstâncias para o desenrolar da atividade, os objetos e ferramentas presentes na atividade e a subjetividade. Sem embargo, não é o objetivo deste trabalho apresentar metodologicamente a categoria da atividade, expandindo seu horizonte para além do clássico motivo, ações e finalidades. No entanto, deve ser mencionado que a categoria de atividade, como demonstrado ao longo desta análise, possui sua origem nos trabalhos de Marx. Porém, ela não se limita a uma análise sociológica, tampouco, aos motivos e fins da própria atividade. Como a própria Abul'khanova-Slavskaya apresentou, existem outros elementos psíquicos envolvidos na atividade de um sujeito no mundo.

Conquanto, as análises de Abul'khanova-Slavskaya evidenciavam um problema filosófico e metodológico, presente, ainda, na década de 1980. Com o passar dos anos, precisamente com o avanço da *perestroika,* as discussões começavam a se fragmentar, tornando-se ecléticas em diversos aspectos. A ciência refletia as condições materiais da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas naquele determinado contexto. Porém, antes desse momento, Artur Vladimirovitch Petrovski (1924-2006) evidenciou as condições históricas, teóricas e metodológicas da psicologia soviética desde sua origem, em 1917. Sem embargo, vale determo-nos brevemente nesse material que se constituiria como uma das últimas análises sobre o percurso marxista da psicologia soviética. Posteriormente, apenas a obra de Marta Shuare, evidenciada a todo instante nesta tese, apresentaria o papel do marxismo na história desta ciência.

No entanto, retomando a Petrovski (1985), vale afirmar que o autor realizou todo um caminho clássico, apresentando os primeiros teóricos, as dificuldades iniciais e os motivadores sócio-históricos que permitiram o desenvolvimento da psicologia soviética enquanto ciência marxista. O autor apresentou os anos iniciais do século XX, a concepção filosófica pré-revolucionária presente entre os fisiólogos e psicólogos russos, e, ao mesmo tempo, introduziu a importância do pensamento filosófico de Lenin e conceitos e categorias marxistas nas discussões filosóficas russas daquele tempo. Todavia, Petrovski (1985, p. 11) afirmou que "[...] apenas a psicologia soviética faria um amplo uso da riqueza de ideias científicas nas obras de Lenin". De fato, tal como demonstrei ao longo destes capítulos iniciais, a psicologia soviética se erigiu não apenas sob a categoria e os conceitos de Marx. Lenin está presente desde a concepção de ciência adotada pela psicologia soviética, até ideias capitais, por exemplo, de reflexão psíquica (Lenin, 1977 [1922]; Lenin, 967 [1909]).

Petrovski (1985), em sua avaliação histórica, reconheceu a importância dos primeiros teóricos na constituição de uma ciência de base marxista. Afirmou que mesmo na ausência de uma base dialética nas primeiras idealizações do princípio dos anos de 1920, os teóricos iniciais cumpriram o papel de criticar o que estava sendo feito na psicologia até então. Ao mesmo tempo, organizaram as bases que, uma década mais tarde, precisamente em 1930, permitiu a objetivação das primeiras teses que se sustentariam na psicologia até o fim da União Soviética.

Petrovski atribuiu aos primeiros anos da década de 1930, a responsabilidade de se organizar a consciência como objeto direto de uma psicologia marxista. Esse fato ocorreu a partir de uma concordância com a teoria da reflexão de Lenin, destacando a consciência como uma qualidade da reflexão psíquica (Petrovski, 1985). O autor não se isentou de apresentar os principais teóricos na elaboração de uma teoria psicológica de base marxista. Em suas análises destacou a importância dos trabalhos de Vigotski, posteriormente a continuação de sua escola por Leontiev e o desenvolvimento de uma tendência sócio-histórica da psique humana. Petrovski, ao mesmo tempo, apresentou a importância de Rubinstein nas análises acerca da atividade e da consciência. Em seguida destacou a relevância da publicação dos *Fundamentos de Psicologia Geral*, de Rubinstein. Em sua avaliação, essa obra acumulou uma série de resultados de pesquisas de psicólogos soviéticos e estrangeiros, abrindo a possibilidade de formular uma série de teses de capital importância para a psicologia soviética. De modo geral, a obra de Rubinstein abriu a possibilidade de se concretizar na psicologia soviética suas principais categorias, ou seja, atividade, consciência e personalidade (Petrovski, 1985).

No final de seu capítulo, Petrovski apresentou as contribuições de teóricos da segunda e terceira geração da psicologia soviética. Em suas palavras:

> A psicologia soviética nos anos oitenta é uma ciência ramificada em diversas áreas. As áreas de desenvolvimento particularmente intensivo são a psicologia infantil e educacional, que estudam a interconexão entre o ensino e o desenvolvimento mental, os fatores que afetam o sucesso dos processos de ensino e a formação do indivíduo, as características psicológicas do trabalho com crianças que apresentam desvios do desenvolvimento normal e os princípios psicológicos do trabalho com o coletivo e o indivíduo (Sh. A. Amonashvili[97], L. I. Bozhovich[98], P. Y. Galperin[99], V. V. Davydov[100], A. V. Zapporozhets[101], G. S. Koslyuk[102], A. N.

[97] Shalva Aleksandrovitch Amonashvili (1931-).
[98] Lidia Ilínichna Bojovich (1908-1981).
[99] Piotr Iakovlevitch Galperin (1902-1988).
[100] Vasilii Vasilevitch Davidov (1930-1998).

> Leontiev, N. A. Menchinskaya[103], D. B. Elkonin[104], N. F. Talyzina[105], entre outros). (Petrovski, 1985, p. 26-27).

De fato, a psicologia soviética, após a segunda metade do século XX, concentrou suas investigações em áreas que contribuíssem diretamente para o desenvolvimento infantil e a organização dos grupos sociais. Por exemplo, o próprio Petrovski desenvolveu trabalhos nas duas áreas (Petrovski, 1984; Petrovski, 1980). Em seguida, Petrovski apresentou, ainda, diversos teóricos, pouco conhecidos ou desconhecidos na psicologia ocidental e brasileira. O autor destacou áreas como psicologia do trabalho e da gestão, da engenharia, espacial, patopsicologia, neuropsicologia, defectologia e história da psicologia, e apresentou, por fim, uma série de autores que desenvolveram trabalhos nessas subáreas da psicologia, a partir de uma perspectiva marxista.

Entretanto, vale lembrar que no momento em que Petrovski escreveu seu livro, aproximava-se o pronunciamento da *perestroika*, feito por Mikhail Sergeevitch Gorbatchov (1931-2002), segundo Hobsbawn (1994, p 461)), um "[...] reformador apaixonado [...]", que chegou ao poder da secretaria geral do Partido Comunista, em 1985, lançando seu projeto no intuito de transformação do socialismo soviético, como: "[...] *perestroika*, ou reestruturação (da estrutura econômica e política)m e *glasnost*, ou liberdade de informação"[106] (p. 465). De certo modo, para a psicologia, o movimento conhecido como *glasnost*, permitiu a entrada de novos materiais vindos do ocidente, em específico, da psicologia estadunidense. Por exemplo, em um artigo publicado, em 1989, na revista Psicologia Soviética, Vladimir Samuilovitch Magun (1947-) declarou:

> Uma das poucas exceções nessa área até agora foi o convite [ao nosso país] ao renomado psicólogo americano C. Rogers, que não foi apenas um visitante dando palestras, mas transmitiu de fato aos psicólogos soviéticos sua experiência com o trabalho prático em psicoterapia. (1989, p. 40).

---

[101] Aleksandr Vladimirovitch Zaporojets (1905-1981).

[102] Grigorii Silovitch Kostiuk (1899-1982).

[103] Natalia Aleksandrovna Menchisnkaya (1905-1984).

[104] Daniil Borisovitch Elkonin (1904-1984).

[105] Nina Fiodorovna Talyzina (1923-2018).

[106] Não se constitui como um objetivo a apresentação detalhada da *perestroika* e do governo de Gorbachev, o que culminou na dissolução da URSS. No entanto, a restruturação promovida, a partir de 1985, afetou diretamente a produção teórica da psicologia. Isso se expressou já nos periódicos da ciência psicológica. Por exemplo, na principal revista de psicologia do leste europeu, começavam a circular artigos que se valiam de um posicionamento humanista, desde uma perspectiva de Rogers.

Rogers, segundo consta em relatos de teóricos soviéticos, como o apresentado acima, teria ministrado uma série de cursos sobre a abordagem centrada na pessoa, tanto em Moscou, quanto em Tbilisi. Essas atividades feitas pelo psicólogo estadunidense renderam um artigo intitulado *Dentro do mundo do profissional soviético*. Nele, apesar de Rogers dialogar diretamente com profissionais da psicologia soviética, em nenhum momento apresentou as contribuições dos principais teóricos na União Soviética, ou ainda, fez menção aos trabalhos acerca de uma psicologia de base marxista. Rogers (1987), apesar de não fazer nenhuma menção sobre a vasta história da ciência psicológica na Rússia, e posteriormente na União Soviética, apresentou algumas críticas, segundo ele, vindas dos participantes de seus cursos. Rogers relatou que os participantes se sentiam livres para apresentar conteúdos sobre suas vidas privadas e familiares, contudo, essa liberdade, para o autor, tinha um certo limite. Em um dos trechos apresentados em seu artigo, ele escreveu:

> Pequenos trechos de conversas indicaram que estávamos em uma sociedade altamente controlada. Uma pessoa de certo status disse: "Eu gostaria muito de recebê-los em minha casa, mas não posso e, infelizmente, não posso dar nenhuma explicação." Outra pessoa, em uma conversa privada, disse: "Eu odeio o sistema, mas, por favor, tenha certeza de que você não repetirá isso para ninguém aqui." (Rogers, 1987, p. 18).

Portanto, as palestras de Rogers, realizadas durante a década de 1980, contribuíram para um crescente abandono de uma psicologia de base marxista-leninista, ou ainda, que estivesse voltada aos interesses do ser humano socialista. O trabalho, deixa de ser o desenvolvimento coletivo e consciente, passando para a centralidade de um único indivíduo, no entanto, pertencente a um determinado grupo. Não devemos esquecer que Marx e Engels (2012 [1847]) mencionavam que a história de todas as sociedades se constitui como uma história da luta de classes. A psicologia não se exime desse fato, contudo, encontra-se presente num campo ideológico, político e prático. A armadilha aberta por Gorbachev, adentrou ao campo intelectual, nas palavras de Hobsbawn (1994, p. 476):

> Reformistas em desespero, sobretudo entre os acadêmicos que tinham sido os tão óbvios beneficiários da *glasnost*, foram empurrados para um extremismo apocalíptico: nada se podia fazer enquanto o velho sistema, e tudo nele, não fossem absolutamente destruídos.

Na psicologia, o marxismo como visão de mundo, que orientava essa teoria, deixou de vigorar como nas décadas anteriores. Neste momento, em específico, no

fim da década de 1980, havia até mesmo chacotas acerca do desenvolvimento de uma teoria marxista-leninista.

Marta Shuare, por exemplo, registrou em seu livro uma mesa redonda que ocorreu no ano de 1988. A conferência tinha como nome *Passado, presente e futuro da Psicologia soviética*. Um de seus participantes, Leonid Aleksandrovitch Radzikhovski[107] (1953-), no fim de sua fala relatou:

> Vigotski tentou construir uma Psicologia marxista, ainda que este tema não posse ser discutido aqui. Direi apenas que, na minha opinião, tentou traduzir certas fórmulas sociológicas para a linguagem psicológica; daí sua compreensão da ideia de interiorização. Porém, aqui ocorreu uma desgraça pior do que com a Psicologia humanística: se esta não chegou a existir, canonizaram a Psicologia marxista. Quer dizer, canonizaram-se as primeiras tentativas, interessantes apenas como tentativas, declarou-se o sistema concluído e começou-se a insistir com ele como se fosse um Pai-nosso. Claro, o resultado foi que, com todo êxito, eliminou-se o conteúdo vivo e isso produziu uma situação paradoxal: este sistema provoca interesse no Ocidente e um sorriso irônico, cínico nos psicólogos soviéticos, em especial nos jovens (Radzijovski, 1988 apud Shuare, 2016 [1990], p. 232).

Avalio como tendenciosa a crítica de Radijovski sobre o que denominou como tentativa de uma sistematização marxista da psicologia. Referindo-se a Vigotski, sua teoria não se limita, por exemplo, ao conceito de interiorização, tampouco se reduz a uma transposição mecânica de um termo sociológico para a psicologia. Esse fato se conserva em seu escrito sobre a crise da psicologia, já apresentado no começo desta tese. Vigotski (1999 [1926-1937]), expôs a fragilidade das teorias vigentes no começo do século XX, e, ao mesmo tempo, a ausência de discussões epistemológicas e metodológicas que permitissem desenvolver uma teoria de base marxista na ciência psicológica. Igualmente, fez Rubinstein (1983 [1934]), ao descrever que uma ciência que pretendesse ser marxista deveria se valer de categorias que dialogassem diretamente com o desenvolvimento do psiquismo, rompendo assim com o ecletismo presente até o começo da década de 1930.

Ao mesmo tempo, a fala de Radijovski aparece descolada de um contexto histórico. No Brasil, por exemplo, a psicologia não teve a possibilidade de se desenvolver enquanto uma ciência de base marxista até meados de 1980. Mesmo com expressões pontuais nas décadas anteriores, não se deve esquecer que o país passou por diversas intervenções militares ao longo do século XX, em que

[107] Creio que podemos apresentar Radzikhovski como um representante direto de uma quarta geração de psicólogos soviéticos. Ao mesmo tempo, vale escrever que após a dissolução da União Soviética, Radzikhovski se envolveu com política, estando filiado a um partido liberal de direita, sob o nome de União das Forças de Direita.

comunistas e marxistas eram caçados, restringidos, exilados, torturados e assassinados. Não obstante, devemos concordar com Paulo Netto (2011): “[...] milhares de homens e mulheres, cientistas sociais ou não, foram perseguidos, presos, torturados, desterrados e até mesmo assassinados por serem marxistas”. (p. 10). Assim, no Brasil, e na América Latina como um todo, a psicologia não teve condições de se desenvolver como ciência marxista, precisamente, pelos militantes políticos estarem envolvidos em outras lutas, ou tarefas ideológicas.

A *perestroika* avançou nas discussões presentes da psicologia soviética. Deixou de ser apenas um conceito, tornando-se tarefa presente para os principais teóricos daquele momento. Vladimir Petrovitch Zinthenko (1931-2014) escreveu, em 1987, um artigo sob o título de: *Psicologia – Perestroíka*, ou, *Psicologia – Reestruturação* (Zinchenko, 1987).

O artigo de Zinchenko, embora breve, apresentou a abertura de um debate sobre o futuro profissional da psicologia na União Soviética. Segundo o autor, a esfera esteve ausente no país até então. Embora Zinchenko acredite nos desafios que a psicologia estava vivenciando em seu período – meados de 1980 -, o autor também destacava a fragmentação dessa ciência, seguindo, cada vez mais, a uma tendência de um mundo denominado como globalizado. A psicologia se dividia em diferentes áreas, tal como ocorreu no ocidente. Nas palavras de Zinchenko, encontramos:

> Assim, a psicologia perdeu sua antiga integridade. (O fato de que o último livro básico universitário, *Fundamentos da psicologia geral*, de Rubinshtein, foi publicado em 1946 é uma confirmação puramente externa da predominância das áreas aplicadas sobre a psicologia geral. Desde então, foi publicado dez [!] vezes na RDA.) Em outras palavras, a alma se tornou pequena, e em algumas áreas da psicologia ela até desapareceu completamente (assim como a matéria desapareceu em outro período). O objeto de estudo dessa ciência está, pelo menos, fragmentado, sendo puxado em direções completamente diferentes (lembro que Leont'ev disse uma vez que a psicologia deve crescer não como um arbusto, mas como um tronco de árvore). As "costuras" entre cognição, emoção e vontade provaram ser bastante artificiais. A antiga unidade foi perdida, mas o novo aparece com uma luz muito tênue (Zinchenko, 1987, p. 12 – Grifos no original).

Já mencionei sobre a importância do livro de Rubinstein, páginas acima. No entanto, vale, talvez, o destaque acerca do que escreveu Zinchenko sobre a importância de uma teoria geral. Partindo de uma análise teórica da obra de Rubinstein, é possível afirmar que o princípio de seu livro é, na verdade, um pressuposto do próprio final. Fim que, por sua vez, representa um começo, ou ainda,

um fundamento. Essa é uma discussão feita por Benoit (1996) sobre *O Capital*, de Marx. Segundo o autor, Marx "[...] avançará dialeticamente para o fim, para o fim que, na verdade é fundamento (*Ground*), é princípio" (s/p – *Grifos no original*). Em outra passagem, Benoit afirmou que "o começo pressupõe assim o fim, fim que, na verdade, é princípio, *arché*, fundamento originário". (s/p – *Girfos no original*). Em Rubinstein (2002 [1945]), encontramos o problema da pessoa completa, ou seja, sua relação com as unidades que produzem sua consciência: *perejivanie* e saber. Ao mesmo tempo, destacam-se as relações entre o desenvolvimento dos processos psicológicos, culminando em seu próprio fundamento: a personalidade, pois sem personalidade não existe vida psíquica. O desenvolvimento de uma teoria geral, pauta não apenas de Rubinstein, como, também, de Vigotski (1999 [1926-1927]), caminhava para o fim, assim como a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Todavia, o artigo de Zinchenko (1987) não avaliou apenas as transformações teóricas de uma psicologia de base marxista que avançava para seu fim. Zinchenko, escreveu que grande parte das conquistas acerca do desenvolvimento da ciência psicológica, na União Soviética, se deu entre às décadas de 1930 e 1960. Em suas palavras

> Hoje, ao refletir sobre essas conquistas, devemos dizer que, nas décadas de 1930 a 1960, a psicologia continuava sendo psicologia. Suas características essenciais eram a humanidade, o otimismo e a orientação para as possibilidades inesgotáveis de desenvolvimento da atividade humana, das capacidades humanas, da consciência e da personalidade, e uma orientação para as características dignas do homem, não para suas falhas (p. 14).

Ao longo desta primeira parte da tese, é possível destacar que, de fato, uma epistemologia que evidenciasse o ser humano apareceu de modo intenso na primeira metade do século XX. Textos, artigos e livros que colocavam a importância do desenvolvimento de um novo ser humano eram escritos por renomados psicólogos, por exemplo, Vigotski com *A transformação socialista do homem*, em 1930, ou Rubinstein e seu artigo sobre: *Os princípios da autoatividade criativa*, de 1922. Neste sentido, é possível afirmar que, no caminhar das décadas, a ênfase dada ao ser humano concreto foi desaparecendo, ou ainda, sendo substituída pelo desenvolvimento abstrato das subáreas da psicologia. Um exemplo, pode ser dado nas defesas sobre a utilização de Rogers no desenvolvimento teórico da psicologia soviética da década de 1980. Ideias que haviam sido superadas já no decênio de 1920 e 1930, com os textos de Vigotski e Rubinstein, citados acima. Materiais que

não apenas evidenciavam trabalhos clínicos individuais, mas coletivos e, acima de tudo, que operavam a partir da perspectiva do humanismo, no entanto, marxista.

Ao mesmo tempo, o artigo de Zinchenko (1987) demonstrou que, além da psicologia soviética ter perdido sua essência humana na segunda metade do século XX, tornou-se demasiadamente abstrata como uma profissão que atendesse aos interesses de uma sociedade que caminhava para seu fim, ou ainda, que estivava ligada aos interesses do capital. Toda a magnitude teórica desenvolvida por Rubinstein, Vigotski, Luria, Leontiev, Zeigarnik, entre outros, não se manteve na prática social. Na perda dessa essência, Zinchenko escreveu:

> Embora sejam psicólogos apenas nominalmente, estão lidando com questões que afetam os destinos de muitas pessoas. Todas essas coisas deformaram profundamente a ciência da psicologia e levaram a uma situação em que, nos últimos anos, esquemas conceituais de natureza reducionista se tornaram muito difundidos: esses conceitos ou negam totalmente a realidade psicológica ou a reduzem a uma realidade fisiológica, física ou informacional (Zinchenko, 1987, p. 17).

Zinchenko realizou uma crítica aos novos modelos de psicologia que se desenvolviam desde a segunda metade do século XX. Abordagens que se limitavam a uma prática pela prática, assim como a esquemas que deveriam servir de modelos para toda e qualquer situação, ignorando contextos históricos, econômicos, políticos e sociais. Entretanto, Zinchenko escreveu seu artigo em meio a desintegração da União Soviética e intensificação de um modelo neoliberal. No entanto, mais de 30 anos após a escrita desse texto, a extração da mais valia se intensificou ainda mais, tal como, o aparecimento de novas ênfases na psicologia que ressaltasse a necessidade de um trabalho, por exemplo, psicoterápico, que refletisse a agilidade dessa sociedade. Se Zinchenko afirmava que, em 1980, a psicologia perdeu sua essência humana, é possível afirmar que, em 2020, a ciência psicológica se encontrava mais mercadológica do que nunca. Até conhecimentos produzidos durante a construção socialista da União Soviética são comercializados em meio a um mundo globalizado, tecnológico e cada vez mais conectado. Se em 1980 a essência humana vinha se perdendo, em 2020, ela foi substituída por relações de troca, transvestidas de humanismo. As mídias sociais estão repletas de exemplificações. São vários os profissionais que prometem a cura para todo – ou qualquer – problema psíquico. Adiante, Zinchenko expressou:

> A psicologia está retornando às tradições do antigo funcionalismo, aos antigos enfoques adaptativos-homeostáticos, que foram desacreditados até mesmo na biologia e na fisiologia, campos onde surgiram inicialmente. A própria personalidade é considerada, em muitas pesquisas psicológicas,

> principalmente sob a ótica de sua capacidade de se adaptar às condições sociais circundantes (Zinchenko, 1987, p. 17-18).

Zinchenko parece escrever uma visão daquilo que se tornaria a psicologia no século XX. Uma ciência adaptacionista, precisamente, que visa harmonizar um sujeito – não mais da atividade – assujeitado no mundo, com uma sociedade que o explora a cada dia mais. Tal como na música *É Fim de Mês*, de Raul Seixas, os profissionais que lidam com a saúde mental contribuem para a adaptação do sujeito e de seu sofrimento psíquico com o meio social. Na música, Raul canta: "Eu consultei e acreditei no velho papo do tal psiquiatra/ Que te ensina como é que você vive alegremente/ Acomodado e conformado de pagar tudo calado/ Ser bancário ou empregado sem jamais se aborrecer/ Ele só quer, só pensa em adaptar/ Na profissão seu dever é adaptar/ Ele só quer, só pensa em adaptar/ Na profissão seu dever é adaptar". Uma canção acertada com a regulamentação da psicologia enquanto profissão no Brasil, visto que na lei nº 4.119, de 27 de agosto de 1962, capítulo III, consta o que constitui como função privativa do psicólogo: solução de problemas de ajustamento, ou seja, relativo à convivência social na sociedade.

Essa digressão serviu para apresentar a relação que a psicologia soviética, começava a estabelecer com a ciência burguesa. Alguns aspectos começavam a ser revistos, como aparece ao longo do artigo de Zinchenko. A *perestroika*, enquanto movimento, não atingiu apenas a economia e a política da extinta União Soviética. A ciência foi rapidamente afetada por essa nova onda ideológica, e a psicologia não se absteve dessa determinação, ao ponto de, em 1991, em um artigo publicado por Radzikhovskii, encontrarmos uma crítica direta apontando uma insuficiência metodológica da denominada psicologia marxista (Radzikhovskii, 1991). Ironicamente, o autor se vale do texto de Vigotski, acerca da crise na psicologia, para poder apresentar sua perspectiva.

De imediato, nota-se o desconhecimento acerca de um debate ideológico – ou, quiçá, epistemológico – presente no artigo de Radzikhovskii (1991). O autor no segundo parágrafo de seu texto escreveu: "Uma poderosa influência sobre os cientistas soviéticos, inexistente no Ocidente, foi a necessidade de criar não apenas uma teoria psicológica, mas uma 'psicologia marxista'" (p. 73 – Grifos no original). A psicologia no capitalismo, não foi apenas influenciada por ideólogos do capital, como também foi criada para a adaptação do sofrimento psíquico nessa sociedade. Não preciso voltar aos primórdios da ciência psicológica para demonstrar esse fato. Em

Lane (2004 [1984]), encontramos a discussão sobre a crise da psicologia social, evidenciada principalmente no decênio de 1960. A psicologia estadunidense, por exemplo, buscava a adaptação dos sujeitos naquela sociedade pós-guerra. Por outro lado, também nos Estados Unidos, Skinner (1960) trabalhava no programa de treinamento de pássaros para teleguiar mísseis durante a guerra. Por fim, a obra de Freud foi toda calcada e erigida para uma determinada classe, diga-se de passagem, que não era a trabalhadora (Giannoni, 2018). Ao mesmo tempo, sua obra, posteriormente, foi utilizada por seu sobrinho Edward Louis Bernays (1891-1995) em seu trabalho publicitário. Esse fato é demonstrado no documentário *O Século do Ego*[108]*.* Neste sentido, uma influência epistemológica, ou, neste caso, ideológica não foi exclusiva da psicologia desenvolvida na União Soviética. Afinal, nenhuma ciência é neutra. Posteriormente, Radzikhovskii continua sua crítica ao desenvolvimento de uma psicologia de base marxista. O autor escreveu:

> Além disso, embora nos anos 1920 o marxismo já tivesse se tornado um receptáculo para muitos elementos sem valor, capazes de matar qualquer interesse nele como teoria filosófica, esses processos foram percebidos de maneira subjetivamente diferente, com certo romantismo e um tom messiânico. Grande parte da intelectualidade, especialmente os jovens nascidos no final do século XIX ou início do século XX, ou acreditavam, ou tentavam convencer-se de que acreditavam, em uma "única teoria científica do proletariado vitorioso." Os companheiros de viagem dos anos 1920, na maioria dos casos, não eram arrastados por uma coleira, mas se apressavam por conta própria. (1991, p. 74 – Grifos no original)

A fala de Radzikhovskii se apresenta como um grande anacronismo. Afirmo isso baseado em Luria (1992 [1979]), que salientou diversas vezes as dificuldades de se compreender o período Tsarista. precisamente pela falta de condições materiais para garantir a existência e a subsistência da população russa. O marxismo não foi apenas uma base epistemológica e ontológica para a psicologia soviética. Foi a visão de mundo que botou abaixo toda uma estrutura social, buscando o desenvolvimento de uma nova sociedade, que atendesse aos interesses dos trabalhadores, expropriando, sem embargo, os expropriadores. Não obstante, Luria ainda relatou que, após a Revolução de Outubro de 1917, todas as portas das universidades haviam sido abertas para camponeses e trabalhadores. Algo que o capitalismo do começo do século XX não havia feito.

Entretanto, apesar das críticas ao marxismo e a uma psicologia de base marxista, Radzikhovskii (1991, p. 74) apresentou Vigotski como um teórico de "fé

---

[108] O documentário pode ser encontrado em sua totalidade no link: https://www.youtube.com/watch?v=sYlzJO2jd9k&t=178s

intelectual” no marxismo. Atribuindo a ele a responsabilidade de se pensar num método para essa psicologia, na época chamada de marxista. Esse é um fato importante para essa tese, pois, devo lembrar que Radzikhovskii, posteriormente, esteve ligado ao partido liberal, porém, não deixou de admitir que Vigotski possuía uma visão de mundo que orientava o desenvolvimento de sua teoria psicológica, ou seja, o marxismo.

Algo que devo salientar, é que Radzikhovskii (1991) não deixou de reconhecer os avanços proporcionados pelos psicólogos soviéticos na ciência psicológica. Apresentou exemplos em que aparecem, indiretamente, teóricos como Zeigarnik, Luria, Rubinstein, Leontiev etc. No entanto, afirmou que a maioria das descobertas relevantes da psicologia soviética foram feitas antes de 1940. Talvez, em termos epistemológicos e metodológicos, Radzikhovskii tenha razão. Afinal, a década de 1930, e o começo de 1940, apresentou diversos avanços metodológicos para a ciência psicológica. Publicações já apresentadas neste trabalho como, por exemplo, Rubinstein (1983 [1934]), Vigotski e Luria (1996 [1930]) entre outras, de fato, apresentaram contribuições significativas, tratando de temáticas metodológicas como o problema do desenvolvimento do psiquismo, atividade e consciência etc. Entretanto, não podemos desdenhar trabalhos que vieram após a década de 1950, por exemplo, Rubinstein (1968 [1957]), Shorokhova (1961), Leontiev (2021 [1974]), entre outros. Como menção honrosa, citaria, ainda, o trabalho de Aleksandr Ivanovitch Meshcheriakov (1923-1974): *Despertar para a vida* (Meschcheryakov, 1979).

O autor, ao mesmo tempo, relatou que a crise metodológica da psicologia no ocidente não foi superada, mas ignorada. No entanto, esse era um fato que, segundo Radzikhovskii (1991), não diminuiria os feitos práticos da ciência psicológica. Precisamente, trabalhos que superariam, em sua opinião, os da própria psicologia soviética. Em suas palavras:

> Uma psicologia desumanizada, por vezes ingenuamente cientificista, por vezes ideológico-mitológica, em termos reais capaz apenas de descrever os processos cognitivos de um “homem mecânico”. Certamente, em contraste com a psicologia cognitiva no Ocidente, ela primeiro declarou que era a totalidade da ciência da psicologia e, segundo, impôs a ela normas metodológicas de “materialidade” e “socialidade”. Em resumo, o que tínhamos era uma combinação muito peculiar de investigação empírica das aptidões cognitivas do homem, que se encaixava totalmente no mainstream da psicologia experimental do século XIX, com discussões gerais sobre o realismo socialista e a personalidade coletivista do homem soviético exemplar e, finalmente, construtos filosófico-metodológicos constituindo o

> núcleo da psicologia marxista, que agora analisaremos. (p. 88-89 – Grifos o original).

Novamente, Radzikhovskii (1991) se equivocou ao acreditar que no ocidente, ou melhor, na psicologia ocidental, não havia conteúdos ideológicos. Tais conteúdos se manifestam até os dias de hoje em trabalhos de psicólogos em todo o mundo. A tese de Souza (2021) sobre a psicologia no período ditatorial militar apresentou uma série de exemplos acerca da participação de autoridades psicológicas no regime militar. Ao mesmo tempo, o livro de Coimbra (1995) apresentou documentos de pesquisas feitas por teóricos da psicologia que buscavam traçar o perfil psicológico do terrorista brasileiro, ou seja, de estudantes e militantes políticos que discordavam do regime atual. Portanto, aqui reafirmamos a máxima de que não existe neutralidade científica. Toda e qualquer ciência, é ideológica. A diferença entre a psicologia soviética e a ocidental, deu-se em termos classistas. Enquanto a primeira, em certa medida, atuou no desenvolvimento de uma ciência que buscasse a transformação da classe trabalhadora, a segunda apresentou meios de adaptar o sofrimento psíquico, dessas mesmas pessoas, no bojo do capitalismo.

Entretanto, para Radzikhovskii (1991), existiram duas tentativas verdadeiras de se erigir uma psicologia de base marxista. Para ele, a primeira foi, evidentemente, a de Vigotski. Para o autor, Vigotski adaptou a categoria de relações sociais, presente em Marx (2007 [1845]), por exemplo, na ideia de interiorização das funções mentais. Assim, os processos que aparecem inicialmente numa relação social se revertem para o subjetivo, tornando-se, portanto, função mental superior.

Dando continuidade, a segunda vertente marxista existente na psicologia, para Radzikhovskii (1991), constitui-se como a teoria da atividade, tanto nas obras de Rubinstein, quanto de Leontiev. Todavia, o autor, crítico da psicologia soviética, apenas apresentou a concepção de Leontiev, destacando seu caráter metodológico. Porém, ignorando o desenvolvimento filosófico e epistemológico produzido por S. L. Rubinstein. Radzikhovskii afirmou que apesar dos avanços da teoria da atividade na psicologia soviética, ela apenas reproduziu os conteúdos ideológicos presentes no Estado, não dando conta de extrapolar os limites da filosofia ou da metodologia nela proposta.

Por fim, de modo anacrônico, simplista e demasiadamente ideológico – evidentemente para a psicologia da pequena burguesia -, Radzikhovskii (1991) atribuiu causa, motivação e continuidade da crise na psicologia ao conteúdo

ideológico e repressivo da psicologia soviética. Para Radzikhovskii, constitui-se como impossível a criação de uma teoria única e geral na ciência psicológica. Assim, afirmou que até mesmo as teorias psicológicas ausentes de uma epistemologia ou sistema filosófico complexo, e baseadas no senso-comum, possuíam mais resultados práticos do que a psicologia soviética. Em suas próprias palavras, encontramos a seguinte defesa:

> Mas na psicologia existem inúmeras teorias de nível médio que não são redutíveis a uma única. Elas não são rigorosas e frequentemente se baseiam no senso comum ou, muitas vezes, em suposições arbitrárias e especulativas. No entanto, elas nos permitem explicar muitos fatos de maneira significativa e estabelecer parâmetros para investigação; com base nelas, certas previsões podem ser feitas, e elas têm um efeito prático. Essas teorias também são o núcleo da psicologia moderna: é apenas no contexto de tais esquemas teóricos que dados brutos se tornam fatos, e uma mera palavra se transforma em um conceito (p. 23).

Afirmar que a psicologia soviética não teve efeito prático no desenvolvimento de sua teoria, significa ignorar toda sua história. Ou ainda, de modo ideológico, pois a ciência é um conjunto de ideias produzidos pelas classes dominantes (Rubinstein, 1963[1959]); Marx; Engels, 2007 [1845-1846), significa apresentar como o socialismo fracassou em sua missão de libertar os trabalhadores de seus grilhões. A fala de Radzikhovskii ignora o fato de a Revolução ter aberto a porta das universidades para todas as pessoas (Luria, 1992 [1979); despreza o desenvolvimento metodológico de análises que permitiram a compreensão do desenvolvimento psicológico de crianças e adultos (Vigotski; Luria, 1996 [1930]); desconsidera a produção epistemológica feita na década de 1930, destacando a importância da filosofia para a psicologia, ao mesmo tempo, demonstrando a necessidade de um sistema filosófico que atendesse a necessidade de trabalhadores e camponeses (Rubinstein, 1983 [1934]); desdenha os trabalhos feitos na Segunda-Guerra mundial, precisamente os da Neuropsicologia de Luria, da recuperação de movimentos de Leontiev e Zaparózhets e da patopsicologia de Bluma Zeigarnik (Luria, 1992 [1979]; Rubinstein, 1944); pretere livros, pesquisas e artigos de extrema densidade filosófica, teórica e metodológica, publicados na década de 1950, diga-se de passagem, em meio a censura imposta pela Conferência Pavlov (Rubinstein, 1968 [1957]; Vega, 1993); menospreza os trabalhos da retomada crítica da ciência psicológica soviética, das críticas feitas pela censura da própria Conferência Pavlov, destacando que a fisiologia deveria fazer parte do estudo do sujeito, todavia, não orientar sua base teórica e metodológica de

investigação (Shorokhova, 1961); e pospõe os trabalhos produzidos pela defectologia, área em que a psicologia de modo pioneiro, permitiu elaborar trabalhos com crianças cegas, surdas e com as mais variadas deficiências, algo que o capitalismo está, em certa medida, se atentando agora, ou seja, no século XXI, e, não devemos esquecer a escola de Zagorski, tampouco, a experiência dos três cegos-surdos na Universidade de Moscou (Meshcheryakov, 1979; Leontiev et al, 1976); e, por fim, descarta, ainda, os trabalhos produzidos na década de 1980 sobre a psicologia dos grupos e das coletividades, dos impactos do coletivo na formação do psiquismo e da personalidade (Petrovski, 1984).

Portanto, concluo a apresentação do artigo de Radzikhovskii (1991), afirmando que o autor tratou todo o conhecimento produzido durante quase um século de maneira anacrônica e totalmente ideológica, diga-se de passagem, algo que ele próprio criticou ao longo de seu texto. No fim, o autor ainda afirmou que o Significado Histórico da Crise de Psicologia seria fruto do próprio tratamento dado pela psicologia soviética, ou seja, a crise não existiria em outros países, precisamente, pela possibilidade de todas as teorias conviverem de modo harmônico, em vários momentos, se completando quando necessário. Esse fato, segundo Radzikhovskii, aconteceria pela complexidade do objeto de estudos da própria psicologia. Portanto, o autor defendeu em seu texto uma visão eclética da psicologia.

Esse foi o trágico fim da psicologia soviética. Vale recordar a anedota de Marx (2008 [1859]), em que os modos de produção criam as condições para o desenvolvimento político, social e, neste caso, intelectual. Abrir as portas da nação para o capitalismo foi algo que trouxe consigo ilusões, falácias e quimeras, precisamente nas afirmações absurdas apresentadas por Radzikhovskii (1991), de que a psicologia ocidental, muitas vezes baseada no senso comum, avançou muito mais o saber psicológico do que a própria ciência soviética. No final, restou a história e a esperança de uma teoria e de um tempo que não poderá retornar nunca mais. Não sob as condições imperfeitas nas quais, forçosamente, nasceu após a Revolução de Outubro de 1917.

Aqui, também encerro esta longa e, ao mesmo tempo, imperfeita análise acerca da história do marxismo na psicologia soviética. Sob as condições que vivemos nos tempos atuais, a intensificação da exploração da força de trabalho, o aumento da extração da mais valia, o crescimento e reaparecimento das doutrinas

nazifascistas, afirmo: a psicologia soviética, teoria de base marxista, apresenta-se como uma valiosa ferramenta no desenvolvimento teórico-prático de uma ciência que não adapte sujeitos à realidade e ao sofrimento psíquico. A teoria soviética da psicologia, ou ainda, sua base marxista, deve ser transformada, tal como defendeu Rubinstein (1963 [1959]), atendendo aos interesses e necessidades deste contexto histórico e material que vivemos atualmente.

Assim, encerro esta análise, acreditando que muitas lacunas continuam abertas, no entanto, assim se dá a investigação do passado, pois, tal como acreditava Hobsbawn (2013), o passado é uma dimensão presente na consciência de todos os sujeitos. No entanto, a maneira como é analisado, explorado e sintetizado em palavras depende exclusivamente da visão de mundo que orienta o trabalho. A defesa aqui apresentada é de que a psicologia soviética nasceu e se desenvolveu como uma ciência de base marxista, contrariando toda a história dos saberes psicológicos desde o século XIX. Passo agora ao próximo passo deste trabalho, apresentando pequenos recortes da psicologia soviética no Brasil, desde a primeira metade do século XX. Assim, antes de dar esse próximo passo, gostaria de dar ênfase e afirmar que, neste capítulo, ficou evidente o fato de que aquilo que conhecemos como psicologia histórico-cultural/sócio-histórica se fundamenta no marxismo e “[...] nada podemos fazer por aquêles que se afligem por êsse motivo”. (Engels, 1979 [1882] p. 186).

3. INTRODUÇÃO DA TEORIA SOVIÉTICA DA PSICOLOGIA NO BRASIL: PEQUENOS ACHADOS PERDIDOS NA HISTÓRIA DA CIÊNCIA BRASILEIRA

A psicologia soviética marcou presença nos trabalhos científicos da psicologia brasileira, de modo intenso, a partir da segunda metade do século XX. Em específico, encontramos textos de Vigotski, Luria e Leontiev em trabalhos das áreas educacionais e sociais, já no final do decênio de 1970. Contudo, será que a psicologia soviética começou a se fazer presente somente neste período? É importante destacar e demonstrar que não. Desde a primeira metade do século XX, encontramos materiais – textos científicos e jornalísticos – que apresentavam trabalhos, descobertas ou pequenos artigos acerca da psicologia na União Soviética. Pretendo, ao longo deste capítulo, apresentar esboços de alguns achados perdidos na história.

Ao mesmo tempo, pretendo avançar cronologicamente, partindo dos primeiros materiais encontrados já na década de 1930 e culminando nos livros publicados pela editora Martins Fontes, traduzidos das edições estadunidenses organizadas por Michael Cole. Produzidos por uma equipe coordenada por Cole, tais materiais suprimiram diversos trechos que, segundo eles, não eram importantes para a compreensão de Vigotski no ocidente (Cole, 2007 [1984]).

Todavia, muitos escritos suprimidos neste trabalho indicavam um posicionamento epistemológico e metodológico de Vigotski, apresentando, em diversas passagens, as contribuições de Marx para a criação e objetivação de uma psicologia de base materialista, histórica e dialética. Cole (2007 [1984]) escreveu que muitos trechos foram propositalmente suprimidos para facilitar a compreensão do leitor. No entanto, deparamo-nos com um Vigotski que flerta constantemente com uma visão cognitivista, diferente, por exemplo, do teórico que escreveu sobre o *Significado Histórico da Crise na Psicologia*.

Assim, ao longo das próximas páginas, tentarei demonstrar de modo descritivo e explicativo, contudo ainda incompleto, parcela dessa história da psicologia soviética no Brasil, sem embargo, contemplando fatos e dados e, ao mesmo tempo, destacando as polêmicas envolvendo o chamado: fenômeno Vigotski, no ocidente, pós dissolução da União Soviética.

3.1 A Psicologia Soviética no Brasil na Primeira Metade do Século XX: A década de 1920

Poucos são os materiais que saltam os olhos nos jornais, periódicos ou revistas científicas durante o decênio de 1920. Numa breve investigação, encontramos algumas referências pontuais neste momento histórico a que nos referimos. Para realizar essa investigação utilizei o site da Hemeroteca Digital Brasileira, que concentra jornais publicados há vários séculos. Selecionei a opção para que o site buscasse palavras-chave entre os anos de 1920 e 1929. As palavras eram colocadas individualmente; quando não surgia nenhuma ocorrência, eram trocadas por outra selecionada. Devo afirmar que a escolha pelas palavras se deu pela importância teórica destes autores, já registradas no primeiro capítulo desta tese. Em ordem, as palavras pesquisadas foram: psicologia russa, psicologia soviética, Kornilov, Bekhterev, Chelpanov, Vigotski, Vygotski, Vigotsky, Vygotsky, Luria, Rubinstein.

No entanto, tais buscas me direcionaram para um único teórico soviético: Vladimir Mikhailovitch Bekhterev (1857-1927), importante fisiólogo e reflexólogo russo. Luria (1992 [1979]) relata o pouco contato que teve com Bekhterev, afirmando ter publicado alguns números de jornais com o autor. Luria, que havia acabado de assumir o cargo de assistente de laboratório em Kazan, viajou para Petrogrado no intuito de convidar pessoalmente Bekhterev para estar no conselho editorial do jornal que havia acabado de fundar: Problemas de psicofisiologia do trabalho. Bekhterev, que já era um respeitado teórico no período da Rússia Czarista, aceitou o convite, desde que fosse inserido no nome do jornal a palavra Reflexologia.

Bekhterev é, em muitos momentos, apresentado como um teórico mecanicista, precisamente por não ter tido sucesso no desenvolvimento de uma teoria objetiva de base marxista (Vega, 1993). Contudo, essa é uma análise demasiadamente simplista de seu trabalho[109]. Em diversos trabalhos sobre a história da psicologia soviética encontramos uma série de falas acerca da importância de Bekhterev, ao lado de Pavlov, no combate às tendências idealistas existentes naquele momento histórico. Foi Bekhterev, também, que fundou, segundo Luria

[109] Não pretendo entrar no mérito do desenvolvimento teórico da reflexologia bekhtereviana, porém, gostaria de evidenciar sua importância para o desenvolvimento histórico da psicologia soviética, para além do simples fisiólogo mecanicista.

(1992 [1979]), um dos primeiros laboratórios de psicologia na Rússia no fim de 1880. Shuare (2016 [1990]), Smirnov (1968), Lomov (1977), entre outros, sempre apresentam a importância desse teórico no combate às ideias reacionárias no começo do século XX. Entretanto, em uma das entrevistas realizadas por Shuare, encontramos uma passagem um tanto quanto curiosa sobre o respectivo autor. Na entrevista realizada com o professor Boris Federovitch Lomov (1927-1989), o autor disse que:

> Gostaria de referir-me, em particular, a Béjterev. É, na minha opinião, a figura mais importante em nosso país na área da Ciência do homem. Parafraseando a Pushkin, diria que Béjterev é a primeira universidade russa na área do conhecimento do homem. Béjterev distinguiu-se por ter interesses científicos extraordinariamente amplos. Entre nós colocou-se nele a etiqueta de ter-se ocupado da Reflexologia; porém está era apenas uma pequena parte de seus interesses científicos. Foi um anatomista, fisiologista, médico brilhante. Elaborou uma série de provas originais para o estudo da percepção, da atenção e da memória. Foi o primeiro a ocupar-se dos problemas da comunicação e sua influência sobre os processos cognoscitivos. Elaborou-se, sob sua direção, um programa original para estudar a personalidade. Era uma pessoa extraordinariamente criativa, tinha uma grande capacidade para pensar sistematicamente. Trabalhou em Psicologia Social; entre parênteses, um episódio interessante: em vinculação com o aniversário de Béjterev, acredito que por ocasião de seu aniversário 125 do seu nascimento, publicamos na *Revista de Psicología*, um artigo seu sobre Psicologia social e, no final do ano, pedíamos a nossos leitores que respondessem uma enquete na qual, entre outras perguntas, inquiríamos que o artigo entre os publicados lhes parecia mais importante. Muitos responderam que o artigo de Béjterev, ainda que tenha sido escrito 80 anos atrás. Foi um gigante do pensamento, criador de uma instituição muito interessante, o Instituto para o estudo do cérebro, onde estavam em contato especialistas de diferentes áreas do conhecimento: fisiologistas, psicólogos, pedagogos etc. (Shuare, 2016 [1990], p. 211 – Grifos no original).

Portanto, é a essa curiosa figura que me refiro neste primeiro tópico do capítulo três, precisamente por estar circulando no Brasil durante o período da década de 1920. Para ser mais específico, a referência sobre Bekhterev foi publicada em forma de coluna em um jornal no dia 24 de maio de 1928. A dita reportagem levava o nome de Ecos e Novas, sendo difundida no jornal *O Estado*, editado na cidade de Florianópolis-SC entre os anos de 1915 e 1978.

O pequeno texto de apenas 5 parágrafos retratava Bekhterev como especialista nas doenças do cérebro. O jornal relata que, um ano antes, o teórico russo havia assustado o mundo com a proposta de um panteão dos cérebros[110] (O Estado, 1928). O periódico levanta a ironia do cérebro de Bekhterev também ter sido

[110] O jornal refere-se a Fundação do Instituto de Pesquisa do Cérebro da Academia de Ciências Médicas da URSS, fundado por Bekhterev, em 1925.

o primeiro a ser doado para o instituto, precisamente pelo autor ter falecido em dezembro de 1927, vítima de envenenamento, após diagnosticar Stalin como “doente paranoico” (Vega, 1993, p. 16).

A reportagem ainda apresentou Bekhterev como o cientista que hipnotizava grupos em seu trabalho. Por esse motivo, seu cérebro seria estudado por uma comissão de pesquisadores em Leningrado, junto com possíveis estudiosos alemães. Por fim, no último parágrafo do jornal, encontra-se outra referência curiosa: “O cérebro de Nicolai Lenin está sendo estudado do mesmo modo em Moscou, onde existe um instituto especial para esse fim, dirigido por um techinico allemão, o professor Vogt, de Berlim [...]” (O Estado, 1928, s/p).

Por fim, vale reafirmar que essa foi a única referência encontrada nos anos de 1920 tratando-se de algum representante direto da psicologia soviética. A apresentação de Bekhterev, com um misto jocoso e sério ao mesmo tempo, caracteriza-se como um curioso achado, visto que, até os dias de hoje, o teórico soviético, que recebeu a etiqueta de reflexólogo, não é amplamente difundido ao estudarmos a história da psicologia sócio-histórica/histórico-cultural. Por sua vez, Bekhterev, retornaria numa próxima menção na década de 1930. Ao mesmo tempo, outros teóricos foram brevemente citados nos jornais e periódicos brasileiros deste próximo período.

3.2 A Presença de Vigotski na ciência Brasileira: Algumas referências soviéticas na década de 1930

Sobre o decênio de 1930, a busca feita no site Hemeroteca Digital Brasileira me conduziu a um número maior de teóricos soviéticos no Brasil. Entre os anos de 1930 e 1939, selecionei novas palavras-chave para auxiliar a pesquisa, novamente, partindo da importância destes teóricos na década de 1930 na história da psicologia soviética. As palavras selecionadas foram: Psicologia Russa, Psicologia Soviética, Vigotski, Vygotski, Vigotsky, Vygotsky, Luria, Leontiev, Kornilov, Bekhterev, Basov, Blonski, Blonsky, Uznadze, Usnadse, Usnadze, Rubinstein, Rubenstein, Rubinshtein, Zeigarnik e Zeygarnyk.

Para minha surpresa, cinco teóricos soviéticos apareceram nos jornais: Bekhterev, Blonski, Kornilov, Luria e Vigotski. Outro espanto veio com o autor mais citado nos jornais brasileiros: Blosnki. Novamente, um teórico pouco conhecido e

estudado nos trabalhos referentes à psicologia histórico-cultural/sócio-histórica no Brasil, a partir da década de 1980.

No entanto, o artigo que gostaria de apresentar para abrir o decênio de 1930 refere-se novamente a Bekhterev. O teórico soviético foi citado em uma coluna da revista *Movimento Brasileiro: Revista de crítica e informação*, editada na cidade do Rio de Janeiro-RJ, entre os anos de 1928 e 1930. O texto que brevemente apresentou Bekhterev levou o nome de: *A organização scientifica da Russia.*

O texto, que não é assinado por nenhum autor, reconheceu os avanços e realizações científicas da União Soviética. Entretanto, o jornal apresentou o desenvolvimento do conhecimento científico como dogmático, mediado pelo marxismo e que condenava, segundo consta na reportagem, a ciência pura, ou seja, o idealismo. A reportagem ainda apresentou uma outra ressalva sobre a ciência produzida no país: "[...] á restrição dos trabalhos theoricos, evidentemente desaconselhados, em favor das obras práticas [...]". (Movimento Brasileiro, 1930, p. 15). Essa é uma ideia que dispensa comentários, precisamente por já ter apresentado no começo desta tese a riqueza teórica desenvolvida pelos psicólogos soviéticos, por exemplo. Trabalhos como os de Rubinstein – *Problemas da psicologia nos trabalhos de Karl Marx* e *Fundamentos de Psicologia Geral* – demonstram o contrário (Rubinstein, 1983 [1934]; Rubinstein, 2002 [1945]). Até mesmo o texto de Kornilov (1930), analisado neste trabalho, demonstra o contrário. Tratando-se de Bekhterev, o jornal não referencia diretamente o autor, mas sim o instituto que levou seu nome após seu falecimento. Segundo o jornal:

> Por isso mesmo, a parte mais interessante da organização scientifica soviética é a technica. Academias de sciencia, institutos de observação e pesquiza, centros de investigação se multiplicam e a sua producção por varios titulos é notavel. Assim, dentre outros, o instituto de estudos do cerebro Bekhterev, de Leningrado; o instituto de Poulhovo e Nikolaw, o laboratorio de psychologia experimental, o instituto Lasgaft, o Instituto Anthropologico, o Instituto technico de Tomsk, o Instituto de Physica e Cristellografia da Universidade de Moscou e tantos outros, onde intenso esforço intellectual se desenvolve (Movimento Brasileiro, 1930, p. 15).

Vale destaque que o instituto de psicologia citado pela matéria refere-se justamente ao de Moscou, onde a *troika* trabalhava sob a coordenação de Kornilov. Sem embargo, com todas as restrições feitas pelo mundo ocidental sobre a produção da ciência pelos comunistas, alguns conhecimentos começaram a adentrar o cenário ocidental. É inegável, por exemplo, o reconhecimento que a

ciência ocidental tem pelo conhecimento produzido por fisiólogos russos e soviéticos; Séchenov, Pavlov e Bekhterev comprovam esse fato (Vega, 1993).

Bekhterev, além de ser citado como instituto, também reapareceu noutro trabalho, publicado em 1934, ao lado de Pavlov e Kornilov. Devo afirmar que outra surpresa se fez ao encontrar o trabalho sob o título de *Pavlov e a psychologia scientifica*, escrito por G. Tatulov[111] e publicado na Revista de Neurologia e Psychiatria de São Paulo.

O texto escrito em 1934 inicia com a apresentação do trabalho de Pavlov, de um modo bem curioso: “Raro o psychologo sovietico que não citasse um trecho do trabalho de Lenine, ‘o que são os amigos do povo’, no qual contrapõe-se ao psychologo mataphysico que raciocina sobre a alma [...]” (Tatulov, 1934, p. 272). De fato, nos dois primeiros capítulos desta tese, evidenciou-se a importância de Lenin para a teoria soviética da psicologia. Desde suas ideias práticas da serventia da ciência até sua concepção materialista da realidade e do psiquismo humano, conservando-se em sua noção sobre a reflexão psíquica do mundo (Rubinstein, 1983 [1934]).

Posteriormente, Tatulov (1934) relatou sobre a importância de Pavlov para a psicologia soviética, algo que, na década de 1920, constituía-se como um fato. Vale lembrar o livro *Psicologia Pedagógica*, de Vigotski, que se vale constantemente das afirmações e noções pavlovianas[112] (Vigotski, 2003 [1924]). Outro ponto curioso do artigo, reflete-se na seguinte passagem:

> Numa série de livros sobre psychologia, os adeptos exaltados de Pavlov, partindo de um ponto de vista muito afastado do objectivado pelo auctor, o empirico-physiologico, apressaram-se em annunciar as conclusões de Pavlov como psychologia marxista e logo tentaram tirar da sua theoria uma série de conclusões para a pedagogia, arte, etc. Quando criticavam o mehcanismo, Deborin e alguns outros, analysando a theoria dos reflexos condicionados, apontavam a “Gstal-theorie” de Koler, Koffok, Wertheimer como a mais próxima da psychologia marxista e manifestavam sympathia pelas suas caracteristicas (Tatulov, 1934, p. 273).

De fato, em um primeiro momento do desenvolvimento teórico da psicologia soviética, principalmente antes da elaboração sistemática de Rubinstein (1983

[111] Sobre o autor não encontrei nenhuma referência ou informação. Contudo consta uma nota de rodapé que o texto foi traduzido direto do Russo por J. Maciel e C. Baranovski. Entretanto, também não encontrei nenhuma referência sobre os tradutores.

[112] Não adentrarei nos acontecimentos posteriores que culminaram na conferência Pavlov, de 1950. Para essa década reservei uma série de reportagens sobre esse acontecimento, diga-se de passagem, publicado em um jornal brasileiro.

[1934]), a ciência psicológica soviética se valia de citações pontuais de Marx, Engels e Lenin para afirmar que uma teoria era marxista. Isso é evidente em Kornilov (1930) e em seu outro livro, de 1925, *Psicologia e Marxismo*. Neste material, já comentado páginas acima, encontra-se uma série de artigos ecléticos, que se utilizam de citações de clássicos do marxismo para a afirmação de uma ciência marxista. Mais adiante, encontramos a afirmação: “Lenin legou-nos a união com os materialistas-naturalistas. A nossa união, pois a theoria dos reflexos condicionados que é, sem duvida , materialista torna-se possivel e mesmo necessária” (Tatulov, 1934, p. 273). Já demonstrei na apresentação sobre a história da psicologia soviética, em 1950, que, embora Pavlov tenha calcado sua teoria numa noção materialista da ciência, ela não foi histórica, tampouco dialética. Isso é evidente em seu entendimento da pessoa-sistema (Pavlov, 1980 [1930]).

Tatulov ainda apresentou outros teóricos nessa exposição sobre a teoria de Pavlov. O autor escreveu:

> Bechterev escreveu algumas obras nesse sentido. E’ conhecido o livro de Ivanov “arte”, onde se trata arte sob o ponto de vista reflexologico. A. V. Lunatcharski, reflectindo na sua “Esthetica Positiva” sobre os pontos de visto do psysiologo-idealista Avenarius, também cahiu na unilateralidade. Pela reatologia de Kornilov, que reflectiu a doutrina de Paulov de forma orginal, o tratamento psysiologico do psyche penetrou também no estudo da literatura: G. Pospelov avaliava reatologicamente os heroes do “Ninho de nobres” da collecção “Conhecimentos da literatura”. (Tatulov, 1934, p. 274).

Apesar do autor não explorar detalhadamente a reflexologia bekhtereviana ou a reatologia de Kornilov, é notória a presença dessas referências já na década de 1930. Não obstante, ainda nos dias de hoje, Kornilov é uma figura misteriosa nos trabalhos relacionados à psicologia histórico-cultural/sócio-histórica no Brasil. Contudo, é um teórico que merece investigações mais profundas e detalhadas, principalmente por ter sido o primeiro psicólogo a defender publicamente que a psicologia deveria se orientar por meio do marxismo. É dele, também, o mérito de pensar no psiquismo como uma reflexão do mundo objetivo (Shuare, 2016 [1990]). Todavia, acredito que a maior contribuição deste autor para a psicologia nos dias de hoje repousa em suas discussões classistas, ou seja, pensando e propondo uma teoria psicológica que atendesse as necessidades da classe trabalhadora.

O curto texto de três páginas de longe contemplou a doutrina de Pavlov, a reflexologia de Bekhterev, ou ainda, a reatologia de Kornilov. Porém, vale o destaque da presença desses autores em discussões pontuais da ciência brasileira na década de 1930. Pavlov, Bekhterev e Kornilov reapareciam em uma matéria de

jornal ao lado de outro teórico pouco investigado nos trabalhos brasileiros. Refiro-me a Pavel Petrovitch Blonski. No jornal *Correio da Manhã*, editado no Rio de Janeiro-RJ, entre os anos, 1901 e 1974, foi publicado um pequeno texto no dia 18 de fevereiro de 1934, sob o título: *Classificação dos fenômenos psychologicos segundo Seversov*[113]. A reportagem foi publicada por Claudio Nogueira[114].

A matéria, que se inicia expondo o materialismo, apresentou que:

> O materialismo monístico, dia a dia, toma maior incremento na Russia Sovietica. Fóra da materia nada mais existe: tudo é materia, ensina-se por todos os recantos da Patria de Lenine. E os scientistas russos, numa só união de vistas, se esforçam para apagar das gerações novas a ideia de Deus, tentando assim lhes incutir a crença de que a nossa alma é mera função do systema nervoso... (Nogueira, 1934, p. 2)

De fato, a ciência psicológica que vinha se desenvolvendo na União Soviética já havia, em 1930, estabelecido uma consistente crítica sob as teorias idealistas que vigoravam na psicologia. O domínio do materialismo monista já era uma expressão aceita por praticamente toda comunidade científica da URSS. Isso ficou evidente nas apresentações de trabalhos como os de Kornilov (1930) e Rubinstein (1983[1934]). Nogueira, em outra passagem, salientou:

> Dentre os modernos scientistas russos, ao lado de Pavlov, Bekhterev, Kornilov, Blonski, Savadowski, ressalta a personalidade de Seversov, considerado actualmente como sendo um dos melhores eschematizadores dos fenômenos psychologicos: e, por isso mesmo, a sua opinião é acatada no meio intellectual soviético (Nogueira, 1934, p. 2).

Novamente, destaca-se em uma reportagem a importância de Bekhterev, Pavlov e Kornilov na ciência soviética. Outro importante teórico apresentado neste trecho foi Blonski. Uma grande contradição que evidencio neste momento é que, na década de 1930, Blonski vinha sendo constantemente criticado por seus trabalhos na pedologia (Smirnov, 1968). Tal como Vigotski, em 1936, parte de seus escritos seria proibido de circular devido às considerações reacionárias que os censuradores daquele período supunham existir.

De modo geral, Nogueira (1934) não apresentou uma crítica ou teceu elogios às teorias de Kornilov, Pavlov, Bekhterev e Blonski. O autor apenas se limitou a apresentar a concepção de Servertsov. Escreveu que o morfologista russo havia dividido a vida psíquica em três diferentes níveis: o reflexo, o instinto e a conduta.

---

[113] É uma provável referência ao livro *Evolução e psique*, escrito pelo morfologista Aleksei Nikolaevitch Severtsov (1866-1936).

[114] Não encontrei nenhum dado biográfico sobre o repórter.

Nogueira criticou a forma simplista e mecânica de Servertsov compreender o desenvolvimento psicológico. Contudo, encerrou sua reportagem generalizando esse entendimento para outros teóricos soviéticos. Escreveu:

> As suas idêas, bem como as dos seus compatriotas, visam mais uma finallidade pedagógica, do que outra coisa: destinam-se a combater as crenças religiosas, para que as inteligências novas se formem num ambiente de irreligião, considerado pelos soviets como sendo único capaz de servir de esteio á civillisação, ao prograsso. Esta é, pelo menos, a impressão que deixam as obras marxistas... (Nogueira, 1934, p. 2).

Marx e Engels (2012 [1947]) afirmavam que toda a história das sociedades constitui-se como a história da luta de classes. Essa é uma afirmação que reaparece no uso da ciência como instrumento ideológico, atuando na manutenção do Estado burguês. Rubinstein (1963 [1959]) afirmou que a ciência psicológica não está livre de conteúdos ideológicos. Pelo contrário, a psicologia, ao longo de todo século XX, se apresentou como conhecimento ideológico. A ciência soviética não se ausenta dessa determinação; contudo, pensamos numa ideologia condizente com os interesses da classe trabalhadora.

As análises acerca da ideologia fazem parte do próximo material encontrado na década de 1930. Escrito em 1933 por Leonardo Van Acker (1896-1986), filósofo Belga que se mudou para o Brasil ainda no decênio de 1920, o artigo encontrado foi publicado entre setembro e outubro de 1933 na revista *A Ordem*, editada desde 1921 até os dias atuais, levando o nome de *A licção da mordena pedagogia russa*.

Acker (1933) apresentou o que denominou de fontes da pedagogia russa. Em primeiro lugar, destacou o naturalismo pedagógico vindo da filosofia de Rousseau, afirmando tratar de um dos pilares educacionais da Rússia. A ideia consistiria no educador exercer o máximo de aspectos positivos na educação da criança, visto que o aluno é bom por natureza, sendo corrompido pela sociedade e ambiente que encontra-se inserido.

Acker (1933) afirmou que a outra fonte da pedagogia russa encontrava-se no cristianismo ortodoxo. Segundo o autor, esse aspecto da pedagogia russa opõe-se à educação rousseauniana, afirmando que não se deve deixar a criança livre em sua educação.

Tendo apresentado as duas principais bases, em sua opinião, da pedagogia russa, Acker (1933) destacou dois importantes nomes da educação russa:

Konstantin Dimitrievitch Ushinskii[115] (1823-1871) e Lev Nikolaievitch Tolstoi (1828-1910). De fato, dois teóricos que aparecem constantemente nas obras soviéticas, em especial, durante o período stalinista. Tolstoi aparecia como figura heróica da literatura do povo soviético. Ushinski, por sua vez, como o patrono da educação (Giannoni, 2018).

Todavia, o fato mais curioso foi Acker ter apresentado outras figuras teóricas dos primeiros anos do século XX vinculadas à psicologia, à filosofia e à educação russa. Em específico, Acker (1933) destacou os trabalhos de Aleksandr Fedorovitch Lazurski[116] (1874-1917), Aleksandr Petrovitch Necháev[117] (1870-1948), Georgi Ivanovitch Chelpanov[118] (1862-1936) e Bekhterev. Todavia, os destaques feitos por Acker apenas apontam a existência de tais teóricos, não apresentando ou debatendo suas ideias.

Posteriormente, Acker (1933) apresentou outro autor soviético da educação, responsável pelos primeiros trabalhos comunitários da pedagogia russa, ainda na primeira metade do anos de 1910: Stanislav Teofliovitch Shatskii (1878-1934). Em sua apresentação, Acker escreveu:

> Eis agora um homem que desde o começo do século (1905) se dedicou ás "communidades de trabalho de crianças" occupando-se principalmente com a educação moral e social. Suspeito á policia, que em 1908 fechou a "colônia de trabalho infantil", trabalhou SCHATZKY na elaboração theorica das suas ideias educativas. Só depois da revolução de 1917 voltou á vida activa intensa. Em 1924, entrou intimamente convicto, no seio do partido comunista (p. 730 – Grifos no original).

Vasculhando os materiais acerca da psicologia soviética, não havia me deparado ainda com os trabalhos de Shatskii, tampouco conhecia suas ideias e conteúdos práticos do trabalho junto com o partido comunista. Todavia, Acker (1933) apresentou sua concepção teórica como comunismo pedagógico:

---

[115] Ushinskii, ao lado de Tolstoi, são dois teóricos muito citados pelos psicólogos soviéticos nos primeiros anos após a Revolução de Outubro. Ushinskii, apareceu como base de vários materiais produzidos sobre o desenvolvimento humano, por exemplo, o livro de Liublinskaia (1979). A autora soviética, iniciou sua obra com uma citação do pedagogo: "Não aconselhamos aos pedagogos que proceda de um ou de outro modo, mas dizemos-lhes antes: estudem as leis dos fenómenos psíquicos que pretendem dirigir e procedam de acordo com estas leis e as circunstâncias a que pretendem aplicá-las" (Ushinski, s/d, s/p apud Liublinskaia, 1979, p. 7).

[116] Lazurski, foi diretor do instituto de psiconeurologia da Rússia. Como curiosidade, Básov, iniciou seus trabalhos e estudos neste instituto, coordenado por Lazurski.

[117] Filósofo idealista e contrarrevolucionário que defendia o subjetivismo na ciência psicológica.

[118] Fundador do Instituto de Psicologia de Moscou. Teve um trabalho idealista na psicologia, defendia a impossibilidade de uma ciência psicológica materialista e de base marxista. Foi substituído na direção do Instituto, em 1923, por Kornilov.

> “O pepel da escola é organizar o processo pedagogico adaptado ás necessidades actuaes da multidão operaria... E’ esse, sem duvida, o melhor systhema de educação e há de ser a mais poderosa arma nas mãos do proletariado para a fundação da sociedade communista". (Schatzky, s/d, s/p apud Acker, 1933, p. 730 – Grifos no original).

De fato, a compreensão de Shatskii vai ao encontro daquilo que vinha sendo produzido por outros teóricos, visando a criação do novo ser humano socialista (Giannoni, 2018). Acker, ao apresentar as ideias de Shatskii, trouxe diversas curiosidades sobre o teórico soviético. Salientou que foi ele o responsável por introduzir o futebol na Rússia, o que rendeu ao teórico meses na prisão. As autoridades julgavam que era “[...] o fim do jogo treinar os jovens no lançar bombas com mais acerto” (Acker, 1933, p. 730.).

Outro fato interessante apresentado por Acker encontra-se no seguinte parágrafo:

> Para reformar communisticamente a sociedade, urge aproximar a escola e a vida, até confundir ambas e destruir o caracter proprio da escola. Dahi a propaganda pela cultura geral “polytechnica” (KRUPSKAJA) e pela industrialização da escola (BLONSKY). SCHULGIN propoz a “Morte da escola” que está certamente na lógica da “escola-vida e não preparação para a vida” mas não foi aceita pelo partido comunista, razão pela qual foi abandonada por KRUPSKAJA e KRUPENINA (Acker, 1933, p. 732).

A crítica de Acker está direcionada a noção de *práxis* destacada ao longo de todo marxismo, desde as Teses sobre Feuerbach de 1845. O vínculo entre teoria e prática foi defendido amplamente por todos os teóricos marxistas da psicologia, já apresentados neste trabalho entre os capítulos 1 e 2. Precisamente, Vigotski, Rubinstein, Luria, Leontiev, entre outros, apresentaram essa noção em seus trabalhos, afirmando que a atividade psicológica somente se desenvolve da atividade prática, contudo, a última é guiada e orientada pela primeira, mantendo uma relação dialética. Assim, apesar de apresentar ideias, conceitos e práticas realizadas por alguns teóricos soviético, Acker (1933) defende que, embora os comunistas proponham ideias humanistas, o verdadeiro humanismo se encontra em Cristo e no catolicismo.

Prosseguindo em suas análises, Acker (1933) apresentou outras duas figuras importantes na educação russa, segundo ele, com posturas idealistas frente a pedagogia. São eles: Moisei Matveevitch Rubinstein (1878-1953) e Sergei Iocifovitch Hessen (1887-1950). Todavia, apesar de escrever sobre a existência destes

teóricos, Acker não debateu ou apresentou suas teorizações. Por fim, próximo de finalizar seu artigo, Acker escreveu:

> A reforma *Francisco Campos* é simples copia do liberalismo yankee. Muitas vozes já defendem o curso secundário de base commum para operarios manuais e intellectuaes, sob pretexto de eliminar privilégios de classe e proporcionar cultura para todos. Mas não será tudo isso, na verdade, apenas um começo de "polytechinização" e "industrialização" da escola secundaria, á moda dos Soviets? (Acker, 1933, p. 738).

Por fim, a defesa de Acker é mais do que evidente, ou seja, uma educação que esteja em concordância com os princípios religiosos e católicos. A apresentação dos trabalhos soviéticos serviu apenas como um alerta do cuidado que o Brasil deveria ter para não seguir os passos da educação soviética. O fantasma do comunismo não é algo dos dias de hoje.

Dando continuidade às análises, em 1935, Blonski reapareceu em um parágrafo da mesma revista. Escrito por Ottoni Junior[119], o artigo de título: *A base ethica da pedagogia socialista* não focou exclusivamente na experiência soviética. Todavia, apresentou uma citação direta de Blonski. Escreveu Junior:

> Além de tudo, educar já no trabalho. Porque o trabelho é "a base social da vida" (40), essência da vida humana" (41) para Dewey. Kerchensteiner abraça a phrase de Carlyle: "o homem só é homem pelo trabalho" (42). E' o Activismo americano. Uma febre de movimento, uma condemnaçção absoluta de todo o socego, de tudo o que chamam "passividade". A Escola será uma vida real, vida fabrica, vida de trincheira, vida do que fôr, mas sempre vida. Na Russia, grassou o mesmo activismo, como atesta a definição de Blonsky: "Educar é tornar a criança apta para produzir objectos uteis á Sociedade". (43). Nas escolas de Agronomia por exemplo, os alumnos aprendem trapados nos tractores e arados das Sovksas. Num activismo tão exagerado que 92% dos estudantes abandonam por fim os estudos para trabalhar nas fabricas (Junior, 1935, p. 306).

Posteriormente, Junior (1935) ainda escreveu que a metodologia dos soviéticos é a atividade, princípio que já vinha sendo estudado desde a década anterior – 1920 –, contudo, a partir de uma perspectiva ainda ausente da *práxis* marxista, tal como ficou evidente em Rubinstein (1983 [1934]). Todavia, é interessante destacar que Junior apresentou uma citação de Blonski, citado por Dévaud, provavelmente em francês.

Outro artigo do mesmo periódico foi escrito em 1936 por Alceu Amoroso Lima (1893-1983), vinculado ao movimento católico brasileiro do século passado. O texto, intitulado *Educação e communismo*, apresentou novamente ideias de Blonski, desta

[119] Não encontrei dados biográficos sobre o autor.

vez, citando-o direto de uma obra traduzida para o alemão. No começo do texto consta uma nota de rodapé que está descrita da seguinte forma: “conferencia pronunciada em maio deste anno, na série de conferencias sobre as directrizes da Educação Nacional, promovida pelo Sr. Ministro da Educação e Saude Publica, Dr. Gustavo Capanema” (Lima, 1936,p. 318). Entretanto, torna-se mais curioso ainda o começo do artigo escrito por Lima, evidenciando o medo do espectro do comunismo que rondava todo o mundo no princípio do século XX. Escreveu o autor:

> Foi, portanto, para o Brasil, a ultima e fugaz revolução de Novembro um desses acontecimentos providenciaes que prmitiram convencer muitos scepticos da imminencia de um perigo social que havia adoptado, com êxito, a táctica da dissimulação, para despistar os incautos. E com isso poude ser fixado, com segurança, ao menos um dos inimigos em acção: o Communismo. (Lima, 1936, p. 318).

O medo perante o comunismo esteve sempre presente na fantasia da classe média e pequena burguesia brasileira. A ideologia, ao mesmo tempo, se fazia presente no combate a essa tendência econômica-política que ganhava força na Europa na primeira metade do século XX, decorrente da Revolução de Outubro de 1917. A educação tinha de combater uma noção comunista ou princípios que estivessem ligados a essa visão de mundo. O texto de Lima vai ao encontro dessa necessidade. Portanto, até o presente momento, os soviéticos apareceram em pequenas reportagens ou trabalhos, numa tentativa de demonstrar como evitar a educação a partir de uma perspectiva comunista e marxista. Lima até mesmo afirmou que a educação de um país se desenvolve de acordo com a política ideológica do mesmo, destacando países que já não mais adotam uma pedagogia liberal em seus currículos.

Todavia, apresentando a educação comunista, Lima (1936) destacou o mérito de Lenin em compreender o caráter ideológico da educação. Apresentou que os soviéticos buscavam a criação de um novo ser humano, voltado aos interesses de uma sociedade socialista que rumava para o comunismo. Em meio à apresentação de discursos de Lenin e de pedagogos soviéticos, Lima apresentou uma citação de Blonski sobre a educação. Escreveu:

> E esse “culto da producção” se colloca tambem na base da concepção comunista da educação. “Educar”, dizia em 1920 um conhecido educador soviético P. Blonski – “é tornar a creança habilitada a produzir objectos uteis para a humanidade, explorando a natureza e as forças naturaes. O essencial dessa formação consiste em desenvolver nella, uma maestria technica tal que seja capaz de fabricar esses objectos com ferramentas

> apropriadas. O methodo de educação não pode ser outro senão o próprio trabalho, executado, segundo um plano de exercícios bem graduados. A formação está completa quando a mocidade tem em mão as armas que lhe asseguram o domínio da natureza, empregando-as a satisfazer as necessidades da humanidade". (Blonski, 1921, p. 9 apud Lima, 1936, p. 324-325 – Grifos no original).

O texto utilizado por Lima data de 1921. É necessário lembrar que o decênio de 1920 ficou marcado na história da psicologia, educação, filosofia etc. pela crítica às tendências idealistas e reacionárias, ou seja, a criação das condições para uma visão de mundo condizente com o marxismo. A noção de escola e até mesmo de educação ainda se desenvolveria ao longo de toda década de 1920. Nessa altura, em 1936, Blonski estava tendo trabalhos censurados pela resolução do partido, proibindo os trabalhos da pedologia, área em que se destacou ao longo do decênio, de 1930. Entretanto, algo que é necessário evidenciar e destacar é a relação da escola com o trabalho. A educação, para os soviéticos, caminhava em conjunto com o desenvolvimento social. Utilizando uma expressão de Mukhina (1995 [1975]), os seres humanos, ao longo de seu desenvolvimento, criam ferramentas e instrumentos para outros seres humanos. O conhecimento, para utilizar uma expressão de Rubinstein (1977 [1945]), não deve estar voltado para bibliômanos eruditos, deve estar em concordância com a objetivação de ferramentas e instrumentos que satisfarão as necessidades humanas, ou seja, criação de novos produtos humanos, para outros seres humanos.

Assim, Lima (1936) afirmou que a escola soviética se faz em dois princípios: da politécnica e da industrialização. Nada muito diferente da educação presente no capitalismo, precisamente em seu desenvolvimento, durante o século XXI. A escola da classe trabalhadora não é a mesma da pequena burguesia que realiza a manutenção ideológica deste estado (Bertoldo; Santos, 2012).

Ao sintetizar a educação Soviética, Lima (1936) escreveu:

> Esse é o espirito que domina, em materia religiosa, a pedagogia soviética. E' a proclamação do ódio e da perseguição, e a destruição do christianismo e de toda atitude religiosa como condição do progresso social. Nas escolas, todo um habilíssimo methodo de preparação anti-religiosa se desenvolveu, que um pedagogo sovietico, Hierl, expoz na Convenção de Leipzig, reforçada e oficializada, em 1930 por instrucções especiaes do Commissariado da Instrucção Publica e em cujos pormenores não tenho tempo de entrar aqui. Basta referir que, no outomno de 1930, foi inaugurada em Leningrad uma "Universidaded Anti-Religiosa para Creanças", não sei com que êxito. Dado, porém, o recrudescimento da luta anti-religiosa na Russia, no periodo dos planos quinquenaes, é de crer que tenha prosperado... (p. 327 – grifos no original).

Lima apresenta a criação de uma universidade antirreligiosa, criada pelos comunistas soviéticos em Leningrado. No entanto, vasculhando sites e indexadores russos, por exemplo, *yandex.ru*, não encontrei nenhuma referência acerca do que afirmou o autor. Assim, avalio tratar-se de uma das mentiras transmitidas pela ideologia burguesa acerca do desenvolvimento dos saberes soviéticos. É evidente que, por estar vinculado à educação cristã, Lima atribuiu a educação comunista a um processo vinculado à igreja. Escreveu:

> Se quisesse agora marcar a posição desse typo de escola entre os demais e a razão de ser do seu apparecimento, teria de fazer uma resenha de história da pedagogia a partir do Renascimento, mostrando como a escola comunista é a consequencia final e fatal da deschristianização da escola que se vem processando no mundo moderno. E essa deschristianização representa, igualmente, uma sucessiva multilação no conceito de Educação (Lima, 1936, p. 330).

A educação comunista, portanto, nesta perspectiva, representaria o contrário do cristianismo. Ao mesmo tempo, é evidente que a defesa feita por Lima é o retorno ao passado, precisamente tratando-se das bases educacionais, no intuito de evitar que a educação no Brasil torne-se comunista, ou ainda, siga minimamente tais preceitos e conceitos. Assim, apesar de apresentar um trabalho de Blonski e citar Lenin, Krupskaia e outros teóricos soviéticos, Lima não debate teoricamente com tais autores. Não apresentou detalhadamente suas ideias teóricas, ou ainda, transformações práticas da educação marxista.

Essa era a compreensão sobre a educação dos soviéticos que vigorava no Brasil durante a década de 1930, tal como o entendimento sobre o conhecimento psicológico produzido por esses teóricos. Por exemplo, Blonski sempre aparece descrito como o teórico da escola que prepara para o trabalho, tal como presente no jornal: *Diário de notícias,* editado no Rio de Janeiro entre os anos de 1931 até 1974. Tal matéria, publicada numa coluna por Ariosto Espinheira (1904-1961), educador brasileiro, sob o título de *A escola activa ou do trabalho*, foi mais simpática com a apresentação de uma metodologia ativa, utilizada não apenas por Blonski, mas por diversos teóricos que vinculavam o trabalho técnico a educação. Neste sentido, Espinheira (1931) relatou que as primeiras escolas preparatórias foram formadas na Inglaterra, berço da sociedade capitalista, precisamente, ainda durante o século XVII. Espinheira ainda afirmou que o idealizador dessa escola foi o pedagogo suíço Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827). Escreveu o autor: “Dahi nasce a corrente industrialista pregada por Blosnky. Essa corrente tem sido muito combatida, pelo seu

demasiado utilitarismo material" (p. 7). Espinheira, por sua vez, não criticou o caráter utilitarista e material dado pela educação industrializada, tal como denominou a teoria de Blosnki. Todavia, devo afirmar que essa era uma necessidade evidente de toda a União Soviética após a Revolução de Outubro. Isso se deu, precisamente, pelo que afirmou Luria (1992 [1979]), ou seja, a Rússia pré-revolucionária era um país com seus modos de produção semifeudais. Direitos garantidos aos trabalhadores em países capitalistas ainda não eram cumpridos pela Rússia Czarista. Assim, era evidente a necessidade de uma industrialização, portanto, o investimento em técnica foi feito após os primeiros anos após a Revolução. O sucesso desse investimento apareceu até mesmo no programa espacial, em 1960. Um país que, há menos de 50 anos atrás, era semifeudal, lançou ao espaço o primeiro satélite, o primeiro ser vivo e o primeiro ser humano, circunstâncias decorrentes dessa educação voltada às necessidades industriais e produção da vida material.

Os teóricos soviéticos, sem embargo, quando mencionados durante a década de 1930, apareciam em forma de crítica, ou seja, preceitos de como a educação brasileira deveria evitar a pedagogia bolchevique. Ou ainda, tal como apresentado por Espinheiro (1931), de uma forma neutra. Ao mesmo tempo, serviam de validação intelectualista, quando algum conferencista não mencionava o trabalho soviético, por exemplo, as críticas de Aguiar (1936), que acreditava que a conferência proferida pela professora Lireda Facó, no Ceará, não contemplava e se eximia desse problema, visto que ela não adentrava na educação soviética.

Neste sentido, é possível afirmar que os soviéticos aparecem ainda de forma limitada na década de 1930, embora tenham mais materiais do que em 1920. Um fato curioso é que o debate teórico, neste período, era feito por pessoas ligadas ao movimento religioso e católico, ou seja, pessoas que tinham condições de pesquisar, que eram instrumentalizadas, intelectualizadas e tinham acesso ao conhecimento em outras línguas, para além do português e inglês, visto que alguns materiais citados estavam em francês e alemão. Outro fato curioso é a ausência de intelectuais do partido comunista brasileiro neste debate. Entretanto, é válido lembrar que, em 1930, militantes comunistas estavam sendo perseguidos pelo Governo Vargas, assim, preocupados com outras questões políticas e práticas da vida, não com uma teoria marxista da psicologia. Deixo, então, a maior curiosidade dessa década para o fim.

Em 1935, na edição que contemplava a Primeira Conferência Inter-Americana de Hygiene Mental, encontra-se um agradecimento publicado nos Archivos Brasileiros de Hygiene Mental para os colegas estrangeiros sobre os materiais enviados para pesquisadores brasileiros. Neste material, um trabalho de Kurt Lewin chamou a atenção, precisamente por ter sido feito junto com teóricos soviéticos. Um dos capítulos que figuram nessa coleção tem o título de: *O teste de desenvolvimento aplicado a bebês a serviço do psicodiagnóstico,* de autoria de A. R. Luria e L. S. Vygotsky. Provavelmente, são as pesquisas feitas em parceria com os gestaltistas durante a década de 1930. No entanto, nenhuma outra informação acerca desse material figurou nas pesquisas posteriores. Luria e Vigotski, portanto, já circulavam no Brasil antes de 1980.

3.3. Basov e Leontiev na ciência Brasileira da década de 1940: Pequenos achados históricos

Se a década de 1930 nos apresentou os trabalhos de Vigotski e Luria, em 1940 destaco um único escrito encontrado de Básov. O autor apareceu como uma grande surpresa, precisamente por ser um teórico parcialmente conhecido na ciência psicológica brasileira. Vale afirmar que aquilo que se conhece sobre este autor encontra-se nos escritos de outros teóricos, ou seja, teóricos clássicos comentando trabalhos ou textos de Básov sobre a psicologia. No entanto, é sabido que foi um dos primeiros teóricos a desenvolver uma estrutura sobre a teoria da atividade. Não obstante, Rubinstein foi convidado por ele para integrar seu grupo em Leningrado, assumindo seus trabalhos após seu falecimento (Stepanov, 2001).

Em 22 de agosto de 1943, foi publicado na revista *Cultura Política* um artigo escrito por Peregrino Junior, no qual o autor fez menção a Básov. O texto, denominado *Seleção e preparação de material humano para a guerra*, discutia literalmente a preparação de soldados para o combate. Para além disso, Junior (1943) apresentava a importância do corpo saudável para o combate e afirmava que os grandes exércitos do mundo todo realizam investimentos em vitaminas para seus soldados. Ao mesmo tempo, Junior fala sobre os profissionais da educação física que preparam os soldados para guerra, dando ênfase e destaque para tal categoria, precisamente, por os estadunidenses. Junior realizou toda esta introdução para

apresentar as pesquisas realizadas pela faculdade de medicina de São Paulo, tal como suas principais contribuições nos estudos das vitaminas.

Contudo, o que nos interessa no material de Junior (1943) são os comentários acerca do que denominou: biopsicológica. Baseando-se nas pesquisas de professores franceses, em específico, de Laugier, Junior salientou que é necessário adotar uma tipologia da guerra, desenvolvendo material humano para diferentes situações dadas pelo contexto.

É necessário pontuar a presença de Basov no trabalho de um teórico francês, precisamente pelo fato das décadas anteriores também serem mediadas pelos autores deste país. Portanto, vale afirmar a importância da França para a divulgação dos teóricos soviéticos, mesmo que de maneira tímida em países da América Latina. Outro ponto que merece destaque é sobre a presente de Basov em um trabalho de tipologia biopsicológica. Em um primeiro momento, parece algo de se estranhar, no entanto, Básov acreditava que a psicologia seria um ramo das ciências biológicas e trabalhava com a ideia da adaptação ativa do sujeito no mundo. Apesar de ter desenvolvido os princípios de uma teoria da atividade, Básov não rompeu com a biologia (Giannoni, 2018). Assim, o trecho apresentado por Junior apenas citou um trabalho de Basov envolvendo a tipologia, tal como de outros teóricos da psicologia do século XX. Nas palavras do autor:

> [...] foi da indagação dessas correlações que nasceu a biotipologia, classificando os homens em longilíneos e brevelíneos, em leptossômicos e pícnicos, em ciclotímicos e esquizotímicos, introvertidos e extrovertidos... As tipologias de Pende e Viola de Krteschmer e Jung, de Lazwski e Basov, de Brugsch e Tandler nada mais significam do que a ânsia, inquieta e perpétua, em que vive o homem... para conhecer o homem (Junior, 1943, p. 250).

De modo geral, apesar de uma única menção sobre os soviéticos, vale lembrar que, para além da Segunda Guerra Mundial, o Brasil vivia sob a ditadura Vargas na primeira metade da década de 1940. Portanto, a década de 1950 reservou uma maior quantidade de trabalhos e citações dos soviéticos em jornais e periódicos, ao mesmo tempo que apresentou textos e comentários de outros autores que começariam a adentrar ao espaço das pesquisas brasileiras apenas na década de 1990.

3.4. A visita dos soviéticos no Brasil: 1950 e a pesquisa sobre a educação na América Latina

O decênio de 1950 reservou grandes surpresas para a psicologia soviética. No final desta década, o Brasil, tal como outros países da América Latina, recebeu uma delegação de professores e pesquisadores soviéticos que buscavam conhecer a educação no mundo ocidental. Vale antecipar que Boris Gerasimotitch Anániev (1907-1972) era um dos integrantes da delegação soviética presente no Brasil.

No entanto, não apenas a visita de Anániev surgiu como uma surpresa positiva no desenvolvimento da história da psicologia soviética no Brasil. Outro fato, no mínimo inusitado, deve ser destacado no começo dessa nova década: a publicação de um pequeno artigo sobre o livro de uma psicóloga cega-surda.

O texto publicado em 8 de julho de 1951 no jornal *Imprensa Popular* tinha como título: *Novo livro de uma escritora cega, surda e muda.* De maneira direta, o pequeno trecho fazia menção direta a uma psicóloga cega-surda: Olga Ivanovna Skorokhodova (1914-1982). O livro citado pelo jornal era *Como percebo o mundo ao meu redor*, material publicado em Russo, em 1947, com segunda edição de 1950 (Skorokhodova, 1972). O livro de Olga, para além de um material científico e autobiográfico, apresentou também uma série de poesias de autoria própria. De modo contraditório para a ciência ocidental, Skorokhodova comprovava que era possível o desenvolvimento de uma vertente científica diferente. Na poesia que abre a sessão de seu livro, escreveu:

> Pensam os outros
> Pensam os outros – Aqueles que ouvem sons,
> Aqueles, que veem o sol, as estrelas e a lua:
> Como ela sem a visão descreverá a beleza?
> Como compreenderá a primavera sem ouvir os sons?
> Eu ouvirei o cheiro e o frescor do orvalho,
> Leve sussurro das folhas pego com os dedos.
> Mergulhada no crepúsculo, Eu passarei pelo jardim,
> E pronta a sonhar, dizer: Eu amo.
> Deixe, Eu não verei o brilho de seu olho,
> Não ouvirei a voz, carinhosa e viva,
> Mas, a palavra sem som é a trepidação dos sentimentos,
> Eu capturo e ouço rápido com a mão.
> E com a mente, com o coração, com o amor, Eu estou pronta.
> Assim, como amam o cheiro da flor delicada.
> Assim, como amam a cara palavra da amizade.
> Assim, como ama o arrepio da mão apertada.
> Eu com a mente verei, com os sentimentos ouvirei,

> E no sonho livre do mundo, Eu vestirei...
> Cada um daqueles que veem, descreverá a beleza?
> Sorrirá para o claro raio brilhante?
> Não tenho audição, não tenho visão,
> Mas tenho mais sentimentos vivos no espaço:
> Flexível e obediente, apaixonada inspiração,
> Eu teço a vida colorida e padrão.
> Se seu som é belo e encanta.
> Não se orgulhem desta felicidade diante de mim!
> Melhor estender sua mão com gentileza e emoção.
> Para que Eu esteja junto de você, e não atrás de você (Skorokhodova, 1972, p. 415)

De fato, Olga jamais ficou atrás de ninguém em seu conhecimento. A publicação de um artigo fazendo referência a ela no mundo ocidental é parte dessa comprovação. A pesquisadora, ainda parcialmente conhecida no Brasil, foi divulgada pela primeira vez em 1951. O pequeno artigo que apenas apresenta brevemente a vida de Skorokhodova encerra-se fazendo menção aos especialistas da área, afirmando que seu livro apresenta-se como uma significativa contribuição para a ciência psicológica.

Ademais, outro teórico que vale apresentar nesta pesquisa nos periódicos e jornais da década de 1950 é Boris Mikhailovitch Teplov (1896-1965). Um ano antes da menção de Skorokhodova, existe um pequeno artigo no jornal *Correio Paulistano*, sob o título *Os problemas da educação na Rússia*. Nele, o autor, chamado E. C. Hartley[120], escreveu um pequeno texto para o jornal *Manchester Guardian*, traduzido posteriormente pelo correspondente paulistano.

Hartley (1950) apresentou brevemente as concepções educacionais do país soviético, destacando Pavlov como condutor do desenvolvimento da base educacional. Vale lembrar que o artigo foi escrito poucos meses após a Conferência Pavlov, que, diga-se de passagem, transformou o cenário das pesquisas educacionais, psicológicas, fisiológicas e médicas da União Soviética.

Hartley (1950) destacou em seu artigo uma teoria denominada bifurcacionismo. Segundo ele, uma abordagem baseada na segregação sexual na educação. O autor apresentou a crítica feita pelos soviéticos, precisamente, pela ideia constituir-se como uma dificuldade que as mulheres possuem em estudar “geografia, física, química, botânica, zoologia e matemática” (Hartley, 1950, s/p). O autor relatou que muitos soviéticos criticavam essa ideia, precisamente, um professor que desenvolvia trabalhos nesta área no país.

[120] Não encontrei nenhuma menção, dado biográfico ou informação acerca do autor.

Em seguida, Hartley apresentou as críticas feitas pelos cientistas soviéticos sobre a dificuldade em erigir uma teoria pavloviana na educação, precisamente, na psicologia educacional. Por sua vez, tratando-se de Teplov, Hartley destacou que: “O professor Teplov, co-autor de importante compendio de psicologia, falando no mesmo debate, referiu-se à tendência idealista ‘burguesa’ que ainda influencia a psicologia soviética”. (Hartley, 1950, s/p – Grifos no original).

Por fim, o autor finalizou sua contribuição apresentando outra autocrítica soviética: o abandono dos estudos politécnicos. Segundo Hartley (1950), existiria a necessidade de se desenvolver uma escola alinhada com os princípios do trabalho prático, sobretudo, posto pela teoria marxista já nas primeiras décadas do poder soviético.

Apesar de se constituir como um pequeno fragmento da história. É interessante destacar a importância do artigo de Hartley, precisamente, apresentando assuntos não trabalhados na ciência burguesa, por exemplo, as críticas à divisão sexual da educação. Outro fato curioso é a menção à teoria de Teplov, outro autor desconhecido, ou parcialmente conhecido na psicologia brasileira. De seus trabalhos, circulam no Brasil uma co-edição do livro *Psicologia*, manual escrito por diversos teóricos soviético e editado por Smirnov, Leontiev, Rubinshtein e Tieplov. Ao mesmo tempo, destaco outro material de Teplov, no entanto, não muito conhecido nas pesquisas brasileiras: *Psicologia das aptidões musicais*, edição francesa publicada em 1966. Teplov está presente nos anais da história da psicologia soviética e possui uma teoria consistente sobre a atividade psicológica individual, o desenvolvimento das habilidades, incluindo as musicais. Por outro lado, também desenvolveu pesquisas durante a Segunda Guerra Mundial (Giannoni, 2018).

Outro teórico de grande importância, diga-se de passagem, para a história da psicologia soviética que encontrei ao longo destas pesquisas foi S. L. Rubinstein. Uma única referência sobre o autor apareceu no jornal *Tribuna Imprensa*, do Rio de Janeiro, no dia 18 de maio de 1951. Com o título de *Stalin Psiquiatra*, o texto em que Rubinstein foi citado foi escrito pelo jornalista inglês Maurice Richardson (1907-1978) e traduzido pelo periódico carioca. De modo irônico, o autor, que já foi membro do Partido Comunista Inglês, apresentou um livro escrito por um psicanalista estadunidense numa visita feita na Rússia soviética, em 1930. O

material, publicado[121] pelo psicanalista Frankwood E. Williams (1883-1936), apresentou de modo desconfiado, segundo Richardson (1951), o fim dos transtornos mentais em uma nova sociedade. Entretanto, ao apresentar Rubinstein, o autor escreveu:

> Em primeiro lugar a psiquiatria soviética passou por uma depuração rigorosa. A vítima principal foi o professor Rubinstein, que em seu livro "Fundamentos de Psicologia Geral" cometeu o crime de aceitar Freud admitindo uma partr inconsciente da mente e de "instintos e tendências emocionais que as vezes entram em conflito com o consciente" (Richardson, 1951, p. 4).

É importante destacar que a obra de Rubinstein, citada por Richardson, faz de fato menção ao inconsciente; no entanto, não em concordância com Freud. Rubinstein apresentou o inconsciente afirmando que ele se encontra numa constante dependência com a atividade consciente, ou seja, um não existe sem o outro (Rubinstein, 2002). Ao mesmo tempo, afirmo que o inconsciente para Rubinstein pode ser explicado como uma *perejivanie* sem o conhecimento. Em outro material, em específico, *O Ser e a Consciência*, Rubinstein (1968) possui uma passagem que sintetiza sua compreensão sobre o inconsciente:

> Ter consciência de um sentimento próprio implica tê-lo correlacionado com o objeto que o provoca e para o qual está dirigido tal sentimento. Por isto são possíveis os sentimentos inconscientes. Sentimento inconsciente, como é natural, não quer dizer sentimento de que se não tenha vivência; o sentimento é inconsciente quando se não tomou conhecimento da causa que o provoca nem do objeto para o qual se orienta esse sentimento. O homem tem a vivência real do sentimento inclusive quando este não é consciente: a realidade da sua existência como fato psíquico radica-se na sua ação, na sua participação real na regulação da conduta, das ações e do comportamento do indivíduo (RUBINSTEIN, 1968 [1956], p. 362).

O amor, ou ainda, a paixão do adolescente é, por exemplo, um dos principais meios de se explicar os sentimentos inconscientes, quiçá, as vivências inconscientes. O jovem que se relaciona pela primeira vez com o objeto de amor e afeto não consegue compreender de maneira consciente do que se trata aquele sentimento. No entanto, a experenciação da situação é real, concreta, causa nele sensações interoceptivas, exteroceptivas etc. No entanto, com a mediação da cultura e intervenção do meio social, o adolescente será capaz de reconhecer do que se trata aquele sentimento.

---

[121] A reportagem refere-se ao livro: *Rússia Soviética: Combate a Neurose*, publicado pelo psicanalista, em 1934. O material que encontra-se disponível na internet, foi publicado pela editora *George Routledge & Sons, LTD*.

Apesar de simplificado, vale escrever que o inconsciente para Rubinstein não se limita a sentimentos. É uma relação complexa entre atividade consciente e inconsciente. Em outro trecho desta obra supracitada, o teórico escreveu:

> No entanto, inclusive onde não adquirir consciência de algo está condicionado por um ativo processo de inibição, dá-se uma dinâmica móvel e flexível de transferências incessantes que impedem que se fale de esferas fixas do apreendido pela consciência e o deslocado dela, separadas entre si por infranqueáveis barreiras [...] (RUBINSTEIN, 1968 [1956], p. 365).

Neste sentido, Rubinstein admitiu a existência de uma transição entre consciente e inconsciente, a mesma proposta por Kornilov ainda na década de 1920 e, ao mesmo tempo, apropriada por Vigotski (1999) em seus trabalhos acerca do inconsciente. A dialética entre consciência e inconsciência existe na medida em que ocorre a atividade na sociedade em que vivemos. Outro ponto, diga-se de passagem, que merece destaque, é o fato de Rubinstein parafrasear Lenin. O revolucionário russo, em seu livro *Imperialismo fase superior do capitalismo*, escreveu: “a ideologia imperialista penetra também na classe operária, que não está separada das outras classes por uma muralha da china”. (Lenin, 1987 [1916], p. 108). Ou seja, tal como não separamos a ideologia burguesa da classe trabalhadora, é impossível cindir, numa instância psíquica, o inconsciente do consciente. Ambos se relacionam dialeticamente, mutuamente. Portanto, ao admitir a existência da inconsciência, não necessariamente Rubinstein concordou com Freud.

Todavia, vale destacar que as críticas realizadas a Rubinstein iam ao encontro das perseguições políticas sofridas por ele em 1940. Condenado por cosmopolitismo, foi destituído de todos seus cargos, perseguido, censurado e criticado pela síntese elaborada em sua obra máxima *Princípios de Psicologia Geral*, cuja escrita e publicação lhe rendeu o prêmio Stalin no começo da mesma década (Payne, 1968). Ao mesmo tempo, toda a ciência soviética estava empenhada em edificar seus respectivos conhecimentos na teoria da atividade nervosa de Pavlov.

Em outro trecho deste artigo, Richardson (1951) abre um subtópico denominado como *O êxito de Pavlov*. Nele o autor escreveu:

> Isso é uma tentativa de reafirmação do tema que Lenine, de que os fenômenos psíquicos e a *psiche* são reflexos do mundo exterior sob a forma de imagens ideais. Sua distorção por uma sociologia partidária da negação da existência de processos mentais inconscientes é um fenômeno típico da ciência comunista (p. 4).

Novamente, é necessário reafirmar que, desde as primeiras páginas de *Princípios de Psicologia Geral*, de Rubinstein, o autor apresentou a atividade objetal

como condição para o desenvolvimento da atividade psíquica. Ao mesmo tempo, o inconsciente se produz nesta relação (Rubinstein, 2002). Entretanto, retomando o texto de Richardson, o jornalista apresentou as críticas que Pavlov tinha a Freud, todavia, ao mesmo tempo, destacou os intelectuais soviéticos que mantinham interesse pelo pai da psicanálise, por exemplo, Luria, fundador da Associação Psicanalítica de Kazan, em 1918 (Luria 1992 [1979]).

Richardson (1951) apresentou o artigo de Luria sobre a psicanálise como um sistema monista da psicologia; posteriormente, destacou o rompimento do teórico com Freud e a constituição de uma ciência que rompesse com a biologização psicanalítica. O artigo de Richardson termina apresentando as neuroses e casos de depressão vinculadas à ideologia soviética, por exemplo, uma pessoa que roubou de outra uma medalha da Ordem da Bandeira Vermelha. Contudo, Richardson escreveu seu artigo baseando-se em dois teóricos estadunidenses, pois, em outro momento de sua escrita, apresentou um trabalho de um psicanalista chamado Joseph Wortis (1906-1995). Por sua vez, este publicou a obra *Psiquiatria Soviética*, de 1950.

Vale destacar que a ideologia se faz presente não apenas na ciência soviética, em específico, na psicologia. O sistema ideológico encontra-se presente em qualquer nação, aparelho político, ou ainda, neutralidade científica. Rubinstein (1963 [1959]) apresentou a psicologia a partir de seu aspecto ideológico, ou seja, enquanto um conjunto de ideias de uma determinada época, precisamente, atendendo aos interesses das classes dominantes. Esta é uma das principais diferenças da psicologia soviética com a ciência burguesa. Enquanto a primeira se preocupa com o desenvolvimento da classe trabalhadora, a segunda se utiliza do desenvolvimento desta vertente científica para adaptar o sujeito no mundo que vive, promovendo lampejos de pequenas mudanças. Por exemplo, a terapia moderna se constitui neste fato de desconstruções, quebras de ciclos repetitivos, protagonismos individuais, ou seja, tudo aquilo que não incomoda, perturba, ou desestabiliza o grande capital (Giannoni, 2022). O sofrimento psíquico no capitalismo existe. Adaptar o sujeito a ele é a principal tarefa do psicólogo contemporâneo. Portanto, a ideologia não existia apenas na ciência soviética.

Dando continuidade a esta análise acerca do decênio de 1950, vale destacar outro iminente soviético presente nos jornais brasileiros: Pavlov. Apesar de não se constituir como um pesquisador na área da psicologia, tampouco da educação, o

fisiólogo foi destaque nos trabalhos destas duas áreas do conhecimento humano. Pavlov recuperou sua notoriedade em 1950, após conferência realizada entre 28 de junho a 04 de julho do mesmo ano[122].

No Brasil, jornais ligados aos movimentos comunistas apresentavam a conferência como um marco científico. Por exemplo, a *Imprensa Popular*, numa edição de 19 de março de 1955, publicou uma primeira edição especial dedicada à obra de Pavlov. Com um pequeno atraso de quase cinco anos, apresentou a importância da conferência realizada em 1950. O jornal publicou quatro números especiais dedicados às ideias pavlovianas.

O texto, escrito por João Bellino Burza (1918-1989), destacou a herança científica deixada por Pavlov, debatida ao longo da conferência realizada no começo dos anos de 1950. O autor escreveu:

> [...] foi recomendado a todos os intelectuais, indistintamente, e aos homens de ciência, o estudo das ideias de Pavlov; essa tarefa foi considerada do maior interesse prático e teórico para os trabalhadores e povos do mundo inteiro. (Burza, 1955, p. 4).

De modo semelhante aos dos soviéticos, Burza (1955) apresentou a teoria de Pavlov como importante ferramenta para os trabalhadores, algo que se fez durante todos os anos de 1950, na União Soviética. Como já demonstrado em outro momento deste trabalho, a teoria de Pavlov possuía um sentido particular e um interesse mútuo entre os teóricos marxistas, ao menos, era aquilo que se pregava naquele momento histórico.

Nesta primeira edição, Burza (1955), ao final de seu artigo, afirmou que:

> As teses de Pavlov significam os fundamentos sólidos para a concepção materialista e científica, num problema que é o crucial na fisiologia: o problema das relações entre o físico e o psíquico, o problema das relações entre o material e o espiritual (p. 4)

Burza, tal como outros teóricos soviéticos deste período, ignora o fato do materialismo de Pavlov não ser o mesmo de Marx. Ao mesmo tempo, não problematiza o dualismo psicofísico da teoria pavloviana, tal como seu método cartesiano, diga-se de passagem, oposto ao materialismo de Marx[123]. O texto de Pavlov *Resposta de um fisiólogo aos psicólogos*, de 1930, deixa evidente seu posicionamento científico acerca dos problemas psíquicos.

---

[122] Já apresentei em outro momento a dita conferência que resultou em um retrocesso para a psicologia, educação e outras áreas do conhecimento científico.

[123] Todas essas afirmações já foram defendidas nesta tese páginas acima.

Em sua segunda edição, Burza (1955) apresentou brevemente a história de Pavlov, destacando Séchenov como importante predecessor na fisiologia russa. Ao mesmo tempo, apresentou a importância do desenvolvimento progressista da ciência, em um período extremamente conservador.

Por sua vez, na terceira edição, o autor apresentou a teoria da atividade nervosa superior e, ao mesmo tempo, os trabalhos de fisiólogos, por exemplo, Ivanov-Smolesnki, organizador da conferência Pavlov de 1950. Nestas pesquisas citadas por Burza (1955), o autor deu destaque ao "[...] parto sem dor, a terapêutica pelo sono e a psicoterapia racional". (p. 4).

Por fim, na última edição, é apresentada a linguagem, ou seja, o segundo sistema de sinais, tal como descrito por Pavlov. Burza (1955), não apresentou de modo consistente os vínculos da teoria pavloviana com a psicologia soviética, teses que foram inseridas de modo intrínseco ainda na primeira metade de 1950. Entretanto, é notório o destaque que ganhou a teoria de Pavlov não apenas na União Soviética.

Em outro jornal, *Luta democrática*, publicado em 1954, Pavlov retornou aos assuntos brasileiros. Na notícia escrita por Hélio de Albuquerque Soares[124], Pavlov aparece descrito como teórico fundamental na influência da medicina soviética. Entretanto, algo que desperta a atenção encontra-se no princípio deste artigo:

> Este progresso não poderia deixar de atingir os centros médicos da Rússia soviética por motivos óbvios, embora o pouco que chega em nosso conhecimento do que por lá na prática, já fornece elementos para assim se julgar (Soares, 1954, p. 5).

Aspecto presente durante toda a Guerra Fria, diga-se de passagem, algo que evidenciava o desconhecimento ou conhecimento parcial daquilo que estava sendo produzido nos países do leste europeu, ou ainda, dos sistemas econômicos de base socialista. Todavia, é importante destacar que Pavlov já possuía grande notoriedade, precisamente pelo Nobel em Medicina no princípio do mesmo século.

Ainda sobre o texto escrito por Soares (1954), o autor mencionou sobre a prática da lobotomia, criada pelo médico português António Egas Moniz (1874-1955). Soares introduziu sobre a prática da lobotomia para apresentar o modo que os soviéticos encaravam essa intervenção. Segundo o autor, os médicos da União Soviética compreendiam como controversa essa cirurgia. Esse é um fato de grande importância na ciência progressista, precisamente, por grande parte dos centros

[124] Não encontrei nenhum dado biográfico sobre o autor.

médicos do ocidente adotarem essa prática, incluindo os Estados Unidos, referência médica neste momento histórico.

Entretanto, Soares (1954) afirmava que os médicos soviéticos dividiram-se sobre a temática. De um lado, cirurgiões defendiam a prática, de outro, uma ala acusada de conservadorismo acreditava que a intervenção era contrária aos ensinamentos de Pavlov. Assim, por maiores que sejam minhas críticas aos caminhos tomados pelos seguidores de Pavlov, devo afirmar que os fundamentos teóricos de Pavlov de fato contradizem a atrocidade histórica que foi a lobotomia. A escola de Pavlov, por mais que tenha seguido um caminho dogmático por meio de seus seguidores e de parte do governo Stalinista, não reflete essas características em sua essência. Tampouco Pavlov acreditava que intervenções que iam contra as práticas humanísticas deveriam ser adotadas na medicina, fisiologia, psiquiatria e psicologia. Para exemplificar essa afirmação, comprovando o que afirmo acima, é válido apresentar o trecho final de seu artigo *Uma tentativa de digressão de um fisiólogo no campo da psiquiatria*, publicado durante a década de 1930. Em seus dois últimos parágrafos, Pavlov afirmou:

> Em conclusão, eu tomo a liberdade de oferecer um conselho terapêutico de caráter mais prático do que sentimental. Embora tenha havido enorme progresso desde os velhos tempos até nossos dias, no tratamento da doença mental, resta ainda, eu acho, algo a *desejar* neste campo. Manter pacientes possuindo um certo grau de autoconsciência junto com outros pacientes irresponsáveis, que podem sujeitá-los, por um lado, a fortes estimulações na forma de gritos e cenas extraordinárias, e por outro lado, a violência direta, na maioria dos casos significar criar condições que enfraquecem numa extensão ainda maior as já fracas células corticais.
> Mais ainda, a violação dos direitos humanos do paciente, dos quais ele ainda está consciente e que em parte se constitui na restrição de sua liberdade, e em parte no fato de enfermeiros e médicos o verem como uma pessoa irresponsável, esses fatos não podem senão constituir golpes ainda mais profundos nas células fracas. Conseqüentemente, é necessário tão rápida e oportunamente quanto possível colocar tais doentes mentais na posição de pacientes sofrendo de outras doenças que não ofendem a dignidade humana tão manifestamente (Pavlov, 1980 [1930], p. 157 – Grifos no original).

Pavlov está longe de ser um teórico de base marxista, tal como já afirmei e reafirmei em diversas passagens deste trabalho; no entanto, sua defesa vai ao encontro de suas crenças. Pavlov se referia neste trecho aos trabalhos feitos em hospitais psiquiátricos e centros de internação. O autor foi direto ao defender que tais práticas apenas violavam os direitos humanos e a liberdade de um paciente fragilizado que possuía certo nível de consciência do mundo que o circundava.

Pavlov não viveu para presenciar as mutilações provocadas pela lobotomia. No entanto, é mais do que provável que abominaria tal intervenção cirúrgica.

Tratando-se de Soares (1954), o autor é imparcial em sua apresentação sobre os médicos que defendiam e aqueles contrários a tal prática. Terminou seu artigo destacando a força que possuíam os teóricos pavlovianos naquele determinado momento histórico. No entanto, Pavlov ainda continuaria rondando os jornais brasileiros nesta mesma década.

Também no ano de 1954, foi escrito no jornal *A imprensa popular* um texto de Fernando Lacerda[125]. O artigo, sob o título *A assistência médica ao povo e o programa do P.C.B*, tinha como objetivo apresentar as defesas do Partido Comunista Brasileiro acerca da saúde para a classe trabalhadora. Nele, o autor apresenta a falta de assistência médica garantida à classe trabalhadora brasileira, durante a primeira metade do século XX. Lacerda defendeu o descaso do Estado brasileiro com populações rurais e urbanas de todas as regiões do país. Relatou que a assistência médica, até mesmo em centros urbanos, é precária e de longe contempla a classe trabalhadora, tratada em muitos hospitais de forma desumana.

Ao apresentar tais críticas à saúde brasileira, Lacerda (1954) trouxe à tona a teoria de Pavlov, afirmando que o fisiólogo desenvolveu ideias fundamentais para se trabalhar com a classe operária, precisamente, destacando os cuidados acerca do sistema nervoso central. Lacerda apresentou Pavlov no intuito de destacar a assistência médica soviética, afirmando que o modelo proposto pelo Partido Comunista Brasileiro basear-se-ia nestes mesmos fundamentos, ou seja, um modelo progressista desenvolvimento para as grandes massas.

Apesar de Pavlov ter aparecido em um único parágrafo no artigo escrito por Lacerda (1954), é importante destacar que os soviéticos apareciam em falas, textos e apresentações de militantes ligados ao movimento do Partido Comunista Brasileiro. Portanto, parte destes materiais já circulavam nas mãos de militantes políticos deste período, diga-se de passagem, que possuíam contato direto com pessoas ligadas à ciência soviética. O entendimento era que o conhecimento científico produzido pela União Soviética refletia o que de mais desenvolvido e progressista existia para a classe trabalhadora.

[125] Acredito se tratar do médico Fernando Paiva de Lacerda, um dos principais dirigentes do Partido Comunista Brasileiro durante a década, de 1930.

No entanto, é necessário ainda reafirmar a notoriedade dada a Pavlov dentro e fora da União Soviética. Apesar de seu falecimento em 1936, é possível presenciar que suas ideias continuaram sendo difundidas, seja de modo dogmático, tal como foi durante a década de 1950, ou de forma criadora, por exemplo, por Rubinstein (1968 [1957]), que realizou uma apresentação sistemática de como a atividade cognoscitiva depende intrinsecamente da fisiológica, ou seja, destacando a importância da compreensão do sujeito como um todo, não apenas enquanto unidade de análise da fisiologia ou da psicologia.

Por fim, antes de encerrar a década de 1950, é válido apresentar a visita dos soviéticos para o Brasil em 1958. Durante o mês de setembro deste mesmo ano, foram publicados, em diversos jornais, anúncios sobre a visita de uma comissão de professores soviéticos. A viagem, que tinha como objetivo conhecer a educação na América Latina, contou com a presença do psicólogo e educador Boris Anániev. Jornais como *O Diário da Noite* e *Última Hora* noticiavam a vinda dos professores.

No jornal *Última Hora*, a notícia veio descrita como: *Professores Russos no Rio: Pretendem Aumentar o Intercâmbio com o Brasil.* No texto, em que não consta autoria, é apresentado que os pesquisadores que estavam anteriormente no Chile e em São Paulo haviam acabado de chegar no Rio de Janeiro. O artigo afirma que a visita possui um uma intenção profissional, visando conhecer as técnicas pedagógicas utilizadas pelos educadores sul-americanos e estreitar parcerias profissionais entre os países (Última Hora, 1958).

O jornal apresenta um fato curioso: a admiração dos professores com a arquitetura brasileira. Segundo consta na reportagem:

> "[...] os professores russos mostraram-se fortemente impressionados com a arquitetura brasileira que segundo afirmaram, 'engaja-se harmonicamente e de maneira maravilhosa com a beleza natural do Rio de Janeiro'" (Última Hora, 1958, p. 7)

Para além da arquitetura e belezas naturais do Rio de Janeiro, os professores também proferiram que "[...] em São Paulo, segundo puderam observar, as escolas são bem equipadas, e existe um perfeito trabalho em matéria de ensino educacional." (Última Hora, 1958). Entretanto, não apresentaram quais escolas haviam visitado no tempo que passaram na cidade. Em outra passagem, Anániev apresentou seu interesse pela visita aos países sul-americanos. Afirmou:

> A razão primordial de nossa viagem – continua o chefe da delegação soviética – é estabelecer contatos com os estabelecimentos de ensino dos países sul-americanos, estudando-lhes os sistemas pedagógicos e

> aparudando-lhes o grau de maturidade no que se refere a aplicação da psicologia, considerada por nós como a base científica para o desenvolvimento da educação. As experiências que fizemos nesse sentido são confirmadas pelo atual desenvolvimento da educação na própria URSS, onde a pedagogia elaborou uma teoria de educação científica e democrática, que agora está sendo posta em prática, com notáveis resultados (Ultima Hora, 1958, p. 7).

É válido destacar que, na União Soviética, muitas teorias da educação se baseavam nos fundamentos psicológicos. Esse fato era determinado pelo entendimento sobre as leis que regem o desenvolvimento psíquico. Esse caminho, por exemplo, já era realizado pelo pedagogo Konstantin Dmitrievitch Ushinski (1823-1871), tal como descrito por Liublinskaia (1979 [1944]). Em seu livro *Desenvolvimento psíquico da criança*, a autora apresenta uma citação de Ushinski logo no princípio de seu material:

> Não aconselhamos aos pedagogos que procedam de um ou de outro modo, mas dizemos-lhes antes: estudem as leis dos fenómenos psíquicos que pretendem dirigir e procedam de acordo com estas leis e as circunstâncias a que pretendem aplicá-las (Ushinski, s/d. s/p apud Liublinskaia, 1979 [1944], p. 7).

O matrimônio entre psicologia e educação é notório na psicologia russa antes mesmo da Revolução de Outubro de 1917. Assim, muitos teóricos entendiam e compreendiam tal importância. Anániev, vindo de uma escola leningradense, jamais negaria a importância dessas duas áreas. Portanto, atuar na educação é, ao mesmo tempo, conhecer as leis que regem o desenvolvimento psíquico.

No decorrer do artigo, os professores continuam afirmando sobre a necessidade de estreitar os vínculos de trocas culturais entre União Soviética e países da américa latina, ao mesmo tempo que buscavam aumentar as viagens de intercâmbio com os Estados Unidos, buscando compartilhar métodos de ensino para alunos do ensino básico (Última Hora, 1958).

Por sua vez, o *Jornal do Brasil* também noticiou a vinda dos soviéticos para o Brasil. Na reportagem sem autoria, o periódico escreveu:

> Professores russos Boris Ananiev e Várvara Kulakova falaram ontem na Faculdade Nacional de Filosofia sôbre o ensino na União Soviética e disseram que “na URSS as escolas de estudo superiores admitem alunos que terminaram a escola secundária profissional e têm experiência de trabalho” (Jornal do Brasil, 1958, p. 15).

É notório que, para além da visita nas escolas brasileiras, os soviéticos tenham realizado uma palestra na Faculdade Nacional de Filosofia, que funcionou

entre os anos de 1937 a 1968, no Rio de Janeiro[126]. A única contradição destacada no jornal é que a conferência foi mediada pelo professor Eremildo Luiz Viana (1913-1998), historiador conhecido por apoiar diretamente a ditadura militar, entregando colegas e professores ao regime.

Por fim, a última reportagem apresentando a visita dos soviéticos no Brasil foi assinada pela jornalista Gracita de Miranda, sob o título *Avançando a Pedagogia na URSS Enveredada por Novos Caminhos*. Nela, a autora apresentou que o ensino era obrigatório e gratuito e que estimulava a camaradagem entre os colegas. Neste tocante, outro aspecto mencionado na reportagem era referente a vitória da União Soviética contra o analfabetismo (Miranda, 1958).

Durante a entrevista concedida, a professora Várvara Kulakova destacou que a pré-escola na União Soviética atua de maneira lúdica, dando preferência a brincadeiras que estimulem o desenvolvimento psicológico da criança, preparando-as para o ensino regular. Ao mesmo tempo, a professora mencionou que existem diversos momentos em que as atividades pedagógicas são dirigidas fora da sala de aula, ao ar livre, permitindo maior contato entre criança e natureza (Miranda, 1958).

Por sua vez, o professor Sergei Romanov, que, segundo Miranda (1958), foi o tradutor da conversa, afirmou que na União Soviética não existem analfabetos. Durante seu relato, fez menção à Revolução de Outubro e ao fato de que, antes desse período, 75% da população russa não sabia ler. O professor afirmou que o trabalho foi difícil, no entanto, em 1928, o analfabetismo havia sido vencido.

No entanto, algo que merece destaque encontra-se relacionado na afirmação de Anániev sobre a pedagogia soviética. Como disse em entrevista:

> A teoria dos Reflexos Condicionados – disse ele – tem sido usada em Pedagogia e Psicologia quanto ao sistema de aprendizado. Grande é sua importância na elaboração das bases de regime de trabalho, de descanso e também de maneira de realizá-los. Utiliza-mo-nos disso, especialmente, para que se revele o mais que a criança pode apreender em cada idade.
> No ensino de música é básico esse sistema. Nos conservatórios, junto às cadeiras de Teoria há uma secção de Fisiologia, onde os alunos estudam a utilização dos Reflexos Condicionados para o aprendizado da música, salientando-se as vantagens que traz para os cantores e instrumentalistas (Miranda, 1958, p. 7 – Grifos no original).

A entrevista concedida em São Paulo foi a mais completa de todos os jornais. É notória a menção de Anániev acerca da teoria de Pavlov. Vale lembrar que a

[126] Não encontrei nenhum material sobre a palestra proferida pelos professores integrantes da comissão.

conferência[127] organizada por Shorokhova no intuito de debater os limites do pavlovismo na psicologia aconteceria apenas anos mais tarde, em 1960. Ao mesmo tempo, apesar de Stalin ter falecido em 1953, parte das imposições dogmáticas acerca das determinações pavlovianas permaneceram presentes nos trabalhos psicológicos e educacionais.

Após as reuniões, encontros, pesquisas e trocas científicas, a comissão retornou para a União Soviética, produzindo um artigo sobre as visitas aos países latino-americanos. O artigo *Principais problemas pedagógicos dos países latino-americanos* foi escrito pelo próprio Boris Anániev, em 1959. O texto foi publicado na revista *Educação Soviética*.

Anániev (1959) relatou que em sua viagem identificou uma mudança significativa na educação latino-americana. Escreveu que encontrou diversos pesquisadores que apresentaram o desejo e, sobretudo, a necessidade de mudança no quadro educacional de seus respectivos países, buscando erradicar o analfabetismo. Anániev, no princípio de seu trabalho, admitiu a forte influência exercida pelos Estados Unidos em diversos países da América Latina; ao mesmo tempo, destacou a curiosidade de professores e pesquisadores latinos acerca daquilo que vinha sendo produzido na União Soviética. Por exemplo, em seu terceiro parágrafo, destacou:

> A comparação dos fatos e das tendências de desenvolvimento do capitalismo e do socialismo gerou inúmeras questões sobre as razões do progresso excepcional da ciência e da tecnologia na União Soviética, despertando um vivo interesse pela organização da educação e da instrução naquele país. A demanda por literatura pedagógica aumentou abruptamente. Em pouco tempo, o livro do educador brasileiro Paschoal Leme, dedicado à educação pública e à ciência pedagógica soviética, passou por duas edições. Obras de A. S. Makarenko vêm sendo traduzidas para o espanhol e o português. No entanto, devido à escassez de traduções de autores contemporâneos, obras de Pinkevich, Blonski e outros estão sendo republicadas. (Anániev, 1959, p. 66).

É curioso o fato de Anániev ter conhecimento sobre a obra do educador brasileiro Paschoal Lemme[128] (1904-1997). Ao mesmo tempo, é válido destacar que

---

[127] Refiro-me ao debate iniciado por Rubinstein e, continuado por sua orientanda Ekaterina Vasil'evna Shorokhova, em janeiro, de 1960. Abordei esse debate ao longo do segundo capítulo desta tese.

[128] O educador brasileiro teve contato com diversas obras e pesquisadores soviéticos ao longo de sua vida. Essa informação está presente no livro: *Paschoal Lemme: Memórias de um Educador*. Em uma das passagens desse livro, encontramos: "Terminada a Conferência de Viena, a delegação de professores da União Soviética convidou professores das delegações de alguns países da América Latina para visitarem aquele país, a fim de estudarem a respectiva organização da educação. Dessa visita é que resultou o livro que publiquei, editado pela Editorial Vitória Ltda., em 1955, intitulado. *A educação na URSS – 1953*. (Paschoal, 2004, p. 100).

de fato circulavam entre os teóricos brasileiros materiais de Blonski, tal como já apresentei páginas acima. Porém, talvez seja necessária uma breve digressão para mencionar acerca da obra de Paschoal Lemme. Em uma de suas participações em conferências internacionais sobre a educação, recebeu um convite para conhecer a União Soviética. Desta visita, escreveu o livro *A educação na U.R.S.S. – 1953*, publicado pelo editorial Vitória LTDA[129], em 1955.

Sobre o livro, vale uma pequena digressão, diga-se de passagem, por ter sido publicado durante a década de 1950. Segundo Lemme (1955), o convite para conhecer a educação soviética surgiu durante um congresso de educadores em Viena. Assim, no dia 09 de agosto de 1953, deixando Viena, o educador brasileiro seguiu viagem, junto de outros colegas, no intuito de conhecer a União Soviética[130].

Apesar de seu material constituir-se como um relato de viagem, Lemme apresentou contribuições sobre o que conheceu da educação e psicologia. Em um dos trechos de seu livro, conversando com um professor da Academia de Ciências Pedagógicas, escreveu:

> Diz que, na União Soviética, há diferentes correntes em psicologia e livre discussão entre elas, mas não há divergências ideológicas ou filosóficas. A psicologia soviética é baseada no marxismo-leninismo e no materialismo dialético (Lemme, 1955, p. 152)

Como afirmado desde o princípio deste trabalho, a ciência psicológica na União Soviética desenvolve-se seguindo a lógica criadora de cada autor ou escola teórica. No entanto, sua essência filosófica baseou-se, durante toda sua existência, na concepção de Marx, Engels e Lenin. A teoria soviética da psicologia é, de fato, marxista, não apenas na teoria, mas, sobretudo, em sua atuação prática. Também a educação carrega tais princípios. Lemme apresentou, de modo tímido, a defectologia, escrevendo tratar-se do ensino de crianças cegas e surdas. Todavia, em nenhum momento trouxe à tona a contribuição de Vigotski[131] para o desenvolvimento dessa área.

---

[129] Editora ligada ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), foi fechada, em 1964, pelo golpe militar.

[130] O mais interessante no livro de Paschoal Lemme, são as fotos apresentadas pelo autor ao longo de seu relato.

[131] Vale uma nota acerca do trabalho de Vigotski. Lemme realizou a visita, em 1953, mesmo ano de falecimento de Stalin. Vale lembrar que Nikita Khrushchev (1894-1964), apenas realizaria seu pronunciamento sobre os crime de Stalin, em 1956. Assim, as obras de Vigotski, tais como outros teóricos soviéticos, encontravam-se proibidas neste momento.

Ainda nesse tocante, Lemme entrou em contato com as críticas feitas à psicologia idealista, no entanto, as apreciações foram feitas baseadas na teoria de Pavlov. Em uma de suas conversas, encontrou que:

> Com relação ao freudismo, diz-nos que é uma corrente idealista e porisso a posição da psicologia soviética é negativa frente a ela. Não foram editados até agora trabalhos de conjunto, de crítica a Freud, mas tem aparecido muitos estudos parciais em revistas especializadas. Não obstante ser uma só a linha geral de orientação da psicologia soviética, tem havido certa variação. Assim, desde a divulgação dos trabalhos de Pavlov êles têm influído grandemente nas investigações e na orientação da psicologia, mas esta ainda não está completamente penetrada por êles. Em 1950, realizaram-se as reuniões conjuntas da Academia de Ciências da U.R.S.S. e da Academia de Ciências Médicas, e desde aí todos os trabalhos de investigação em psicologia vem sendo baseados nas conclusões de Pavlov. Agora, não sòmente descrevemos os processos psicológicos mas lhes damos a fundamentação fisiológica. Está sendo preparado, atualmente, um novo manual de psicologia para os Institutos Superiores de Pedagogia, e nêle todos os problemas são examinados do ponto de vista das teorias de Pavlov. Tal manual deverá ser publicado em princípios de 1954[132] (Lemme, 1955, p. 153).

Retornamos à conferência Pavlov. Assim, parece-nos que a psicologia soviética, durante a década de 1950, se fez conhecer apenas como ciência que se baseava nos trabalhos de Pavlov, perdendo todas as contribuições construídas por autores como Vigotski, Rubinstein, Leontiev etc. nos decênios anteriores.

Acerca de autores mencionados, Lemme (1955) citou apenas os trabalhos de Makarenko, citando-o em três diferentes momentos. Em uma das passagens afirmou:

> Mas, como acentua Makarenko, "por mais que trabalhemos, nunca poderemos nos tornar áugures pedagógicos que ditem leis educacionais. Essas leis decorrem de tôda a vida da União Soviética, e, em particular, da vida de nossa coletividade" (Makarenko, s/d, s/p apud Lemme. 1955, p. 39 – Grifos no original).

Não apenas a educação era tratada na construção da vida coletiva. Não podemos esquecer que Vigotski já havia escrito, em 1930, um artigo sob título *A transformação socialista do homem*. Portanto, o trabalho coletivo foi a principal característica de toda ciência soviética.

Após essa breve digressão acerca da obra de Lemme, dando continuidade a visita de Anániev na América-Latina, é importante destacar que a comissão soviética, visitando Chile, Uruguai e Brasil, travou contato com diversas autoridades

[132] Acredito se tratar de uma coletânea de textos, publicada pelo editorial *Grijalbo*, do México, Em 1960. O livro é conhecido por pesquisadores brasileiros e, foi um material escrito por ilustres teóricos dos anos, de 1950. O objetivo era orientar os pedagogos sobre os fenômenos que regem o desenvolvimento psíquico.

de seus respectivos países, igualmente, com diretores ou reitores de universidades. Sobre o Brasil, Anániev escreveu:

> O Ministro da Educação e Cultura do Brasil, Clóvis Salgado, declarou que, seguindo o exemplo soviético, o ministério planejava ampliar significativamente o ensino das ciências naturais e da técnica, bem como organizar o planejamento do ensino superior levando em consideração o desenvolvimento da indústria e o aproveitamento das grandes riquezas naturais do Brasil. (Anániev, 1959, p. 66).

É válido ressaltar que Anániev refere-se ao médico Clóvis Salgado da Gama, ministro da Educação e Cultura durante o governo de Juscelino Kubitschek. Apesar de afirmar a Anániev que gostaria de seguir o exemplo soviético, o ministro apoiou o Golpe Militar de 1964, filiando-se à Aliança Renovadora Nacional (Arena).

Dando continuidade, Anániev (1959) comentou sobre a urgente necessidade de se eliminar o analfabetismo em todos os países visitados, e destacou que o fenômeno era ainda uma das heranças do colonialismo. Sobre o problema no Brasil, Anániev (1959, p. 67) escreveu:

> No Brasil, por exemplo, o plano para os próximos anos prevê a liquidação do analfabetismo apenas entre pessoas com menos de 20 anos. Será difícil liquidar o analfabetismo em massa, dentro de tais limites, pelo fato de tais programas tentarem resolver o problema do desenvolvimento cultural sem sua relação com o problema nacional.

Cerca de 68 anos após a visita dos soviéticos no Brasil, é válido destacar que o número de analfabetos diminuiu significativamente. Em rápida pesquisa no domínio *gov.br*, identifica-se que, em 2024, havia 9,1 milhões de pessoas não letradas no país, ou seja, uma taxa de 5,3%. Todavia, apesar da significativa diminuição do analfabetismo no país, é necessário afirmar que a dependência com a cultura imperialista estadunidense continuou e permanece viva até os dias de hoje.

Anániev, escrevendo sobre a erradicação do analfabetismo na União Soviética, afirmou que o país iniciou um árduo trabalho após a Revolução de Outubro, garantindo o registro da língua escrita e literatura de povos que encontravam-se restritos de desenvolvimento cultural durante o período czarista. O autor mencionou que esse trabalho garantiu o renascimento de minorias, ao mesmo tempo, protegendo a língua nativa desses povos. Contudo, sobre os projetos latino-americanos, Anániev escreveu:

> Já nos países que visitamos, tenta-se liquidar o analfabetismo em massa com base em uma única língua (espanhol ou português), o que se torna instrumento de “desnacionalização” de muitos povos e tribos. Os programas não levam em conta as características nacionais dos diversos grupos populacionais, nem suas línguas nativas, que permanecem sem escrita. A experiência soviética de resolver simultaneamente o problema nacional e o

> da alfabetização despertou enorme interesse entre os educadores progressistas da América do Sul (Anániev, 1959, p. 67).

Uma afirmação feita em 1959 que hoje resulta no extermínio de diversas culturas ao longo de toda américa. No Brasil, o idioma oficial continua sendo o português e o ensino de outras línguas é restrito ao inglês, espanhol e, quando muito, LIBRAS. Eliminar uma sociedade não significa apenas roubar suas terras e assassinar seus membros. A expropriação da vida espiritual – num sentido filosófico – significa destruir uma cultura, legando-a apenas a participação nos anais da história sobre algo que um dia existiu, falou, pensou etc. É notória a diferença de pensamento entre os educadores soviéticos, precisamente, no fato de compreender a importância de se preservar a cultura a partir de uma perspectiva anticolonialista. Portanto, o trabalho de conservar a língua e a história de uma nação feito pela União Soviética após a Revolução foi um dos trabalhos mais importantes da construção de uma sociedade socialista, garantindo igualdade e possibilidade para o desenvolvimento ulterior daquela cultura.

Ainda sobre o Brasil, Anániev escreveu:

> No Brasil, com uma população de 61 milhões, o percentual de analfabetos chega de 60% a 85%, especialmente na parte central do país, habitada por tribos indígenas, e no estado da Bahia, com predominância negra. Nas cidades, a situação é considerada relativamente “favorável”: 15% em São Paulo e 25% no Rio de Janeiro. Nessas condições, a liquidação do analfabetismo adulto torna-se uma necessidade aguda e condição para resolver o problema da instrução pública (Anániev, 1959, p. 67).

Apesar de Anániev ter escrito seu artigo há quase 86 anos atrás, é possível notar a diferença de pensamento e compreensão que o psicólogo possuía sobre a educação, racismo e desigualdade social. No Brasil, havia teóricos, principalmente vinculados aos movimentos comunistas, que apresentavam ideias semelhantes; contudo, sem expressão para mudar essa realidade. O número de brasileiros cresceu e o analfabetismo diminuiu significativamente. Todavia, o racismo e a desigualdade social persistem nos grandes e pequenos centros urbanos, em todas as regiões do país.

Sobre as dificuldades em garantir o acesso ao estudo no Brasil, Anániev escreveu:

> No Brasil, a situação é mais difícil. O ensino primário gratuito e universal praticamente não existe. Cobra-se mensalidade nas escolas municipais e privadas (religiosas e comerciais), que são maioria. A mensalidade de 7.000 cruzeiros está além das possibilidades de muitos pais. A instrução começa aos sete anos e dura quatro anos, mas poucos concluem. Apenas 10% das

> crianças que entram no primeiro ano concluem o curso, devido a motivos econômicos e reprovação (Anániev, 1959, p. 67).

Anániev apontou o problema da desigualdade social presente na educação. Ao mesmo tempo, deu destaque à evasão escolar, fenômeno presente até os dias de hoje nas escolas brasileiras. Em outra passagem, o psicólogo continuou:

> O conteúdo inclui: língua portuguesa, aritmética com elementos da geometria, geografia e história do Brasil (popular), ginástica, trabalhos manuais, caligrafia e desenho. Há sistema de exames e programa mínimo obrigatório, mas os professores cumprem apenas três quartos do programa. A obrigação de aprovar a maioria induz a atribuição de notas altas e promoção sem conhecimento adequado. A principal doença da escola primária brasileira é a enorme evasão e o reduzido número de concluintes (Anániev, 1959, p. 67).

Em 1959, Anániev evidenciava o problema acerca da educação brasileira e sua evasão, diga-se de passagem, fenômeno resolvido parcialmente até os dias de hoje. Em outra passagem, o autor mencionou sobre o trabalho infantil e sua proibição até os 14 anos de idade; no entanto, destacou que a lei não é cumprida no Brasil, portanto, muitas crianças e pré-adolescentes abandonam a escola no intuito de trabalhar.

Próximo do fim de seu artigo, Anániev (1959) salientou que foi questionado sobre trabalhos da psicologia, desenvolvimento humano e inteligência infantil. Escreveu que os cientistas latino-americanos começaram a conhecer trabalhos como de Vigotski, Leontiev e Rubinstein. Ao mesmo tempo, questionam os métodos de avaliação psicológica, vindos dos Estados Unidos, por serem biologizantes e racistas.

Anániev (1959), antes de finalizar seu artigo, comenta sobre as universidades, modelos de ensino e meios de ingresso no ensino superior. No entanto, não apresentou muitos detalhes sobre o conhecimento que travou nestes espaços. O autor, por fim, deu destaque ao livro de Paschoal Lemme, salientando sobre o interesse que os pesquisadores latino-americanos possuem sobre os métodos soviéticos.

Assim, 1950, foi uma década em que a psicologia e a ciência soviética de modo geral, ganharam maior destaque nos jornais, livros, periódicos e cursos brasileiros. É importante destacar que a União Soviética consolidava-se como importante potência mundial, competindo diretamente com os Estados Unidos no desenvolvimento tecnológico e industrial. Porém, pouco se sabia o que estava sendo produzido no país. Os materiais encontrados neste decênio demonstraram mais uma

vez o desconhecimento ou conhecimento parcial daquilo que vinha sendo produzido pelos soviéticos.

Por sua vez, a década de 1960 apresentaria diversos retrocessos na ciência brasileira. No entanto, no meio de repressões, assassinatos e censuras, encontramos o primeiro material sobre Vigotski traduzido e publicado no Brasil. Sem embargo, passo agora às análises sobre os anos de 1960.

3.5 – A Década de 1960: As contradições presentes nas censuras e imposições da ditadura militar no Brasil.

O começo da década de 1960 trouxe para a psicologia brasileira uma grande conquista. Em 1962, o então presidente João Goulart, aprovou o reconhecimento da psicologia como profissão no Brasil. Inicia-se uma história, diga-se de passagem, marcada pela censura, imposições, defesa pela denominada neutralidade científica e auxílio prestado em torturas praticadas anos mais tarde. Essa afirmação vai ao encontro de que, em 1964, no dia 1º de abril, era noticiado o golpe militar brasileiro.

O presidente João Goulart havia sido ilegalmente deposto de seu cargo. Os militares fechavam jornais, proibiam partidos e se valiam de uma ameaça fantasma do comunismo para justificar os atos de atrocidade cometidos neste período. Coimbra (1995) salientou que, durante as décadas de 1930, 1940 e 1950, a psicologia fora construída em cima do discurso da carência, falta, problemas etc. Contudo, após o golpe de 1964:

> [...] a tortura passa a ser prática “comum” e oficial e este terrorismo de Estado dissemina o terror em toda a sociedade brasileira. Além de obter informações, fragilizar e pulverizar os opositores do regime, a tortura cumpre, como dispositivo social, uma função: produz subjetividades. Pelo medo, cala a sociedade, leva a um torpor social, a uma cumplicidade. (COIMBRA, 1995, p. 22).

A produção dessas subjetividades, constituídas em meio a censura, violência, desaparecimentos, mortes e assassinatos, perdura até os dias de hoje na história do Brasil. Vez ou outra, os fantasmas desse momento retornaram sob outro formato, todavia, com o mesmo discurso fascista presente neste momento histórico. Valendo-se de Marx (2008 [1859]), é importante lembrar de que a subjetividade se produz da objetividade da vida. O que esperar de subjetividades torturadas? De pessoas cujos familiares nunca foram encontrados? Essa é uma marca, uma cicatriz na história brasileira, que permanece aberta. A psicologia, ao mesmo tempo, não pode – e não

deve – se eximir de suas responsabilidades. Uma ciência – ou ideologia – que atuou a favor deste regime, contribuindo nas torturas físicas e psicológicas, além de pesquisas que favoreciam a construção de uma subjetividade fascista[133].

Coimbra (1995) ainda afirmou que o trabalho psicológico feito em grandes centros urbanos, em 1970, baseava-se em palavras como: competentes, científicos e neutros. As práticas encontravam-se baseadas em problemas familiares, não distinguindo classe ou condição socioeconômica.

Vale lembrar que, enquanto profissão, a psicologia era recente no país. Ainda dava seus primeiros passos nas Universidades. Tratando dessa temática, Coimbra destacou que:

> Na graduação de Psicologia, produz-se uma "certa" Psicologia. Desde seu início, está impressa a marca da tradição positivista; exemplos são a hegemonia do Behaviorismo e de uma Psicologia Social que reproduz mecanicamente conceitos e técnicas de estudo de inspiração norte-americana. É o domínio da psicologia experimental positivista com suas características de cientificidade, neutralidade, objetividade e tecnicismo. A própria psicanálise ensinada – e, em certos cursos, hegemônica – nesses cursos de graduação também está marcada por este positivismo e pela "psicologização" da vida social e política, seguindo os modelos produzidos na época [...] uma certa clínica torna-se a grande demanda dos estudantes de psicologia que sonham com seus consultórios privados, os psicanalistas, seus modelos de referência. O atendimento privado é o que predomina [...] (COIMBRA, 1995, p. 118) – Grifos no original).

Sem embargo, a psicologia durante esse momento possuía uma característica puramente positivista, demarcando a mecanicidade dos laboratórios que não se reproduziam na vida prática do povo brasileiro. Por outro lado, o que se desenvolvia nas clínicas particulares possuía um caráter elitista, diga-se de passagem, que permanece presente nas atuações de colegas psicólogos até os dias de hoje.

Outro aspecto que deve ser evidenciado, antes da apresentação dos materiais encontrados nesse período, refere-se à participação direta dos psicólogos no aparato repressivo da ditadura militar. Novamente em Coimbra, encontramos:

> [...] sobretudo o aspecto concernente a uma pesquisa sobre o perfil psicológico dos militantes políticos presos, no Rio de Janeiro, no início dos anos 70, que contou com a participação direta de alguns psicólogos que trabalhavam, na época, no Centro de Estudos de Pessoal do Exército, localizado no Forte do Leme, no Rio de Janeiro (COIMBRA, 1995, p. 194).

[133] A tese de doutorado de Souza (2021), abordou a atuação da psicologia neste momento histórico no Brasil. Infelizmente pela falta de espaço neste trabalho, não conseguirei discutir de modo mais completo a psicologia durante a ditadura militar no Brasil. Assim, recomendo a leitura deste material.

A pesquisa descrita pela autora foi reportada exclusivamente pelo jornal O Globo, no dia 12 de novembro de 1971, sob o título *Muricy: Recuperar jovens que se desviaram é a grande tarefa*. A pesquisa é apresentada detalhadamente no livro de Coimbra. Porém, vale apenas mencionar que de científica, a investigação nada possuía. Puramente ideológicos, os psicólogos por trás do trabalho buscavam responder como os jovens se envolviam na militância. Uma pergunta à qual a própria objetividade da vida apresentava as respostas. Talvez a pergunta aqui tivesse de ser outra: em meio às repressões, torturas e assassinatos, como os jovens poderiam fechar os olhos para isso? Contudo, esse não era o papel da psicologia; enquanto pessoas eram assassinadas, a assim chamada ciência psicológica, buscava traçar o perfil psicológico do terrorista brasileiro (O Globo, 1971).

Outro relato que merece destaque é sobre a participação direta de psicólogos no treinamento de torturadores e carrascos da ditadura. Nesse tocante, Coimbra escreveu:

> Sobre o treinamento a torturadores no que se refere aos aspectos psicológicos dos presos políticos, nada se tem documentado. Todavia, em muitas declarações e depoimentos de ex-presos políticos, “salta aos olhos” que muitos torturadores foram orientados e treinados por profissionais “psi”. Em 1970, o major da PM Riscala Corbaje, conhecido como Dr. Nagib, dizia no DOI-CODI/RJ para alguns presos políticos que havia feito cursos de Psicologia para poder aprender a lidar “melhor” com os terroristas. (COIMBRA, 1995, p. 195 – Grifos no original).

Sobre os carrascos da ditadura, não é de se surpreender que tenham passado por treinamentos com psicólogos, diga-se de passagem, Coimbra (1995) também apresentou que diversos militares que haviam tido um curso, em 1949, sobre “classificação de pessoal”, receberam o título de psicólogo, após o reconhecimento da profissão em 1962. Neste contexto, profissionais da psicologia colaboravam com as práticas dantescas desse regime ditatorial.

Em meio a esse horrendo momento da história brasileira, encontrei alguns materiais referindo-se a psicologia soviética, incluindo uma publicação integral de Alexander Romanovitch Luria. Sem delongas, gostaria de iniciar a apresentação dos materiais referentes a esta década. No dia 12 de janeiro, foi publicada no jornal *A Tribuna* uma reportagem sobre o falecimento do psicólogo S. L. Rubinstein. O teórico soviético, que havia falecido no dia anterior, ganhou uma pequena nota no respectivo jornal. A pequena nota recebeu o título: *Faleceu o psicólogo soviético Sergei Rubinstein.* Nela, estava escrito:

> MOSCOU, 11 (UPI) – Sergei Rubinstein membro correspondente da Academia Soviética de Ciências e “um dos maiores psicólogos da U. R. S. S.”, faleceu hoje aos 70 anos de idade.
> O despacho com a notícia, distribuído pela agência oficial de notícia “TASS[134]”, diz que “seu sistema assestou um rude golpe as doutrinas psicológicas que predominaram nos países fascistas”. (A Tribuna, 1960, p. 8).

De fato, a teoria de Rubinstein constituiu um golpe certeiro nas abordagens fascistas e racistas que circulavam na Europa durante a primeira metade do século XX. Já demonstrei em outros capítulos a essência revolucionária de suas ideias, precisamente, por não ignorar os aspectos filosóficos da ciência psicológica. Rubinstein (1963 [1959]) tinha, por exemplo, a certeza de que o desenvolvimento da psicologia não devia estar apartado da filosofia. Em uma simbólica passagem de seu artigo sobre os primeiros manuscritos de Marx, Rubinstein afirmou: “A elaboração autêntica da psicologia, há de nos conduzir, ao mesmo tempo – a base dos materiais da psicologia – a um ulterior desenvolvimento criador da filosofia” (Rubinstein, 1963 [1959], p 277).

Portanto, numa relação dialética e partindo de um entendimento baseado em Rubinstein, afirmo que a psicologia depende mutuamente da filosofia. Essa é a condição determinante para um trabalho no que denominamos como psicologia histórico-cultural ou sócio-histórica. A negação da filosofia, precisamente, da visão de mundo marxista, reduz a teoria soviética ao vazio, ou seja, a meramente uma prática baseada em evidências, diga-se de passagem, do século passado. Não é preciso outra tese de doutorado para afirmar que os modos de produção se transformaram e que, neste sentido, os objetos produzidos pela atividade humana também se modificaram. Essa relação tem modificado o desenvolvimento psíquico dos seres humanos, em especial, das crianças. A atenção, a memória, o pensamento e a linguagem se modificam nas diversas transformações das atividades-guias e de suas ferramentas mediadoras. Essa determinação encontra-se exposta em Rubinstein (1983 [1934]). No entanto, aparece como pressuposto psicológico, pois, na filosofia, encontra-se como germe em Marx (2010 [1844]).

A teoria de Rubinstein permite-nos alcançar esse desenvolvimento da psicologia e, ao mesmo tempo, trabalhar com complexos problemas filosóficos. Não

[134] Trata-se de uma agência de notícias russas. Na época, provavelmente a notícia tenha sido telegrafada.

obstante, é válido recordar que S. L. Rubinstein não desenvolveu apenas ideias psicológicas, sobretudo, criou uma epistemologia.

Contudo, Rubinstein não apareceu apenas como uma nota de falecimento nos jornais brasileiros. Vale mencionar que periódicos, por exemplo o *Jornal do Commercio* e *A Tribuna*, publicaram, entre 1960 e 1961, anúncios de vendas de livros do autor. No primeiro jornal, encontramos a publicação da obra *O pensamento e os caminhos de sua investigação*, publicada pelo editorial *Grijalbo* em 1959. Ao mesmo tempo, *A Tribuna* noticia a venda, em uma livraria de Santos-SP, da coletânea *Psicologia*, de 1960. O livro *O ser e a consciência*, também publicado pelo editorial *Pueblos Unidos*[135], do Uruguai, apareceu em destaque para venda no jornal *Novos Rumos*. O material era revendido pela editora Vitória LTDA, vinculada ao Partido Comunista Brasileiro.

No entanto, Rubinstein, em outro periódico, virou objeto de análise em uma reportagem escrita por Luís Washington Vita[136]. O artigo nomeado como *O novo psicologismo lógico* fazia menção direta a obra *O ser e a consciência*. No artigo, Vita (1961) apresentou de modo breve o debate acerca do problema da lógica na psicologia. Relatou que, ao longo do século XIX e XX, filósofos adentraram a um problema denominado como psicologismo lógico. Citou, em sua crítica, escolas fenomenológicas e existencialistas. Não obstante, apresentou Rubinstein como herdeiro direto dessas escolas. O autor expõe uma citação do começo do livro de Rubinstein[137]:

> Os fenômenos psíquicos já aparecem por sua origem, antes de tudo, vinculados ao *cérebro*, pois surgem e existem unicamente como função ou atividade deste último. O psíquico encontra sua forma primaria de existência em um processo, em uma atividade que é, precisamente, atividade cerebral. Ao investigar a natureza dos fenômenos psíquicos tem por objeto – ou pelo menos como um dos objetos essenciais – o estudo da relação que existe entre os fenômenos psíquicos e o cérebro. O problema reside não em ver se existe ou não dita relação, pois sua existência está fora de toda dúvida, mas em descobri *como é*, de que modo a atividade psíquica está relacionada com o cérebro, quais são os traços diferenciais de dita atividade. Ao tentar resolver esse problema resulta que é insolúvel se no lugar, não se descobre qual é a *relação dos fenômenos psíquicos com o mundo exterior*. (Rubinstein, 1960 [1957], p.11 – Grifos no original).

[135] Vale lembrar que a editora Pueblos Unidos era vinculada ao Partido Comunista do Uruguai. O grupo editorial publicou diversas obras de teóricos soviéticos, por exemplo, Rubinstein, Iakobson, entre outros que encontravam-se em destaque durante os anos, de 1960. Ao mesmo tempo, editaram diversas obras de filósofos soviéticos.

[136] Trata-se de um advogado e filósofo conservador. Foi diretor da revista brasileira de filosofia nos anos iniciais da ditadura militar.

[137] Reproduzo a citação baseada no livro que Vita teve acesso, ou seja, *El ser y la conciencia*, do editorial *Pueblos Unidos*.

Rubinstein inicia sua obra expondo um problema inerente à psicologia soviética: a natureza do psíquico. Referenciando indiretamente Lenin, Rubinstein, recorda que o cérebro é matéria altamente organizada, diga-se de passagem, por se constituir como órgão refletor do mundo material (Lenin, 1967 [1909]). Os fenômenos psíquicos necessitam de uma condição primária: o cérebro humano. Entretanto, não estão presentes neste órgão de maneira inata. A característica reflexiva do cérebro é o que permite que o sujeito reflita o mundo que vive, motivando seu desenvolvimento psíquico. Não obstante, Marx e Engels (2007 [1845-1846) já afirmavam que a consciência é uma relação estabelecida com o meio ambiente.

Em outra passagem, Vita (1961) citou o seguinte trecho:

> O cérebro é somente o *órgão* da atividade psíquica, mas não sua *fonte*. A fonte desta atividade é o mundo que atua sobre o cérebro. A conexão dos fenômenos psíquicos com o mundo exterior aparece, pois, quando se examina o que existe entre os fenômenos psíquicos e o cérebro, e a relação gnosiológica de ditos fenômenos respectivos ao mundo objetivo (Rubinstein, 1960 [1957], p. 13).

Tal como já mencionei acima, o cérebro é apenas o órgão da atividade psíquica, pois reflete o mundo objetivo. O desenvolvimento de uma atividade psíquica tipicamente humana, ou seja, englobando os elementos da consciência, surge das relações estabelecidas no meio social, por meio das mediações presentes nas diferentes atividades humanas. A relação gnosiológica aparece posta na obra de Rubinstein (1960 [1957]) na construção do conhecimento com o mundo objetivo: como na existência os seres humanos se apropriam e constroem o conhecimento, desenvolvendo sua consciência.

Entretanto, parece-me que Vita não avançou mais do que as primeiras páginas do livro de Rubinstein, pois atribuir sua obra como um psicologismo lógico significa negar todo o material posterior contido neste mesmo livro. Ao longo de seu material, Rubinstein (1960 [1957]) apresentou não apenas a relação cognoscitiva do sujeito do conhecimento com o mundo objetivo. Sobretudo, o teórico destacou o intrínseco vínculo entre atividade nervosa superior e atividade psicológica superior. Em outro momento, discorreu sobre a atividade prática como condição para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Apresentou o problema da consciência e do inconsciente, encerrando sua obra nos problemas práticos da psicologia. Ao mesmo tempo, a praticidade de sua obra deu origem a outro material

O pensamento e os caminhos de sua investigação, publicado também pelo editorial *Pueblos Unidos*, em 1959. Nesta obra, Rubinstein (1959 [1958]) analisa diretamente o desenvolvimento do pensamento, tendo como objeto de estudos o intelecto do químico russo Mendelev.

Por fim, Vita (1961) finalizou seu artigo escrevendo:

> Como se vê, estamos diante de uma obra contrastante com as posições metodológicas vigentes no mundo ocidental, quanto ao problema da teoria do conhecimento. E é este contrates que obriga sua leitura como critério de verificação das atuais posições da gnoseologia preponderantes entre nós, que são, como se sabe, de acentuada inspiração idealista (p. 6).

De fato, o conhecimento ocidental acerca da gnoseologia tornou-se predominantemente idealista, diga-se de passagem, vindo de uma tradição cristã e cartesiana. Assim, Rubinstein não apenas nesta obra apresentava uma visão de mundo materialista, desenvolvida a partir de uma perspectiva marxista-leninista. Essa abordagem não era mais uma novidade na União Soviética, tampouco nos países socialistas que trabalhavam no desenvolvimento de uma psicologia de base marxista desde 1917. Sem embargo, o livro de Rubinstein não representa o que foi escrito por Vitta (1961), demonstrando um total desconhecimento do teórico brasileiro por aquilo que estava sendo produzido pelos teóricos marxistas da psicologia.

No entanto, Rubinstein não foi o único teórico soviético em destaque nos anúncios de vendas dos periódicos brasileiros. Pavel Maksimovitch Iákobson (1902-1979) também teve seu trabalho divulgado por jornais como *Novos Rumos* e *Jornal do Commercio*, entre os anos de 1960 e 1961. O livro divulgado era *Psicologia dos Sentimentos*, publicado pelo editorial *Pueblos Unidos*[138], do Uruguai, em 1959. Entretanto, apesar da divulgação de seu material, não encontrei nenhum artigo, texto ou trabalho científico que se referia diretamente à obra.

Entretanto, o teórico mais referenciado durante o decênio de 1960 foi Aleksei Leontiev. Vale iniciar essa apresentação no ano inicial desta década, pois o autor apareceu junto de Smirnov como autor de um livro que era vendido na livraria Jangada, em Santos-SP. O anúncio estava presente no jornal *A Tribuna*.

Leontiev, para além da divulgação deste referido livro, apareceu nas reportagens brasileiras em outras sete oportunidades durante esta mesma década.

---

[138] A editora possui mais dois títulos sob o nome de Iákobson: *Os sentimentos na criança e no adolescente*, publicado em 1965, e, *A vida emocional do aluno*, de 1968.

Ainda no ano de 1960, um artigo de Luís Washington Vitta realizou uma breve apresentação acerca de dois livros de teóricos soviéticos. O primeiro, *Psiquiatria*, foi escrito pelo médico soviético Fedor Izmailovitch Sluchevski (1931-1993). O segundo, a coletânea *Psicologia*, já mencionada neste trabalho. O texto de Vitta (1960) recebeu o nome de *Psiquiatria e Psicologia Objetiva*.

O filósofo brasileiro escreveu que o material gerou um grande entusiasmo aos pesquisadores ocidentais, precisamente, pela possibilidade de conhecimento dos materiais produzidos na União Soviética. Conquanto, Vitta (1960, p. 6) escreveu que, ao mesmo tempo, "[...] tais doutrinas emergem de um povo regido por idéias e ideais completamente diversas e antagônicas às idéias e ideais do Ocidente". Em seguida, Vitta apresentou a psiquiatria e a psicologia soviética como ciências dominadas pelo dogmatismo marxista, demonstrando rigidez às mudanças e realizações de autocríticas.

Em outra passagem, no mínimo, curiosa, Vitta (1960, p. 6) escreveu:

> Claro está que os psicólogos e psiquiatras soviéticos partem de convicções prévias, no caso, o marxismo, como os cientistas ocidentais são norteados por outros condicionadores ideológicos.

É importante destacar a admissão de Vitta (1961) acerca da ciência e sua base ideológica. Tal como já apresentado em outros momentos deste trabalho, a ideologia vem sendo compreendida tal como destacada por Marx e Engels (2007 [1845-1846]), ou seja, ideais predominantes das classes dominantes. Em um contraste geral, no ocidente, predominava a ideologia burguesa nos trabalhos de psicólogos e psiquiatras. Por outro lado, na União Soviética, as bases marxistas nortearam as produções teóricas, tendo como objetivo o desenvolvimento do novo ser humano socialista. Rubinstein (1977 [1945], p.104) afirmava que "a filosofia é uma forma ideológica", por sua vez, a psicologia opera na aplicabilidade desta ideologia.

Em outra passagem do artigo de Vitta, o autor escreveu:

> Daí os psicólogos e psiquiatras soviéticos se qualificarem a si mesmos de materialistas, porquanto afirmam que os fenomenos mentais são derivados de processos materiais e secundários em relação a si mesmos. Isto é, acreditam na realidade do mundo externo material e estão completamente convencidos de que este mundo continuaria existindo mesmo quando eles, ou todos os homens, deixassem de percebe-lo. Por isso a psiquiatria soviética vem mantendo uma linha geral pavloviana, fisiológica, médica e experimental (inspirada, ao mesmo tempo, num ponto de vista plenamente social), enquanto a psicologia soviética é pedagógica pratica e ajustada à promoção da atividade sã e produtiva dos cidadãos pan-russos dentro da organização socialista da comunidade (Vitta, 1960, p. 6).

A citação de Vitta merece alguns destaques e comentários acerca do conhecimento parcial – ou desconhecimento – do que vinha sendo produzido na União Soviética. É importante destacar que a materialidade constitui a condição inicial para o desenvolvimento da vida, ou seja, para a doutrina marxista-leninista, a realidade existe e independe de nossa vontade. Essa tese encontra-se exposta em Marx (2013 [1867]), Engels (1962 [1886]), Lenin (1967 [1909]), entre outros teóricos marxistas. É válido escrever que não era uma novidade no mundo ocidental esse fato de se conceber a realidade, conquanto, apresentava-se como conflitante com os ideais cartesianos e cristãos presentes no ocidente.

Outro ponto que merece destaque é atribuir à psiquiatria o título de pavloviana. É claro, não devemos possuir um pensamento anacrônico acerca daquele momento histórico. Contudo, atualmente temos o conhecimento de que a teoria de Pavlov foi utilizada de maneira dogmática e ideológica em um determinado período da União Soviética, constituindo-se de maneira obrigatória a todos os teóricos soviéticos, extrapolando, por exemplo, a psiquiatria e a medicina. Todavia, admito que Vitta (1960) não possuía informações acerca deste fato, mas a afirmação do autor torna-se tendenciosa, diga-se de passagem, por estar baseada em um único material vindo daquele país.

O terceiro e último ponto que merece destaque é sobre a psicologia e o desconhecimento daquilo que havia sido produzido na União Soviética. Já existiam algumas traduções para outros idiomas. Autores como Leontiev, Rubinstein, Teplov, Luria, Blonski e Vigotski tinham sido traduzidos para outras línguas, tal como já apresentado em outras passagens desta tese. É claro que o acesso a este material era restrito, principalmente pelas barreiras tecnológicas e objetivas impostas pela época; contudo, novamente torna-se tendenciosa a tentativa de definir a psicologia soviética em um único material, principalmente, atribuindo a ela apenas um caráter pedagógico e prático na organização da vida.

Por fim, Vitta (1960) parece não ter avançado para além das páginas iniciais de ambos os livros, pois apresentou apenas trechos escritos ao longo dos primeiros tópicos das obras. Ao mesmo tempo, comparou a reflexologia russa ao comportamentalismo estadunidense, afirmando que a psicologia apresentada como objetiva não era uma exclusividade soviética. Vitta, sem embargo, apresentou de

modo genérico o livro organizado por Leontiev, sem fazer menção ao teórico soviético.

Por sua vez, em 1963, foi publicado no jornal Diário de Notícias um texto de Josef Linhart[139], sob o título *Problemas Psicopedagógicos do Desenvolvimento da Personalidade*. O autor iniciou seu artigo afirmando sobre a necessidade de se analisar as práticas educacionais desenvolvidas em sociedades regidas por diferentes classes sociais. Em sua análise, Linhart (1963) escreveu que isso se constituía como uma necessidade dialética, pois era necessário contrapor os métodos tradicionais, baseados na repetição, com os novos meios de ensino.

Em outro trecho de seu artigo, Linhart (1963) criticou meios comportamentalistas da educação. Apresentou ideias de teóricos estadunidenses e de como a mera repetição, enquanto método de ensino, não promove uma apropriação consciente do conhecimento. Linhart acreditava que deveríamos realizar "[...] um estudo crítico dos fundamentos filosóficos e psicológicos da escola ativa nos países capitalistas" (Linhart, 1963, p. 5). A afirmação vai ao encontro de nossos pressupostos, uma vez que, diga-se de passagem, toda teoria possui por detrás dela, uma epistemologia, consequentemente, uma ideologia. Trabalhando nessa mesma temática, o autor escreveu:

> O instrumentalismo e o operacionalismo contemporâneos não pode se dar conta dessas relações, das quais êles simplificam o caráter dialético. Suas concepções da atividade e do trabalho são estretamente individualistas; consideram o desenvolvimento mental como espontâneo, o que conduz ao "pedocentrismo" (Linhart, 1963, p. 5).

Ou ainda, podemos afirmar se tratar de uma visão pragmática e classista, diga-se de passagem, que limita o desenvolvimento intelectual da classe trabalhadora. Assim, ao mencionar numa teoria antagonista a dos países capitalistas, Linhart apresentou o conhecimento produzido em conjunto com os psicólogos e educadores soviéticos. O autor checo destacou diretamente a obra de Leontiev, *Aprendizagem como problema da psicologia*, afirmando que a dialética deveria fazer parte dos estudos acerca da educação.

Por fim, antes de encerrar seu artigo, de modo inconclusivo, Linhart (1963) citou Skinner, afirmando ser possível utilizar o programa de aprendizagem criado pelo behaviorista. Ao fazer essa afirmação, o autor negou toda a construção crítica

[139] Abaixo do nome do autor constava: Diretor de Pesquisas do Instituto de Pedagogia da Academia Theco-Eslovaca de Ciências. Todavia, não encontrei nenhum dado biográfico sobre o autor.

feita ao longo de seu texto, pois aproximou um teórico pragmatista de psicólogos dialéticos e marxistas da União Soviética. É necessário reafirmar que a compreensão epistemológica de ambos se constitui de maneira antagônica, algo já comentado ao longo deste trabalho. Neste sentido, torna-se confusa a análise realizada por Linhart, precisamente por ter realizado críticas a teorias comportamentalistas, e, ao mesmo tempo, aproximado os trabalhos da teoria soviética da psicologia dos métodos skinnerianos.

Ainda em 1963, apareceu um pequeno escrito acerca dos cosmonautas soviéticos, citando o psicólogo responsável pelo programa espacial, Aleksei Leontiev. O artigo foi publicado no jornal Última Hora, do Paraná. Apesar de pequeno, é curioso o fato de o psicólogo soviético ter conseguido trabalhar até mesmo no treinamento dos cosmonautas para o espaço. A reportagem apresentava, também, a ida da primeira mulher ao espaço. Sobre esse fato, Leontiev declarou que:

> O lançamento do Vostok 6 faz com que esteja próximo o dia que qualquer de nós possa ir ao cosmos. Efetivamente, por suas capacidades físicas e por sua experiência, Valentina Tereshkova está mais próxima de nós do que os cosmonautas que a precederam no espaço (Última Hora, 1963, p. 5).

É curioso, também, o fato de que Leontiev acreditava que todo ser humano teria a possibilidade de realizar um voo espacial. No entanto, vivendo em uma sociedade de classes, em seu molde burguês, tais caminhos encontram-se restritos a apenas uma determinada classe social, a burguesia.

No entanto, a reportagem é interessante por apresentar, não apenas a presença de Leontiev no programa espacial, mas também o trabalho referente a igualdade de gênero presente na União Soviética. Em outro momento, destaca-se na matéria o seguinte trecho:

> O vôo de Valentina Tereshkova é conquencia de que na URSS a mulher está em plano de igualdade com o homem, afirmou, em uma entrevista concebida à Agencia TASS, o professor Vassilly Parin, membro da academia de medicina da URSS (Última Hora, 1963, p. 5).

O fato surge como uma grande curiosidade, precisamente ao se pensar sobre o conservadorismo vivenciado, não apenas no Brasil, mas na maioria dos países capitalistas, organizados num modelo nuclear burguês de família. Assim, acredito ser válido como peculiaridade histórica a presença de Leontiev na história da exploração espacial, mesmo sendo mencionado em um único parágrafo da reportagem.

Todavia, retornando às análises teóricas, em 1964, três diferentes jornais publicaram uma tradução de um pequeno artigo escrito por Leontiev: *Homem do futuro terá mente forte e sentimentos fracos*. Os periódicos que apresentaram esse texto foram: 1) *O Diário, de São Paulo;* 2) *A Nação, de Santa Catarina*; e 3) *O Fluminense*, do Rio de Janeiro.

Antes de apresentar o texto de Leontiev, vale destacar que na publicação feita pelo jornal A Nação, constava, acima do título, uma chamada da reportagem. Nela encontra-se escrito: "*Diz Harriman*[140]*: Onde houver fraqueza, os comunistas tentarão explorá-la*" (A Nação, 1964, p. 3). O jornal havia sido publicado no dia 15 de fevereiro de 1964, menos de dois meses antes do Golpe Militar no Brasil.

Nesse artigo, Leontiev (1964) apresentou de modo breve um problema referente à psicologia: o desenvolvimento dos sentimentos humanos numa sociedade futura. Segundo o autor, um tema que se apresenta como um choque de interesses para antropólogos, sociólogos e psicólogos. De modo imediato, o título do artigo de Leontiev sugere uma crença do psicólogo. No entanto, ao analisar seu escrito, é possível identificar uma crítica às teorias biologizantes, tanto da psicologia, como da antropologia e sociologia.

Leontiev (1964) criticou o modo biologizante de se compreender a evolução humana. O autor analisou a ideia e o conceito de *homo sapientissimus*[141], afirmando que não será uma evolução meramente biológica que transformará os processos psicológicos da humanidade. Contrapondo as noções inatistas e biologizantes, Leontiev escreveu:

> O homem não nasce dotado das conquistas históricas da humanidade. As conquistas do desenvolvimento das gerações anteriores não encarnam nele nem em suas aptidões naturais, mas no mundo que o rodeia: as grandes obras da cultura humana. Sómente apreendendo tais progressos, no processo de sua vida, o homem adquire propriedade e capacidade verdadeiramente humanas. Isto é como se o tivessem posto sobre os ombros de gerações anteriores, elevando-o, bem alto, sobre o mundo animal (Leontiev, 1964, p. 3).

Leontiev apresentou uma ideia e noção desenvolvida por Vigotski nos últimos anos da década de 1920: a ideia de que o desenvolvimento psíquico é fruto do desenvolvimento material e histórico. Tese, por sua vez, que já se encontra

[140] Acredito se tratar do diplomata estadunidense William Avarell Harriman (1891-1986).

[141] No jornal aparece escrito como: *homo saplentisimus*. Acredito tratar-se de um erro de tradução ou digitação.

difundida como germe em Marx (2010 [1844]). Essa noção do desenvolvimento humano norteou toda a história da psicologia soviética.

Já no fim de seu artigo, Leontiev afirmou que o desenvolvimento de um novo ser humano, dotado de capacidades intelectuais mais desenvolvidas, não passaria unicamente pela evolução biológica. Assim, o autor afirmou que

> Tal objetivo é realizável; mas, sob condições que sejam capazes de libertar realmente os homens do fardo da pobreza material, de eliminar a separação do trabalho intelectual do físico que os deforma, de criar um sistema de educação que assegure o seu desenvolvimento harmônico em todos os sentidos, dando possibilidades a cada um de participar conscientemente em todas as atividades humanas. Assim serão os homens do futuro. (Leontiev, 1964, p. 3).

O autor apresentou a solução para um novo desenvolvimento da humanidade, ou seja, as transformações das bases materiais que criam as condições para a existência de toda pobreza, seja no sentido material, seja no espiritual. Portanto, uma futura evolução para o *homo sapientissimus* não seria biológica. Se constituiria, na verdade, nas relações concretas de existência da vida. Por fim, em nenhum momento de seu texto Leontiev (1964) mencionou que o ser humano do futuro teria sentimentos fracos. Realizar tal afirmação significaria contradizer toda a teoria soviética da psicologia, seja baseada em Vigotski, Rubinstein, ou em outros teóricos. Não podemos ignorar que a atividade é sempre motivada pelo afeto, seja ele negativo, ou positivo. Porém, o sujeito é afetado durante esse processo.

Por fim, o último material encontrado sobre Leontiev, novamente nos conduz às viagens espaciais da União Soviética. Em 1966, foi publicada uma reportagem, no jornal Diário de Pernambuco, acerca de uma visita em uma base espacial soviética, tendo como um dos entrevistados o psicólogo Aleksei Leontiev. No único trecho em que o teórico é mencionado, tem-se: “Tomou depois a palavra o professor Leontiev, prêmio Lenine e presidente da academia de ciências pedagógicas, que propugnou uma intensificação das relações científicas entre os dois países” (Diário de Pernambuco, 1966, p. 2). Infelizmente, no periódico não consta a fala completa do soviético. Entretanto, é curiosa a forma como Leontiev aparecia retratado no Brasil durante esse período histórico. Quiçá, alguém pudesse imaginar que ao lado de Vigotski e Luria faria uma verdadeira transformação nos trabalhos da psicologia e educação brasileira, por sinal, apenas duas décadas depois.

Dando sequência a outros teóricos, vale apresentar uma nota sobre Olga Skorokhodova. Em mais um decênio, a autora ganhou um pequeno destaque no

jornal A Nação-SC. Sob o título de *Cega Sábia*, em 1962, apareceu no periódico a seguinte reportagem:

> Olga Skorojodova, surda, ceda, e outrora muda, defendeu nesta capital a tese científica sobre o tema "Como assimilo e se me apresenta o mundo exterior."
> Vários professores, pedagogos e psicólogos, decidiram conceder-lhe o título de candidato a doutor em Ciências Pedagógicas na Seção de Psicologia. (A Nação, 1962, p. 4).

O trabalho defendido por Olga foi publicado, posteriormente, em forma de livro. Infelizmente, a única versão obtida para esta tese encontra-se disponível em russo, dificultando o acesso aos demais pesquisadores (Skorokhodova, 1972). Entretanto, é nesse curioso livro que se encontra uma coletânea de poesias[142] da autora soviética. Apesar da pequena nota, vale a consideração acerca daquilo que vinha sendo produzido na União Soviética, não apenas no sentido teórico, mas, acima de tudo, na emancipação humana. Em qual país, sob o modo de produção capitalista, se produziam em massa condições para a objetivação de pessoas com deficiência. É válido lembrar que tais realizações foram feitas antes de 1960, trabalho inimaginável no capitalismo.

Tal afirmação pode ser até mesmo contestada pelo denominado Milagre de Anne Sullivan. Todavia, sobre esse fato, em 1961, apareceu uma publicação no jornal Correio da Manhã, sob título de: *Semeadores de Almas: Sôbre "O Milagre de Ana Sullivan*". O artigo, assinado por Van Jafa[143], foi escrito, na verdade, por Pedro Bloch (1914-2004)[144] e citou diretamente dois teóricos soviéticos: Luria e Skorokhodova. O autor iniciou a apresentação da reportagem citando uma viagem à União Soviética. Em suas palavras:

> "Eu estava frequentando o Instituto de Defectologia de Moscou, para me familiarizar com seus processos, quando o grande neurologista professor Luria me apresentou Skhorochodova. Surda e Cega. Uma simpatia humana que transbordava. Ela mesma me mostrou as aulas que dava e obras de arte de gente com sentidos mutilados. Perguntou-me se eu era do Brasil, falou em coisas brasileiras; para espanto meu, chegou mesmo a analisar-me como pessoa tocando-me mãos e rosto. Falava um russo perfeito e transmitia uma alegria de viver, de ser, de existir, verdadeiramente contagiante" (Bloch, 1961, p. 3).

Talvez esse se torne um dos achados mais interessantes deste trabalho. Imaginar que um brasileiro teve acesso ao instituto de defectologia, torna-se

---

[142] Apresentei uma das poesias deste livro, páginas acima.

[143] Possível pseudônimo de José Augusto do Amaral.

[144] A família de Pedro Bloch veio da Rússia no começo do século XX, no entanto, não encontrei dados biográficos referentes a visitas do médico brasileiro a União Soviética.

espantoso, a partir de um ponto de vista histórico. O fato de ter conhecido duas importantes figuras da história da psicologia e educação soviética, aparece-nos, também, como grande surpresa. Em outro trecho, o autor escreveu:

> A seu lado, tocando-lhe os dedos como numa harpa que transmitia mensagens, por atalhos estranhos, a Skorochodova, estava uma mulher humilde, de olhos liminosos. Era a educadora. Desistira de viver sua própria vida para ser a "manipuladora" daquele ser roubado em seus sentidos essenciais. Cada sentimento, cada pensamento, cada reação, tinham sido ali semeados, plantados, enraizados. O mais curioso é que a extraordinária mestra fazia de conta que ela não tinha nada a ver com aquêle milagre. Olhava para outro lado como aqueles ventríloquos peritos que querem fazer crer que ideias e falas brotam diretamente dos bonecos.
> Ela transmitia tudo o que eu dizia a sua pupila. A certa altura eu disse:
> - Sim, estou fascinado com Skorochodova, mas a senhora me permita que eu deposite em suas mãos a imensa admiração que lhe tenho pelo que conseguiu realizar. A senhora, sim, é que é o verdadeiro milagre como ser humano.
> Shorochodova ficou ansiosa e perguntou:
> - O que foi que ele disse? (*Tchto on skazal?*)
> E ai pude sentir o que erarealmente grandeza, porque percebi que a mestra não transmitira as palavras que eu lhe dissera. Em vez disso, "disse" que eu estava louvando a fala e a voz de sua discipula.
> Jamais poderei esquecer a expressão do rosto de Skorochodova e a alegria da mestra olhando a alegria da cega-surda (Bloch, 1961, p. 3).

Bloch compreendeu que o milagre foi, na verdade, um longo processo de trabalho e educação. Sem a mediação da professora, Olga jamais teria se desenvolvido, tal como Anne Sulivan, que, por sinal, aparece como título da reportagem pela peça teatral que era apresentada em Copacabana. Assim, é possível afirmar que não existe milagre na educação. Tal objetivação é fruto de um longo e árduo processo de mediação. No entanto, diferente dos Estados Unidos, a União Soviética, replicava diariamente essa façanha.

Por sua vez, no final desta mesma década, em 1969, Alexander Luria retornou às manchetes brasileiras no jornal Diário de Notícias, do Rio de Janeiro. Ao lado de uma reportagem sobre a jovem guarda e o novo lançamento de Roberto Carlos, apareceu um anúncio sob o título de *Psicanálise e Filosofia*. Nele, havia a divulgação de uma edição da revista Tempos Brasileiros, cuja temática referia-se à psicanálise. Em meio a diversas publicações críticas de autores como Sartre, Nise da Silveira, Politzer etc., havia um texto sobre Vigotski, de autoria de Alexander Romanovitch Luria[145]. O artigo, denominado *Vygotski e o estudo das funções*

[145] No Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro, a notícia acerca do livro aparece da seguinte maneira: Constam do trabalho artigos sobre Vygotsky e o estudo das funções psíquicas superiores, o **Inconsciente em Sartre e Politzer, Defesa pela Ausência, Psicanálise e Estruturalismo,** além de um **Vocabulário de Psicanálise,** de autoria de Laplance e Pontalis (Jornal do Brasil, 1969, s/p – Grifos no original).

psíquicas superiores[146], foi publicado integralmente em português, traduzido por Lilian Rose Shalders[147]. Com cerca de 11 páginas, Luria realizou uma rápida apresentação e introdução sobre a teoria de Vigotski.

Remetendo à história, o neuropsicólogo, afirmou que por volta do ano de 1925, havia diversas teses na União Soviética, ambicionando um novo desenvolvimento da ciência psicológica no país. Não obstante, Luria (1969) apresentou Vigotski como um dos principais teóricos no desenvolvimento de uma nova psicologia. Em suas palavras:

> Constituíam a obra de L. Vygotski, jovem psicólogo soviético que ainda não tinha 30 anos. À sua volta formou-se um grupo êste que empreendeu numerosas pesquisas segundo um plano preestabelecido. Foi assim que começou um trabalho de 40 anos, que ia tornar-se uma das vias de desenvolvimento mais fecundas da ciência psicológica soviética (p. 74).

Tal como em outros materiais, por exemplo, *A construção da mente* e *O cérebro humano e os processos psíquicos*, Luria iniciou seu trabalho com a apresentação de Vigotski, destacando-o como teórico fundamental para o desenvolvimento de uma nova psicologia, no princípio do século XX. Ao mesmo tempo, a apresentação de Luria não dava apenas destaque a Vigotski, mas a todo um cenário histórico, vivenciado pela ciência psicológica desse período.

Luria salientou a crise da psicologia, afirmando que sua principal manifestação ocorria em sua incapacidade de explicar os fenômenos e processos superiores, inerentes à consciência humana. O autor afirmou que a psicologia se dividia basicamente em duas vertentes. A primeira, baseada na psicofisiologia, pretendia explicar os processos básicos do desenvolvimento psíquico, aqueles compartilhados com os animais, mas, no entanto, ignoravam as formas superiores do comportamento humano. A segunda, baseava-se numa forma extremamente descritiva, ou seja, era a mera descrição das funções psicológicas superiores, porém não conseguia explicar sua origem e desenvolvimento. Luria, frisou que

> Ultrapassar esta crise foi a tarefa fundamental a que se propôs Vygotski. A psicologia devia tornar-se uma ciência que, longe de excluir os processos psíquicos superiores da esfera da análise científica, deles fizesse objeto de pesquisa científica; devia explicar a origem e as leis de formação da atenção ativa e da memorização voluntária, do pensamento categorial e da

---

[146] Parte deste texto apareceu no livro *O Cérebro humano e os processos psíquicos*, de Luria. A primeira versão foi escrita, em 1963, por sua vez, a tradução feita pelo editorial *fontanella*, da Espanha, foi publicada, em 1979.

[147] Lilian Rose Shalders trabalhou na tradução do livro *Doença Mental e Psicologia*, de Michel Foucault, em 1975. O material foi publicado, também, pela editora Tempo Brasileiro. Entretanto, não encontrei nenhum dado biográfico acerca da tradutora.

> atividade voluntária; devia estuda-los da mesma maneira que estudava as leis da sensação elementar e da simples reação motora (Luria, 1969, p. 75-76)

Não obstante, a principal tarefa de toda a psicologia soviética nas décadas de 1920 e 1930 foi investigar o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Esses trabalhos se tornaram base fundamental para grande parte das pesquisas realizadas até os dias de hoje na ciência psicológica. Reconhecer esse fato significa, ao mesmo tempo, admitir a potencialidade presente nos trabalhos de Vigotski. Sua criação científica permanece presente na ciência, não como protocolo histórico, mas como condição para novas objetivações (Shuare, 2016 [1990]).

Luria (1969) salientou que Vigotski teve o mérito de eleger unidades de análises em suas investigações, atribuindo ao instrumento e signo, ponto de partida inicial para a produção das funções da consciência humana. Nas palavras do autor:

> Vygotski tinha a mesma posição de partida que a teoria clássica da atividade reflexa. Mas salientava as "unidades" essenciais no comportamento do homem e considerava-as objeto de um estudo científico. Eis porque Vygotski tendia a considerar a utilização dos instrumentos e signos como ponto de partida para a formação das funções psíquicas superiores do homem e, simultâneamente, a denominar o campo de seu estudo de psicologia instrumental (Luria, 1969, p. 76-77 – Grifos no original).

É necessário destacar a principal curiosidade da passagem de Luria: nem psicologia histórico-cultural, tampouco, sócio-histórica. O teórico soviético escolheu o termo instrumental para identificar a forma conceitual que Vigotski denominava sua abordagem psicológica. Esse dado não apareceu apenas nesse material. Em diversas obras, Luria faz questão de relatar os caminhos históricos de Vigotski, evidenciando sua teoria como psicologia instrumental[148]. Por exemplo, no livro autobiográfico: *A construção da mente*, Luria escreveu:

> Vygotsky gostava de chamar essa abordagem de psicologia "cultural", "instrumental" ou "histórica". Cada um desses termos refletia uma característica diferente da nova abordagem que ele propôs para a psicologia. Cada qual enfatizava uma das facetas do mecanismo geral pelo qual a sociedade e a história social moldam a estrutura daquelas formas de atividades que distinguem o homem de outros animais (Luria, 1992 [1979], p. 48).

A história e a mediação cultural, tal como o uso de instrumentos, sejam eles, da atividade prática ou psicológica, estão presentes na origem das formas superiores do comportamento humano. O psiquismo se desenvolve de maneira histórica, se transforma nas mudanças estruturais e tecnológicas presentes na

[148] Na versão do livro *O cérebro humano e os processos psíquicos*, a teoria de Vigotski apareceu descrita, também como psicologia instrumental.

sociedade. Não devemos esquecer que a atividade condiciona o desenvolvimento de novos instrumentos. Por sua vez, essas novas ferramentas modificam e transformam a regulação da própria atividade (Rubinstein, 1963 [1959]). Sem embargo, é curioso Vigotski aparecer descrito como representante da psicologia instrumental. Em menos de vinte anos, a psicologia sócio-histórica, na PUC de São Paulo, iniciaria uma leitura rigorosa desses materiais.

Dando continuidade, Luria, escreveu que Vigotski compreendeu que não seria se limitando às descrições fenomenológicas, tampouco às reações fisiológicas, que conseguiria descobrir todas as relações que produzem a consciência humana. Em suas palavras:

> Não há esperança alguma, dizia êle, de encontrar as fontes do ato ativo e livre nas alturas do espírito ou nas profundezas do cérebro. A tentativa idealista dos fenomenólogos é tão desesperada quanto a positivista dos naturalistas. Para descobrir as origens do ato livre e ativo, é preciso sair dos limites do organismo e isto, não na esfera íntima do espírito, mas nas formas objetivas da *vida social*; é preciso buscar as fontes da consciência e da liberdade humanas na história social da humanidade. Para encontrar a alma, é preciso perdê-la (Luria, 1969, p. 78).

As análises feitas por Vigotski conduziam a que as formas superiores do comportamento humano não estavam presentes como condições meramente subjetivas, na verdade, o subjetivo somente se desenvolveria nas relações objetivas da vida concreta. Por esse motivo, é necessário afirmar que “a atividade psíquica é determinada pelos caminhos da vida e muda de acordo com as mudanças nos caminhos da vida”. (Petrovski, 1985, p. 22). A citação de Petrovski auxilia-nos na defesa de que para existir vida psíquica, em suas formas superiores, devem inicialmente haver condições para isso, tanto materiais, quanto intelectuais.

Enquanto Luria descreveu a formação dos processos ontogênicos do desenvolvimento infantil, uma nota de rodapé da tradutora desse artigo chamou a atenção. Enquanto o teórico soviético apresentou breves diferenças nas concepções de Piaget e Vigotski, a tradutora desse texto apresentou o livro *Pensamento e Linguagem*, de Vigotski, traduzido em língua acessível, segundo ela, pelo Editorial Lautaro[149]. Na edição constava o famoso prefácio de Piaget (1973) sobre as críticas de Vigotski acerca de seu trabalho. O texto recebeu o nome de *Comentários sobre as observações críticas de Vygotsky.* Tendo como abertura a seguinte passagem:

[149] Editorial Argentino que funcionou entre os anos de 1942 e 1966. A referida obra de Vigotski, foi traduzida e editada, em 1964. No entanto, não encontrei nenhuma cópia disponível, seja física ou online.

> Não é sem tristeza que um autor descobre, 25 anos após sua publicação, a obra de um colega, morto nesse ínterim, quando ela contém, para ele, tantos pontos de interesse imediato, os quais teria podido discutir pessoalmente e detalhadamente. Embora o meu amigo A. Luria me tivesse informado sobre a posição simpatizante, ainda que crítica, de Vygotsky a respeito do meu trabalho, não pude jamais ler os seus escritos ou encontrar-me com ele pessoalmente; ao ler o seu livro hoje, isto me desagrada profundamente, porque poderíamos ter-nos entendido sobre muitos pontos (Piaget, 1990, p. 69).

A passagem de Piaget serviu apenas para ilustrar a potencialidade teórica contida na obra de Vigotski. É necessário recordar que Vigotski (2009 [1934]) era extremamente crítico em suas análises sobre Piaget. Todavia, é curioso o fato de que, em 1960, essa obra já circulava nos países sul-americanos, em específico, ao lado do Brasil, na Argentina.

Dando continuidade ao artigo de Luria, é importante destacar que o teórico apresentou a discussão sobre a presença das funções psicológicas superiores a partir de uma perspectiva interpsicológica e intrapsicológica. Assim, as formas superiores da atividade psicológica nos seres humanos se desenvolvem somente com a autorregulação da própria atividade psicológica, ou seja, algo que ocorre durante a interiorização desses processos. O que era antes interpsíquico, transformou-se na atividade mediada em intrapsíquico. Ao apresentar as condições iniciais sobre o desenvolvimento psíquico da criança, Luria (1969) apresentou as pesquisas realizadas por Vigotski, todavia, citando os trabalhos de seus continuadores. Nestas exemplificações utilizou as investigações de

> [...] A. Léontiev sobre o desenvolvimento das formas complexas de memória, dos estudos de A. Luria e A. Zaporoietz sobre a formação dos movimentos voluntários e a regulação dos atos pela linguagem até os trabalhos teóricos de P. Galperine e D. Elkonine – para que tomasse corpo, nitidamente, a teoria da formação das funções psíquicas superiores e das formas de seu comando, que é o centro da psicologia soviética (p. 80).

Tais teóricos[150] ficariam, anos mais tarde, conhecidos nas investigações brasileiras. Alguns, tal como Leontiev e Elkonin, ganharam traduções de suas obras para o português. Por sua vez, Galperin e Zaparozhets não tiveram seus trabalhos traduzidos por editoras nacionais.

Ao avançar na apresentação acerca das funções psicológicas superiores, Luria (1969) expôs outro problema, diga-se de passagem, diretamente relacionado a psicofisiologia: o problema da localização das funções psíquicas no cérebro humano. O autor defendeu que Vigotski tinha razão em afirmar que as formas

[150] Em outro momento deste artigo, Luria referenciou os trabalhos e pesquisas de L. Bozhovich

superiores do comportamento humano não estavam postas no cérebro, mas sim nas relações sociais. O teórico ainda afirmou que as pesquisas posteriores, realizadas na área da neuropsicologia, comprovaram a tese de Vigotski. Por exemplo, caminhando para o fim do artigo, Luria escreveu:

> É característico que a destruição desta ou daquela zona limitada do córtex cerebral possa gerar distúrbios dos processos psíquicos superiores inteiramente diferentes na criança e no adulto. Se na criança a lesão desta ou daquela zona cortical limita o desenvolvimento dos processos mais altamente organizados que tem esta zona como base de desenvolvimento, no adulto, em compensação, a organização complexa dos processos psíquicos já tendo ocorrido, a lesão desta mesma zona se manifesta sobretudo por um distúrbio de funções muito mais elementares localizadas sob a regulação das formas superiores da atividade. O poder de sistematização de um centro se propaga de baixo para cima na infância e de cima para baixo na idade adulta. Esta tese, formulada por Vygotski há 35 anos, mostra o quanto a nova teoria da localização por sistemas dinâmicos dos processos psíquicos afastou-se das concepções ingênuas sobre a localização direta das funções, que parecia, recentemente ainda, inabalável (Luria, 1969, p. 84).

Apesar de Luria não ter citado diretamente a relação entre Vigotski e a Teoria Social de Marx, esse vínculo apareceu posto ao longo de todas as teses apresentadas, incluindo essa última citação. As formas superiores do comportamento, ou seja, as funções psicológicas tipicamente humanas, continuam presentes – de maneira limitada – mesmo diante uma lesão cerebral. Por outro lado, a criança que nasceu com determinado comprometimento no cérebro, terá maiores dificuldades em se apropriar de tais funções superiores. Enquanto o adulto lesionado possui constituídas tais relações, a criança estará iniciando um processo contínuo de superação das etapas elementares. Em sua defesa está posto o adágio de que é a anatomia dos seres humanos, a chave para a anatomia do macaco (Marx, 2008 [1859]). A desintegração de processos complexos significa, ao mesmo tempo, a possibilidade de se compreender seu desenvolvimento. Luria demonstrou essa tese de modo audacioso em seu livro *O homem com um mundo estilhaçado*[151].

Embora em nenhum momento do artigo Luria tenha citado diretamente as teses de Marx[152] presentes na psicologia soviética, é possível afirmar que suas ideias estão presentes no modo de se compreender o desenvolvimento psíquico, precisamente, já apresentado ao longo de toda essa tese. Notadamente, Luria não

[151] Romance científico escrito por Luria. Conta a história de um soldado que sofreu uma lesão cerebral. Durante o texto, é possível identificar a capacidade plástica do órgão cerebral, ao mesmo tempo, como as formas superiores continuaram presente mesmo após o ferimento.

[152] Apenas a fim de curiosidade, o capítulo subsequente desta coletânea é denominado: *Marxismo e Psicanálise*, foi escrito foi Otávio de Freitas Júnior.

conseguiu em um único capítulo expor as principais ideias de Vigotski, tampouco da psicologia soviética. No entanto, vale lembrar que a publicação ocorre em meio a Ditadura Militar no Brasil, diga-se de passagem, em um período extremamente repressivo, após a publicação do AI-5, em 1968.

Apesar dos poucos materiais encontrados, 1960 se mostrou como uma significativa década na entrada de materiais soviéticos no Brasil. Mesmo diante da repressão ditatorial que se iniciou em 1964, os textos continuaram aparecendo em meio a reportagens e divulgações jornalísticas. Ao mesmo tempo, encerro esse decênio com esse achado acerca da teoria de Vigotski, escrito por Luria. Todavia, creio que a maior curiosidade, perdida ao longo de toda essa história tenha sido a visita de Pedro Bloch à União Soviética, conhecendo a escola de Zagorski, Luria e Olga Skorokhodova. Imaginar que 30 anos antes da divulgação do documentário, produzido pela BBC de Londres, *As borboletas de Zagorski,* um brasileiro tinha o conhecimento daquilo que vinha sendo produzido na remota escola, símbolo da defectologia soviética.

3.6. Os Anos de 1970: Dos artigos de jornais para as produções científicas

Nos anos iniciais de 1970, as repressões militares continuaram acontecendo e crescendo diariamente. Os movimentos contrários ao regime eram silenciados por censuras, violências, torturas, assassinatos e desaparecimentos. Em meio às diversas propagandas nacionalistas encontradas nos jornais brasileiros, novamente, destacam-se as pequenas publicações sobre a teoria soviética da psicologia. Muitas reportagens continuaram aparecendo de maneira curiosa nos periódicos brasileiros, em uma tentativa de burlar a censura da época imposta pelos militares. Por exemplo, a matéria sobre Olga Skorokhodova e a educação de pessoas cegas e surdas, organizada no caderno de costura de um jornal manauara.

No entanto, essa foi uma década em que se iniciou uma apropriação acadêmico-científica sobre teóricos da psicologia ou educação soviética. Por exemplo, no começo deste decênio, em 1970, foi publicado o livro *Linguagem e Razão Humana*[153], de Aleksei N. Leontiev. O material foi traduzido em Portugal pelo

[153] Não encontrei para consulta nenhuma edição em português. Em russo o livro aparece sob o mesmo título quando transliterado *Yazyk i razum tcheloveka* (Leontiev, 1965).

Editorial Presença, de Lisboa. O título era comercializado no Brasil pela livraria Martins Fontes[154].

Aleksei Leontiev retornaria ainda aos jornais brasileiros no final dessa mesma década. Todavia, o foco da notícia não seria ele, mas sim, os formandos cegos-surdos da Universidade de Moscou. Em 1978, dois periódicos brasileiros apresentaram a tradução de uma reportagem escrita por Alla Vavilova[155], acerca da educação de pessoas com deficiência visual e auditiva.

No dia 21 de fevereiro de 1978, foi publicado no jornal Correio Braziliense a reportagem de Alla Vavilova, sob o título de: *Anatomia do milagre*. Alguns dias depois, em específico, 26 do mesmo mês, a mesma notícia foi editada no periódico Jornal do Commercio, de Manaus. Com o mesmo título, a matéria foi divulgada no final do jornal, no caderno feminino, ao lado dos recortes de costura. A reportagem jornalística contava a história dos quatro alunos cego-surdos que frequentaram a Universidade de Moscou. A trajetória de Seguei Sirotkin, Aleksander Survov, Iuri Lerner e Natalha Korneieva,[156] ganhou destaque como os primeiros tiflosurdos que receberam instrução em uma universidade.

A reportagem, para além de apresentar os quatro alunos participantes do experimento, traz nomes como Ivan Afanasyevitch Sokolianski (1889-1960), Olga Skorokhodova, Aleksandr Ivanovitch Meshcheriakov, Aleksei Leontiev, Aleksandr Eliseevitch Paltov (1943-), Bonifaty Mikhailovitch Kedrov (1903-1985), Nikolai Petorvitch Dubnin (1907-1998) e Vsevold Nikolaevitch Stoletov (1906-1989). É curioso o fato de que o nome do filósofo Evald Vasilievitch Ilienkov (1924-1979) não apareceu descrito na reportagem. No entanto, o teórico acompanhou de perto as pesquisas envolvendo a defectologia. Em uma publicação denominada como

---

[154] Posteriormente essa livraria se tornaria a editora Martins Fontes, responsável pelas primeiras traduções de Vigotski, no Brasil, incluindo títulos polêmicos como: *A Formação Social da Mente* e *Pensamento e Linguagem*. Os dois livros, editados por teóricos estadunidenses. Nestes dois materiais, Vigotski, pode ser facilmente confundido como um autor cognitivista, precisamente, pela ausência metodológica e cortes epistemológicos organizados pelos editores.

[155] Sobre a autora, encontrei diversos nome de Alla Vavilova, portanto, não é possível ter certeza exata sobre quem escreveu tal reportagem.

[156] Trata-se de Natasha Krilatov, personagem do documentário *As Borboletas de Zagorski*. Por conta da transliteração e tradução, seu nome apareceu na reportagem como Natalha. Todavia, seu nome em russo aparece como *Наталья николаевна Корнеева*, numa transliteração mais próxima para o português encontraríamos: Natalia Nikolaevna Korneeva. A psicóloga adotou o sobrenome Krilatov, após casar-se com seu marido Iuri. Atualmente, Natalia é pesquisadora no Instituto de Psicologia da Academia Russa de Educação. Uma grande curiosidade acerca de sua vida, é que uma de suas filhas – Evaldina – recebeu seu nome em homenagem ao filósofo Evald Ilienkov, que lideou o experimento com os quatro jovens cego-surdos em Zagorski e, posteriormente na Universidade de Moscou (Uthcitelskaia, 2026).

Ciências Sociais na U.R.S.S, publicado, em 1976, pela editora Novo Curso Editores, de Portugal, apareceu um texto compartilhado por diversos teóricos acerca da experiência de Moscou. O artigo recebeu o título de *Experiência única dos psicólogos soviéticos: quatro cegos-surdos-mudos na Universidade de Moscovo*. Nele, Ilienkov destacou a capacidade analítica e filosófica dos jovens antes de ingressarem na universidade[157] (Leontiev et al, 1976).

Conquanto, retornando a reportagem de Alla Vavilova[158], é válido apontar que a autora iniciou suas considerações relatando sobre o sucesso de dois educadores a respeito da educação de pessoas cega-surdas. Vavilova (1978) menciona Anne Sulivan, nos Estados Unidos, e Ivan Sokolianski, na União Soviética, tal como suas respectivas educandas, Helen Keller e Olga Skorokhodova. No entanto, a autora apresentou outro importante personagem nessa história, Aleksandr Meshcheriakov, afirmando que ele conseguiu replicar quatro vezes o experimento de seu professor Sokolianski. Vavilova, apresentando as conquistas em termos de desenvolvimento de crianças com deficiência, mencionou sobre a principal discordância de Sokolianski e Meshcheriakov com os colegas estrangeiros. Escreveu, ainda, que os teóricos soviéticos consideravam de grande importância que a linguagem inicial dessas crianças fosse relacionada aos objetos existentes na cultura, afirmando que a linguagem, tal como representações de signos, reestruturaria, posteriormente, o psiquismo de tais pessoas. Escreveu a autora:

> O mundo do tiflo-surdo-mudo deixará de ser um deserto árido se o homem penetrar nele. O nosso primeiro diálogo com o ser que nos não vê e não ouve é só possível na linguagem dos objetos como a colher, a toalha, a cadeira, o travesseiro. Eles serão o alfabeto desta linguagem. O falar não inicia, mas coroa o desenvolvimento nas condições da tiflo-surdo-mudez. Esse foi o ponto essencial das divergências entre Sokolianski e Mestcheriakov com os seus colegas estrangeiros. Para que a pessoa sem o ouvido e vista utilize conscientemente a língua, ligando as palavras às coisas realmente existentes, é preciso "introduzir" estas coisas no seu mundo interno e conseguir que ela perceba os objetos adequadamente ao seu significado no sistema de cultura humana (Vavilova, 1978, p. 4 – Grifos no original)

A afirmação apresentada por Vavilova vai ao encontro do que foi defendido por Vigotski e Luria (1996 [1930]), Vigotski (2009 [1934]) e Rubinstein (2002 [1945]), ou seja, a atividade objetal, mediada pelo adulto, por meio da utilização das ferramentas humanas, cria a condição inicial para o desenvolvimento de relações

[157] Apresentei o trecho de Ilienkov ao longo do capítulo dois desta tese.
[158] Optei por utilizar a versão do Jornal do Commercio pela melhor legibilidade da página.

mais complexas do comportamento consciente. A base de todo esse desenvolvimento objetal será reorganizada, de maneira qualitativa, com a aquisição da linguagem. Não obstante, tanto Vigotski quanto Rubinstein, citavam Goethe ao escrever que o princípio do desenvolvimento se estabelece no ato. É evidente que essa afirmação não passa apenas pelo ato em si, puro, desnudado de todos os elementos sociais. Tanto Vygotski (2012 [1932]) quanto Rubinstein (1968 [1957]) entendiam que sem o afeto não existe atividade. O ato afetivo é o que movimenta e motiva a realização da própria atividade intencional. Enquanto Vygotski afirmava que o afeto era o alfa e o ômega, Rubinstein defendia que

> todo o processo psíquico tem um aspecto cognoscitivo, mas não se reduz a esse aspecto. Regra geral, o objecto reflectido nos fenómenos psíquicos afecta as necessidades e os interesses do indivíduo, pelo que lhe provoca uma determinada atitude emocional e volitiva (desejos e sentimentos). Todo o acto psíquico concreto, toda a "unidade" de consciência, compreende os dois componentes: um deles é intelectual ou cognoscitivo, o outro é afectivo (não no sentido em que o entende a psiquiatria moderna, senão que no sentido da filosofia clássica do século XVII, por exemplo na de Espinosa, e também na dos socialistas utópicos do século XVIII (Rubinstein, 1968, p. 9-10) .

Sem o aspecto afetivo presente na atividade não existe a condição cognoscitiva no desenvolvimento psíquico. Isso vale também para a educação de crianças cegas e surdas, citadas por Vavilova. Os ensinamentos acerca do mundo não bastam na intelectualidade, devem extrapolar esse campo cognitivo. Rubinstein, em sua passagem, adentra brevemente no problema da *perejivanie,* afinal, todo ato psíquico concreto, significa, toda vivência emocional intensa que transforma o desenvolvimento psíquico do sujeito, ou ainda, um marco concreto que modifica qualitativamente a personalidade da pessoa. Vale recordar que na década passada apresentei o livro de Pável Iakobson, *Psicologia dos Sentimentos*, material que era comercializado no Brasil, e possui uma pequena passagem sobre a educação dos sentimentos em crianças cegas e surdas. São destacadas fotografias que permitem identificar como esses processos não são naturais, pelo contrário, encontram-se mediados no afeto e nos instrumentos criados por seres humanos, para outros seres humanos (Iakobson, 1959). A citação de Vavilova (1978), não transmitiu apenas o uso indiscriminado da atividade objetal, mas, sobretudo, demonstrou a intensa conexão existente entre o educando e o educador. Por esse motivo, Vygotski (2012 [1932]) considerava que o afeto era o alfa e o ômega do desenvolvimento psicológico. Esse fato fica evidente em outra passagem de Vavilova:

> O pedagogo segura com a sua mão grande e forte a mão mole e indolente da criança em que foi colocada a colher. Esta mão dupla comum leva a comida aos lábios da criança. Mas leva-a lentamente, fazendo-o de propósito, pois esta é a vontade do adulto. A criança, porém, tem fome. De repente, a criança que era sempre indolente força a sua mãozinha, desejando puxar mais rapidamente a colher. Ei-la a primeira e a mais importante vitória! No entanto, decorrerão não dias nem semana, mas muitos e muitos mexes antes que ela seja alcançada (Vavilova, 1978, p. 4).

A autora ainda afirmou que, segundo Meshcheriakov, quando a criança reconhecer o papel do instrumento em sua alimentação, será um dos passos iniciais para a superação de sua total ausência de comunicação com o mundo ao seu redor. No entanto, outro fato que merece destaque é sobre a escola de Zagorsk. O famoso documentário, utilizado por diversos professores e pesquisadores brasileiros, adentra ao cenário brasileiro apenas em 1990, popularizando-se ainda mais com o avanço do *youtube*. No site, existem vídeos sobre Zagorsk que possuem 17 anos. Porém, no jornal, apareceu escrito pela autora:

> Em 1963, na cidade de Zagosk, na região de Moscovo, abriu-se um estabelecimento de ensino especializado para crianças tiflo-surdas. A metodologia de Sokolianski-Mestcheriakov resistiu aqui múltiplas provas práticas. Até agora, 20 rapazes e raparigas que estavam condenados a uma solidão ilimitada foram levados ao caminho da vida laboral independente. Foi nesta escola que estudaram os quatro admiráveis: Srotkin, Suvorov, Lerner e Korneieva (Vavilova, 1978, p. 4).

Esse é um fato e dado histórico notável para a psicologia. A União Soviética, com todos os problemas políticos, econômicos e sociais, principalmente durante a segunda metade do século XX, conseguiu desenvolver trabalhos que caminhavam ao encontro do desenvolvimento e emancipação humana. Por sua vez, vale lembrar que no Brasil, a ditadura encomendou aos psicólogos pesquisas sobre o perfil psicológico dos terroristas brasileiros, um gigantesco abismo entre o uso ideológico dessa ciência (Coimbra, 1995).

Outro dado que merece destaque na reportagem é sobre a adaptação que a Universidade de Moscou teve de realizar para abrigar os jovens. Vavilova escreveu que foram desenvolvidos métodos diferentes para a avaliação, tal como instrumentos que permitissem a apropriação dos conhecimentos pelos alunos. Em seu relato:

> Aleksandr Paltov, professor do Instituto Pedagógico de Vladimir (cidade na Federação Russa). Soube das dificuldades dos quatro estudantes. Há já muito que este homem que não tem nada a ver com a tiflo-surdez dedica todo o seu tempo livre de modo absolutamente desinteressado à projeção de equipamentos que aliviam a desgraça das pessoas sem ouvido e vista. Aleksandr Paltov criou para os jovens o “teletactor” que permitiu a qualquer homem que saiba utilizar a máquina de escrever contatar simultaneamente

> com todos os quatro. Os seminários, consultas e exames foram transferidos para a habitação dos jovens (Vavilova, 1978, p. 4).

A Universidade de Moscou, adaptou o espaço físico para receber os jovens. Novamente, é válido lembrar que a garantia da adaptação da sala de aula para alunos brasileiros ocorreu apenas neste século. Assim, 40 anos atrás, a educação soviética realizava um processo de inclusão escolar e humanitária. Vavilova ainda mencionou sobre a necessidade de se transliterar para o braile os materiais utilizados em sala de aula. Algo que, segundo ela, era tido pelo governo soviético como investimento.

A única dúvida que resta acerca da reportagem diz respeito a tradução do artigo. Ambos os periódicos não detalham a origem, tampouco, o responsável pela tradução. No entanto, a matéria se configura como curioso relato em um período marcado, ainda, pela Ditadura Militar.

Como mencionei no início deste tópico, 1970 se configura como um ano difícil de ser apresentado. Isso se aplica, não apenas a conjuntura política, mas a quantidade de materiais encontrados nesse período. Reportagens que em muitos momentos se contradizem, ou contrapõem o próprio desenvolvimento teórico da psicologia soviética. Assim, no intuito de facilitar essa apropriação, as próximas apresentações serão feitas dividindo os autores, jornais e anos destacados. Sem embargo, gostaria de reiniciar esta apresentação com os trabalhos de Vigotski.

Liev Semionovitch apareceu nos jornais brasileiros, novamente, na divulgação de uma obra. Todavia, o livro apenas comentava seu entendimento sobre a linguagem e o pensamento. Em 1971, foi publicado, no jornal A Tribuna, uma reportagem sob o título *Opinião da crítica: Análise Estrutural Narrativa*[159]. O artigo foi escrito e assinado por Roldão Mendes Rosa (1924-1988). Ao criticar a publicação, Rosa, destacou:

> Comentando a coletânea, M.R. Cordeiro diz que “os estruturalistas não atingiram ainda a profundidade alcançada nessa área pelos formalistas russos, de quem não escondem, são discípulos”, Acrescenta Cordeiro: “Pelo que foi publicado até agora tem-se a impressão de que o grupo francês não se encontra a par dêsses trabalhos, apesar de Barthes citar, em seu artigo, estudos de I. I. Ivanov, bastante recentes. Ignora, porém, os de Mikhail Bakhtin sobre Dostoievsky e o de Lev Vygotsky sobre a Psicologia da Arte, anteriores aos de Ivanov. Ambos já ultrapassaram o estágio a que o estruturalismo agora tenta chegar. Também surpreende, especialmente no trabalho de Barthes, que tem enfoque teórico mais amplo, não serem sequer lembradas as pesquisas do polonês Roman Ingarden, bem mais

[159] Tratava-se de uma crítica sobre o livro: *Análise Estrutural da Narrativa*, publicado pela editora vozes, em 1971.

> avançadas em terrenos onde hoje o estruturalismo apenas engatinha (Cordeiro, s/d, s/p apud Rosa, 1971, p. 6).

Deixando de lado a análise acerca do estruturalismo, é importante destacar que Cordeiro, citado por Rosa, apresentou o livro *Psicologia da Arte*, de Vigotski. Isso ocorreu em 1971. É válido lembrar que a obra foi publicada no Russo, em 1965. Posteriormente, ganhou a primeira tradução para o inglês, em 1971, pela editora *MIT Press*, de Cambridge, nos Estados Unidos (Vygotsky, 1971).

Vigotski retornaria aos jornais brasileiros em 1977. Nesse ano, no Jornal do Brasil, apareceu um texto de autoria de Ana Maria Lynch[160], sobre o livro *Pensamento e linguagem.* No entanto, apesar do artigo citar diretamente o material de Vigotski, não se encontra legível para uma análise mais detalhada. Contudo, a reportagem comenta sobre a pesquisa de Johanna Turner[161], traduzida para o português como *Desenvolvimento Cognitivo*[162], livro publicado pela editora Zahar, em 1976.

Nos trechos legíveis do jornal, Vigotski é citado ao lado de Piaget, como representante das teorias do desenvolvimento humano. Lynch (1977) escreve que a autora destacou o psicólogo soviético como importante pensador nas abordagens acerca do pensamento humano. Porém, a metade inicial da reportagem se encontra comprometida por sua digitalização, dificultando sua apropriação.

Tratando-se de Vigotski, ainda nessa mesma década, o teórico começou a ser citado em trabalhos científicos, aparecendo nas revistas da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). A maior curiosidade é que essas citações não pertencem à educação, tampouco à psicologia. Vigotski foi citado nos trabalhos da linguística. Na primeira referência encontrada, em 1973, Vigotski foi apresentado na revista que marcava o centenário de Santos Dumont. Na seção de divulgação de livros e revistas, o ator é destacado no livro *O pensamento: sua estrutura e direção*[163], de Daniel Ellis Berlyne (1924-1976). Nessa obra o teórico britânico realiza uma análise sobre como esse processo psicológico aparece descrito na literatura

---

[160] Sobre a autora não encontrei nenhum dado biográfico. Nas pesquisas fui direcionado apenas a dados biográficos da atriz argentina Ana Maria Lynch (1918-1976). No final do artigo, existe uma indicação, infelizmente ilegível, indicando: Psicologia Cognitiva na PUC, RJ.

[161] Também não localizei nenhum dado biográfico sobre a autora, apenas materiais publicados por ela nos Estados Unidos.

[162] Não encontrei disponível a versão em português, conquanto, no original, Vigotski é citado algumas vezes, tal como Luria e Sokolov.

[163] Não encontrei nenhuma edição disponível para consulta.

psicológica. A apresentação do livro de Berlyne é assinada por José Fernando Bitencourt Lomônaco, que destacou as pesquisas de Watson, Vigotski e Skinner. Porém, apesar de destacar as pesquisas de Vigotski sobre o pensamento, Lomônaco (1973) se limitou à apresentação do material de Berlyne.

Ainda na revista da SPBC, no ano anterior, Vigotski foi citado no artigo de Rachel Gevertz, *Da estrutura de material pedagógico de ciências naturais e exatas*. Gevertz (1972) apresentou o livro *Pensamento e linguagem*, de 1962, publicado pela editora *MIT Press*, em 1962. Em seu artigo, destacou a publicação de Vigotski como um material de consulta contemporâneo. Todavia, não detalhou as contribuições contidas no livro do teórico soviético.

Apesar de Vigotski ter aparecido apenas em rápidas reportagens, ou ainda, pequenas citações e referências em periódicos científicos, é curioso como após as primeiras publicações de suas obras, por exemplo, *Psicologia da arte* e *Pensamento e linguagem*, para o inglês, sua divulgação no ocidente começou a se intensificar. Até 1950, o teórico era desconhecido nos trabalhos da ciência psicológica, educação, arte e linguística. Contudo, após as primeiras traduções, começou a ganhar notoriedade no meio acadêmico. Chamo a atenção a essa curiosidade, pois é válido lembrar que na década de 1930, Vigotski teve um de seus livros traduzidos para o inglês, junto de Alexander Luria. A publicação recebida pela Liga Brasileira de Hygiene Mental não contribuiu para a divulgação e conhecimento dos teóricos soviéticos no Brasil. Sem embargo, aproximando-se do fim da Guerra Fria, é possível identificar que os trabalhos soviéticos começaram a aparecer com mais intensidade na ciência brasileira e ocidental como um todo.

Ainda no começo dessa década, em 1972, Lidia Bozhovich apareceu em uma reportagem traduzida por dois jornais brasileiros. O Jornal do Rio de Janeiro[164] e O Diário do Paraná, apresentaram um texto de autoria de João Milanez da Cunha[165] Lima, sob o título de *Educação Totalitária.* O autor iniciou seu texto de uma forma polêmica, chamando a atenção ao Estado Soviético:

> Os adeptos do totalitarismo vermelho (não ousaria escrever marxismo, que é outra coisa, como o cristianismo não pode confundir-se com certas atitudes políticas dos chamados setores progressistas da Igreja Católica) deixam bem claro em seus atos e cometimentos que são a negação mesma

[164] Optei por utilizar a versão de O Jornal, periódico do Rio de Janeiro, pela melhor legibilidade do material.

[165] O único dado biográfico que encontrei referente a esse nome pertence a um advogado. No entanto, essa foi a única informação.

> daquilo que pregam e em nome do que dizem lutar. Dizem-se humanistas, alardeiam os Direitos do Homem, quando se sabe que na União Soviética não passa de uma sociedade clandestina a que visa a defender esses direitos! São humanistas, mas em que consiste esse humanismo? (Cunha, 1972, p. 4).

Sobre a afirmação de Cunha, já demonstrei ao longo de toda tese, o denominado humanismo marxista. Condição que extinguiu as classes sociais, diga-se de passagem, com todos os problemas existentes na União Soviética. Porém, ao mesmo tempo, criou condições de desenvolvimento único nesse país. Zagorsk foi um dos maiores exemplos apresentados neste trabalho. Em outra passagem, Cunha (1972, p. 4) escreveu:

> Na biografia tristemente pontilhada de crimes de um jovem terrorista recentemente abatido num recontro com as forças de segurança, assinalava-se que sua mãe fora amante de um dos mais conhecidos ases do banditismo político, a serviço do totalitarismo vermelho no Brasil. A respeito de outros desses jovens engahados nos chamados grupos de ação, lê-se frequentemente que abandonaram a casa dos pais (indiferentes aos apelos e sofrimentos destes) e os estudos. Fácil foi para outros abandonar mulher e filhos para se dedicarem ao crime. Feito um balanço retrospectivo da vida desses ativistas, nenhum criminólogo teria dificuldade em firmar, ante dados tão sintomáticos, um diagnóstico bem sombrio acerca da periculosidade acentuada de que são portadores.

Não é necessário um debate teórico ou uma análise extensa para se afirmar que se trata de um defensor do Regime Militar. Adiante, Cunha (1972) ainda questiona que humanismo seria esse que oprimiria as crenças espirituais. Contudo, no trecho mais contraditório da crítica elaborada pelo autor, há menção da educação ideológica recebida pelas crianças dos países socialistas. Em suas palavras:

> Há, para os que não sabem, uma organização específica para isso. Denomina-se “Organização Nacional dos Pioneiros Lenine”. Eis o que se apresenta como objetivo dessa organização singular: “O trabalho ideológico e político entre os pioneiros deve ter como base a educação das crianças (niños) no exemplo da vida e obra de Lenine, a formação neles de um afã ativo de estudar, trabalhar, lutar e viver como Lenine”. Noutro passo do documento que estamos citando, baseado no 23º congresso do PCUS, assinala-se: “O Pleno sublinha a necessidade de intensificar no pioneirismo o amor ao Exército soviético, de prepará-lo para a defesa da *pátria socialista* (grifo nosso) de educar nele o valor, a abnegação e a entrega filial à pátria” Quanto aos jovens de outros países aos quais se deseja transplantar tal organização, já não é da pátria que se trata. Aconselha-se, ao invés disso; que sejam educados no “espírito do *internacionalismo* proletário”. Fala-se também em “organizar acampamentos militarizados, jogos, marchas e certames, ajudá-los (os pioneiros) a adquirir conhecimentos militares.

É curioso, talvez contraditório, o fato de Cunha escrever essa passagem em um momento político que o Brasil tinha como *slogan*: Ame-o ou deixe-o. Ao mesmo tempo, havia diversos livros de moral e cívica que engrandeciam figuras

problemáticas da história do Brasil. Um pequeno exemplo é o livro slide *Educação Moral e Cívica: vultos da pátria oração aos moços*. O material, editado em 1971, apresenta de modo ideológico uma série de figuras brasileiras, utilizadas pelo regime militar, no intuito de educar ideologicamente as crianças e adolescentes sobre o heroísmo do povo brasileiro. Portanto, Cunha apenas opera da mesma maneira, ou seja, cumpre com uma demanda ideológica desse período. Nenhuma ciência se encontra ausente de ideologia. Lenin (1922) já compreendia essa afirmação. Ao escrever sobre o significado do materialismo militante, afirmava que a ciência deveria atuar junto à classe trabalhadora. Não existe neutralidade científica, principalmente ao se pensar na luta de classes.

> Tratando-se de Bozhovich, a teórica soviética, cujo trabalho remonta as teorias do desenvolvimento, apareceu no último parágrafo do referido artigo, somente enquanto crítica. Segundo Cunha (1972), a autora daria a base científica a esta organização juvenil da União Soviética. Em suas palavras: Dois "*scholars*, L. I. Bozhovich e T. E Komikova, procuraram dar as bases "científicas" da função especial reservada à referida organização juvenil. Falam em qualidades ético-sociológicas resultantes do processo da atividade prática, onde "se forjam as demandas e costumes morais". Estes passariam, segundo eles, a constituir numa "segunda natureza" para o homem (Cunha, 1972, p. 4 – Grifos no Original).

Apesar de citar Bozhovich e Komikova, acredito que Cunha jamais tenha tido contado com os materiais das teóricas soviéticas, visto que sua análise foi feita de maneira generalista e tendenciosa, não apresentando os pontos de divergência que possuía com as autoras. Assim, encerra-se a análise feita pelo autor.

Por sua vez, no caderno Suplemento Cultural, do jornal Estado de S. Paulo[166], em 1976, apareceu um artigo de Maria da Penha Villalobos[167], sob o título de *O fundamento idealista da investigação científica.* O texto aparece como uma apresentação acerca da teoria de Piaget, no entanto, o psicólogo soviético, Sergei Rubinstein, aparece no ensaio de modo curioso, diga-se de passagem, em um trecho sobre um determinado congresso ocorrido em Moscou. A autora, discorrendo sobre o idealismo filosófico presente na epistemologia genética de Piaget, escreveu:

> Em congresso realizado na Academia de Ciências de Moscou, 1955, quando foi levantada a questão de um possível idealismo nas posições de Piaget, afirmou este, respondendo a uma espécie de processo inquisitorial, que só conhecia o objeto, agindo sobre ele e que, portanto, não poderia dizer se o objeto existia ou não antes do pensamento. Tendo o psicólogo Rubinstein prosseguindo em seu interrogatório (pois queria saber, em termos definitivos, se Piaget reconhecia a existência do mundo como

[166] Atualmente Estadão.

[167] Foi professora da USP de São Paulo, integrando o quadro dos primeiros docentes da instituição. Traduziu o livro *Sobre o Behaviorismo*, de Skinner (USP, 2025)

> anterior ao conhecimento, já que ele, Rubinstein, e a unanimidade de seus colegas assim pensavam), respondeu o psicólogo suíço: “para agir sobre o objeto preciso de um organismo e este organismo faz também parte do mundo. Creio, pois, que o mundo evidentemente existe antes do conhecimento, mas só o configuramos em objetos particulares no curso de nossas ações e interações entre o organismo e meio.” Após tais declarações, os filósofos soviéticos suspiraram aliviados e absolveram Piaget do nefando crime de idealismo (Villalobos, 1976, p. 14).

Apesar de Piaget não ter sido considerado idealista pelos teóricos soviéticos, nessa ocasião, seu pensamento teórico é contraditório à epistemologia marxista. A contradição está posta no ato de conhecer o objeto, precisamente, não existente no intelecto do sujeito antes de seu próprio conhecimento. A apropriação do objeto de conhecimento, seja ele instrumental ou espiritual, apenas se torna possível no ato de conhecer, ou seja, na atividade do sujeito no mundo que vive. Tal como já apresentei essa relação em outros momentos desta tese, por exemplo, em Rubinstein (1968 [1957]), a pessoa cognoscitiva deve ser afetada em uma relação direta com o objeto em si, portanto, esse já existe, opera e transforma culturalmente o indivíduo antes de sua própria apropriação. Sem embargo, essa existência ainda não ocorre no pensamento do sujeito da atividade, mas sim, na relação histórica e mediada que o objeto possui no meio cultural.

Apesar do interrogatório feito pelos soviéticos acerca das noções filosóficas de Piaget, é notório que o teórico suíço tenha conhecido S. L. Rubinstein. Em uma rápida investigação, é possível identificar artigos que descrevem brevemente esse contato. García, Tau e Ratcliff (2026), apresentaram a visita de Piaget à União Soviética. Os autores escreveram que o teórico até mesmo manteve correspondência com S. L. Rubinstein. Ao mesmo tempo, o artigo de Villalobos me conduziu ao texto do próprio Piaget sobre sua visita à União Soviética. O artigo denominado como *Comunicações da União Internacional de Psicologia Científica: Algumas Impressões de uma visita aos psicólogos soviéticos*, foi publicado em 1956, um ano após sua visita. O material conta com aproximadamente 15 laudas de impressões reais do psicólogo suíço em sua visita, desmistificando uma série de afirmações negativas existentes no ocidente sobre a teoria soviética da psicologia. Sobre um de seus encontros, Piaget, escreveu:

> A segunda é a diversidade de opiniões individuais sobre um grande número de questões essenciais, como, por exemplo, a finalidade da psicologia. Sabíamos perfeitamente bem, antes de nossa partida, da controvérsia que havia oposto Teplov a Leontiev nesse problema central, mas pretendíamos evitar qualquer alusão indiscreta a isso. Ora, um dia, quando estávamos discutindo com aqueles que chamávamos de “os cinco grandes” (Leontiev,

> Teplov, Rubinstein, Luria e Smirnov) a questão dos objetivos da psicologia, Teplov declarou, voltando-se com um sorriso para Leontiev, que também sorria, que mantinha sua posição cem por cento, segundo a qual os estados de consciência (imagens, operações intelectuais, linguagem etc., na medida em que são conscientes) constituem o aspecto mais importante desses objetivos psicológicos. Quando lhes perguntamos se acreditavam na psicologia animal, os cinco caíram na gargalhada, respondendo que havia cinco opiniões diferentes sobre esse ponto! E, no entanto, formavam uma excelente equipe (Piaget, 1956, p. 216).

Acerca das imposições metodológicas, teóricas e de ideias sobre o objeto da psicologia, a afirmação de Piaget auxilia-nos a desmistificar essas falácias. Como posto pelo próprio psicólogo suíço, na psicologia soviética não existia apenas um ponto de vista, noção, ou, ainda, unilateralidade no pensamento teórico. Esse, acredito ser o maior exemplo de atividade criadora presente na psicologia soviética. As diferenças teóricas entre Vigotski, Rubinstein, Leontiev, e outros, apenas motivavam novos desenvolvimentos conceituais e categóricos dessa ciência na União Soviética. Não obstante, a filosofia cumpria um papel fundamental na elaboração destes problemas. Tal como já apresentei em outros momentos desta tese, Rubinstein (1963 [1959]) acreditava que o desenvolvimento da psicologia conduziria, simultaneamente, ao avanço da filosofia. Esse fato é inegável na produção científica da psicologia soviética. Sem os fundamentos filosóficos, a psicologia cairá num âmbito amargo das práticas baseadas em evidência. Porém, algo evidenciado na prática, não necessariamente se aplicará, de modo generalizado, a outros indivíduos ou culturas, assim como já demonstrava Vigotski, em 1920.

Tratando-se do trecho apresentado por Villalobos (1976), no artigo de Piaget, encontra-se, de uma maneira mais detalhada, essa acusação sobre seu possível idealismo. Contudo, vale advertir, antes de apresentar a citação na originalidade, que o teórico não passava por uma inquisição. Eram debates epistemológicos, talvez gnosiológicos, sobre a maneira que o psicólogo suíço compreendia o mundo. Em suas palavras:

> Em um campo bastante diferente também observei o mesmo esforço de objetividade demonstrado por meus colegas soviéticos na Academia de Ciências de Moscou, em relação a uma discussão epistemológica, cujo breve resumo segue: O filósofo Kedrov abriu o debate: “Para nós, o objeto existe antes de nosso conhecimento sobre ele. Vocês são da mesma opinião?” Respondi: “Como psicólogo, penso que o sujeito conhece um objeto apenas ao agir sobre ele e transformá-lo de algum modo. Assim, não sei o que é o objeto antes de ser conhecido.” Rubinstein então propôs esta fórmula conciliatória: “O objeto é uma parte do mundo, que sem dúvida poderia ser dividido em objetos de diferentes maneiras. Vocês concordam, então, que o mundo existe antes do conhecimento?” Respondi: “Como

> psicólogo, penso que o conhecimento supõe uma atividade do cérebro; ora, o cérebro é uma parte do organismo, que é ele próprio uma parte do mundo... portanto, concordo." Depois disso, seguiu-se uma pequena discussão em russo da qual, infelizmente, compreendi apenas duas palavras: "Piaget" e "idealismo". Quando perguntei a relação entre essas duas palavras, responderam: "Piaget não é um idealista." Não creio que nossos amáveis colegas ficarão vinculados para sempre a essa conclusão, mas aprecio calorosamente essa atitude de reciprocidade e de busca de acordo em um campo onde a dissensão é muito mais comum.

Além de curiosa a passagem sobre o encontro com diversos teóricos soviéticos, é notório o modo que Piaget apresenta as possíveis críticas recebidas. Ao mesmo tempo, compreende que seus colegas não o entenderam como ausente do idealismo científico em seus trabalhos. Apesar das diferenças filosóficas sobre a apropriação do conhecimento, não devemos desconsiderar a epistemologia genética de Piaget. Sua apropriação deve ser crítica, tal como fez Vigotski (2009 [1934] e Rubinstein (2002 [1945]). Ambos demonstram em suas críticas grande respeito pelos trabalhos feitos pelo psicólogo suíço, contudo, não desconsideram o caráter idealista posto na apropriação do conhecimento acumulado ao longo da história pelo sujeito da atividade.

Piaget retornaria à União Soviética, em 1966, em um congresso realizado em Moscou[168]. No entanto, Rubinstein e Teplov, dois dos grandes cinco psicólogos denominados por Piaget, já haviam falecido. Retomando o artigo de Villalobos (1976), apesar da autora não adentrar ao conhecimento relacionado à psicologia soviética, é curioso Rubinstein ser citado nesse trabalho. O autor que ainda era desconhecido na psicologia brasileira, novamente apareceu como uma incógnita numa reportagem jornalística. É válido lembrar que o acesso à informação, ou ainda, aos textos, livros e teorias era restrito, devido às dificuldades impostas pela guerra fria, ditadura militar e tecnologia disponível. Mesmo assim, a psicologia soviética, rondava as publicações brasileiras, ainda que de forma indireta.

Por sua vez, Teplov, citado como um dos grandes teóricos da psicologia soviética, também apareceu em publicações de jornais brasileiros durante a década de 1970. Em 1978, no jornal Suplemento Cultural, apareceu um texto de Leda Osório Máralém (1928-2016)[169], denominado *A música e o ouvinte*. Uma análise sobre as teorias da produção musical. Nesse artigo, Teplov é citado junto a seu livro

[168] Apresentei brevemente o congresso no capítulo dois dessa tese.

[169] Foi professora do Departamento de Música do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Psicologia das aptidões musicais, traduzido para o francês pela editora *Presses Universitaires de France*, em 1966.

Durante seu artigo, Máralém (1978) explorou a apropriação da música pelos sujeitos, destacando autores que convergem ou divergem em noções sobre cultura, sensações, tons e aspectos afetivos e emocionais que suscitam diferentes melodias. Em meio a apresentação de autores, Márico destacou a pesquisa feita por Teplov. A autora citou diretamente um trecho da obra de Teplov, indicando a página em que se encontrava sua citação, facilitando, assim, a afirmação de que a autora brasileira teve acesso direto ao livro de Teplov. O trecho apresentado por Márico foi o seguinte:

> Como se vê, a indiferença à qualidade da harmonização não é própria da idade infantil enquanto tal, mas caracteriza uma etapa determinada do desenvolvimento do ouvido musical — a etapa na qual o ouvido harmônico ainda não existe. Essa etapa é aquela em que se encontra a maioria das crianças em idade escolar. Alguns, aliás pouco numerosos, jamais a ultrapassam, mesmo quando se tornam adultos (Teplov, 1966 [1947], p. 254).

A citação foi retirada da página indicada por Márico. Assim, é possível identificar que a teórica brasileira teve acesso ao material de Teplov, traduzido para o francês. No entanto, a autora não apresentou concordâncias ou discordâncias com as noções trazidas pelo teórico soviético. Apesar disso, o material de Márico (1978) se constitui como outro curioso material sobre um soviético nas discussões de teóricos brasileiros.

No entanto, como maior curiosidade, vale apresentar outro teórico soviético, diga-se de passagem, um dos mais mencionados nas reportagens jornalísticas da década de 1970. Refiro-me a Arthur Petrovski, teórico parcialmente conhecido no Brasil, iniciou suas investigações em trabalhos sobre a história da psicologia. Com o passar dos anos, seu interesse começou a se voltar aos problemas da educação infantil. No entanto, o teórico da coletividade possui um amplo número de materiais publicados no Russo, desde a constituição histórica dessa ciência, até as análises categóricas da atividade e consciência.

Sobre as reportagens publicadas por periódicos brasileiros. Todas foram editadas entre 1972 e 1973. Ao mesmo tempo, as referências tratavam diretamente sobre educação. No Jornal do Commercio, do Rio de Janeiro, Petrovski foi citado em um artigo denominado: *A Unesco e a cultura.* O artigo apresentava a importância da educação na redução e resolução dos conflitos humanos. O teórico soviético é

citado juntamente com outros pensadores do mundo que produziram em conjunto um material sobre recomendações educacionais do futuro (Jornal do Commercio, 1972).

Alguns meses após a publicação do jornal carioca, foi publicado, também, em outro periódico do Rio de Janeiro, uma notícia similar, sob o título de *Relatório vê perigos para o Terceiro Mundo.* Editado no jornal Correio da Manhã, a reportagem apresentava o relatório feito pela Unesco, citando Petrovski como um dos responsáveis pela publicação que destacava a importância de se investir em educação nos países do terceiro mundo. O texto evidenciava que se tais nações não investissem nesse setor, seriam absorvidas por estados mais poderosos. O alerta foi feito, em especial, para os países latino-americanos (Correio da Manhã, 1972).

Por sua vez, em fevereiro do ano seguinte, Petrovski apareceu novamente em referência sobre a Unesco. Foi a vez do jornal O Fluminense, do Rio de Janeiro, apresentar o relatório produzido pelos pesquisadores, que tinha o soviético como um dos responsáveis pelo material. A manchete, no mínimo sensacionalista, era denominada como *Unesco decreta a falência oficial da escola: Aprovado para lixo*. A reportagem, sobrecarregada de ódio, apresentou no segundo parágrafo a seguinte informação: “Bilhões de dólares foram gastos nestes 25 anos de UNESCO, na tentativa de salvar as *multidões piolhentas da Ásia* e os *índios selvagens* da América do Sul”. (O Fluminense, 1973, p.5).

Torna-se mais do que evidente o ódio que existia – e ainda persiste – sobre a educação consciente. O relatório que, segundo o Correio da Manhã (1972), recomendava o investimento em setores culturais e educacionais das nações do terceiro mundo, foi autenticado pelo ódio difundido pelo periódico concorrente. De maneira irônica, o jornal apresentou os especialistas responsáveis pela produção coletiva do texto, destacando Petrovski como um psicopedagogo.

O texto, sem autoria, apenas apresentou críticas sobre um relatório que destacava os problemas acerca da escola naquele período, em específico, refletindo que a educação não conseguia adentrar na realidade dos países periféricos. Assim, os teóricos que se reuniram não anunciaram o fim da escola, mas sim, a necessidade de sua efetiva mudança e transformação. Seria contraditório Petrovski, enquanto teórico marxista da psicologia, negar a necessidade do ensino mediado.

Por sua vez, o jornal Diário de Natal, do Rio Grande do Norte, publicou em julho de 1973, uma reportagem detalhada sobre o relatório produzido pela UNESCO.

O material, novamente, citou Petrovski como um dos responsáveis pela elaboração. Sob o título de *Relatório da UNESCO diz que a educação mudará em 20 anos*, apresentou de modo parcimonioso o que havia sido feito pelos pesquisadores de diversos países, convidados pela organização. De modo contrário ao que foi escrito pelo jornal O Fluminense, o periódico potiguar iniciou seu texto da seguinte maneira:

> A educação poderá sofrer uma revolução no mundo inteiro dentro de 20 anos de acordo com as conclusões de um relatório elaborado para a UNESCO por uma comissão internacional. Velhos padrões serão quebrados: a educação começará mais cedo e os exames tradicionais desaparecerão, assim como o currículo preestabelecido e até mesmo a escola atual, que dará lugar a cidades educativas (Diário de Natal, 1973, p. 6).

Diferente do periódico carioca, o jornal potiguar, não apresentou a transformação escolar como uma morte anunciada da escola, pelo contrário, destacou transformações nos métodos de transmissão de conhecimento. Ao mesmo tempo, o relatório apresentou a necessidade da escola de se adaptar às necessidades culturais de cada sociedade. A crítica do relatório refere-se justamente ao ensino meramente passivo, considerando o aluno como um receptáculo do conhecimento. Essa análise já era apresentada pela psicologia soviética desde o começo do século XX. Por exemplo, em Vigotski (2003 [1924]), a transmissão do conhecimento já aparecia de modo ativo, sendo o aluno um agente desse processo.

Por fim, o jornal apresentou a comissão de pesquisadores que integraram o relatório da UNESCO, salientando as vinte e uma teses propostas para a renovação da educação. Petrovski foi citado junto com as propostas levantadas. É necessário escrever que em nenhuma proposição apresentada pelo jornal aparece o anúncio da morte da escola, tal como noticiado pelo jornal O Fluminense (Diário de Natal, 1973; O Fluminense, 1973).

Antes de encerrar a apresentação de Petrovski nos jornais brasileiros, resta o comentário de um pequeno artigo do periódico O Estado de Florianópolis. Publicado, também, em julho de 1973, o modesto texto, tinha como título *Curso de Educação estimula idéia da Escola permanente*. Outro material que contradizia o que havia sido escrito por O Fluminense. No editorial catarinense, foi possível identificar uma pequena fala de Petrovski sobre a educação:

> “O que é aplicável aos países onde a educação está em crise não é aplicável a toda a humanidade” diz Arthur V. Petrovski, membro soviético da Comissão Internacional para o Progresso da Educação. “Dizer que a educação é reacionária”, acrescenta, “é tão errado como dizer que toda educação é progressista. Pensar que as escolas estão ficando superadas na sociedade moderna é atualmente discutível, e a meu ver é errado... É

> claro que não estou sugerindo que a educação deve terminar no momento em que a pessoa deixa um estabelecimento de ensino. Ao contrário, a educação deve continuar pela vida toda." (O Estado de Florianópolis, 1973, p. 8 – Grifos no Original).

Tal como já mencionei em outros momentos desta tese, o desenvolvimento psíquico ocorre durante toda a vida da pessoa. Rubinstein (1968 [1957]), compreendia que somos seres cognoscitivos, ou seja, sujeitos do conhecimento. Por sua vez, o saber deve fazer parte de toda a trajetória e vida dos seres humanos. Petrovski defendeu justamente essa tese, diga-se de passagem, que a consciência se desenvolve durante toda a vida de uma determinada personalidade. Em nenhum momento o psicólogo soviético sustentou a tese sobre o fim da escola, ou ainda, da educação sistematizada, precisamente, por ser o que potencializa o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, enquanto elementos da consciência humana.

O periódico encerrou a análise demonstrando as dificuldades sobre colocar em prática a afirmação de Petrovski e do relatório produzido por pesquisadores vinculados à Unesco. Aparece escrito:

> A maior dificuldade encontrada pelos educadores, para fazer com que a escola acompanhe as necessidades de uma sociedade, é o fato da relutância encontrada, em grupos acentuados, dessa mesma sociedade. Isto é, o conservadorismo de certos grupos que obstam a consecução de medidas acertadas, as reformas ou mesmo a criação de algo inusitado (O Estado de Florianópolis, 1973, p. 8).

A dificuldade, justamente, esbarrava em concepções conservadoras, por exemplo, a apresentada pelo jornal O Fluminense, refletindo de modo reacionário na negação da necessidade da educação acompanhar o desenvolvimento social. Ao mesmo tempo, permitir que ela alcançasse de maneira significativa, a classe trabalhadora e as populações empobrecidas.

Apesar de Petrovski ter sido citado apenas no jornal catarinense, é notória sua presença nos escritos dos jornais brasileiros. As investigações realizadas pelo autor na educação devem ser ainda analisadas e divulgadas de maneira sistemática, no intuito de divulgar outros materiais que foram produzidos na psicologia soviética da segunda metade do século XX.

Por fim, para encerrar a década de 1970, reservei os materiais de outro eminente psicólogo soviético: Alexander Romanovithc Luria. O pai da neuropsicologia foi o teórico com maior número de ocorrências nos jornais e periódicos brasileiros, durante esse decênio. Desde o princípio de 1970, Luria

começou a integrar as reportagens e textos científicos no Brasil. É necessário recordar que o psicólogo soviético, já possuía uma grande notoriedade no ocidente, precisamente, por seus trabalhos na neuropsicologia. Vários de seus livros e artigos haviam sido traduzidos para vários idiomas, incluindo o português. Na década anterior, um artigo sobre Vigotski integrou as publicações de uma revista sobre psicanálise. No entanto, no final dos anos de 1970, surgiu a tradução de quatro livros do autor, sob o título: *Curso de Psicologia Geral*. A tradução permitiria uma apropriação generalista, porém fidedigna, do conjunto da obra soviética da psicologia. Embora não refletisse toda a totalidade produzida no país, o livro foi de extrema importância na divulgação da teoria soviética da psicologia[170].

No entanto, antes de mencionar sobre a divulgação dessa obra no Brasil, é válido apresentar os materiais encontrados ao longo de toda década. No começo de 1970, Luria foi apresentado enquanto um renomado neurofisiologista, em uma reportagem com o título *Não culpe seu filho, o cérebro pode ser o culpado*. Apenas a chamada da notícia já contradizia a teoria de Luria e as propostas da ciência psicológica de base marxista, considerando o cérebro como determinante para o desenvolvimento humano. Já no primeiro parágrafo, encontramos:

> Uma nova ciência biológica está se desenvolvendo: a **neuropsicologia**, que procura localizar no cérebro humano funções complexas como a fala e a escrita. Lesões provocadas por tumores e hemorragias cerebrais têm permitido "mapear" as áreas funcionais do nosso sistema nervoso central, levando ao maior conhecimento das funções psicológicas (Correio da Manhã, 1970, s/p – Grifos no Original).

Luria não considerava o desenvolvimento da neuropsicologia como um ramo da ciência biológica. Em vários materiais escritos, o teórico soviético destacava a importância de se conhecer as regiões responsáveis pelas funções psicológicas superiores, no entanto, não as limitando como determinantes, portanto, atribuindo uma característica plástica ao cérebro humano. Por exemplo, em Luria (1992 [1979]) encontra-se um relato biográfico dos caminhos adotados para a realização das investigações sobre as funções psicológicas superiores e sua localização no cérebro humano. Luria acreditava que as teorias localizacionistas do princípio do século XX não conseguiam realizar explicações satisfatórias sobre a temática. A

[170] Um tema recente nos estudos sobre a psicologia histórico-cultural/sócio-histórica no Brasil, é referente a possibilidade do desenvolvimento de uma clínica baseada nesta abordagem. O material de Luria, guarda fundamentos de extrema importância para essa discussão, precisamente, pelo material descritivo sobre o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, iniciando pelas sensações e, encerrando-se no pensamento e linguagem.

neuropsicologia, segundo o autor, começou a ser desenvolvida, de maneira intensiva, por conta da Segunda Guerra Mundial, motivada por lesões cerebrais sofridas por civis e soldados ao longo dos combates. Nesse mesmo material, Luria apresentou um relato sobre um soldado ferido em batalha. Demonstrou, simultaneamente, como o cérebro se adapta, permitindo um trabalho de intervenção e reconstituição das funções lesionadas. Em outro material, comentando sobre as limitações das ideias localizacionistas, Luria escreveu:

> As formas complexas da atividade psíquica deixaram de interpretar-se como "faculdades" obtidas pela natureza e indivisíveis a partir de certo limite. No lugar da velha concepção das "funções psíquicas" principais, próprias do homem e não suscetíveis a mudanças substanciais no processo de desenvolvimento do homem, apareceu a proposição segundo a qual todos os tipos de atividade do homem, inclusive sua atividade consciente, representam *sistemas funcionais complexos*, muitos dos quais são sociais por sua estrutura e autorreguláveis por suas particularidades funcionais (Luria, 1979, p.16 – Grifos no original).

O desenvolvimento psíquico não é determinado pelo cérebro, mas sim, pela sociedade que o sujeito se encontra inserido. Assim, culpar o cérebro por determinada condição no desenvolvimento é, no mínimo, tendencioso, desconsiderando as próprias interpretações levantadas por Luria. Ao longo da reportagem, o jornal Correio da Manhã, continua apresentando as regiões do cérebro responsáveis por determinadas funções. Ao referenciar Luria, o periódico carioca menciona seus estudos relacionados à lesões cerebrais que afetariam a fala e a escrita. Segundo o jornal:

> O processo de reconhecimento da palavra a ser escrita envolve sua repetição e o ato de silabar ou soletrar. As crianças em geral murmuram as palavras antes de escrevê-las.
> Tendo observado isso, o dr. Luria experimento impedir que crianças de uma turma de 1ª série primária repetissem as palavras antes de escrever o ditado. Elas ficavam de boca aberta ou prendiam a língua com os dentes. Os resultados foram imediatos: as crianças fizeram seis vezes mais erros ao escrever e soletrar palavras.
> Tudo indica que há uma área específica do córtex, na região central do hemisfério (metade do cérebro) esquerdo que controla a articulação dos sons falados (Correio da Manhã, 1970, s/p).

Não devemos negar as contribuições do estudo de Luria acerca do cérebro humano, assim como, de suas alterações patológicas no comportamento superior. Contudo, ao mesmo tempo, não podemos interpretar suas pesquisas sobre uma ótica puramente biologizante. Na citação acima, ocorre aquilo que Mukhina (1995 [1975]) denominava como ação de orientação. A criança que se apropria da linguagem passa por um complexo processo de interiorização. A fala, responsável

pelo desenvolvimento do pensamento, atua como uma ação orientadora do próprio pensar. Repetir as palavras é uma forma da criança organizar o próprio pensamento durante a atividade de estudo. Essa é uma condição social do desenvolvimento psicológico.

Dando continuidade em ordem cronológica, em 1974, na revista da SPBC, foi divulgada a comercialização do livro: *O trabalho do cérebro: Uma introdução à neuropsicologia*, de Luria. A publicação em inglês da referida obra foi realizada pelo editorial Penguin, em 1973. Na divulgação, Luria foi apresentado por ser "[...] conhecido por vários livros de muito sucesso entre o grande público, além de seu trabalho de pesquisa baseado largamente em pacientes com lesões cerebrais" (Ciência e Cultura, 1974, p. 323). Apesar da revista divulgar a tradução desse material para o inglês, não houve uma análise detalhada acerca da obra.

No ano seguinte, em 1975, Luria foi citado no jornal Realidade, periódico de São Paulo. A reportagem, citou diretamente o romance clínico de Luria sobre o caso de Salomon Shereshevsky, e tinha como título *Que gosto tem o Amarelo?* O artigo é de autoria do psicólogo estadunidense Lawrence E. Marks, e foi traduzido para o português pela revista paulista. No único trecho apresentado pelo autor, sobre o livro de Luria, Marks salientou:

> Em seu livro *A Mente de Um Mneumanista*, Alexander Luria apresenta o relato das percepções de uma pessoa para quem um determinado som produzia "uma faixa marro contra um fundo escuro com arestas semelhantes a labaredas vermelhas e o gosto de um "borscht (tipo de sopa russa) agridoce". (Marks, s/d, s/p apud Realidade, 1975, p. 10).

Apesar de Luria ser citado nesse único trecho do artigo, seu livro *A Mente e a Memória* apareceu descrito no trabalho de Marks, ao menos, vinte e quatro anos antes de sua tradução para o português, organizado pela editora Martins Fontes.

Por sua vez, em 1977, alguns periódicos brasileiros noticiaram o falecimento de Alexander Romanovitch. Alguns jornais apresentaram uma breve biografia sobre o autor, acompanhada de seu trabalho dedicado à neuropsicologia. Compartilhando espaço nos jornais com as notícias referentes ao falecimento do músico Elvis Presley, Luria foi citado em três diferentes periódicos: Diário da Tarde, do Paraná; Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro; e Diário de Pernambuco, de Pernambuco. Todos os três apresentaram uma pequena nota, noticiando o falecimento do psicólogo soviético.

Porém, o editorial que mais se destaca é o Jornal do Brasil, apresentando Luria como membro do partido comunista. Na página dedicada aos obituários, escreveram: “foi um dos pioneiros nos tratamentos dos pacientes com lesões cerebrais, principalmente soldados na II Guerra Mundial. Membro do Partido Comunista, foi condecorado com a Ordem Lênine e recebeu várias homenagens” (Jornal do Brasil, 1977, p. 28). O jornal Diário da Tarde, apresentou a mesma notícia, enquanto o Diário de Pernambuco, elaborou apenas uma pequena nota sobre o falecimento do autor.

Um ano após o falecimento de Luria, apareceu na revista da SBPC, um artigo de autoria de Roberto Lent, intitulado: *Neurofilosofias*. O pequeno ensaio, com menos de três páginas, apresentou brevemente a concepção filosófica presente na obra do neuropsicólogo soviético. Lent (1978) utiliza os escritos de Luria, no intuito de criticar a produção de um material decorrente de um simpósio realizado em Brasília, em 1976, em um encontro da SPBC. A mesa redonda mencionada por Lent rendeu um livro interdisciplinar, sob o título de *Ciência e consciência*, organizado pelo professor Carlos Chagas Filho. Segundo Lent, o material não teria conseguido explorar de modo satisfatório o tema proposto, unindo pesquisadores de diferentes áreas, desde a biologia, até a filosofia. Com textos que se contradiziam epistemologicamente, o autor salientou que o material não conseguiu cumprir seu objetivo.

Como contraproposta, apresentou o livro de Luria *Introdução evolucionista da psicologia*[171], traduzido do russo pelo Editorial Fonatanella, em 1977. Segundo o autor:

> De certa forma, o livro do neuropsiquiatra soviético A. R. Luria representa o elo perdido do simpósio de Brasília. Embora de caráter introdutório, é bastante completo e de grande maturidade filosófica, pondo de lado com poderosa fundamentação lógica espiritualismos dualistas, ingenuidades reducionistas, e até mesmo o tradicional sectarismo que caracteriza tantos textos soviéticos [...] (Lent, 1978, p. 781).

De fato, o livro de Luria é apenas o texto introdutório acerca da origem do psiquismo, tal como seu vínculo direto com a fisiologia. Luria (1979), apresentou a gênese psíquica, desde os níveis menos complexos do desenvolvimento biológico. No entanto, Luria se manteve em um único posicionamento filosófico, evitando cair

[171] No português, o material seria traduzido como *Curso de Psicologia Geral Volume I*, em 1979.

nas contradições criticadas por Lent sobre o material desenvolvido, em 1976, na reunião da SPBC.

Sobre a contribuição direta da obra de Luria, Lent escreveu:

> Uma análise crítica exaustiva do livro certamente identificaria algumas imprecisões, mas o que ressalta, em conexão com a obra coordenada por Chagas & Gomes, é a força de argumentação de uma "terceira posição" filosófica que encara a consciência como fenômeno acessível ao conhecimento humano (e nesse sentido autoconsciente), com uma base biológica essencial constituída pelo sistema nervoso central (sem se reduzir a ela), e uma característica sócio-histórica que a distingue radicalmente de todas as formas conhecidas de manifestação de vida no universo (Lent, 1978, p. 781).

Uma terceira posição, diga-se de passagem, baseada na filosofia marxista. Em 1844, Marx (2010 [1844]) já atribuía essa característica à consciência humana, diferenciando-a na atividade. Para ele, enquanto o animal possuiria uma relação imediatista com o mundo, os seres humanos, pelo contrário, anteciparam a própria atividade, precisamente pelo caráter consciente dela. No livro *A Ideologia Alemã*, Marx e Engels (2007 [1845-1846]) problematizariam essa questão definindo a consciência como uma relação estabelecida com o meio ambiente, ou seja, reforçando seu aspecto social e histórico. A terceira posição proposta por Luria está presente em toda psicologia soviética, desde seus autores iniciais, por exemplo, Kornilov, Blosnki e Basov.

O artigo de Lent (1978), apesar de curto e objetivo, demonstra a potencialidade contida na teoria soviética da psicologia. Luria (1999 [1968]) não encarava a ciência de modo pragmático, por esse motivo, conseguiu transmitir o caso de Shereshevsky de modo completamente diferente daquilo que era feito na tradicionalidade clínica. O romance científico, tal como descreveu em outro material, começou a fazer parte de seus escritos, levando sempre em consideração o sujeito com quem estava trabalhando, a personalidade diante dele. Em uma citação acerca do mnemonista, Luria salientou que:

> Uma descrição de Sherashevsky seria inadequada se se limitasse à sua memória. O que era preciso era uma análise cuidadosa de como sua fantástica memória influenciava seu pensamento, seu comportamento e toda sua personalidade. Durante as décadas que o estudei, tanto a potência quanto os limites de suas capacidades intelectuais tornaram-se muito claros. Quando ele conseguia imaginar todos os dados de um problema, ele conseguia lidar com ele mais rápida e eficientemente que as pessoas com memórias normais. Ele se envolvia mais com as narrativas do que a maioria das pessoas, nunca perdia um único detalha, e freqüentemente via contradições que os próprios autores haviam deixado de perceber. Suas soluções a enigmas tinham uma alta qualidade estética (Luria, 1992 [1979] p. 186).

A maior potencialidade da teoria soviética da psicologia, desde Vigotski até a concepção luriana da neuropsicologia, é encarar o sujeito como personalidade. Todos os processos psicológicos se mantêm em mútua dependência e interdependência. Shereshevsky não tinha apenas uma inumana memória, também possuía outras características que apareciam em sua personalidade, como em todo o conjunto de uma obra. O principal lampejo de Luria, presente em toda filosofia marxista, é compreender os processos em sua totalidade, rompendo com a lógica cartesiana de fragmentar o indivíduo em partes. A memória de Shereshevsky é apenas uma função psicológica superior, quando descolada de seu eu.

Por fim, aproximando-se do fim da década de 1970, Luria continuou se fazendo presente em anúncios de jornais e revistas brasileiros, aparecendo como renomado pesquisador soviético, que teve seus livros traduzidos para o português. Vários periódicos começaram a divulgar, de maneira intensiva, a tradução e publicação da coleção *Curso de psicologia geral*, editado pela Civilização Brasileira, em 1979. Editoriais como O Pasquim, Jornal do Commercio, Jornal de Letras, Jornal de Caxias, Diário do Paraná e Encontros com a Civilização Brasileira, divulgaram o material traduzido direto do russo por Paulo Bezerra.

Gostaria de dar ênfase ao comentário realizado pela própria revista da Civilização Brasileira:

> Para alguns o século XX, com sua velocidade de transformações, é o século em que *os problemas da individualidade* vieram para o primeiro plano. Neste sentido, é da maior importância a leitura desta obra, em quatro volumes, do famoso mundialmente respeitado psicólogo soviético A. R. Luria. (Encontros com a Civilização Brasileira, 1979, p. 204 – Grifos no Original).

Embora Luria não compreendesse as questões psíquicas unicamente como problemas da individualidade, é incontestável a contribuição que sua obra teve para a divulgação da teoria soviética da psicologia no Brasil. Outro fato curioso apresentado pela revista, é sobre o avanço tecnológico que se fez presente durante o século XX. Uma reflexão, no mínimo curiosa, diga-se de passagem, por todo o desenvolvimento posterior, principalmente no último decênio da era que atualmente vivemos. Um fato que vem transformando, de maneira qualitativa, o que a revista denominou como problemas da individualidade. Rubinstein (1963 [1959]) tinha razão ao afirmar que os objetos produzidos pela atividade humana, começam a alterar e transformar o próprio desenrolar da atividade, da consciência e dos processos psicológicos que devem ser vistos como históricos. Igualmente, Marx (2008 [1859])

enfatizava que os modos de produção criam as devidas condições para o desenvolvimento intelectual e da consciência humana. O desenvolvimento humano se modificou, não em termos evolucionistas, mas sim, nas mediações dos instrumentos presentes na sociedade. Compreender a psicologia soviética, em sua relação direta com a filosofia de Marx, permite que façamos tais reflexões. Por sua vez, essas não devem cair num sectarismo, ao invés disso, necessitam de objetivações diretas no meio social. Netto (2011) acreditava que no marxismo a prática social é critério de veracidade. A teoria histórico-cultural/sócio-histórica no Brasil necessita expor suas potencialidades enquanto prática que não se baseie somente em evidências imediatistas. Afinal, a mediação histórica está presente em toda a constituição dessa ciência. Talvez, esse seja um projeto de autocrítica a ser realizado em um breve futuro.

Encerro aqui a apresentação referente às publicações marginais sobre a psicologia soviética, no Brasil, ao longo dos anos de 1970. Conquanto, não poderia deixar de mencionar uma última curiosidade acerca dos teóricos soviéticos. Retornando ao dia 3 de janeiro de 1970, o jornal Correio da Manhã, do Rio de Janeiro, trouxe questões relacionadas ao vestibular em Psicologia. Embora o periódico não apresente a faculdade envolvida, Bluma Zeigarnik é citada em uma das questões. O problema pedia para que se relacionasse em colunas quais eram os autores responsáveis por determinados estudos. Ao lado da teórica russa, responsável pelo desenvolvimento da patopsicologia, aparecem Majorov, Bekhterev e Erofeieva (Correio da Manhã, 1970, p. 16).

Esse último exemplo serve apenas para ilustrar que durante toda a década de 1970, a psicologia soviética esteve presente, de uma forma, ou de outra, na ciência brasileira. Porém, é evidente que a repressão incitada pela ditadura militar atrasou a popularização dessa abordagem no país, algo que somente seria possível no decênio posterior, em 1980. A preocupação da população brasileira era outra, não digo de modo generalista, mas sustentado na militância política. Vale recordar que uma das protagonistas na divulgação da teoria no Brasil, Silvia Lane interrompeu a reunião de fundação da ABRAPSO, em 31 de outubro de 1979, para que os

presentes pudessem participar de uma manifestação contra o assassinado do operário Santo Dias[172].

Assim, caminho em direção ao último capítulo dessa tese, buscando contar, ou recontar, parte daquilo que ficou marcado na ciência brasileira como psicologia sócio-histórica, posteriormente, histórico-cultural.

[172] História que não encontrei documentada em nenhum artigo, livro ou revista. No entanto, são dados transmitidos via oralidade em congressos e eventos da ABRAPSO. Recuperar essa história e conservá-la na escrita é fundamental para a preservação da memória da própria instituição.

4. O INÍCIO, O FIM E O MEIO: A POPULARIZAÇÃO DA TEORIA SOVIÉTICA DA PSICOLOGIA NO BRASIL.

Almejo, ao longo deste último capítulo, apresentar, em tópico único, a popularização da teoria soviética da psicologia no Brasil. Acredito ser um consenso entre diversos pesquisadores e estudiosos da área a forte representação que a década de 1980 teve sobre o desenvolvimento, inicialmente da psicologia sócio-histórica e, posteriormente, do enfoque histórico-cultural. O decênio que marcou a redemocratização do país, colocando fim a uma ditadura que durava vinte anos, contribuiu de maneira significativa para esse movimento histórico e transformador na ciência psicológica brasileira. Desde trabalhos na educação, passando pela proposta e criação de uma nova teoria social na psicologia, encontramos a presença e discussão acerca daquilo que ficou marcado na história como *troika*.

Realizar essa discussão não aparece como um trabalho simples, precisamente pela maioria dos materiais escritos durante as décadas de 1970 e 1980 não estarem disponíveis em bancos de dados virtuais. Muitos materiais, infelizmente, estão presentes apenas para consultas nas bibliotecas de instituições de ensino superior no Brasil. Nesse sentido, realizarei esse trabalho com os materiais disponíveis, diga-se de passagem, limitando-me a apresentar a inserção formal de Vigotski no país por meio de suas primeiras obras traduzidas. Creio que as impressões passadas por esses materiais, embora com diversos problemas de tradução, censura e omissões, possa colaborar para pensarmos o processo atual através do qual se produz essa ciência, assim como as categorias e conceitos que se fossilizaram no meio acadêmico e prático com a divulgação dessas obras iniciais. Ao mesmo tempo, anseio poder dar destaque a outros autores que começaram a ganhar notoriedade nas investigações brasileiras, por exemplo, Luria e Leontiev.

Penso que Leontiev teve uma significativa contribuição no desenvolvimento dos trabalhos brasileiros, tanto da educação, quanto na produção de uma outra proposta de psicologia social. Silvia Lane, no livro *Novas Veredas da Psicologia Social,* apresentou um interessante relato acerca dessa apropriação da teoria soviética. Segunda a autora:

> [...] o grande impulso veio de Vigotski ao demonstrar a mediação fundamental que a linguagem exercia na constituição do psiquismo humano, em especial, na consciência. Também ficou clara a presença da ideologia nos significados, e quando os processos comunicativos permitiam uma reflexão crítica destes significados, em confronto com a realidade social,

> desencadeavam avanços da consciência ao se desvendar os conteúdos ideológicos que encobrem as contradições sociais e históricas (Lane, 1995. P. 73).

Lane mencionava sobre as significativas contribuições que autores como Sève, Politzer e, até mesmo, Skinner, trouxeram para o avanço de discussões metodológicas durante a crise vivenciada pela psicologia social. Contudo, em sua perspectiva, o maior aporte teórico veio de Vigotski. Isso ocorreu devido às contradições impostas pelas conjunturas políticas vivenciadas na América Latina. É válido recordar, apoiado em Lane (1995), que as pesquisas controladas da psicologia social motivavam a continuidade de um *status quo*, com a ciência psicológica atuando na adaptabilidade dos indivíduos em meio às repressões militares que ocorriam no continente.

Sobre o processo de avanço teórico e prático, ora lento e gradual, na proposta de uma nova psicologia social, Lane (1995, p. 71) foi sincera ao afirmar que existiam "[...] erros e acertos semelhantes sem avanços mais significativos devido à ausência de publicações teóricas a respeito das bases psicossociais de nossas atuações." A ausência de publicações, ou ainda, de acesso aos trabalhos existentes sobre um modo crítico, rompendo com a neutralidade científica defendida na época, refletia toda essa dificuldade na elaboração de novos meios de se pensar a ciência psicológica como um todo. Silvia discorria em seu texto sobre os trabalhos feitos com grupos, destacando sempre as importantes contribuições que os trabalhos realizados por colegas latino-americanos apresentavam nesse contexto. Contudo, ao mencionar sobre os teóricos soviéticos, escreveu:

> No final da década de 70 e início da de 80, nos deparamos com a obra de Alex Leontiev, continuador das propostas de Vigotski, e com ela surge também todo um grupo de cientistas soviéticos que haviam sofrido a repressão stalinista à psicologia, dos quais, além de Vigotski, no Ocidente só se conheciam os trabalhos de Luria, pois a psiconeurologia era então a única ciência psicológica admissível.

Apesar de algumas imprecisões históricas[173], diga-se de passagem, pela dificuldade de acesso aos materiais acerca do desenvolvimento da psicologia soviética, Lane apresentou uma informação de significativa importância nessa

[173] Silvia menciona um suposto banimento da psicologia social da União Soviética, fato que não apareceu ao longo da pesquisa realizada sobre a história da psicologia soviética, apresentada nos capítulos iniciais desta tese. Uma vertente social teve expressão significativa na União Soviética, todavia, como em todo mundo, ganhou notoriedade a partir da década de 1960. Por esse fato acredito que a dificuldade no acesso a outras obras da psicologia soviética, tenha levado Silvia a realizar tal afirmação. Vale lembrar que o acesso a alguns materiais ainda era restrito em 1990.

citação, ou seja, o contato com a obra de Leontiev, no final da década de 1970. Fato histórico que nos coloca diante de uma apropriação leontieviana pelo seu grupo.

Não obstante, e referindo-se a Leontiev e sua obra *O Desenvolvimento do Psiquismo*, é possível identificar, logo no prefácio a sua segunda edição, o forte impacto que esse material teve no grupo de Silvia. Segundo o autor:

> Estas modificações têm por causa o desejo do autor de melhor realçar a idéia central do livro, a saber a da natureza sócio-histórica do psiquismo humano. Esta idéia que se exprimiu, pela primeira vez, na psicologia de L. S. Vygotski, conservou toda sua atualidade. Encontramos freqüentemente hoje ainda concepções segundo as quais os processos psíquicos superiores e as aptidões humanas dependeriam diretamente e fatalmente dos caracteres biológicos hereditários (Leontiev, 1978, p. 17).

Abstenho-me do debate final levantado por Leontiev, que, contudo, é de extrema importância, principalmente em um momento histórico em que a patologização da vida tornou-se cotidiana. Leontiev, destacou o psíquico como sócio-histórico, ou seja, formado na constituição social e transformado ao longo das mudanças históricas e materiais da humanidade. O grupo de Silvia, em 1979, tendo esse material em mãos, possuía, ao mesmo tempo, novas condições metodológicas e instrumentais de pesquisa. Afinal, além do nome sócio-histórica, o coletivo começou a operar com categorias e conceitos próprios da teoria soviética da psicologia, no entanto, mantendo a particularidade apresentada por Leontiev, e, ao mesmo tempo, apropriando-se de materiais de Vigotski.

No entanto, resta uma dúvida conceitual: será que a apropriação e denominação sócio-histórica deu-se, de fato, por um erro simples de tradução? Antes de apresentar a citação anterior do material original, vale destacar outros teóricos vindos da União Soviética, que se referem à teoria de Leontiev como sócio-histórica.

Iniciando em Smirnov, o autor, em seu artigo *No Quinquagésimo Aniversário da Psicologia Soviética*, escreveu:

> Ao adotar esse ponto de vista, Vygotsky efetivamente fez da consciência um problema central em suas investigações psicológicas. “O problema da consciência”, escreve A. N. Leontiev a esse respeito, “é o alfa e o ômega do percurso criativo de L. S. Vygotsky.”
> As afirmações citadas acima sobre a posição do problema da consciência na ciência psicológica foram feitas por Vygotsky ainda antes de ele formular sua teoria sócio-histórica da mente. Consequentemente, o problema da consciência já era central para seus interesses científicos mesmo no início de sua trajetória intelectual (Smirnov, 1968, p.21 – Grifos no Original).

O artigo, publicado em inglês, na revista *Psicologia Soviética*[174], apresentou a concepção de Leontiev vinculada à Vigotski, sob o rótulo de teoria sócio-histórica da mente. Esse é um acontecimento comum de se encontrar em escritos acerca da teoria de Leontiev na União Soviética. É necessário afirmar e reafirmar que a teoria de Vigotski encontrava-se proibida pelo decreto de 1936. Portanto, tudo que fosse vinculado ao psicólogo bielo-russo tornava-se antimarxista, antidialético, e, sobretudo, com uma abordagem culturalista (Talankin, 2000 [1930]; Rudneva (1937 [2000]). Por sua vez, o caminho encontrado por Luria foi o da neuropsicologia, precisamente durante a II Guerra Mundial, onde havia a preocupação concreta e objetiva de se recuperar soldados e civis lesionados pelos combates. Todavia, não podemos desdenhar do que Lane (1995) escreveu sobre a perseguição sofrida por esses autores[175].

Outro teórico que apresentou a teoria de Vigotski, sob uma perspectiva que se afastasse tanto da denominada histórico-cultural, quanto da sócio-histórica, foi Rubinstein. Em sua última obra publicada em vida, *A Psicologia: Princípios. Métodos. Desenvolvimento*, o autor fez uma retrospectiva da psicologia na Rússia Czarista, posteriormente na União Soviética. Ao apresentar a teoria de Vigotski, Rubinstein escreveu:

> Ultimamente se apresenta, entre nós, essa concepção como “linha” de Vigotski, difícil é que a variada e densa concepção psicológica de Vigotski de nenhum modo pode ser reduzida ao princípio da interiorização. A interiorização tal como era compreendida por Vigotski (ele a chamava “reversão[176]” se referia diretamente ao que ele entendia como instrumento fundamental para estruturar as funções psíquicas “superiores” do homem: ao concepto de signo (Rubinstein, 1963 [1959], p. 337-338 – Grifos no Original).

Não me deterei no debate acerca da interiorização, apresentado por Rubinstein, diga-se de passagem, uma das divergências teóricas entre os autores[177]. Contudo, é importante destacar a apresentação da teoria vigotskiana como linha de Vigotski. Rubinstein não denominava tal concepção como histórico-cultural, tampouco sócio-histórica. Entretanto, não posso deixar de destacar a

[174] As publicações feitas nessa revista soviética eram todas em inglês.

[175] Ao longo do primeiro capítulo apresentei exemplos acerca dessa perseguição, incluindo a história sobre o cosmopolita Rubinstein.

[176] No original em russo aparece a palavra ***вращивании*** (*vrashchivanii*), que pode ser traduzida como interiorização, enraizamento, enraizamento, introjeção.

[177] Rubinstein acreditava que a atividade psíquica se transformava ao longo do desenvolvimento, nas relações concretas entre seres humanos. Seu entendimento era de que a atividade seguia uma lógica dialética, mudando de qualidade nas relações sistêmicas estabelecidas entre os processos. Porém, sua compreensão é mais ampla que essa breve explicação.

passagem de 1945, de seu livro *Fundamentos de Psicologia Geral*. Nele, o autor denominou a psicologia de Vigotski como teoria do desenvolvimento cultural. Em uma controversa apresentação, Rubinstein salientou que

> Posteriormente, atraiu considerável atenção a "teoria do desenvolvimento cultural das funções psíquicas superiores" de L. S. Vygotsky, elaborada por ele em conjunto com um grupo de colaboradores. Assim como nas teorias reflexológico-reactológicas a tendência principal consistia em superar as posições da psicologia idealista e criar uma psicologia objetiva, fundamentada na atividade e no comportamento, também a tendência central e a tarefa da psicologia que encontrou expressão na teoria do desenvolvimento cultural partiam de pressupostos metodológicos equivocados. Ela opôs de maneira dualista o desenvolvimento "cultural" ao "natural" e interpretou o próprio desenvolvimento no espírito de um sociologismo genético. O que surgiu foi a aspiração de introduzir na psicologia a ideia de desenvolvimento, o princípio do historicismo. Essa tendência fundamental inicial possuía um significado claramente positivo. Em comparação com a posição estática e anti-histórica da psicologia tradicional, que considerava as funções psíquicas humanas fora de qualquer desenvolvimento histórico, as orientações genéticas e históricas da teoria do desenvolvimento cultural das funções psíquicas superiores representavam um certo avanço. Contudo, ao analisar essa teoria a partir das posições do historicismo marxista, torna-se claramente evidente que também essa teoria partia de pressupostos metodológicos equivocados. Ela opôs de maneira dualista o desenvolvimento "cultural" ao "natural" e interpretou o próprio desenvolvimento no espírito de um sociologismo genético (Rubinstein, 2002 [1945], p. 102-103).

Após a apresentação sobre Vigotski, Rubinstein destacou a importância do decreto emitido pelo partido em 1936, que proibia as obras referentes à pedologia, incluindo os trabalhos vigotskianos. Algo que era demasiadamente comum nesse período, precisamente, para que os trabalhos fossem aprovados pelos censuradores da época. No entanto, novamente me abstendo das diferenças teóricas entre Vigotski e Rubinstein, é possível identificar que não havia a nomeação de uma abordagem, visto que o trabalho realizado na União Soviética, apesar das diferenças na concepção sobre o desenvolvimento do psiquismo, era direcionado a um único ramo científico, ou seja, a psicologia. Esse movimento evitava o surgimento de diferentes vertentes, o que no ocidente apareceu sob o título de ciência multiparadigmática.

A psicologia na União Soviética era identificada pela relação direta com o marxismo. A maneira de se entender o desenvolvimento do psiquismo, apesar de fundamentada em uma epistemologia única, possuía diferenças conceituais e categóricas. Tal como identificamos em Rubinstein e Vigotski, Leontiev e Smirnov, ou, até mesmo, Sève e Politzer, no ocidente. Apesar das divergências, a maior concordância encontra-se na concepção da atividade, sobretudo da consciência

enquanto objeto direto de estudo dessa ciência. Assim, as diferenciações eram feitas pelos seguidores desses autores da primeira geração da psicologia soviética.

Outro ponto que vale destaque refere-se à apresentação de Rubinstein sobre os aspectos culturais e históricos contidos na teoria vigotskiana. Essa característica, de fato, encontra-se presente em todo conjunto da obra de Vigotski, ao mesmo tempo em que está disposta no desenvolvimento da própria psicologia soviética. Tal como Vigotski, Rubinstein entendia o desenvolvimento do psiquismo a partir de uma perspectiva histórica. A sociedade e os elementos culturais encontram-se presentes numa discussão sobre o próprio desenvolvimento da atividade, consciência e personalidade contida em sua obra. Porém, apesar de tais semelhanças, seria incorreto associarmos e incluirmos Rubinstein à escola de Vigotski, ou ainda, denominarmos sua teoria como histórico-cultural, sócio-histórica e sócio-histórica-cultural.

Ao propormos tal incorporação, perdemos, de maneira significativa, discussões epistemológicas presentes ao longo da obra de ambos os autores. Isso ocorre, igualmente, com Leontiev, Luria, Smirnov, Teplov etc. Neste tocante, surge um questionamento acerca da denominação oficial dessa vertente, afinal, é importante identificá-los como teóricos de uma ou outra tendência, seja na filosofia, seja na psicologia. Portanto, qual seria a denominação correta para vertente científica, desenvolvida sob outros aspectos históricos, econômicos e sociais? Segundo os próprios autores que produziram essa ciência, a denominação seria: psicologia (Vigotski, 1999 [1927]; Rubinstein, 1983 [1934]). Defendo que a partir da perspectiva apresentada por Vigotski e Rubinstein, devemos pensar na produção de uma teoria geral para a ciência psicológica, rompendo com o discurso multiparadigmático, diga-se de passagem, que impede, em diversos momentos, o desenvolvimento posterior dessa ciência.

No entanto, apesar dessa defesa sobre uma teoria geral para a psicologia, reconheço os limites objetivos para a realização dessa tarefa nas atuais circunstâncias em que se encontra a psicologia. De fato, em uma sociedade de classes, esse trabalho torna-se impossível de ser realizado. As discussões epistemológicas, teóricas e metodológicas, responsáveis pela objetivação de novas propostas para a psicologia, dão lugar ao imediatismo das práticas baseadas em evidência, ou ainda, às atrocidades dos especialistas de redes sociais. Os meios de produção criam as devidas condições para o desenvolvimento psíquico. O velho

adágio de Marx (2008 [1859]), apresentado e repetido várias vezes ao longo deste trabalho, é importante para demonstrar como o psíquico reflete a lógica dos meios de produção, que, atualmente, são rápidos, velozes e exigem que o ato de consumir seja cada vez mais imediato. Um trabalho que pretenda apresentar a resolução de problemas teóricos, metodológicos, filosóficos e históricos, não será possível em uma sociedade nesse modelo de produção. Afinal, o processo de desenvolvimento teórico leva tempo. Tempo, esse, que desaparece neste atual estágio do capitalismo.

Não necessitamos de outra tese de doutorado para identificar tais relações imediatistas presentes no mundo, em especial na ciência psicológica. Atualmente, as redes sociais tornaram-se receptáculos de divulgação de materiais denominados como especializados em uma ou outra área. Com a psicologia soviética esse fato também ocorre, trazendo à tona diversas contradições: promessas milagrosas na atuação metodológica dentro da clínica, receitas sobre como conhecer a denominada psicologia histórico-cultural, sócio-histórica, sócio-histórica-cultural. Tudo, porém, intermediado pelo dinheiro. Marx (2010 [1844]) afirmava que o dinheiro transformava tudo em seu próprio contrário. Incapacidades em capacidades, ou, neste caso, potencialidade em oportunismo.

Assim, ainda nos encontramos no problema acerca da denominação dessa teoria no Brasil. Será que, de fato, devemos nos limitar aos teóricos tradicionais da psicologia soviética? Será que devemos unicamente nos valer das ideias de Vigotski, Leontiev e Luria? Acredito que uma resposta para essa pergunta esteja na base epistemológica de tais autores, ou seja, o marxismo. Não proponho uma nova abordagem, mas sim, um meio de identificar tais autores que não contemplam a psicologia histórico-cultural de Vigotski. Shorojova (1963 [1962]) defendia que os autores ligados à visão de mundo de Marx fossem identificados em seus trabalhos como teóricos que defendessem uma visão daquilo que denominou como psicologia dialética-materialista.

No intuito de superar as diferenças conceituais e categóricas no entendimento do psiquismo, Skorojova (1963 [1961]) propôs identificar tais autores a partir de suas epistemologias. Assim, um meio de resolvermos esse problema, na denominação teórica, porventura, repousa na identificação de tais teóricos como representantes da psicologia de base marxista.

Todavia, após essa breve digressão, a denominação possível dessa abordagem, em meados de 1980, encontra-se no termo sócio-histórica. Tal como apresentei, escola vinculada a Leontiev. Ao mesmo tempo, afirmo que Silvia não se apoiou em um equívoco na tradução desses materiais. Pelo contrário, o texto original de Leontiev, editado na segunda versão em Russo, em 1964, indicava, de fato, o termo sócio-histórica. Na tradução do russo, encontra-se:

> Todas essas mudanças foram motivadas pelo esforço do autor em destacar de modo mais completo a ideia central do livro — a ideia da natureza sócio-histórica[178] da psique humana. Formulada pela primeira vez na psicologia por L. S. Vigotski, essa ideia mantém sua atualidade até hoje. Ainda no presente, estão bastante difundidas concepções acerca de uma suposta dependência direta e fatal dos processos psíquicos superiores e das capacidades humanas em relação às suas características biológicas hereditárias (Leontiev, 1965, p.4).

Uma versão muito próxima da tradução feita pela editora Moraes, partindo da versão em francês, de 1976. A denominação de Silvia não partiu de um erro de tradução, mas sim, de uma correta apropriação conceitual e categórica da teoria soviética da psicologia. Por sua vez, a edição em francês, realizada pela editora *Les Editions Sociales*, manteve aquilo que constava na edição original em russo, ou seja, a denominação da natureza sócio-histórica do psiquismo humano (Leontiev, 1976 [1965]). Neste tocante, continuou Silvia, na sua explanação acerca do problema da *práxis* na ciência psicológica:

> [...] o psiquismo humano se constitui na materialidade histórica de cada sociedade, de cada cultura – portanto não há homens regidos por leis universais [...] sem, no entanto, deixar de se estrutura em categorias universais como são Atividade, Consciência e Identidade (ou Personalidade) (Lane, 1995, p. 74).

Lane, não apenas trouxe os teóricos soviéticos para dentro de seu grupo, mas, também, começou a operar com as categorias e os conceitos desenvolvidos por eles. Por exemplo, o livro *Psicologia Social: O homem em movimento*, encontra-se organizado a partir dessa perspectiva, valendo-se de tais categorias citadas por Silvia. A obra, dividida em quatro partes, opera diretamente com as ideias supracitadas pela autora. No entanto, a personalidade dá lugar à identidade (2004 [1984]).

Ao longo dos capítulos desse importante livro da psicologia social, podemos encontrar referências como *Atividade, Consciência e Personalidade*, de Leontiev, e *Pensamento e linguagem,* de Vigotski. Ambos os materiais ainda não haviam sido

[178] No russo, a palavra em questão é *бществено-исторической* (*obshchestvenno-istoricheskoi*).

traduzidos para o português, contudo, circulavam no grupo de Silvia, compondo parte desse material, de 1984 (Lane, 2004 [1984]).

Retomando o capítulo escrito em 1995, Silvia apresentou os caminhos adotados na reformulação dessas categorias, enquanto, mesmo não utilizando dos escritos de Rubinstein, Lane descreveu a consideração rubinsteiniana dos vínculos entre subjetividade e objetividade. Em suas palavras:

> E a análise dialética, ao afirmar a unidade dos contrários, leva à superação da dicotomia subjetividade-objetividade no conhecimento do ser humano. A subjetividade se objetiva nas ações do homem sobre o seu meio, assim como este meio e o que o constitui objetivamente se tornam subjetivos no psiquismo humano (Lane, 1995, p. 74).

A partir de uma perspectiva rubinsteiniana, podemos afirmar que a subjetividade significa que a atividade pertence ao sujeito. Ou seja, sua objetividade ré refletida na exteriorização das ações do próprio indivíduo, assim,

> No seu significado primário e inicial, o carácter subjectivo do psíquico vem-nos dado pelo facto de que todo o psíquico pertence ao indivíduo, ao homem como sujeito. Não há sensações, pensamentos e sentimentos que não sejam de alguém. Toda sensação, todo o pensamento, é sempre uma sensação ou um pensamento de determinado ser humano. O carácter subjetivo do psíquico significa que o psíquico é uma actividade do sujeito (Rubinstein, 1968 [1957], p. 75).

A objetividade da própria subjetividade encontra-se mediada pela atividade. Lane, apesar de não apresentar a noção de Rubinstein acerca da subjetividade, aproximou-se significativamente dela. Isso foi possível pela utilização epistemológica que faz em suas análises. Apesar das divergências na compreensão sobre a atividade existentes entre Leontiev (2021 [1974]) e Rubinstein (2002 [1945]), é importante ressaltar que havia convergências. O destaque à subjetividade dado por Silvia é uma delas. Nesse sentido, Lane (1995, p. 75) afirmava que consideravam "[...] as categorias propostas por Leontiev como estruturas vazias", precisamente pelo contexto histórico, material e social, que se diferencia da União Soviética.

Apesar de uma importante explicação sobre a apropriação da psicologia soviética por seu grupo, devo discordar de Lane, quando, no fim de seu texto, apresenta a reflexão de neomarxistas, afirmando que não seria necessária uma mudança a nível das lutas de classe, "[...] mas sim mudanças éticas em nível individual" (Lane, 1995, p. 79). Mudanças que a psicologia social, ou qualquer outra, conseguiu promover ao longo dessas últimas décadas, sobretudo, neste momento de intensificação da exploração do trabalho vivenciado no tardo-capitalismo. Marx

(2013 [1867]) apresentou a redução na jornada de trabalho. Em outros tempos, operários que trabalhavam quase 20 horas, trabalhariam 12 horas. Uma passagem do século XIX, que atualmente reaparece no sofrimento psíquico dos trabalhadores de aplicativos que realizam jornadas exaustivas de 10, 15, 20 e, em alguns casos, 24 horas (Giannoni, 2022). Ao mesmo tempo, Marx também tinha o conhecimento que não era uma revolução moral que colocaria abaixo as amarras impostas pelo capitalismo. Seria necessária uma revolução social. Entretanto, não podemos deixar de levar em consideração o momento histórico em que Silvia escreveu seu texto. A União Soviética tinha deixado de existir em 1991. O sonho de uma sociedade sem classes parecia - e ainda parece – cada dia mais distante. Diante de todos os retrocessos vivenciados nesse contexto, é válido apresentar a irônica frase de Marx, acerca da jornada de trabalho: “Quanto se mudou do que era!” (Marx, 2013 [1867], p. 374.

A crítica moral não resultava no avanço, tampouco nas transformações qualitativas do desenvolvimento psíquico. Tornava-se apenas tão depressiva quanto às críticas tendenciosas, e esvaziadas de discussões teóricas de Radzikhovskii (1991). No texto apresentado páginas acima, é possível evidenciar que o autor acreditava que o marxismo não promoveu nenhuma contribuição significativa para a psicologia. Pelo contrário, apenas havia atrasado seu desenvolvimento. No entanto, existe uma distância teórica e epistemológica entre os materiais produzidos por Silvia em 1984 e em 1995. Esse afastamento, diga-se de passagem, contradiz a teoria social de Marx e a psicologia soviética.

Apesar desse movimento em que se desdobraria a teoria de Silvia Lane, em especial a escola da PUC de São Paulo, é importante destacar que seus estudos contribuíram de modo significativo para a popularização desses teóricos no Brasil, precisamente por não terem iniciado suas pesquisas e estudos em materiais como *A formação social da mente* e *Pensamento e linguagem*, ambos de Vigotski, e publicados pela Martins Fontes, a partir de traduções estadunidenses. Sua apropriação não se deu apenas por Leontiev; Vigotski também é citado por pelo grupo em diferentes trabalhos.

Por exemplo, em *Psicologia Social: o homem em movimento*, Leontiev e Vigotski são citados por Lane (2004 [1984]) no capítulo: *Linguagem, pensamento e representações sociais*. Leontiev reaparece no texto de Wanderley Codo: *O fazer e a consciência*. Entretanto, para além da presença desses autores soviéticos no livro

organizado por Silvia, encontramos o destaque dado ao marxismo como principal elemento para produção de uma nova psicologia. Vale ainda destacar que me refiro aos textos iniciais produzidos, por exemplo, por Silvia Lane, Iray Carone e Wanderley Codo. Não obstante, Lane defendia que

> É dentro do materialismo histórico e da lógica dialética que vamos encontrar os pressupostos epistemológicos para a reconstrução de um conhecimento que atenda à realidade social e ao cotidiano de cada indivíduo e que permita uma intervenção efetiva na rede de relações sociais que define cada indivíduo – objeto da psicologia social (Lane, 2004 [1984], p. 16).

Lane entendia que o materialismo histórico-dialético, ou seja, o marxismo, era o fio condutor para uma nova psicologia. Essa ciência deveria evitar um posicionamento neutro e, ao mesmo tempo, atuar buscando sempre uma transformação social. Vale lembrar que Silvia[179] estava produzindo esse conhecimento num momento de redemocratização da sociedade brasileira[180]. O país vivia seu último ano de ditadura militar. Embora a defesa pela transformação social fosse parecida com a dos psicólogos soviéticos do começo do século XX, sua essência se distinguia pelas possibilidades econômicas e materiais postas por essa sociedade, marcada por séculos de colonialismo.

Porém, é notória a defesa de uma nova psicologia, buscando a transformação social. É válido lembrar que nesse momento histórico, materiais sobre teorias críticas, vindas de países socialistas, eram, ainda, restritos. Traduções em espanhol,

---

[179] Não almejo realizar uma crítica ou revisão acerca da escola da PUC-SP. No entanto, para quem quiser apropriar-se de uma crítica marxista sobre o desenvolvimento, envolvendo seus avanços e retrocessos teóricos e práticos, recomendo a tese de doutorado: *A Escola de São Paulo de Psicologia Social: uma análise histórica de seu desenvolvimento desde o materialismo histórico-dialético*, de Bruno Peixoto Carvalho. Assim, meu objetivo é apenas identificar as primeiras obras dos soviéticos presentes na constituição teórica de Silvia e outros autores.

[180] É importante destacar que a Universidade Pública, nesse contexto, resistia à ditadura militar; porém, não conseguia objetivar propostas que visassem transformações sociais, visto as perseguições promovidas pelos militares, desde 1964. Nesse cenário, Maria do Carmo Guedes recorda "[...] que ser Universidade não protegia esta instituição da intervenção da Ditadura. Prova disso foi a tomada da Universidade de Brasília (UnB) pela polícia imediatamente após o golpe militar em abril desse ano. Já nas instituições estaduais, dependia-se para isso da conivência ou pusilanimidade de direções acadêmicas. Mas a PUC-SP, sendo particular e, principalmente, sob a tutela de Dom Paulo Evaristo Arns, parecia protegida. Tanto que, desde 1981 tínhamos no quadro docente da pós-graduação importantes professores expulsos da Universidade de São Paulo (USP)" (Guedes, 2007, p. 39). Contudo, esse fato não anula perseguições sofridas por professores e estudantes dessa instituição. Outro ponto foi a tentativa da queima de arquivos sobre a ditadura que ocorreu durante shows de bandas *punks* do ABC paulista e do centro de São Paulo. Por exemplo, o teatro TUCA, da PUC-SP, foi incendiado pelos militares, em 1977. Posteriormente, em 1984, utilizaram esse momento de trégua promovida pelas bandas *punks* para incendiar o teatro. Parte desse relato encontra-se conservado no documentário *Botinada: A Origem do Punk no* Brasil, produzido em 2006 por Gastão Moreira. Esse fato reforça nossa defesa de que não é a educação, tampouco, o ensino moral que transformariam as relações sociais. Acreditar na educação como fonte de mudanças estruturais no capitalismo, significa cair num fetichismo da educação.

inglês e francês, circulavam pelos corredores das universidades. Muitas obras eram trazidas por pesquisadores após congressos ou viagens para o exterior. A professora Maria do Carmo Guedes (1934-), por exemplo, possui um interessante relato sobre uma viagem compartilhada com Silvia Lane pela América latina. Essa história rendeu um artigo, sob o título de *A viagem histórica pela américa latina*.

Nesse texto, para além do interessante relato sobre as viagens feitas por diferentes países da América Latina, Guedes trouxe um importante dado, escrevendo: “Relemos então autores como Vigotski, Politzer, Marx (autores que conhecêramos na Filosofia com Cruz Costa); conheci Leontiev e Luria, que Sílvia Lane trouxera para uma disciplina [...]” (Guedes, 2007, p. 40). É curioso que Maria do Carmo Guedes e Silvia Lane tenham tido contato com Vigotski ainda na graduação, diga-se de passagem, na disciplina do filósofo brasileiro João Cruz Costa[181] (1904-1978). Esse fato apresentado por Guedes reforça nossa tese de que Sílvia Lane teve o conhecimento de textos sobre os psicólogos soviéticos antes da popularização de Vigotski no ocidente, em 1980.

Guedes (2007) salientou que no planejamento referente a viagem, Silvia entrou em contato com diversos colegas que conheceu em congressos de psicologia social, desde 1973. Essas trocas possibilitaram convites para universidades de países como Venezuela, Colômbia, México, Nicarágua, Equador e Peru. No entanto, a parte que nos interessa dessa história, não foi apresentada no pedido referente à viagem. Refiro-me ao contato que Sílvia Lane e Maria do Carmo Guedes tiveram em uma viagem programada de última hora para Cuba. Nesta visita, Guedes (2007) relatou que:

> Na verdade, pretendíamos mesmo ir a Havana, só não tínhamos posto Cuba em nosso roteiro porque nosso governo militar (claro!) não tinha relações com esse país12. Mas saíramos do Brasil com uma carta de apresentação do jornalista Fernando de Moraes para o Embaixador Cubano no México e da Venezuela com um nome para procurar na Universidade de La Habana: Fernando Gonzalez Rey (p. 43).

As professoras Sílvia e Maria do Carmo já haviam manifestado o interesse de conhecer Cuba, sobretudo pesquisadores da psicologia cubana, por exemplo, Fernando Luis Gonzalez Rey (1949-2019). Posteriormente, Gonzalez Rey construiria uma história com a educação e pesquisa brasileira, atuando na apresentação de diversos teóricos soviéticos para os brasileiros. Entretanto, um ponto fundamental

[181] Não encontrei nenhuma publicação do filósofo comentando sobre autores soviéticos.

para nossa defesa da importância de Sílvia para a popularização dessa teoria no Brasil reside na afirmação da professora Maria do Carmo, que recorda que “outra marca da visita a Cuba foi a oportunidade de encontrar traduções de livros do leste europeu e a preços incrivelmente baixos, outro exemplo de como o país investia em cultura” (Guedes, 2007, p. 43). Tratando-se de autores do leste europeu[182], podemos incluir a famosa *troika*. Alguns anos mais tarde, se tornariam um verdadeiro fenômeno na prática profissional e na produção teórica do se fazer ciência no Brasil.

O texto da professora Maria do Carmo Guedes nos conduz automaticamente para um breve esboço teórico de Fernando Luis Gonzalez Rey. Em um artigo publicado em 2007, sob o título *Encontro da Psicologia Social Brasileira com a Psicologia soviética*, o teórico cubano, realizou uma das poucas revisões históricas sobre a apropriação da psicologia soviética por autores brasileiros. De imediato, Gonzalez Rey reconhece o forte impacto que a psicologia soviética teve no Brasil, em específico na obra de Silvia Lane. Em suas palavras:

> É esse principio, de reconhecer o ser humano como produto histórico-social um aspecto sensível que une Sílvia à tradição da psicologia soviética, e que a leva a aproveitar de forma criativa o legado de Leontiev e de Vygotsky (Gonzalez Rey, 2007, p. 58).

A transformação criativa da psicologia soviética, destacando os aspectos históricos e culturais vivenciados no Brasil durante os anos de 1980, vai ao encontro da atividade criadora, proposta por Rubinstein (1963 [1959]). Os teóricos brasileiros não podiam simplesmente adaptar a teoria soviética nos problemas brasileiros, tampouco utilizá-la de maneira direta nos problemas práticos vivenciados nesse meio social. A proposta de Lane (2004 [1984]), precisamente a exposição teórico-prática descrita na primeira parte de seu livro, evidencia a transformação criadora da obra dos teóricos soviéticos.

Em outro interessante relato, Gonzalez Rey (2007) escreveu:

> Conheci Sílvia e Maria do Carmo Guedes na viagem de ambas pela América Latina no ano de 1982. Naquela viagem, revelou-se uma particular sensibilidade pela produção psicológica e pelo desenvolvimento teórico e social da América Latina naqueles anos, o que é particularmente importante se consideramos que a própria psicologia brasileira estava essencialmente orientada pela psicologia européia e norte-americana naquela época. Esse

[182] A fim de curiosidade, enquanto aluno de graduação, entre 2011 e 2016, encontrei, na biblioteca da Universidade que estudava, um xérox perdido de uma das obras escolhidas de Vigotski. Uma edição cubana que tinha um carimbo da biblioteca de Silvia. Esses materiais foram sendo divulgados no Brasil por seus alunos e orientandos posteriormente.

> fato evidenciava os princípios que norteavam a atividade intelectual de ambas professoras. Aquele trânsito delas por Havana, me permitiu conversar e aprofundar temas teóricos com ambas, e daí saiu minha primeira publicação no Brasil, que foi o capítulo de um livro meu intitulado *La categoria personalidad em la obra de los psicólogos marxistas*, que apareceu publicado numa coletânea de autores sobre o tema história da psicologia pela Editora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (EDUC) em 1986. (p. 59 – Grifos no Original).

O intercâmbio com o professor Gonzalez Rey facilitou, de modo significativo, o conhecimento de outros teóricos soviéticos da psicologia, dentre tais, sua orientadora de doutorado na União Soviética, Lídia Ilínichna Bozhovich (1908-1981). Nesse debate que se manteve até o falecimento do professor Gonzalez Rey, houve diversas concordâncias e discordâncias, entre os mais variados posicionamentos existentes, principalmente sobre a compreensão de Gonzalez Rey sobre o marxismo presente na teoria soviética da psicologia. No entanto, em uma passagem de seu artigo, o teórico escreveu:

> Já naquele momento iniciou-se um debate em relação ao uso da categoria personalidade na psicologia, apoiado num referencial marxista, ao qual muitos de nós definimos como psicologia marxista. A hegemonia do tema da atividade e da mediação semiótica na psicologia soviética caracterizou apenas um segundo momento da obra de Vygotsky e eles terminaram sendo reificados no imaginário vygotskiano dominante da psicologia ocidental, muito permeado pelas traduções e interpretações de autores norte-americanos (Werstch, Cole, Rogoff, entre outros). No entanto, os conceitos mais orientados à fundação de uma nova representação do mental, como o de personalidade, muito usado por Vygotsky, foram completamente ignorados (Gonzalez Rey, 2007, p. 59).

Um importante aspecto da afirmação de Gonzalez Rey encontra-se, também em 1934, no artigo *Problemas da psicologia nas obras de Karl Marx*, de Rubinstein. Afirmo tratar-se de um importante elemento o destaque dado por Gonzalez Rey sobre a categoria de personalidade. Rubinstein (1983 [1934]) já afirmava que era negativo uma psicologia que pretendesse ser marxista ignorar a personalidade em seus estudos, pois era a negação da constituição da pessoa em si.

Outro ponto que vale destaque refere-se ao elogio feito por Gonzalez Rey sobre o trabalho de Sílvia Lane. Segundo o autor:

> Os princípios da obra de Sílvia, sua maneira sistêmica de integrar o social e o individual, e de articular a pesquisa empírica em núcleos teóricos que vão se articulando entre si, constitui uma aproximação essencial ao "modus operandi" da psicologia soviética, o que expressa um nível criativo dessa relação que está além da incorporação mecânica de categorias "soltas" da obra de Vygotsky que caracteriza muitos espaços de uma apropriação funcionalista e mecanicista de Vygotsky na psicologia atual (Gonzalez Rey, 2007, p. 60 – Grifos no original).

Gonzalez Rey insiste no fato da criatividade presente na elaboração teórica de Sílvia Lane. No entanto, não acredito que a criatividade seja unicamente uma expressão individual presente em sua composição teórica. Sem embargo, tendo a crer, baseado em Rubinstein (1963 [1959]), que as teses desenvolvidas por Sílvia Lane e seu grupo seguem uma lógica posta na atividade criadora, respeitando os respectivos momentos históricos e condições materiais para suas objetivações. Não obstante, com as transformações históricas que tivemos ao longo das décadas de 1980 e 1990, sua obra se modificou substancialmente.

No final de seu artigo, Gonzalez Rey voltou a apresentar a importância e relevância da obra de Sílvia. Segundo o autor:

> Em primeiro lugar, o trabalho de Sílvia nos revelou uma apropriação crítica e criativa de um marco teórico revolucionário e novo, aquele desenvolvido pela psicologia soviética, o qual ainda é profundamente desconhecido na psicologia ocidental, entre outras coisas pela oficialização de uma interpretação monolítica e isolada da obra de Vygotsky que se tem institucionalizado pelo poder da psicologia norte-americana (Gonzalez Rey, 2007, p. 60).

Novamente, tendo a concordar com Gonzalez Rey, desta vez acerca de seu comentário sobre o desconhecimento da psicologia soviética pelo ocidente. As interpretações vindas dos Estados Unidos criaram um cenário funcionalista e mecanicista em vários momentos, reduzindo Vigotski a um cognitivismo teórico. Outro aspecto dessa afirmação resulta na ausência de pesquisas epistemológicas e históricas sobre essa abordagem.

Apesar da intensa atividade criadora presente no grupo de Sílvia Lane, a autora, durante a década de 1990, realizou a defesa de que a transformação partiria de mudanças éticas, descaracterizando e negando parte de sua defesa de uma modificação estrutural na objetividade da vida, conduzindo a mudanças psíquicas e subjetivas. Essa é uma das principais teses presentes na psicologia soviética.

No entanto, pensando nessa apropriação, outro texto de Gonzalez Rey merece destaque: *Reflexões sobre o desenvolvimento da psicologia soviética: focando algumas omissões da interpretação ocidental.* Em seu artigo, Gonzalez Rey (2012) buscou apresentar alguns posicionamentos pouco conhecidos no Brasil acerca da psicologia soviética. Nessa organização realizou uma apresentação sobre a fisiologia na Rússia Czarista, assim como dos representantes iniciais da psicologia neste período[183]. Outro ponto destacado por González Rey (2012) foi a participação

[183] Não me deterei nessa apresentação por já ter realizado isso em outro trabalho (Giannoni, 2018).

de Chelpanov na construção da psicologia na Rússia. Apesar de ser um filósofo e psicólogo de orientação idealista, sua ação na ciência psicológica motivou a criação do primeiro instituto de psicologia da Rússia. Esse fato, por exemplo, encontra-se descrito em Luria (1992 [1979]); entretanto, Chelpanov é, ainda, um desconhecido da psicologia ocidental e brasileira. O que conhecemos do autor são fragmentos e críticas vindas desta primeira geração da psicologia soviética.

Neste tocante, González Rey (2012) apresentou as polêmicas envolvendo a ideia sobre a consciência como uma reflexão do mundo externo. No entanto, utilizou a palavra reflexo, partindo de uma citação de Kornilov[184]. Esse caminho foi adotado para criticar a teoria da atividade de Leontiev, expressando os perigos mecanicistas que se encontravam em seus escritos. Em suas palavras:

> O interno passa a ser considerado apenas como uma imagem do externo, o que favorece uma psicologia centrada no objeto, onde sujeito e relações passam a ter um lugar completamente secundário, posição que se expressa em toda sua plenitude na Teoria da Atividade de A. N. Leontiev (González Rey, 2012, p. 265).

Tenho minhas concordâncias e discordâncias com o professor González Rey acerca da teoria da atividade; creio que a transformar no aspecto geral do estudo do psiquismo seja, de fato, adentrar a um aspecto de uma psicologia centrada no objeto. No entanto, compreendê-la a partir da concepção rubinsteiniana, atribuindo o estudo aos produtos da atividade, significa abrir caminho para a investigação de outros processos, diga-se de passagem, demonstrando um importante vínculo entre objetivo e subjetivo. A consciência, nesse último caso, passa a orientar o ser na realidade e essa tese jamais foi negada nas primeiras décadas de 1930 (Rubinstein, 1983 [1934]).

González Rey (2012) afirma que um caráter secundário é dado à consciência nesse contexto. Novamente, tendo a discordar dele, precisamente por toda a discussão teórica apresentada ao longo do primeiro capítulo desta tese. Para esse debate, recorro a Rubinstein (1983 [1934]), que destacava a importância da consciência na orientação da atividade. Não é apenas a atividade que produz a consciência, como uma determinação mecanicista. Em uma relação dialética, o ser consciente do mundo transforma a si próprio e a sua própria atividade de modo consciente. Negar a dialética entre atividade e consciência é assumir o desconhecimento da própria lógica dialética.

[184] Não encontrei a referência indicada por González Rey.

Contudo, González Rey (2012) realizou uma significativa apresentação de outros teóricos da psicologia que desenvolveram linhas próprias nessa ciência, diferenciando-se de posicionamentos de Vigotski e, especialmente, de Leontiev. Todavia, ao mesmo tempo, se aproxima de tais autores pela visão de mundo que conduzia suas ideias. De modo geral, o autor apresentou as ideias de Anániev, Miasíschev e Rubinstein, todos já debatidos nesta tese até o momento.

Apesar de González Rey (2012) realizar essa importante apresentação, ausente, aliás, dos estudos brasileiros nessa época, ele não consegue contemplar de maneira significativa toda a história da psicologia soviética, precisamente das teorias que se distanciaram da produção vigotskiana, e, posteriormente, da teoria da atividade de Leontiev. Outro fato que chama a atenção é sobre Rubinstein. González Rey afirma que no final da obra de Rubinstein a palavra reflexo dá lugar à refração. Porém, desde 1934, já encontramos não o termo reflexo, mas sim, reflexão. Esse fato contempla o caráter reflexivo da consciência. Ao mesmo tempo, o autor se confunde com alguns materiais de Rubinstein, apresentando os livros *Fundamentos de Psicologia* e *Fundamentos de Psicologia Geral*[185] como se fossem os mesmos materiais[186]. González também se equivoca no material pelo qual Rubinstein teria sido criticado. A perseguição política e as acusações de cosmopolitismo iniciaram-se com a publicação da segunda edição do livro, de 1940, e, também, com a tentativa de publicação de um material sobre as raízes filosóficas da psicologia. Esse fato encontra-se descrito em um relatório sobre as acusações feitas pela cátedra de psicologia. Rubinstein defendeu-se afirmando que os estudantes apresentavam a teoria de Leontiev como revolucionária, enquanto seu entendimento acerca da atividade passava a ser conservador (Voprosy Psikhologii, 1989 [1949]).

Apesar desse ponto sobre a teoria de Rubinstein, devo concordar com González quando afirmou:

> Não existiu uma psicologia monolítica que possa ser identificada como a "Psicologia Marxista", como com frequência tem sido trabalhada essa "unidade inventada", monolítica e coerente Vygotsky-Luria- -Leontiev. Não existe nada mais distante da dialética do que os processos unitários congelados no tempo (Gonzáles-Rey, 2012, p. 270).

Tanto Rubinstein (1983 [1934]) quanto Vigotski (1999 [1926]) tinham conhecimento que não se podia ainda falar sobre uma psicologia marxista.

---

[185] No espanhol e no português aparece como *Princípios de Psicologia Geral.*

[186] Já apresentei, no começo desta tese, os dois livros de Rubinstein *Fundamentos de Psicologia*, de 1935, e *Fundamentos de Psicologia Geral,* de 1940, com outra reedição em 1945.

Rubinstein destacava o desdenho à personalidade. Por sua vez, Vigotski, afirmava que essa ciência ainda requeria seu *O Capital*. Posteriormente, Rubinstein (1963 [1959]) ainda reforçaria que não era possível encontrar a psicologia nos fundadores do marxismo. Assim, não podemos ignorar o fato de que a teoria soviética da psicologia se fossilizou quando chegou ao ocidente, precisamente sobre o dogma da denominada *troika*. Ao menos esse fato se manifesta nas primeiras publicações de Vigotski e Leontiev, ao longo dos anos de 1980 no ocidente.

Outro importante material sobre uma leitura histórica da psicologia soviética no Brasil nesse momento é o trabalho organizado pela professora Flávia da Silva Ferreira Asbahr, sob o título de *Teoria Histórico-Cultural no Brasil*, de 2023. De maneira muito organizada, o material apresentou os grupos de pesquisas cadastrados no diretório do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), destacando aqueles que se valiam da teoria histórico-cultural como principal referencial teórico.

Ao mesmo tempo, o material organizado por Asbahr (2023) realizou uma apresentação sistemática sobre as contribuições da educação na divulgação da teoria soviética da psicologia no Brasil, algo que avalio como de grande importância, visto que a psicologia social, elaborada pelo grupo da PUC de São Paulo, vinha se desenvolvendo nesse mesmo período.

Em um capítulo escrito por Gisele Toassa, Flávia da Silva Ferreira Asbahr e Marilene Proença Rebello de Souza, sob o título de *Marxismo e Psicologia: Das Origens do Comunismo às primeiras décadas de psicologia soviética no Brasil*, as autoras chamam a atenção para a divulgação do marxismo no Brasil, a partir de uma perspectiva de apropriação manualesca. Esse fato foi comum na União Soviética, principalmente durante as décadas de 1930, 1940 e 1950, culminando no período de stalinização da psicologia, algo que apresentei no capítulo inicial desta tese. Porém, esse processo de se apropriar do marxismo a partir dos manuais e receituários foi um processo que extrapolou a União Soviética, atingindo outros países que possuíam suas organizações marxistas, socialistas e comunistas.

Nesse contexto, as autoras apresentaram um importante dado sobre uma psicologia de base marxista. Escrevendo sobre a presença dos primeiros materiais no Brasil, ao longo dos anos de 1970, elas destacaram que:

> Nessa década em que alguns psicólogos leem obras marxistas, a obra de Liev Semionovich Vigotski (1896-1934) começa a se fazer presente. Embora o pioneirismo dos estudos vigotskianos não esteja claro em Freitas

> (1994), 5 parece ter cabido a Agnela da Silva Giusta (?-2013), então estudante de mestrado, trazer exemplares de obras de Vigotski da Itália em 1975, entre as quais O desenvolvimento psicológico da criança. Giusta teria efetuado a primeira tradução artesanal de um dos capítulos desse livro, utilizada a partir de 1977 na área de Psicologia da Aprendizagem do Instituto Superior de Estudos Avançados em Educação da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, RJ. A estudante se interessou por Vigotski a partir do comentário de Jean Piaget acerca da psicologia soviética em livro de 1974, Sabedoria e ilusões da losoa. Outras entrevistadas por Freitas (1994) também relatam ter lido e/ou adquirido, no Brasil, edições importadas de Vigotski em 1977 [...] (Toassa; Asbahr; Souza, 2023, p. 174).

O dado histórico apresentado pelas professoras permite realizar uma importante afirmação nesta tese. Enquanto a escola da PUC de São Paulo vinha sendo fortemente impactada pelas primeiras obras de Leontiev que eram utilizadas nessa mesma época por Sílvia Lane e Wanderley Codo, teóricos vinculados à educação eram, ao mesmo tempo, afetados por materiais de Vigotski que entravam de maneira marginal no país. Portanto, a popularização da psicologia soviética, ao menos parte dela, encontra-se intrínseca e inseparavelmente vinculada a autores críticos que transformaram a história da psicologia social e da educação no país. Tal afirmação é feita também pelas autoras ao longo do capítulo.

Concomitantemente, é possível perceber que a psicologia de base marxista que começou a se popularizar no Brasil, tanto pela educação quanto pela psicologia social, limitou-se a Vigotski, Luria e Leontiev, ou ainda, a alguns outros teóricos, como Bakhtin, que começou a aparecer nos trabalhos da linguística e da educação.

Em termos gerais, a psicologia soviética começou a ganhar notoriedade nas pesquisas brasileiras apenas na década de 1980. Sua expressão, tanto na área social, quanto na educação, foi possível somente pelo trabalho coletivo de divulgação desses materiais, dentro e fora dos grupos de pesquisa. Simultaneamente, Toassa, Asbahr e Souza (2023) destacaram a significativa contribuição do professor González Rey na divulgação de outros teóricos de base marxista da psicologia soviética. As autoras recordaram a famosa viagem feita por Sílvia Lane e Maria do Carmo Guedes, culminando no encontro das professoras com González Rey, em Cuba.

Retornando à educação, Toassa, Asbahr e Souza (2023) apresentaram as contribuições de autores como Ana Luiza Bustamante Smolka, Marta Kohl e Demerval Saviani. Todos tiveram um importante papel na divulgação dos autores soviéticos no Brasil. Saviani, posteriormente, valendo-se da atividade criadora, produziria as bases que sustentariam a denominada pedagogia histórico-crítica. Por

sua vez, tratando-se da psicologia escolar, as autoras também destacaram a contribuição para divulgação desses teóricos no Brasil. Toassa, Asbahr e Souza apresentaram a divulgação de outros autores, como, por exemplo, Vasilii Vasilievitch Davydov (1930-1998), Daniil Borisovitch Elkonin (1904-1984), Piort Iakovlevitch Galperin (1902-1988), além de outros pensadores já destacados nesta tese[187].

Caminhando para a conclusão do capítulo, Toassa, Asbahr e Souza (2023) afirmaram que a entrada da psicologia soviética no Brasil foi retardada pelo golpe militar de 1964 - posicionamento que concordo. No entanto, não podemos ignorar o fato desses materiais circundarem os ambientes acadêmicos desde antes de 1960. A visita dos soviéticos ao Brasil, em 1958, é fato que demonstra a presença não apenas das obras, mas, sobretudo, do intercâmbio que almejava ser desenvolvido com o país. Sem embargo, a negação da obra soviética no país possui uma história que se iniciou antes do golpe militar de 1964. Não obstante, é curioso que sua hiper popularização se deu apenas após a publicação e divulgação de traduções vindas dos Estados Unidos, afinal, tudo que vinha – e ainda vem – da terra do Tio Sam ganha status e conotação de superior.

Nesse mesmo livro, outro capítulo chamou a atenção. Escrito por Gabriel Luiz de Cantuária e Flávia da Silva Ferreira Asbahr, sob o título *Algumas Inquietações Sobre o Desenvolvimento da Psicologia Histórico-Cultural no Brasil*, o material realiza alguns apontamentos e indagações de grande importância para se pensar no desenvolvimento histórico, atual e posterior dessa teoria no Brasil. Em um trecho referente a tais questionamentos, os autores escreveram:

> Dada a importância do problema da demarcação epistemológica quanto à Psicologia Histórico-Cultural, novas pesquisas acerca do desenvolvimento dessa teoria no Brasil podem necessitar responder à pergunta: do ponto de vista teórico, no que consiste, exatamente, a Psicologia Histórico-Cultural? De fato, parece impossível pesquisar a história de uma teoria sem encontrar suas especicidades que a diferenciam de outros sistemas teóricos, principalmente daqueles epistemologicamente próximos. Todavia, o caminho inverso também pode ser frutífero: até que ponto a Psicologia Sócio-Histórica, a Teoria da Atividade e a Psicologia Histórico-Cultural se encontram ligadas em nosso país a ponto de constituírem, um único corpo teórico? Tratar-se-ia da mesma teoria, apenas com nomeações distintas devido ao contexto histórico de chegada ao Brasil? Quais seriam as consequências de tal aglutinamento? Quais foram os fatores que possibilitaram a eventual separação entre essas

[187] É importante destacar que essa área ganhou destaque a partir dos anos de 1990, principalmente com as produções de Maria Helena de Souza Patto. Por não se constituir como um objetivo deste trabalho, nos absteremos desse debate após o decênio de 1980.

> abordagens ou nomeações, se é que ela de fato aconteceu? (Cantuária; Asbahr, 2023, p. 200)

Esse talvez seja um dos terrenos mais espinhosos da teoria, pois afirmo que a Psicologia Histórico-Cultural, Sócio-Histórica e a Teoria da Atividade, embora surjam de um mesmo contexto histórico, transformaram-se nas pesquisas brasileiras. Aliás, destaco, ainda, que todas essas nomeações, apesar de derivarem de pesquisas vindas da União Soviética, transformaram-se ainda em solo soviético, tal como encontrado em Rubinstein (2002 [1945]; 1963 [1959]), Vigotski (1999 [1926-1927]), Luria (1992 [1934]), Smirnov (1968), Petrovski (1985), Payne (1968), entre outros teóricos que destacaram as mudanças históricas e epistêmicas sofridas por essas teorias ao longo das décadas do regime soviético.

Vale recordar que o termo histórico-cultural era utilizado pelos censuradores da época. Talankin (2000 [1930]), por exemplo, valia-se da terminologia de forma pejorativa, evidenciando um possível sociologismo genético vindo da noção de interiorização de Luria e Vigotski. Esse fato reapareceu em Rudneva (2000 [1936), assim como em outros críticos de Vigotski desse período. Por sua vez, como já destaquei anteriormente, o termo sócio-histórica também foi utilizado pelos soviéticos. Smirnov (1968) apresentava esse aspecto na teoria de Vigotski, enfatizando Leontiev como continuador desse legado. Por fim, a teoria da atividade, possivelmente, tornou-se uma das mais prejudicadas nesse contexto. Em entrevistas feitas por Freitas (1994), e debatidas no livro organizado por Asbahr (2023), Leontiev e Rubinstein surgem como representantes diretos de uma mesma abordagem, pensando o mundo a partir de um materialismo mecanicista. Compreender o desenvolvimento da atividade mental meramente como uma interiorização da atividade prática, de fato resulta num aspecto mecânico e reducionista da vida psíquica. No entanto, não é essa a concepção apresentada por Rubinstein (1983 [1934]; 1935; 2002 [1945]; 1963 [1959]). Para o autor, é incorreto afirmar que o desenvolvimento da atividade psíquica transcorre de maneira unilateral; na própria atividade psíquica, como afirmou o autor, já existem elementos subjetivos que orientam o transcorrer desse processo. Ao mesmo tempo que a atividade objetal produz a atividade mental, o subjetivo atua reorganizando o objetivo. Afinal, já existem fenômenos e processos que não são intrínsecos a um processo de mera interiorização unilateral, como se o subjetivo fosse um reflexo imediato do objetivo (Rubinstein, 1963 [1959). Me atreveria a afirmar que a

perejivanie cumpre um importante papel na produção da vida psíquica, na organização e orientação da própria atividade, ou ainda, nas produções e expressões da personalidade que se objetivam nos produtos da atividade.

Sem embargo, retomo o debate afirmando que a Psicologia Histórico-Cultural, Sócio-Histórica e a Teoria da Atividade constituíram-se no imaginário soviético, fundamentalmente após a segunda metade do século XX, conservando-se no Brasil como expressão ora revolucionária por algumas leituras, ora revisionistas por outras e ora mecanicistas por outras. Esse aspecto também apareceu na União Soviética, já no final dos anos de 1940, com a perseguição sofrida por Rubinstein e outros teóricos tidos como cosmopolitas (Voprosy Psikhologii, 1989 [1949]). Ou, quiçá, em 1930, com a censura dos teóricos que trabalhavam com a denominada pedologia (Rudneva, 2000 [1936]). Todavia, uma grande diferença nessas leituras feitas na União Soviética é que apareciam sob a etiqueta de anti-marxista, anti-leninista, anti-dialético etc. Aspectos que, aparentemente, repetem-se em outro período histórico do desenvolvimento científico da psicologia.

Portanto, acredito que esses três desdobramentos apresentados por Cantuária e Asbahr (2023), atualmente, não são a mesma teoria, embora em alguns momentos possam falar coisas semelhantes, ou, ainda, sejam tratados como sinônimos. Em sua essência, transformaram-se em pesquisas diferentes. Esse fato é perpetuado desde a popularização dessas abordagens no Brasil, em 1970 e 1980, diga-se de passagem, passando pelo conhecimento ou desconhecimento epistemológico de tais ideias.

Cantuária e Asbahr (2023) apresentaram que em um dos relatos da entrevista feita em suas pesquisas, com pesquisadores que foram pioneiros no estudo dessa teoria no Brasil, houve a indicação[188] de que existiam materiais que destacavam a circulação e veiculação de materiais soviéticos no Brasil antes do que seria considerada a primeira publicação oficial da teoria no país, ou seja, o livro *Curso de Psicologia Geral*, de Luria, editado em 1979. Assim, Cantuária e Asbahr consideram que provavelmente reproduziriam a versão oficial dessa história no Brasil, algo que já destaquei anteriormente, precisamente nos avanços da psicologia social com a

[188] A entrevista a qual me refiro foi realizada com a professora Sueli Terezinha Ferrero Martin. Nela, Sueli havia indicado algumas conversas que tivemos junto à comissão de memória e história da ABRAPSO, regional São Paulo. Na ocasião, havia apresentado alguns documentos que apareceram no corpo desta tese sobre os artigos e materiais veiculados de Vigotski, Luria etc. nos jornais e periódicos brasileiros desde 1930.

escola da PUC de São Paulo e da educação com professores vinculados aos programas da USP e UNICAMP. Entretanto, a história oficial, mencionada pelos autores, não deve ser descartada, pois, de fato, marcou uma transformação epistêmica no cenário de produção teórica e prática no país. Ao mesmo tempo, é importante realçar que em minha dissertação de mestrado, trabalho orientado pela professora Inara Barbosa Leão, apresento breves documentações sobre a presença dos soviéticos no Brasil, em 1950. Em específico, comento brevemente sobre a visita de Anániev no país (Giannoni, 2018)[189].

Tratando das entrevistas realizadas por Cantuária e Asbahr (2023), em alguns momentos aparecem indagações referentes a chegada da teoria ao Brasil. Em uma das perguntas feitas por Gabriel Cantuária à professora Ana Luiza Bustamante Smolka, ele expressa concordar com Freitas (1994) acerca do ingresso da teoria no país a partir da educação. Acredito que devemos ter cautela com essa afirmação. Ao longo desta tese, pretendi demonstrar como a psicologia soviética foi surgindo nos debates brasileiros desde antes de 1970 e 1980. Assim, se o critério de ingresso representar os pioneiros na leitura dessa abordagem no país, podemos supor ter sido a medicina, ou, quiçá, a educação patrística dos anos de 1930, com a leitura de Blonski. Outro exemplo que sustenta essa afirmação encontra-se em 1935. Sobre os materiais referentes a essa década, apresentei um livro recebido pela Liga Brasileira de Hygiene Mental, agradecendo o recebimento de um material no qual constava um artigo de Luria e Vigotski. Assim, de maneira tendenciosa poderia afirmar que a teoria entrou no país por meio da psiquiatria de base conservadora, reacionária e fascista. Neste sentido, afirmaria que a teoria já estava presente no Brasil desde 1930. No entanto, por condições objetivas da existência e subsistência da vida, pelas ditaduras e perseguições políticas, acirramento da guerra-fria no mundo, ela somente teve condições de se popularizar no país a partir de 1970 e 1980. Vale recordar que a professora Maria do Carmo Guedes mencionou ter tido contato com Vigotski, ainda durante a graduação (Guedes, 2007).

Retomando a entrevista com a professora Ana Luiza Bustamante Smolka, é necessário destacar um aspecto curioso sobre a nomenclatura envolvendo a teoria. Ela disse:

[189] Por algum motivo que desconhecemos a dissertação não consta no BDTD, mesmo tendo sido concluída em 2018.

> Então, por exemplo, no meu pós-doutorado com o James em 1990, a gente já tinha uma definição aqui de que deveria ser “Histórico-Cultural”. E não é sócio-histórico, é o histórico-cultural, por quê? O argumento que a gente colocava na mesa é exatamente o cultural, a cultura e a história já pressupõe o social, não precisa reiterá-lo, e o James argumentava que era uma questão de não cairmos no historicismo, então cada um tem seu argumento. O nosso argumento é a centralidade, realmente, da história e da cultura no desenvolvimento e aí já pressupõe a questão do social. Então, isso foi se construindo ali, 1986, 1987 (Smolka, 2023, p. 229 – Grifos no Original).

A professora relatou que, anteriormente, denominavam a teoria como sócio-cultural. A história e a cultura de fato perpassam toda discussão inicial da origem do psiquismo. Vale recordar o velho adágio de Marx e Engels (2007 [1845/1846]), de que o primeiro ato histórico foi a produção dos víveres. Historicamente, herdamos por meio das relações sociais tal herança cultural, transmitida de geração para geração. Porém, parece que novamente retomamos um problema central nessa abordagem: a forma como é denominada. Algo que se encontra longe de ser solucionado, precisamente devido às diferentes apropriações e transformações que essa teoria sofreu ao longo das décadas, desde seu desenvolvimento inicial na União Soviética.

Algo semelhante ocorreu na entrevista realizada com a professora Suely Amaral Mello. Nela, Suely (2023) indicou que em uma visita a Cuba, participando de um congresso, adquiriu “[...] livros do Rubinstein, Maia Ivanova Lísina, Alexander Vladimirovitch Zaporozhets, e a gente nem indicava ainda como sendo da teoria” (p. 243). Um aspecto que gerava confusão, produzindo, até os dias de hoje, uma aproximação desses teóricos com Vigotski. Em seguida, a professora relatou que “depois fomos conseguindo amarrar, compreender o que passamos a chamar de Escola de Vigotski”. (p. 243). Avalio que essa ambiguidade foi necessária no processo de apropriação teórica, diga-se de passagem, avançando as discussões metodológicas e apresentando novos autores para compor uma discussão marxista na teoria. Simultaneamente não podemos agir de modo anacrônico, desconsiderando as limitações tecnológicas da época. Atualmente, o avanço digital permite-nos conhecer a psicologia soviética de outra maneira. As restrições políticas da época também não devem ser desconsideradas. Vale recordar o trecho da música de José Larralde (1937-), utilizado como epígrafe do livro de Marta Shure: *“No venga a tasarme el campo com ojos de Forastero porque no es como aparenta, sino como yo lo siento*”.

O relato da professora Sônia da Cunha Urt também evidencia o caráter dinâmico da divulgação da psicologia soviética no Brasil. Sônia compartilha sua trajetória profissional, chegando na PUC de São Paulo para sua pós-graduação. Apesar de se vincular ao programa de educação, relatou que na psicologia social a teoria soviética ganhou força a partir dos trabalhos de Sílvia Lane. Sonia expressou que:

> A Silvia Lane era danada, ela tinha acesso a tudo, impressionante, e eu, como tinha umas colegas que eram assim com a Silvia, um grupo aqui da psicologia social, por ali, a gente também [acessava] material. Então, sempre foi um pouco assim (Urth, 2023, p. 259).

Sílvia, de fato, cumpriu esse importante papel na popularização da psicologia soviética, dado e fato repetido várias vezes nesta tese. Não obstante, o que fica evidente nas entrevistas realizadas por Cantuária e Asbahr (2023) é que a psicologia soviética não se disseminou apenas por um único grupo, professor ou figura messiânica. Sílvia Lane teve seu papel nessa tarefa, junto a outros professores, alunos, profissionais e militantes políticos. Acreditar que tudo se iniciou e ficou unicamente centralizado na academia seria cair num idealismo educacional colossal. As próprias docentes entrevistadas por Cantuária e Asbahr tiveram esse fundamental papel de difundir parte desse conhecimento vindo da psicologia soviética. É importante ressaltar que pessoas citadas nas entrevistas também tiveram seus papéis, diga-se de passagem, formando seus próprios grupos e espaços de divulgação. Esses nomes não devem ser silenciados, tampouco apagados da história da teoria soviética da psicologia no brasil.

Uma das entrevistas que mais nos ajuda a pensar na importância do grupo formado na PUC de São Paulo é a de Sueli Terezinha Ferrero Martin. Sueli, falando sobre aspectos voltados ao desenvolvimento dessa perspectiva teórica no país, remontou a Sílvia Lane, relatando imaginar que em contato com os cubanos, Sílvia teria tido acesso aos primeiros materiais dos soviéticos[190]. Sobre os estudos acerca da psicologia soviética, a professora Sueli discorreu:

---

[190] Em conversas informais, ainda durante meu mestrado, a professora Inara Barbosa Leão, na ocasião minha orientadora, mencionava que Sílvia teve contato com Leontiev em meados dos anos de 1970, diga-se de passagem, tendo acesso ao livro *O Desenvolvimento do Psiquismo*. Acredito que pela grande proximidade entre a professora Inara e Sílvia, seria uma entrevista imprescindível para futuros trabalhos que visem remontar esse aspecto histórico e vivencial. Para além disso, a professora Inara possui ainda o conhecimento de um método que se iniciou com Sílvia e foi sendo aprofundado por ela em seu doutorado e trabalhos posteriores que orientou na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul: *A análise gráfica do discurso*. Tal método de análise da consciência segue os preceitos vigotskianos postos nas leis de desenvolvimento do pensamento e linguagem,

> E aí, em 1979, começou a ser publicado um material do Luria que é o *Curso de Psicologia Geral*. Assim que saiu a publicação em português pela Civilização Brasileira, a Silvia começou a usar um dos capítulos que é sobre *atividade consciente*. Consciência era a categoria da época na psicologia social da PUC-SP. Desenvolvimento da consciência, alienação, consciência, eram categorias fundamentais de base, de discussão, de leitura. Então, esse capítulo do Luria começou a circular no grupo de pesquisa. A PUC, desde essa época, funcionou com grupos de pesquisa. A Silvia coordenava um grupo de pesquisa e todos os orientandos participavam; a gente lia os materiais, discutia e, na medida do possível, articulava com a pesquisa que realizava. O Luria foi o primeiro autor, digamos assim. Logo depois chegou na Livraria Cortez, que é do lado da PUC, *O desenvolvimento do psiquismo*, do Leontiev, uma publicação portuguesa da Livros Horizonte, era Horizonte Universitário, alguma coisa assim. Aí também, nós começamos a ler o Leontiev, O desenvolvimento histórico da consciência, sempre a questão da consciência nesse momento. Esse era o grande foco do grupo e da Silvia. E só depois, em 1984, é que vai ser publicada A formação social da mente, do Vigotski. Até então, a Silvia falava do Vigotski e chegou a trazer um material publicado em Portugal para a gente ter algum contato, mas era muito difícil, assim, o Vigotski ainda era... o que chegou mesmo foi O desenvolvimento do psiquismo. Logo depois a Silvia conseguiu o livro do Leontiev também, *Atividade, consciência e personalidade*. E aí, é isso, ela trazia e a gente xerocava, ia espalhando. E depois, o A formação social da mente, a gente começou a estudar, apesar da limitação, mas era o que a gente tinha, a gente não tinha outra possibilidade, não existia internet, não existia livro digitalizado, essas coisas não existiam na época, então era o que tinha. Só bem depois foi publicado também Pensamento e linguagem pela Martins Fontes, que é uma versão muito cortada, muito conteúdo foi tirado. O início do contato foi por aí; e estudar, porque ninguém conhecia a obra ainda, inclusive a Silvia não tinha leitura da obra ainda. A gente foi estudar junto mesmo, fomos ler, fomos discutir, fizemos todo esse movimento (Martin, 2023, p. 269).

A consciência era uma categoria evidenciada e trabalhada a partir de uma perspectiva marxista. Na história da própria ciência psicológica, dogmas foram levantados acerca da consciência; abordagens psicológicas negavam sua existência e importância para os estudos, reduzindo-a a elementos fisiológicos, psicofisiológicos e comportamentais. Outras tendências assumiam um posicionamento puramente idealista e subjetivista, fazendo da consciência o próprio demiurgo da psicologia, ou, ainda, atribuindo mais importância aos seus aspectos inconscientes, apresentados muitas vezes como naturais no processo de desenvolvimento psíquico. Por esse motivo, uma teoria que conseguisse apresentar os aspectos conscientes a partir de uma perspectiva materialista, rompendo com as tendências fisiologizantes e comportamentalistas da psicologia, ganharia força em um momento de redemocratização do país. A teoria soviética da psicologia não era

---

demonstrando como a atividade criadora foi transformando a psicologia soviética no Brasil, considerando as necessidades, condições políticas, históricas, econômicas e principalmente culturais para essas mudanças significativas.

apenas materialista, mas considerava os aspectos históricos do desenvolvimento psíquico. Ao mesmo tempo, era dialética, pois entendia as transformações qualitativas da atividade e da consciência humana. Para além disso, a teoria era baseada em ideias marxistas, combustão final para transformações radicais na ciência psicológica brasileira.

Contudo, um fato deve ser evidenciado aqui neste capítulo, principalmente após as entrevistas apresentadas, ou seja, os nomes que rondavam as ideias de Vigotski, tal como os pensadores vinculados a ele durante os anos de 1980. Desde os primeiros trabalhos na educação e psicologia social, encontram-se denominações como psicologia sócio-histórica, histórico-cultural e sócio-cultural, tal como identificamos na entrevista feita por Cantuária e Asbahr (2023). Porém, algo que ainda necessita ser estudado refere-se aos desdobramentos teóricos e práticos, quiçá epistemológicos, que tiveram essas três diferentes nomenclaturas. Poderíamos, ainda, acrescentar outra nesta confusão metodológica e histórica vinda dos anos 1980: interacionismo ou sócio-interacionismo.

Outro ponto importante na entrevista da professora Ana Luiza, encontra-se no fato de como a linguagem é intrínseca à educação e à psicologia - aspecto talvez intocável nos trabalhos que remontam uma discussão histórica e epistemológica sobre essa teoria no Brasil. Ana Luiza relata ter trabalhado com a linguagem, mas não podemos deixar de considerar que essa unidade de análise da consciência será um tema central nos trabalhos de Sílvia Lane, já na década de 1980. A tese da professora Inara Barbosa Leão, concluída em 1998, apresentou parte desse entrelaçamento com a linguagem, culminando na análise gráfica do discurso. Portanto, não podemos considerar que apenas as pesquisas direcionadas à educação tiveram influência direta nas discussões sobre a linguagem. A psicologia social compreendeu a importância das significações sociais, incorporando em seus trabalhos um debate sobre sentido e significado, diga-se de passagem, passando pelos aspectos afetivos e emocionais (Leão, 1998).

Partindo para uma análise das primeiras traduções em português[191] sobre a teoria soviética da psicologia, devemos evidenciar o livro *Curso de Psicologia Geral*,

[191] Nesse momento já tínhamos outras obras em português que circulavam no Brasil. Por exemplo, o livro *Princípios de Psicologia Geral*, de Rubinstein e *O Desenvolvimento do Psiquismo*, de Leontiev. Todavia, a tradução havia sido feita por editoras portuguesas. Neste sentido, a editora Civilização Brasileira foi pioneira na iniciativa das traduções soviéticas para o Brasil. Ao mesmo tempo, não

de Luria. A obra traduzida em 1979, deve ser apresentada como pioneira nesta popularização das discussões acerca do desenvolvimento do psiquismo, a partir de uma perspectiva marxista. Uma análise rápida e consistente que pode ser realizada sobre esse material parte da lógica atribuída ao próprio Luria. Em sua obra, o teórico soviético produz um manual introdutório sobre o desenvolvimento psíquico. Nele, Luria (1979) apresentou a evolução do psiquismo, destacando sua origem e relação fisiológica, psicofisiológica e neurológica, culminando na atividade consciente dos seres humanos. A lógica de Marx faz-se presente nesse tópico, precisamente tendo o trabalho como responsável pela produção da atividade consciente dos seres humanos. O marxismo faz-se presente na discussão laboral enquanto responsável pela produção da consciência e atividade consciente dos seres humanos no mundo.

O restante da obra, ou seja, os outros três volumes, continuam apresentando os elementos que compõem a consciência. A sensação, percepção, atenção, memória, pensamento e, culminando numa das unidades de análise da consciência: a linguagem (Luria, 1979). Todas as obras encontram-se vinculadas a uma discussão marxista em seus fundamentos epistemológicos. Por trás da teoria e das pesquisas apresentadas, a visão de mundo de Marx está presente do começo ao fim.

A publicação de Luria surgiu 10 anos após seu outro texto fazer-se presente no Brasil, destacando a teoria de Vigotski na psicologia, assim como o entendimento do teórico soviético sobre as denominadas funções psicológicas superiores (Luria, 1969). Vale recordar que Luria era um teórico conhecido mundialmente, precisamente por seus trabalhos na neuropsicologia. Suas obras já haviam sido traduzidas para idiomas como inglês, francês, espanhol e português. Esse reconhecimento mundial pode ter facilitado seu ingresso no Brasil, inicialmente na década de 1960, e posteriormente com a coleção de seus quatro livros sobre a psicologia e os elementos presentes na consciência.

Cinco anos após a divulgação do livro de Luria, foi publicada a primeira versão em português de um material que passaria a fazer parte das pesquisas vigotskianas na psicologia brasileira. Refiro-me a obra *A formação social da mente*, recorte de vários textos de Vigotski. Os textos contidos nesse livro tiveram cortes em discussões teóricas que os editores compreendiam como não relevantes ou

---

podemos desconsiderar fragmentos que existiam circulando no país nesse momento, como a edição da Revista Tempo Brasileiro que circulava desde 1960, com um texto escrito por Luria sobre Vigotski.

fundamentais para se entender as ideias do autor soviético. Nesta obra, organizada por Vera John-Steiner, Ellen Souberman, Michael Cole e Sylvia Scribner, encontra-se descrito:

> O trabalho de reunir obras originalmente separadas foi feito com bastante liberdade. O leitor não deve esperar encontrar uma tradução literal de Vigotski, mas, sim, uma tradução editada da qual omitimos as matérias aparentemente redundantes e à qual acrescentamos materiais que nos pareceram importantes no sentido de tornar mais claras as ideias de Vigotski. Como outros editores já notaram, o estilo de Vigotski é extremamente difícil (Cole et al, 2007 [1984], p. 15).

A consideração sobre a escrita difícil de Vigotski perpassa pelos aspectos epistemológicos em sua teoria e, ao mesmo tempo, pela lógica dialética dada a sua obra. Não devemos ignorar a presença da visão de mundo de Marx, tal como a herança dialética na composição teórica vigotskiana. Esse fato é divergente da lógica formal adotada por grande parte da psicologia ocidental.

Entretanto, para além da dificuldade levantada por Cole (2007 [1984]), vale destacar a liberdade de fragmentar a obra de Vigotski, algo que enfatizou no prefácio do livro. Aquilo que denominou como redundante apareceu posto nas obras escolhidas de Vigotski como aspecto central das discussões sobre método de análise das funções psicológicas superiores (Vygotski, 2000). Parte dessa discussão foi perdida nos cortes promovidos pela edição organizada por Cole. Novamente, trechos que seguem a lógica dialética e uma fundamentação marxista, desapareceram nestes recortes. Adiante, Cole salientou:

> Temos, ainda, perfeita noção de que mexer nos originais poderíamos estar distorcendo a história; entretanto, acreditamos também que, deixando claro nosso procedimento e atendo-nos o máximo possível aos princípios e conteúdos dos trabalhos, não distorcemos os conceitos originalmente expressos por Vigotski (Cole, 2007 [1984], p. 15).

O procedimento feito por Cole e outros organizadores do livro não ficou evidente ao longo das páginas subsequentes. Sem embargo, em *A Formação Social da Mente*, Vigotski pode ser compreendido como um interacionista, sócio-interacionista, cognitivista, mentalista, culturalista, entre outras etiquetas psicológicas que considerem a história, a cultura e a sociedade no desenvolvimento psicológico. Contudo, fica evidente que as discussões de cunho filosófico, em específico marxista, foram suprimidas desse material. Quando aparecem, surgem como fraseologias soltas entre um capítulo e outro, por exemplo, a clássica citação da aranha que se encontra no começo do livro, tal como se fosse uma epígrafe de sua obra.

Contudo, de modo consensual, Cole e Scribner (2007) apresentam Vigotski como um teórico à frente de seu tempo, buscando estabelecer um nexo com os problemas psicológicos existentes na segunda metade do século XX. Para os teóricos estadunidenses, Vigotski não deve ser lido como um protocolo histórico. Fato que concordo e que aparece posto em outros materiais, como, por exemplo, em Shuare (2016 [1990]).

De modo geral, nessa apresentação sobre Vigotski e sua produção na psicologia soviética, Cole e Scribner (2007) realizaram uma retomada histórica sobre o desenvolvimento da psicologia na Rússia. Fizeram todo o caminho clássico destacando as divergências teóricas entre Chelpanov e Kornilov, apresentando os aspectos de genialidade transmitidas nas histórias sobre o ingresso de Vigotski na teoria psicológica. Apesar de alguns equívocos acerca de dados históricos, por exemplo, da comunicação feita por Vigotski no Segundo Encontro de Psiconeurologia, a história apresentada segue uma lógica dos fatos que ocorreram naquele momento e que estão descritos em materiais sobre esse período. Contudo, ao finalizar a apresentação histórica, destacando a elaboração teórica que Vigotski produziu na psicologia, os autores escreveram:

> Ao enfatizar as origens sociais da linguagem e do pensamento, Vigotski seguia a linha dos influentes sociólogos franceses, mas até onde sabemos, ele foi o primeiro psicólogo moderno a sugerir os mecanismos pelos quais a cultura torna-se parte da natureza de cada pessoa. Ao insistir em que as funções psicológicas são um produto da atividade cerebral, tornou-se um dos primeiros defensores da associação da psicologia cognitiva experimental com a neurologia e a fisiologia. Finalmente, ao propor que tudo isso deveria ser entendido à luz da teoria marxista da história da sociedade humana, lançou as bases para uma ciência comportamental unificada (Cole; Scribner, 2007, p. 24).

Esse talvez seja um dos trechos mais confusos dessa apresentação. Nele, Vigotski pode ser entendido como um representante direto do sociologismo genético, crítica feita por Rubinstein (2002). Ao mesmo tempo, pode ser compreendido como teórico culturalista, cognitivista, localizacionista e, por fim, comportamentalista. Tudo isso é explicado pela teoria marxista da história da sociedade humana, tal como aparece descrito pelos autores. A apresentação causa mais dúvidas que elucidações, deixando uma confusão sobre como classificar o teórico soviético.

Outro ponto que vale, e deve, ser comentado é sobre a maneira como Cole e Scribner apresentaram o marxismo de Vigotski. Afirmaram que, diferente do birô político da União Soviético, o autor vindo da Bielorrúsia possuía uma aplicação diferente do materialismo histórico e dialético na psicologia. Segundo os autores:

> Ao contrário do estereótipo dos intelectuais soviéticos que se apressam em fazer suas teorias de acordo com a mais recente interpretação do marxismo elaborada pelo Politburo, Vigotski, desde o início de sua carreira, via o pensamento marxista como uma fonte científica valiosa. “Uma aplicação do materialismo histórico e dialético relevante para a psicologia” seria um resumo preciso da teoria sociocultural de Vigotski dos processos psicológicos superiores (Cole; Scribner, 2007 [1984], p. 25).

Uma afirmação tendenciosa e perigosa, baseada no modelo de construção científica ocidental. Nela uma única figura mística, fugaz e dotada de extrema intelectualidade, dominava e aplicava com maestria o método do materialismo histórico-dialético. Por si só, essa fala possui diversos problemas, começando pela aplicabilidade de um método. Páginas acima já afirmei sobre o processo de criação dos soviéticos, precisamente, na atribuição de uma lógica marxista à psicologia, não necessariamente na aplicabilidade de um método, diga-se de passagem, transposto da economia política para a psicologia. Outro fato interessante é a desconsideração da história da psicologia soviética, por exemplo, os avanços promovidos por Kornilov (1925; 1930). Ou ainda, as mudanças epistemológicas destacadas por Rubinstein (1983 [1934]). Evidentemente o acesso a essa informação era mais restrito, precisamente devido à Guerra Fria e às disputas econômicas e políticas existentes entre União Soviética e Estados Unidos. Por fim, torna-se uma afirmação completamente ideológica, a partir do ponto de vista burguês. Aparentemente, segundo essa passagem, o marxismo na União Soviética era uma espécie de seita elaborada unicamente pela intelectualidade política, vinda do partido. Vale reforçar que outros teóricos dominaram a lógica marxista, contudo, não tiveram sucesso em objetivar teorias ou tendências que contribuíssem para as explicações sobre o desenvolvimento do psiquismo.

No decorrer desse tópico, Cole e Scribner (2007 [1984]) apresentaram o entendimento que Vigotski possuía do marxismo, tal como supostamente o método apareceria nos capítulos desse livro que haviam organizado. Em um determinado momento, citaram um trecho do texto referente ao significado histórico da crise na psicologia. O principal argumento era para desconsiderar a importância de algumas afirmações realizadas nos clássicos do marxismo. Por exemplo:

> Certos psicólogos soviéticos costumavam citar em excesso os clássicos do marxismo, procurando, dessa forma um meio de construir uma psicologia marxista em meio ao caos das escolas antagônicas existentes. Ainda que, em notas não publicadas, Vigotski tenha repudiado o “método das citações” como maneira pela qual ele julgava que seus princípios metodológicos básicos pudessem contribuir para a elaboração de uma teoria na psicologia (p. 27 – Grifos no original).

Posteriormente, Cole e Scribner apresentaram um trecho do texto de Vigotski (1999) no qual o teórico menciona sobre a necessidade do desenvolvimento de uma abordagem que representasse o capital da psicologia, discussão que apresentei no primeiro capítulo dessa tese. No entanto, diferente de Cold e Scribner, almejei destacar o trabalho de Rubinstein (1983 [1934]) como elemento importante na elaboração de uma psicologia de base marxista. Esse tipo de afirmação, feita pelos autores estadunidenses, novamente aparece como tendenciosa e principalmente a-histórica, pois ignoram o processo histórico da produção científica da psicologia soviética. A elaboração de uma ciência psicológica de base marxista não foi fruto de um único teórico, tampouco objetivada sem um debate extensivo entre vários autores.

Dando continuidade, Cole e Scribner (2007 [1984]) apresentaram outros autores do período vigotskiano. Trouxeram as contribuições e influências diretas de Blonski sobre a obra de Vigotski. Escreveram sobre a compreensão histórica dos autores soviéticos, no entanto, ao invés da pessoa, ou da personalidade, Cole e Scribner apresentaram o problema como história do comportamento. É válido lembrar que de fato Vigotski e Luria (1996 [1930]), possuem um livro com esse nome. Porém, ao mesmo tempo, é necessário destacar que o comportamento não é uma categoria fundante, tampouco de análise do psiquismo. Rubinstein (1983 [1934]) advertia que é sintomático uma psicologia que pretende ser marxista desdenhar o problema da personalidade, da pessoa em si, síntese de todos os elementos da consciência.

Nesses elementos históricos apresentados por Cole e Scribner (2007 [1983]) aparecem alguns fatos que não encontrei descrito em nenhum outro material, sequer no site do Instituto de Psicologia de Moscou. Os autores escreveram que:

> A participação de Vigotski em debates sobre a formulação de uma psicologia marxista envolveu-o em disputas acirradas no fim dos anos 20 e começo dos 30. Nessas discussões, ideologia, psicologia e linhas de ação estavam intrincadamente ligadas uma vez que diferentes grupos lutavam pelo direito de representar a psicologia. Com a saída de Kornilov do Instituto de Psicologia, em 1930, Vigotski e seus colaboradores estiveram no poder por um breve tempo, mas em momento algum ele foi oficialmente reconhecido como líder (p. 30).

Essa informação apresentada pelos autores estadunidenses, destoa de outros fatos que encontrei ao longo dessa pesquisa, precisamente após o afastamento de Kornilov do Instituto. O reatólogo foi afastado, pois havia a

compreensão que sua teoria não teria conseguido explicar o desenvolvimento do psiquismo a partir de uma perspectiva marxista. Quando Kornilov foi deposto de seu cargo, Aron Borisovitch Zalkind assumiu a liderança por pouco tempo. Posteriormente Viktor Nikolaievitch Kolbanovski reassumiu a direção, em 1932 (Payne, 1968). Todavia, não tive conhecimento ou encontrei alguma fonte que colocasse Vigotski na liderança desse grupo.

Dando sequência a apresentação de Cole e Scribner (2007 [1984), é necessário destacar a proibição dos testes psicológicos na União Soviética, comentada pelos autores. De fato, a testagem em massa, acompanhada de um processo de avaliação do quociente de inteligência, havia sido proibida junto com os trabalhos da pedologia soviética, decreto de 1936. Na primeira parte desta tese comentei acerca das motivações existentes para a proibição da pedologia, resultando na censura errônea de diversos autores. Porém, em nenhum momento "um período de fermentação intelectual e experimentação chegava ao fim" (p. 30). Novamente, a afirmação aparece como tendenciosa e a-histórica, negando todo o desenvolvimento posterior da psicologia soviética, precisamente durante a década de 1940. Segundo os autores, várias revistas desapareceram nesse momento, mas será mesmo que a proibição da pedologia seria a única culpada da história? Ou o avanço da Segunda Guerra Mundial, acompanhada do crescimento do nazismo, contribuiu para essa derrocada das revistas e publicações soviéticas? Concomitantemente, vale lembrar que Rubinstein publicou sua maior obra nesse contexto, organizando uma segunda edição durante o cerco de Leningrado Ao mesmo tempo que elaborou os diálogos que culminaram na primeira faculdade de psicologia da Universidade de Moscou (Stepanov, 2000). Luria desenvolveu vários princípios da neuropsicologia nos hospitais civil-militar criados nesse contexto. Portanto, a psicologia soviética não acabou após Vigotski, muito menos limitou-se a ele. Esse entendimento talvez tenha se generalizado ao longo da década de 1980, dificultando o ingresso de outros autores de base marxista, especialmente vindos da União Soviética.

Cole e Scribner (2007 [1934]) continuam a apresentação da teoria de Vigotski falando sobre suas pesquisas experimentais, assim como sobre um suposto laboratório do teórico bielorrusso. Os autores afirmaram que "o laboratório de Vigotski existiu somente durante uma década, sendo a sua morte por tuberculose esperada a qualquer momento". (p. 32). É curiosa a lógica dada por Cole e Scribner,

produzindo uma narrativa que contribuiu para a construção dessa figura mística que foi Vigotski. Um personagem que lutava contra o tempo, que possuía a necessidade de explorar e produzir em diversas áreas da psicologia antes de seu precoce falecimento. Conquanto, o que fica mais evidente na narrativa produzida pelos autores estadunidenses é a tentativa constante de qualificar como "[...] fundamental para a apreciação adequada da contribuição de Vigotski à psicologia cognitiva contemporânea" (p. 32). É necessário, sem embargo, afirmar e reafirmar que Cole, Scribner e os autores que divulgaram Vigotski no ocidente, via Estados Unidos, não estavam interessados nos fundamentos marxistas de sua obra, constituindo uma leitura equivocada e, muitas vezes, incompleta da totalidade da produção vigotskiana. Deslocar um autor de seu tempo, tal como de suas bases epistemológicas, significa criar elementos que talvez o autor nunca tenha trabalhado, quiçá visto em seu momento histórico, como a psicologia cognitiva.

Assim, na apresentação feita por Cole e Scribner (2007 [1984]), Vigotski pode ser lido como um behaviorista social, considerando os impactos das relações interpessoais no comportamento humano e no desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Entretanto, esse último elemento pode, também, colocá-lo como representante direto do cognitivismo.

Esse foi o primeiro livro publicado integralmente sobre Vigotski. Aliás, fragmentos que compuseram um trabalho com uma série de problemas[192]. Em 1987, outra obra vinda dos Estados Unidos seria publicada no Brasil: *Pensamento e Linguagem*. O material que é atribuído como a última publicação em vida de Vigotski, ganhou uma tradução do inglês, também com diversos cortes. A introdução dessa obra foi feita pelo psicólogo estadunidense Jerome Seymour Bruner (1915-2016), em 1961.

A introdução de Bruner, de uma maneira mais objetiva, apresentou alguns traços biográficos de Vigotski, tal como seus interesses voltados às pesquisas na psicologia. No primeiro parágrafo já é necessário destacar a seguinte afirmação: "A concepção de Vigotski, sobre o desenvolvimento, é também uma teoria da educação" (Bruner, 2008 [1987], p. 6). É evidente que Vigotski se preocupou com a educação em seu tempo, condição já discutida como necessidade para a

[192] Evidencio a necessidade de trabalhos comparativos sobre esse material com os originais, no intuito de promover um debate e diálogo acerca das limitações desta versão editada no Brasil, em 1984.

objetivação de um novo ser humano socialista (1999 [1930]). Todavia, não devemos reduzir sua concepção teórica aos problemas da educação, ou a conceitos como a interiorização. Rubinstein (1963 [1959]) criticou esse entendimento simplório do que denominou como linha de Vigotski. Todavia, no segundo parágrafo, outra afirmação deve ser evidenciada:

> Para um público de língua inglesa, será de pouca utilidade seguir o curso ideológico da obra de Vigotski através dos terremotos e das tempestades que envolvem a psicologia na União Soviética. Era inevitável que sua obra viesse a perturbar os guardiões doutrinários da "correta interpretação marxista", especialmente durante o período da "batalha pela conscientização" (Bruner, 2008 [1987], p. 6-7 – Grifos no Original).

Devemos compreender a pouca utilidade dos elementos ideológicos necessariamente como: o fundamento marxista da obra de Vigotski não deve ser considerado. Marx e Engels (2012 [1847]) afirmavam que toda a história é a história das lutas de classes, esse fato não deve ser ignorado no campo científico. De fato, acredito que Bruner, vindo da tradição pragmatista da ciência estadunidense, não conseguiria compreender que ao ignorar os fundamentos filosóficos de uma teoria, consequentemente criaria uma interpretação equivocada da obra vigotskiana e, ao mesmo tempo, da própria história da psicologia soviética. Esse fato encontra-se presente na afirmação de que Vigotski: "[...] não suportaria nem o reducionismo materialista ou mentalismo nem o fácil dualismo cartesiano, que optavam frontalmente por uma das abordagens e relegavam a outra a um plano secundário." (Bruner, 2008 [1987, p. 7). A ciência psicológica na União Soviética não se desenvolveu de um momento para o outro, e não apresentou momentos de tensão e conflitos. O reducionismo ao materialismo esteve presente de fato durante a década de 1920. Retornaria em 1950, com a determinação de uma psicologia pavloviana, tal como demonstrei no segundo capítulo desta tese. Todavia, acreditar que a obra de Vigotski não possui um vínculo materialista é realizar uma leitura tendenciosa de sua obra. Posteriormente, Bruner apresentou uma citação sobre a consciência, afirmando ter sido um dos primeiros trabalhos do psicólogo bielorrusso. Brune talvez nunca tenha tido contato com os trabalhos de Marx, pois a consciência esteve sempre presente em suas obras, desde os *Manuscritos Econômico-Filosóficos* (Marx, 2010 [1844]).

Na continuação de sua apresentação, Bruner afirmou que Vigotski possui uma teoria original. Devo, novamente, concordar com essa afirmação. No entanto, a

originalidade de Vigotski não anula as bases filosóficas contidas em sua obra. Escreveu Bruner:

> Mas um exame do lugar ocupado por Vigotski, na psicologia mundial, revela que a sua posição transcende tanto o funcionalismo habitual, do tipo Dewey-James, quanto o materialismo histórico convencional da ideologia marxista. Vigotski é original. Nós lhe prestamos um desserviço quer quando lhe atribuímos importância unicamente por haver desenvolvido as concepções soviéticas do homem, quer quando o traduzimos erroneamente para a linguagem do funcionalismo ou quando nos limitamos a considerar as suas afinidades com George Herbert Mead, com quem apresenta uma interessante semelhança (Bruner, 2008 [1987], p. 08-09)

Vale recordar que George Herbert Mead (1863-1931) foi um dos representantes diretos do pragmatismo. Rosental e Iudin (1976) salientam, por exemplo, que o pragmatismo é uma vertente subjetivista vinda da ideologia burguesa daquele tempo. Os filósofos soviéticos destacavam que no pragmatismo a discussão sobre a verdade é desdenhada para um segundo plano, neste sentido a verdade é aquilo que funciona. Para o pragmatismo não existe uma verdade objetiva, ou seja, para essa vertente o debate marxista sobre a existência da exploração do trabalho alheio, da extração do mais-valor como pedra angular do sistema capitalista, consequentemente como uma das condições da existência do sofrimento psíquico, não importa. É significativo, na verdade, a resolução funcional dessa angústia psicológica. Ignora-se a causa, a origem, focando na adaptação do sujeito àquela condição psicopatológica. Neste caso, é pragmático Bruner (2008 [1987]) retirar os fundamentos marxistas da teoria de Vigotski, atribuindo a eles, um caráter ideológico e obrigatório pelo partido comunista da União Soviética naquele momento histórico. Sem embargo, Bruner, realizando essa ruptura, produz uma compreensão equivocada de Vigotski e, sobretudo, da teoria soviética da psicologia.

No parágrafo seguinte à citação apresentada, Bruner realiza uma afirmação acerca do processo de desenvolvimento do pensamento por meio da ação. Ele destacou que

> [...] Vigotski elabora em que sentido ele acredita que dominando a natureza dominamos a nós mesmos. Pois é a interiorização da ação manifesta que faz o pensamento, e, particularmente, é a interiorização do diálogo exterior que leva o poderoso instrumento da linguagem a exercer influência sobre o fluxo do pensamento. O homem, por assim dizer, é modelado pelos instrumentos e ferramentas que usa, e nem a mente nem a mão podem, isoladamente, realizar muito (Bruner, 2008 [1987, p. 9])

Manifesto concordância com Rubinstein (1963 [1959): não podemos desconsiderar aspectos subjetivos existentes no processo da apropriação da ação. No entanto, isso não significa afirmar que existem elementos inatos na atividade

psicológica, mas, sim, que a *perejivanie*, desde o momento do nascimento, produz impressões subjetivas que vão auxiliar na apropriação da ação e na constituição das funções psicológicas superiores. Portanto, não é um mero reflexo espectral que se encontra nesse processo denominado interiorização/internalização, que, diga-se de passagem, acredito ser extremamente complicado no entendimento da produção da atividade psicológica. Essa compreensão causa, até os dias de hoje, certa confusão na produção científica dessa teoria.

Outro ponto é que não foi Vigotski quem elaborou que dominando a natureza, dominamos a nós mesmos. Essa tese encontra-se presente, desde 1844, em Marx (2010). Posteriormente, reaparece em Marx e Engels (2007 [1845-1846]), culminando em seu *O Capital* (2013 [1867]). Quando o sujeito transforma a natureza, ao mesmo tempo, modifica a si próprio. Em Rubinstein (2002 [1945]) essa tese se conserva na transformação da atividade prática e mental ao mesmo tempo.

Outrossim que causa grande confusão na citação de Bruner é acerca da modelação, pois a psicologia soviética não opera mediante esse entendimento. Não é uma simples modelação. Acreditar nisso significa desconsiderar os elementos subjetivos, como apresentados por Rubinstein (1963 [1959]). Simultaneamente, desconsidera-se um dos elementos fundantes da consciência, ou seja, a *perejivanie*. A atividade psicológica não se constrói, tampouco, desenvolve-se por meio de modelação comportamental. Novamente, essa é uma compreensão pragmática vinda dos Estados Unidos, e de teóricos cognitivistas que fizeram uma leitura de Vigotski sem os fundamentos marxistas.

Chegando ao fim de sua análise, Bruner apresentou a defesa de uma ideia, que examinada a partir uma perspectiva marxista aparenta, no mínimo, um caráter ideológico, burguês e tendencioso, pois desconsidera toda a história anterior e posterior a Vigotski na psicologia soviética. O autor escreveu:

> Vigotski, de fato, introduziu uma perspectiva histórica na compreensão de como o pensamento se desenvolve e do que é, na verdade, o pensamento. Mas o interessante é que ele também propôs um mecanismo por meio do qual a pessoa se torna livre de sua própria história. É para Vigotski que se voltam os psicólogos soviéticos ao se examinarem o modo pelo qual o homem luta, livre do domínio do condicionamento estímulo-resposta do tipo pavloviano clássico. Vigotski é o arquiteto do Segundo Sistema de Sinais que fornece os meios pelos quais o homem cria um mediador entre ele mesmo e o mundo da estimulação física, de forma a reagir em termos de sua própria concepção simbólica da realidade (Bruner, 2008 [1983], p. 13).

Uma expressão da famosa liberdade estadunidense, aquela que Rubinstein (1983 [1934]) ironizou afirmando que em uma sociedade burguesa a pessoa é livre

para voar como um pássaro, ao mesmo tempo em que também é livre para morrer de fome. Assim, se cria uma lenda de que Vigotski foi perseguido por discordar da tese pavloviana, precisamente das teorias psicológicas que se desenvolveram a partir das ideias de Pavlov. Vale a pena recordar que isso somente aconteceria no começo da década de 1950, tal como apresentei no segundo capítulo desta tese. (Nautchnaia Sessiia Posviashchennaia problemam fiziologitcheskogo utcheniia akademika I. V. Pavlova, 1950. s/p).

De fato, Vigotski teve sua teoria proibida na União Soviética; no entanto, essa proibição não foi uma exclusividade. A nota emitida pelo partido, também apresentada nesta tese, proíbe a avaliação psicológica de crianças com instrumentos vindos da psicologia burguesa e ocidental. Além disso, limitou o desenvolvimento da pedologia, pois em diversos momentos essa área do saber estava sendo utilizada para atribuir uma medição quantitativa da inteligência das crianças nesse momento histórico (Smirnov, 1968). Contudo, em nenhuma das oito resoluções emitidas pelo Partido Comunista da União Soviética a circulação de materiais de Vigotski foi expressamente proibida.

Assim termina a apresentação feita por Bruner. Num sentido pragmático, o autor estadunidense retirou a importância dos fundamentos marxistas da teoria de Vigotski. Entretanto, não podemos esquecer que a negação de uma ideologia significa a afirmação de outra, da burguesa. O pragmatismo possui sua origem erigida nas sociedades de classes, não se importando com a verdade, desde que o elemento teórico tenha sua validade prática e funcional. Criou-se, sem embargo, uma figura mística, perseguida por seus contemporâneos marxistas, diga-se de passagem, por ser dotada de um talento único e exclusivo. Aqui, é necessário afirmar que não desacredito da potencialidade criadora da teoria de Vigotski, pelo contrário, acredito que suas ideias, até os dias de hoje, podem ser utilizadas na elaboração de novos problemas, tal como na resolução de desafios práticos acerca do desenvolvimento psicológico. No entanto, desacredito do mito e da lenda criados por trás do autor. Vigotski foi um teórico de seu tempo, objetivado pelas condições revolucionárias e contraditórias, proporcionadas por Outubro de 1917. Retirar essa marca de sua teoria significa criar algo que nunca existiu. Uma ficção romântica que se expressa na luta contra os marxistas que supostamente censuraram sua teoria, resultando em uma análise superficial de Vigotski, sobretudo da psicologia soviética. Ignatiev (1960), teórico com o qual trabalhei em meu mestrado e expresso

significativo apreço, salientava que a arte é uma reflexão psíquica da vida, não o contrário. Por esse motivo, a história e a vida devem ser maiores que a própria ficção.

Nesta mesma edição, publicada pela editora Martins Fontes, consta um prefácio vindo da tradução inglesa realizada em 1961. A tradução foi organizada por Eugenia Hanfmann (1905-1983) e Gertude Clafton Vakar (1904-1973). Nesse prefácio, as autoras apresentam o livro de Vigotski, assim como as discussões levantadas pelo teórico. Um trecho desse escrito merece destaque; as autoras escreveram:

> No final da década de 1930, uma das tradutoras desta edição, Eugenia Hanfmann, em colaboração com J. Kasanin, voltou a alguns dos estudos de Vigotski sobre a formação dos conceitos; ela se lembra muito bem das idas e vindas necessárias para desvendar o texto. Quando, em 1957, A. R. Luria, amigo e colaborador de Vigotski, convidou-a para participar da tradução de *Pensamento e linguagem*, ela expressou a sua convicção de que uma tradução literal não faria justiça ao pensamento de Vigotski. Chegaram ao consenso de que a repetição excessiva e certas discussões polêmicas que seriam de pouco interesse para o leitor contemporâneo deveriam ser eliminadas, em favor de uma exposição mais clara. Ao traduzir o livro, simplificamos e tornarmos mais claro o estilo de Vigotski, ao mesmo tempo que nos esforçamos para reproduzir com exatidão o seu sentido. A organização interna dos capítulos foi preservada, exceto no Capítulo 2, em que omissões externas resultaram em uma reestruturação do texto e em um número extremamente reduzido de subdivisões (Hanfmann; Kasnin, 2008 [1961], p. 16).

Neste sentido, a opção por simplificar o texto foi um projeto político, que retirou os fundamentos marxistas de Vigotski, fazendo-o parecer um autor pragmático, como grande parte das teorias ocidentais da psicologia da primeira metade do século XX. Outro ponto que merece destaque é acerca do recorte feito no texto de Vigotski, de forma que as duas primeiras traduções – quase integrais – que chegaram no Brasil, não são trabalhos de Vigotski, embora contenham suas ideias. Ao afirmar que simplificaram propositalmente o texto, tal como Cole et al (2007 [1984]), as autoras apresentaram as próprias interpretações sobre a obra vigotskiana, não dando a oportunidade do leitor ocidental, de conhecer o psicólogo bielorrusso em sua integralidade. Fazendo isso, criaram um autor ocidentalizado, que pode ser lido a partir de uma perspectiva pragmática, a-histórica e, sobretudo, sem um vínculo direto com a visão de mundo de Marx, Engels e Lenin.

Caso essa afirmação pareça ideológica, devo recordar que toda história é uma história da luta de classes (Marx; Engels, 2012 [1847]). Hanfamann e Kasnin (2008 [1961]), assim como Cole et al (2007 [1984]), defendem uma perspectiva

democrática, a partir do ponto de vista da ideologia burguesa. Nesta tese, espero ter deixado evidente que meu posicionamento difere-se da ideologia burguesa, possuindo sua origem na ditadura revolucionária do proletariado (Lenin, 1986 [1905]).

No entanto, é válido apresentar uma reflexão sobre o ingresso de Vigotski no mundo ocidental. Sua admissão na ciência, nesse contexto, ocorreu no recorte dos aspectos mais revolucionários de sua obra, isto é, a visão acerca da transformação socialista dos seres humanos. Assim, em outra sociedade, que valorizasse esse aspecto, a psicologia e a educação teriam um outro desenvolvimento, superior ao das teorias e abordagens desenvolvidas no capitalismo. Não obstante, diversos temas explorados pela psicologia soviética estão sendo desenvolvidos agora nas sociedades de base capitalista. Por conseguinte, a atualidade e originalidade de Vigotski, ou ainda, da ciência psicológica soviética não é um mero fato casual. Sua objetivação somente se fez possível frente a uma mudança estrutural da sociedade. Transformação que pôs abaixo diversas amarras de um mundo tsarista e, principalmente, capitalista, abrindo caminho para o desenvolvimento de temas que seriam explorados pelas sociedades capitalistas apenas décadas mais tarde, por exemplo, a defectologia.

Assim, apesar de toda essência crítica contida nas obras de Vigotski, sobretudo da psicologia soviética como um todo, seu ingresso formal no Brasil deu-se por uma via pragmática e antimarxista. Em meio a toda essa contradição, devemos nos atentar aos trabalhos vindos da psicologia social e educação, como demonstrado e evidenciado nas publicações iniciais.

Os contatos iniciais de teóricos da psicologia social, por exemplo, Silvia Lane e outros da escola da PUC de São Paulo, apresentaram outra forma de se entender Vigotski. Durante a década de 1980, o marxismo foi o que orientou essa nova prática psicológica numa área social, tal como podemos identificar em *O Homem em Movimento*, evidenciado no começo do capítulo desta tese (Lane, 2004 [1984]).

Entretanto, a educação teve também importância capital na divulgação de Vigotski no Brasil, a partir de um entendimento marxista. Esse fato foi realçado no trabalho organizado pela professora Flávia Asbahr. Durante a escrita dos capítulos, e principalmente nas entrevistas organizadas pela autora e por Gabriel Cantuária, a divulgação inicial de Vigotski no Brasil não esteve desvinculada de sua base materialista, histórica e, fundamentalmente, dialética. O marxismo é mantido em sua

essência; no entanto, aparece no contexto brasileiro a partir de um movimento que considerava suas especificidades culturais e históricas, mantendo o elo com a denominação e o entendimento da teoria. A cultura precede o social, portanto, não se deve entender que uma determinada abordagem ou ideia será simplesmente aplicada em outra conjuntura histórica e cultural, principalmente em uma educação regida por conflitos de classes sociais.

Antes de encerrar este capítulo devo, ainda, ressaltar que tanto a psicologia social, quanto a educação tiveram suas expressões na divulgação de Vigotski e de outros teóricos soviéticos no Brasil. Não devemos considerar que apenas a psicologia social foi responsável pela disseminação da teoria no país. Esse mesmo adágio vale para a educação. Ao mesmo tempo, esse foi um movimento coletivo. Professores, pesquisadores, alunos e militantes políticos tiveram uma participação central de divulgação da psicologia soviética no Brasil, de norte a sul, de leste a oeste.

Outro aspecto que devo evidenciar neste capítulo refere-se às publicações do livro *Curso de Psicologia Geral*, de Luria. Embora nesse material o neuropsicólogo não discuta diretamente os fundamentos marxista na teoria soviética da psicologia, eles estão contidos em toda a compreensão das funções psicológicas superiores. Vale reforçar que não apenas as ideias de Marx e Engels estão presentes num todo da obra: a noção de reflexão psíquica de Lenin (1969 [1909] manifesta-se desde a apresentação da sensação como o primeiro reflexo[193] da realidade objetiva (Luria, 1992 [1975]). Nessa perspectiva, talvez necessite recuperar a ideia de Rubinstein (1963 [1959]) sobre o subtexto da consciência. O marxismo não precisa estar posto como um conjunto de frases desconexas e diversas citações para se fazer presente numa obra. Ele se encontra no livro de Luria como uma lógica que se encerra na linguagem como estruturante da consciência e, ao mesmo tempo, uma de suas categorias fundantes.

Talvez não tenha conseguido contemplar em sua totalidade a década de 1980. Todavia, é válido sempre retomarmos os materiais que fizeram parte desse momento histórico, incluindo as primeiras traduções de Vigotski. Não podemos ignorar sua existência, principalmente o caráter pragmático dado a sua obra. Ignorar esse fato não resultará em seu desaparecimento. Tanto o livro *A Formação Social*

[193] Vale recordar que o reflexo na verdade não é uma cópia do objeto, mas um processo reflexivo, produzindo diferentes sínteses.

da Mente quanto *Pensamento e Linguagem* merecem uma investigação profunda, comparando-as com as versões originais com o intuito de combater a noção pragmática que se firmou na psicologia. Devemos lembrar do caráter burguês da psicologia. Uma ciência ideológica que atua na adaptação do sujeito, em especial de seu sofrimento psíquico no sistema capitalista. Sem embargo, realizar essa avaliação das obras iniciais publicadas no Brasil resulta em posicionar a psicologia soviética como ciência de base marxista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que adentro às considerações finais deste trabalho com um acúmulo de diversos materiais históricos que me permitem afirmar o caráter marxista presente nas obras dos teóricos soviéticos da psicologia. No entanto, é válido realizar o resgate de algumas ideias, ou, ademais, a explanação de outras teses que não foram mencionadas neste trabalho. Lembro-me que, enquanto estudante da graduação, tive contato com um livro de um filósofo soviético chamado Georgii Lukitch Smirnov (1922-1999)[194]. Nesse material deparei-me com uma citação que transformaria minha relação com a importância dada a história da psicologia. A passagem já foi reproduzida em outro trecho desta tese. No entanto, creio que, nestas considerações finais, seja necessário reproduzi-la novamente. Nela, o filósofo escreveu:

> A história está presente, duma ou doutra forma, em cada indivíduo. E isso porque o mundo que nos rodeia é um produto do desenvolvimento histórico e também porque os grandes acontecimentos históricos continuam a exercer a sua influência nas gerações seguintes. Aqui aparece de modo muito claro a seguinte regra: quanto mais profundamente um acontecimento transforma as bases da vida social, mais prolongada e forte é a sua influência no desenvolvimento posterior da história (Smirnov, 1978 [1973], p. 79).

A maneira como o sujeito se relaciona com o mundo à sua volta é sempre um produto de sua história social. Aqui, vejo a necessidade de recuperar a ideia de Lane (2004 [1984]): a pessoa como produto e produtor dos movimentos históricos. Não podemos acreditar que exista a possibilidade do desenvolvimento de uma psicologia que atenda aos interesses da classe trabalhadora desconhecendo sua origem, sua função social e, principalmente, os interesses econômicos e políticos que estão presentes em sua gênese.

Neste sentido, devo apontar a necessidade de se conhecer a história não apenas da psicologia denominada como histórico-cultural e suas derivações, como a sócio-histórica, ou a sócio-histórica-cultural, tendência que vem também aparecendo no meio acadêmico e científico. A psicologia soviética deve ser investigada em sua origem. Isto significa afirmar que devemos retornar para antes de Vigotski, e caminhar para além do autor bielorrusso e do que se conservou no imaginário da ciência psicológica ocidental: a *troika*.

---

[194] Me refiro ao livro: *O Homem Soviético: A formação da personalidade socialista*.

Contudo, isso não significa abandonar as ideias de Vigotski, Luria e Leontiev, mas, sim, compreendê-las a partir de uma origem histórica, no espaço e no tempo. Smirnov (1978 [1973]) salientou que quanto mais significativa é a mudança na base material, mais impacto se tem na história posterior daquela sociedade. A psicologia soviética, portanto, não foi um fenômeno individual, tampouco fruto de alguns sujeitos que lutavam contra uma psicologia dogmática e das determinações do partido. A ciência psicológica na União Soviética foi produto de uma Revolução, sem a qual não teria existido.

Para os partidários que acreditam que o mundo independe dos condicionamentos materiais e históricos, é possível apresentar alguns pequenos exemplos do rumo que tomava a ciência na Rússia Tzarista. É válido iniciar essa breve digressão com Rubinstein (1963 [1959]). O autor realizou uma revisão sistemática dos trabalhos feitos por Ivan Mikhailovitch Séchenov (1829-1905). Rubinstein afirmou que na Rússia Tzarista, Séchenov era duramente perseguido por sua visão materialista. No entanto, devo evidenciar que não se trata do mesmo materialismo de Marx, Engels e Lenin, mas sim, da compreensão vinda da fisiologia.

Em suas pesquisas, Rubinstein apresentou as contribuições de Séchenov para a fisiologia, sobretudo, a publicação do livro *Os reflexos do cérebro*, de 1866. O material trazia uma explicação materialista para o desenvolvimento dos reflexos cerebrais, e, sobretudo, teria tido uma forte influência na concepção pavloviana, décadas mais tarde (Rubinstein, 1963 [1959]; Veja, 1992). Contudo, o que interessa nesse ponto é a afirmação de Rubinstein sobre o interesse direto de Séchenov pela psicologia. Segundo Rubinstein, o fisiólogo russo não era psicólogo, mas possuía trabalhos que se relacionavam diretamente com os fenômenos e processos da ciência psicológica. Ao mesmo tempo, Rubinstein salientou que o fisiólogo, diga-se de passagem por sua tendência materialista, foi impedido pelos censuradores da época de levar adiante suas investigações fisiológicas. Consequentemente, abandonou a ideia de criar uma tendência materialista na psicologia. Escreveu Rubinstein:

> Assim, pois, a Séchenov lhe estava vedado o caminho do ensino universitário da psicologia. A superioridade ideologia era dele, mas, apesar disso, no relativo a *organização*, foi deslocado das posições de liderança na psicologia, careceu da possibilidade de preparar cientistas com o espírito de suas ideias, de criar sua própria escola psicológica (unicamente os naturalistas e os médicos se uniram a ele). Seus inimigos, os idealistas que ocupavam as cátedras de psicologia e de filosofia como representantes da ciência oficial, conseguiram que fosse assim e com isso causaram um

> enorme dano ao progresso da ciência psicológica não só na época tzarista, mas, ademais, no período soviético. Como quiseram, Séchenov se viu privado da possibilidade de forjar na Universidade sua própria escola de psicólogos, quando se chegou ao período soviético, depois da Revolução de Outubro, não houve entre nós, psicólogos que procediam de Séchenov, houve, na mudança, não poucos psicólogos que procediam de Chelpánov, os quais, ainda manifestando-se depois contrário a ele – como fizeram, por exemplo, Kornilov e outros – partiam, contudo, de Chelpánov, haviam passado por sua escola e se haviam formado ao seu lado (Rubinstein, 1963 [1959], p. 332 – Grifos no Original).

Não apenas Kornilov havia sido aluno de Chelpanov: o próprio Leontiev iniciou sua trajetória na psicologia ao lado do filósofo e psicólogo idealista. Expresso concordância com a afirmação de Rubinstein, precisamente pela lógica idealista adotada na primeira década do século XX, na psicologia Russa. Ao buscar em materiais referentes à história da psicologia, não é possível encontrar representantes materialistas dessa ciência na Rússia Tzarista. No entanto, existem simpatizantes vindos da fisiologia, tal como Bekhterev, Pavlov e o próprio Séchenov. Eles, todavia, não desenvolveram trabalhos diretamente relacionados à psicologia (Vega, 1992; Rubinstein, 1963 [1959]; Smirnov, 1968)

Para não parecer tendencioso, tampouco reduzir a história da psicologia apenas ao que escreveu Rubinstein, é válido apresentar o posicionamento do fisiólogo soviético Piotr Kyzmitch Anokhin (1898-1974). No livro *Mecanismos sistêmicos da atividade nervosa superior*, publicado em 1979, após o falecimento do autor, consta uma interessante passagem sobre Séchenov:

> Entretanto, essas manobras da censura foram inúteis: poucos dias após a publicação da obra, ela já havia se tornado um livro de cabeceira de todo intelectual russo. Para publicá-la como livro independente, Sechenov teve de enfrentar dificuldades consideravelmente maiores. A obra recebeu a avaliação mais negativa possível, para a época, da Direção Geral para Assuntos de Imprensa. Eis um trecho de seu parecer ao comitê de censura: "Essa teoria materialista, ao rejeitar o livre-arbítrio e a imortalidade da alma, não concorda nem com as concepções cristãs nem com as jurídico-penais; ela destrói a noção de bem e de mal, das obrigações morais do ser humano e, por fim, da imputabilidade do crime e, por isso, conduz diretamente à corrupção dos costumes… O livro de I. Sechenov é nocivo como exposição das mais extremas teorias materialistas." (Anokhin, 1979, p. 156 – Grifos no original).

Encontra-se que Séchenov pediu para que fossem impressos cerca de três mil exemplares, vendidos por baixo valor, facilitando o acesso de diversos públicos, especialmente em um país dominado pelo Tzar. Séchenov, assim, foi impedido de lecionar em Universidades, assim como de desenvolver ideias psicológicas. Foi um teórico perseguido por contradizer a ordem vigente desse período histórico. Sem

embargo, Anokhin, apesar de ser um fisiólogo dialético, é desconhecido – ou parcialmente conhecido – no ocidente.

Para encerrar esta digressão fisiológica, acredito que é necessário apresentar uma perspectiva de um teórico mais conhecido no Brasil: A. R. Luria. No livro *A Construção da Mente*, o autor realizou um interessante caminho histórico, apresentando sua visão sobre a psicologia soviética. Apesar de discordâncias, por exemplo, com Rubinstein (1963), aparece exposto nessa obra à fragilidade das pesquisas psicológicas do princípio do século XX. Luria destacou que:

> Os primeiros laboratórios psicológicos da Rússia foram criados por Bekhterev na década de 1880, primeiro em Kazan e depois em São Petersburgo. Só em 1911 foi fundado o primeiro Instituto de Psicologia, por I. G. Chelpanov, um filósofo e lógico mentalista que também havia lecionado psicologia. Já familiarizado com a pesquisa psicológica que se realizava no ocidente havia algum tempo, Chelpanov previu a utilidade, em Moscou, de um instituto semelhante. Um edifício especial foi construído no campus da Universidade de Moscou, e foi montada uma excelente coleção de instrumentos experimentais alemães (incluindo meu colega, o cronoscópio Hipp). Chelpanov foi o primeiro diretor do instituto. Em essência, o trabalho era desenvolvido lá consistia numa tentativa de replicar o conteúdo dos compêndios de Wundt e E. B. Titchener e até da "psicologia empírica" de Hoffding (que, naquela época, já havia adquirido um valor simbólico negativo para mim, devido ao seu tedioso conteúdo) (Luria, 1992 [1974], p. 33-34).

Na citação de Luria é possível identificar que a psicologia na Rússia partia de uma visão de mundo idealista, contrária à dos fisiólogos existentes naquele período. É válido destacar que Pavlov já havia ganho seu Nobel de Medicina, em 1904, pelas pesquisas realizadas sobre as glândulas digestivas. Ao mesmo tempo, Bekhterev possuía significativa expressão entre os acadêmicos da fisiologia e da medicina, junto com sua teoria reflexológica, expressão direta do materialismo vindo da fisiologia[195]. No parágrafo seguinte, Luria apresentou um fato curioso acerca da fundação do Instituto de Psicologia:

> [...] Chelpanov abordava o mais sério problema da psicologia europeia da época: é o cérebro um lugar de interação entre mente e matéria, ou as duas apenas funcionariam paralelamente? A posição adotada por Chelpanov era a de que um enfoque materialista da mente seria inútil. A idéia de separar o cérebro da mente era tão arrigada que até mesmo Pavlov deu as boas-vindas ao instituto de Chelpanov, quando este se integrou ao círculo científico russo. Numa carta endereçada a Chelpanov, quando da abertura do instituto, Pavlov observou que as atividades do cérebro eram tão complexas que demandavam métodos de estudos tão intensivos quanto variados, e assim "qualquer um que exclua totalmente de seu laboratório

[195] É válido destacar que Pavlov e Bekhterev não eram os únicos existentes nesse momento; contudo, são os mais conhecidos e reconhecidos nesse processo, anterior e posterior à Revolução de Outubro. Todavia, Rubinstein (1963 [1959]) destacou em seu trabalho diversos nomes vinculados à fisiologia materialista da época.

> qualquer menção a estados subjetivos congratula-se cordialmente com o Instituto de Psicologia e com seu fundador". Esta carta, escrita em 1914, só foi publicada em 1955 (Luria, 1992 [1974], p. 34).

É curioso o fato de Pavlov felicitar Chelpanov pela atitude de fundar um Instituto de Psicologia na Rússia, algo que ocorreu apenas depois de 1910. É válido lembrar que, nesse momento, em diversos países capitalistas, os institutos e pesquisas multiplicavam-se na área da psicologia. Simultaneamente, é necessário destacar que Chelpanov era a única expressão existente – e possível - da ciência psicológica naquele período, reforçando, mais uma vez, a ausência de pesquisas materialistas sobre essa área do conhecimento. O materialismo representava toda a imoralidade diante de uma sociedade conservadora.

É evidente que não devemos desconsiderar outros investigadores que trabalhavam nesse período histórico. É válido recordar que nesse contexto Blonski ministrava aulas na Universidade Popular Shanyavsky. Após a Revolução de Outubro, o autor se empenhou em realizar uma crítica às tendências idealistas de seu tempo, por exemplo, aos trabalhos de Chelpanov (Shuare, 2016 [1990]; Petrovski, 1985).

Outro fato que se torna mais do que evidente é a impossibilidade de se desenvolver ideias marxistas nesse contexto. Permanecendo no debate realizado por Luria (1992 [1974]), é necessário afirmar que a sociedade tzarista era extremamente rígida, com diversas restrições e impedimentos de mobilidade social de uma classe a outra, diga-se de passagem, sendo mais restritiva que as sociedades capitalistas daquele tempo. Diversos revolucionários Marxistas, como Lenin, encontravam-se em exílio.

Após a queda do Tzar, em fevereiro - o que culminou, posteriormente, na Revolução de Outubro -, novas ideias começaram a circular no meio acadêmico. Aqui, é necessário recuperar, novamente, a ideia de Smirnov (1978 [1973]). Quanto maior é a mudança nas bases estruturais, mais intensa será a transformação no meio social. Considerando que as bases materiais criam as devidas condições para o desenvolvimento político, social e, neste caso, intelectual, a psicologia soviética foi erigindo-se por meio dessas mudanças estruturais. Transformações que forçosamente tinham de nascer naquele contexto histórico e revolucionário (Marx, 2008 [1859]).

Sem embargo, compreender o futuro dessa teoria significa conhecer seu passado, os desdobramentos históricos e materiais que fundamentaram e permitiram sua existência. Realizando uma retomada das ideias apresentadas ao longo desta tese, evidencio a primeira conclusão que tiro deste trabalho. Porventura, presente desde o primeiro capítulo desta tese: a psicologia soviética não se resume à Vigotski, tampouco à *troika*, ou a teóricos que se identificam com as concepções vigotskianas, posteriormente explorados pela ciência brasileira, após 1980.

Iniciei este trabalho apresentando aquilo que considero como expressão de análise para o desenvolvimento da teoria soviética da psicologia, ou seja, a concepção de atividade e consciência vinda de Rubinstein, ao mesmo tempo, a crítica de Vigotski sobre a crise na psicologia (Rubinstein, 1983 [1934]; Vigotski, 1999 [1926-1927]). Nestas análises compreendo que Rubinstein e Vigotski, embora partam de uma mesma visão de mundo, chegam à algumas concepções distintas. No entanto, preservam a importância da consciência e da personalidade nos estudos sobre a psicologia. Stepanov (2000) salientou que Rubinstein costumava receber Vigotski em seu apartamento, por sua vez, o próprio Vigotski, com Leontiev, organizava palestras de Rubinstein em suas viagens à Moscou.

É válido lembrar que Rubinstein não teve acesso às análises críticas de Vigotski sobre a crise na psicologia. Porém, em seu artigo de 1934, o autor chegou a conclusões próximas do teórico bielorrusso. Rubinstein (1983 [1934]) tinha o conhecimento de que a psicologia se encontrava em uma crise metodológica. As diversas abordagens existentes apenas descreviam fenômenos; contudo, não conseguiam explicar seu desenvolvimento, tampouco sua origem. De um lado, havia as tendências objetivistas, de outro, as subjetivistas que ignoravam a importância da materialidade da vida. Rubinstein, assim como Vigotski (1999 [1926-1927]), tinha o conhecimento de que não era realizando uma mera reprodução das frases de Marx em seus trabalhos que conseguiria solucionar tal crise. Rubinstein vinha de uma tradição filosófica, afinal, havia defendido seu doutorado em filosofia, na Alemanha, e, durante sua adolescência, teve contato com os trabalhos de Marx e Engels. Era um autor que conhecia a lógica dialética, em suma, no tempo que passou em Marburgo, trabalhando na construção de um trabalho sobre o problema do método.

Portanto, não é um absurdo afirmar que a psicologia soviética e suas expressões mais significativas se desenvolveram na lógica entre atividade e consciência. Vigotski (1999 [1925]), em meio às publicações reatológicas de Kornilov

(1925), já destacava a importância de se manter a consciência nos trabalhos da psicologia. Sob a mesma perspectiva, Rubinstein (1983 [1934]) destacava que a consciência não deveria ser excluída dos estudos psicológicos, mas investigada a partir de seus vínculos com a atividade. Considerando que a atividade, para Rubinstein, é a objetificação do sujeito, ou seja, sua transformação em objeto, a consciência se revela nesse processo.

Posteriormente, em 1945, a consciência aparece descrita de forma mais complexa, como uma unidade produzida pela *perejivanie* e pelo saber. O conhecimento, como um dos elementos que forma a consciência, encontra-se presente na linguagem, na transmissão oral e escrita, passada de geração para geração (Rubinstein, 2002 [1945]). Simultaneamente, a atividade também se densifica. Rubinstein desenvolveu a ideia de que não é a atividade uma categoria da psicologia, mas, sim, da sociologia. Neste sentido, os produtos objetivados pelo sujeito, através da atividade, seriam objetos diretos da ciência psicológica.

Compreendo que a atividade foi uma das categorias mais desenvolvidas na psicologia soviética. González Rey (2012) apresentou um debate realizado no final da década de 1970 acerca do problema da atividade na psicologia. Resultado de um congresso destinado à essa temática, onde criticou a concepção dominante nos trabalhos dessa ciência. Todavia, devo reforçar que, apesar de Rubinstein[196] (1983 [1934]) ter inaugurado uma compreensão da atividade a partir de uma perspectiva marxista e dialética, o autor não se limitou ao desenvolvimento dessa única categoria. Rubinstein trabalhou com temáticas envolvendo a história da psicologia, sua relação com a filosofia e, também o vínculo direto entre atividade nervosa e psicológica. Sua vida na psicologia não se resumiu à atividade. Nem mesmo em seu trabalho magno, *Fundamentos de Psicologia Geral*, Rubinstein se limitou a apresentar apenas a relação entre atividade consciência. Não obstante, iniciou com uma das categorias mais importantes da produção da consciência, ou seja, a *perejivanie* (Rubinstein, 2002 [1945]).

Assim, a atividade enquanto categoria fundante do psiquismo, sem a objetivação dos elementos psíquicos, é apenas um tema sociológico. Defendo que esse seja outro elemento de convergência importante com Vigotski. Ambos

[196] Vale recordar que antes de Rubinstein, Básov já havia desenvolvido ideias sobre a teoria da atividade. No entanto, não conseguiu desenvolvê-las a partir de uma perspectiva que contemplasse a visão de mundo de Marx.

entendiam que a *perejivanie*, ao mesmo tempo, produz e atua como unidade de análise da consciência. Esse aspecto, porventura, evidencio como algo que ainda necessita ser entendido na psicologia brasileira. Tanto Rubinstein (2002 [1945]), quanto Vygotski (2012) destacavam a importância da *perejivanie* na vida psíquica. Essa dimensão concreta da consciência transforma todo o desenvolvimento posterior do sujeito, tendo mudanças marcantes e determinantes na personalidade do mesmo.

A vida, nessa perspectiva, torna-se maior do que qualquer explanação teórica na psicologia. Por mais rica que fosse uma descrição, ela não conseguiria substituir seu significado real e concreto. Sem embargo, a *perejivanie* não deve ser considerada apenas nas obras de Rubinstein e Vigotski. Ela se encontra presente para além da psicologia, por exemplo, nos romances de Dostoiévski. A *perejivanie* sempre fundamenta a consciência, transformando por completo todo o desenvolvimento posterior de seus personagens. Em *Crime e Castigo* e nos *Irmãos Karamazov*, os dois principais personagens, de ambos os livros, são transformados por um intenso fato concreto. No primeiro livro, Raskólnikov é atormentado pelo assassinato que cometeu, sendo torturado por sua consciência, acometido por delírios e diversas emoções que não consegue explicar. No segundo, Aleksei Karamazov é transformado pelos acontecimentos envolvendo seu sombrio pai. Caracterizar a *perejivanie* nos personagens de Dostoiévski proporcionaria, sem embargo, outra tese de doutorado.

No entanto, esses pequenos exemplos servem apenas para ilustrar a presença da *perejivanie* na história russa e soviética. Paralelamente, essa exemplificação serve para afirmar que esse elemento, ainda enigmático na psicologia, conserva importantes reflexões para um posterior desenvolvimento da ciência psicológica. Ouso afirmar que, inclusive na clínica, a *perejivanie* merece destaque e um estudo aprofundado, proposta que venho defendendo desde 2021 (Giannoni, 2022). Menciono a clínica por ser uma área de interesse recente, causando controvérsias entre os defensores de uma psicologia de base marxista. No entanto, é impossível negar que a classe trabalhadora esteja em um extremo sofrimento psíquico, principalmente diante do avanço da exploração do trabalho, da perda de direitos trabalhistas e da uberização da vida. Portanto, tal como Rubinstein (1963 [1959]), que defendia que não havia uma psicologia marxista, pelo fato de os fundadores do marxismo não serem psicólogos, creio que não existe uma clínica

histórico-cultural, ou, ainda, vigotskiana. Essa não era uma preocupação evidente naquele momento histórico. O interesse direto era pela transformação socialista dos seres humanos (Vigotski, 1999 [1930]). O que se denominava como clínica passava pelos aspectos patológicos ou divergentes no que tange o desenvolvimento humano. Buscar nas obras de Vigotski, ou ainda, de outros teóricos soviéticos, a clínica, torna-se tendencioso, conflitivo e a-histórico. Ao não encontrar os aspectos metodológicos de uma clínica correspondente ao desejo do pesquisador, corre-se o risco de buscar outras técnicas de atuação, afastando-se da origem epistemológica da própria psicologia soviética. Defender esse fato não é ser dogmático, mas significa compreender que essa teoria se desenvolveu em um contexto revolucionário, distinto das sociedades capitalistas modernas.

Não pretendo forçar uma aproximação inexistente entre as concepções de Vigotski e Rubinstein. Contudo, torna-se inegável algumas semelhanças que ambos possuem na compreensão sobre o desenvolvimento do psiquismo. A *perejivanie* é apenas uma dessas convergências, tal como o destaque dado por ambos ao papel do afeto, sobretudo, das emoções na produção dos elementos que tangem a consciência. Outro ponto que merece destaque é a relação direta de ambos com o marxismo. O desenvolvimento de uma psicologia de base marxista no Brasil deve ocorrer numa análise geral sobre o que se tem de produção acerca da temática, não se limitando a um, dois, ou três personagens diretos vindos da União Soviética. Simultaneamente, é necessário buscar outras experiências provenientes de distintos países, destacando os autores que atuaram – e atuam – na constituição de uma psicologia de base marxista, primordialmente, classista.

Apesar de ter concentrado esforços, nesta tese, em apresentar uma breve história da psicologia soviética, compreendo que existem outros teóricos que não foram explorados pelos pesquisadores brasileiros. Não é difícil encontrarmos autores como Sève e Politzer sendo debatidos em trabalhos no Brasil. Todavia, passando rapidamente os olhos em outros livros, organizados em países socialistas, por exemplo, *Psicologia no socialismo*, é possível identificar nomes vindos da República Democrática Alemã, ou, ainda, do Vietnã. Investigadores ainda desconhecidos nas pesquisas científicas da psicologia no Brasil (Kossakowski, 1987 [1980]). Atualmente, contamos com um desenvolvimento tecnológico que permite esse tipo de apropriação. Indexadores digitais, tradutores online e outros instrumentos que facilitam o conhecimento de tais materiais. Assim, devemos

reorganizar o passado, no intuito de criar o novo, não apenas repetir aquilo que já foi produzido, tentando aplicar ou replicar conhecimentos em outros contextos históricos e culturais. Uma psicologia de base marxista deve ser classista, e, sobretudo, atuar junto aos movimentos de organização e instrumentos de luta da classe trabalhadora.

Neste ponto, adentro as ideias de outro autor, parcialmente conhecido na psicologia brasileira. Dele, lemos comentários nos textos de Vigotski, Luria e Leontiev. Refiro-me a Kornilov e sua proposta para os teóricos dos países capitalistas. O autor sinaliza a necessidade de os psicólogos organizarem uma ciência que dialogue com os interesses concretos dessa classe, ao mesmo tempo, consigam explicar as diferenças quantitativas e qualitativas existentes na produção do psiquismo, precisamente, do operariado (Kornilov, 1930).

É válido recordar que existem diversas críticas direcionadas a Kornilov, e sua teoria reatológica da psicologia. Discordâncias que são apresentadas por Vigotski (1999 [1926-1927]), Rubinstein (1963 [1959]) e Luria (1992 [1974]), por exemplo, sobre a compreensão mecanicista de sua abordagem. Todavia, sobre o que se trata a reatologia de Kornilov? Talvez não tenhamos uma afirmação concreta sobre sua abordagem, precisamente, por limitarmos nosso contato às críticas feitas por outros autores. Nelas, reproduzimos o que foi dito por outros teóricos e não realizamos uma análise mais detalhada da obra do reatólogo, imprescindível para o desenvolvimento da própria psicologia soviética. Esse movimento é contraditório ao que escreveu Lenin (2001 [1913]) sobre as três fontes constituintes do marxismo. Marx (2013 [1867]) não ignorou o conhecimento produzido pelos economistas liberais, pelos filósofos idealistas alemães e pelos socialistas utópicos. Pelo contrário, se apropriou desses saberes, desenvolvendo sua crítica à economia política. Sem embargo, será que devemos simplesmente ignorar aquilo que produziu Kornilov e outros autores de seu tempo?

Kornilov foi imprescindível para a crítica das tendências idealistas de seu tempo. Demonstrou, motivado por Lenin (1977 [1992]), uma proposta de que a psicologia se inserisse no debate revolucionário da época, destacando a necessidade de que fosse organizada a partir de uma perspectiva marxista-leninista. Menciono o leninismo não como instrumento stalinista, presente na ciência soviética, desde 1930. A presença de Lenin para a psicologia científica encontra-se na praticidade e operacionalidade que o revolucionário deu ao marxismo, tal como foi

descrito por Fernandes (2012). Em Lenin, o marxismo aparece enquanto ação, possibilitando as transformações sociais que conduziram à Revolução de Outubro.

Lenin (1977 [1922]) salientou a necessidade de rompermos com a lógica tradicional presente na ciência. Para isso, o materialismo deveria cumprir uma tarefa histórica: criticar as ideias idealistas, desenvolvidas no meio científico burguês. Aqueles saberes não conseguiriam explicar, tampouco objetivar, os conhecimentos necessários para a edificação de uma nova sociedade. Kornilov, motivado por essa noção, realizou sua defesa marxista da orientação científica da psicologia, frente ao Primeiro Congresso de Psiconeurologia. Dessa célebre defesa, novamente, temos apenas o conhecimento daquilo que foi escrito por outros autores, como Luria (1992 [1974]) e Shuare (2016 [1990]). Em Kornilov (1923), encontra-se conservada a defesa dos motivos que o levaram a pensar numa psicologia que refletisse o momento histórico que vivia. Acredito que, na psicologia brasileira, Kornilov ainda necessita de um estudo sério e sistemático.

Essa afirmação também é válida para as ideias de Básov e Blonski. O primeiro teórico foi responsável por dar início a uma concepção psicológica da atividade humana (Shuare, 20016 [1990]; Stepanov, 2002). Por sua vez, o segundo teve forte impacto na composição analítica de Vigotski, apresentando a noção do desenvolvimento genético (Blanck, 2002). Ao lado de Kornilov, cumpriram esse papel fundamental na produção inicial de uma nova psicologia.

Sobre Blonski e Básov, conhecemos apenas aquilo que é escrito e dito por outros teóricos, assim como ocorre com Kornilov. Shuare (2016 [1990]) apresentou a importância de Básov na estruturação de uma teoria da atividade. Por sua vez, Stepanov (2002) relatou que foi esse teórico o responsável por convidar o jovem Rubinstein para trabalhar na Universidade de Leningrado. Sem embargo, apesar de Rubinstein ter complexificado a discussão sobre atividade, ela se encontra contida em Básov enquanto princípio, como gênese que permitiu as complexificações realizadas posteriormente por Rubinstein (1983 [1934]; 2002 [1945]; 1968 [1957]) e Leontiev (2021 [1974]). Entender a atividade enquanto categoria fundante do psiquismo não significava limitar as investigações em Leontiev ou Rubinstein. Devemos retornar para outros teóricos que realizaram esse debate naquele momento histórico e, ao mesmo tempo, identificar essa noção de atividade e sua objetivação na própria história do marxismo.

Sobre Blonski, é válido afirmar que existe o conhecimento de sua influência direta na produção teórica de Vigotski. Contudo, nos limitamos a essa afirmação, algo que já apresentei como debate inicial páginas acima. De Blonski, temos acesso a dois artigos editados em inglês (Blonski, 2012 [1928]; 1977 [1930]). O artigo, embora não consiga transmitir em sua integralidade a ideia de um autor, deve ser explorado e debatido. Outro motivo para se trabalhar com as ideias de Blonski, refere-se a presença dos escritos educacionais do teórico soviético nos trabalhos brasileiros, desde a década de 1930. Analisar mais detalhadamente esses materiais aparece como possibilidade de organização de alguns fatos históricos, reiteradamente, no intuito de criar o novo (Iliénkov, 1977).

Adentrando à década de 1930, é necessário buscar organizar e reorganizar diversas informações, iniciando nas produções teóricas dos psicólogos nesse período. Foi um momento acompanhado de avanços e retrocessos, tanto teóricos e práticos, quanto políticos. Por esse motivo, existe a necessidade de se realizar um estudo mais detalhado das críticas tendencionistas e etiquetadas sobre Vigotski e sua teoria culturalista, tal como debatido por Talankin (2000 [1930).

Acredito que essas críticas necessitam de investigações sérias e profundas, não limitando as análises apenas à obra vigotskiana. Vale recordar que outros teóricos foram diretamente afetados pela resolução do partido de 1936 (Tsentral'nyy Komitet Vsesoyuznoy Kommunisticheskoy Partii, 1936). As pesquisas devem acontecer a partir de uma perspectiva histórica, sobretudo, dialética. Não adianta realizar uma apropriação unilateral desse período, afirmando que a psicologia soviética foi censurada, evitando o ingresso de ideias vindas do ocidente naquele momento. Os impactos da Segunda Guerra Mundial e o avanço da ideologia nazifascista devem ser considerados. Não se deve ignorar a Guerra, seus impactos objetivos e subjetivos na produção do conhecimento científico. Quais os outros motivos que levaram à proibição de determinadas práticas científicas na União Soviética? Essa é uma pergunta que ainda deve ser respondida. Para isso, não devemos partir unicamente das ideias, das constituições subjetivas desse período. Devemos levar em consideração os aspectos históricos e materiais desse momento. Quais outros autores, para além de Vigotski, tiveram impactos severos em seus trabalhos? Sabemos que a pedologia havia sido proibida por seus trabalhos na mediação de inteligência das crianças soviéticas (Smirnov, 1968). Quais eram essas pesquisas? Do que se constituíam esses estudos? Quais os instrumentos utilizados?

E quais os resultados obtidos? Novamente, perguntas que são evidenciadas quando pensamos sobre esse determinado momento histórico.

Ao mesmo tempo, é necessário trazer à tona a anedota sobre Vigotski e sua inserção na psicologia. Blanck (2002) escreveu sobre a lenda que se encontra por trás da história de Vigotski. De modo irônico, escreveu sobre o encontro e a produção científica da *troika*. Nesses dez anos produzindo na ciência psicológica, Vigotski, de fato, modificou o desenvolvimento da psicologia soviética, contribuindo de maneira significativa para a constituição de uma psicologia de base marxista.

Assim, é necessário afirmar que após seu falecimento, tanto Luria quanto Leontiev continuaram o desenvolvimento de suas respectivas ideias na psicologia. Portanto, embora utilizem noções desenvolvidas pelo teórico bielorrusso, ambos avançaram em temáticas que Vigotski, por conta de seu falecimento, não teve a oportunidade de elaborar e aprofundar. Sem embargo, quando temos contato com materiais escritos em 1940, 1950, 1960 e 1970, devemos levar em consideração este aspecto: novos temas que foram desenvolvidas por Luria e Leontiev. Neste sentido, é necessário se atentar aos elementos históricos e teóricos presentes na psicologia soviética. Isso significa afirmar que, apesar das perseguições políticas e movimentos de censura desses períodos, o conhecimento científico avançou, para além de 1934. Aqui, vejo a necessidade de se recuperar uma discussão feita por Plekhanov. Nela, o autor entende que:

> [...] depois de resolver o problema X, o homem de talento A desvia, com isto, a atenção do homem de talento B deste problema já resolvido para outro problema Y. E quando nos perguntamos o que teria acontecido se A tivesse morrido antes de conseguir resolver o problema X, pensamos que o fio do desenvolvimento intelectual da sociedade se teria rompido. Esquecemos que no caso de A morrer, B ou C ou D poderiam ter-se encarregado da solução do problema e que, deste modo, o fio do desenvolvimento intelectual não se teria rompido apesar da morte prematura de A. (Plekhânov, 1956, p. 150).

O desenvolvimento da psicologia soviética não foi interrompido, em 1934, com o falecimento de Vigotski. É válido recordar, que foi somente em 1940 que a psicologia institucionalizou-se enquanto ciência. Rubinstein, junto a outros teóricos, como Luria e Leontiev, teve um papel capital na criação do primeiro curso de psicologia da Universidade de Moscou. Meu intuito neste momento, não é afirmar que Rubinstein foi maior que Vigotski. Tenho minhas concordâncias e discordâncias com ambos os teóricos. Tratando-se desse assunto, “[...] é necessário chamar a atenção para o seguinte: discorrendo sobre o papel das grandes personalidades na

História, somos quase sempre vítimas de certa ilusão óptica que convirá indicar ao leitor" (PLEKHÂNOV, 1956, p. 149). A ilusão óptica mencionada por Plekhanov, é justamente acerca de uma interrupção científica por conta de uma ruptura repentina de uma determinada produção científica. Aqui, é necessário realçar que não desconsidero os aspectos subjetivos, envolvendo a imaginação e atividade criadora de cada indivíduo. É evidente que cada pesquisador, realizará suas contribuições científicas de acordo com as características e aptidões presentes em sua personalidade. Conquanto, acreditar que o, assim chamado, talento é uma condição individual ou pessoal de cada sujeito, significa desconsiderar os contextos materiais e históricos do local em que a pessoa foi educada. Vigotski e Rubinstein provinham de famílias eruditas. Essa é uma das grandes semelhanças entre esses dois enciclopedistas. Não foi uma mera casualidade suas respectivas contribuições no desenvolvimento histórico da psicologia soviética.

Tratando dos anos de 1940, retomo outra consideração que já havia evidenciado em meu mestrado (Giannoni, 2018). O período é determinado por movimentos de avanços e retrocessos. Nessa década, os acontecimentos práticos, motivados pela Segunda Guerra Mundial, conduziram a teoria soviética da psicologia a outro desenvolvimento. Essa mudança culminaria na criação da neuropsicologia, resultado de diversos trabalhos feitos por Luria e seus colaboradores (Luria, 1992 [1974]).

Também, não devemos esquecer da publicação do livro *Fundamentos de Psicologia Geral*, de S. L. Rubinstein. A escrita desse material rendeu ao autor o prêmio Stalin. Esse fato permitiu que Rubinstein iniciasse a articulação de discussões sobre a necessidade de um curso de psicologia, diga-se de passagem, dando início ao processo que reuniria, posteriormente, diversos nomes que haviam sido responsáveis pelos avanços científicos dessa área nas duas últimas décadas (Payne, 1968; Stepanov, 2002). Todavia, uma consideração muito importante sobre esse momento, refere-se a obra de Rubinstein. Seu livro merece, ainda hoje, uma investigação profunda, levando em consideração, principalmente, os capítulos que tangem uma discussão cognoscitiva do psiquismo. O primeiro capítulo desse livro, é teórico, acima de tudo, filosófico desde o ponto de vista de uma psicologia científica. No entanto, não é possível compreender o desenvolvimento do psiquismo sem a teoria do conhecimento, apresentada pelo autor logo nas páginas iniciais.

Outros capítulos também merecem destaques, por exemplo, as discussões referentes sobre a história da psicologia, as relações entre atividade nervosa e psicológica, o problema da consciência e seu salto de filosofia para a psicologia moderna, a atividade, e, finalmente, a compreensão e o entendimento da personalidade (Rubinstein, 2002 [1945]). Apesar de ser um material com mais de oitenta anos, Rubinstein consegue manter-se atual nas discussões epistemológicas que fundamentam a psicologia.

Tratando-se do segundo movimento de censura, que culminou na perseguição e destituição de diversos professores de seus cargos, compreendo que também carecemos de investigações. Ao longo da tese, principalmente no final do primeiro capítulo deste trabalho, apresentei alguns exemplos, dando destaque a acusação de cosmopolitismo sofrida por S. L. Rubinstein. O teórico, que durante o decênio de 1940 iniciou-se como herói desta ciência, teve um trágico momento que se encerrou na proibição de seu livro, antes agraciado com o prêmio Stalin (Payne, 1968; Stepanov, 2000). Esse movimento deu origem a um dos períodos mais sombrios da história da psicologia soviética, resultando na Conferência Pavlov, em meados dos anos de 1950. Por sua vez, esse evento é ainda desconhecido – ou parcialmente conhecido – nas pesquisas ocidentais. Contudo, existem, desse momento, até mesmo relatórios de espionagem, produzidos pela CIA (*Cental Intelligence Agency)*. (CIA, 2012 [1950]).

Esse é um aspecto que me parece causar certo estranhamento e confusão histórica no entendimento ocidental daquilo que foi a psicologia soviética. Houveram diferentes momentos de censura, cada um com sua própria especificidade. A censura sofrida por Vigotski, por exemplo, terminando na nota do partido de 1936, não foi a mesma pela qual passou Rubinstein, em 1949. Ao mesmo tempo, a Conferência Pavlov deu origem a um novo processo de retrocesso da psicologia soviética, encerrando-se numa ciência que reproduzia em sua *práxis*, conceitos reducionistas e fisiologizantes. Entretanto, em meio a essas contradições, a teoria soviética teve de se reinventar. Foi nesse momento que as pesquisas epistemológicas tiveram um novo desenvolvimento. Rubinstein, sem embargo, readmitido em suas funções, mas longe da cátedra de psicologia, concentrou suas energias em trabalhos que uniam discussões gnosiológicas com o desenvolvimento do psiquismo. Buscava, amparado, principalmente, pelas discussões feitas por Lenin (1967 [1909), compreender o papel que a reflexão psíquica possui na atividade

psicológica. Ao mesmo tempo, não deixou de desenvolver temas como o inconsciente e o consciente, destacando como essa contradição aparece objetivada nos produtos da atividade (Rubinstein, 1968 [1957]; Rubinstein, 1959)

Em meio a essas contradições a psicologia voltou a se movimentar, publicações das obras de Vigotski foram iniciadas por amigos e colaboradores do teórico bielorrusso. As revistas de psicologia, novamente, puderam retornar ao meio científico e acadêmico, demonstrando todo o conhecimento que havia sido acumulado e produzido nas décadas anteriores (Shuare, 2016).

Esse fato foi de extrema importância, pois deu origem ao movimento de autocrítica feito pela própria ciência psicológica, em 1960. Sobre esse período histórico, quase não temos acesso, ou materiais que nos auxiliem a compreender o que vinha sendo produzido. Um relatório, iniciado por Rubinstein, foi terminado por uma de suas seguidoras, Ekaterina Vasil'evna Shorokhova, dando origem a uma autoavaliação sobre como as tendências reducionistas e fisiologizantes atrasaram o desenvolvimento da ciência psicológica. Vale recordar que esse fato ocorreu mais de dez anos após a Conferência Pavlov, portanto por mais de uma década, a psicologia teve de se readequar, readaptar e, em certas medidas, aceitar que a noção de reflexos condicionados conseguia explicar a produção e objetivação do psiquismo (Shuare, 2016 [1990].

Outro ponto que merece destaque é a produção teórica de Shorokhova. Dela, possuímos uma única obra traduzida: *O problema da consciência na filosofia e ciência natural*. Apesar de denso, complexo e filosófico, o livro apresenta uma discussão significativa para aquilo que a autora denominou como uma psicologia materialista-dialética. Tenho minhas discordâncias sobre a denominação, algo que pretendi apresentar ao longo do primeiro capítulo desta tese, precisamente destacando a formação manualesca que dominou as discussões sobre o marxismo-leninismo na União Soviética, durante o regime stalinista (Giannoni, 2018; Stalin, 1945). Entretanto, é necessário destacar as contribuições de um debate terminológico sobre a psicologia feita na União Soviética. Neste ponto não sei se antecipo uma discussão realizada apenas em 1980, no Brasil. Afinal, devemos chamar a teoria de psicologia histórico-cultural, ou sócio-histórica. Meu argumento se sustenta em Vigotski (1999 [1927-1927]) e Rubinstein (1983 [1934]). Devemos nomear essa área como psicologia. No entanto, compreendo que no capitalismo esse processo se dá de forma diferente, fragmentando debates, extirpando

possibilidades e apresentando esse campo como uma ciência multiparadigmática. Vejo que nesta sociedade não existe, talvez, a possibilidade de se pensar uma ciência geral, debate que dominou a psicologia no começo do século XX. Assim, não vejo problemas em denominar a teoria como histórico-cultural; no entanto, adentramos outra problemática: o que fazer com os autores que se distanciam ou se diferenciam da concepção psíquica de Vigotski? Como abordar pensadores que elaboraram suas ideias, partindo do marxismo como visão de mundo? Aqui, epistemológica e teoricamente, penso que partimos de uma psicologia de base marxista. Ao expandirmos esse entendimento, abrimos a possibilidade de desenvolvimento de trabalhos que consigam debater as convergências e divergências entre os diversos autores que partem da filosofia de Marx, Engels e Lenin. Sem embargo, não apresento a proposta de nos limitarmos apenas à psicologia soviética, mas, sim, explorarmos outros caminhos trilhados por filósofos e psicólogos de base marxista.

É necessário reforçar que não espero criar uma nova tendência, fragmentando uma perspectiva, em diversos momentos, enfraquecida diante deste cenário da luta de classes, num momento extremo da exploração da pessoa pela pessoa e do crescimento generalizado do sofrimento psíquico. Contudo, é válido encontrar novas possibilidades diante de um cenário desolador. Tenho a certeza de que compartilhar novas ideias não é suficiente na mudança estrutural de uma sociedade. Creio que, além da disseminação de novas teses, necessitamos de mudanças práticas na produção e reprodução da própria ciência psicológica.

Lenin (1977 [1922]) tinha a certeza de que uma ciência de base marxista não deveria se afastar do ciclo de discussões, das tendências vindas do materialismo mecanicista de seu tempo, afinal, elas produziam também um debate progressista. Neste tocante, compreendo que exista a necessidade de diálogo com outros trabalhos na ciência psicológica. É importante ressaltar que esse fato não significa produzir uma discussão eclética, contradizendo epistemologicamente a ciência psicológica de base marxista. Esse fato deve ser feito em concordância com aquilo que escreveu Lenin (2001 [1913]) em suas três fontes que constituíam o marxismo. Uma apropriação crítica, materialista, histórica, e, sobretudo, dialética da ciência. De certo modo, foi o que fez Lane (2004 [1984]) na primeira parte de seu livro.

Entretanto, após essa breve digressão, retornando para os debates da psicologia soviética em 1960, é importante ressaltar que existe a necessidade de

organizarmos aquilo que vinha sendo produzido nas áreas educacionais, escolares, sociais e filosóficas da teoria, visto que conhecemos pequenos fragmentos desse momento. Um aspecto distante, porém, que desperta grande curiosidade, por exemplo, é a participação direta de Leontiev no programa espacial soviético (Smirnov, 1968). Inclusive, em jornais brasileiros, Leontiev ganhou destaque em reportagens pontuais. Para além disso, durante uma edição comemorativa do periódico *Revista de Psicologia Russa e do Leste Europeu*, de 1968, encontramos temas referentes à história da psicologia, relação entre fisiologia e psicologia, neuropsicologia, infância, psicologia do esporte, entre outros. Todos os artigos encontram-se disponíveis em inglês.

Tratando-se da década de 1970, tivemos a perda de dois importantes teóricos dessa ciência na União Soviética, Leontiev e Luria. Ambos tiveram papéis significativos no desenvolvimento dessa ciência, dispensando comentários mais detalhados, precisamente por sua popularização no ocidente. Leontiev, nesse decênio, publicou *Atividade. Consciência. Personalidade* (Leontiev, 1974). Esse material, diga-se de passagem, faz parte dos estudos brasileiros, desde o final de 1970, fundamentando diversas pesquisas e trabalhos. Por sua vez, Luria teve grande sucesso na neuropsicologia mundial. Sua obra, em 1950, já havia sido traduzida para diversos idiomas. Contudo, no Brasil, apenas em 1960 conheceríamos a tradução de um texto do teórico. Posteriormente, apenas no final dos anos de 1970, apareceriam as traduções referentes ao livro *Curso de Psicologia Geral*.

Porém, a psicologia soviética referente a este decênio não se limitou apenas a estes dois autores. Trabalhos de Iliénkov, Iarochevskii, Rubinstein – postumamente -, Lomov e Petrovski, por exemplo, estiveram presentes nos debates teóricos desse período. Gostaria de dar destaque a dois destes pensadores: Lomov e Iarochevskii. Sobre o último, temos acesso, com mais facilidade, a trabalhos traduzidos para o inglês e para o espanhol. Iarochevskii possui diversos debates com a história da psicologia, apresentando materiais históricos e temas que seriam relevantes para a psicologia brasileira. Ao mesmo tempo, realizou, no livro apresentado no segundo capítulo desta tese, um debate epistemológico e teórico, trazendo a perspectiva de diversos psicólogos sobre temas como atividade e consciência. Nele, é possível identificar posições convergentes e divergentes de pensadores como Vigotski, Rubinstein, Leontiev, entre outros (Yaroshevsky, 1979).

Tratando-se de Lomov, o autor ainda se apresenta como um grande mistério diante de nós, precisamente por não ter sido explorado de maneira significativa nos trabalhos ocidentais. O psicólogo soviético assumiu a tarefa, em 1970, de pensar as determinações do partido para o futuro da psicologia soviética. Apesar de ser pequeno o artigo que escreveu, nele, é possível identificar preocupações acerca da tecnologia e seus impactos psicológicos. Um debate de capital importância para os dias de hoje, visto que vivenciamos um gigantesco salto no desenvolvimento dos instrumentos tecnológicos, ao mesmo tempo em que enfrentamos transformações significativas na produção da atividade psicologia. Esse fato vem aparecendo em diversos trabalhos clínicos dos dias atuais (Giannoni, 2022).

Contudo, Lomov não se restringiu apenas a essa área da psicologia. Desenvolveu outros trabalhos em áreas como comunicação e história da psicologia. (Lomov, 1977; 1989). Organizou também estudos destinados à atividade e sua problemática nesta ciência, resgatando em autores como Anániev, Blonski, Kornilov, Leontiev, Luria, Rubinstein, Smirnov e Teplov, a compreensão dessa categoria. Portanto, um trabalho que envolva a discussão sobre a atividade na psicologia merece uma investigação que extrapole os limites de Leontiev e Rubinstein, buscando em outros pensadores o entendimento dos elementos que compõem essa categoria.

Por fim, ainda sobre 1970, é válido destacar a necessidade de se conhecer, estudar e compreender a publicação póstuma de uma obra de S. L. Rubinstein, *A Pessoa e o Mundo*. O trabalho, editado por seus continuadores, em 1973, é, segundo Shuare (2016 [1990]), repleto de grande complexidade filosófica e teórica. Uma obra que aparece inexplorada, ainda, no ocidente, pela ausência de traduções para outras línguas (Rubinstein, 1973). O livro reúne diversos temas filosóficos e psicológicos divididos nos seguintes capítulos: 1) *O conceito filosófico de ser*; 2) *Ser, existência, devir*; 3) *Ser e conhecimento; 4) Eu e outra pessoa*; 5) *Ontologia da vida humana*; 6) *A pessoa como sujeito da vida;* 7) *A relação da pessoa com a pessoa (moralidade e ética)*; 8) *O problema da existência humana e o amor da pessoa pela pessoa*; 9) *Tema estético (motivo) na vida humana* e; 10) *Atitude cognoscitiva humana em relação a existência*. Uma obra inacabada, porém extensa e com conteúdos demasiadamente complexos, a partir de um ponto de vista filosófico e teórico.

Ao mesmo tempo, outra consideração que devo realizar, ainda sobre Rubinstein, refere-se ao movimento de censura, instaurado em sua obra, após seu falecimento. Apresentei debates que apontavam a negativa de Leontiev, na ocasião diretor da faculdade de psicologia de Moscou, acerca do ensino da teoria de Rubinstein para alunos da graduação. Só é lembrado, quem é visto, ouvido e lido. Nessa perspectiva, Rubinstein ficou ausente das grades curriculares da universidade. Segundo um de seus seguidores e colaboradores, Brushlinskii (2002), esse acontecimento privou, durante mais de uma década, novos psicólogos de terem acesso à teoria da atividade de Rubinstein. Esse fato explica e resume parte da popularização de Leontiev na psicologia ocidental. Neste sentido, Rubinstein deve ser lido e estudado no intuito de compararmos as convergências e divergências em sua obra. Concomitantemente, existe a necessidade de se ter o cuidado de não o classificar como um teórico mecanicista, reducionista e fisiologizante. De fato, Rubinstein desenvolveu temáticas na ciência psicológica que investigavam a relação direta com a fisiologia. Grande parte dessas pesquisas foram realizadas durante os anos de 1950, período da institucionalização da psicologia pavloviana no país. Entretanto, em nenhuma dessas obras, Rubinstein deixou de se aprofundar em temas filosóficos, teóricos e metodológicos que tangem o desenvolvimento do psiquismo. Sua última obra, publicada postumamente, é um ótimo exemplo do vínculo que Sergei Leonidovitch tinha com a filosofia. Afinal, o teórico acreditava que ao desenvolver as temáticas na psicologia, o resultado seria o desenvolvimento simultâneo do conhecimento filosófico. Rubinstein não apartou a filosofia da psicologia, tampouco superestimou essa ciência, fazendo-a parecer mais importante que as investigações filosóficas. O autor tinha a certeza de que sem o debate filosófico, a psicologia não avançaria, tampouco se objetivaria enquanto ciência marxista. Assim, Rubinstein não criou apenas uma teoria da atividade, mas sim, edificou toda uma epistemologia em sua produção teórica e explicações acerca do psiquismo (Rubinstein, 1968 [1957]; 1963 [1959]; 1973).

Ao chegarmos na década de 1980, surgem mais dúvidas do que respostas. Os caminhos políticos adotados por Gorbachev influíram diretamente na história posterior da ciência psicológica na União Soviética. Nesse decênio, a produção acerca de materiais sobre os problemas metodológicos destinados a teoria começa a diminuir, principalmente após 1985. É válido destacar que neste período o fenômeno Vigotski já vinha sendo produzido no ocidente, especialmente nos

Estados Unidos. Parte das discussões marxistas de sua obra já tinham sido retiradas de seus textos. Neste contexto, Gorbachev já havia lançado seu projeto da *perestroika*, acompanhado da *glasnost*. Esse fato permitiu a importação de materiais ocidentais, em sua maioria, vindos da psicologia estadunidense (Magun, 1947).

Em meio a todas as mudanças econômicas e políticas, motivadas pela *perestroika e glasnost*, é possível identificar, ainda, debates que consideravam o marxismo como visão de mundo edificante da psicologia soviética. Esse debate é encontrado em trabalhos como os de Abul'khanova-Slavskaya (1982). A seguidora e continuadora da obra de Rubinstein destacava a importância de se compreender a atividade enquanto uma categoria marxista que fundamenta a psicologia, princípio, segundo a ela, desenvolvido por Rubinstein em 1930. Abul'khanova-Slavskaya deve ser apresentada, nestas considerações, como um grande mistério, precisamente pelo completo desconhecimento de sua obra na psicologia ocidental. Existem poucos textos traduzidos; entretanto, a autora se dedicou – e continua se dedicando, até os dias de hoje – a divulgar o trabalho de Rubinstein, desenvolvendo, a partir da atividade, outras categorias na psicologia, como consciência e personalidade. Abul'khanova-Slavskaia (1993) entendia a personalidade como pertencente a um sujeito que caminha na vida.

Outro ponto que merece destaque na obra da autora, é sua reflexão feita nos anos de 1990. Escreveu:

> A psicologia nasceu e se desenvolveu ao longo de séculos no seio da filosofia, da qual se separou para se tornar uma ciência experimental. No entanto, poucos conhecem o período, em meados do nosso século, em que psicologia e filosofia estiveram unidas — um período que, em grande medida, definiu a especificidade filosófico-metodológica da nossa ciência psicológica em comparação com a psicologia mundial. Hoje, essa singularidade é atribuída exclusivamente à influência do marxismo e, devido às revisões atuais do marxismo, alguns psicólogos propõem que os fundamentos filosófico-metodológicos da nossa psicologia sejam abandonados e que a disciplina retorne ao curso de um cientificismo puro. Entretanto, vale notar que a cultura russa sempre teve uma orientação própria em sua filosofia e em sua visão de mundo. Assim, a influência do marxismo no desenvolvimento da psicologia possuía pressupostos históricos próprios e não pode ser reduzida a fatores puramente ideológicos. A maneira como produz ideias e hipóteses, a forma como seus cientistas pensam, bem como a formulação do conhecimento psicológico, fazem da nossa psicologia uma disciplina filosófica (Abul'khanova-Slavskaia, 1997, p. 84).

Realizar essa afirmação, em meio às críticas feitas à psicologia de base marxista, na Rússia pós-soviética, torna a autora, no mínimo, audaciosa. Abul'khanova-Slavskaya tinha a certeza de que o debate filosófico não poderia se

afastar da psicologia. Esse fato conduziria a ciência psicológica a caminhos reducionistas e simplistas, forçando-a a abandonar análises filosóficas, teóricas e metodológicas de maior intensidade. No entanto, quanto mais rápida torna-se a produção da vida social, mais impacto encontramos na produção de debates que requerem tempo, algo, diga-se de passagem, escasso nos dias de hoje. Retornar ao curso do cientificismo puro, destacado por Abul'khanova-Slavskaya, significa transformar a psicologia numa ciência puramente pragmática, ou ainda, baseada unicamente em evidências. Devo concordar com a autora sobre a singularidade da psicologia soviética, principalmente, a que foi produzida entre 1920 e 1960. Os debates filosóficos não eram apartados da ciência psicológica, pelo contrário, enriqueciam a produção teórica, metodológica e, sobretudo, a leitura final dos resultados obtidos. Abandonar a filosofia na psicologia resulta na desconsideração dos fatores materiais e históricos presentes na dialética entre objetividade e subjetividade, atividade e consciência, personalidade e coletividade, assim por diante.

Outra passagem, apresentada pela autora, reflete a importância da fundamentação filosófica nos trabalhos práticos da psicologia. Salientou Abul'khanova-Slavskaia (1997, p. 93):

> Apesar do desejo de alguns psicólogos de apresentar Rubinshtein como um psicólogo de gabinete, que escrevia tratados complexos e abstratos, e posteriormente Lomov como um 'sistematizador' ou psicólogo aplicado, as ideias que eles desenvolveram, enfrentando muitos obstáculos, deram hoje frutos, especialmente no nível das pesquisas teóricas e empíricas realizadas no Instituto de Psicologia da Academia Russa de Ciências, que orgulhosamente representa nossa psicologia na comunidade psicológica mundial. Esse nível está sendo mantido e continua a se elevar de acordo com padrões e avaliações internacionais objetivos, inclusive em áreas novas para a nossa psicologia, como a ontogênese precoce e a percepção das cores, bem como em campos tradicionais, porém completamente reestruturados e reinterpretados, como a história da psicologia e a consciência individual. As ideias que Rubinshtein formulou de maneira tão brilhante no início do século continuam a ser desenvolvidas hoje, tanto em amplitude quanto em profundidade.

Os trabalhos teóricos merecem destaque no campo da psicologia científica. É evidente que a prática nessa teoria é critério de verdade (Neto, 2011). Todavia, ao mesmo tempo, não devemos ignorar os trabalhos de caráter histórico, filosófico e metodológico. Fazer isso significa conduzir a psicologia aos interesses diretos do capital, estabelecendo resultados baseados unicamente nas evidências práticas. Todavia, será que uma prática baseada em evidências é funcional em qualquer contexto histórico, econômico e material? Será aplicável em qualquer classe social?

Ou, ainda, em contextos extremos de sofrimento psíquico causados pela miséria desta sociedade? Novamente, concordo com Abul'khanova-Slavskaia. As ideias formuladas por Rubinstein possuem, ainda hoje, a potencialidade para que sejam desenvolvidos trabalhos amplos e profundos. Essa regra equivale a outros debates na ciência soviética, estendendo-se para outros autores, por exemplo, Vigotski, Luria, Leontiev, Zeigarnik, Bozhovich, Shorokhova etc.

Os trabalhos de Abul'khanova-Slavskaia merecem estudos e destaques, ainda não realizados na psicologia ocidental. A autora, que se dedicou a explicar a formação e produção da personalidade, precisa ainda ser conhecida e compreendida na psicologia brasileira. Acredito que suas obras enriqueceriam as discussões relacionadas às categorias de atividade, consciência e personalidade, aplicando essas investigações para além do clássico Leontiev (1974), evitando uma discussão unilateral dos elementos fundantes do psiquismo.

No entanto, apesar de Abul'khanova-Slavskaia (1997) destacar em seus trabalhos a importância da unidade entre filosofia e psicologia, esse elemento se transformou na maioria das investigações psicológicas neste período marcado pela *perestroika* e *glasnost*. Por exemplo, identificamos palestras do psicólogo humanista Carl Rogers. Em um artigo escrito pelo autor, identificamos trechos sobre sua visita à União Soviética. O psicólogo estadunidense comentou sobre estar presente em uma sociedade, segundo sua perspectiva, altamente controlada (Rogers, 1987).

Esse fato foi conduzindo cada vez mais a ciência psicológica soviética à temas que abandonassem as discussões filosóficas, históricas e metodológicas, afinal, o problema do indivíduo torna-se maior do que as demandas sociais que produzem seu sofrimento psíquico. Nesta perspectiva liberal, o sujeito é visto como indivíduo, responsável pela produção e reprodução de seu sofrimento psíquico, isentando a sociedade de tais responsabilizações. Aquilo que ocorre em sua esfera privada, é maior do que o meio social.

Os psicólogos, vindos de uma terceira ou quarta geração da psicologia soviética, iniciaram um debate extensivo, mas pouco analítico e metodológico sobre o marxismo presente nesta ciência. Radzikhovski (2016 [1988]), em entrevista realizada pela professora Marta Shuare, afirmou que Vigotski apenas havia tentado traduzir fórmulas sociológicas para a psicologia. Esse mesmo autor, em 1991, escreveu um artigo de 21 páginas criticando a análise feita por Vigotski acerca do significado histórico da crise na psicologia (Radzikhovskii, 1991). Os valores

ideológicos finalmente haviam se invertido. As análises liberais inundavam os trabalhos da ciência psicológica soviética. Combater uma psicologia marxista tornou-se tarefa para essa nova geração de psicólogos. Marx (2011 [1852]) acreditava que grandes fatos históricos eram encenados duas vezes, primeiro como tragédia, segundo como farsa. 70 anos atrás, os psicólogos revolucionários, pós 1917, iniciaram o combate às tendências idealistas e reacionárias nesta ciência. Por sua vez, a história não se desenvolve de modo linear. Décadas mais tarde, a luta de classes se inverteu, a ideologia liberal tomou conta dos trabalhos científicos da psicologia soviética e russa, tendo a tarefa de combater uma visão de mundo, que segundo os novos intelectuais da época, havia atrasado, limitado e impossibilitado o verdadeiro desenvolvimento científico dessa ciência. Leonid Aleksandrovitch Radzikhovski, diga-se de passagem, foi orientado pelo professor Davydov, e, após a dissolução da União Soviética, assumiu um posicionamento liberal, participando da articulação da direita na Rússia.

Neste tocante, a crise metodológica da psicologia é negada, e a afirmação de que várias tendências contraditórias entre si pudessem formar uma unidade volta a vigorar no final da psicologia soviética. O dramático fim da psicologia soviética fez ruir quase um século de investigações filosóficas, históricas e metodológicas dessa ciência.

Neste contexto, o Brasil começava a conhecer de modo mais profundo as obras de Vigotski, Luria e Leontiev. Confusões eram produzidas em terminologias e denominações. De um lado, a psicologia sócio-histórica se desenvolvida na PUC de São Paulo, pelos pesquisadores do campo social (Lane, 2004 [1984]) De outro, a educação cumpriu um papel fundamental na divulgação da teoria histórico-cultural, tal como se encontra descrito nas entrevistas feitas por Asbarh e Cantuária (2023). No entanto, materiais sobre a ciência psicológica e a educação soviética já rondavam o Brasil, desde 1920.

Neste período histórico, apenas Bekhterev se fez presente nas pesquisas e investigações em jornais e periódicos disponíveis na internet. Bekhterev, foi apresentado em uma reportagem como especialista nos estudos do cérebro. Simultaneamente, a reportagem do jornal *O Estado* apresentou o instituto do cérebro, criado por Bekhterev (O Estado, 1928).

Por sua vez, durante a década de 1930, outros trabalhos foram identificados nessa pesquisa. Bekhterev, novamente retorna aos resultados de busca nos

periódicos. Em um artigo escrito por Tatulov (1934), debateu de modo introdutório alguns princípios que orientavam a psicologia soviética. Lenin aparece descrito como teórico que fundamentaria essa ciência. Outros teóricos começam a aparecer neste debate. Nomes como Pavlov, Kornilov e Blonski, são apresentados como representantes direto da psicologia e educação marxista (Nogueira, 1934).

Sem embargo, Blonski foi um dos autores mais citados neste contexto dos anos de 1930. O teórico soviético, desconhecido até os dias de hoje na psicologia brasileira, é citado por Acker (1933), Nogueira (1934), Junior (1935), Lima (1936) e Espinheira (1931). Assim, foi o teórico mais destacado durante essa década. Acredito que a apropriação das ideias do autor supracitado advém de publicações francesas, assim como aparece em citações diretas feitas por Lima.

Entretanto, o fato mais interessante desta década refere-se à primeira divulgação pública de um texto de Vigotski e Luria. De modo contraditório, em 1935, foi publicado, nos *Archivos Brasileiros de Hygiene Mental*, um agradecimento referente ao recebimento de colegas estrangeiros, de um livro de Kurt Lewin. Nele, constava o artigo *O teste de desenvolvimento aplicado a bebês a serviço do psicodiagnóstico*, de A. R. Luria e L. S. Vigotski. Uma publicação de Vigotski, portanto, apareceu pela primeira vez na ciência brasileira, cinquenta anos antes de sua popularização no Brasil. Apesar de encontrar essa referência presente na história, não identifiquei trabalhos que se utilizaram desse material.

Durante a década de 1940, encontramos outro achado perdido na ciência brasileira. Neste momento, a referência de Básov fez-se presente nos periódicos ou jornais brasileiros. O texto de Básov refere-se a sua compreensão biotipológica. Esse debate é apresentado por Junior (1943), em meio a um contexto de guerra e reflexões sobre a preparação das pessoas para esse momento. Acredito que as referências soviéticas diminuíram neste período, devido a intensificação da Segunda Guerra Mundial. Vale recordar que neste momento a União Soviética havia sido extremamente afetada pelos conflitos.

Entretanto, tratando-se de 1950, evidencio uma série de materiais encontrados em jornais e periódicos, incluindo, a visita de uma comissão de pesquisadores soviéticos no Brasil e América Latina. Existem menções diretas a defectologia e a Olga Skorokhodova (Imprensa Popular, 1951). Teplov, por sua vez, foi outro autor destacado em jornais brasileiros. Sobre esse teórico soviético,

existem poucas obras e textos traduzidos. Ele apareceu em coletâneas de textos, por exemplo, no material organizado por Smirnov (1960).

Rubinstein também foi outro teórico apresentado nesta década. Richardson (1951) publicou no jornal Tribuna Impressa, em um texto que apresentou uma passagem do livro *Fundamentos de Psicologia Geral*. Segundo Richardson, Rubinstein aceitou os posicionamentos freudianos por ter admitido a existência de um aspecto inconsciente no psiquismo. Ao realizar essa afirmação, Richardson basicamente admitiu não ter lido a obra de Rubinstein, precisamente pelo autor apresentar o inconsciente em seu vínculo direto com a consciência.

Ainda nos anos de 1950, jornais vinculados a movimentos comunistas apresentaram a conferência Pavlov, tal como suas determinações para a ciência soviética. A teoria pavloviana, seguindo um caminho dogmático, foi vista por Burza (1955) como ferramenta importante dos trabalhadores. As ideias de Pavlov, apareciam como responsáveis por diversos avanços na educação, psicologia, fisiologia e medicina. Esse acontecimento não se ausentou também das discussões brasileiras. Grande parte desses debates eram organizados e realizados por militantes políticos, vinculados em sua maioria ao PCB, como aparece no texto de Lacerda (1954).

Por fim, a parte mais interessante dessa década resulta na visita de professores soviéticos ao Brasil. O intuito desse intercâmbio, era conhecer as escolas e a educação, de modo geral, na América Latina. O professor Boris Anániev foi um dos responsáveis pela condução da visita, proferindo palestras em faculdades de São Paulo e Rio de Janeiro, dando entrevistas para jornais brasileiros. Sobre o encontro com os países latino-americanos, Anániev, escreveu um artigo apresentando suas perspectivas sobre a educação nestas localidades, inclusive no Brasil (Anániev, 1959). Algo que merece destaque é o desconhecimento dessa visita pelos pesquisadores brasileiros. Por exemplo, sobre a palestra proferida na Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro, não encontrei nenhum material ou menção para além das realizadas nos jornais deste período histórico. Creio que uma pesquisa mais sistemática, diga-se de passagem, nos arquivos da própria faculdade seja necessária. Isso permitiria identificar professores e pessoas envolvidas nesse intercâmbio entre os pesquisadores soviéticos e brasileiros.

Chegando em 1960, Rubinstein, novamente, retornou aos jornais brasileiros. A notícia de seu falecimento foi feita pelo periódico *A tribuna*, no dia seguinte de sua

morte, em 11 de janeiro. O jornal transmitiu a notícia telegrafada direto de uma agência russa. Rubinstein foi apresentado como teórico que lutou contra as doutrinas psicológicas fascistas (A Tribuna, 1960).

Nos anos de 1960 existem muitas contradições, iniciando pelas condições concretas deste decênio. No começo dessa década, ocorreu uma divulgação em massa de materiais da psicologia soviética, vendidos por livrarias brasileiras. Todos os livros, divulgados nos jornais brasileiros, encontravam-se em espanhol. Eram publicados por editoriais como *Pueblos Unidos* e *Grijalbo*. Esse é um aspecto interessante, pois a editora *Pueblos Unidos*, do Uruguai, era vinculada ao partido comunista. Todavia, no Brasil, a editora Vitória, associada ao PCB, chegou a anunciar a tradução de uma obra de Teplov, *Manual de Psicologia*[197]. Entretanto, a obra não foi editada (Juberte, 2023).

Assim, materiais de Rubinstein, Iakobson, Teplov, Leontiev e Smirnov, por exemplo, eram divulgados em periódicos brasileiros. Grande parte dessas livrarias concentrava-se em São Paulo e no Rio de Janeiro, porém, existem referências de edições que eram vendidas por uma loja de livros, em Santos, a Livraria Jangada (A Tribuna, 1960).

Um fato, no mínimo curioso, encontrado ao longo das investigações nos periódicos e jornais brasileiros, foi a visita feita pelo médico Pedro Bloch à escola de Zagorsk, na União Soviética. O conhecimento acerca da defectologia no Brasil se popularizou apenas em 1990, após a divulgação do documentário *As Borboletas de Zagorsk*. Evidentemente, em trabalhos que já circulavam no meio acadêmico, como as *Obras Escolhidas*, de Vigotski, já havia discussões referentes a essa área do conhecimento. Acredito que apenas com o desenvolvimento digital, o aparecimento de *sites* como o *youtube*, essa discussão se complexificaria e popularizaria de outra maneira, tornando-se parte das formações nas Universidades Brasileiras. Neste sentido, é inexplicável ter o conhecimento de que um brasileiro, na década de 1960, começo de um dos momentos mais sombrios da história recente do Brasil, teve acesso a esses materiais, conhecendo pessoalmente a escola e as pesquisas realizadas na União Soviética. Portanto, uma investigação histórica sobre esse período, de maneira mais detalhada, estudando biograficamente Pedro Block, pode resultar em novos achados para a ciência psicológica de base marxista, no Brasil.

[197] Suspeito se tratar do livro *Psicologia*, traduzido pelo editorial *Grijalbo* do México, em 1960.

Outro aspecto interessante presente neste decênio, refere-se às notícias soviéticas sobre os cosmonautas e os lançamentos espaciais. Leontiev ganhou destaque como psicólogo que compunha a equipe de pesquisas e treinamentos dos cosmonautas soviéticos (Última Hora, 1963). Leontiev também teve um pequeno texto traduzido, dois meses antes do golpe militar. Esse pequeno escrito tratava dos aspectos relacionados aos afetos e sentimentos, conceito amplamente difundido entre os psicólogos soviéticos, desde o período de Kornilov, em 1920. Todavia, o que mais chamou a atenção nas reportagens, eram os comentários sensacionalistas, precisamente explorando o medo do leitor. No jornal A Nação, a matéria é acompanhada de uma citação sobre fraqueza e exploração dos comunistas. Um espectro não rondava apenas a Europa, também se fazia presente no Brasil e na América Latina. O medo do comunismo, produzia – e produz até os dias de hoje – conteúdos demasiadamente sensacionalistas, controlando o outro por meio de um medo irracional.

Após o golpe de 1964, a psicologia soviética desapareceu dos periódicos brasileiros. Somente em 1969, retornaria com a divulgação de um livro sobre psicanálise, publicado pela revista Tempos Brasileiros[198] (Jornal do Brasil, 1969). Nesse livro, encontrei uma série de artigos críticos que tratavam sobre o vínculo entre marxismo e psicologia. No entanto, o capítulo de Luria foi o que mais me chamou a atenção. Inicialmente, por ter sido divulgado numa revista de psicanálise. O trabalho tratava diretamente de Vigotski e seus estudos sobre as funções psicológicas superiores (Luria, 1969). Essa foi a primeira tradução de um texto completo que encontrei para o português. Um fato, diria, demasiadamente interessante. Sobre a edição da revista, não existem informações sobre a escolha do texto, sobretudo do motivo em inserir uma discussão que fugisse da temática proposta: a psicanálise. Todavia, é importante salientar a importância da primeira tradução oficial de um texto soviético no Brasil, ainda nos anos de 1960. Esse feito, seria reproduzido somente dez anos mais tarde, nas traduções do livro *Curso de Psicologia Geral*, também de Luria.

No entanto, é necessário pontuar que o texto foi publicado num período de intensificação da repressão militar. Neste aspecto, creio que a tese de doutorado de Souza (2021) possa auxiliar a compreensão desse momento histórico, precisamente

[198] A revista ganhou um segundo volume em 1976, mas manteve seus debates na psicanálise.

em como a psicologia se inseriu nesse contexto, assim como das contradições presentes nesse período. Acerca dos antagonismos, é válido destacar que a psicologia ocidental, por si só, possui uma história cheia de incongruências. Uma ciência que reflete, em sua essência, uma marca histórica de repressões, violências, determinações e adaptações dos sujeitos em sua constituição.

Tratando-se de 1970, alguns pontos devem ser evidenciados nesta tese. O primeiro, relaciona-se com como a ciência psicológica começou a se abrir para novas possibilidades de intervenção. Esse fato foi permitido devido a uma abertura política e, ao mesmo tempo, pela incapacidade da psicologia de atuar com a classe trabalhadora e populações oprimidas de maneira geral. Uma ciência que se desenvolveu no intuito de adaptar as pessoas, não transformá-las.

No quesito transformação, alguns artigos jornalísticos fizeram parte das reportagens brasileiras. Notícias sobre os alunos cegos-surdos da Universidade de Moscou ganharam destaques em diferentes periódicos (Correio Braziliense,1978; Jornal do Commercio, 1978). A matéria apresentou as ideias de Sokolianski e Meshcheriakov, além do relato de diversos professores da cátedra sobre as possibilidades de desenvolvimento desses alunos, somado à dedicação de cada um nas áreas escolhidas. Organizar esses materiais, assim como buscar novas referências de pesquisadores que trabalharam com esses materiais, torna-se fundamental para desenvolver esse campo no Brasil.

Neste momento, Vigotski também começou a ser citado com maior intensidade nos jornais brasileiros. Apareceu na divulgação da tradução de uma de suas obras, *Pensamento e linguagem*. Ao mesmo tempo, teve esse mesmo livro citado em um artigo na revista da SPBC (Gevertz, 1972). 1970 representou a década com maior número de aparecimentos referentes à presença dos soviéticos nos jornais brasileiros. Rubinstein, Bozhovich, Komikova, Teplov Petrovski, entre outros, apareciam com maior intensidade nas publicações. Autores que começariam a fazer parte das pesquisas brasileiras décadas mais tarde.

Por fim, não podemos deixar de mencionar Luria, especialmente a tradução de sua obra *Curso de Psicologia Geral*. A tradução, feita pela editora Civilização Brasileira, permitiu a apropriação de quatro volumes sobre o que vinha sendo produzido no contexto da psicologia soviética. Um material utilizado até os dias de hoje na formação de novos psicólogos que almejam conhecer a teoria. Todavia, vale destaque para pesquisas que explorem de modo mais significativo o momento da

realização desta tradução. Creio que entrevistas com os editores envolvidos, com o tradutor, por exemplo, axiliariam na compreensão dos motivadores iniciais na edição dessa obra.

Sobre a década de 1980, acredito que existam muitas lacunas no que tange às informações sobre o ingresso de materiais soviéticos, tanto pela psicologia social, quanto pela educação. Entrevistas, como as realizadas por Asbahr e Cantuária (2023), são fundamentais para recompor parte desse processo histórico, perdido pela falta de registros ao longo dos anos. Penso que buscar nos orientandos de Silvia Lane, as histórias sobre os materiais trazidos por ela do exterior, é fundamental para compreender parte desses livros que se popularizaram no país durante e após esse decênio.

Considero que Silvia teve um significativo papel na produção de uma nova psicologia, algo que se expressou em seu entendimento de 1984, no livro *O Homem em Movimento*. Concomitantemente, Silvia cumpriu um papel histórico de unir pesquisadores, posteriormente responsáveis pela difusão da teoria soviética da psicologia. Neste sentido, recuperar as dissertações de mestrado e teses de doutorado, tornam-se fundamentais para se recompor a história do desenvolvimento dessa abordagem no Brasil. Entretanto, esse não será trabalho e esforço de um único indivíduo ou pesquisador.

Para que serve a história? Qual seu significado em nossa produção teórica no presente? Quais os impactos existentes para o futuro? Devo concordar com Ilienkov (1977): reorganizamos o passado para a criação de novos conhecimentos e transformações práticas. Não podemos desdenhar as determinações históricas que conduziram ao desenvolvimento atual dessa teoria no país. Ao passo que não devemos desprezar os acontecimentos materiais, econômicos e históricos, tal como a intensificação das práticas de exploração do mais-valor. Outro ponto a ser destacado, diga-se de passagem, em minha opinião, que merece uma investigação intensa e profunda, diz respeito à utilização do meio digital na divulgação e venda de materiais tidos como únicos. Não é necessário, realizar uma exaustiva busca pelos indexadores digitais, canais de comunicação e redes sociais, para encontrarmos a venda de diversos materiais apresentados como A última novidade. Produtos que são vendidos por especialistas das redes sociais, demonstrando uma nova tendência produzida por esse sistema, o empreendedor. Tenho a ciência de que, nessa sociedade, devido a perda dos direitos trabalhistas, uberização da vida que

atinge diretamente a educação e a saúde, trabalhadores precisam sobreviver. Entretanto, precisamos identificar os oportunismos, necessariamente quando se vende algo que não existe, tal como a denominada clínica vigotskiana. A produção científica não deve ser levada a cabo por um único indivíduo. Acredito que a pandemia, assim como o isolamento social vivenciado nesse processo, contribuiu de maneira significativa para o crescimento dessa tendência do empreendedor do conhecimento psicológico. A teoria soviética da psicologia foi um conhecimento produzido para a classe trabalhadora, para sua transformação e desenvolvimento, não para sua exploração e adaptação. Assim, considero que discussões que envolvam esse âmbito sejam fundamentais para combatermos os crescentes oportunismos dos empreendedores da psicologia.

A pesquisa, a produção do conhecimento, é algo sério. O recorte de textos para sua venda, tal como a criação de manuais, traduções caseiras e receituários sobre como aplicar o conhecimento da teoria histórico-cultural, representa uma transformação desse conhecimento em seu próprio contrário. Acredito que a produção científica deva extrapolar o ambiente universitário, adentrar aos espaços de militância e convívios sociais. A psicologia deve atender aos interesses da classe trabalhadora; por esse motivo, a teoria soviética não é somente marxista, é leninista em sua proposta de operacionalização. Uma psicologia que não leve a cabo essa tarefa, é apenas mais uma tendência que enfeita e busca reformar o capitalismo, adaptando o trabalhador ao seu sofrimento psíquico.

Não obstante, essa condição é também válida para a educação. Desde 1980, o campo educacional foi responsável por atuar na popularização de Vigotski e outros teóricos soviéticos. Leontiev, Davydov, entre outros, ganharam destaque nas pesquisas feitas em instituições como UNICAMP, em Campinas, e UNESP, em Marília. As entrevistas feitas por Asbahr e Cantuária (2023) contribuíram de modo significativo para essa compreensão. Esse é outro aspecto que deve ser considerado: não foi somente na psicologia social que encontramos as reflexões inerentes a teoria soviética e ao marxismo como visão de mundo.

No entanto, uma pergunta surge neste momento: Quem foi o verdadeiro responsável pela divulgação da psicologia soviética no Brasil? A social ou a educação? Para responder a essa pergunta, existe a necessidade de se pensar nas possibilidades teóricas e práticas anteriores a 1980. Defendo que a teoria não se popularizou anteriormente, principalmente, pela ditadura militar. Compreendo que

essa afirmação possa parecer óbvia; no entanto, vale recordar que já existiam publicações circulando no Brasil, antes do regime ditatorial e do golpe de 64. Sem embargo, entendo que a teoria não poderia ter se popularizado antes, precisamente devido às incertezas e inseguranças políticas que fizeram parte do Brasil, desde o começo do século XX. Vale reforçar que a União Soviética já havia feito a revolução em 1917. Neste sentido, existiam possibilidades concretas para se pensar e desenvolver uma psicologia de base marxista. Por sua vez, os intelectuais e trabalhadores brasileiros, marxistas, socialistas e comunistas, vivenciavam uma intensa instabilidade política, promovida por diversos movimentos golpistas no país. Uns de modo violento, outros de forma brutal, covarde, repressora e algoz, como em 1964. A preocupação dos comunistas, marxistas e, talvez, progressistas do Brasil, era encontrar uma condição digna de existência e subsistência da vida social. Nessa tarefa a psicologia não poderia contribuir em absolutamente nada, tratando-se de uma ciência ideológica e adaptacionista, reproduzindo a lógica burguesa.

Compreendo que tentamos buscar sempre um grande precursor na história, um nome que modificou todo o curso histórico seguinte. Entendo que criamos uma relação afetiva com pessoas, personagens e fatos históricos. Essa mediação torna-se tão concreta em nossos sentimentos que ressoa como se ainda estivessem vivos, produzindo e criando novas ideias. Nesta perspectiva, afirmo que não foi uma ou duas pessoas que trouxeram a teoria e a popularizaram no Brasil. Esse acontecimento foi fruto de um trabalho coletivo, de esforços vindos diretamente de grupos, seja na psicologia social ou na educação. Esse fato não pode ser negado. Igualmente, acredito que pessoas vindas dos movimentos sociais, militâncias, partidos políticos etc., tiveram significativa contribuição na prolongação destes debates. Neste sentido, devo concordar com Plekhânov (1956 [1898], p. 160): “[...] quem faz a história? A história é feita pelo ser social que é seu único ‘factor’. O próprio homem social cria suas relações, isto é, as relações sociais”. Sem um outro, a história não se movimenta, essa é a resposta mais próxima que podemos chegar acerca de quem popularizou a psicologia soviética no Brasil: o coletivo.

Um coletivo que buscava trilhar um caminho diferente, contrário aos debates individuais da clínica, ou das abstrações vindas de teorias a-históricas. Um grupo que entendia que era necessário encontrar novas possibilidades para as populações empobrecidas, para a classe trabalhadora. Uma comunidade que viu na psicologia social e na educação, possibilidades concretas para se intervir em um contexto de

esperança, e reorganização do proletariado. Afinal, tanto a psicologia social, quanto a educação interviram diretamente na vida de populações marginalizadas por esse sistema.

Esse é um caminho que deve ser evidenciado para que a psicologia de base marxista, no Brasil, não se torne um espaço voltado unicamente para bibliômanos eruditos. Uma ciência psicológica que vise a transformação social deve extrapolar a vida acadêmica, sair de dentro das universidades, trazer a classe para ocupar esse espaço, entendendo que um conhecimento verdadeiramente transformador deve ser objetivado para, e pelo trabalhador. Um cenário que parece distante nos dias atuais, principalmente em um contexto de afastamento e isolamento social. Não almejo o retorno para a década de 1980, tal como um saudosista nostálgico, não é essa a defesa feita nesta tese. Marx (2008 [1859]) tem razão ao afirmar que uma pessoa não pode voltar a ser criança, sem retornar à própria infância. A maneira que a psicologia soviética se desenvolveu no Brasil encontra-se indissoluvelmente ligada às condições sociais imperfeitas que a fizeram nascer, circunstâncias que não podem nunca mais retornar. Sem embargo, devemos reorganizar seu passado, olhando para o futuro e não o perdendo de vista, entendendo que é necessário mobilizar as massas no presente. Somente nas relações sociais encontraremos outro desenvolvimento para essa ciência no Brasil.

A tarefa histórica de uma psicologia de base marxista no Brasil resulta na criação de uma *práxis* que dialogue concretamente com a classe trabalhadora. Sem esse desenvolvimento, corre-se o risco dessa ciência se transformar em seu próprio oposto. Caso contrário, creio que o destino dessa perspectiva, iniciada por uma Revolução em 1917, será o adaptacionismo, individualizando grande parte de seu processo de desenvolvimento, descolando o sujeito do mundo e o mundo do sujeito.

REFERÊNCIAS

A escola activa ou do trabalho**. Diário de Noticias**, Rio de Janeiro, 28 jan. 1931, p. 11.

A organização scientifica da Rússia. **Movimento Brasileiro**. Rio de Janeiro, abr. 1930, p. 17.

A TRIBUNA. Santos, ano 1960, ed. 00049, [1960].

A UNESCO e a cultura. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 24 jan. 1972, p. 4.

ACKER, Van Leon. Licção da moderna pedagogia russa. **A Ordem**, Rio de Janeiro, set./out. 1933, p. 723.

AGUIAR, Moacir de. A Conferência de Lireda Facó. **A Razão**, Fortaleza, ano II, n. 166, 6 dez. 1936.

ANATOMIA do milagre. **Correio Braziliense**, Brasília, 21 fev. 1978, p. 8.

ANATOMIA do milagre. **Jornal do Commercio**, Manaus, 26 fev. 1978, p. 28.

ANANYEV, B. G. Most Important pedagogic problems of latin american countries. **Soviet Education**, v. 1, n. 5, p. 66-72, 1959.

ABULJANOVA-SLAVSKAIA, Ksenia Alexandrovna. Personalidad y actividad. In: KOSSAKOWSKI, Adolf. **Psicologia en el socialismo. Posiciones teóricas, resultados y problemas de las investigaciones psicológicas**. Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1987.

ABUL'KHANOVA, Ksenia Alexandrovna. **Sergei Leonidovitch Rubinstein**. Moscva: Russiiskaia Polititcheskaia Entsklopediia, 2010.

ABUL'KHANOVA, K. A, Ksenia Alexandrovna. On the history of the alliance between psychology and philosophy**. Russian Studies in Philosophy**, v. 36, n. 1, p. 84-94, 1997.

ANOKHIN, Piotr. Kuzmitch. Sistemnye mekhanizmy vysshey nervnoy deyatel'nosti. Moskva: Izdatel'stvo “Nauka”, 1979.

ARQUIVOS BRASILEIROS DE HYGIENE MENTAL. Rio de Janeiro, ano VII, n. 14-15, jan./set. 1935.

ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira. **Teoria Histórico-Cultural no Brasil: Grupos de pesquisa e desenvolvimento**. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2023.

BBC TV. As borboletas de Zagorsk. (Documentário) Série Os Transformadores. Direção: Ann Paul. Produção de Michael Dean. Narração: Michael Dean. Roteiro: Michael Dean. Londres. 1992.

BENOIT, Hector. Sobre a crítica (dialética) de O Capital. **Crítica Marxista**, n. 3, p. 14-44, 1996.

BERTOLDO, Edna; MOREIRA, Luciano Accioly Lemos; JIMENEZ, Susana (Org.). **Trabalho, educação e formação humana frente à necessidade histórica da revolução.** São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

BLANCK, Guilhermo. Prefácio. In: VIGOTSKI, Liev Semionovitch. **Psicologia Pedagógica**. Edição comentada. Porto Alegra: Artmed, 2003.

BLOCH, Pedro. Semeadoras de almas (Sobre “O milagre de Ana Sullivan”). **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 6 out. 1961, p. 17.

BLONSKI, Pavel Petrovitch. **Izbrannye pedagogitcheskie proizvedeniia**. Moskva. Academii Pedagogitcheskikh Nauk RSFSR, 1961.

BOGOIAVLENSKAIA, Diana Borisovna. **K 130-letnemu iubileiu S. L. Rubinsteina**. Moskva: Akropol, 2020.

BRUNER, Jerome S. Introdução. In: VIGOTSKI, L. S**. Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BRECHT, Bertold. **Poemas 1913-1956**. São Paulo: Editora Brasiliense S. A., 1986.

BRUSHLINSKII, Andrei Vladimirovitch. Interview. **Journal of Russian & East European Psychology,** n. 40, v. 2, p. 6-15, 2002.

BURZA, João Bellino. As idéias de Pavlov. **Imprensa Popular**, Rio de Janeiro, 10 mar. 1955, p. 3.

BURZA, João Bellino. As idéias de Pavlov. **Imprensa Popular**, Rio de Janeiro, 11 mar. 1955, p. 3.

BURZA, João Bellino. As idéias de Pavlov. **Imprensa Popular**, Rio de Janeiro, 12 mar. 1955, p. 3.

BURZA, João Bellino. As idéias de Pavlov. **Imprensa Popular**, Rio de Janeiro, 15 mar. 1955, p. 3.

CANTUÁRIA, Gabriel Luiz de; ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira. Algumas inquietações sobre o desenvolvimento da Psicologia Histórico-Cultural no Brasil. In: ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira (org.). **Teoria Histórico-Cultural no Brasil: grupos de pesquisa e desenvolvimento histórico**. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2023.

CASTRO, Fidel. **A história me absolverá.** São Paulo: Alfa-Omega, 1979.

CARVALHO, Bruno Peixoto. **A Escola de São Paulo de Psicologia Social: uma análise histórica do seu desenvolvimento desde o materialismo histórico-**

dialético. 2014. 273 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014

Centro de Pesquisas Genealógicas. **Talankin Aleksandr Aleksandrovitch**. Disponível em: https://rosgenea.ru/familiya/talankin. Acesso em: 17 de mar. 2024.

CEGA sábia**. A Nação**, Blumenau, 24 fev. 1962, p. 4.

COIMBRA, Cecilia Maria Bouças. Guardiães da ordem. Uma viagem pelas práticas psi no Brasil do "milagre". Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1995.

COLE, Michael; SCRIBNER, Sylvia. Introdução. In: VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

COLE, Michael; SCRIBNER, Sylvia. Introdução. In: VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CONFERENCE ON THE PROBLEMS OF THE PHYSIOLOGICAL TEACHING OF I. P. PAVLOV. In: **refe**. Source: Meditsinskiy Rabotnik, n. 27 (1043). [S.l.: s.n., s.d.]. Documento desclassificado.

CURSO de Educação estimula ideia da Escola permanente. **O Estado**, Florianópolis, 13 maio 1973, p. 8.
CURSO de psicologia geral. Diário do Paraná, Curitiba, ano 1979, ed. 07250, p. [s.p.], 1979.

CURSO de psicologia geral. Diário do Paraná, Curitiba, ano 1979, ed. 07269, p. [s.p.], 1979.

CURSO de psicologia geral. Diário do Paraná, Curitiba, ano 1979, ed. 07291, p. [s.p.], 1979.

CURSO de psicologia geral. **Encontros com a Civilização Brasileira**, Rio de Janeiro, ano 1979, ed. 00015, p. [s.p.], 1979.

CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro, 3 jan. 1970.

DESCARTES, Renè. Discurso do método. In: DESCARTES, Renè. **Discurso do método. As paixões da alma. Meditações.** São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999. (1637).

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, ano 39, n. 14.443, 7 dez. 1969.

ENGELS, Friedrich. **Do socialismo utópico ao socialismo científico. Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã**. São Paulo: Fulgor, 1962.

ESPINHEIRA, Ariosto. Escola activa ou do trabalho: conceito da "escola do trabalho". **Diário de Noticias**, Rio de Janeiro, 28 jan. 1931, p. 6.

FALECEU o psicólogo soviético Sergei Rubinstein. **A Tribuna**, Santos, 11 mar. 1960, p. 8.

FERNANDES, Florestan. **Marx, Engels e Lenin: a história em processo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012

FREITAS, M. T. A. **O pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil**. Campinas, SP: Papirus, 1994.

JAPIASSU, Hilton Peneira. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1934

JDAN, Antonina Nikolaevna. Prepodavanie psikhologii v Moskovkom universitete (k 80- letiyu kafedry psikhologii v Moskovkom Universitete. **Voprosy Psikhologii**, n. 4, p. 80-93, 1993

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, ano 1977, ed. 00132, 1977.

JÚNIOR, Ottoni. A base ethica da pedagogia socialista. **A Ordem**, Rio de Janeiro, abr. 1935.

JÚNIOR, Peregruino. Seleção e preparação de material humano para a guerra. **Cultura Política**, Rio de Janeiro, ano III, n. 31, 22 ago. 1943, p. 244.

GARCÍA, Luciano Nicolás; TAU, Ramiro; RATCLIFF, Marc J. Piaget as scientific diplomat: Exchanges between the Geneva School and Soviet psychologists during the 1950s–60s**/**, v. 39, n. 1, p. 52–67, 2026.

GENTE. Diário de Pernambuco, Recife, ano 1977, ed. 00222, p. [s.p.], 1977.

GIANNONI, Alexandre Pito. **Uma história da psicologia soviética explicitada pelas abordagens da função imaginativa 1917 – 1960**. 2018. 260f. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Faculdade de Ciências Humanas, 2018.

GIANNONI, Alexandre Pito. A clínica na psicologia histórico-cultural: uma análise teórico-metodológica partindo dos trabalhos de Serguei Leonidovich Rubinstein. In: `FERREIRA, Ezequiel Martins; FREITAS, Patrícia Gonçalves; Mello, Roger Goulart. **Psicologia e desenvolvimento: pesquisa e atuação**. Rio de Janeiro: e-Publicar, 2022.

Guia para a história do Partido Comunista e da União Soviética. **Razmyslov**. Disponível em: http://www.knowbysight.info/RRR/08341.asp. Acesso em 17 mar. 2024.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. Fausto. Rio de Janeiro: Otto Pierre, Editores, 1980.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. Encontro da psicologia social brasileira com a psicologia soviética. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, edição especial 2, p. 57–61,

2007.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. Reflexões sobre o desenvolvimento da psicologia soviética: focando algumas omissões da interpretação ocidental. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, n. 2, p. 263-271, 2012.

GUEDES, Maria do Carmo. A viagem histórica pela América Latina. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 19, n. spe. 2, p. 46-52, 2007

HANFMANN, Eugenia; VAKAR, Gertrude. Prefácio à tradução inglesa. In: VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 17-25.

HARTLEY, E. C. Os problemas da educação na Rússia. **Correio Paulistano**, São Paulo, 1950.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

IAROCHEVSKII, Mikhail Grigor'ievitch; Gurguenidze, G. S. Epílogo. In: VIGOTSKI, Liev Semionovitch. **Teoria e método em psicologia**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

IAROSHEVSKIY, M. G. **Psikhologiya v XX stoletii**. Moskva: Politizdat, 1974.

IGNATIEV, Evgeniy Ivanovich. La imaginación. In: SMIRNOV, Anatoliy Aleksandrovich (Org.). **Psicologia**. México: Grijalbo, 1960

ILIENKOV, Evald Vasilievich. **Humanismo e Ciência**. [1971]. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/ilyenkov/1971/mes/humanismo.htm. Acesso em 30 maio. 2024.

ILIÉNKOV, Evald Vasilievich. **Logica dialectica: ensayos de historia y teoría**. Moscú: Editorial Progreso, 1977.

IMPRENSA POPULAR. Rio de Janeiro, ano IV, 8 jul. 1951.

Institut Psikhologii Rocciiskoi Academii Nauky. Disponível em: http://www.ipras.ru/cntnt/eng/informatio/eng_whois/a1.html. Acesso em: 30 maio 2024.

INVENTO soviético permite "ver" a música. A Tribuna, Santos, 18 jun. 1961, p. 14.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, ano LXXIX, n. 173, 26-27 out. 1969.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 2 jan. 1979.

JUBERTE, Vinícius de Oliveira. **A Editorial Vitória e as Edições Comunistas no Brasil: da legalidade ao golpe (1944-1964)**. 2023. (Tese de Doutorado).

Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2023.

KEDROV, Bonifatii Mikhailovitch; Spirkin, Aleksandr Georgievitch. **La ciencia**. Moscú: Editorial Nauka, 1967

KHRUSCHEV, Nikita. **Discurso secreto. Pronunciado em el XX congresso del partido comunista soviético**. Paris-NewYork? Labor Research Institute, 1957.

KONTOPODIS, Michalis; MASCIA, Márcia Aparecida Amador. Reflexão, educação e mudanças da sociedade através de narrativas de alunas jovens de grupos minoritários: um diálogo entre Vigotski e Foucault. **Zetetiké**, Campinas, v. 18, n. temático, 449-484, 2010.

KORNILOV, Konstantin Nikolaievitch. **Psikhologiia i marksizm.** Leningrad-Moskva: Gosudarstvennoe izdatel'stvo, 1925.

KORNILOV, Konstantin Nikolaievitch. **Problemy sovremennoi psikhologii.** Leningrad: Gosudarctvennoe Izdatel'Etvo, 1926.

KORNILOV, Konstantin Nikolaievitch. Psychology in the light of dialectic materialism. In: MURCHISON, Carl. **Psychologies of 1930.** London: Oxford University Press, 1930.

KOSSAWOSKI, A. **Psicología en el socialismo: posiciones teóricas, resultados y problemas de las investigaciones psicológicas**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1987.

KOZYREV, Alexander Vasilievitch; TURKO, P. A. Professor L. S. Vygotsky's Pedological School. **Journal of Russian & East European Psychology**. n. 38, v. 6, p. 59-74, 2000 (1936)

LANE, Silvia Tatiana Maurer Lane; CODO, Wanderley. **Psicologia Social: o homem em movimento**. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004. (1984).

LANE, Silvia T. Maurer; SAWAIA, Bader Burihan (orgs.). **Novas veredas da psicologia social**. São Paulo: EDUC; Brasiliense, 1995.

LACERDA, Fernando. A assistência médica ao povo e o programa do P.C.B. **Imprensa Popular**, Rio de Janeiro, 22 jan. 1954, p. 2.

LEÃO, Inara Barbosa. **Os professores universitários: a emoção e o pensamento em um trabalho intelectual institucionalizado**. 1999. 381 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.

LEBEDINSKI, Mark Samuilovitch; PLATONOV, Konstantin Ivanovitch. **Problemas de psicoterapia**. Buenos Aires: Editorial Quetzal, 1962.

LENIN, Vladimir Ilyich. **Materialismo y empiriocriticismo**. México: Editorial Grijalbo, 1967. (1909).

LENIN, Vladimir Ilitch. Friedrich Engels. In: LENIN, Vladimir Ilitch. **As três fontes**. São Paulo: Expressão Popular, 2001. (1895).

LENIN, Vladimir Ilitch. As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo. In: LENIN, Vladimir Ilitch. **As três fontes**. São Paulo: Expressão Popular, 2001. (1913).

LENIN, Vladimir Ilitch. **Cadernos sobre a dialética de Hegel**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011. (1914).

LÉNINE, Vladimir Ilitch. **Sobre o significado do materialismo militante**. [1977] Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/lenin/1922/03/12-1.htm. Acesso em: 17 mar. 2024. (1922).

LLANOS, Alfredo. **Introdução à dialética.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

LEMME, Paschoal. **A educação na URSS – 1953**. Rio de Janeiro: Vitória, 1955.

LENT, Roberto. Neurofilosofias. Ciência e Cultura, São Paulo, v. 30, n. 6, p. 779, jun. 1978.

LEONTIEV, Aleksei Nikolaievitch; Luria, Alexander Romanovitch. Psikhologitcheskie vozzreniia L. S. Vygotskogo**.** In: VYGOTSKI, Liev Semionovitch. **Izbrannye psikhologitcheskie issledovaniia**. Moskva: Akademii pedagogitcheskikh nauk RSFSR, 1956.

LEONTIEV, Alexei. Homem do futuro terá mente forte e sentimentos fracos. **A Nação**, Blumenau, 15 fev. 1964, p. 3.

LEONTIEV, Alexei. Homem do futuro terá mente forte e sentimentos fracos**. O Fluminense**, Niterói, 3 maio 1964, p. 13.

LEONTIEV, Alexei. Homem do futuro terá mente forte e sentimentos fracos**. O Diário**, Guarujá, 3 maio 1964, p. 12.

LEONTIEV, Aleksei Nikolaievitch. **Problemy razvitiia psikhiki**. Smysl, 2020 (1964).

LÉONTIEV, Alexis. **Le développement du psychisme: problèmes**. Paris: Éditions Sociales, 1976.

LEONTIEV, Aleksei Nikolaievitch. **O Desenvolvimento do Psiquismo**. São Paulo: Editora Moraes, 1999.

LEONTIEV, A. N. *Actividad, conciencia y personalidad*. Buenos Aires: Ediciones Ciencias del Hombre, 1978.

LEONTIEV, Alexis Nikoláievitch. **Atividade consciência personalidade.** Bauru: Mireveja, 2021. (1974).

LEÓNTIEV, Alexis *et al*. Experiência única dos psicólogos soviéticos (Quatro cegos-surdos-mudos na Universidade de Moscovo. In: **Academia das Ciências da U. R. S. S. Ciências sociais na U. R. S. S.** Portugal: Novo Curso Editores, 1976.

LESSA, Sérgio. Educação e revolução. In: BERTOLDO, Edna; MOREIRA, Luciano Accioly Lemos; JIMENEZ, Susana (Org.). **Trabalho, educação e formação humana frente à necessidade histórica da revolução.** São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

LIMA, Amoroso. Educação e Communismo. A Ordem, Rio de Janeiro, 1936.

LIMA, João Milanez da Cunha. Educação totalitária. **Diário do Paraná**: Órgão dos Diários Associados, Curitiba, 10 fev. 1972, p. 2.

LIMA, João Milanez da Cunha. Educação totalitária. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 10 fev. 1972, p. 4.

LINHART, Josef. Problemas psicopedagógicos do desenvolvimento da personalidade. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 20 jul. 1963, p. 51.

LYNCH, Ana Maria. Como a criança pensa. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 2 jul. 1977, p. 104.

LOMONACO, José Fernando Bitencourt. **O pensamento, esse desconhecido**. Ciência e Cultura, São Paulo, v. 25, n. 12, p. 1207, dez. 1973.

LOMOV, Boris Fiodorovitch. Sixty Years of Soviet Psychologi. **Studia Psychologica,** n. 4, p. 266 – 273, 1977.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social II.** São Paulo: Boitempo, 2013. (1968).

LURIA, Alexander Romanovich. Psikhoanaliz kak sistema monistitcheskoi psikhologii. In: KORNILOV, Konstantin Nikolaievitch. **Psikhologiia i marksizm.** Leningrad-Moskva: Gosudarstvennoe izdatel'stvo, 1925.

LURIA, Alexander Romanovitch. L. S. Vygotsky. **Character and Personality**, London, v. 3, n. 3, 1935.

LURIA, A. R**. El cerebro humano y los procesos psíquicos: análisis neuropsicológico de la actividad consciente**. Barcelona: Fontanella, 1979.

LURIA, Alexander Romanovitch. **Hecotorye Itogi XVIII Mejdunarodnogo Psikhologitcheskogo Congressa.** [1966] Disponível em: https://docs.google.com/document/d/1Z423GLyP_pSX06_JxuH-jq6nrxi7rh-Y/edit?usp=drive_link&ouid=107725407806293819558&rtpof=true&sd=true. Acesso em: 30 maio 2024.

LURIA, Alexander Romanovich. **Curso de Psicologia Geral. Volume III**. **Atenção e Memória.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. (1975).

LURIA, Alexander Romanovich. **A construção da mente**. São Paulo: Ícone, 1992. (1979).

LURIA, A. R**. A mente e a memória: um pequeno livro sobre uma vasta memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MARKS, Lawrence E**. Que gosto tem o amarelo**? Realidade, São Paulo, ano 1975, ed. 00115B, 1975.

MÁRSICO, Leda Osório. A música e o ouvinte. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 5 fev. 1978. Suplemento Cultural, ano IV, n. 68, p. 15.

MARTIN, Sueli Terezinha Ferrero. Entrevista com Sueli Terezinha Ferrero Martin: Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicologia Social, Educação e Saúde: contribuições do marxismo (NEPPEM). In: ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira (org.). **Teoria Histórico-Cultural no Brasil: grupos de pesquisa e desenvolvimento histórico. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2023.**

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. São Paulo: Boitempo, 2010b. (1843).

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2010. (1844).

MARX, Karl. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2011. (1852).

MARX, Karl. Teses sobre Feuerbach. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã:** crítica da novíssima filosofia alemã em seus principais representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (1845).

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008. (1859).

MARX, Karl. **O capital - volume I:** O processo de produção do capital. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013. (1867).

MARX, Karl. **Crítica do programa de Gotha**. São Paulo: Boitempo, 2012 (1875.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã:** crítica da novíssima filosofia alemã em seus principais representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (1845-1846).

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2012. (1847).

MESHCHERYAKOV, Alexander Nikolaievitch. **Awakening to life: On the education of deaf-blind children in the soviet union.** Progress Publishers, 1979

MELLO, Suely Amaral. Entrevista com Suely Amaral Mello: Grupo Implicações Pedagógicas da Teoria Histórico-Cultural. In: ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira (org.). **Teoria Histórico-Cultural no Brasil: grupos de pesquisa e desenvolvimento histórico.** São Paulo: Editora Unesp Digital, 2023.

MIASISHEV, Vladimir Nikolaevitch. Problemas teóricos de la psicoterapia. In: LEBEDINSKI, Mark Samuilovitch; PLATONOV, Konstantin Ivanovitch. **Problemas de psicoterapia**. Buenos Aires: Editorial Quetzal, 1962.

MIRANDA, Gracita de. Avançando a pedagogia na URSS envereda por novos caminhos. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 19 abr. 1959. 2º Caderno.

MONDOLFO, Rodolfo. O pensamento antigo. História da filosofia greco-romana. São Paulo: Editora Mestre Jou S.A., 1966 (1927).

MORRE um cientista da Rússia. *Diário da Tarde*, Curitiba, 10 nov. 1977.

MUKHINA, Valeria. **Psicologia da Idade Pré-Escolar**. São Paulo: Martins Fontes, 1995. (1975).

MYASISHCHEV, Vladimir Nikolaevitch. Fitness for work and personality disorders. **Soviet Psychology**. n. 26, v. 1, p. 37-50, 1987 (1935).

NÃO culpe seu filho, o cérebro pode ser o culpado. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 6 fev. 1970.

NETTO, José Paulo. **O que é stalinismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984

NETTO, José Paulo. **Introdução ao Método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

NETTO. Nilson Berenchtein; LEAL, Daniela. Contribuições para uma historiografia da defectologia soviética.**Nuances: estudos sobre educação**, Presidente Prudente, v. 24, n. 1, p. 73-91, jan/abr, 2013.

Nautchnaia sessiia posviashchennaia problemam fiziologitcheskogo utcheniia akademika I. P. Pavlov. Moskva: Izdatel’stvo Akademii Nauk SSSR, 1950.

NOGUEIRA, Cláudio. Classificação dos phenomenos psychologicos segundo Seversov. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano XXXIII, n. 12.032, 18 fev. 1934

NOVO livro de uma escritora cega, surda e muda. **Imprensa Popular**, Rio de Janeiro, 8 jul. 1951, p. 3.

NOVOS RUMOS. Rio de Janeiro, ano III, n. 106, 17-23 mar. 1961.

O ESTADO. Ecos e Novas. **O Estado**, Florianópolis, ano XIV, n. 4202, p. 2, 24 maio 1928.

PAVLOV, Ivan Petrovitch. Resposta de um fisiólogo aos psicólogos. In PAVLOV, Ivan Petrovitch; SKINNER, Burrhus Frederic. **Textos escolhidos.** São Paulo: Abril Cultural, 1980. (1930).

PAYNE, Ted, R. **S. L. Rubinstejn and the philosophical foundations of soviet psychology**. Holland: D. Reidel Publishing Company, 1968.

PETROVSKI, Artur Vladimirovich. **Psicologia general: manual didáctico para los institutos de pedagogía**. 2. ed. Moscú: Editorial Progreso, 1985.
PIAGET, Jean. Some impressions of a visit to Soviet psychologists. **Communications of the International Union of Scientific Psychology**, v. 18, p. 216-230, 1956.

PIAGET, Jean. Comentarios sobre las observaciones críticas de Vygotsky. **Infancia y Aprendizaje,** n. 4, v. 1, p. 37-48, 1981. (1973).

PIAGET, Jean. Comentários de Piaget sobre as observações críticas de Vygotsky concernentes a duas obras: “A linguagem e o pensamento da criança” e “O raciocínio da criança”. **Em Aberto**, Brasília, ano 9, n. 48, p. 69-77, out./dez. 1990.

PLEKHÂNOV, Georgii Valentinovitch. A concepção materialista da história. In: PLEKHÂNOV, Georgii Valentinovitch. **A concepção materialista da história. O papel do indivíduo na história**. Rio de Janeiro: Editorial Vitória Limitada, 1956. (1898).

POLITZER, Georges. **Critica de los fundamentos de la psicologia.** Barcelona: Ediciones Martínez Roca, S. A., 1969. (1928).

PROFESSORES russos no Rio: pretendem aumentar o intercâmbio com o Brasil. **Última Hora**, Rio de Janeiro, ano VIII, n. 2.515, 13 set. 1958, p. 1.

PROFESSÔRES russos falaram do ensino na União Soviética. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 16 set. 1958, p. 9.

RADZIKHOVSKII, L. A. The historical meaning of the crisis in psychology**. Soviet Psychology**, v. 29, n. 4, p. 73-96, 1991.

RAZMYSLOV, Pitirim Ivanovitch. On Vygotsky’s and Luria’s “Cultural-Histórical” Theory of Psychology. **Journal of Russian & East European Psychology**, n. 38, v. 6, p. 45-58, 2000. (1934).

REINALDO, Oscar Figueredo; ELIZALDE, Rosa Miriam. Aprueba el parlamento ley sobre el uso del nombre y la figura de Fidel Castro Ruz. Cuba Debate. 27 dec. 2016, política. Disponível em: http://www.cubadebate.cu/noticias/2016/12/27/presentan-proyecto-de-ley-sobre-el-uso-del-nombre-y-la-figura-del-companero-fidel-castro-ruz/. Acesso em: 21 mar. 2024.

RELATÓRIO vê perigos para Terceiro Mundo. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 6 fev. 1972, p. 12.

RELATÓRIO da UNESCO diz que a educação mudará em 20 anos. **Diário de Natal**, Natal, 16 maio 1973, p. 6.

RICHARDSON, Maurice. Stalin psiquiatra. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, 18 maio 1951, p. 4.

ROGERS, Carl Ransom. Inside the World of the Soviet Professional. **Counseling and Values,** v. 32, n. 1, p. 47-65, 1987

ROSA, Roldão Mendes. Opinião da crítica. **A Tribuna**, Santos, 27 ago. 1971, p. 6.

ROSENTAL, Mark Moiseevitch; IUDIN, Pavel Fiodorovitch. **Dicionário Filosófico**. Montevideo: Ediciones Pueblos Unidos, 1975.

RUDNEVA, Eva Izareilevna. Vygotsky's pedological distortions. **Journal of Russian & East European Psychology,** n. 38, v. 6, p. 75-94, 2000. (1937)

RUBENSTEIN, Serguei. Soviet Psychology in wartime. **Philosophy and Phenomenological Research**. v. 5, n. 2, p. 181-198, dec., 1944.

RUBINSHTEIN, Sergei Leonidovitch. The principle of creative self-activity (plhilosophical fondations of modern pedagogy). **Soviet Psychology**, n. 27, v. 2, p. 6-21, 1989. (1922).

RUBINSTEIN, Sergei Leonidovitch. **Osnovy Psikhologii.** Moskva: Gosudarstvennoe Uchebno-Pedagogicheskoe Izdatel'stvo, 1935.

RUBINSTEIN, Serguei Leonidovich. **Principios de psicologia general**. México: Editorial Grijalbo, 1967. (1944).

RUBINSTEIN, Serguei Leonidovitch. **O mychlenii i putiakh eto issledovaniia**. Moskva: Academii nayk SSSR, 1958.

RUBINSTEIN, Serguei Leonidovich. Problemas de Teoria Psicológica. *In:* RUBINSTEIN, Serguei Leonidovich; WALLON, Henri; LE NY, Jean-F. **Problemas de teoría psicológica.** 1. ed. Buenos Aires: Editorial Proteo, 1965. (1959).

RUBINSTEIN, Serguei Leonidovitch. **El pensamiento y los caminos de su investigacion**. Montevideo: Ediciones Pueblos Unidos, 1959. (1958)

RUBINSTEIN, Serguei Leonidovitch. **Printsnpy i puti razvitiia psikhologii**. Moskva: Academii nayk SSSR, 1959.

RUBINSTEIN, Serguei Leonidovich. **El desarrollo de la psicologia: Principios y metodos**. Montevideo: Ediciones Pueblos Unidos, 1963. (1959).

RUBINSTEIN, Sergei Leonidovitch. **O ser e a consciência**. Lisboa: Portugália Editora, 1968 (1957).

RUBINSTJN, Sergej Leonidovitch. Problems of Psychology in the works of Karl Marx. **Studies in Soviet Thought**, n. 33, p. 111-130, 1987. (1934).

RUBINSTEIN, Sergei Leonidovitch. Problemy Psikhologii v trudakh Karla Marksa. **Voprosy Psikhologii**, n. 2, p. 9-25, 1983. (1934).

RUBINSTEIN, Sergei Leonidovich**. Principios de psicologia general**. México: Editorial Grijalbo, 1967.

RUBINSTEIN, Sergei Leonidovitch. Tchelovek i Mir. In: Rubinstein, Sergei Leonidovitch. **Problemy Obchshei Psikhologii.** Izdatel'ctbo Pedagogika: Mockba, 1973. (1959-1960).

RUBINSTEIN, Sergei Leonidovitch. **Princípios de Psicologia Geral. Volume I**. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1977. (1945).

RUBINSTEIN, Sergei Leonidovitch. **Princípios de Psicologia Geral. Volume III.** Lisboa: Editorial Estampa, 1973 (1945).

RUBINSTEIN, Sergei Leonidovitch. **Princípios de Psicologia Geral. Volume VII**. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1977. (1945).

RUBINSTEIN, Sergei Leonidovitch. **Osnovy obchtchei psikhologii**. Sankt Petergurg: Peter, 2002. (1945).

Scientific session on the physiological teachings of academician Ivan P. Pavlov. Moscow: Academy of sciences of the U.S.S.R, 1951.

SÈVE, Lucien. **Marxismo e a teoria da personalidade.** Lisboa: Horizonte, 1979. (1968).

SHOROKHOVA, Ekaterina Vasil'evna. **Problema Soznaniia V Filosofii i Estestvoznanii**. Moscva: Izdatel'tvo Cotsa'no-Ekonomitcheskoi Literaturty, 1961

SHOROJOVA, Ekaterina Vasil'evna. **El Problema de la conciencia.** México: Editorial Grijalbo, 1963.

SHUARE, Marta. **A psicologia soviética: meu olhar**. São Paulo: Terracota Editora, 2016. (1990)

SKINNER, Burrhus Frederic. Russia, **The Spanish Journal of Psychology**, v. 9, n. 1, p. 115-142, 2006.

SKINNER, Burrhus Frederic. Pigeons in a pelican. **American Psychologist**, v. 15, n. 1, p. 28-37, 1960.

SHOROKHOVA, Evgenia Vasilevna. **Problema soznaniya v filosofii i estestvoznanii**. Moskva: Izdatel'stvo sotsial'no-ekonomicheskoy literatury, 1961.

SHOROJOVA, Evgenia Vasilevna. **El problema de la conciencia**. México: Editorial Grijalbo, 1963.

SKOROKHADOVA, Olga Ivanovna. **Kak ia vocprinimaiu, predctavliaiu i ponimaiu onpujaiuchii mir**. Moskva: izdatel'stvo “pedagogika”, 1972.

SMIRNOV, Anatoliy Aleksandrovitch. A. On the fiftieth anniversary of soviet psychology **Soviet Psychology**, v. 6, n. 3-4, p. 19-39, 1968.

SMIRNOV, Georgy. **O homem soviético**. Moscovo: Edições Progresso, 1978.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. Entrevista com Ana Luiza Bustamante Smolka: Grupo de Pesquisa Pensamento e Linguagem (GPPL). In: ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira (org.). **Teoria Histórico-Cultural no Brasil: grupos de pesquisa e desenvolvimento histórico**. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2023.

SOARES, Hélio de Albuquerque. Um aspecto da medicina soviética**. Luta Democrática**, Rio de Janeiro, 11 jun. 1954, p. 6.

SOUSA, Esther Alves. **Silvia Tatiane Maurer Lane**: dissertações e teses orientadas no programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social na PUC SP – uma contribuição aos estudos sobre a Psicologia Social no Brasil. 2008. 232f. (Tese de Doutorado) Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2008.

SOUZA, Juberto Antonio Massud de**. Os ásperos tempos da psicologia: do fechamento de espaços institucionais à luta revolucionária durante a ditadura empresarial-militar**. 2021. (Tese de Doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2021.

STALIN, Josef Vissarionovitch Djugashvili. **Sobre o materialismo dialético e o materialismo histórico**. [1945]. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/stalin/1938/09/mat-dia-hist.htm. Acesso em: 20 de mar. 2024. (1938).

STALIN, Josef Vissarinovitch Djugashvili. **Sobre o Marxismo na Linguística**. [1950]. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/stalin/1950/06/20.htm. Acesso em: 13 de abr. 2024.

STEPANOV, Sergei. S. L. Rubinstein (1889-1960). **Shkolnyi psikholog,** v. 184, n. 42, 2001.

STEPANOV, Zabludivshiysya revolyutsioner A. B. Zalkind (1888-1936). **Shkolnyi psikholog,** v. 145, n. 1, 2004.

STOYUKHINA, Natalya Yu. V.N. Kolbanovskiy O Psihotehnike: K 120-Letiyu So Dnia Rozhdeniya. **Institut psikhologii Rossiyskoy akademii nauk. Organizatsionnaya psikhologiya i psikhologiya truda**, v. 7, n. 4., 2022.

TALANKIN, Alexander Alexandrovich. On the Vygotsky and Luria Group. **Journal of Russian & East European Psychology**, v. 38, n. 6, p. 10-11, 2000. (1931).

TATULOV, G. Pavlov e a psychologia scientifica. **Revista de Neurologia e Psychiatria** de São Paulo, São Paulo,

Tsentral'nyy Komitet Vsesoyuznoy Kommunisticheskoy Partii. O pedologitcheskikh izvrachtcheniiakh v sisteme narkomprosov. Maghitogorkii Rabotchii. 8 jun. 1936. Disponível em: https://mr-info.ru/18656-arhiv-gazety-za-8-iyulya-1936-goda.html. Acesso em: 21 mar. 2024.

TOASSA, Gisele. Nem tudo que reluz é Marx: críticas stalinistas a Vigotski no âmbito da ciência soviética. **Psicologia USP,** v. 27, n. 3, p. 553-563, 2016.

TOASSA, Gisele; ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira; SOUZA, Marilene Proença Rebello de. Marxismo e psicologia: das origens do comunismo às primeiras décadas de psicologia soviética no Brasil. In: ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira (org.). **Teoria Histórico-Cultural no Brasil: grupos de pesquisa e desenvolvimento histórico**. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2023.

UNESCO decreta a falência oficial da escola. **O Fluminense**, Niterói, 29 abr. 1973, p. 21.

ÚLTIMA HORA. Curitiba, ano 1963, ed. 00633, [1963].

URT, Sônia da Cunha. Entrevista com Sônia da Cunha Urt: Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicologia e Educação (GEPPE). In: ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira (org.). **Teoria Histórico-Cultural no Brasil: grupos de pesquisa e desenvolvimento histórico**. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2023.

VAVILOVA, Alla. Anatomia do milagre. **Jornal do Commercio**, Manaus, 26 fev. 1978, p. 28.

VIGOTSKI, Liev Semionovitch. **Psicologia Pedagógica**. Edição comentada. Porto Alegra: Artmed, 2003 (1924).

VIGOTSKI, Liev Semionovitch. O significado histórico da crise da Psicologia. Uma investigação metodológica. VIGOTSKI, Liev Semionovitch. **Teoria e método em psicologia**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999a. (1926-1927).

VIGOTSKI, Liev Semionovitch. Sobre os sistemas psicológicos. In: VIGOTSKI, Liev Semionovitch. **Teoria e método em psicologia**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999b. (1930).

VIGOTSKI, Liev Semionovitch. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2008. (1934).

VIGOTSKI, Liev Semionovitch. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. (1934).

VILLALOBOS, Maria da Penha. O fundamento idealista da investigação científica. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 21 nov. 1976. Suplemento Cultural, p. 13, ano 1, n. 6.

VITTA, Luís Washington. Psiquiatria e psicologia objetivas. **Correio Paulistano**, São Paulo, 12 maio 1960, p. 5.

VITTA, Luís Washington. O novo psicologismo lógico. **Correio Paulistano**, São Paulo, 6 ago. 1961, p. 6.

Voprosy psikhologii. In Honor of the President of the Congress: A. N. Leonti'yev – Lenin Prize Laureate. **Voprosy psikhologii**, v. 9, n. 3, p. 3-4, 1963.

Viprosy psikhologii. Stranitsy istorii: o tom, kak byl uvolen S. L. Rubinshtein (iz arkhiva MGU). Vestnik Moskovskogo Universiteta. Seriya 14. Psikhologiya, Moskva, n. 3, p. 73–99, 1989.

Voprosy psikhologii [2024]. Disponível em: http://www.voppsy.ru/index.htm. Acesso em: 14 abr. 2024.

VYGOTSKI, Liev Semionovitch. Metodica reflecsologitchescogo i psikhologitchescogo issledovaniia. In: KORNILOV, Konstantin Nikolaievitch. **Problemy sovremennoi psikhologii.** Leningrad: Gosudarctvennoe Izdatel'Etvo, 1926.

VYGOTSKI, Liev Semionovitch. **Pedologiia podrostka.** Moskva: Zdanie byuro zaochnogo obucheniya pri, 1929

VYGOTSKI, Liev Semionovitch. **Izbrannye psikhologitcheskie issledovaniia**. Moskva: Akademii pedagogitcheskikh nauk RSFSR, 1956

VYGOTSKI, Liev Semionovitch. **Osbras escogidas – IV. Paidología del adolescente. Problemas de la psicología infantil.** Madrid: Machado Grupo de Distribuicíon, 2012

VYGOTSKI, Liev Semiónovich. **Obras escogidas I: Problemas teóricos y metodológicos de la psicología**. Madrid: Visor / Ministerio de Educación y Ciencia, 1991.

VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas III: problemas del desarrollo de la psique**. Tradução de Lydia Kuper. Madrid: Visor, 2000.

VYGOTSKY, Liev Semionovitch; LURIA, Alexander Romanovitch **Estudos sobre a história do comportamento: O macaco, o primitivo e a criança.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. ***Thought and language***. Tradução revisada e editada por Alex Kozulin. Cambridge: The MIT Press, 1986.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **The psychology of art**. Cambridge, Mass.; London: M.I.T. Press, 1971.

WALLON, Henry. **Psicologia e Materialismo Dialético**. [1984]. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/wallon/1942/mes/psicologia.htm. Acesso em: 17 mar. 2024. (1951).

YAROSHEVSKY, Mikhail Grigorievich. **La psicología en el siglo XX: el desarrollo de la psicología y sus problemas teóricos**. México, D. F.: Editorial Grijalbo S. A., 1979.

ZINCHENKO, V. P. Psychology—Perestroika. **Soviet Psychology**, v. 27, n. 5, p. 5–28, 1989.